



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

UNIVERSIDAD DE GRANADA
FACULTAD DE FILOSOFÍA Y LETRAS
PROGRAMA DE DOCTORADO EN LENGUAS, TEXTOS Y
CONTEXTOS

JAVIER MARTÍN SALCEDO

FRASEOLOGIA E EMOÇÕES EM CORPOS ESTIGMATIZADOS:

Vozes à flor da pele

SALVADOR / GRANADA

2020

JAVIER MARTÍN SALCEDO

FRASEOLOGIA E EMOÇÕES EM CORPOS ESTIGMATIZADOS:

Vozes à flor da pele

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Universidade Federal da Bahia – UFBA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista.

Tesis depositada en el Programa de Doctorado en Lenguas, Textos y Contextos – Facultad de Filosofía y Letras, para la obtención del Título de Doctor por la Universidad de Granada – UGR.

Codirectora: Prof.^a Dra. Luisa Trías Folch.

Editor: Universidad de Granada. Tesis Doctorales
Autor: Javier Martín Salcedo
ISBN: 978-84-1117-078-9
URI: <http://hdl.handle.net/10481/71158>

FRASEOLOGIA E EMOÇÕES EM CORPOS ESTIGMATIZADOS:

Vozes à flor da pele

Tese apresentada, como requisito parcial, ao *Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura* da Universidade Federal da Bahia e ao *Programa de Doctorado en Lenguas, Textos y Contextos* da Universidade de Granada, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora

Prof.^a Dr.^a. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Co-orientadora

Prof.^a Dr.^a. Luisa Trías Folch
Universidad de Granada (UGR)

Banca Examinadora

Membros Titulares:

Prof. Dr. Antônio Messias Nogueira da Silva
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Examinador Interno UFBA

Prof. Dr. David Porcel Bueno
Universidad de Granada (UGR)
Examinador Interno UGR

Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Examinador Externo

Prof. Dr. Vicente de Paula da Silva Martins
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)
Examinador Externo

Membros Suplentes:

Prof. Dr. Nicolás Extremera Tapia
Universidad de Granada (UGR)

Prof. Dr. Henry Hernández Bayter
Université de Lille (ULille)

Prof.^a Dr.^a. Eliana Rosa Sturtza
Universidade Federal de Santa Maria (UFMS)

Prof.^a Dr.^a. Aline Silva Gomes
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



*Lo que une a las personas no es la identidad de
pensamiento, sino la consanguinidad de
espíritu.*

Marcel Proust

*O pior cárcere não é o que aprisiona o corpo,
mas o que asfixia a mente e algema a emoção.*

Augusto Cury

Esta pesquisa foi financiada pela fundação CAPES

– Governo da República Federativa do Brasil

*A mis padres, Miguel y Teresa (in memoriam)
que en mi recuerdo permanecen alegremente vivos.
De Cabestro a Saltamontes.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que esteve, está e estará até meus últimos dias comigo em todos os momentos. Por ter me dado paciência, perseverança e clareza nesta missão.

Aos participantes e protagonistas desta pesquisa, os profissionais do sexo, que mesmo na invisibilidade, possuem as emoções mais humanas que desconstroem qualquer preconceito.

À Dra. Livia Márcia Tiba Rádis Baptista, que eu tanto desejei ter como orientadora e que me acompanhou em todo momento no percurso desse doutorado. Pelo respeito, pela confiança e pela colaboração substancial. Mais do que gerar um Doutor, formou uma melhor pessoa.

A la Dra. Luisa Trías Folch, por ofrecerse a ser mi codirectora de tesis. Por mis primeros recuerdos de ella en las clases de portugués en la Facultad de Letras. Por nuestras tardes maravillosas de música junto a Nicolás. Por su estilo, templanza y serenidad constante.

Aos professores que compuseram a banca examinadora, ao Dr. Antônio Messias da Silva, Dr. David Porcel, Dr. Sandro Marengo e Dr. Vicente Martins pelas suas valiosas contribuições. Aos Drs. Expedito Eloísio e Luis Carlos Ramos, pela sua cuidadosa avaliação para a menção internacional. Ao Dr. Nicolás Extremera, Dr. Henry Hernández e à Dra. Eliana Rosa Sturtza e Dra. Aline Silva pela disposição.

Aos coordenadores do PPGLinC pela inestimável consideração e orientação. Ao Dr. Américo Venâncio pela sua amável receptividade, ao Dr. Danniel Carvalho pela sua empatia e à Dra. Cristina Figueiredo pela sua colaboração. Aos secretários Cristiane, Ricardo e Tiago pela considerável disposição. A la Dra. María Ángeles Grandes, coordinadora del programa y a Encarnación Garrido, de la Escuela Internacional de la UGR por sus orientaciones.

A Asunción, más que una profesora de piano, un referente de vida. Por sus valores y principios firmemente practicados. Porque el sentido común es el menos común de los sentidos.

A Nenina, por su ternura e inestimable ayuda. A mi hermana Inma, por el cariño y confianza en mí. A la Tata. A Lourdes, amiga con encanto. A Lucía, aventurera madrileña. A Fernando, andaluz “errante”. A José, fontanero filósofo. A Mariano y Rouse, pareja de amigos incomprensibles y a Juan. A Antonio, compañero fiel de Leica.

Ao Bruno pela sua lealdade e perseverança. A Dona Ivete, vizinha e mãe. A Sérgio, rei da Petra e a João. A Rivana, irmã brasileira. A Vandinha, grande cozinheira. A Suzana, professora exemplar. A Luis Carlos, amigo prudente, a Alexandra e a Lucia. E aos inesquecíveis Frico e Javito, pela companhia e o ronrom.

A Iolauo, a Joseff e a Paganini (in memoriam): Deus conforte suas almas.

A M.L y a M.E por haberme tropezado con ellas. Deus sabe o que faz.

À CAPES, pela concessão da bolsa para poder realizar os estudos de doutorado.

Ao Brasil por todo o que como nação me proporcionou, sua cultura, seu povo..., pelo carinho recebido e pelas conquistas alcançadas. À minha segunda pátria, eternamente grato.

E a todos vocês minha sincera e eterna gratidão.

RESUMO

SALCEDO, Javier Martín. **Fraseologia e emoções em corpos estigmatizados: vozes à flor da pele**. 2020. 548 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura / en Lenguas, Textos y Contextos) - Instituto de Letras / Facultad de Letras, Universidade Federal da Bahia / Universidad de Granada, Salvador / Granada, 2020.

Com base nos pressupostos teóricos da fraseologia e da sociologia das emoções, nesta pesquisa qualitativa e interpretativista visamos analisar e compreender de que modo profissionais migrantes do sexo de Salvador e Granada conceituaram e representaram a tríade violência–corpo–sexualidade, baseados em suas matrizes de referência cultural e ideológica, a fim de elucidar como estes sujeitos se serviram da expressão de emoções materializadas linguisticamente na forma de fraseologismos diversos. Essas unidades fraseológicas geradas estão associadas a certas emoções, tais como: vergonha, orgulho, culpa, medo, raiva e nojo, dentre outras, apontando para aspectos da identidade profissional e de origem dos colaboradores. Como referencial teórico, adotamos, dentre outros autores: para os estudos fraseológicos, Baptista (2012), Corpas (1996), Penadés (1999); os contributos da sociologia das emoções de Hochschild (1979), Kemper (1978), Scheff (1988); e no que diz respeito à noção de estigma, Becker & Arnold (1986), Goffman (2004 [1963]) e Link & Phelan (2001). No capítulo teórico, apresentamos o cenário da pesquisa fraseológica no Brasil, com algumas incursões nos estudos fraseológicos espanhóis, situamos a fraseologia como área de conhecimento, nos adentramos no campo da sociologia das emoções, com o intuito de propor um deslocamento para o universo da fraseologia, fundamentado em uma abordagem da teoria construtivista da sociologia das emoções. Cientes da escassez de pesquisas no âmbito desta área da linguística com sujeitos empíricos que abordem questões sociais e de estigmatização ou assuntos relacionados com a identidade e a emoção, entrevistamos a seis trabalhadores sexuais, três em Salvador e três em Granada, aplicando um questionário que identificasse os sujeitos na pesquisa; um roteiro audiovisual e fotográfico, em forma de entrevista semidirigida que provocasse reações e emoções com relação a tríade violência–corpo–sexualidade; e uma narrativa oral orientada que estimulasse uma reflexão acerca da identidade profissional e de origem dos participantes. De acordo com os dados facilitados pelos inquiridos, derivados da metodologia, traçamos três possíveis caminhos a serem percorridos em futuros estudos no âmbito da fraseologia. A primeira proposta elenca fraseologia e ideologia. No nosso caso, os fraseologismos emergentes em contexto de produção mostram as diversas formas de representação social e ideológica da tríade anteriormente supracitada. A segunda consiste em vislumbrar as relações entre fraseologia e emoção. Para isso, elaboramos e apresentamos um glossário das estruturas léxicas geradas que nos permita identificar associações entre as unidades fraseológicas e certas emoções. A terceira e última aborda questões de fraseologia e identidade, por meio das narrativas orais dos sujeitos colaboradores, aparecendo frases que definam as emoções e reações, vinculados às percepções que os entrevistados construíram com relação às suas identidades profissional e de origem / étnica.

Palavras-chave: Fraseologia; Sociologia das emoções; Profissionais do sexo; Emoção; Estigma.

RESUMEN

MARTÍN SALCEDO, Javier (2020). **Fraseologia e emoções em corpos estigmatizados**: vozes à flor da pele. Tesis doctoral inédita. Universidade Federal da Bahia / Universidad de Granada, Salvador / Granada, 548 p.

Partiendo del campo teórico de la fraseología y la sociología de las emociones, esta investigación cualitativa e interpretativa busca analizar y comprender cómo trabajadores sexuales migrantes de Salvador y Granada conceptualizaron y representaron la tríada violencia–cuerpo–sexualidad, a partir de sus matrices de referencia cultural e ideológica, con el fin de dilucidar cómo estos sujetos utilizaron la expresión de emociones materializadas lingüísticamente en diferentes fraseologismos. Las unidades fraseológicas obtenidas están asociadas a determinadas emociones, tales como: vergüenza, orgullo, culpa, miedo, enfado y asco, entre otras, apuntando a aspectos de la identidad profesional y de origen de los entrevistados. Como marco teórico se adoptó, entre otros autores: para los estudios fraseológicos, Baptista (2012), Corpas (1996), Penadés (1999); los aportes de la sociología de las emociones de Hochschild (1979), Kemper (1978), Scheff (1988); y con relación a la noción de estigma, Becker y Arnold (1986), Goffman (2004 [1963]) y Link y Phelan (2001). En el capítulo teórico, presentamos el estado del arte de la investigación fraseológica en Brasil, con algunas incursiones en los estudios fraseológicos españoles, delimitamos la fraseología como área de conocimiento, nos adentramos en el campo de la sociología de las emociones, con el fin de proponer una perspectiva diferente para el ámbito de la fraseología, basada en un enfoque de la teoría constructivista de la sociología de las emociones. Conscientes de la escasez de investigaciones en esta área de la lingüística con sujetos empíricos que aborden temáticas sociales y de estigmatización o cuestiones relacionadas con la identidad y la emoción, entrevistamos a seis profesionales del sexo, tres en Salvador y tres en Granada, a los que se les aplicó un cuestionario para identificarlos; un material audiovisual y fotográfico, en forma de entrevista semidirigida que provocara reacciones y emociones en torno a la tríada violencia–cuerpo–sexualidad; y una narrativa oral dirigida que estimulase una reflexión sobre la identidad profesional y de origen de los participantes. Según los datos aportados por los encuestados, derivados de la metodología, hemos esbozado tres posibles vías que orienten futuros estudios en el campo de la fraseología. La primera propuesta abraza fraseología e ideología. En nuestro caso, las unidades fraseológicas emergentes en contexto de producción indican diferentes formas de representación social e ideológica de la tríada ya mencionada. La segunda vislumbra la relación entre fraseología y emoción. Para ello, elaboramos y presentamos un glosario de estructuras léxicas que nos permita identificar asociaciones entre unidades fraseológicas y determinadas emociones. La tercera y última aborda aspectos de fraseología e identidad, a través de las narrativas orales de los sujetos colaboradores, apareciendo fraseologismos que definen emociones y reacciones, vinculados a las percepciones que construyeron los entrevistados sobre sus identidades profesionales y/o de origen / étnicas.

Palabras clave: Fraseología; Sociología de las emociones; Trabajadores sexuales; Emoción; Estigma.

ABSTRACT

MARTÍN SALCEDO, Javier (2020). **Fraseologia e emoções em corpos estigmatizados: vozes à flor da pele.** Doctoral thesis. Federal University of Bahia / University of Granada, Salvador / Granada.

Based on the theoretical field of phraseology and the sociology of emotions, this qualitative and interpretive research seeks to analyze and understand how migrant sex workers from Salvador and Granada conceptualized and represented the violence–body–sexuality triad, based on their referential matrices of cultural and ideology, in order to clarify how these subjects used the expressions of emotions, materialized linguistically in the form of different phraseologisms. The phraseological units obtained are associated with certain emotions, such as: shame, pride, guilt, fear, anger and disgust, among others, pointing to aspects of the professional identity and origin of the interviewees. The theoretical framework was adopted for this analysis, based on concepts of several authors from phraseological studies, Baptista (2012), Corpas (1996), Penadés (1999); with contributions of the sociology of emotions by Hochschild (1979), Kemper (1978), Scheff (1988); and in relation to the notion of stigma, Becker & Arnold (1986), Goffman (2004 [1963]) and Link & Phelan (2001). In the theoretical chapter, we present the state–of–the–art of phraseological research in Brazil, with some incursions into Spanish phraseological studies, we delimit the phraseology as an area of knowledge, we enter the field of the sociology of emotions, in order to propose a different perspective for the field of phraseology, based on a constructivist theory approach to the sociology of emotions. Aware of the scarcity of research in this area of linguistics with empirical subjects that address social issues and stigmatization or issues related to identity and emotion, we interviewed six sex workers, three in Salvador and three in Granada, for whom a questionnaire was applied to identify them; audiovisual and photographic material, in the form of a semi-directed interview that provokes reactions and emotions regarding the triad of violence–body–sexuality; and a directed oral narrative that stimulates a reflection on the professional identity and origin of the participants. According to the data provided by the respondents, derived from the methodology, we have outlined three possible paths to follow in future studies in the field of phraseology. The first proposal embraces phraseology and ideology. In our case, the emerging phraseological units in the context of production indicate different forms of social and ideological representation of the aforementioned triad. The second proposition glimpses the relationship between phraseology and emotion. To do this, we have elaborated and present a glossary of lexical structures that allow us to identify associations between phraseological units and certain emotions. The third and last one addresses aspects of phraseology and identity, through the oral narratives of the collaborating subjects, revealing phraseologisms that define emotions and reactions, connected to the perceptions that the interviewees constructed about their professional and/or origin/ethnic identities.

Keywords: Phraseology; Sociology of emotions; Sex workers; Emotion; Stigma.

AMPLIO RESUMEN EN LENGUA ESPAÑOLA

INTRODUCCIÓN

El interés por esta temática nace de la preocupación particular por temas que requieran cierta sensibilidad y responsabilidad social, y que se traduce en el estudio de las emociones materializadas lingüísticamente a través de la fraseología en sujetos estigmatizados. Consideramos que esta investigación nos ha permitido comprender de manera científica y sistemática, bajo un enfoque cualitativo e interpretativo, el universo emocional de los trabajadores sexuales migrantes encuestados.

Observamos que este tipo de trabajos puede ser de gran interés, ya que aborda, en el ámbito del campo fraseológico, cuestiones relacionadas con las prácticas lingüísticas de los sujetos en la contemporaneidad, hasta hoy prácticamente ignoradas o desatendidas por esta área del conocimiento. Por tanto, creemos que la relevancia de este estudio radica en:

a) Avanzar en el campo de los estudios fraseológicos, que desde una perspectiva estructuralista y tradicional ha centrado y sigue centrando su investigación básicamente en la lexicología, la traducción y la enseñanza de lenguas, sin interesarse por temas más amplios de carácter social, que discutan o cuestionen las relaciones de poder y sus efectos; y/o desmonten o reflexionen sobre los discursos “legítimos” / hegemónicos.

b) Comprender la tríade: violencia–cuerpo–sexualidad, es decir, cómo se originan las dinámicas de la (inter) relación entre los sujetos y sus conceptualizaciones y representaciones. Nociones de las que los encuestados participan y experimentan en su trayectoria vital, puesto que vislumbramos estrechos vínculos con el fenómeno de la violencia, asumiendo, a veces, el papel de víctima; con el cuerpo y sus diversas manifestaciones y/o condicionamientos, bajo la imposición de la belleza objetiva; con la sexualidad y las concepciones sobre la heteronormatividad y las diferentes prácticas sexuales e identidades de género.

c) Vislumbrar las emociones materializadas en forma de fraseologismos que apunten a identidades deterioradas por el lugar de discurso que ocupan los participantes. Así, proponemos un acercamiento desde la sociología de las emociones a los estudios fraseológicos.

d) Dar voz y visibilidad a los profesionales del sexo, con el fin de mostrar las dificultades, el estigma y las distintas violencias sufridas, así como desvelar estas identidades profesionales que reclaman sus derechos a existir, resistir y re-existir como sujetos en el mundo.

OBJETIVOS

a) Comprender cómo los trabajadores sexuales en sus diferentes prácticas culturales se enfrentan a las emociones y el papel de estas en la conceptualización / representación de la tríada violencia–cuerpo–sexualidad, partiendo del supuesto de que dichas representaciones se generan en eventos socialmente contruidos y están basadas en matrices específicas de referencia cultural e ideológica.

b) Identificar los fraseologismos emergentes y cómo estos pueden asociarse a determinadas reacciones emocionales, indicando y contribuyendo a que dichos sujetos demuestren diversas emociones, tales como: vergüenza, orgullo, culpa, miedo, enfado o asco, entre otras.

c) Observar cómo estas unidades fraseológicas definen las emociones y reacciones de los participantes y cómo estos individuos perciben sus identidades profesionales y étnicas / de origen, observando su filiación o pertenencia al grupo.

METODOLOGÍA

La investigación es cualitativa e interpretativa, sustentada en un análisis con base en la perspectiva de la sociología de las emociones en su vertiente constructivista o sociocultural, valiéndonos de los estudios fraseológicos con foco en los aportes de varios investigadores sobre el estigma y sus intersecciones con la tríada violencia–cuerpo–sexualidad. Buscamos articular especialmente dos campos de conocimiento: los estudios fraseológicos y la sociología de las emociones, tomando los aspectos lingüístico–discursivos como análisis en sujetos estigmatizados dentro de un contexto de producción y conforme su locus enunciativo.

Para ello, seleccionamos los siguientes instrumentos para nuestra propuesta, a saber: la aplicación de un cuestionario, la entrevista semidirigida y la narrativa oral. Conscientes de que existen numerosas estrategias e instrumentos de investigación en las ciencias humanas y sociales, tales como: el estudio de caso, el diario de anotaciones, las historias de vida, entre otros, para nuestro estudio, optamos por un material fotográfico y audiovisual que sirvió de soporte para una entrevista semiestructurada, así como la elaboración de un guion que estimuló la creación de las narrativas orales. Este último instrumento fue complementario, pero no menos útil en su aplicación. Se diseñó para que, además de generar datos, se nos permitiera observar cómo emergían las distintas unidades fraseológicas en las narrativas, para, principalmente, dar voz y visibilidad a estos sujetos empíricos.

El cuestionario permitió identificar y ubicar a los colaboradores en la investigación; el material audiovisual y fotográfico, en forma de entrevista semidirigida, provocó reacciones y emociones en los sujetos respecto a la tríada anteriormente mencionada; y la narrativa oral orientada fomentó la reflexión sobre la identidad profesional y de origen de los participantes.

En relación al perfil de los sujetos colaboradores, tanto en la entrevista semidirigida basada en materiales audiovisuales como en la narrativa oral guiada, optamos por priorizar en este estudio un perfil que, de alguna manera, estuviera estigmatizado, con la finalidad de que los entrevistados pudieran contribuir al logro de los objetivos propuestos. Entendemos que los trabajadores sexuales pertenecen a una categoría que sufre estigma por su profesión y, en menor medida, por su origen. Justificamos esta atribución, basándonos en las contribuciones teóricas de estudios sobre el estigma de Goffman (2004 [1963]), Link & Phelan (2001) y Becker & Arnold (1986).

En cuanto al número de participantes, hubo un total de 6 (seis), al no excluir a la colaboradora brasileña que se ofreció para el estudio piloto. Así, para la generación de datos, contamos con la participación, en Brasil, de 2 (dos) sujetos –hombre y mujer nordestinos– y 3 (tres) en España –hombre, mujer e híbrido–, cuyas nacionalidades eran venezolana (dos participantes) y brasileña (una participante). Los encuentros grabados se realizaron en las ciudades de Salvador y Granada, respectivamente.

DISCUSIÓN Y RESULTADOS

Considerando el estado de la cuestión de las tesis en torno a la fraseología, en el ámbito brasileño y los trabajos más recientes en España y Brasil, pudimos detectar que, dentro de la “relativa diversidad” en el ámbito de los estudios fraseológicos, las investigaciones precedentes tienen tres aspectos en común:

- a) No trabajan con sujetos empíricos, ya que los corpus lingüísticos, aunque raramente pueden ser oralizados, son extraídos de textos escritos o de una base de datos dada y/o predeterminada. Por tanto, podemos sospechar que dichos corpus, en ocasiones, puedan basarse en un modelo ideal de lengua que no tenga en cuenta directamente las prácticas lingüísticas de los hablantes.
- b) No se preocupan por los problemas sociales contemporáneos como la discriminación, el estigma, la marginación y/o las desigualdades sociales, perpetuando así, en el tiempo, un divorcio de los estudios fraseológicos en relación con los amplios temas sociales y políticos de las sociedades actuales.
- c) No abordan aspectos emocionales o de identidad lingüística tan relevantes en la adquisición e identificación de los usuarios con las lenguas, los discursos y la fraseología.

Para este panorama, priorizamos la relación entre fraseología y sujetos empíricos con discursos y emociones particulares que abarquen temas sociales más amplios, una vez comprobada la inexistencia de investigaciones doctorales en esta perspectiva. Para ello, nuestro objeto de estudio se define como las emociones materializadas fraseológicamente en los sujetos, para el que proponemos estrategias específicas de análisis y comprensión, tomadas del área de la Lingüística Aplicada. En definitiva, nuestra intención es abrir / crear elementos de comprensión y análisis que establezcan un nuevo paradigma de fraseología con y para los hablantes –y, no menos importante, dar voz y visibilidad a los que viven silenciados.

Para poder realizar un análisis cualitativo de carácter interpretativo de los fraseologismos emergentes, con el auxilio de la sociología de las emociones y sus consecuentes efectos de sentido –condicionados por la ideología, el momento histórico, el lugar de habla, los contextos dados y las relaciones existentes de poder– en los discursos de los profesionales migrantes del sexo, echamos mano de los estudios fraseológicos en relación a los aspectos formales/estructurales como base para nuestra construcción teórica que trae una dimensión fraseológica discursiva en la formación de los fraseologismos, agregando y ampliando las características de estos, es decir, los sentidos sociales de las estructuras para una comprensión más profunda de las unidades fraseológicas presentadas.

El propósito de este marco teórico, de hecho, es presentar varias cuestiones que nos permitan revisar críticamente la fraseología, para poder transitar de un área de conocimiento limitante, estructuralista y extremadamente formal a otra diferente, abordada desde el enfoque de la sociología de las emociones.

Partiendo de una perspectiva posestructuralista que enfatiza el discurso, en el que el sujeto-hablante forma parte activa del proceso, las emociones se consideran dentro de la práctica discursiva. Así, creemos que la fraseología puede contribuir y contribuye a la construcción social / cultural de las emociones.

Por tanto, será interesante notar que los fraseologismos se manifiestan dentro de las normas emocionales de estos sujetos, permeadas por las ideologías y formaciones discursivas a las que pertenecen. Entendemos que tanto lengua –fraseología– como las emociones son una construcción social que requiere de aprendizaje y, por ello, dependen de la cultura / sociedad en la que se desenvuelve el individuo, así como ambas varían en el espacio y el tiempo.

De ahí que, para nuestra investigación, los aspectos discursivos, ideológicos y socioculturales de las experiencias emocionales sean prioritarios, incluyendo los significados subjetivos que los profesionales migrantes del sexo atribuyen a los componentes emocionales, a través de su proceso de socialización emocional en las culturas a las que (trans) pertenecen, cuando se exponen a representaciones de la tríada violencia–cuerpo–sexualidad. De esta forma, se observará a través de la materialización lingüística ese lenguaje de la emoción específico de cada individuo motivado por su construcción emocionalmente social e ideológica, apuntando a aspectos considerables que permitan esclarecer los diferentes matices de las identidades profesionales y de origen en cuestión.

Este enfoque fraseológico se fundamenta en la teoría constructivista de las emociones de Hochschild (1979), con una mirada posestructuralista, con el objetivo de comprender los diversos fenómenos emocionales de índole social en las prácticas discursivas, identificando como los sentidos emocionales permiten ser atribuidos a los fraseologismos.

Para ello, no debemos olvidar que partimos de un carácter interpretativo como categoría central de análisis para la explicación / comprensión de las emociones materializadas fraseológicamente en los discursos. Inmersos en teorías constructivistas y posmodernas, destacamos que la dimensión del análisis de estas unidades fraseológicas es particular, ya que el enfoque es micro, a diferencia de los estudios positivistas que se presentan como macro y generalistas.

De este modo, abordamos el análisis de datos desde tres perspectivas, divididas en tres bloques principalmente: fraseología / ideología; fraseología / emoción; fraseología / identidad, respondiendo cada uno de ellos a un objetivo específico. En el primer apartado, elaboramos un estudio de las representaciones, a partir de los datos que aportó el material audiovisual. En el segundo, presentamos un glosario de los fraseologismos emergentes con base en el material audiovisual y en las narrativas orales, con el fin de ver cómo se pueden asociar fraseologismos a determinadas emociones o reacciones emocionales. En el tercer y último, realizamos un análisis interpretativo a partir de los datos proporcionados por las narrativas orales orientadas, con el fin de comprender cómo estos individuos entienden sus identidades profesionales y de origen, a través de las historias de vida relatadas.

En cuanto a las relaciones entre fraseología e ideología, pudimos detectar las diversas representaciones de la tríada violencia–cuerpo–sexualidad y comprender cómo los colaboradores afrontaron las emociones, condicionadas por sus matrices específicas de referencia cultural e ideológica. Para esta fase del análisis, elegimos los fraseologismos emergentes en contexto de producción que apuntaron a las diferentes formas de entender las nociones propuestas.

En la segunda propuesta presentamos un glosario de unidades fraseológicas permeadas por diversas emociones. Para cada entrada, primero, se ofreció la definición más general, más cercana a esa concepción del significado como piedra para construir otros

sentidos (Vigotsky, 2000 [1934]); para, posteriormente, dilucidar esa multiplicidad de sentidos sobre ese significado base, con la finalidad de construir una definición concreta y discursiva de cada estructura, considerando el locus enunciativo, el contexto de producción y las especificidades de cada sujeto.

Por fin, en la última propuesta vislumbramos, a partir de las narrativas orales, cómo estos individuos percibían sus identidades profesionales y de origen. Para esta parte del análisis utilizamos las contribuciones de nuestra propuesta teórica, tomando como punto de partida el aporte de la sociología de las emociones de índole constructivista de Hochschild (1979) al campo de la fraseología, centrándonos en las tres dimensiones aportadas por la autora, adaptadas y/o reformuladas para los estudios fraseológicos, con énfasis en la dimensión expresiva, normativa y político/ideológica de las unidades fraseológicas en los discursos.

Los datos presentados son el resultado de la transcripción de las narrativas. En una primera etapa, abordamos inicialmente los temas que identifican las historias de vida de cada profesional del sexo, es decir, los elementos de estas narrativas que pueden contribuir a la constitución subjetiva de los entrevistados. En una segunda, visualizamos una dimensión identitaria como grupo estigmatizado que engloba las representaciones sociales, los puntos comunes de estas identidades profesionales y de origen en constante transformación, construidas conjuntamente por los trabajadores sexuales.

CONCLUSIONES

Nuestra intención con esta tesis fue desarrollar un tipo de fraseología principalmente para y con los sujetos, en la que pudieran surgir diferentes sentidos y emociones condicionados por el locus enunciativo y las diferentes identidades en cuestión. Para ello, pretendimos trascender de una fraseología de perspectivas limitantes a otra diferente a la luz de lo teorizado por la sociología de las emociones.

Como anteriormente señalado, la tesis presenta un glosario de unidades fraseológicas, aportando, en primer lugar, una definición más general, que auxilia la construcción de otros sentidos y que muestra esa multiplicidad de sentidos sobre ese significado básico, a través de las voces de estos sujetos estigmatizados que resonaron y reverberaron, en todo momento, a lo largo de nuestro trabajo.

Pudimos verificar dos cuestiones en el análisis de los datos:

La primera observación – cuanto más expuesto es el entrevistado a situaciones incomprensibles o inaceptables para su código de valores, más intensidad emocional surgió, lo que resultó en la aparición de un mayor número de fórmulas (fraseologismos).

La segunda – sabemos que las unidades fraseológicas por sí solas, sin tener en cuenta toda la complejidad contextual y temática, pueden tener un solo significado. Sin embargo, en nuestro caso, los sentidos, es decir, esta potencialidad realizada en el habla viva, indicaron diversas nociones convergentes e incluso divergentes, superando toda concepción estructuralista de significado, ya que en esa construcción se revelaron fenómenos emocionales desde una perspectiva social. Así, consideramos que la fraseología contribuyó a la construcción sociocultural de las emociones y viceversa.

Con relación a los aspectos identitarios, sabemos que los trabajadores sexuales se encuentran en un contexto de estigmatización social, que incide claramente en las condiciones de producción de sus discursos. No obstante, cabe señalar que, como

cualquier grupo social, la prostitución es muy heterogénea: cada uno representó y percibió los hechos y vivencias de manera diferente.

En lo que se refiere a las representaciones, en general, pudimos comprobar como existen procesos ideológicos que estigmatizan a estos sujetos y que los estimulan a producir discursos diversos como una identidad colectiva, de la cual todos, en mayor o menor medida, forman parte.

En cuanto a la aparición de fraseologismos relacionados con procesos identitarios, destacamos tres puntos: el primero se refiere a la constatación de estructuras que apuntan hacia la identidad profesional y de origen de los entrevistados; el segundo tiene que ver con las identidades lingüísticas en función a la lengua empleada y a los procesos de hibridación lingüística; y el tercero muestra las identidades particulares y específicas de los sujetos en relación con los repertorios lingüísticos utilizados y su identificación por género, edad o condición sociocultural, entre muchos otros.

Como se observa claramente en el análisis de datos, cabe señalar que estos profesionales del sexo en ambos idiomas no presentaron una fraseología propia, ni una forma de hablar característica que los diferenciara del resto de la población. En otras palabras, las formas lingüísticas que han surgido son las comunes a otros grupos sociales, por lo que sus usos o discursos, a priori, no deberían ser estigmatizados por ello. Se considera que pueden verse silenciados más por su identidad profesional, que, de modo general, está cargada de estigmas, pero no tanto por su identidad lingüística. No existe, por lo tanto, un lenguaje propio, lleno de “jergas”, solo expresiones o fraseologismos comunes.

A nuestro juicio, los significados de estos fraseologismos son inagotables. Sostenemos que no hay un significado único, ni primero, ni último. Como ha sido demostrado, una unidad fraseológica es, por tanto, un eslabón más en la cadena de significados que se producen en el discurso.

Por último, creemos que el haber tratado las emociones materializadas lingüísticamente en sujetos estigmatizados como objeto de estudio a través de la fraseología puede abrir nuevos rumbos o caminos para futuros estudios en esta área de la lingüística, en el campo de la sociología de las emociones, así como en la lingüística aplicada y la sociolingüística.

REFERÊNCIAS:

BECKER, Gaylene & ARNOLD, Regina. Stigma as a social and culture construct. In AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLEMAN, L. M. A. (Orgs.), **The Dilemma of Difference**. New York: Plenum, 1986. p. 39-76.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Mathias Lambert (Trad.). Rio de Janeiro: Sabotagem, 2004 [1963].

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Emotion work, feeling rules, and social structure. **American Journal of Sociology**, v. 3, n. 85, p. 551-575, 1979.

LINK, Bruce G. & PHELAN, Jo C. Conceptualizing stigma. **Annual Review of Sociology**, New York, n. 27, p. 363-385. 2001.

VIGOTSKY, Liev. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1934].

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Noção de estigma	46
Figura 2 – Desenho de uma identidade deteriorada	65
Figura 3 – As carências das teses em fraseologia (2020).....	98
Figura 4 – Parâmetros definidores dos fraseologismos.....	108
Figura 5 – Fraseologismos estigmatizados	127
Figura 6 – Parâmetros definidores dos fraseologismos permeados por emoções	183

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mãe com bebê	63
Imagem 2 – Pai com bebê	63
Imagem 3 – Rapaz de seis dedos	63
Imagem 4 – Violência doméstica.....	63
Imagem 5 – Mulher musculosa.....	63
Imagem 6 – Beijo homossexual.....	63
Imagem 7 – Violência com faca	63
Imagem 8 – Mulher obesa	63
Imagem 9 – Idoso tatuado	63
Imagem 10 – Beijo homossexual II	69
Imagem 11 – Mulher musculosa II	69
Imagem 12 – A expressão da vergonha	295
Imagem 13 – A expressão do orgulho.....	306
Imagem 14 – A expressão da culpa	321
Imagem 15 – A expressão do medo	332
Imagem 16 – A expressão da raiva	342
Imagem 17 – A expressão do nojo.....	358
Imagem 18 – A expressão das emoções.....	367

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questionário de dados pessoais	61
Quadro 2 – Primeira etapa da pesquisa	71
Quadro 3 – Segunda etapa da pesquisa	71
Quadro 4 – Relação de teses brasileiras na área de fraseologia.....	92
Quadro 5 – Componentes nas emoções.....	138
Quadro 6 – Teoria socio-relacional de Kemper (1978).....	146
Quadro 7 – Experiências emocionais relacionada com o medo	167
Quadro 8 – Teoria construtivista de Hochschild (1979)	177
Quadro 9 – Aplicação da teoria construtivista de Hochschild (1979) para a fraseologia.....	181
Quadro 10 – Símbolos objetivos de transcrição	191
Quadro 11 – Símbolos subjetivos de transcrição	193
Quadro 12 – Símbolos grafemáticos de transcrição.....	195
Quadro 13 – Dimensão narrativa de Pecho	392
Quadro 14 – Dimensão narrativa de Virilha.....	401
Quadro 15 – Dimensão narrativa de Ombligo	410
Quadro 16 – Dimensão narrativa de Coxa	417
Quadro 17 – Dimensão narrativa de Joelho.....	423
Quadro 18 – A “polilexicalidade” das fórmulas	442

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fraseologismos da imagem 1	197
Tabela 2 – Fraseologismos da imagem 2	198
Tabela 3 – Fraseologismos da imagem 3	199
Tabela 4 – Fraseologismos da imagem 4	201
Tabela 5 – Fraseologismos da imagem 5	203
Tabela 6 – Fraseologismos da imagem 6	205
Tabela 7 – Fraseologismos da imagem 7	207
Tabela 8 – Fraseologismos da imagem 8	209
Tabela 9 – Fraseologismos da imagem 9	211
Tabela 10 – Fraseologismos do vídeo 1	213
Tabela 11 – Fraseologismos do vídeo 2	214
Tabela 12 – Fraseologismos do vídeo 3	216
Tabela 13 – Fraseologismos do vídeo 4	218
Tabela 14 – Fraseologismos do vídeo 5	220
Tabela 15 – Fraseologismos do tópico 1	222
Tabela 16 – Fraseologismos do tópico 2	224
Tabela 17 – Fraseologismos do tópico 3	227
Tabela 18 – Fraseologismos do tópico 4	229
Tabela 19 – Fraseologismos do tópico 5	232
Tabela 20 – Fraseologismos do tópico 6	234
Tabela 21 – Fraseologismos do tópico 7	236
Tabela 22 – Fraseologismos do tópico 8	237
Tabela 23 – Fraseologismos do tópico 9	238
Tabela 24 – Fraseologismos do tópico 10	239

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

ALE. Alegria.

ALI. Alívio.

(C): Coxa.

CL. Clichê.

CO. Colocação.

CO. Coxa.

COM. Compaixão.

CUL. Culpa.

DEC. Decepção.

(E): Entrevistador.

EN: Entrevistador.

EST. Estranheza.

FO. Fórmula.

FRU. Frustração.

INC. Incompreensão.

IND. Indignação.

INV. Inveja.

(J): Joelho.

JO. Joelho.

LO. Locução.

MED. Medo.

NOJ. Nojo.

(O): Ombligo.

OM. Ombligo.

ORG. Orgulho.

(P): Pecho.

PE. Pecho.

RAI. Raiva.

REJ. Rejeição.

RES. Resignação.

SUR. Surpresa.

TER. Ternura.

TRI. Tristeza.

VER. Vergonha.

(V): Virilha.

VI. Virilha.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INAGURANDO A TRILHA	26
1.1 TODA TESE TEM UMA HISTÓRIA	26
1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA	28
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA	32
1.4 PERGUNTAS DE PESQUISA	33
1.5 OBJETIVOS.....	34
1.6 ESTRUTURA DA TESE	35
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA: ESCOLHAS E CAMINHOS.....	37
2.1 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS	37
2.2 NATUREZA DA PESQUISA.....	39
2.3 O ESTIGMA COMO PERFIL DEFINIDOR DOS SUJEITOS.....	40
2.4 O <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA	50
2.5 GERAÇÃO DE DADOS: PERSPECTIVAS, TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS	53
2.5.1 O QUESTIONÁRIO PESSOAL.....	53
2.5.2 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	53
2.5.3 A ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA E QUALITATIVA.....	55
2.5.4 A NARRATIVA ORAL	57
2.6 INSTRUMENTOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS	59
2.6.1 A DIVERSIDADE DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	59
2.6.2 O QUESTIONÁRIO DE DADOS PESSOAIS	60
2.6.3 O ROTEIRO IMAGÉTICO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	62
2.6.4 A NARRATIVA ORAL ORIENTADA.....	66
2.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS	68
2.7.1 A PESQUISA EXPLORATÓRIA: O ESTUDO PILOTO	68
2.7.2 OS PROCEDIMENTOS E AS ETAPAS DA PESQUISA	70
2.7.3 A PESQUISA EM LÍNGUA ESPANHOLA EM GRANADA.....	74
2.7.4 A PESQUISA EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALVADOR	75
2.7.5 AS GRAVAÇÕES SECRETAS	77
2.7.6 COMITÊ DE ÉTICA: ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS	78
CAPÍTULO 3 – CONSTRUTO TEÓRICO: A PERSPECTIVA FRASEOLÓGICA E SOCIOLÓGICA.....	80
3.1 O CENÁRIO DA PESQUISA FRASEOLÓGICA: CONSIDERAÇÕES	80
3.1.1 APRESENTAÇÃO INICIAL DA PESQUISA BRASILEIRA EM FRASEOLOGIA	80

3.1.2 AS PERSPECTIVAS E TEMÁTICAS FRASEOLÓGICAS RECORRENTES NAS TESES BRASILEIRAS.....	82
3.1.3 AS PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS BRASILEIROS ELENCADOS COM OS ESPANHÓIS	93
3.1.4 O PANORAMA RECENTE DOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS BRASILEIROS E ESPANHÓIS	95
3.1.5 CONSIDERAÇÕES PARA O CENÁRIO FRASEOLÓGICO	98
3.2 PERSPECTIVAS NOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS	100
3.2.1 SITUANDO A FRASEOLOGIA NA HISTÓRIA E NA LINGUÍSTICA	100
3.2.2 (DES) ESTRUTURANDO OS FRASEOLOGISMOS E OS PARÂMETROS DEFINIDORES ..	103
3.2.3 APRESENTANDO A HIERARQUIA NOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS: QUESTÕES DE STATUS E VISIBILIDADE.....	112
3.2.3.1 A “rainha” da cocada preta da fraseologia: a locução / expressão idiomática .	114
3.2.3.2 As “princesas” dos estudos fraseológicos: as colocações e as fórmulas.	118
Levanta a cabeça princesa, senão a coroa cai	118
3.2.3.3 Os não fede nem cheira: fraseologismos despercebidos ou invisibilizados	121
3.2.3.4 As ovelhas negras: os fraseologismos estigmatizados.....	127
3.3 PERSPECTIVAS NA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES	136
3.3.1 SITUANDO A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES NO CENÁRIO BRASILEIRO	136
3.3.2 ESCLARECENDO A NOSSA PERSPECTIVA DE EMOÇÃO	138
3.3.3 AS DIFERENTES ABORDAGENS NA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES.....	143
3.3.4 A NOSSA ABORDAGEM DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES: A TEORIA CONSTRUTIVISTA SOCIOCULTURAL DE HOCHSCHILD	147
3.3.5 A DIMENSÃO AUTOCONSCIENTE DAS EMOÇÕES MORAIS: A VERGONHA, O ORGULHO E A CULPA.	152
3.3.5.1 A vergonha	153
3.3.5.2 O orgulho.....	157
3.3.5.3 A culpa.....	158
3.3.6 A DIMENSÃO SOCIAL DAS EMOÇÕES: O MEDO, A RAIVA E O NOJO	161
3.3.6.1 O medo.....	162
3.3.6.2 A raiva	167
3.3.6.3 O nojo.....	170
3.4 UMA ABORDAGEM DA FRASEOLOGIA A PARTIR DOS CONTRIBUTOS DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES	174
3.4.1 A CONCEPÇÃO DE EMOÇÃO NA FRASEOLOGIA DE VIÉS ESTRUTURALISTA	174
3.4.2 A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA CONSTRUTIVISTA DE HOCHSCHILD PARA A FRASEOLOGIA	177

3.4.3 UMA NOVA VIA: DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES PARA A FRASEOLOGIA DAS EMOÇÕES.....	181
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	185
4.1 ACERCA DOS SUJEITOS PARTICIPANTES	185
4.2 ACERCA DOS SÍMBOLOS DAS TRANSCRIÇÕES.....	191
4.3 APRESENTAÇÃO DO ROTEIRO IMAGÉTICO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	196
4.3.1 FRASEOLOGISMOS DO ROTEIRO FOTOGRÁFICO	197
4.3.2 FRASEOLOGISMOS DO MATERIAL AUDIOVISUAL.....	213
4.4 APRESENTAÇÃO DA NARRATIVA ORAL ORIENTADA	222
4.4.1 FRASEOLOGISMOS DAS NARRATIVAS PROFISSIONAIS	222
4.4.2 FRASEOLOGISMOS DAS NARRATIVAS DE ORIGEM.....	236
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DE DADOS	240
5.1 PRIMEIRA PERSPECTIVA: FRASEOLOGIA E IDEOLOGIA.....	240
5.1.1 A VIOLÊNCIA.....	240
5.1.1.1 A naturalização da violência como evento recorrente e inevitável.....	241
5.1.1.2 A violência legitimada, “não necessariamente legítima”	245
5.1.1.3 A resistência: a raiva contra a violência	246
5.1.1.4 O estreito vínculo do medo com a violência	250
5.1.1.5 A tristeza como consequência da violência.....	253
5.1.2 O CORPO	256
5.1.2.1 Corpos “aceitos e aceitáveis”	256
5.1.2.2 Corpos que causam rejeição	259
5.1.2.3 A tristeza dos corpos velhos.....	262
5.1.2.4 Corpos que causam nojo.....	266
5.1.2.5 A culpa do corpo é do sujeito	269
5.1.2.6 A transgressão dos corpos	271
5.1.3 A SEXUALIDADE	274
5.1.3.1 As diversas concepções de gênero	275
5.1.3.2 As diversas concepções perante a homossexualidade	282
5.1.3.3 O orgulho: potencializador das diversas sexualidades	285
5.1.3.4 A vergonha: a castração da expressividade na diversidade sexual	286
5.1.3.5 O nojo: o limite da expressão da sexualidade	289
5.2 SEGUNDA PERSPECTIVA: FRASEOLOGIA E EMOÇÃO.....	292
5.2.1 A FRASEOLOGIA DA VERGONHA	295
5.2.2 A FRASEOLOGIA DO ORGULHO	306
5.2.3 A FRASEOLOGIA DA CULPA	321

5.2.4 A FRASEOLOGIA DO MEDO	332
5.2.5 A FRASEOLOGIA DA RAIVA.....	342
5.2.6 A FRASEOLOGIA DO NOJO	358
5.2.7 A FRASEOLOGIA DAS DIVERSAS EMOÇÕES	367
5.3 TERCEIRA PERSPECTIVA: FRASEOLOGIA E IDENTIDADE	386
5.3.1 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE PECHO.....	387
5.3.2 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE VIRILHA	394
5.3.3 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE OMBLIGO	403
5.3.4 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE COXA.....	412
5.3.5 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE JOELHO	419
5.3.6 DIMENSÃO IDENTITÁRIA COMO GRUPO SOCIAL ESTIGMATIZADO	425
5.3.6.1 A justificativa recorrente do lucro	426
5.3.6.2 A vergonha de alugar o corpo e o medo a serem descobertos.....	427
5.3.6.3 A vergonha de um trabalho “temporário” e a simulação de outras profissões	428
5.3.6.4 O nojo perante o sexo e a isenção de culpa dos clientes.....	429
5.3.6.5 A culpa da prática profissional é do sistema	431
5.3.6.6 A invisibilidade e o estigma da profissão sexual.....	433
5.3.6.7 O estigma dentro da própria categoria.....	435
5.3.6.8 (Re) Forçar o papel social aceito de mãe e a heteronormatividade.....	437
5.3.6.9 A violência como pano de fundo	438
5.3.6.10 A representação social da vida fácil.....	439
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	441
REFERÊNCIAS.....	452
ÍNDICE REMISSIVO – FRASEOLOGISMOS.....	468
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO DE DADOS PESSOAIS	474
APÊNDICE II – ROTEIRO IMAGÉTICO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	475
APÊNDICE III – A NARRATIVA ORAL ORIENTADA	476
APÊNDICE IV – SÍMBOLOS DAS TRANSCRIÇÕES.....	477
APÊNDICE V – TRANSCRIÇÃO DO ROTEIRO IMAGÉTICO: MATERIAL FOTOGRÁFICO.....	479
APÊNDICE VI – TRANSCRIÇÃO DO ROTEIRO IMAGÉTICO: MATERIAL AUDIOVISUAL.....	501
APÊNDICE VII – TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA ORAL: IDENTIDADE PROFISSIONAL	510
APÊNDICE VIII – TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA ORAL: IDENTIDADE DE ORIGEM	528
APÊNDICE IX – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	536
ANEXO A – DOCUMENTOS COMITÊ DE ÉTICA	538
ANEXO B – PARECER E APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	546

CAPÍTULO 1 – INAGURANDO A TRILHA

1.1 TODA TESE TEM UMA HISTÓRIA

- *Mira, era para ver si podemos vernos.*
- *Sí, corazón. Vale. Mira, yo estoy aquí en la calle Carretas.*
- *Vale. ¿Y cuáles serían tus servicios?*
- *Mira, yo hago un poco de todo. Caricias, besitos, francés natural y griego.*
- *¿Y cuánto valdría?*
- *40 minutos, cinco mil pesetas.*
- *¿Y una horita?*
- *Ocho y completo diez mil.*
- *¿Y completo cómo es? ¿a qué te refieres con completo?*
- *(ríe) un poco de todo, incluido griego (ríe).*
- *¡Ah! vale, pues ya está, entonces voy para allá ¿vale?*
- *No, no, un momento. En 30 minutos te puedo atender ¿vale?, ahora estoy ocupada.*

Esta é mais ou menos a reprodução da conversa entre uma prostituta e um cliente lá por volta do ano 1999 na capital espanhola. Na época, quase ninguém tinha celular, ela sim. Era minha primeira vez em Madri e o meu primeiro contato com uma profissional do sexo. Lembro até hoje, devia ser pelo mês de março, seis ou sete da manhã. Perdido na cidade, desorientado, desnortado, depois de uma esplêndida noite de farra, sem celular, sem ter onde ir, sem ter onde ficar. Simplesmente, meu amigo Luís sumiu como de costume e eu sozinho, “inexperiente e ingênuo” no meio daquele mundo.

Tomando café, esperei por uma hora até o raiar do sol num bar em qualquer lugar de Madri na companhia daquela mulher. Foram tratados diversos assuntos. Na inocência da idade e no desconhecimento do contexto, aquela ligação chamou a minha atenção e ficou gravada na minha mente. Não entendi praticamente a mensagem: *Francês natural? Grego? Completo? Que putaria é essa!* – pensei. Esses sentidos metafóricos e culturais da fraseologia não me permitiram na época a decodificação dessas expressões idiomáticas naquela situação.

Esta tese é a concretização de mais um sonho no meu percurso vital. Passaram mais de vinte anos daquela conversa de bar com essa garota de programa e chegar até aqui não foi nada fácil. Quem acompanhou comigo sabe bem disso, mas com paciência e esforço estou escrevendo estas linhas e apresentando, até que enfim, esta tese, cujo título –*Fraseologia e emoções em corpos estigmatizados: vozes à flor da pele*–, ecoa

aquelas vozes de corpos sexualmente violentados com tatuagem de estigma em que as emoções em forma de fraseologismos brotam como flores através do suor que a pele exala intensa e instavelmente.

Comecei os meus estudos de doutorado na Universidade Complutense de Madri no ano letivo 2004 / 2005, uma experiência satisfatória que terminou com a defesa da dissertação em 2008. Pretendi continuar a mesma linha de pesquisa –dialetologia– para a tese, na mesma universidade e com o mesmo orientador. Felizmente, não foi possível, dada a avançada idade do Dr. Mariano de Andrés. Posteriormente, tentei reiniciar o doutorado em 2011 na Universidade de Valência; não deu certo e pensei até na Universidade de Granada em 2015.

O destino quis que terminasse no Brasil, país de acolhida há oito anos. Sem sombra de dúvidas, é um orgulho poder escrever este trabalho em português. Pensei iniciar o doutorado na Universidade Federal do Ceará, na qual fui professor visitante. No entanto, minha orientadora, Dra. Lívia Baptista, me estimulou a realizar a pós-graduação na UFBA. A princípio, o convênio de cotutela era com a Universidade de Alcalá, mas novamente o destino me encaminhou à minha universidade de origem, a Universidade de Granada.

Com isso, o périplo acabou onde começou e, após essa odisseia, o processo culminou com esta pesquisa. A vida exigiu dedicação, renúncia e constância. Nunca me neguei a isso. De fato, aceitei o desafio. Contudo, nunca imaginei ter que lidar, ao igual que os colaboradores da nossa tese, com a libertação dos estigmas, os preconceitos sutis e velados e, de certa forma, a incompreensão. Foi preciso uma explosão de criatividade para superar os empecilhos.

Encarei a invisibilidade e padeci o apagamento por conta da proposta, das temáticas da tese e das incômodas opiniões. É a força da matilha. Obrigado moral e sutilmente a migrar de orientação, o estigma operou como constantemente age com os profissionais do sexo. Produto dessa incansável luta é o trabalho que aqui é apresentado.

Sozinho teria sido impossível ter chegado até o fim: não cabe a mínima dúvida. Foram várias luzes no percurso e muitas outras pedras no caminho. Tanto para as luzes –as minhas orientadoras e as pessoas que estiveram por perto no processo–, quanto para as pedras –as antigas não orientadoras, dentre outras– para todas elas tenho palavras de agradecimento. Para as luzes por ter me orientado e apoiado emocionalmente em todo momento; para as pedras por ter me livrado delas e aprendido que há diversas formas de

entender a vida, que ultrapassam perspectivas restritas e limitadas que não condizem comigo.

Deus sabe o que faz e só Ele me ajudou a me livrar das pedras e a me deixar guiar pela luz. Fico grato pela força que o Criador me proporcionou, ao combater esse pensamento e atitude de pedra com ações e espírito de luz.

1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Como poderá ser comprovado no capítulo 3, a produção acadêmica nos estudos fraseológicos, dentro de certa diversidade, carece de corpora linguísticos que envolvam sujeitos empíricos; escasseiam as preocupações pelas questões sociais como a discriminação e o preconceito linguístico; e se omitem aspectos emocionais e de identidade linguística tão relevantes nos indivíduos para a aquisição e identificação destes para com as línguas e a fraseologia.

Portanto, este trabalho consiste em defender a legitimidade e viabilidade de uma fraseologia das emoções veiculadas por sujeitos estigmatizados socialmente, levando em conta aspectos que impliquem emoções e língua, entrelaçadas a questões ideológicas e identitárias. Trata-se de abrir um novo caminho de entendimento que vislumbre uma fraseologia com e para os sujeitos, para a qual são propostas estratégias de análise e compreensão específicas da área da Linguística Aplicada para o estudo do fenômeno fraseológico.

a) Por que a consideramos pertinente?

Sob a conscientização e responsabilidade social cobradas na contemporaneidade, os indivíduos e a sociedade em seu conjunto não devem, nem podem continuar vivendo mais no paradigma cartesiano e estruturalista do século passado, uma vez que a realidade contemporânea diversa exige dos pesquisadores a adequação dos seus estudos aos contextos atuais, no qual se inserem as práticas de linguagem dos sujeitos e as diferentes identidades.

Nesse cenário complexo, encontramos os profissionais do sexo migrantes invisibilizados, devido a sua identidade social e profissional. Esses sujeitos, os protagonistas desta pesquisa, também sentem e expressam emoções, participando da fraseologia nas suas construções de sentido. Porém, suas emoções, formas linguísticas e como elas aparecem não têm sido alvo dos estudos fraseológicos.

Independentemente do perfil do colaborador, um estudo das emoções sempre é pertinente para tentar entender como vemos, atuamos e sentimos o mundo, e assim, compreender as expressões sociais e linguísticas dessas emoções e sua relevância na própria formação constitutiva dos sujeitos.

b) Por que a entendemos necessária?

Acreditamos que este tipo de pesquisas é crucial por tratar, no âmbito dos saberes fraseológicos, questões relacionadas às práticas de linguagem dos sujeitos na contemporaneidade, até hoje ignoradas ou desconsideradas por esta área de conhecimento. Investigações abstratas possivelmente acarretem maiores implicações no estudo e na compreensão das categorias e da diversidade fraseológica que as mais concretas, infelizmente. Porém, como linguistas aplicados partimos do pressuposto que os fraseologismos e seus efeitos de sentido como linguagem viva e real estão condicionados, de certa forma, pelo lugar de fala que ocupam seus enunciadores.

Sendo assim, faz-se necessário um estudo que levante discussões sobre a relação entre o sociocultural, o ideológico, o linguístico e o emocional, numa tentativa de compreender as interseções do tripé: língua, sociedade e emoção a través da tríade proposta nesta tese, a saber, violência–corpo–sexualidade em sujeitos estigmatizados maiormente pela sua identidade profissional e, em menor medida, pela origem destes colaboradores.

No que tangem aos participantes do estudo, esta pesquisa torna-se indispensável para legitimar as vozes silenciadas, a fim de dar espaço, voz e vez aos trabalhadores sexuais. Embora seus serviços sejam muito procurados, geralmente a sociedade tem pouco acesso a esta categoria profissional bem por hipocrisia ou medo, bem por nojo ou desconhecimento.

Diante desse cenário, as ideologias hegemônicas vão construindo e perpetuando discursos e/ou apagamentos que estimulam ou propiciam a estigmatização dos profissionais do sexo, representados no imaginário popular como vítimas ou indivíduos com um desvio comportamental. Nesse viés, é comum encontrarmos opiniões vitimistas que defendem que estes indivíduos precisam ser salvos, ou ainda, outras que criminalizam ou culpabilizam estes profissionais apenas por sua condição laboral.

No final das contas, julgamos imprescindível mostrar essas unidades fraseológicas imersas nessas falas proferidas por esses sujeitos como uma reivindicação que possa contribuir para amenizar o preconceito que os inquiridos sofrem por sua

profissão e origem com um estudo que considere como este grupo estigmatizado, sem menosprezar as peculiaridades particulares, reage perante representações da tríade violência–corpo–sexualidade, da qual eles são partícipes, assim como estes prostitutas percebem as suas identidades profissionais e de origem.

c) Por que a consideramos relevante?

O interesse desta temática, nascida da preocupação particular por questões que requeiram certa sensibilidade e responsabilidade social, se traduz no reconhecimento da relevância de estudar as emoções específicas materializadas de modo linguístico por meio da fraseologia em sujeitos estigmatizados. Assim, acreditamos que tal investigação nos permitiu compreender de forma científica e sistemática, sob um viés qualitativo e interpretativo, o universo linguisticamente emocional dos profissionais migrantes do sexo inquiridos.

Imersos nesse viés da Linguística Aplicada em que língua e cultura são indissociáveis e que sustenta as inter-relações estreitas entre língua e identidade, cabe perguntar: será que as emoções não são parte primordial na construção da identidade das línguas e culturas, assim como na dos sujeitos? Se é claro que essas emoções contribuem para a constituição subjetiva, o que impede explorar as intersecções entre línguas e emoções?

Partindo do pressuposto de que fenômenos emocionais são também sociais, e, ainda, depois de realizado este estudo fraseológico acerca das emoções e esse ter revelado certos aspectos constitutivos, podemos compreender mais sobre o grupo social, linguístico ou cultural analisado, além de observar como as esferas da moralidade, das estruturas sociais e das relações de poder imperam nos próprios profissionais do sexo e como os estigmas operam.

Resumindo, o relevante provavelmente seja trazer temáticas tabu como a tríade proposta nos colaboradores entrevistados para os estudos fraseológicos, com a finalidade de abalar, refletir ou pelo menos questionar: por uma parte, o divórcio de parte da linguística e/ou fraseologia com a sociedade; e por outra, os princípios da imposição moral ocidental influenciada pela matriz religiosa, ideológica e cultural judaico-cristã.

Para tal fim, humildemente consideramos que a relevância deste trabalho reside em:

a) **Avançar no campo dos estudos fraseológicos**, que desde uma perspectiva muito estruturalista e tradicional focou e continua focando suas pesquisas basicamente na lexicologia, na tradução e no ensino de línguas, não se interessando por questões mais amplas que requeiram certa sensibilidade social, que abordem assuntos que discutam ou questionem as relações de poder e os seus efeitos na perpetuação das desigualdades sociais; e que desconstruam ou reflitam acerca de discursos legitimados/hegemônicos que prevalecem por causa de um sistema de opressão e de violência estrutural para proporcionar aos sujeitos, tradicionalmente apagados, a escuta necessária, sobretudo, aos que carregam o estigma, a discriminação e exclusão social.

b) **Compreender o tripé: violência–corpo–sexualidade**, isto é, como se origina a dinâmica da (inter) relação existente entre os sujeitos e as conceituações e representações do mesmo. Em primeiro lugar, interessa tratar a violência como temática desafiadora na atualidade com relação aos seus significados e representações. Os participantes da nossa pesquisa vivenciam na sua trajetória vital um estreito vínculo com o fenômeno da violência, assumindo, ora o papel de agressor, ora o de vítima. Em segundo, propomos entender as relações dos inquiridos com o corpo e a suas diversas manifestações, ou seja, como eles estão condicionados pelo estereótipo da beleza objetiva e a reconfiguração atual dos corpos esteticamente influenciados por uma representação social da eterna juventude e o corpo perfeito que perpetuam uma escravidão implícita dos sujeitos a beleza estabelecida e construída socialmente. Por fim, pretendemos dilucidar como os entrevistados lidam com heteronormatividade e as diferentes práticas sexuais, a visão essencialista do gênero e as diversas performances com relação à sexualidade e ao gênero na contemporaneidade.

c) **Vislumbrar as emoções materializadas em forma de fraseologismos** que apontem para umas identidades deterioradas pelo lugar de fala que ocupam os participantes. Dessa forma, propomos uma abordagem da sociologia das emoções para os estudos fraseológicos.

d) **Dar voz e vez aos profissionais do sexo**, a fim de visibilizar as dificuldades, o estigma e as diversas violências sofridas. Destarte, confiamos que os benefícios desta pesquisa para com seus colaboradores seja apoiar, desvelar e descortinar essas

identidades profissionais que legitimem a prostituição como qualquer outra profissão e reivindiquem seus direitos a existir, resistir e reexistir como sujeitos no mundo.

À guisa de reflexão e antes de mostrar o problema de pesquisa, os objetivos da tese e como esta foi estruturada, vou me permitir umas breves e contidas palavras que auxiliem a entender a escolha desta investigação. Sem sombra de dúvidas, a temática da tese foi um experimento desafiador não apenas pelo objeto de estudo, as emoções materializadas linguisticamente em forma de fraseologismos; mas também pelos participantes da pesquisa, os profissionais do sexo.

Para o pesquisador, a tese deve ser um desafio não só no nível profissional, mas também pessoal e, sendo assim, particularmente sempre me interessei pela lógica emocional e os comportamentos emocionais dos sujeitos pela minha trajetória vital. Sofro de uma doença de pele que reflete o emocional: a psoríase. Assim, na minha vida particular, nunca entendi as relações humanas sem um vínculo entre os indivíduos, sem emoções.

De modo análogo, defendo que os princípios e valores estão intrinsecamente interligados as emoções, daí a relevância em identificar o caráter social destas experiências emocionais e quais fatores sociais e ideológicos nos influenciam a sentir determinada emoção e de que forma ela se materializa na linguagem, concretamente na fraseologia como campo de estudo que sempre me interessou, uma vez que os fraseologismos refletem muito da cosmovisão, identidade e ideologia dos sujeitos e culturas, revelando e expressando diversas formas de ver e sentir o mundo.

Chegado neste ponto, me posiciono e devo sublinhar que as temáticas que confluíram neste trabalho desvelam esse caráter transdisciplinar que ultrapassa os meros estudos fraseológicos, ao transitar por outros campos de conhecimento como a sociologia e a psicologia social, conduzindo esta disciplina a um terreno novo e até então desconhecido.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Grupos estigmatizados –como qualquer outro grupo– conceituam e representam a tríade violência–corpo–sexualidade, baseados em suas matrizes de referência cultural e ideológica. Na construção dessas representações sobre essa tríade, esses sujeitos se valem da expressão de emoções que podem ser evidenciadas ou materializadas linguisticamente na forma de fraseologismos diversos. Por isso, surge a questão de que

forma esses indivíduos acionam emoções distintas para conceituar o tripé supracitado, em línguas e culturas diversas e, sobretudo, em se tratando de grupos socialmente estigmatizados como os profissionais migrantes do sexo.

Assim sendo, torna-se um problema relevante dilucidar como esses trabalhadores sexuais nas diferentes práticas culturais lidam com as emoções e o papel dessas na conceituação e na representação da interseção violência–corpo–sexualidade, partindo do pressuposto de que essas representações são produzidas em eventos construídos social e culturalmente. Ademais, interessa desses eventos particularmente identificar os fraseologismos que emergem e como esses estão associados a certas reações emocionais que podem contribuir para que esses sujeitos estigmatizados demonstrem mais ou menos certas emoções, tais como: orgulho, vergonha, culpa, nojo, medo, surpresa, raiva, dentre outras, manifestando aspectos da sua identidade profissional, étnica e, de certa forma, linguística.

1.4 PERGUNTAS DE PESQUISA

Pergunta central geradora

Como sujeitos de grupos estigmatizados, profissionais do sexo, –de países, culturas e línguas distintas– baseados em suas matrizes de referência cultural e ideológica, ao serem confrontados com representações da tríade violência–corpo–sexualidade, se valem da expressão de emoções evidenciadas ou materializadas linguisticamente na forma de fraseologismos diversos, integrando, assim, suas identidades profissionais e de origem/étnica?

Perguntas de pesquisa

- De que maneira os profissionais do sexo nas diferentes práticas culturais lidam com as emoções e o papel dessas na conceituação e na representação da tríade violência–corpo–sexualidade, partindo do pressuposto de que essas representações são produzidas em eventos construídos social e culturalmente?

- Quais são os fraseologismos que emergem e como esses podem estar associados a certas reações emocionais apontando e contribuindo para que esses sujeitos estigmatizados demonstrem certas emoções, tais como: vergonha, orgulho, culpa, medo, raiva, nojo, dentre outras?

- De que forma tais unidades fraseológicas definem as emoções e reações dos participantes e como esses indivíduos percebem suas identidades profissional e de origem / étnica, observando como essas definem o seu pertencimento, ou seja, a sua filiação identitária ao grupo?

1.5 OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender como sujeitos de grupos estigmatizados, profissionais do sexo, de países de culturas e de línguas distintas, –migrantes brasileiros em Salvador e migrantes latinos em Granada–, ao serem confrontados com representações que envolvem a tríade violência–corpo–sexualidade, veiculadas por mídias audiovisuais, verbalizam emoções materializadas linguisticamente na forma de fraseologismos diversos que integram suas identidades profissionais, de origem/étnica e, de certa forma, linguísticas.

Objetivos específicos

- Perceber como os trabalhadores sexuais nas diferentes práticas culturais lidam com as emoções e o papel dessas na conceituação / representação da tríade violência–corpo–sexualidade, partindo do pressuposto de que essas representações são geradas em eventos construídos socialmente e baseadas em matrizes específicas de referência cultural e ideológica.

- Identificar os fraseologismos emergentes e como esses podem estar associados a certas reações emocionais, apontando e contribuindo para que tais sujeitos demonstrem certas emoções, tais como: vergonha, orgulho, culpa, medo, raiva, nojo, dentre outras.

- Compreender como tais unidades fraseológicas definem as emoções e reações dos participantes e como esses indivíduos percebem suas identidades profissional e de origem / étnica, observando como essas definem o seu pertencimento ao grupo.

1.6 ESTRUTURA DA TESE

Esta tese está composta de introdução, quatro capítulos centrais e considerações finais.

No primeiro capítulo apresentamos a tese, a relevância e justificativa, o problema, as perguntas, os objetivos da pesquisa e a estrutura do trabalho.

No segundo, abordamos os caminhos e escolhas metodológicas mais pertinentes para o desenvolvimento desse estudo. Num primeiro momento, tratamos da natureza da pesquisa como estudo de viés qualitativo e interpretativo. A seguir, apresentamos o perfil dos sujeitos colaboradores e detalhamos os *lócus* da pesquisa em Salvador e Granada, assim como os espaços de encontro relevantes para a realização da investigação. Posteriormente, serão tratadas as perspectivas, técnicas e estratégias para a geração de dados, trazendo à tona o questionário pessoal, a observação participante, a entrevista semidirigida e qualitativa, assim como as narrativas orais orientadas, a fim de nos adentrar nos instrumentos de pesquisa aplicados. Por fim, explicam-se os procedimentos metodológicos utilizados e alguns esclarecimentos acerca da submissão do projeto de pesquisa para apreciação no Comitê de Ética.

No capítulo três desenvolvemos o construto teórico como fundamento das nossas análises. Num início, dilucidamos o estado da arte da pesquisa fraseológica no Brasil, com algumas incursões nos estudos fraseológicos espanhóis. A seguir, situamos a fraseologia como área de conhecimento, questionando alguns dos seus parâmetros definidores e classificações para, assim, nos embrenhar no campo da sociologia das emoções, lançando mão da teoria construtivista como coadjuvante na compreensão de diferentes aspectos socioculturais de seis emoções, a saber, vergonha, orgulho, culpa, medo, raiva e nojo. Para terminar, apresentamos o deslocamento proposto nesta tese para os estudos fraseológicos, fundamentado em uma abordagem da teoria construtivista da sociologia das emoções.

O quarto está dedicado à exposição da pesquisa. Nele serão apresentados os sujeitos participantes, os símbolos das transcrições e os 398 fraseologismos gerados por meio de tabelas, contendo estas informações com relação às unidades fraseológicas: a tipologia, a emoção que permeia a estrutura, o contexto em que se insere e o sujeito que a profere.

O quinto aborda as análises de dados apresentados no capítulo anterior sob três perspectivas, dividido em três grandes blocos –fraseologia/ideologia; fraseologia/emoção; fraseologia/identidade– respondendo cada um deles a um objetivo

específico. Na primeira seção, elaboramos uma análise interpretativa fundamentada nos dados proporcionados pelo roteiro audiovisual, com o intuito de compreender como estes indivíduos lidavam com as emoções e o papel dessas na conceituação / representação da tríade violência–corpo–sexualidade, partindo do pressuposto de que essas representações são baseadas em matrizes específicas de referência cultural e ideológica. Na segunda, apresentamos um glossário dos fraseologismos emergentes tanto no roteiro audiovisual aplicado quanto nas narrativas orais orientadas dos cinco sujeitos participantes, com o intuito de vislumbrar como essas podem estar associadas a certas emoções ou reações emocionais, tais como: vergonha, orgulho, culpa, medo, raiva, nojo, entre outras, mostrando a sua materialização linguística. Na terceira e última seção realizamos uma análise interpretativa fundamentada nos dados proporcionados pelas narrativas orais orientadas, com a finalidade de compreender como estes indivíduos percebem suas identidades profissional e de origem / étnica por meio das histórias de vida relatadas.

Finalmente, mostramos as considerações finais, referências, índice remissivo, apêndices e anexos.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA: ESCOLHAS E CAMINHOS

2.1 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Em qualquer pesquisa acadêmica, seja sob uma abordagem quantitativa, seja qualitativa, o roteiro e as escolhas metodológicas tornam-se primordiais, uma vez que os parâmetros metodológicos funcionam como uma bússola, orientando as teorias que sustentarão a tese e as que serão desenvolvidas nela, juntamente com a geração, sistematização e análise dos dados.

De acordo com o nosso ponto de vista, a metodologia é uma via para o conhecimento científico, e, sendo assim, necessária por parte do pesquisador que, por meio da curiosidade, da dedicação e da criatividade, se volta ao desenho das técnicas, instrumentos e procedimentos metodológicos.

Nesse sentido, elaboramos um roteiro metodológico diversificado para a nossa tese, com o intuito de ter uma geração de dados que pudessem ser analisados amplamente sob diferentes olhares e perspectivas múltiplas. Porém, cabe sublinhar, do mesmo modo, a necessária aceitação dos limites espaciais e temporais tanto no que diz respeito ao emprego dos procedimentos e instrumentos, quanto da ação do próprio pesquisador.

Dessa maneira, partimos do pressuposto de ser necessário— como pesquisador em formação que sou— buscar inteirar-se dos postulados das mais diversas propostas metodológicas existentes que pudessem auxiliar os trabalhos em Linguística Aplicada para, assim, poder propor nosso caminho metodológico com o fim de conduzir o desenvolvimento da pesquisa, visto que essa escolha é também uma construção da tese.

Diante do exposto, para o nosso trabalho, selecionamos os seguintes instrumentos que consideramos fundamentais em nossa proposta de pesquisa, a saber, a entrevista semidirigida, a aplicação de questionário e a narrativa oral com os sujeitos estigmatizados.

Cientes de que há inúmeras estratégias e instrumentos de pesquisa nas ciências humanas e sociais, tais como, por exemplo, o estudo de caso, a pesquisa de opinião, as narrativas orais, as histórias de vida, dentre outras, para nossa pesquisa, escolhemos um material fotográfico e audiovisual que serviu de suporte para uma entrevista semiestruturada, assim como uns itens que auxiliaram como roteiro para a criação das narrativas orais. Esse último instrumento foi complementar, mas nem por isso menos útil quando foi aplicado. Foi desenhado para que, além de gerar dados, permitisse

observar como diversos fraseologismos emergiram nas narrativas, no intuito de, principalmente, dar voz e vez a esses sujeitos empíricos.

No que tange ao perfil dos sujeitos colaboradores tanto na entrevista semidirigida com base em materiais audiovisuais quanto na narrativa oral orientada, devido aos objetivos da pesquisa, optamos por priorizar neste estudo um perfil de sujeito que, de certa forma, fosse estigmatizado¹, com o fim de que os entrevistados pudessem contribuir para o alcance dos objetivos propostos.

Quanto ao número de participantes, ao todo foram 6 (seis), ao não excluirmos à colaboradora brasileira que se dispôs para o estudo piloto. Dessa forma, para a geração de dados contamos com a participação, no Brasil, de 2 (dois) sujeitos –homem e mulher nordestinos– e 3 (três) na Espanha –homem, mulher e híbrido–, cujas nacionalidades eram venezuelana (dois participantes) e brasileira (uma participante). Neste estudo priorizamos o pertencimento do entrevistado ao grupo de profissionais do sexo e uma análise qualitativa dos dados. Desse modo, no nosso universo de pesquisa interessou-nos compreender e estudar como os participantes atribuía determinados significados emocionais, através das experiências de vida que esses sujeitos pudessem ter e trazer a contribuição maior no desvelamento do nosso objeto de estudo, ou seja, as emoções materializadas linguisticamente.

Por fim, neste capítulo abordamos os caminhos e escolhas mais pertinentes para o desenvolvimento desse trabalho. Numa primeira seção, tratamos da natureza da pesquisa como estudo de viés qualitativo e interpretativo, na qual o verbo compreender o outro seja o critério norteador, sem pretender generalizações para um objeto de estudo continuamente em construção.

A seguir, apresentamos o perfil dos sujeitos colaboradores. Entendemos que pertencem a uma categoria que sofre *estigma* pela sua profissão e, em menor medida, pela sua origem. Justificamos a atribuição do termo *estigmatizado* para os profissionais migrantes do sexo, com base nos estudos acerca do *estigma* de Goffman (2004 [1963]), Link & Phelan (2001) e Becker & Arnold (1986). Noutra seção, detalhamos os *lócus* da pesquisa em Salvador e Granada e que espaços de encontro foram relevantes para a realização do estudo.

¹ O *estigma* que sofrem os sujeitos entrevistados deve-se, principalmente, à sua **profissão** como trabalhadores sexuais e, em menor medida, à sua **origem** como migrantes, podendo ambas condições determinar os seus usos linguísticos e emoções, condicionados pelo seu lugar de fala como profissionais do sexo migrantes.

Posteriormente, serão tratadas as perspectivas, técnicas e estratégias para a geração de dados, trazendo à tona o questionário pessoal, a observação participante, a entrevista semidirigida e qualitativa, assim como as narrativas orais orientadas. O sexto ponto aborda a diversidade de instrumentos de pesquisa.

Destes, explicitaremos como o questionário permitiu identificar e situar os sujeitos na pesquisa; o roteiro audiovisual e fotográfico, em forma de entrevista semidirigida provocou reações e emoções nos sujeitos com relação a tríade violência–corpo–sexualidade; e a narrativa oral orientada pretendeu incentivar a reflexão acerca da identidade profissional e de origem dos participantes.

Concluindo, a última seção detalha e explica os procedimentos metodológicos empregados. Assim, alude ao estudo piloto realizado e são descritos os procedimentos e etapas da pesquisa, com especial destaque para a pesquisa realizada em língua espanhola em Granada e a conduzida em língua portuguesa em Salvador. Para finalizar, mencionamos as gravações secretas como escolha metodológica e alguns esclarecimentos acerca da submissão do projeto de pesquisa para apreciação no Comitê de Ética.

2.2 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa é *qualitativa e interpretativista*, sustentada em uma análise sob a perspectiva da sociologia das emoções no viés construtivista ou sociocultural, lançando mão dos estudos fraseológicos com o foco nas contribuições de diversos pesquisadores sobre o *estigma* e suas interseções com a tríade violência–corpo–sexualidade. Buscamos articular especialmente dois campos de conhecimento: os estudos fraseológicos e a sociologia das emoções, tomando como análise aspectos linguístico-discursivos em sujeitos estigmatizados dentro de um contexto de produção e de acordo com seus lugares de fala.

Neste tipo de *pesquisa qualitativa*, o pesquisador pretende levantar as opiniões e crenças dos participantes. Concretamente, no nosso caso, indagamos sobre os sentimentos, reações e emoções dos inquiridos e observamos como estes se materializavam através de determinados fraseologismos. Este estudo não é generalizável, pois foi realizado sob um viés exploratório, com o intuito de construir conhecimento acerca das emoções em sujeitos dupla ou triplamente estigmatizados, acreditando que para essa questão ainda se sabe pouco.

Para este tipo de estudos de *pesquisa qualitativa*, o verbo compreender é a principal ação, dado que interessa diversas questões como as singularidades do sujeito, a sua experiência e vivência no âmbito da coletividade ao qual pertence. Tais especificidades do universo emocional dos entrevistados foram fundamentais para contextualizar a realidade na qual estes estão inseridos.

Dessa forma, a nossa preocupação foi a de voltarmos para um nível de realidade emocional que não poderia ser mensurado quantitativamente, uma vez que o nosso objeto de investigação será sempre um objeto em construção. Ademais, defendemos a abordagem da tríade violência-corpo-sexualidade, por acharmos que tratar essas questões poderiam identificar melhor as singularidades próprias do grupo e dos indivíduos pesquisados.

Como anteriormente dito, para a realização desta pesquisa foram escolhidos três sujeitos no Brasil e três na Espanha, um dos quais foi colaborador da entrevista prévia. A seleção desse número de sujeitos se deveu ao fato de que este estudo, ao ter um caráter *qualitativo e interpretativista*, não pretendeu de forma alguma generalizar dados, pois procuramos a legitimação do singular como fonte de produção do conhecimento, através da construção de padrões de inteligibilidade acerca de um problema ou tema de pesquisa. Do mesmo modo, possui um caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, rompendo a dialética entre o teórico e o empírico, isto é, o teor teórico que a pesquisa alcança, não exclui o plano empírico, nem vice-versa.

Esta pesquisa situa-se na Linguística Aplicada, já que se considera relevante o processo constante de diálogo e comunicação com diversas ciências sociais e para com os sujeitos, partindo do pressuposto de que grande parte das problemáticas sociais e humanas possuem um componente social influenciado pela (in) comunicação entre os indivíduos. No nosso entendimento, essa comunicação pode propiciar o espaço privilegiado para o nosso objeto de estudo, a saber, as emoções materializadas linguisticamente em sujeitos estigmatizados.

2.3 O ESTIGMA COMO PERFIL DEFINIDOR DOS SUJEITOS

O critério norteador para a seleção dos participantes desta pesquisa se deveu ao fato de a eles serem atribuídos um *duplo estigma*, ou seja, serem considerados indivíduos estigmatizados pela prática que exercem, com relação a sua identidade profissional e pela origem ou procedência, referente a sua identidade étnica. Além disso, entendemos que a sua identidade linguística igualmente se viu, de certa forma, afetada

na linguagem empregada, decorrente do contexto de produção e dos lugares de fala desses sujeitos.

Assim sendo, a seguir se detalham em que consistiram tais critérios.

- i) **IDENTIDADE PROFISSIONAL:** parece claro que exercer a prostituição carrega o *estigma* de umas práticas sexuais imorais e impuras, conforme a tradição judaico-cristã, por essas não propiciarem a procriação. Além disso, essas práticas sexuais somente proporcionam o prazer de uma parte, isto é, de quem paga, sendo que a outra aluga o próprio corpo em troca de dinheiro. Diz-se que a prostituição é uma das profissões mais antigas do mundo. Por um lado, é apreciada a função social que desenvolvem os trabalhadores sexuais, mas, por outra, é criticada e invisibilizada— mantida em segredo— por questões sociais ou morais, mesmo sendo útil e necessária, além de estar associada ao tráfico de seres humanos e às situações de violência. Daí que os sujeitos que escolheram, livremente ou não, esta atividade profissional sofram o *estigma* de terem um trabalho “impuro e imoral”, roubando-lhes o direito de serem reconhecidos e respeitados como profissionais, devido à renuência da sociedade.
- ii) **IDENTIDADE ÉTNICA:** sabemos que os deslocamentos dos povos foi e continua sendo uma dinâmica constante na história da humanidade. Por um lado, a migração dos seres humanos é defendida como vantajosa, uma vez que, sob uma óptica capitalista, essa contribui para o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) das nações, através de obra de mão barata, alavancando a economia e gerando recursos econômicos para as empresas e os cofres do estado. Ademais, de acordo com uma perspectiva humanista, a migração promove sociedades multiculturais que podem possibilitar as trocas interculturais entre sujeitos de âmbitos culturais diferentes. Por outra, é considerada prejudicial, pois se associa à delinquência, à pobreza ou à ocupação dos espaços de poder dos nativos do lugar. Há quem afirme que são responsáveis pelos possíveis conflitos culturais, e que seus efeitos negativos podem ser observados no isolamento dessas culturas em guetos, refugiados e receosos das perdas identitárias de uma provável assimilação delas com as culturas predominantes nesse território. Por isso, qualquer sujeito que se desloca a

outra realidade cultural é visto como o outro, como uma ameaça, como o diferente, o estranho ou estrangeiro. Daí que esses migrantes sofram o *estigma* de não serem daquele lugar, de serem invisíveis socialmente, relegando o seu direito de serem reconhecidos e respeitados como sujeitos desterritorializados.

- iii) **IDENTIDADE LINGUÍSTICA:** portanto, estes trabalhadores na sua dupla condição estigmatizante de profissionais sexuais e migrantes, mesmo usando fraseologismos comuns a diversos grupos sociais, essas formas linguísticas estão condicionadas pelo lugar de falar desses sujeitos duplamente estigmatizados e pelos contextos de produção dessas falas, podendo, assim, observar seus discursos apagados, suas práticas de linguagem estigmatizadas e suas emoções desconsideradas. O apagamento ou invisibilidade das formas linguísticas nos discursos e das emoções envolvidas não ocorreria se o estudo não tratasse de profissionais migrantes do sexo, sujeitos considerados imorais pela sua profissão e impuros pela sua origem, sofrendo o apagamento linguístico pela sua identidade profissional e étnica. Nessa perspectiva, a língua se torna um sistema de opressão dos sujeitos. Uma língua como prática social que estigmatiza e envergonha aos usuários dela em diversos contextos.

Destarte, a palavra chave que norteou a seleção dos colaboradores da pesquisa, como supracitado, foi o *estigma*, como atributo depreciativo conferido a um sujeito, com base numa determinada característica, tornando-o totalizador, manipulando a identidade do indivíduo e determinando como a pessoa deve sentir, pensar ou agir. É um tipo especial de relação entre *atributo* e *estereótipo*, se constituindo atributos que em cada sociedade levam ao descrédito (GOFFMAN, 2004 [1963], p. 7).

Contudo, qual seria o interesse do pesquisador por um perfil estigmatizado para a elaboração do seu trabalho? É uma questão de identificação. Por conta da *psoríase*, doença da pele que marca e estigmatiza o corpo ao ser visível, o *estigma* é um fato que conheço de perto e, portanto, consigo identificá-lo facilmente, o que faz que me sensibilize com essa categoria social que precisa de voz e visibilidade. Além disso, ao longo do tempo, é claro que, em ocasiões, podem surgir várias experiências com este universo do sexo.

De acordo com nossa perspectiva, a observação da prática profissional da prostituição para o nosso estudo nos levou a definir os sujeitos participantes, em geral, como categoria social estigmatizada ou sujeitos estigmatizados, com base nos estudos acerca do *estigma* de Goffman (2004 [1963]), Link & Phelan (2001) e Becker & Arnold (1986).

Erving Goffman (2004 [1963]) com o seu livro **Estigma, notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada**² foi um dos pioneiros no estudo do *estigma*. De acordo com esse autor (2004 [1963], p. 5), o termo grego *estigma* alude a sinais corporais— cortes ou queimaduras no corpo— que evidenciavam que o portador era *um escravo, um traidor ou um criminoso*, isto é, uma pessoa marcada (estigmatizada), poluída socialmente, que deveria ser evitada, afastada, especialmente em lugares públicos.

Sem dúvida, no decorrer da nossa pesquisa, percebemos como os profissionais migrantes do sexo com o seu corpo marcado carregavam o *estigma* de poluir a sociedade e os espaços, tornando aqueles lugares que ocupam em territórios malditos, evitados e afastados. Deparamo-nos com sujeitos invisibilizados por carregarem a marca simbólica —o *estigma* emocional— de um corpo sexualmente violentado, que evidencia e manifesta uma representação social simbólica da *escravidão* sexual, da *traição* da pureza do corpo e de um *crime* violento contra a alma cristã, a moralidade e a decência em sociedades dominadas pelas lutas simbolicamente violentas pelo poder e o sexo, sob o jugo de uma ditadura da beleza objetiva e do corpo perfeito, eternamente voluptuoso e jovem que se refletem na prostituição como um fiel espelho da sociedade em si.

Nesse sentido, com base na experiência dessa pesquisa e conforme os relatos apresentados e analisados se aplicam para os profissionais do sexo as características que Goffman (2004 [1963]) atribui na sua noção de *estigma* para indivíduos *criminosos, doentes ou perigosos*, representando fielmente a nossa proposta da tríade violência *criminosa* – corpo *doente* – sexualidade *perigosa*.

Já Link & Phelan (2001, p. 368) deram o seu contributo para o estudo do *estigma*, propondo que as diferenças entre os seres humanos são socialmente selecionadas. Ambos os autores ampliam a noção de Goffman (2004 [1963]) ao destacar

² Tradução do título do livro original: **Stigma – Notes on the Management of Spoiled Identity**.

as relações de poder como motor do processo estigmatizante, acrescentando as noções de *rotulação*, *perda de status* e *discriminação*.

Tais autores defendem que as pessoas são estigmatizadas quando rotuladas e ligadas a características indesejáveis, proporcionando-lhes uma perda de status e discriminação (Link & Phelan, 2001, p. 371). A teoria destes pesquisadores fundamenta como eixos principais do *estigma* cinco componentes, o que justifica a noção de profissional migrante do sexo como sujeito estigmatizado para a nossa tese. Em palavras textuais: “estigma existe quando elementos de rotulação, estereotipização, separação, perda de status e discriminação ocorrem simultaneamente em uma situação de poder que permite tais componentes acontecerem.”³ (LINK & PHELAN, 2001, p. 367).

Com relação à *rotulagem*, Link & Phelan (2001, p. 367) afirmam que é um processo socialmente construído de distinguir e rotular diferenças humanas, claramente selecionadas, dependendo do que é relevante para os interesses sociais. As diferenças maioritárias, como a cor do cabelo de determinado indivíduo, a cor dos olhos ou se alguém tem as orelhas peludas, via de regra, são ignoradas, dado que não são socialmente relevantes. Portanto, existe uma seleção social intencionada de diferenças humanas, tais como a cor de pele dos indivíduos, o gênero e/ou as preferências sexuais, muito recorrentes nos Estados Unidos atualmente, conforme os autores.

Escolhem o termo “rótulo” em vez de “marca”, pois afirmam ser algo afixado e lançam duas perguntas: “Por que algumas diferenças humanas são destacadas e consideradas relevantes pelos grupos humanos, enquanto outras são ignoradas? Quais são as forças sociais, econômicas e culturais que mantêm o foco em uma diferença humana específica?”⁴ (LINK & PHELAN, 2001, p. 368). No nosso modo de ver, sustentamos ser socialmente intencionado rotular como *exercício não profissional* aos vendedores de sexo, privando-os de carteira assinada, de pagamento de imposto e de direito à previdência como qualquer outra atividade remunerada. Os profissionais do sexo não exercem uma profissão, são rotulados de vagabundos.

Goffman (2004 [1963]) já tinha abordado o conceito de *estereótipo*. Contudo, Link & Phelan (2001, p. 369) propõem que esse mantém relação com as crenças da

³ Tradução nossa do original: the term *stigma* when *elements of labeling, stereotyping, separation, status loss, and discrimination co-occur* in a *power* situation that allows the components of stigma to unfold.

⁴ Tradução nossa do original: why is it that some human differences are singled out and deemed salient by human groups while others are ignored? What are the social, economic, and cultural forces that maintain the focus on a particular human difference?

cultura dominante que associam os indivíduos rotulados a “[...] um conjunto de características indesejáveis.”⁵ A grande problemática com as categorias e estereótipos é que se automatizam e tem uma eficiência cognitiva relevante. Daí que possamos sustentar que a categoria profissional da prostituição é, a priori, uma função e quadro social estigmatizado, devido à automatização cognitiva de diferentes representações negativas –socialmente construídas– introjetadas no imaginário popular. Os pesquisadores por meio de experiências sustentam que os estereótipos “[...] são usados para fazer julgamentos em frações de segundo e, portanto, parecem estar operando de forma pré-consciente.”⁶ (LINK & PHELAN, 2001, p. 370).

O terceiro componente que encontramos no perfil dos sujeitos participantes da pesquisa é a *separação cognitiva* entre “nós”, diferentes e melhores, e “eles”, os grupos estigmatizados. É uma consequência de rotular os indivíduos e serem colocados em categorias distintas. O *estigma* opera quando se acredita que as pessoas rotuladas são distintamente diferentes. Dessa forma, os estereótipos funcionam e podem ser atribuídos sem problemas. “*Eles* são uma ameaça para *nós* porque são imorais, preguiçosos e predadores.”⁷ (Morone 1997 *apud* LINK & PHELAN, 2001, p. 370). Assim, podemos pensar que os profissionais do sexo podem ser considerados como uma ameaça para a família como instituição social. Como argumento para tal, pode se dizer que são imorais nas culturas de matriz judaico-cristã por não ter sexo para a procriação; são preguiçosos, pois a função que desempenham não é considerada legal e socialmente uma profissão; são predadores porque acabam com os casamentos, os bons costumes e a moral estabelecida. Portanto, “eles” são uma ameaça, um grupo estigmatizado diferente e pior do que “nós”.

Essa separação cognitiva é muito perigosa. Ao extremo, pode se chegar a justificar que a pessoa estigmatizada é tão diferente de “nós” que nem sequer ela é humana, ocasionando nela todo tipo de tratamentos desumanos e horríveis. Tal fato poderia ser uma das explicações dos injustificados extermínios massivos, tais como: os judeus no *Holocausto nazi* e os religiosos nos massacres de *Paracuellos*. Nesses contextos históricos, nem judeus, nem católicos foram olhados como “seres humanos” por outros grupos sociais. Considerados possivelmente inferiores pelos nazistas e os

⁵ Tradução nossa do original: [...] a set of undesirable characteristics.

⁶ Tradução nossa do original: [...] are used in making split-second judgments and thus appear to be operating preconsciously.

⁷ Tradução nossa do original: “they” are a menace to “us” because they are immoral, lazy, and predatory.

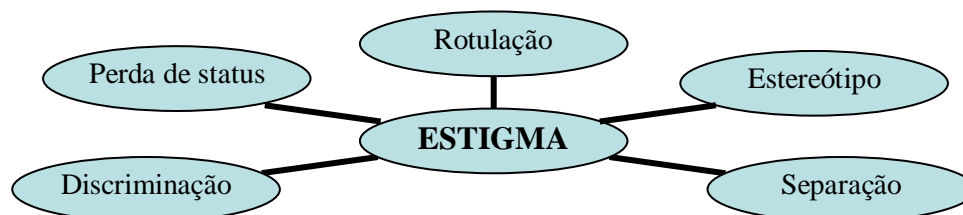
comunistas, sucessivamente “eles” eram os outros, uma ameaça que devia ser aniquilada.

Depois que os indivíduos com rótulos negativos são conceituados como diferentes daqueles que não compartilham estas marcas e são, conseqüentemente, separados dos outros pelas suas características indesejáveis, a pessoa rotulada experimenta *perda de status e discriminação*, respectivamente quarto e quinto componente da teoria do *estigma* destes autores – *status loss e discrimination* (Link & Phelan, 2001).

Considerando o exposto, os profissionais do sexo são discriminados e suas identidades profissionais apagadas, silenciadas e excluídas por ser uma “profissão” de características indesejáveis. Tal fato lhes confere uma perda de status e o não reconhecimento da função social exercida, levando a uma lógica perversa de desvalorização, rejeição e exclusão desses sujeitos. Essa perda diz respeito à posição descendente de um sujeito na hierarquia social, principal consequência da rotulagem negativa que teve sucesso. Assim, Link & Phelan (2001) apontam para a problemática de desencadear formas injustas de desigualdade, devido ao sujeito ter um status desvalorizado na sociedade.

O quinto e último componente refere-se à discriminação como tratamento desigual de sujeitos ou grupos estigmatizados que propicia a produção ou o reforço de desvantagens sociais. A rotulagem negativa do sujeito pode levar aos “normais” a desenvolver algumas formas óbvias de discriminação aberta, tais como a rejeição de um pedido de emprego pelo seu histórico profissional de prostituta ou a negação de aluguel de um apartamento por prostituta ou migrante, dentre outras. Ao invés da propriamente exclusão social, nas sociedades, em que imperam o politicamente correto, os modos de discriminação operam de formas mais sutis, se valendo de estratégias de apagamento social ou de desinteresse individual, silenciado a voz e dificultando a vez dos que querem também ser legitimamente ouvidos e partícipes.

Figura 1 – Noção de estigma



Fonte: Link & Phelan (2001)

Resumindo, todos estes componentes, a saber, *rotulação, estereótipo, separação, perda de status e discriminação* favorecem o *estigma*, materializado no nosso caso concreto na não legalização da prostituição e na não ocupação de espaços para os profissionais do sexo, mantendo as estruturas e relações de poder. A *estigmatização* dos sujeitos é limitante, além de ser propositalmente política. Ela opera como uma fronteira social que impede a passagem de uns e facilita a dos outros. De acordo com Link & Phelan (2001, p. 367):

Estigmatização é uma condição totalmente incerta de acesso ao poder social, econômico e político, o que permite a identificação das diferenças, a construção de estereótipos, a separação de pessoas rotuladas dentro de uma categoria, o desaprovar, a rejeição, a exclusão e a discriminação⁸.

Intencionadamente social e político, para Ainlay, Coleman & Becker (1986), o *estigma* é uma construção social, na qual os atributos particulares que desqualificam as pessoas variam de acordo com a cultura e os períodos históricos, privando os sujeitos de uma aceitação plena social. Deste modo, as pessoas são estigmatizadas somente num contexto histórico ou social. Link & Phelan (2001) também consideram que o processo de *estigmatização* é mutável conforme o tempo e o lugar.

É claro que as diversas movimentações sociais e políticas normalmente provocam mudanças nos processos estigmatizantes, de modo análogo ao que ocorre com as estruturas de poder, porém alguns *estigmas* podem se perpetuar no tempo. No nosso caso concreto, ao falarmos de prostituição, a invisibilidade funcionou ao longo de todas as épocas de uma forma ou outra. Contudo, muitos *outros* sofridos pelos sujeitos e grupos sociais acabaram e foram característicos de um dado contexto histórico. Não podemos esquecer que são os indivíduos na sociedade os que perpetuam as suas concepções do certo e errado, e que estas podem ser modificadas, conforme os interesses dos grupos dominantes e dos que estão em condição contrária.

Além disso, é importante destacar que o grau de intensidade do *estigma* pode se ver alterado para cada momento e lugar. Talvez esse grau que recebem atualmente os profissionais migrantes do sexo seja menor ou maior que em épocas passadas⁹. Da

⁸ Tradução nossa do original: stigmatization is entirely contingent on access to social, economic, and political power that allows the identification of differentness, the construction of stereotypes, the separation of labeled persons into distinct categories, and the full execution of disapproval, rejection, exclusion, and discrimination.

⁹ Ceccarelli (2008, p. 2) destaca que em sociedades como a mesopotâmica e a egípcia, esta profissão estava vinculada a divindades. Dessa forma, as sacerdotisas prostitutas eram consideradas sagradas e, em troca de favores sexuais, recebiam presentes. Na Antígua Grécia, prostitutas e prostitutos exerciam sua

mesma forma, os processos de discriminação costumam operar diferentemente e ser distintos para cada cultura em uma mesma época.

Becker & Arnold, em *Stigma as a social and cultural construct* (1986) apontam para a sociedade e a cultura como fatores determinantes na construção do *estigma*, já que há pessoas que desqualificam outras. As grandes questões são: de que forma se dá a relação de aceitação social? E qual é a natureza da interação social entre estigmatizados e não estigmatizados? (Becker & Arnold, 1986, p. 39). A aceitação social dependerá das normas e valores considerados aceitáveis para os membros da comunidade. A interação social entre sujeitos dependerá dos mecanismos de controle social e de posicionamentos de subalternidade. De acordo com estas pesquisadoras (1986, p. 40):

Toda sociedade possui normas e valores que definem atributos e comportamentos aceitáveis para seus membros. Além disso, cada sociedade possui mecanismos de controle social para garantir que a maioria de seus membros esteja em conformidade com essas regras. Pessoas que não se conformam ou quebram tabus culturais são sancionadas pela sociedade¹⁰.

Para Becker & Arnold (1986), os membros de cada cultura têm crenças comuns sobre o significado cultural de um atributo e a *estigmatização* ligada a ele que regulam a natureza do próprio *estigma* que é a condição de não possuir atributos considerados relevantes para um grupo social. Costumeiramente, os sujeitos seguem padrões de comportamento que os levam a tomar atitudes específicas sobre uma noção predeterminada.

Acreditamos que os perfis escolhidos nessa pesquisa nos permitem considerar os sujeitos como *estigmatizados*, e, de certo modo, tornam-se cientes da forma que são vistos pelos outros. Destarte, o profissional do sexo pode sofrer um complexo processo de normatização, já que ele é considerado “um pedaço de mal caminho” que deve ser levado para o caminho certo, pois suas ações comportam um desvio do esperado e o seu fim é ser reencaminhado para a sociedade, a fim de reduzir sua diferença com relação às normas sociais dessa cultura. Um processo totalizador que consiste em absorver as diferenças.

atividade como uma profissão. A venda de sexo era mais um meio de obtenção de renda como qualquer outro, e inclusive a sua prática era controlada pelo Estado (Ceccarelli, 2008, p. 2). Pagavam impostos e se concentravam em bairros distantes da cidade (Braz, 2011).

¹⁰ Tradução nossa do original: Every society has norms and values that define acceptable attributes and behavior for its members. What is more, each society has mechanisms of social control to ensure that the majority of its members conform to these norms. Persons who do not conform or who break cultural taboos are sanctioned by society.

Por tudo o que foi exposto, estes trabalhadores do sexo –*mujeres de mala vida / hombres de dudosa reputación*– constituem uma identidade social estigmatizada claramente desvalorizada, por terem uma profissão desviante que foge da normatização. Como todo profissional do sexo carrega individualmente os *estigmas* próprios da categoria, ele é conduzido inevitavelmente à clandestinidade e a ocultar a sua ocupação.

Não devemos esquecer que o universo da prostituição como grupo estigmatizado remete a uma representação social hegemônica de caráter negativo, atrelada à ideia de submundo, impureza e devassidão. É uma categoria repudiada por um sistema moralista judaico-cristão que prioriza claramente a união sexual monogâmica, a fidelidade e a família heteronormativa, marginalizando as diversas práticas sexuais insubmissas a esta escala de valores –por exemplo, as dos prostitutas, a homossexualidade ou a poligamia– no território da invisibilidade.

Definido o perfil dos colaboradores participantes de nosso estudo, foram selecionados 6 (seis) sujeitos, sendo três no Brasil¹¹ e três na Espanha, com os quais foram realizados dois encontros do pesquisador com cada participante. A escolha desses dois países para a aplicação dos instrumentos de pesquisa veio motivada, principalmente, pelo vínculo do pesquisador com ambas as nações e pelo interesse em realizar um estudo comparativo em duas línguas: português e espanhol.

Os dados finais gerados foram proporcionados por cinco desses participantes, visto que uma das inquiridas só participou do estudo piloto. Num princípio, quisemos contar com a colaboração de seis sujeitos para a análise de dados, além da entrevista prévia, mas infelizmente nem todos os sujeitos autorizaram a publicação dos dados e a gravação da entrevista. Por isso, a análise final se restringiu aos cinco sujeitos.

Atendendo ao perfil de profissional do sexo e migrante, escolhemos dois homens, duas mulheres e um híbrido de diferentes idades. No que tange às nacionalidades, contamos com a participação de dois venezuelanos e uma brasileira para a pesquisa em língua espanhola realizada em Granada – Espanha e dois brasileiros de outras regiões do Nordeste (Paraíba e Pernambuco) para o estudo em língua portuguesa em Salvador de Bahia.

A intervenção para o estudo da prostituta brasileira em Granada foi determinada propositalmente com o intuito de estabelecer uma ponte linguística entre os dois sujeitos venezuelanos que moram na Espanha e os dois nordestinos brasileiros da pesquisa no

¹¹ Um dos sujeitos participantes serviu para testar os instrumentos de pesquisa e a sua aplicação no estudo piloto realizado num único encontro em setembro de 2018.

Brasil, uma vez que ao usar a participante as duas línguas, a espanhola e a portuguesa, quisemos observar como o uso dos fraseologismos afetava a sua identidade linguística. Foi a única inquirida da pesquisa que não realizou as entrevistas na sua língua materna.

Com relação à seleção, os contatos com os profissionais do sexo não foram nada fáceis, devido ao medo e a vergonha que envolve a profissão. Escolhemos aqueles que quiseram colaborar com o estudo, que admitiram que sua intervenção fosse gravada e que deram seu livre consentimento para a publicação dos dados.

2.4 O LÓCUS DA PESQUISA

O *lócus* da pesquisa no Brasil foi a área do Porto da Barra, território maldito, estigmatizado e evitado pela classe média/média-alta da sociedade baiana, principalmente em altas horas, por ser frequentado por diversos grupos estigmatizados relacionados com a pobreza, a homossexualidade, a malandragem e a prostituição. Localizado no bairro da Barra na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, a área do Porto da Barra é frequentada por uma grande diversidade de pessoas –famílias e amigos da periferia, turistas brasileiros e estrangeiros e profissionais do sexo– que se desdobram em suas areias e águas calmas.

Já o *lócus* na Espanha foi o bairro La Chana na cidade espanhola de Granada, lugar popular de classe trabalhadora, desenvolvido nos anos sesenta do século passado como solução habitacional para as pessoas com menos recursos. O bairro até os anos noventa pouco conhecia do fator migratório. Atualmente, são muitas as pessoas de todo o mundo que moram nele. A comunidade latina tem uma especial relevância na área, onde muitos deles ganham a vida da melhor maneira que podem e sabem, dependendo da situação de cidadão regular ou irregular no país. Existe a venda mais discreta de uma variedade de substâncias ilícitas para consumo dos usuários de drogas, assim como a venda do próprio corpo em apartamentos clandestinos para a curtição dos usuários do sexo.

Foram escolhidas essas duas cidades, Salvador e Granada, primeiramente pelo convênio de cotutela assinado entre a Universidade Federal da Bahia e Universidade de Granada para a realização desta pesquisa, universidades localizadas nessas cidades. Além disso, pelo pesquisador ser espanhol de Granada residente em Salvador – Brasil, parecia lógico a escolha desses lugares para aplicação do estudo. No entanto, o interesse sempre foi elaborar uma investigação que envolvesse a língua espanhola e portuguesa pela minha trajetória pessoal e profissional.

Ambas as cidades possuem coisas em comum por serem atrativos turísticos nos seus respectivos países; terem sido espaços de encontro de diversas culturas, com destaque para o componente africano em Salvador e a influência árabe em Granada, espalhando todo um charme para o visitante e o morador. Cidades de contrastes fortes envolvidas pela *africanidade* em ambas, pela espontaneidade dos seus habitantes, pela *cigania* em Granada, pelo sincretismo em Salvador e pelos costumes ancestrais. Lugares também estigmatizados nos seus respectivos países, que carregam o estereótipo do preguiçoso, do lento e da marginalização.

Concretamente, as áreas escolhidas para contatar com os profissionais do sexo, Porto da Barra e La Chana, são lugares populares e tradicionais de ambas as cidades, assim como existe uma relevância atual para o mundo da prostituição. Todos os sujeitos participantes foram comunicados pela internet por sites de prostituição ou aplicativos para sexo. Os contatos foram sigilosos como não podem ser de outra forma. No caso da pesquisa em Granada os encontros ocorreram nos apartamentos dos sujeitos inquiridos. Já em Salvador as entrevistas foram realizadas em motéis e na casa do pesquisador. Tal diferença se deveu a que as condições para exercer a prostituição na Espanha parecem mais fáceis do que as do Brasil.

Sem pretensão de generalizar e só baseados na experiência dessa pesquisa, pudemos observar que em Granada existe uma prostituição com mais estrutura disseminada pelos bairros da cidade em apartamentos dedicados para tal fim, além da existência de clubes. Já em Salvador, a prostituição é mais de rua, o que torna mais difícil e mais arriscado o exercício da profissão.

De acordo com as vivências do estudo, podemos relatar que as duas primeiras entrevistas com um trabalhador do sexo de 27 anos, venezuelano, ocorreram em um apartamento na Chana, que divide com outros garotos de programa, em que o profissional possuía um quarto grande e confortável, porém quente, com cama de casal, sofá, televisão, guarda-roupa, mesa e cadeiras, alugado para um cafetão que cobra 150 euros por semana.

Outras duas aconteceram com uma trabalhadora do sexo brasileira¹² de 43 anos no mesmo bairro em Granada, no quarto que a prostituta aluga para uma senhora também por semanas a preço de 70 euros. A menina divide o espaço com outras garotas

¹² Mesmo sendo brasileira, as entrevistas foram realizadas em língua espanhola, pois prevaleceu no uso da língua o contexto situacional do sujeito. Tal decisão foi proposital a fim de estabelecer nas análises as possíveis relações existentes entre fraseologia e identidade linguística.

de programa. O mais chamativo era a decoração exclusivamente vermelha do quarto que dispunha de cama de casal, guarda-roupa, sofá, mesa e televisão.

As duas últimas entrevistas realizadas no bairro da Chana, em Granada, foram a um sujeito híbrido em processo psicológico de transformação para mulher de 24 anos e de nacionalidade venezuelana. A aplicação dos instrumentos de pesquisa foi também em um apartamento de cinco quartos ocupados por garotos e garotas de programa. O quarto em que realiza o serviço constava de apenas uma cama de casal e um guarda-roupa. Era um espaço simples e pouco decorado que custava 120 euros por semana e que regia um cafetão.

Já no Brasil, as primeiras entrevistas foram realizadas a uma profissional do sexo de 22 anos que morava no bairro da Barra. Infelizmente, não é possível oferecer mais detalhes, nem explorar os dados. Se bem que a geração de dados aconteceu e se deram os encontros, posteriormente, por questões particulares e de privacidade, rejeitou que sua intervenção fosse gravada e retirou o livre consentimento para a publicação de dados.

Outras duas entrevistas foram efetuadas num motel do centro de Salvador. O preço do quarto foi de 40 reais para duas horas. Neste caso, por questões logísticas só houve um encontro para a realização das duas partes da entrevista e um contato posterior para esclarecer dúvidas. Como qualquer motel a entrada era muito discreta e dava direta ao quarto. Era um quarto com um colchonete, guarda-roupa, mesa de cabeceira e televisão. Pelo que foi relatado, é um motel muito frequentado por encontros casuais e garotas de programa. As instalações contam com vinte quartos, podendo ser alugados por duas, quatro horas ou per noite.

As duas últimas entrevistas tiveram como *lócus* de pesquisa o apartamento do próprio pesquisador, pois o profissional do sexo estava em casa de amigos e seus serviços eram *delivery*.

Cabe salientar que todos os serviços disponibilizados pelos profissionais do sexo foram pagos como cliente sem sexo que fui de cada um deles. Considerei que eram mais do que justo pagar, já que tomava o tempo destes trabalhadores. Não poderia ter sido de outra forma, pois uma das máximas da prostituição é: aqui tudo se paga.

A título de curiosidade, no caso dos serviços na Espanha foram pagos 50 euros cada encontro. Já no Brasil o preço foi de 120 reais, sem contar motel ou deslocamentos. A prostituição é um serviço e como tal deve ser pago. Para o profissional do sexo, o dinheiro é tempo e para o cliente é sexo.

2.5 GERAÇÃO DE DADOS: PERSPECTIVAS, TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS

2.5.1 O QUESTIONÁRIO PESSOAL

O objetivo para usar e desenvolver este tipo de instrumento de pesquisa foi o de delimitar o perfil do sujeito e situá-lo no estudo. Este está constituído por uma série de questões primordiais para poder realizar o restante do estudo. Nesse questionário de identificação foram perguntados principalmente dados pessoais: o gênero, a idade, a origem, a instrução, dentre outros. Assim, se pretendeu indagar outros aspectos que apontassem para o propósito do estudo, relacionados com sua identidade profissional, de origem e linguística. Em vista disso, quanto à:

- a) sua *identidade profissional*: de que forma autodenominava sua profissão e qual sua renda mensal;
- b) sua *identidade de origem*: qual era seu lugar de origem e se tinha residido em outros lugares;
- c) sua *identidade linguística*: quantas línguas falava.

O questionário empregado visou comparar dados entre os sujeitos participantes da pesquisa, a fim de poder processar e registrar *a posteriori* os perfis de cada um deles. Por fim, cabe salientar que embora sendo um questionário estruturado, as possíveis respostas não foram binárias, possuindo três ou mais opções, sendo algumas dessas respostas abertas.

2.5.2 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante consiste em uma imersão na vida, na linguagem e nas práticas sociais do grupo que se pretende estudar, com o objetivo de se familiarizar com a forma como esses sujeitos sentem e percebem o mundo e conhecer mais acerca dos valores e comportamentos emocionais que expliquem o meio ambiente dessas pessoas. Esse foi nosso intuito, conhecer através das diversas emoções geradas materializadas linguisticamente, principalmente por meio de fraseologismos, os valores e princípios dos sujeitos desse grupo. Acreditamos que essa pode ser ideal para obter amostras reais de linguagem. Ela é usada como instrumento de pesquisa qualitativa para gerar dados sobre pessoas, processos e grupos.

Para isso, esta técnica de pesquisa foi complementar pelo tipo de investigação realizada e pelas limitações de tempo. Foram empregadas estratégias adicionais, fora a observação, tais como: entrevistas, materiais audiovisuais, questionários como métodos qualitativos. No nosso caso, nesta pesquisa optamos pela entrevista semidirigida e aberta, assim como pela narrativa oral, uma vez que pretendíamos a naturalidade, emotividade e espontaneidade das falas, a fim de que aflorassem as emoções da forma mais natural e espontânea possível.

Este procedimento possibilitou ao pesquisador a aprender acerca das atividades dos profissionais migrantes do sexo no seu cenário e contexto natural através da observação e participação dos seus espaços e as suas inquietações. Num primeiro momento, esta técnica exigiu o estabelecimento de uma relação do pesquisador com cada um dos inquiridos, que aprendeu a interagir no mesmo, se misturando e inserindo nele, a fim de que seus membros agissem e se comunicassem emocionalmente de uma forma natural, ao serem expostos a diversos vídeos e fotos que envolviam representações da tríade violência–corpo–sexualidade.

Posteriormente, o pesquisador saiu desse cenário com o intuito de compreender o que aconteceu e poder, assim, descrever e interpretar os dados gerados nesses eventos comunicativos da primeira etapa da pesquisa. Em um segundo momento, pretendeu-se indagar e confrontar a interpretação dos dados por parte do pesquisador com a dos sujeitos sobre as diversas associações: expressão idiomática – emoção. Deste modo, aproveitamos a ocasião para a criação de narrativas orais que conformassem uma autorreflexão dos sujeitos sobre o levantado anteriormente.

No entanto, é preciso observar que nem tudo são vantagens no que tange à observação participante. Um dos inconvenientes que podemos ter é o que Labov (1972, p. 209) chama o “paradoxo do observador”, pois embora o nosso propósito fosse o de descobrir de que forma as emoções - materializadas em fraseologismos ou não - definiam os valores e princípios dos sujeitos estigmatizados quando não são sistematicamente observados, a única maneira de obter os dados emocionalmente linguísticos necessários é através da observação sistemática. Assim, de certo modo, buscamos estabelecer um relacionamento mais próximo com os profissionais migrantes do sexo, uma vez que nunca seremos vistos como um membro mais desta comunidade.

Outra questão que pode acontecer nesse tipo de abordagem, é encontrar no nosso estudo informações relatadas que os participantes consideram que não devam ser compartilhadas, mesmo tendo assinando o termo de consentimento. Nesses hipotéticos

casos, deve prevalecer o respeito ao anonimato dos sujeitos envolvidos na pesquisa e, por isso, essas informações não figurarem. Concretamente, uma profissional do sexo brasileira declinou o posterior uso do material gerado pelos dados fornecidos nos encontros. Devido a isso, não figurarão neste trabalho nenhuma informação a respeito dessa informante, prevalecendo o seu direito de não empregar suas falas para a amostra e análise de dados.

Outra das peculiaridades ou –talvez limitações– é que a observação participante é efetuada e condicionada pela identidade do pesquisador que serve como instrumento ou recurso humano para a geração de dados; o inquiridor deve considerar e compreender que seu gênero, sexualidade, idade, raça, procedência, etnicidade, classe social, bem como a sua abordagem teórica, indubitavelmente, serão condicionantes que afetarão à pesquisa no respeitante à observação, análise e interpretação dos dados.

Por fim, cabe destacar que essa interação participante caracteriza-se por alguns princípios que o entrevistador deve possuir, tais como: estar interessado em aprender e compreender mais os outros, ter uma atitude aberta e livre de julgamento ou estar aberto a assuntos ou reações inesperadas, dentre outros.

Em síntese, três parâmetros basicamente orientaram a nossa atuação numa pesquisa tão complexa como esta: ser um bom ouvinte, saber interagir apropriadamente e ter a qualidade de observar cuidadosamente. Enfim, qualidades que consideramos essenciais para obter uns resultados satisfatórios.

2.5.3 A ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA E QUALITATIVA

Em termos gerais, uma entrevista é a arte de saber realizar perguntas e ouvir respostas que inclui qualquer encontro entre duas ou mais pessoas, um pesquisador e seu(s) entrevistado(s). Como técnica de geração de dados, está claramente influenciada pelas características pessoais do entrevistador, como anteriormente foi supracitado.

Esta técnica pode empregar instrumentos altamente estruturados como questionários ou, pelo contrário, entrevistas abertas onde até o pesquisador possa ser inquirido ou questionado pelo informante, como aconteceu em algumas ocasiões no nosso caso. Na nossa pesquisa de viés qualitativo, não empregamos entrevistas baseadas em questionários fechados e altamente estruturados, mas em entrevistas mais abertas, cuja máxima expressão é a entrevista qualitativa.

Para isso, nosso estudo, sob uma perspectiva qualitativa, recorreu a entrevista em formas diversas de se apresentar e para tanto elaboramos algumas perguntas,

mostramos diferentes vídeos e fotografias, assim como orientamos uma narrativa oral, a fim de provocar nos participantes reações, contradições, questionamentos e revisões da sua forma de ver e sentir o mundo, com o intuito de que, os inquiridos, orientados pelo pesquisador, expusessem abertamente suas emoções.

Dessa maneira, para esta pesquisa, elaboramos um roteiro baseado em fotos, vídeos, perguntas e tópicos, com o intuito de provocar ou estimular nos informantes da entrevista reações emocionais, opiniões, percepções ou conceituações, dentre outros aspectos. As perguntas feitas foram abertas, isto é, o inquirido pode expressar livremente seus sentimentos e opiniões, revisar ou repensar suas respostas e até mesmo se desviar do roteiro, sempre que o pesquisador achasse interessante a exploração das questões emergentes e espontâneas.

Ao invés de uma entrevista estruturada, em que o pesquisador-entrevistador não deve complementar com nenhum tipo de comentário ou realizar certas apreciações, uma vez que as perguntas são de tipo fechado e só podem ser concretas, afirmadas, negadas sobre o que é solicitado, pretendeu-se que a entrevista requisitasse a atenção suficiente para introduzir com base nas respostas dos inquiridos diversos tópicos que fossem de interesse para o estudo, de modo que a conversa fluísse de forma emotiva e natural. Como é lógico, este tipo de entrevistas são as mais utilizadas na pesquisa qualitativa, já que permitem interpretar o evento comunicativo de um modo mais verídico, dada a condição espontânea do discurso, pretendendo, de certa forma, que nem pareça uma entrevista convencional, mas que fique o seu resultado o mais perto possível de um bate-papo.

No nosso entendimento, o pesquisador é, conjuntamente com o roteiro, o instrumento da pesquisa, pois o papel do entrevistador não envolve apenas o fato de obter respostas, mas também desenvolver a habilidade espontânea de fazer novas perguntas.

Uma apreciação relevante para este tipo de pesquisa qualitativa que aborde as emoções materializadas linguisticamente em fraseologismos ou não, é que o entrevistador deve adaptar o seu “linguajar” às condições do informante, devendo ser claro e evitando a petulância, os tecnicismos desnecessários e as ambiguidades. Dessa forma, foi realizado, de acordo pode ser observado nas transcrições.

Assim, consideramos que também devia se adaptar ao contexto, de certa forma, o jeito de vestir do pesquisador, a fim que tanto seu linguajar e seu jeito de se vestir respondessem ao contexto sociocultural, de modo que certa aproximação

estivesse garantida e se atingisse, de certa maneira, uma indentificação mais próxima do inquiridor com o grupo estigmatizado pesquisado.

Porém, para a realização da parte da pesquisa no Brasil, tivemos uma dificuldade razoável, mesmo sendo quase imperceptível, em termos de imersão e identificação pela questão do sotaque e de ser estrangeiro. Pensamos num início, talvez até contar com o auxílio de um brasileiro que tivesse o português como língua materna na realização dos encontros, mas essa possibilidade foi simplesmente descartada pela inviabilidade da proposta, por questões da clandestinidade e privacidade dos sujeitos entrevistados e por que iria afetar na geração de dados.

Apesar dessas considerações, pretendeu-se em todo momento como entrevistador ter uma atitude assertiva, aberta e respeitosa para com os sujeitos estigmatizados da pesquisa, a fim de favorecer, em todo momento, o diálogo, a alteridade e a empatia: itens imprescindíveis para a realização de qualquer pesquisa de índole social e intercultural.

2.5.4 A NARRATIVA ORAL

A narrativa oral em forma de entrevista orientada tratou de aspectos acerca das identidades profissionais e de origem dos entrevistados. Esta se distingue como uma técnica ou ferramenta não estruturada que visa obter aspectos específicos em profundidade, tão relevantes para o nosso estudo das emoções, a partir dos quais emergiram histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Para isso, encorajamos e incentivamos o sujeito participante a contar algo sobre uma série de tópicos que revelassem alguns acontecimentos importantes de sua trajetória de vida e do contexto social em que esse profissional do sexo estava inserido.

Cabe destacar o alcance e as possibilidades da entrevista narrativa no âmbito da pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que essa se caracteriza por abordar questões relacionadas às singularidades dos indivíduos pesquisados. As narrativas orais não são meramente uma estratégia ou técnica de pesquisa, mas também modos de conhecer e compreender os sujeitos, o seu universo emocional e suas identidades em construção. São relatos relevantes que produzidos por meio da memória dos inquiridos podem revelar diversos caminhos e rumos para novos estudos sobre a fraseologia e as emoções.

Consideramos, assim, esta técnica complementar fundamental para a nosso estudo, pois constatamos que a criação de narrativas se tornou num método potente de geração de dados. Ela permitiu um maior aprofundamento desta investigação

qualitativa, dado que pudemos compreender como os dados que nos proporcionaram as diversas histórias de vida dos sujeitos se encaixavam, em grande medida, com os diferentes contextos socioculturais dos inquiridos, tornando possível o entendimento da variedade de sentidos, emoções e valores que motivavam.

Acreditamos que estas narrativas aportaram dados importantes acerca da cosmovisão particular de cada um dos inquiridos, a partir de um procedimento colaborativo de criação dessas narrativas que emergiram por meio da interação, do diálogo e da troca de informações e emoções entre o entrevistador e o participante.

Estas contribuíram, no nosso modo de ver, com a construção histórica da realidade tanto do grupo estigmatizado quanto do próprio indivíduo, ao ressignificar o tempo vivido pelo sujeito, as histórias singulares de vida, e concomitantemente, emergiu a trajetória histórica dos profissionais do sexo a partir de seu relato e das suas próprias falas.

Ao propor que o entrevistado discorresse livremente a partir de uns itens abertos, entendemos que não existiu um condicionamento das respostas, a fim de que o inquirido propiciasse o aparecimento de uma construção gradativa da sua história de vida com tendências próprias, em que também pudessem emergir conteúdos implícitos e não ditos com maior naturalidade e comprometimento.

Dessa forma, a forma oral de comunicar considera as representações ou interpretações do mundo e, portanto, envolve o universo emocional do inquirido. As histórias de vida não estão expostas à comprovação e não devem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois elas expressam a verdade do ponto de vista do sujeito estigmatizado em determinado tempo, espaço e contexto.

Portanto, defendemos que a narratividade é um recurso que visa investigar a intimidade dos entrevistados por possibilitar uma grande riqueza de detalhes e nuances com relação as suas cosmovisões e seu âmbito emocional. Daí esta técnica ter sido empregada na última etapa e fase da pesquisa.

Cabe sublinhar que por meio dessas histórias de vida houve uma ressignificação das maneiras de conceituar a pesquisa para o inquiridor, abalando a perspectiva do entrevistador, devido ao grande desafio de se tornar parte do processo de construção dos relatos, ao ouvir diversas narrativas em profundidade e ao ser atravessado e modificado pelas singularidades que emergem dos participantes implicados em suas próprias falas.

Sem dúvida nenhuma, as entrevistas narrativas são consideradas uma técnica apropriada para captar histórias pormenorizadas, emoções e experiências de vida de

cada sujeito. Para tal, o pesquisador passou um tempo razoável com cada entrevistado, a fim de captar informações por meio de diferentes tipos de fontes, com relação a sua identidade profissional e de origem, imbricadas com as conceituações de violência-corpo-sexualidade e sua materialização emocional na linguagem.

Pensamos que o uso do roteiro semiestruturado proposto, depois que testado anteriormente no estudo piloto e tendo entendimento prévio dos objetivos de cada item a ser tratado por parte do inquiridor, permitiu que a narrativa oral fluísse pela ordem do discurso do entrevistado, possibilitando que o entrevistado fosse induzido através dos tópicos sugeridos e que o pesquisador orientasse o relato ouvindo atentamente, sem quebrar a naturalidade da narrativa íntima e emocional.

Enfim, acreditamos que depois dessa fecunda experiência narrativa que gerou histórias de vida, o pesquisador colaborou com o entrevistado e ele foi inevitavelmente envolvido na pesquisa, de modo que ambos foram modificados por esse encontro, sendo esse cúmulo de emoções manifestadas na experiência de vida dos sujeitos o fundamental a ser captado para o nosso objeto de estudo.

2.6 INSTRUMENTOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

2.6.1 A DIVERSIDADE DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Partindo da necessária curiosidade, dedicação e criatividade no desenho das técnicas, instrumentos e procedimentos metodológicos por parte do pesquisador, elaboramos um roteiro metodológico diversificado para a nossa pesquisa, com uns instrumentos de pesquisa que satisfariam os nossos objetivos e o objeto de estudo proposto.

A finalidade desta concepção diversificada na escolha de um caminho mais versátil era proporcionar uma geração de dados que permitisse uma análise ampla e que sob diferentes olhares e perspectivas múltiplas respondesse à complexidade de nossa proposta teórico-metodológica.

Sendo assim, contamos com três instrumentos para a geração de dados, detalhados na sequência:

- a) um *questionário* que permitiu identificar aos sujeitos na pesquisa;
- b) um *roteiro audiovisual e fotográfico*, em forma de *entrevista semidirigida* que provocou reações e emoções nos sujeitos estigmatizados com relação a tríade violência-corpo-sexualidade e suas conceituações;

c) uma *narrativa oral* orientada que estimulou a reflexão acerca da identidade profissional e de origem dos sujeitos estigmatizados, permeada de aspectos emocionais.

2.6.2 O QUESTIONÁRIO DE DADOS PESSOAIS

Esta ficha possibilitou ter uma ideia do perfil sociodemográfico de cada participante, posto que este perfil, de certa forma, poderia influenciar e determinar as suas respostas e, portanto, condicionar o corpo das entrevistas e narrativas, ao gerar dados pelo viés de como o sujeito vê, entende, analisa e sente o mundo e o que tem ao redor dele.

Antes de iniciar a entrevista da primeira fase, no primeiro encontro, o pesquisador colocou xis em cada uma das categorias perceptíveis, conforme a observação cuidadosa que o entrevistador realizou do participante. Apenas foram perguntadas ao longo do primeiro encontro de maneira espontânea aquelas questões não perceptíveis, tais como: línguas que fala ou renda mensal.

O gênero interessou nem tanto na questão biológica que em todos os casos era visível, mas sim, no aspecto social de como o profissional do sexo se sentia com relação ao seu gênero. Num princípio, tentamos entrevistar um transexual, mas foi muito difícil encontrar alguém que se prestasse para a pesquisa, por conta da invisibilidade e o estigma que sofrem. Dos participantes, todos correspondiam ao seu sexo, exceto um deles que biologicamente era do sexo masculino, mas estava em um processo de constituição subjetiva para o gênero feminino; pois, em certas ocasiões, manifestou não se identificar com seu sexo.

A instrução era perceptível em quase todos casos pela forma de se expressar. Dessa forma, foram entrevistadas pessoas com instrução universitária, estudos médios e com pouca escolaridade. Mesmo assim, a sua escolaridade foi perguntada discretamente.

A idade normalmente se perguntou, assim como a renda mensal que proporcionava a profissão. Essas questões eram tratadas de forma espontânea e dissimulada no meio da entrevista, entrelaçando-as com alguns aspectos levantados pelo próprio inquirido.

A sexualidade e o nome que cada um deles atribuía para a profissão, normalmente, era dilucidado nos próprios encontros pelas falas dos sujeitos. Ainda assim, foi reforçado com uma pergunta mais direta no caso de dúvida. Só houve duas situações inesperadas para o entrevistador no que diz respeito da sexualidade dos

sujeitos participantes: a suposta heterossexualidade de um deles e a bissexualidade confusa de outra inquirida.

Por fim, aspectos com relação à origem, viagens ou conhecimento de línguas foram perguntados diretamente, visto que não houve a mínima possibilidade de vislumbrar estes nas entrevistas.

Depois de recolhidas estas informações de forma discreta ou espontânea, o pesquisador em casa ouviu as gravações e preencheu esta ficha padrão para cada sujeito, com o intuito de situar o profissional na pesquisa e avaliar na análise de dados de que forma as respostas estariam condicionadas pelo gênero, idade ou nível de instrução do colaborador da pesquisa.

A seguir, apresentamos a ficha-padrão para o preenchimento posterior:

Quadro 1 – Questionário de dados pessoais

GÊNERO		INSTRUÇÃO		IDADE	
masculino	<input type="checkbox"/>	básica	<input type="checkbox"/>	18-25	<input type="checkbox"/>
feminino	<input type="checkbox"/>	média	<input type="checkbox"/>	25-40	<input type="checkbox"/>
outro	<input type="checkbox"/>	superior	<input type="checkbox"/>	>40	<input type="checkbox"/>
NOME DA PROFISSÃO		RENDA MENSAL R\$/ €		SEXUALIDADE	
prof. do sexo	<input type="checkbox"/>	até 1000	<input type="checkbox"/>	heterossexual	<input type="checkbox"/>
garoto/garota	<input type="checkbox"/>	1000-3000	<input type="checkbox"/>	homossexual	<input type="checkbox"/>
prostituto/a	<input type="checkbox"/>	3000-5000	<input type="checkbox"/>	bissexual	<input type="checkbox"/>
outro	<input type="checkbox"/>	>5000	<input type="checkbox"/>	outra	<input type="checkbox"/>
Línguas faladas:			Lugar de origem:		
Morou noutro lugar: SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/>			Quais?		

2.6.3 O ROTEIRO IMAGÉTICO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista foi estruturada na exposição e apresentação aos sujeitos do material fotográfico e audiovisual, que constou de nove fotografias e cinco vídeos, uma vez que esse roteiro foi predeterminado. No entanto, as questões tratadas para cada exposição foram livres, surgindo de modo espontâneo com base nas reações produzidas nos inquiridos perante o material apresentado.

Neste primeiro encontro, pudemos observar como os sujeitos eram levados a reagir e a se questionar alguns aspectos, de forma que, de acordo com a identidade de cada um deles e a emoção emergente, diversos fraseologismos foram usados dependendo de fatores sociais e identitários. Acreditamos que a exposição aos sujeitos do material foi recorrente e válida, já que levantou na maior parte dos casos questões e ações que os afetassem e os posicionasse ante a tríade violência-corpo-sexualidade, expressando emoções às vezes por meio de fraseologismos, produto das reações de forma natural e espontânea.

Observamos na sua aplicação como essas emoções expressadas eram materializadas através de unidades fraseológicas usadas em seu contexto pelos sujeitos participantes. Por meio da exposição ao entrevistado do material fotográfico e audiovisual, notamos como esse reagia e expressava emoções, conforme a escala de valores e a matriz ideológica e cultural de cada um deles, assim como pensamos que esta entrevista proporcionou uma geração de dados em contexto natural e espontâneo, que servisse para uma posterior análise interpretativa das opiniões, valores e reações ocorridos.

Para isso, nossa pretensão foi, em todo momento, permitir o aparecimento de diversas expressões no discurso e que, de certa forma, respondeu ao esperado. Dessa maneira, o material fotográfico e audiovisual escolhido mostrado aos inquiridos pretendeu provocar ou estimular diversos sentimentos nos sujeitos, tais como: pena, raiva, surpresa, nojo, vergonha ou medo, dentre outros.

Mostramos o material selecionado para esta primeira fase da pesquisa na sequência:

Material fotográfico

Imagem 1 – Mãe com bebê



Fonte: www.google.com

Imagem 2 – Pai com bebê



Fonte: www.google.com

Imagem 3 – Rapaz de seis dedos



Imagem 4 – Violência doméstica



Fonte: www.google.com

Imagem 5 – Mulher musculosa



Fonte: www.google.com

Imagem 6 – Beijo homossexual



Fonte: www.google.com

Imagem 7 – Violência com faca



Fonte: www.google.com

Imagem 8 – Mulher obesa



Fonte: www.google.com

Imagem 9 – Idoso tatuado



Fonte: www.google.com

Na primeira foto foi abordada a questão da deformidade do corpo do bebê, contrastando com a segunda foto, em que podemos ver um pai cuidando da sua criança. A terceira tratou da deformidade do jovem de seis dedos. A seguir, a quarta foto se voltou para a violência de gênero. Já a quinta foto, mostrava uma mulher fora do padrão do gênero feminino pelo excessivo do seu corpo musculado. A sexta foi a exposição de um relacionamento homossexual entre idosos. A sétima mostrou a violência e delinquência nas ruas. Na oitava encontramos uma mulher com um corpo obeso. Na nona e última pudemos ver um idoso cheio de tatuagens.

Todo o material apresentado envolveu a tríade violência-corpo-sexualidade ou parte dele. A violência foi exposta maiormente nas fotos 4 e 7; o corpo envolveu as fotos 1, 2, 3, 5, 8 e 9; e a sexualidade a sexta foto.

Material audiovisual¹³

- Vídeo 1: Policial atira em ladrão que roubou sua moto e filma tudo

Este trecho de pouco mais de um minuto de duração mostrava uma cena violenta que tratava acerca de um ladrão que tinha roubado a moto de um cidadão e sido atingido com um tiro por um policial à paisana.

- Vídeo 2: Casal de mendigos se beijando na Praia da Barra

O vídeo mostrava dois moradores de rua se exibindo e se beijando na rua, mostrando as línguas para o que está filmando o vídeo, em um ato de violência simbólica para com os mais vulneráveis da sociedade.

- Vídeo 3: Sou travesti, não sou viadinho

Este trecho de onze segundos mostrava o corpão de um sujeito que se sentia mulher e que reivindicava sua condição de gênero.

- Vídeo 4: Travesti Dandara é assassinada brutalmente no Ceará

Este vídeo se deveu ao violento fato real acontecido em um interior do Ceará, em que uma travesti foi assassinada brutalmente por quatro homens.

¹³ Para poder assistir os vídeos, consulte esses links:

vídeo 1: <https://www.youtube.com/watch?v=RckCdOJsZ0A>.

vídeo 2: <https://www.youtube.com/watch?v=B4q-D6LsROs>.

vídeo 3: https://www.youtube.com/watch?v=6DSaa54_qX4.

vídeo 4: <https://www.youtube.com/watch?v=tJTOgtAz7cI>.

vídeo 5: <https://www.youtube.com/watch?v=QZgRaL8IuIg>.

- Vídeo 5: Gay dançando com a bunda no chão

Este vídeo de mais de um minuto de duração mostrava um adolescente gay dançando e brincando com o bumbum.

Da mesma forma, o material audiovisual apresentado envolveu a tríade violência-corpo-sexualidade. A violência foi a temática principal do primeiro e quarto vídeo. O segundo envolveu questões de violência simbólica e sexualidade enquanto o terceiro e quarto focavam nas questões dos corpos transgêneros. Por fim, o quinto e último tratou da homossexualidade e do corpo em movimento.

A exposição destes materiais apresentados partiu do pressuposto que existem diversas maneiras de expressar emoções nas mais variadas formas de fraseologismos para cada sujeito, dependendo das especificidades individuais e dos contextos em que esses sentimentos são gerados.

Para isso, os sujeitos estigmatizados foram expostos a representações da tríade violência–corpo–sexualidade, a fim de observar como eles construíram sentidos para esse tripé, assim como entender de que forma o tabu e os preconceitos foram acionados dentro dessas identidades silenciadas, para as quais o corpo é central e suas duas interseções complementares: violência e sexualidade.

Figura 2 – Desenho de uma identidade deteriorada



Fonte: elaboração própria

Desse modo, quisemos observar por meio dos materiais fotográficos e audiovisuais como essas identidades dos profissionais do sexo percebiam os vínculos emocionais próprios e dos sujeitos com relação ao / à:

- i) **CORPO**, ao terem sido expostos a temáticas recorrentes, tais como: a deformidade (*fotos 1,3*), obesidade e gordofobia (*foto 8*), transgênero (*foto 5, vídeos 3 e 4*), velhice (*fotos 6 e 9*) e tatuagens (*foto 9*).
- ii) **VIOLÊNCIA**, ao terem sido enfrentados com: a estrutural ou legitimada (*vídeo 1*), a delinquência (*vídeo 1 e foto 7*), a simbólica (*vídeo 2*) e a violência de gênero (*foto 4 e vídeo 3*).
- iii) **SEXUALIDADE**, a transexualidade (*vídeos 3 e 4*), a homossexualidade (*foto 6 e vídeo 5*), dentre outras questões.

Destarte, nosso intuito foi compreender e interpretar como essas emoções geradas por esses sujeitos seriam percebidas como parte de um sistema de valores e significados próprios para um grupo social sujeito a mercantilização da emoção.

Dessa forma, o perfil do sujeito escolhido como profissionais migrantes do sexo em que seu corpo como “mercadoria” é o bem mais prezado –item de luxo– mas, paradoxalmente, o mais desprezado –item descartável, momentâneo–, representa, ao nosso modo de ver, as diversas interseções da tríade violência–corpo–sexualidade, expostas no material apresentado.

É sabido que o corpo destes sujeitos, não vendido, mas ocasionalmente alugado é, por uma parte, o território da violência, da punição e do estupro; é o lugar do castigo, do maltrato, da própria culpa, bem como das lutas e negociações dos espaços de poder entre quem possui o corpo e aquele que dispõe o dinheiro.

Por outra, o corpo é momentaneamente o território da sexualidade, do desejo, da perfeição e do prazer; é o lugar da sensualidade, do fetiche e do sublime da simbiose da inter-relação de dois corpos e a interseção em um só com tudo o que esse processo de união desses corpos em ação tem de sexual e violento.

2.6.4 A NARRATIVA ORAL ORIENTADA

Para o desenvolvimento da segunda parte da pesquisa, os instrumentos focaram suas técnicas em três temáticas relacionadas à identidade para construir as narrativas dos participantes: violência–corpo–sexualidade.

Esta narrativa orientada pelo pesquisador visou conformar uma reflexão pessoal de cada participante sobre a sua própria identidade profissional e de origem. Ela se configurou em forma de entrevista orientada como ferramenta não estruturada que

pretendeu obter aspectos específicos e relevantes para o nosso estudo das emoções, uma vez que emergiram histórias de vida dos inquiridos.

Para isso, encorajamos e incentivamos o sujeito participante a contar algo sobre uma série de tópicos que revelassem alguns acontecimentos importantes de sua trajetória vital e do contexto social em que esse profissional do sexo estava inserido.

Dessa forma, o entrevistado foi conduzido a tratar aspectos da sua identidade profissional e de origem por meio dos seguintes itens:

- 1) *Avalie os aspectos positivos e negativos da sua profissão.*
- 2) *Analise como era sua vida anterior a este trabalho e como e por que decidiu exercer esta profissão.*
- 3) *Refleta se sua atividade profissional realiza você como sujeito e se assume perante a sociedade.*
- 4) *Comente como seu círculo de relações sociais e a sociedade, em geral, enxerga a prostituição.*
- 5) *Comente qual é o perfil dos clientes e quais tipos de vínculos emocionais estabelece com eles.*
- 6) *Narre situações de preconceito/discriminação ou violência por conta da sua atividade profissional ou pelo seu lugar de origem.*
- 7) *Comente quanto tempo mora na cidade/país e quais foram as maiores dificuldades que teve na sua chegada.*
- 8) *Avalie os aspectos positivos e negativos da cidade/país com relação ao seu lugar de origem.*
- 9) *Pense na imagem que você tinha da cidade/país antes de vir morar e se ela mudou ao longo da sua experiência/vivência.*
- 10) *Comente quais tipos de relações sociais tem na cidade/país e qual é a origem/procedência delas.*

Os cinco primeiros itens relacionaram-se com a atividade profissional, enquanto os últimos quatro tinham a ver com a identidade de origem como migrantes. O sexto constituiu a ponte para passar dos aspectos de identidade profissional para os de origem.

No primeiro item buscávamos entender como o sujeito conceituava a sua própria profissão. O segundo da narrativa orientada procurou encontrar as justificativas e as culpas decorrentes nos sujeitos estigmatizados. O terceiro abordou os aspectos sociais,

de invisibilidade da profissão por conta do medo ou da vergonha. Ao ser um trabalho carregado de *estigmas*, no quarto item quisemos abordar a percepção do próprio sujeito envolvido e do seu entorno social conforme a representação social da prostituição. O quinto tratou do usuário de sexo, das relações entre profissional e cliente e do nojo como emoção principal.

A sexta questão serviu de ponte para os aspectos da identidade de origem. Pediu-se de forma aberta que o inquirido relatasse situações de discriminação ou preconceito por conta do duplo *estigma* que estes trabalhadores sofrem por conta da sua profissão e origem.

A partir da sétima em diante abordamos aspectos da identidade de origem com relação às questões positivas e negativas, às dificuldades da chegada na cidade/país, a representação que anteriormente tinha do lugar e das relações sociais que o sujeito criou nesse novo lugar.

Em síntese, consideramos este instrumento como complementar, mas nem por isso prescindível, sendo fundamental para o nosso estudo, dado que, por meio da criação dessas narrativas orientadas, disponibilizamos uma potente de geração de dados que permitiu um maior aprofundamento desta investigação qualitativa. Tal fato, pode ser observado nas análises e ponderado, pois as histórias de vida desses sujeitos, além de ter gerado uma quantidade de fraseologismos e aspectos emocionais para o nosso estudo, dão visibilidade a esta categoria social e nos auxilia para compreender como os dados que foram proporcionados encaixaram nas diversas histórias de vida dos indivíduos com relação à tríade violência–corpo–sexualidade.

2.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

2.7.1 A PESQUISA EXPLORATÓRIA: O ESTUDO PILOTO

Foi elaborado um estudo exploratório antes da aplicação do projeto na Espanha e no Brasil, com o intuito de nos ajudar a hipotetizar e determinar qual material, dentre o empregado, era o mais adequado, bem como que tipo de dados poderiam ser os mais interessantes. Essa pesquisa prévia foi realizada antes do exame de qualificação em setembro de 2018 e contribuiu para definir melhor o material audiovisual e fotográfico, assim como os itens para a narrativa oral, proporcionando algumas orientações e apontando quais resultados poderiam aparecer.

Partíamos do pressuposto que era importante considerar estes estudos prévios não como um meio para confirmar ou rejeitar hipóteses, mas bem, para nos auxiliar a um melhor desenho da metodologia como terminou acontecendo.

Para tal estudo prévio, selecionamos duas fotos e um vídeo, assim como estabelecemos umas orientações para criar a narrativa oral com relação a identidade profissional.

Para participar dessa entrevista prévia foi selecionada uma profissional do sexo por meio de um site de prostituição. Foi mostrado o seguinte material fotográfico e audiovisual à participante:

Imagem 10 – Beijo homossexual II



Imagem 11 – Mulher musculosa II



Fonte: www.google.com

- Vídeo 4: Travesti Dandara é assassinada brutalmente no Ceará

Nesta primeira parte, pudemos constatar pelas reações da inquirida que o material proposto funcionava como esperado, pois afloraram emoções, tais como: nojo, raiva e até medo. Da mesma forma, apareceram nas reações da entrevistada fraseologismos como, por exemplo, *Nossa! Meu Deus!* e *Que horror!*, dentre alguns outros. Além disso, pudemos observar como a participante conceituava o corpo feminino e a homossexualidade. Tais resultados nos animaram a acrescentar no desenho metodológico para esta parte três fotos e um vídeo a mais do que inicialmente para a entrevista semiestruturada.

Num segundo encontro indagamos acerca do acontecido na exposição do material para poder explicar melhor os aspectos emocionais. A seguir, a participante foi orientada para a criação de uma narrativa que refletisse sobre dois aspectos da sua identidade profissional.

- 1) avalie os aspectos positivos e negativos da sua profissão.*
- 2) analise como era sua vida anterior a este trabalho e como e por que decidiu exercer esta profissão.*

A geração de dados que proporcionou esses itens revelou que neles emergiam emoções da mesma forma. Neste caso, pudemos observar algumas nuances de culpa e medo. Apareceram poucos fraseologismos nos relatos criados. Porém, a aplicação desta mini narrativa oral proporcionou aspectos relevantes na identidade da profissional do sexo, tais como o dinheiro como quase único motivo para exercer o trabalho e a culpa como fator externo atribuído aos outros que sempre são os que estimulam ao sujeito a realizar essa atividade profissional.

Na realidade, este estudo piloto foi de extrema importância, uma vez que determinou de que forma contatar com os sujeitos, contribuiu para esclarecer alguns aspectos da metodologia e nos orientou para as etapas posteriores da investigação de forma mais satisfatória.

2.7.2 OS PROCEDIMENTOS E AS ETAPAS DA PESQUISA

Primeiramente, cabe destacar que o cronograma de pesquisa inicial teve que ser alterado por dois motivos principalmente: a) pela mudança do convênio de cotutela da Universidade de Alcalá para a Universidade de Granada e b) pela demora na aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Bahia.

Inicialmente, a pesquisa estava programada para ser realizada em Salvador no primeiro semestre de 2019 e a seguir no segundo semestre do mesmo ano em Granada, porém o calendário foi invertido pelas circunstâncias anteriormente descritas. A aprovação do Comitê de Ética demorou quase dez meses e deu o aval a dois de maio de 2019, pelo que não foi possível começar antes as entrevistas em Salvador. Devido a essa dificuldade, as entrevistas finalmente aconteceram nos meses de fevereiro, março e abril de 2019 em Granada, enquanto que em Salvador as entrevistas foram realizadas em agosto, setembro e outubro desse mesmo ano.

Tanto para o desenvolvimento do estudo na Espanha quanto para o Brasil foram mantidas as duas etapas propostas no cronograma do projeto de pesquisa qualificado em setembro de 2018, levando em consideração que estas etapas são duplicadas para cada área de atuação, perfazendo ao todo quatro e que detalhamos na sequência:

Quadro 2 – Primeira etapa da pesquisa

1 E T A P A	<p>Instrumento:</p> <p>1.1 Preenchimento prévio de um questionário com dados pessoais.</p> <p>1.2 Apresentação de vídeos e fotos por meio do celular envolvendo a tríade violência–corpo–sexualidade com o propósito de analisar como os sujeitos reagem diante dos conteúdos expostos.</p>
	<p>Técnica:</p> <p>1.1 Questionário pessoal</p> <p>1.2 Entrevista qualitativa semidirigida e observação participante.</p>
	<p>Procedimento:</p> <p>1.1 Registro manual do questionário pessoal pelo pesquisador em casa.</p> <p>1.2 Registro gravado das reações em áudio e observação das expressões emocionais.</p> <p>1.3 Levantamento a posteriori das expressões empregadas, considerando a incidência e como elas podem ser associadas a determinadas emoções.</p>

Fonte: elaboração própria

Quadro 3 – Segunda etapa da pesquisa

2 E T A P A	<p>Instrumento:</p> <p>2.1 Levantamento prévio da primeira etapa, a fim de indagar e confrontar a interpretação do pesquisador das emoções materializadas linguisticamente com a dos sujeitos inquiridos, refletindo acerca da associação fraseologismo – emoção.</p> <p>2.2 Relato orientado pelo pesquisador que pretenda conformar uma reflexão pessoal deles sobre a sua identidade profissional e de origem.</p>
	<p>Técnica:</p> <p>2.1 Entrevista qualitativa semidirigida e observação participante.</p> <p>2.2 Narrativa oral.</p>
	<p>Procedimento:</p> <p>2.1 Registro manual das percepções sobre as reações emocionais desses sujeitos na primeira etapa, estabelecendo a associação ou não de emoção – fraseologismo.</p> <p>2.2 Gravação desses sujeitos de uma narrativa oral que envolvam como eles pensam a sua identidade profissional e de origem ou étnica relacionados com a tríade violência–corpo–sexualidade.</p> <p>2.3 Levantamento e análise dos dados gerados pelos sujeitos estigmatizados.</p>

Fonte: elaboração própria

Para a elaboração deste estudo, realizou-se duas entrevistas¹⁴ com cada um dos seis sujeitos estigmatizados participantes – três inquiridos para cada uma das duas áreas de atuação: *Barra-Salvador*; *Chana-Granada*, seguindo o cronograma anteriormente descrito.

Para a realização destas entrevistas com certo sucesso, antes de iniciar a pesquisa, previamente selecionamos os profissionais do sexo por meio de sites ou aplicativos de sexo pela internet¹⁵. No primeiro contato, usamos sempre a estratégia de dissimular e fazer como se fosse cliente que apenas queria conversar e conhecer mais um pouco acerca do mundo da prostituição. Posteriormente, quando a confiança dele ou dela era ganha e tínhamos o nosso primeiro encontro, era o momento de informar que se tratava de uma pesquisa experimental sobre as emoções e sua expressão linguística a fim de contar com a aceitação dos inquiridos a participarem.

Muitos contatos virtuais deveram ser feitos no maior sigilo e, em várias ocasiões, os profissionais do sexo não aceitaram e rejeitaram a possibilidade de ser inquiridos, mesmo sendo pagos. Na realidade, o contato sempre foi mais fácil com os homens do que com as mulheres. Tal fato pode ser explicado talvez por diversos fatores: acreditamos que o mundo da prostituição feminina é mais amplo e oferece mais serviços do que a masculina, daí que não seja necessário aceitar qualquer tipo de programa; outra hipótese pode apontar para uma maior desconfiança por parte das trabalhadoras, devido ao intuito do encontro com o pesquisador, ao ser uma proposta que não é tão comum no universo delas. Por fim, pensamos que o gênero do pesquisador pode ter influenciado numa certa facilidade de contato com homens e dificultado, pelo contrário, os encontros com mulheres.

De qualquer forma, vários e várias profissionais aceitaram se encontrar, sabendo, *a priori*, que o serviço que iriam disponibilizar era para conversar e não para ter sexo. Desses que se disponibilizaram, houve uma pequena triagem com relação aos perfis que considerávamos mais adequados para a pesquisa, levando em conta dois aspectos: certa diversidade dentro da categoria profissional e uma empatia, disponibilidade e abertura manifesta que facilitasse a expressão das emoções.

¹⁴ Abrimos uma exceção com uma das informantes por questões de logística e por vontade da inquirida. Destarte, presencialmente, só foi realizado um encontro e por meio de contato pelo WhatsApp foram resolvidos alguns aspectos não concluídos. Destacamos, ainda, que uma das participantes não autorizou a publicação de dados, depois que realizadas as entrevistas.

¹⁵ Para maiores informações podem consultar os sites: www.pasion.com, www.sexobarato.es, universosugar.com, executivovip.com e grindr.com.

Na primeira etapa houve um primeiro encontro para cada um deles. Disponibilizamos para a ocasião o material fotográfico e audiovisual no celular como base da entrevista semiestruturada e as possíveis perguntas, dependendo das prováveis reações, dentro um roteiro de cabeça mais ou menos improvisado.

Fora o roteiro da exposição do material imagético, o material empregado para a realização dessas, basicamente, foi o gravador do celular, para, posteriormente, poder proceder a transcrição das conversas. Ademais, lançamos mão de anotações a lápis em um pequeno caderno com o intuito de poder registrar algum aspecto proxêmico ou gestual, quando necessário, bem como observações consideradas pertinentes acerca da comunicação não verbal, uma vez que o corpo e o espaço também poderiam elucidar as diversas reações emocionais não recolhidas na gravação.

Com o intuito de realizar uma boa entrevista, entendeu-se que ela não deveria ser feita em qualquer lugar ou a qualquer momento. Foi importante que ocorresse em um lugar com pouco barulho, daí terem sido escolhidos como lugares espaços privados calmos, tais como: no meu próprio domicílio particular, no domicílio do profissional que é o espaço de trabalho da maioria deles ou num quarto de um motel. Para nós, foi prioritário que tanto o sujeito quanto o pesquisador se sentissem confortáveis.

Da mesma forma, o momento adequado foi também o critério muito relevante, já que a entrevista requer certo tempo. Para nós, era importante que tanto o pesquisador quanto o participante não deviam estar apressados, para que ambas as partes, uma vez iniciado o encontro, dedicassem toda sua atenção ao evento comunicativo, sem preocupações de outros fazeres ou pendências. Na verdade, pretendeu-se que os sujeitos devessem ter certo tempo para se dedicar, daí que fosse contratado para cada encontro um serviço de quarenta e cinco minutos. Na maioria dos casos, os encontros extrapolaram o tempo estipulado por vontade própria e generosidade do profissional.

Antes de iniciar a pesquisa, os participantes tomaram ciência do propósito da mesma e assinaram o termo de consentimento. Depois da entrevista ser finalizada, fundamental para gerar dados reais, naturais e autênticos, enfatizamos que essa foi gravada e que seria analisada por nós. Foi uma escolha metodológica que assumimos do início e seus motivos serão posteriormente detalhados na seção 2.7.5 – as gravações secretas. Em todo momento, estávamos cientes do risco que essa decisão comportava e, de fato, em uma ocasião, uma entrevistada não aceitou a gravação da sua voz, mesmo sendo a entrevista realizada e paga. Recusou a sua participação por motivos pessoais e seu direito à intimidade foi e é respeitado, como não pode ser de outra forma.

Na segunda etapa, procedemos a um segundo encontro com cada um deles e aplicamos as narrativas orais, as quais eram totalmente abertas, mas orientadas conforme um roteiro de dez tópicos a serem tratados –relacionados com a identidade profissional e de origem dos sujeitos– que iriam ser abordados de acordo com a exposição dos relatos de vida que emergissem sem uma ordem prévia¹⁶.

O material empregado para a realização dos relatos, basicamente, foi o gravador do celular, para, posteriormente, poder proceder a transcrição das histórias de vida. Da mesma forma, no intuito de gerar dados reais, naturais e autênticos, no final do encontro procedemos a comunicar-lhes que a narrativa foi gravada, a fim de os sujeitos poderem dar seu consentimento.

Por fim, depois que realizadas as duas etapas da pesquisa para cada cidade com certo sucesso, dentro das dificuldades vivenciadas pelas temáticas da proposta e pelo perfil do sujeito inquirido, procedemos a transcrição dos dados, assim como a sua organização, para uma posterior apresentação dos mesmos neste trabalho.

2.7.3 A PESQUISA EM LÍNGUA ESPANHOLA EM GRANADA

Nesta seção são apenas abordadas as características ou curiosidades da etapa e seus procedimentos na cidade de Granada, sendo os anteriormente descritos de caráter geral e aplicáveis para esta parte da investigação. Todas as entrevistas nesta cidade foram realizadas em língua espanhola com sujeitos, concretamente, dois venezuelanos e uma brasileira, sendo que o pesquisador e os venezuelanos têm o espanhol como língua materna e a brasileira como língua não nativa.

Os encontros aconteceram nas seguintes datas: 24 e 26 de fevereiro para um; e 23, 25 de março, 6 e 7 de abril para os outros dois informantes. Os procedimentos foram realizados escrupulosamente de acordo com o cronograma da pesquisa e conforme os objetivos do estudo.

Como qualquer pesquisa com sujeito empírico, aconteceram algumas curiosidades que considero pertinente comentar. Em geral, as entrevistas ocorreram como esperado e com certa normalidade. Cabe salientar a especial relevância que as

¹⁶ A transcrição das narrativas orais foi, posteriormente, organizada de acordo com os dez itens tratados para facilitar as análises dos dados. Cabe salientar que espontaneamente não aconteceram nessa ordem e que foram eliminados trechos irrelevantes para o nosso estudo por não guardar nenhuma relação com os objetivos da pesquisa. Se bem que algum deles poderá complementar as análises quando for necessário para uma melhor compreensão das emoções envolvidas na conceituação da tríade violência-corpo-sexualidade, atravessada pelas identidades sociais dos participantes.

narrativas tiveram para a pesquisa. Estas suscitaram no falante e no ouvinte diversos estados emocionais.

Na verdade, este instrumento de pesquisa mexeu com e abalou a estrutura emocional do pesquisador, especialmente, em dois momentos, a saber: a) os relatos de violência sofridos pelo inquirido híbrido venezuelano com relação ao corpo dele em termos de violência doméstica, roubo e assaltos. A tristeza incomensurável que foi expressada, permeada de culpa e raiva, é inenarrável; b) as histórias de vida da brasileira no que tange aos clientes e seus vínculos: o medo e o nojo expressados foram destacáveis.

Aqueles relatos orientados, dentre outros, permitiram transcender a transmissão de informações ou conteúdo, fazendo com que as vivências do inquiridos fossem manifestadas, envolvendo aspectos emocionais fundamentais para compreensão tanto do sujeito entrevistado individualmente, como do contexto em que ele está inserido.

Finalmente, é preciso comentar que devido à identidade social que o profissional do sexo é certamente obrigado a assumir por conta do próprio trabalho é, de praxe comum, tentar seduzir o cliente. É claro que isso faz parte do ofício. Ainda sabendo que não é proposital, em certa ocasião, fui convidado à uma massagem que poderia ter acabado em sexo. Além disso, é de salientar que, depois de realizados os encontros para a pesquisa, um deles convidou o pesquisador para dar um passeio e continuar conversando.

Destaco estas questões apenas para chamar a atenção de que as emoções além de fazerem parte do corpus da investigação, elas estiveram também presentes no processo de geração de dados. Porém, a análise dessas é outra tese.

2.7.4 A PESQUISA EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALVADOR

A segunda área de atuação do estudo foi a cidade de Salvador. Nesta, todas as etapas foram realizadas em língua portuguesa com profissionais do sexo. Da mesma forma, foram cumpridos os procedimentos conforme projeto qualificado. No caso concreto de Salvador participaram também três sujeitos, sem contar a trabalhadora sexual que serviu para aplicar o estudo piloto realizado anteriormente. Infelizmente, uma das participantes não autorizou a publicação de dados por diversas questões justificáveis.

Na cidade de Salvador, os encontros ocorreram nas datas, a seguir: durante o mês de agosto foram realizadas as entrevistas do sujeito¹⁷ que, posteriormente, não autorizou e nos dias 19 e 21¹⁸ de setembro e 7 e 8 de outubro para os dois sujeitos que permitiram a geração e publicação das entrevistas.

No caso da pesquisa no Brasil contamos com um profissional pernambucano e uma garota de programa paraibana que gentilmente se prontificaram a participar do estudo. Ao se tratar de uma investigação com sujeito empírico, ao igual que foi detalhado para as etapas em Granada, comentaremos alguns aspectos relevantes ocorridos no processo em Salvador.

A primeira questão que chamou a nossa atenção em Salvador é a dificuldade que encontramos para determinar um espaço onde as entrevistas acontecessem. Poucos dos sujeitos contatados dispunham de um lugar para os encontros. Em Granada, os seis encontros ocorreram na casa dos profissionais, num quarto que alugavam para realizar os serviços. Já, em Salvador, a experiência foi totalmente diferente. Os encontros aconteceram na casa do pesquisador ou num motel.

Da mesma forma, cabe salientar a considerável relevância que as narrativas tiveram para a pesquisa. Estas suscitaram no falante e no ouvinte diversos estados emocionais, ao relatarem os episódios de violência sofridos, as relações de gênero e aspectos da sexualidade. Foi surpreendente descobrir uma profissional do sexo ter uma atração por uma mulher. Não menos relevante foi a descrição que o profissional realizava das surubas que participou.

Sem sombra de dúvidas, as narrativas têm a característica de sensibilizar ao inquiridor, ao assimilar outras experiências de acordo com as próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas que envolve, igualmente, a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as vivências anteriores de ambos, indo más além da identidade social destinada a cada um deles.

Para concluir, é interessante destacar que as identidades sociais de cada um se misturam de tal forma que ninguém mais sabe quem é quem. Um profissional do sexo vira mais do que isso. O pesquisador começa a compreender que qualquer amigo

¹⁷ Convém não especificar as datas por questões de privacidade e por livre vontade da profissional.

¹⁸ Esse dia não houve um encontro presencial com a trabalhadora sexual por questões de logística e pessoais, mas sim contato on-line que permitiu esclarecer diversos aspectos das duas etapas já realizadas.

poderia exercer a prostituição sem você nem suspeitar. Um pai, uma mãe ou um irmão podem estar vendendo o corpo no silêncio de inúmeras formas. São sujeitos que tem família e amigos, que tem inquietações e problemáticas como qualquer um de nós.

A mágica disso tudo, foi que depois das entrevistas, ambos –inquiridor e inquirido– acabaram em um bar tomando cerveja. O paradoxo é que esse bar da Barra recebe o nome de *bar das putas*.

2.7.5 AS GRAVAÇÕES SECRETAS

Partimos do pressuposto que a geração de dados deveria ser elaborada a partir de gravações secretas. Foi uma escolha metodológica que assumimos do início. Sendo assim, o entrevistador se ambientou, interagiu e fez, de certa forma e na medida das possibilidades, parte do universo emocional de cada indivíduo inquirido para, assim, poder registrar o mais fielmente as amostras de emoções materializadas linguisticamente.

Ao fazer as gravações secretas, isto é, ao não conhecerem os sujeitos que estavam sendo gravados, acreditamos que conseguimos que as emoções aflorassem de forma mais natural e espontânea. O motivo principal desta escolha foi interferir o menos possível no mundo emocional do sujeito e captar um discurso espontâneo, natural e fluente.

Dessa maneira, pensamos que os dados gerados refletiram uma fraseologia emocional que fluiu naturalmente sem a preocupação dos participantes monitorar ou esconder suas emoções, sem intervenção nelas por parte do pesquisador, pois sempre pretendeu-se ser um mero mediador ou ouvinte dessas emoções à flor da pele manifestadas por esses sujeitos, conseguindo, assim, gravar o universo emocional dos colaboradores.

Maiormente, as gravações, como anteriormente descrito, foram na casa dos profissionais ou em lugares íntimos. Antes das entrevistas, comecei a gravar, escondendo o gravador do celular para o inquirido não suspeitar. De fato, nenhum deles soube até que, posteriormente, foi comunicado.

Nalgumas ocasiões a qualidade das gravações obtidas não foi tão boa como esperado. Principalmente, no caso das profissionais do sexo. Felizmente, tal fato não complicou a transcrição especialmente, nem supôs um impedimento, uma vez que esta pesquisa não abordou questões fonéticas ou de variação morfológica –estudos que, sem

dúvida, exigem uma ótima qualidade de gravação—, mas sim, aspectos discursivos, fraseológicos e emocionais.

Toda vez que uma entrevista terminava pagava o serviço conforme acordado previamente e informava os participantes de que tinham sido gravados. Em certa ocasião, na Espanha uma profissional do sexo mexicana não autorizou a exposição de dados e teve que ser substituída por um profissional supostamente colombiano, mas, na verdade, venezuelano. No Brasil, finalmente, como já descrito, uma profissional do sexo cearense se recusou à publicação dos dados e não houve a possibilidade de ser substituída por questões de força maior.

Coerentes com este procedimento de gravações secretas, fizemos, em todo o momento, o que era para ser feito, agindo de forma ética.

Assim, sempre eu fiz, depois de finalizados os encontros, disponibilizei para os sujeitos participantes da pesquisa a audição da gravação para darem o seu consentimento para a publicação dos dados, respeitando, conseqüentemente, o princípio do consentimento informado.

2.7.6 COMITÊ DE ÉTICA: ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS¹⁹

A submissão ao Comitê de Ética é um requisito necessário e imprescindível para poder elaborar e realizar uma pesquisa que envolva sujeitos empíricos no âmbito das ciências naturais, sociais e humanas. Ao ser uma exigência do Programa de Doutorado em Língua e Cultura, iniciou-se o processo em julho de 2018, sob a orientação da profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista. Consideramos relevante ser submetido nesse período, antes do exame de qualificação de tese. Dessa forma, foi realizado.

Infelizmente, no percurso houve alguns percalços por conta da exigência de documentação que não constava nas instruções do site, tais como: os currículos tanto do pesquisador quanto da orientadora, facilmente acessíveis na plataforma Lattes. Tal demanda atrasou a aprovação do projeto vários meses.

Posteriormente, outro inconveniente apareceu no mês de fevereiro de 2019. Dessa vez, o Comitê de Ética requereu modificações no termo de consentimento e solicitou que a contribuição da pesquisa para os estudos em Linguística Aplicada fosse mais explícita. Atendidas as demandas exigidas, finalmente o Comitê de Ética emitiu

¹⁹ Em anexo podem ser consultados os documentos exigidos e submetidos para a apreciação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), assim como a emissão do parecer como aprovado para a realização da pesquisa.

parecer com aprovação no dia 2 de maio de 2019, dando o aval ao projeto por cumprir todas as normas éticas e considerar que os riscos referentes ao possível constrangimento dos sujeitos seriam minimizados ou até sanados.

CAPÍTULO 3 – CONSTRUTO TEÓRICO: A PERSPECTIVA FRASEOLÓGICA E SOCIOLÓGICA

Neste capítulo teórico é abordado o cenário da pesquisa fraseológica no Brasil, com algumas incursões nos estudos fraseológicos espanhóis, com o intuito de apresentar a nossa proposta diante do estudo da arte descrito. A seguir, situamos a fraseologia como área de conhecimento, questionando alguns dos seus parâmetros definidores e classificações consolidadas nesta disciplina para, assim, nos adentrar no campo da sociologia das emoções, propondo uma noção de emoção dentro das perspectivas dessa área e escolhendo a teoria construtivista como coadjuvante na compreensão de diferentes aspectos socioculturais de seis emoções, a saber, vergonha, orgulho, culpa, medo, raiva e nojo. Por fim, apresentamos o deslocamento proposto neste trabalho para os estudos fraseológicos, fundamentado em uma abordagem da teoria construtivista da sociologia das emoções.

3.1 O CENÁRIO DA PESQUISA FRASEOLÓGICA: CONSIDERAÇÕES

3.1.1 APRESENTAÇÃO INICIAL DA PESQUISA BRASILEIRA EM FRASEOLOGIA

Tomando como ponto de partida desta caminhada a situação dos estudos fraseológicos no Brasil e, igualmente, considerando as pesquisas produzidas, de acordo com o banco de teses da Capes²⁰, encontramos que a fraseologia nesse País conta com uma tradição acadêmica de escassos vinte anos e com uma publicação relativamente expressiva de teses na área para o gigante americano de apenas uns dez anos, começando um maior interesse nas publicações e produções nesse âmbito pouco antes da realização do I Congresso Brasileiro de Fraseologia (CBFra) de 2011 em Brasília²¹.

As primeiras teses que abordam questões fraseológicas no Brasil são as seguintes:

a) Cláudia Maria Xatara (1998), intitulada: *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*, em que a autora seleciona oito mil expressões

²⁰ Para maiores informações, pode-se consultar o site: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>.

²¹ Recebeu o nome de II Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia & I Congresso Brasileiro de Fraseologia e foi promovido pelo Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução e o Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília. Ocorreu no período de 13 a 18 de novembro de 2011, abordando o tema: Tendências Atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia.

idiomáticas, realizando um levantamento de quinze mil unidades fraseológicas em dicionários fraseológicos, para a composição de um corpus bilíngue, francês-português, tomando por base “critérios que correspondem justamente aos aspectos morfossintáticos e semânticos das EIS [expressões idiomáticas], ou seja, a dois de seus elementos definidores: lexia complexa e conotação.” (XATARA, 1998, p. 170).

b) Álvaro Alfredo Bragança Junior (1999), cujo título é: *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*, na qual o autor tem por objetivo estudar a produção fraseológica em língua latina da Baixa Idade Média em manuscritos provenientes, em sua maior parte, do mundo germânico durante os séculos XII a XV. Segundo o pesquisador, essa investigação sobre a fraseologia latina medieval é indispensável para um conhecimento bem mais profundo da realidade física, espiritual e material que cercava o homem medieval (BRAGANÇA, 1999).

Dessa forma, as pesquisas de doutorado nesse País no final do século XX iniciam com trabalhos que têm como corpus textos escritos, ou seja, obras lexicográficas, no primeiro caso e filológicas, no segundo. Já no século XXI encontramos um relativo avanço de pesquisas nesse campo de conhecimento em território brasileiro.

No programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP – São José do Rio Preto – foram publicadas sete pesquisas em fraseologia (cf. Riva (2009); Orenha (2009); Rios (2010); Lara (2014); Rocha (2014); Matias (2015) e Fonseca (2017)); sendo até o momento a instituição que conta com mais trabalhos de doutorado na área no País.

A seguir, a UFC é a universidade brasileira que possui – dentro do seu programa de Doutorado em Linguística – cinco teses (cf. Martins (2013)²²; Fernandes (2014)²³; Pinheiro (2015); Carvalho (2016) e Lopes (2016)). Do mesmo modo, nos programas de Linguística e Letras da USP encontramos três (cf. Carnelós (2006); Caramori (2006) – Doutorado em Linguística e Louro (2001) –Doutorado em Letras).

²² A tese do autor intitulada: *Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro* foge dos padrões habituais das pesquisas brasileiras na área por ser de caráter experimental, recorrendo a teorias psicolinguísticas. A referência completa consta no final desta tese.

²³ Embora sabendo que a Paremiologia é considerada por diversos teóricos uma área de conhecimento à parte, ao se tratar de estruturas fixas, decidimos incluir na contagem do programa de pós-graduação a tese de Fernandes (2014), cujo título é: *Mínimo paremiológico brasileiro: fundamentos teórico-metodológicos*. A referência completa consta no final desta tese.

Nesta relação de estudos não devemos esquecer o Programa em Estudos da Tradução da UFSC com duas pesquisas (cf. Budny (2015); Ortigoza (2016)); nem as duas teses de doutorado publicadas no Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS (cf. Santiago (2013); Termignoni (2015)).

De forma análoga, outros programas de Doutorado em Letras, tais como: o da UNESP – Assis; UNESP – Araraquara; o da UFSM; o da UFF; o da UFRJ e o da UEM contam com uma tese em fraseologia cada um deles (cf. Roncolato (2001); Xatara (1998); Vargas (2011); Pedro (2006); Bragança (1999) e Callefi (2018)²⁴, respectivamente).

Por fim, há mais duas pesquisas na área: uma recente dentro do programa de Pós-graduação em Letras: Linguística e Teoria Literária da UFPA (Salvador (2017)); e uma das primeiras e antigas publicada no âmbito do Doutorado em Linguística Aplicada na UNICAMP (Ortiz, 2000).

Diante do exposto, podemos destacar que para a UFBA e o Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) esta é a primeira tese publicada na instituição no âmbito dos estudos fraseológicos. Tal fato é motivo de orgulho para o seu autor e um estímulo para estabelecer uma via diferente e complementar nas discussões, desenhos metodológicos e contribuições epistêmicas da fraseologia no Brasil.

3.1.2 AS PERSPECTIVAS E TEMÁTICAS FRASEOLÓGICAS RECORRENTES NAS TESES BRASILEIRAS

De qualquer forma e aprofundando o exame das pesquisas fraseológicas brasileiras, pudemos constatar que muitas das teses foram desenvolvidas sob uma *perspectiva lexicográfica* –na área de *fraseografia*– (cf. Riva (2009); Pinheiro (2015); Ortigoza (2016); Budny (2015); Carvalho (2016) e Salvador (2017)), baseadas em corpus escritos já predeterminados de fraseologismos.

Neste sentido, no *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*, Riva (2009) constitui um trabalho de cunho essencialmente lexicográfico, com o fim de propor um modelo de dicionário de expressões idiomáticas do português brasileiro, sob um viés onomasiológico. O objetivo desta pesquisa é “elaborar uma obra lexicográfica especial dos idiomatismos mais

²⁴ Cabe salientar que a tese de Fernanda Callefi, intitulada: *Energias renováveis: dicionário terminológico da energia hidráulica em português brasileiro e seus aspectos fraseotermológicos* aborda uma fraseologia mais especializada e, por isso, a autora emprega o termo fraseotermologia.

frequentes em nosso país.” (RIVA, 2009, p.12). Além disso, o lexicógrafo oferece um glossário na ordem alfabética como índice remissivo dos componentes léxicos.

A tese de Pinheiro (2015)²⁵ apresenta uma lista de 517 pragmatemas e tem como prioridade estabelecer as bases teóricas para a elaboração de um dicionário eletrônico por meio de um levantamento dessas unidades presentes em obras gerais da fraseologia brasileira e em interações comunicativas de corpora orais disponíveis na Internet para a sua categorização e descrição. De acordo com sua autora, o propósito é realizar “a descrição e a classificação das unidades fraseológicas que se constituem como pragmatemas do português brasileiro, com vistas ao estabelecimento das bases teórico-metodológicas para posterior elaboração de um dicionário.” (PINHEIRO, 2015, p. 21).

Ortigoza (2016), no seu trabalho: *Unidades fraseológicas da variante cubana do castelhano: registros e análises*, propõe a elaboração de um dicionário fraseológico do espanhol cubano, com base nos estudos da Fraseografia, analisando 483 unidades fraseológicas presentes no dicionário de autor de Santiesteban (1985, *apud* Ortigoza, 2016), intitulado *El habla popular cubana de hoy*. Conforme o autor, a pesquisa busca ser um “instrumento de consulta para pesquisadores da área da Lexicografia, da Tradução, da Fraseologia e da Fraseografia.” (ORTIGOZA, 2016, p. 368).

Já Budny (2015, p. 6)²⁶ presumivelmente parte do pressuposto “que a fraseologia é um aspecto cultural emblemático e recorrente nas línguas, por isso está no dia-a-dia na “boca do povo”, motivo pelo qual precisa ser dicionarizada”. Na sua pesquisa, a autora analisa 152 expressões num glossário de 70 páginas e as define conforme os dicionários. A prioridade desta tese é “localizar, identificar e comparar o modo como dicionários (monolíngues e bilíngues) e livros didáticos tratam as unidades fraseológicas com zoônimos.” (BUDNY, 2015, p. 199).

Na tese: *Expressões idiomáticas em dicionários escolares de língua portuguesa*, Carvalho (2016) seleciona três dicionários recomendados pelo PNLD/2012 ao Ensino Fundamental II para a composição do corpus. Esta pesquisa de caráter descritivo – como as anteriores – pretende verificar nos dicionários a presença das expressões idiomáticas e analisar as suas características e o seu tratamento. Uma das conclusões que extrai a autora aponta para a grande quantidade de fraseologismos encontrada nos

²⁵ Título da tese: *Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização; com base em um corpus jornalístico*. A referência completa consta no final desta tese.

²⁶ Título da tese: *Unidades Fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues (português-inglês) e em livros didáticos do PNLD*. A referência completa consta no final desta tese.

dicionários escolares, o que demonstra, segundo ela, que a linguagem popular/coloquial, antes desprezada, figura nos materiais. Porém, a sua reivindicação é tornar necessário que essas expressões recebam um tratamento didático sistemático que facilite a sua identificação.

Por sua vez, Salvador (2017)²⁷ tem o intuito de identificar, descrever e analisar em textos escritos da seção *Caderno de Esporte* de cinco jornais brasileiros²⁸, a fraseologia inventariada no universo futebolístico das séries B, C e D do Campeonato Brasileiro. O trabalho apresenta 1.318 unidades fraseológicas e os dados obtidos revelam uma considerável presença de fraseologias nos textos investigados. A tese é dividida em dois volumes, o primeiro apresenta o construto teórico e metodológico e o segundo, um dicionário fraseológico em ordem alfabética acerca de expressões do universo do futebol.

De modo análogo, foram encontrados outros exemplos de teses sobre fraseologia e tradução, imersos numa perspectiva também lexicográfica, especificamente, de caráter contrastivo ao tratar de duas ou mais línguas ou variantes nacionais idealizadas de uma mesma língua, sob um viés positivista e estruturalista, fundamentadas em corpus escritos. Além da tese de Xatara (1998), os seguintes trabalhos abraçam essa tendência fraseográfica contrastiva (cf. Termignoni (2015); Caramori (2006); Rocolatto (2001); Rios (2010); Ortiz (2000)):

Esse viés pode se encontrar na tese de Termignoni²⁹ (2015), na qual se afirma que sua pesquisa se insere no âmbito de duas vertentes da fraseologia contrastiva: a fraseografia bilíngue e a fraseodidática. A autora aborda os três principais e exclusivos campos de pesquisa para a área no Brasil, como podemos observar nesta seção, a saber, a elaboração de dicionários, a comparação de línguas e a didática relacionada com a fraseologia.

Não é de estranhar, portanto, que no primeiro capítulo do seu trabalho, a fraseóloga aborde as quatro áreas nas quais se enquadra essa investigação: lexicografia, fraseologia comparativa, fraseografia e fraseodidática (Termignoni, 2015). De acordo com a autora da tese: “o objetivo dessa pesquisa é construir um modelo de um

²⁷ Título da tese: *Estudo da fraseologia do futebol brasileiro das séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico*. A referência completa consta no final desta tese.

²⁸ O corpus da autora são os seguintes jornais: *Amazônia Jornal/Belém*, *Daqui/Goiânia*, *Diário Gaúcho/Porto Alegre*, *Massa/Salvador* e *Meia Hora de Notícias/Rio de Janeiro*. A referência completa consta no final desta tese.

²⁹ Título da tese: *Bases teórico-metodológicas para um hiperdicionário semibilíngue de expressões idiomáticas italiano-português em meio a um AVA*. A referência completa consta no final desta tese.

hiperdicionário semibilíngue de expressões idiomáticas português-italiano com o intuito de o aprendiz compreender esses fraseologismos em textos jornalísticos.” (TERMIGNONI, 2015, p. 407). O corpus parte dos jornais italianos *Il Corriere della Sera* e *La Repubblica*, extraíndo dados linguísticos da Web como se fosse um grande corpus, com o fim de contribuir para os estudos de fraseografia contrastiva e de fraseodidática do italiano e do português.

Outro trabalho contrastivo para a língua italiana é o de Caramori (2006), cujo título é: *expressões idiomáticas em Rodari: subsídios para a elaboração de um dicionário bilíngue (italiano - português)*, inserido, segundo a autora, nas áreas da Lexicografia e Estudos da Tradução, abordando unidades fraseológicas em obras do autor italiano Gianni Rodari, a fim de encontrar expressões equivalentes em português extraídas, por sua vez, de textos em prosa de autores brasileiros. A pesquisadora afirma que o objetivo foi coletar subsídios para a elaboração de um dicionário bilíngue (italiano-português) de expressões idiomáticas que contribua para o ensino e aprendizagem do italiano e o português.

Além de detectarmos essas duas obras que abordam o contraste português-italiano, encontramos mais três trabalhos para o par português-espanhol. O primeiro deles é o do Rocolatto (2001), intitulado, *expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia: análise, classificação e equivalência*, e em que a diferença da tese monolíngue de Ortigoza (2016) para o castelhano cubano, a autora propõe um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o espanhol colombiano. Nessa perspectiva de descrição fraseográfica bilíngue existe a tese de Rios (2010)³⁰ que compara um conjunto de 277 idiomatismos nominais em português do Brasil em contraste com o espanhol peninsular. Observando o trabalho, podemos ver que o primeiro capítulo se destina à fundamentação teórica da fraseologia e da fraseografia, enquanto o seguinte se dedica à contribuição da linguística de corpus para a descrição fraseográfica dos idiomatismos. Ainda realizando uma amostra de dicionário semasiológico em ordem alfabética, extraída de jornais on-line, a própria autora afirma que se esforçou para atender aos postulados da fraseografia e, ao mesmo tempo, tentou não desprezar as particularidades das expressões, “que nem sempre se deixam classificar e descrever de maneira cartesiana.” (RIOS, 2010, 220). De igual maneira,

³⁰ Título da tese: *A descrição de idiomatismos nominais: proposta fraseográfica português-espanhol*. A referência completa consta no final desta tese.

aponta para “a necessidade de revisão das marcas de registro, incluindo pesquisas de campo e corpora orais.” (RIOS, 2010, p. 223).

Concordamos plenamente com a autora, visto que somos cientes da necessidade de realizar trabalhos fraseológicos que não se reduzam a uma mera descrição cartesiana e que levem em conta pesquisas de campo com sujeitos que possam produzir os seus próprios corpora orais, como o realizado nesta pesquisa.

É de salientar que todas estas pesquisas continuam um mesmo percurso epistemológico com foco na descrição fraseográfica bilíngue para o ensino –ou a tradução– das unidades fraseológicas. Uns dos primeiros trabalhos nesse viés foi o de Ortiz (2000)³¹, em que a autora analisou uma amostra de expressões, extraídas de obras fraseográficas, sob um enfoque léxico-morfossintático-semântico, a fim de estabelecer uma tipologia e poder encontrar equivalentes na outra língua. A autora ressalta que os dicionários fraseológicos, em geral, prestam mais atenção à macroestrutura, isto é, ao aspecto quantitativo e “não dão a devida informação do seu uso na prática cotidiana, das situações onde é utilizada a frase registrada.” (ibidem, 2000, p. 274). Ademais, ela aponta que não entende como nesse tempo, passados cinquenta anos dos primeiros estudos fraseológicos no mundo, são discutidas ainda questões referentes ao objeto de estudo da disciplina, “às características essenciais das unidades fraseológicas, à inclusão dos provérbios e refrões dentro da fraseologia, à abundância de termos para se referir às expressões idiomáticas.” (ORTIZ, 2000, p. 269).

De modo análogo, é destacável a estranheza vinte anos atrás de Ortiz (2000) ao afirmar que não parecia compreensível que se continuasse realizando pesquisas que colocassem em dúvida o objeto de estudo, que insistissem na classificação das unidades fraseológicas e/ou na grande confusão/diversidade de nomeação dessas. Assim sendo, vinte anos depois também consideramos estranho que a fraseologia continue sendo basicamente uma fraseografia monolíngue ou plurilíngue com possíveis fins tradutórios ou didáticos, como pudemos constatar nas propostas dos trabalhos apresentados, a exceção da tese de fraseologia medieval de Bragança (1999) por seu teor filológico.

Já no início do século XXI, Corpas (2001, p. 25-26) destacava o avanço integrador da década de noventa nos estudos fraseológicos, tradicionalmente de caráter parcial ao tratarem apenas de determinados tipos de unidades fraseológicas. A mesma

³¹ Título da tese: *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. A referência completa consta no final desta tese.

autora (2001, p. 37) apontava que temáticas tradicionais de pesquisa como “a delimitação da disciplina ou a classificação de unidades fraseológicas começa(va)m a perder o favor que gozavam no passado³².” Contudo, ainda assim, há autores ou concepções restritas que defendem que a fraseologia se reduz praticamente às locuções, nos mesmos moldes propostos por Zuluaga (1980)³³.

Sendo assim, a pesquisadora espanhola reconhece que a última década do século XX foi muito produtiva na Espanha e no mundo. Devemos destacar que no Brasil essa produtividade começa mais para o século XXI. Já no início deste século, a fraseografia e a fraseodidática tinham no âmbito mundial uma especial relevância (cf. DeCarrico, 1988; Lorenz-Bourjot y Lüger, 2001; Penadés, 1999; Wotjak, 1998 *apud* Corpas, 2001, p. 37), assim como a comparação interlinguística paulatinamente ia ganhando espaço na perspectiva contrastiva e tradutológica (cf. Corpas, 2000a y b; Higi-Wydler, 1989; Labno Falecka, 1995; Roberts, 1998; Sabban, 1999; Segura García, 1998; Zuluaga, 2000-2001 *apud* Corpas, 2001, p. 37).

Diante do exposto, portanto, parece que pouco avançamos nas epistemologias nesses últimos vinte ou trinta anos. Porém, é de destacar que as metodologias se diversificaram graças às tecnologias e à linguística de corpus. De qualquer forma, continuemos abordando outras teses no Brasil com o intuito de encontrar outras abordagens nos trabalhos publicados neste País.

Voltando novamente à perspectiva fraseográfica, maiormente dominante nos estudos fraseológicos como anteriormente constatado, existem mais dois trabalhos contrastivos de fraseologia especializada: um trilingue (cf. Carnelós (2006)) e outro comparativo de duas variedades do português (cf. Lara (2014)).

Por uma parte, Carnelós (2006)³⁴ propõe um estudo contrastivo da fraseologia presente em textos jurídicos redigidos em português, francês e italiano, apresentando uma reflexão sobre a tradução das unidades fraseológicas no âmbito da tradução juramentada com o intuito de elaborar um vocabulário fraseológico jurídico trilingue. A pesquisadora parte de um corpus constituído de atas de assembleias, contratos

³² Tradução nossa do original: la delimitación de la disciplina o la clasificación de unidades fraseológicas empiezan a perder el favor del que gozaran en el pasado.

³³ Essa afirmação se fundamenta em que, ao tomar Casares (1992 [1950]) como base para sua classificação, Zuluaga (1980), embora tratando os enunciados (fórmulas, ditos ou clichês), esquece as colocações.

³⁴ Título da tese: *Estudo contrastivo da fraseologia presente em documentos redigidos em português, francês e italiano: implicações na tradução juramentada e proposta de vocabulário fraseológico jurídico trilingue*. A referência completa consta no final desta tese.

comerciais, contratos sociais, estatutos e procurações, redigidos originalmente nos três idiomas, e de outro constituído de traduções juramentadas para observar os processos tradutórios das unidades fraseológicas representativas da linguagem jurídica, principalmente colocações da língua-fonte na língua-meta.

Já Lara (2014)³⁵ apresenta brevemente a linguística de corpus e traça os caminhos para a constituição dos dois corpora textuais da Culinária, compostos de receitas culinárias e técnicas de preparo, os quais serviram para o levantamento da terminologia. O objetivo é analisar e organizar os dados para no sétimo capítulo apresentar um projeto de Dicionário Fraseológico Contrastivo de Culinária: Português Brasileiro - Português Europeu.

A pretensão de ambos os estudos consiste na realização de um dicionário fraseotermológico de linguagem jurídica, no primeiro caso, e de terminologia culinária, no segundo. Nesse viés encontramos a tese de Orenha (2009), cujo título é: *Unidades Fraseológicas especializadas: colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não-juramentado*. Na mesma linha de Carnelós (2006), esta pesquisa realiza um estudo a respeito dos termos, colocações e colocações especializadas estendidas presentes em contratos sociais e estatutos sociais como os corpora do estudo. De modo análogo, a autora observa também as semelhanças e diferenças nos corpora de traduções jurídicas e juramentadas. A investigação fundamenta-se nos estudos da tradução baseados em corpus, da linguística de corpus e da fraseologia.

Com relação às investigações que versem sobre um tipo de unidade fraseológica, ademais da citada pesquisa de pragmatemas de Pinheiro (2015), encontramos duas teses, cujo objeto de estudo é a colocação (cf. Louro (2001); Lopes (2016), tipologia fraseológica abordada também por Carnelós (2006) e Orenha (2009).

Lopes (2016) na sua tese: *Colocações do português brasileiro: tipologia, categorização e construção de uma base de dados*, sustenta que se trata de um trabalho descritivo que consiste em construir um banco de dados das colocações do português brasileiro. Para tanto, a autora coleta ocorrências de colocações já listadas tanto em material impresso (inventários de *colocações* existentes na literatura da área, dicionários), quanto na internet.

³⁵ Título da tese: *Varição das unidades fraseotermológicas da culinária entre português brasileiro e português europeu*. A referência completa consta no final desta tese.

Já a pesquisadora Louro (2001) aborda estas unidades fraseológicas desde outra perspectiva e em sua tese: *Enxergando as colocações: para ajudar a vencer o medo de um texto autêntico*, a autora realiza um experimento numa sala de língua inglesa para brasileiros. O corpus consiste em textos autênticos com colocações referenciais. As conclusões que se extraem desta experiência é uma melhoria na produção de texto escrito por parte dos discentes, talvez por propiciar uma maior conscientização de um léxico mais complexo. Em palavras textuais: “o experimento demonstrou que o conhecimento das colocações denominadoras reduz o medo, mas por si só, não garante a leitura do texto autêntico, o que faz crer deva haver outros fatores envolvidos na leitura.” (LOURO, 2001, p. 148).

Ademais, nos últimos tempos, observa-se no Brasil o surgimento e crescimento de uma corrente dentro da fraseologia, a fraseodidática ((cf. Santiago (2013); Rocha (2014); Matias (2015); Fonseca (2017)) que vincula diversas questões fraseológicas – quase exclusivamente fraseográficas– com *o ensino e aprendizagem de línguas*. Produto desta tendência dentro da área da fraseologia são as seguintes teses que continuam baseadas como todas as supracitadas no modelo de língua ideal ou pura, com suporte escrito.

Santiago (2013)³⁶ escreve uma tese que objetiva descrever a constituição e o papel de unidades fraseológicas presentes em tutoriais de ambientes virtuais de aprendizagem da Educação a Distância. O corpus desta pesquisa é constituído de tutoriais de ambientes virtuais de aprendizagem. O objetivo consistiu em identificar e descrever os padrões lexicais, gramaticais e linguísticos dos dados para, assim, armazenar as informações em fichas elaboradas em uma base de dados construída no programa Microsoft Access 2010.

Rocha (2014)³⁷, imersa na fraseografia como a maior parte dos trabalhos, propõe elaborar um repertório semibilíngue com finalidade pedagógica de somatismos do português brasileiro, indicando seus equivalentes no espanhol da variante argentina, com base nos pressupostos da fraseologia e da lexicografia. Os exemplos apresentados foram retirados das páginas web, porque segundo ela, a internet é a principal fonte de onde emanam as manifestações linguísticas da linguagem cotidiana. Esta tese, sem

³⁶ Título da tese: *Unidades Fraseológicas especializadas em tutoriais de ambientes virtuais de aprendizagem: proposta de um sistema classificatório com base na valência verbal*. A referência completa consta no final desta tese.

³⁷ Título da tese: *A elaboração de um repertório semibilíngue de somatismos fraseológicos do português brasileiro para aprendizes argentinos*. A referência completa consta no final desta tese.

dúvida, traz uma reflexão interessante quando a pesquisadora afirma: “a maior parte deles apresentava-se em desacordo com a norma culta, o que nos motivou a corrigi-los, quando necessário, para sua proposição nos verbetes.” (ROCHA, 2014, p. 156).

Logicamente, este trabalho está imerso na lexicografia clássica, melhor dizendo, infelizmente na fraseografia atual que prioriza um ideal de língua pura e correta. Daí que Rocha (2014) afirme que corrigiu os fraseologismos das páginas web e os adotou à norma culta para poder mostrar o seu inventário léxico. Parece incrível que, havendo certa tradição neste País de estudos em variação linguística horizontal e vertical – dialetologia e sociolinguística– as pesquisas em fraseologia fujam, por enquanto, dessas possibilidades.

Do mesmo modo, Matias (2015), na sua tese: *Tratamento didático de expressões idiomáticas de língua portuguesa no ensino fundamental II: fundamentos e propostas*; desconsidera outros caminhos e vias de abordagem em fraseologia ao extrair as expressões idiomáticas de um corpus organizado com base em textos do material didático, adotado em escolas da rede municipal de São José do Rio Preto. Conforme a autora, a “pesquisa insere-se na linha de Lexicologia e Lexicografia, especificamente na Fraseodidática.” (MATIAS, 2015, p. 176).

Por fim, Fonseca (2017)³⁸, tem em vista a elaboração de materiais didáticos. Na sua tese elabora um percurso teórico entre fraseologia, fraseografia e fraseodidática para desembocar na criação de um dicionário eletrônico alimentado por um banco de dados Access (Microsoft, 2016) de 728 fraseologismos zoônimos. No ato da consulta, os fraseologismos podem ser procurados de forma semasiológica ou onomasiológica.

É curiosa a perspectiva tradicional que tanto Fonseca (2017) quanto Rocha (2014) mantêm na concepção do seu trabalho fraseodidático de agrupar os fraseologismos –lexias complexas– por campos semânticos de lexias simples, a saber, em animais– zoônimos, no primeiro caso; e partes do corpo– somatismos, no segundo. Em trabalhos anteriores (Salcedo, 2017) já tínhamos questionado este posicionamento. Primeiramente, devemos destacar que não é uma classificação semântica válida que facilite os contextos de uso para os fraseologismos e, segundo, que esta pode incorrer em erros de seleção que podem acontecer previsivelmente com diversas unidades

³⁸ Título da tese: *Ensino e aprendizagem de fraseologismos zoônimos: proposta de interface web e dicionário bilíngue português e francês*. A referência completa consta no final desta tese.

fraseológicas, tais como: *pagar o pato*, quem nada tem a ver na sua origem com o animal pato, pelo que não deveria ser considerada um zoônimo.

Nesse sentido, e imersos noutra viés fraseodidático, em consonância com Baptista (2012, p. 45), defendemos que os fraseologismos devem estar articulados “com as funções e finalidades específicas na comunicação [...] o que tornaria possível sua inserção de forma contextualizada, compatível com uma abordagem comunicativa no e para o ensino.”

Infelizmente, a mais recente tese publicada na área, intitulada: *Energias renováveis: dicionário terminológico da energia hidráulica em português brasileiro e seus aspectos fraseotermológicos*, não oferece um panorama muito alentador para iniciar um caminho a outras epistemes. Sob uma perspectiva terminológica (cf. Carnelós (2006) e Orenha (2009); Lara (2014)), a tese de Caleffi (2018) classifica termos identificados em cento e cinquenta e três textos relacionados à subárea de hidráulica, levantando quatrocentos e setenta e um, que foram compilados através do programa Unitex. A pesquisa estabelece parâmetros para a análise das unidades terminológicas especializadas encontradas no corpus da subárea em questão, uma vez que as unidades fraseotermológicas com sintagmas nominais foram as mais recorrentes. O propósito do trabalho foi proporcionar “uma base teórica que possa auxiliar a Terminologia no que concerne à fraseologia.” (CALEFFI, 2018, p. 342).

Portanto, a fim de poder visualizar a situação das pesquisas fraseológicas, apresentamos o seguinte quadro, baseado nas teses publicadas no Brasil até o ano 2019.

Quadro 4 – Relação de teses brasileiras na área de fraseologia

TESES PUBLICADAS NO BRASIL ³⁹		
FRASEOGRAFIA ⁴⁰	CONTRASTIVA	FRASEODIDÁTICA
Xatara (1998); Rocolatto (2001); Caramori (2006); Carnelós (2006); Riva (2009); Orenha (2009); Rios (2010); Lara (2014); Rocha (2014); Budny (2015); Matias (2015); Pinheiro (2015); Termignoni (2015); Carvalho (2016); Lopes (2016); Ortigoza (2016); Fonseca (2017); Salvador (2017); Caleffi (2018)	Xatara (1998) Ortiz (2000) Caramori (2006) Carnelós (2006) Orenha (2009) Rios (2010) Lara (2014) Termignoni (2015)	Ortiz (2000) Louro (2001) Santiago (2013) Rocha (2014) Matias (2015) Termignoni (2015) Carvalho (2016) Fonseca (2017)

Fonte: elaboração própria do autor

Da análise do quadro se desprende que as teses brasileiras mencionadas na área de fraseologia podem se encaixar facilmente num ou mais destes três campos de conhecimento exclusivamente linguísticos, a exceção da tese de fraseologia medieval de Bragança (1999) por seu teor filológico e, de certa forma, a de Martins (2013) por seu caráter experimental. Todas elas estão constituídas sob um entendimento da linguística de viés positivista e estruturalista, priorizando estudos de corte quantitativo ((cf. Riva (2009); Rios (2010); Budny (2015); Pinheiro (2015); Ortigoza (2016); Fonseca (2017); Salvador (2017), dentre outros.)

Das vinte e três teses publicadas e analisadas, dezenove delas estão inseridas na linguística descritiva –lexicografia, concretamente, na fraseografia–, o que representa que mais de um oitenta por cento dos trabalhos têm como objetivo a análise ou criação de um dicionário fraseológico. Além disso, podemos observar que mais ou menos um trinta e cinco por cento das pesquisas até o momento envolve estudos contrastivos entre duas ou mais línguas ou variantes, fomentando as pesquisas na área de tradução. Finalmente, outro trinta e cinco se insere no campo da fraseodidática, tratando questões de ensino e aprendizagem de línguas.

³⁹ Fonte extraída do site: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em: 20/03/2020.

⁴⁰ Cabe lembrar que Carnelós (2006); Orenha (2009); Lara (2014) e Caleffi (2018) elaboram uma fraseografia terminológica ou fraseoterminologia.

Do mesmo modo, cabe salientar que há vários trabalhos que envolvem as áreas de fraseografia e tradução, tais como os de Xatara (1998); Caramori (2006); Carnelós (2006); Orenha (2009); Rios (2010) e Lara (2014). Já Ortiz (2000) aborda tradução e fraseodidática. Ademais, no viés da fraseografia e a fraseodidática encontramos as teses de Rocha (2014); Matias (2015); Carvalho (2016) e Fonseca (2017). Por fim, o estudo de Termignoni (2015) poderia ser englobado no tripé: fraseografia–tradução–fraseodidática.

Em síntese, a grande maioria dos trabalhos brasileiros mencionados destacam por seu teor fraseográfico, sublinhando que a metade deles objetivam bem fins contrastivos, auxiliando aos estudos de tradução, bem propósitos didáticos, se inserindo na fraseografia.

3.1.3 AS PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS BRASILEIROS ELENCADOS COM OS ESPANHÓIS

Depois que resenhado e discutido o panorama fraseológico brasileiro no que a teses se refere, nos ocorreu se na Espanha o cenário seria diferente ou similar. Assim, com o intuito de descobrir como é a pesquisa fraseológica do outro lado do atlântico, procuramos no banco de tese de doutorado Teseo⁴¹, no qual encontramos por volta de quarenta teses, começando a produtividade dos trabalhos na área na década de 90.

Um dos trabalhos conceituados e pioneiros em fraseologia na Espanha é a tese de Corpas (1995), intitulada: *Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español*⁴², que estuda o sistema fraseológico completo das duas línguas, inglês e espanhol e que tem como resultado estabelecer uma classificação geral das unidades fraseológicas, divididas em três esferas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos), com base na grande similaridade entre ambos os sistemas linguísticos.

Outra pesquisa na área também de especial relevância foi a de Gurillo (1995), cujo título é: *El español coloquial y su fraseología: los sintagmas prepositivos fraseológicos y su incidencia funcional*, em que a autora propõe uma análise tanto formal quanto funcional dos sintagmas prepositivos no registo coloquial, tomando como base um corpus oral dado.

⁴¹ Para maiores informações, pode consultar o site: <https://www.educacion.gob.es/teseo/listarBusqueda.do>

⁴² Dessa tese derivou um clássico referente dos estudos fraseológicos: *Manual de Fraseología Española* (1996). A referência completa consta no final desta tese.

Aprofundando mais um pouco, resolvemos dar uma olhada por cima nas teses publicadas na Espanha e observamos, do mesmo modo, trabalhos em fraseologia contrastiva (cf. Roig (2001); Quiroga (2004); Monje (2004); Zorrilla (2005); Molina (2006); Escobar (2008); Vives (2011); Wu (2014); Xiao (2016); Nogueira (2017)), cujos corpora, em alguns casos, são extraídos de obras literárias (cf. Roig (2001); Monje (2004); Escobar (2008); Nogueira (2017)); em outros, provém de obras lexicográficas (cf. Molina (2006); Vives (2011); Wu (2014); Xiao (2016)).

Como era de esperar também encontramos diversas pesquisas na área da lexicografia, concretamente, no campo da fraseografia (cf. Olímpio (2004); Molina (2006); Scandola (2006); Vives (2011); Rayyan (2014); Rodríguez (2019))

Ademais, como não poderia ser de outra forma, para completar o tripé; tradução–fraseografia–fraseodidática⁴³, encontramos diversas teses, sobretudo, nos últimos anos acerca do ensino e aprendizagem de estas unidades (cf. Molina (2006); Arnaiz (2015); Strohschen (2016); Achdachay (2017); Liao (2018))

A título de curiosidade, cabe destacar que existe uma tese em filologia medieval como a brasileira de Bragança (1999), do autor Porcel (2015), cujo título é: *Variación y fijeza en la fraseología castellana medieval. Locuciones prepositivas complejas en la literatura sapiencial castellana (siglos XIII-XV)*. Analogamente, observamos três teses publicadas em Espanha (cf. Velasco (2005)⁴⁴; Wu (2014); Gan (2018)⁴⁵) com temática similar à de Fonseca (2017), isto é, *zoónimos*; e, ainda mais duas (cf. Monje (2004)⁴⁶; Arnaiz (2015)⁴⁷), que recorrem ao tema da tese de Rocha (2014), a saber, *somatismos*.

Diante do exposto, depois de apresentado este percurso pelas teses publicadas na Espanha, podemos afirmar que há algumas diferenças entre os estudos fraseológicos

⁴³ No termo tradução englobamos todos os trabalhos que envolvem duas ou mais línguas ou variantes, sob o olhar da linguística contrastiva. Entendemos por fraseografia, a lexicografia da fraseologia, isto é, uma disciplina que elabora e coloca em prática o tratamento dos fraseologismos nos dicionários gerais ou fraseológicos. Finalmente, fraseodidática é a matéria que aborda questões de ensino e aprendizagem das unidades fraseológicas.

⁴⁴ Título da tese que envolve a língua russa: *Unidades fraseológicas deanimalísticas antropocéntricas en la fraseología rusa (una aproximación al análisis sistémico)*. A referência completa consta no final desta tese.

⁴⁵ Títulos das teses que envolvem a língua chinesa e a espanhola: *La fraseología en chino y en español: caracterización y clasificación de las unidades fraseológicas y simbología de los zoónimos. Un estudio contrastivo* (Wu, 2014) e *Los zoónimos en la fraseología española y en los chengyu en chino: una aproximación experimental y contrastiva* (Gan, 2018) (grifos nossos). A referência completa consta no final desta tese.

⁴⁶ Título da tese que envolve as línguas russa e espanhola: *Fraseología contrastiva ruso española. Análisis de un corpus bilingüe de somatismos* (grifo nosso). A referência completa consta no final desta tese.

⁴⁷ Título da tese: *La fraseología del español: una propuesta de didactización para la clase de ELE basada en los somatismos* (grifo nosso). A referência completa consta no final desta tese.

brasileiros e espanhóis. Basicamente, a tradição neste país é mais prolífica do que no Brasil, pois contamos com o dobro de trabalhos de teses para uma nação que possui menos instituições superiores de ensino e uma população menor. Da mesma forma, destacamos que a publicação de teses na área começa no país europeu na década de 90, alguns anos antes do que no Brasil.

Contudo, as temáticas e as perspectivas, salvando às distâncias, são tão parecidas que tomamos como nossas as palavras da tese de Quiroga (2004, p. 5):

A novidade reside principalmente na articulação de pesquisas lexicográficas, de tradução e de ensino de segundas línguas sobre o mesmo fenômeno linguístico que é a fraseologia. Bem, é sobre três campos tão mutuamente relacionados que cada um representa a base indispensável para o desenvolvimento conjunto de disciplinas vizinhas: assim, na preparação de dicionários bilíngues, os lexicógrafos usam a tradução, o processo de tradução utiliza a consulta de repertórios bilíngues e monolíngues como ferramenta básica e, na aprendizagem de segundos idiomas, trabalhos e tradução lexicográficos representam um papel importante⁴⁸.

Sendo assim, em 2004 poderia ser até uma novidade, mas devemos ser conscientes que já transcorreram mais de quinze anos e que os estudos fraseológicos parecem que continuam presos nessas áreas de pesquisa, como se tivessem estagnado ou reproduzindo constantemente modelos. Todos os trabalhos de tese pesquisados articulam os seguintes campos de conhecimento na fraseologia: a lexicografia, a tradução e o ensino de línguas. Às vezes, apenas um destes campos, outras abrangem dois ou três deles.

3.1.4 O PANORAMA RECENTE DOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS BRASILEIROS E ESPANHÓIS

Antes de apresentar as nossas considerações, é necessário e pertinente realizar um breve apanhado dos trabalhos publicados nestes cinco últimos anos para poder visualizar claramente o panorama atual da fraseologia brasileira, elencando com as teses do outro lado do atlântico.

⁴⁸ Tradução nossa do original: La novedad reside principalmente en la articulación de las investigaciones lexicográficas, traductológicas y de enseñanza de segundas lenguas sobre un mismo fenómeno lingüístico como es la fraseología. Pues se trata de tres campos tan mutuamente relacionados que cada uno de ellos representa la base indispensable para el desarrollo conjunto de las disciplinas vecinas: así, en la elaboración de los diccionarios bilingües, los lexicógrafos se sirven de la traducción, el proceso traductor utiliza como herramienta básica la consulta de los repertorios bilingües y monolingües, y en el aprendizaje de segundas lenguas, las obras lexicográficas y la traducción representan un papel importante.

Nestes últimos cinco anos encontramos seis teses brasileiras dos seguintes autores:

a) Carvalho (2016) realizou um levantamento das expressões idiomáticas em três dicionários escolares de língua portuguesa.

b) Lopes (2016) construiu uma base de dados de colocações do português brasileiro.

c) Ortigoza (2016) propôs a elaboração de um dicionário fraseológico do espanhol cubano, analisando 483 unidades fraseológicas presentes no dicionário de Santiesteban.

d) Fonseca (2017) elaborou um dicionário eletrônico alimentado por um banco de dados de 728 fraseologismos zoônimos.

e) Salvador (2017) criou um dicionário de 1.318 fraseologismos provenientes do futebol, extraídos de jornais digitais.

f) Caleffi (2018) classificou unidades terminológicas identificadas em cento e cinquenta e três textos relacionados à subárea de hidráulica, compilando quatrocentos e setenta e um fraseologismos terminológicos.

Já nos últimos cinco anos se publicaram as seguintes sete teses espanholas:

a) Xiao (2016) analisou 1.038 unidades fraseológicas metafóricas do espanhol e chinês, extraídas de um banco de dados.

b) Strohschen (2016) apresentou uma análise de oito manuais de alemão como L2 para observar como são tratados os conteúdos fraseológicos.

c) Nogueira (2017) realizou um levantamento de unidades fraseológicas em espanhol dos sete primeiros romances literários de Carlos Ruiz Zafón, a fim de abordar o processo de tradução e o tratamento delas nas mesmas obras traduzidas para o português.

d) Achdachay (2017) observou 130 manuais de ELE utilizados nos Marrocos com o objetivo de realizar um levantamento e observar qual é o tratamento dado à fraseologia nesses livros didáticos.

e) Gan (2018) ofereceu um estudo contrastivo de zoônimos em espanhol e chinês, consultando sete dicionários em ambas as línguas.

f) Liao (2018) focou seu estudo no ensino da fraseologia religiosa em língua espanhola para estudantes chineses.

g) Rodríguez (2019) propôs um dicionário eletrônico de unidades fraseológicas de elementos da natureza em espanhol e catalão sob uma perspectiva da linguística cognitiva.

Depois que realizado este breve e recente percurso dos estudos fraseológicos no Brasil e na Espanha, podemos constatar que:

- 1) Houve um aumento recentemente das pesquisas fraseológicas no Brasil, no caso seis, atingindo para o mesmo período consultado quase em número às espanholas, a saber, sete.
- 2) Todas as últimas teses publicadas nesses últimos cinco anos no Brasil se englobaram na fraseografia, enquanto apenas três das sete espanholas pretenderam realizar ou analisar dicionários (cf. Xiao (2016); Gan (2018) e Rodríguez (2019)).
- 3) No Brasil observamos trabalhos monolíngues, ou seja, não encontramos recentemente teses que trataram duas ou mais línguas, enquanto na Espanha para esse período, ao menos cinco das sete pesquisas envolveram aspectos de linguística contrastiva⁴⁹, sendo que em todos eles apareceram duas ou mais línguas de uma forma ou outra.
- 4) Por fim, das seis teses brasileiras, duas (cf. Carvalho (2016); Fonseca (2017)) consideraram claramente aspectos didáticos, enquanto na Espanha poderiam ser inseridas na fraseodidática ao menos três das pesquisas publicadas (Strohschen (2016); Achdachay (2017) e Rodríguez (2019)).

Seja como for, é claro que em ambos os países todas as teses recentemente— assim como a imensa maioria das publicadas anteriormente nos anos 90, primeira e segunda década do século XXI— respondem ao tripé: fraseografia—tradução— fraseodidática.

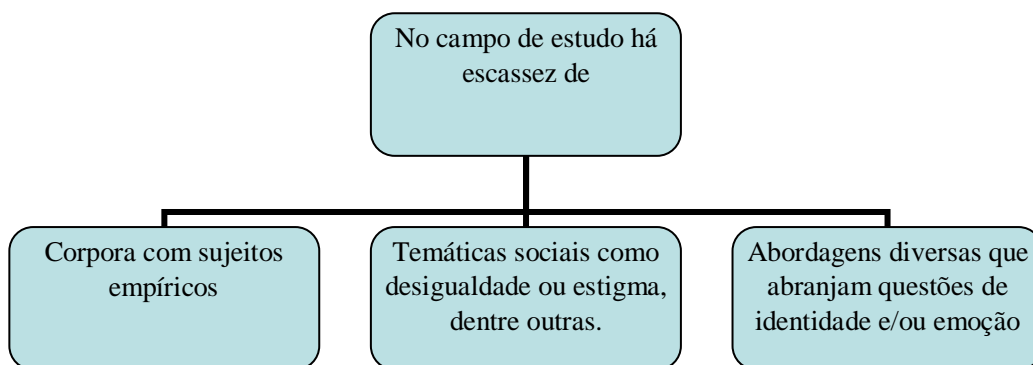
⁴⁹ Se incluímos as teses de Strohschen (2016) acerca de manuais de alemão e a da Achdachay (2017) sobre livros de ELE nos Marrocos, ao referenciar o alemão e o árabe, podemos afirmar que todas as teses recentes espanholas envolvem duas ou mais línguas, sem elas serem necessariamente um trabalho em linguística contrastiva ou tradução. A referência completa consta no final desta tese.

3.1.5 CONSIDERAÇÕES PARA O CENÁRIO FRASEOLÓGICO

Em resumo, considerando-se esse quadro-síntese da produção em torno da fraseologia, dentro da “relativa diversidade” de pesquisas no âmbito fraseológico, é possível constatar que todas elas têm em comum três aspectos:

- a) Não envolvem sujeitos empíricos, uma vez que os corpora, mesmo podendo ser em raras ocasiões oralizados, são extraídos de textos escritos ou de base de dados dadas e predeterminadas. Daí que possamos suspeitar que esses corpora se fundamentam em um modelo de língua pura, ideal, porém irreal, uma vez que não levam em consideração diretamente as práticas languageiras dos falantes.
- b) Não se preocupam com temáticas sociais da contemporaneidade como a discriminação, o estigma, a marginalização e/ou as desigualdades sociais, perpetuando, assim, no tempo um divórcio dos estudos fraseológicos com relação as amplas questões sociais e políticas das sociedades atuais.
- c) Não abordam aspectos emocionais, nem de identidade linguística tão relevantes nos sujeitos para a aquisição e identificação dos usuários para com as línguas, os discursos e a fraseologia.

Figura 3 – As carências das teses em fraseologia (2020)



Fonte: elaboração própria do autor

Portanto, considerando os pontos mencionados, nossa proposta de tese consistiu em defender a legitimidade e viabilidade de uma fraseologia das emoções veiculadas por grupos estigmatizados socialmente, levando em conta aspectos que envolvessem emoções e fraseologia, desconsiderados nas teses precedentes.

De forma análoga, priorizamos a relação entre a fraseologia e sujeitos empíricos com discursos e emoções inserida em problemáticas sociais mais amplas, uma vez constatada a inexistência de pesquisas de doutorado nesse viés. Para tal, o nosso objeto de estudo se delimitou como sendo *as emoções materializadas fraseologicamente nos sujeitos*, daí que pretendêsemos propor estratégias de análise e compreensão específicas na área da Linguística Aplicada para o estudo desse fenômeno.

Assim sendo, a fim de poder realizar uma análise qualitativa de cunho interpretativista dos fraseologismos sob uma abordagem da sociologia das emoções e seus consequentes efeitos de sentido –condicionados pela ideologia, o momento histórico, o lugar de fala, os contextos dados e as existentes relações de poder– nas falas proferidas por sujeitos migrantes profissionais do sexo, lançamos mão dos estudos fraseológicos com relação aos aspectos formais/estruturais para auxiliar a nossa construção teórica que envolve uma dimensão *fraseo-discursiva* na formação das fraseologias emocionais escolhidas, acrescentando e ampliando as características dessas, além de fundamentar os significados sociais das estruturas numa compreensão mais profunda dos fraseologismos apresentados.

Por isso, nas próximas seções tratamos da perspectiva estruturalista dos estudos fraseológicos, bem como a construtivista da sociologia das emoções para, posteriormente, elucidarmos os deslocamentos pretendidos por essa tese que consistiu em revisitar os construtos da fraseologia de tipo estrutural à luz do teorizado pela sociologia das emoções.

O propósito deste arcabouço teórico, portanto, é apresentar diversas questões que nos permitam revisitar criticamente a fraseologia, a fim de poder transitar de uma fraseologia limitada, estruturalista e extremamente formal para uma diferente abordada sob a perspectiva da sociologia das emoções.

3.2 PERSPECTIVAS NOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS

3.2.1 SITUANDO A FRASEOLOGIA NA HISTÓRIA E NA LINGUÍSTICA

Embora os estudos fraseológicos no Brasil contem com uma recente e escassa tradição como já exposto, o interesse pela fraseologia e pela delimitação de seu objeto de estudo que trata das unidades complexas remonta a tempos passados.

De forma análoga ao território brasileiro, no outro lado do atlântico, Gurillo (1997, p. 32) sublinha remissões à área de conhecimento, quando realizadas, relativas às questões folclóricas. Conforme essa autora, alguns escritores espanhóis do século XVIII chegaram a considerar estas estruturas com falta de correção gramatical contrárias às regras da norma culta e veiculadas por usuários pouco letrados e/ou com deficiências de vocabulário⁵⁰.

Tradicionalmente, os fraseologismos foram tratados desde uma perspectiva folclórica ou exótica, quando não incorreta, de cada língua, restritos a formas orais de pessoas pouco instruídas. No Brasil, Preti (2000, p. 60) afirma que no século XVIII há poucos vestígios de gíria⁵¹ em documentos escritos, excetuando a poesia satírica de Gregório de Matos. Já no XIX, o autor aponta que essa gíria começa a fazer parte da linguagem dos grupos sociais, retratados pelo teatro e prosa realista, como no romance *O cortiço* de Aluísio Azevedo.

Além de aparecer, mesmo em poucas ocasiões, o *linguajar do povo* nas obras literárias como estilo narrativo para criar efeitos mais próximos das formas de falar existentes, esta pouca visibilidade demonstra que não houve uma percepção do fato fraseológico e, menos ainda, uma sistematização das unidades fraseológicas até a chegada do século XX.

No âmbito da disciplina, o primeiro linguista que aponta para a existência de combinações predeterminadas que chama de *agrupamentos* é Ferdinand de Saussure nos primeiros estudos estruturalistas do seu **Curso Geral de Linguística** publicados postumamente por dois dos seus discípulos em 1916.

⁵⁰ Cabe salientar que no âmbito da Paremiologia é uma área tradicionalmente de reconhecido prestígio e o tratamento é diferente, daí que existam inúmeros compêndios ou dicionários de ampla tradição no *refranero español* que reúnem ditados, provérbios, adágios, dentre outros. No século XVI, encontramos a obra: *Refranes que dicen las viejas tras el fuego* de Iñigo López de Mendoza, Marqués de Santillana, a mais antiga coleção impressa na Espanha (cf. Bizarri, 2010); *Libro de refranes copilado por el orden del a.b.c. en el que se contiene quatro mil y trescientos refranes. El mas copioso que hasta oy ha salido impresso*; Pedro Vallés ou *Refranes y modos de hablar* de Gerónimo Martín Caro y Cejudo, que refletem a tradição destes fraseologismos (cf. Scandola, 2003)

⁵¹ Termo usado pelo autor. Ao nosso entender, denominação preconceituosa da fraseologia do outro, o pobre ou o oprimido.

Na época, o pai do estruturalismo linguístico salientou a existência de “um grande número de expressões pertencentes à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas.” (Saussure, 1995 p. 144 *apud* MARTINS, 2010, p.155).

Segundo Tristá (1988), houve uma tentativa de Charles Bally em instituir a fraseologia como campo de conhecimento no início do século XX. Ao linguista suíço (1951 [1909])⁵² lhe é atribuído o termo fraseologia como combinação fixa de palavras com significado translático. Assim, é razoável pensar que as pesquisas na área continuem imersas em perspectivas estruturalistas, se levamos em consideração os primórdios, a tradição e a formação histórica da disciplina.

Para Penadés (1999, p. 11), o pioneiro dos estudos fraseológicos é o linguista soviético Polivanov, na década de 20, dado o seu entendimento como ciência das expressões fixas e de seus significados. Já nos anos 40, Vinogradov estabeleceu as noções fundamentais, de modo a abrir o caminho para a área fixar suas bases teóricas como disciplina linguística. Devemos a este último, portanto, o conceito da fraseologia como campo de estudo independente sob a linguística.

Nesse sentido, este universo do conhecimento foi consolidado como disciplina científica surgida na antiga União Soviética nos anos 50, sendo a área conhecida como *expressões idiomáticas* ou *frases*. De fato, estas unidades, isto é, as frases feitas, expressões ou locuções, até pouco tempo atrás, foram seu principal campo de estudo. Contudo, consideramos que a fraseologia deve e pode abranger um amplo campo de análise que transcenda esse tipo de unidades.

Na época, uma das questões que gerou divergências entre os linguistas soviéticos foi a concepção da própria fraseologia. Para a maioria deles, esta deveria ser entendida como uma ciência da linguagem e, portanto, ser nivelada à morfologia, sintaxe e/ou lexicologia. Já outros a concebiam como uma subdisciplina da lexicologia ou como uma ciência para a qual convergiam outras disciplinas da linguagem.

Segundo Corpas (1996, p. 29), tal impasse foi resolvido no momento que a maioria dos linguistas concluiu que o objeto de estudo da área divergia do de outras disciplinas, motivo pelo qual a fraseologia deveria ser considerada disciplina linguística independente, conferindo-lhe o mesmo status científico de todas as outras.

⁵² Bally foi discípulo de Saussure e um dos transmissores dos ensinamentos do linguista suíço, publicando postumamente as anotações do professor Ferdinand no *Curso Geral de Linguística*.

Podendo concordar com a autora, cabe perguntar-se: se é uma disciplina linguística independente, por que as pesquisas na área continuam tão atreladas à lexicologia, concretamente, à fraseografia?

Há quem a considere como ciência à parte. Mesmo assim, este assunto ainda suscita controvérsias entre os estudiosos da área da linguística, posto que uns a consideram disciplina, cujo objeto de estudo seria os determinados tipos de fenômenos léxicos, organizados como unidades fraseológicas, enquanto outros a concebem como uma subdisciplina responsável por estudar esses fenômenos. De acordo com esta última perspectiva, Xatara & Parreira (2011) prefere, ainda, considerar a fraseologia como uma subárea da lexicologia que estuda os diversos fenômenos lexicais.

No outro lado do atlântico, a concepção não é tão diferente da de Xatara & Parreira (2011). Por sua vez, Mellado (2017, p. 250) aponta que:

[...] a fraseologia continua sendo um apêndice da lexicologia na Espanha e não é considerada como tendo seu próprio peso para constituir uma disciplina autônoma. Isso, do meu ponto de vista, constitui um erro, uma vez que a Fraseologia deve ser analisada diferentemente da dos lexemas simples⁵³.

Seja a fraseologia uma subárea de estudo, parte da lexicologia, seja uma subdivisão de uma área maior, como uma disciplina da linguística; acreditamos que não é de especial interesse esse tipo de reflexão na contemporaneidade. Embora reconhecendo que ela se vale da linguística, porém não necessariamente apenas dela, discussões acerca desta questão partem do princípio de compartimentar o conhecimento em áreas, fugindo das propostas atuais de transdisciplinaridade.

Por fim, não é de se estranhar que já na época Gurillo (1997, p. 17) afirmasse que a fraseologia: “sempre foi a terra de ninguém onde vieram pesquisadores de todas as escolas, movidos pelo interesse que as combinações fixas de palavras despertaram neles.”⁵⁴

É assim que deve continuar sendo, terra de ninguém.

⁵³ Tradução nossa do original: [...] sigue siendo en España un apéndice de la Lexicología y no se considera con peso propio como para constituir una disciplina autónoma. Esto, desde mi punto de vista, constituye un error, pues la Fraseología debe analizarse de manera distinta a la de los lexemas simples.

⁵⁴ Tradução nossa do original: ha sido desde siempre la tierra de nadie a la que acudían investigadores de todas las escuelas, movidos por el interés que despertaban en ellos las combinaciones fijas de palabras.

3.2.2 (DES) ESTRUTURANDO OS FRASEOLOGISMOS E OS PARÂMETROS DEFINIDORES

Segundo o *Diccionario da Academia Espanhola da língua*, a fraseologia é definida como parte da linguística que estuda frases, provérbios, expressões idiomáticas e outras unidades de sintaxe fixadas total ou parcialmente (DRAE, 2019). Já, António Houaiss e Mauro Villar no seu *Diccionario Eletrónico* define esta área do conhecimento como o “estudo ou compilação de frases feitas de uma determinada língua.” (HOUAISS & VILLAR, 2009), reduzindo a fraseologia a apenas às expressões idiomáticas.

Infelizmente, ainda há muitos autores e pesquisadores que continuam reproduzindo um entendimento da fraseologia bem restrito e que defendem que este campo de conhecimento se reduz apenas às locuções, expressões idiomáticas ou frases feitas. No entanto, essa área de pesquisa pode estudar sim, a princípio, unidades pluriverbais, isto é, itens que possuem duas ou mais palavras relacionadas, que abrangem um único sentido e que respondem a um padrão mais ou menos fixo.

De acordo com García-Page (2011, p. 207 -208), “o corpus das unidades da fraseologia é extraordinariamente amplo, ilimitado, praticamente impossível de confeccionar na sua totalidade, se desta disciplina se adota um sentido amplo ou muito amplo⁵⁵.” Cientes de que é praticamente improvável delimitar o universo fraseológico, ao ser um campo vasto de conhecimento, aderimos uma amplíssima perspectiva que nos permita estudar o fenômeno desde diversas lentes.

Assim, cabe nosso respeito para um tipo de linguística descritiva que queira acotar e descrever os componentes fraseológicos sob um olhar estruturalista. Porém, não é o propósito desse trabalho, pois entendemos que análises como as que foram realizadas e continuam a ser efetivadas nos revelam que existe uma hierarquia dentro da classificação formal dos fraseologismos em unidades privilegiadas –maiormente as expressões idiomáticas–; esquecidas– estruturas agramaticais, os clichês, os slogan, dentre outras – e unidades estigmatizadas – as gírias e as unidades monolexicais.

De fato, o corpus de estudo é tão extraordinariamente extenso que Penadés (1999, pp.12-14 –grifos da autora)⁵⁶ observou que existia inúmeros termos, a saber,

⁵⁵ Tradução nossa do original: el corpus de las unidades de la Fraseología es extraordinariamente amplio, ilimitado, prácticamente imposible de confeccionar en su totalidad, si de esta disciplina se adopta un sentido amplio o muy amplio.

⁵⁶ Tradução nossa do original: *dichos, expresiones fijas, expresiones idiomáticas, expresiones sin más, frases, modismos, giros, fórmulas, y también fórmulas proverbiales o fórmulas comunicativas, idiotismos, locuciones, modos de decir, frases hechas, refranes, adagios, proverbios o aforismos*, como lo que hoy

[...] *ditos, expressões fixas, expressões idiomáticas, expressões, frases, modismos, fórmulas, fórmulas proverbiais, fórmulas comunicativas, idiomatismos, locuções, formas de dizer, frases feitas, ditados, adágios, provérbios, aforismos*, ou o que hoje conhecemos como *colocações, expressões ou unidades pluriverbais, lexicalizadas ou habituais e unidades lexicais pluriverbais*.

Nesse maremagnum de denominações, adotamos para o nosso trabalho o termo *fraseologismo* por ser curto e genérico, assim como *unidade fraseológica* por ser o mais aceito e o único que se impõe cada vez mais nos estudos da área, conforme a autora. Iremos alternando, portanto, fraseologismo ou unidade fraseológica indistintamente.

Agora, que existam tantos nomes não significa que tudo seja a mesma coisa. Há diferenças claras entre uns tipos e outros. Sabemos que uma locução, por exemplo, não é um ditado.

Para o nosso estudo, não aderimos o termo *expressão idiomática*, termo muito generalizado nas pesquisas brasileiras (cf. Baptista, 2003, 2005, 2006, 2012, 2014; Ortiz, 2000; Tagnin, 1989; Xatara, 1998, 2001) ao ser restritivo a um tipo de fraseologismo— privilegiado nos estudos de combinação de palavras— que recebe o nome de locução⁵⁷ na tradição hispânica (cf. Corpas, 1996; Gurillo, 1997; Penadés, 1999, 2002, 2005, 2008; e Seco *et al.*, 2004).

Da mesma forma, desterramos outros termos como *idiomatismo* utilizado recentemente em estudos brasileiros (cf. Rios, 2004; Rios & Xatara, 2008; Rios, 2010), devido a estar muito ligado da mesma forma à locução frasal ou expressão idiomática, além de ser um termo atualmente pouco comum no âmbito hispânico.

Assim, rejeitamos a denominação *frase feita* por ser a sua noção mais restritiva ainda que as anteriores, uma vez que se identifica com as locuções verbais quase exclusivamente e/ou ser utilizada para dizer que algo é clichê, repetido por muitas pessoas.

Acreditamos igualmente que *modismo* é um termo ultrapassado que lembra a dicionários decimonônicos⁵⁸, e do mesmo modo restrito às *expressões idiomáticas* ou *locuções*. Outras denominações como *unidade pluriverbal lexicalizada e habitualizada*

día llamamos *colocaciones, expresiones o unidades pluriverbales, lexicalizadas o habitualizadas y unidades léxicas pluriverbales*.

⁵⁷ Não usaremos o termo expressão idiomática por ser associado nos estudos hispânicos e brasileiros geralmente às locuções, concretamente, às da classificação de Casares (1992 [1950]), exceto às conexivas (conjuntivas e prepositivas); ou as de sintagmas verbais e unidades léxicas de Zuluaga (1980), excluindo, da mesma forma, às locuções como instrumentos gramaticais (prepositivas, conjuntivas). Não podemos esquecer que na terminologia empregada nos estudos fraseológicos no Brasil as locuções são de natureza gramatical: prepositivas, conjuncionais e pronominais (Biderman, 2005, p.748).

⁵⁸ Exemplo de uso no título: *Diccionario de modismos de Ramón Caballero (1899)*.

(ETTINGER, 1982) ou *expressão/frase fixa* (GROSS, 1988) já caíram em desuso também.

Toda esta terminologia, a saber, expressão idiomática, locução, frase feita, idiomatismo ou modismo, dentre outras, são vocábulos que designam praticamente o mesmo tipo de unidades. Sevilla & Arroyo (1993) já atentaram para essa questão e acrescentam outras denominações utilizadas para designar o termo geral brasileiro de *expressão idiomática*, tais como: *modo adverbial*, *timo*, *muletilla*, *decir* ou *cliché*, em espanhol; *expression imagée*, *expression figurée*, *idiotisme*, *idiomatic*, *locution*, *phrase toute faite* ou *clichê*, em francês; ou *la espressione idiomática*, *el modo di dire*, *el idiotismo*, *la locuzione*, em italiano.

Diante do exposto, a conclusão é que parece não haver ainda um consenso no que diz respeito de quais unidades fraseológicas constituem a fraseologia e quais não, assim como a briga constante por encontrar um termo que abranja parte ou a maioria delas. Defendemos que o vocábulo *fraseologismo*, concebido num sentido amplo, talvez possa abraçar a maior parte. Nessa heterogeneidade não é de se estranhar que a área não possua limites claros. Nesse sentido, Nogueira (2008, p. 62) frisou que “definir e classificar as UFs [unidades fraseológicas] constitui-se, portanto, num dos aspectos mais controvertidos da investigação no campo da fraseologia.”

Mais recentemente, Mellado (2017, p. 256) apontou que:

[...] o objeto de estudo da Fraseologia, sua delimitação de parcelas contíguas (como a dos compostos sintagmáticos), bem como sua classificação, permanecem questões não resolvidas na pesquisa fraseológica. A tendência atual é converter qualquer combinação usual de duas ou mais palavras em Fraseologia, independentemente de sua idiomaticidade e critérios de fixação⁵⁹.

Tal cenário não deve ser maior problema para os estudos da área, conforme a perspectiva que se adote. É incontestável o fato de não haver um acordo entre os estudiosos acerca da delimitação e categorização dessas unidades como objeto de estudo. Por isso, ao não existir um consenso claro sobre as fronteiras epistemológicas da fraseologia no que concerne ao objeto de investigação que a disciplina pode abarcar, em

⁵⁹ Tradução nossa do original: [...] el objeto de estudio de la Fraseología, su delimitación de parcelas contiguas (como la de los compuestos sintagmáticos), así como su clasificación, siguen siendo temas sin resolver en la investigación fraseológica. La tendencia actual es la de convertir cualquier combinación usual de dos o más palabras en Fraseología, independientemente de su idiomaticidad y criterios de fijación.

nosso trabalho, partimos do pressuposto de que toda estrutura *pluriverbal* frequente⁶⁰ com certa fixação formal e/ou semântica faz parte da fraseologia.

Por sua vez, Xatara (1998, p. 149 –grifo nosso) entende como objeto de estudo da disciplina a toda “lexia complexa *indecomponível, conotativa e cristalizada* em um idioma pela tradição cultural.” Tomando esta definição, desconsideramos como traço definidor o conceito indecomponível por ser mais exclusivo das locuções e por não se apresentar nem sequer em todas estas. Essa noção descarta que em fraseologia exista a variação linguística, se bem que concordamos em que podem se dar certas restrições nas possibilidades de substituição entre os componentes do fraseologismo. Acreditamos que seria mais exaustivo e apropriado falar de *variabilidade restrita*.

Conotativo e cristalizado guarda relação com a fixação semântica e formal, respectivamente, e são os dois princípios norteadores da área. O sentido conotativo—também denominado figurado ou metafórico—, pode chegar a ser opaco; a cristalização tem a ver com a fixação formal e com a tradição convencionalizada / institucionalizada dessa língua.

A seguir, apresentamos três definições claras e simples servem de orientação para determinar o objeto de estudo – os fraseologismos:

- a) Corpas (1996, p. 20): “unidades lexicais formadas por mais de duas palavras no limite inferior, cujo limite superior está no nível da frase composta.”⁶¹
- b) Zuluaga (1980, p. 16) considera que uma unidade fraseológica é uma “combinação fixa de palavras.”⁶²
- c) Gurillo (1997, pp. 103-104) afirma que “são principalmente complexos sintagmáticos fixos, o que indica alguma estabilidade, pouca ou nenhuma produtividade de seus esquemas sintáticos e / ou *defeitividade* transformacional.”⁶³

⁶⁰ Convém matizar: quando nos referimos à pluriverbal, incluímos também aos fraseologismos que na sua origem eram formados por dois ou mais itens lexicais, tais como: *oxe!* - redução de *oxente!*, que provém de *ó gente!* Por sua vez, com o termo frequente queremos dizer repetido, constante, comum, de certa forma, o que alguns autores confundem com institucionalizado ou convencionalizado; pois, no nosso entendimento, a institucionalização pode chegar a ser uma consequência ou não do aparecimento frequente da unidade complexa.

⁶¹ Tradução nossa do original: unidades léxicas formadas por más de dos palabras en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta.

⁶² Tradução nossa do original: combinación fija de palabras.

⁶³ Tradução nossa do original: son principalmente complejos sintagmáticos fijos, lo que indica cierta estabilidad, escasa o nula productividad de sus esquemas sintáticos y/o defectividad transformacional.

Basicamente, desprendemos com base nas contribuições destes autores que a fraseologia visa estudar as “*unidades pluriverbais*”, ou seja, aqueles padrões sintáticos em combinação, que são em parte fixos ou que, pelo menos, mantêm uma certa estabilidade, limitando, de certa forma, a sua capacidade produtiva, o que não implica que estes não sofram alterações. Como anteriormente comentado, Saussure (1995, p. 148) no início do século XX já tinha definido estas *unidades pluriverbais* como agrupamentos, afirmando que estas são:

[...] sintagmas compostos por duas ou mais unidades consecutivas que estabelecem caráter linear. Os sintagmas podem corresponder a palavras, a grupos de palavras, a unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie como as palavras compostas, derivadas, membros de frases e frases inteiras.

Para nós, a noção de fraseologismo está muito atrelada à forma em que ela é apresentada, a sua estrutura, considerando parcialmente algumas questões semânticas. A problemática que nos suscita a escolha do conceito unidade fraseológica é que se identifica ao simples significado dessa, priorizando os aspectos formais e estruturais da língua.

Agora, cabe perguntar o que diferencia um fraseologismo do que não o é. Para entender quais são as possíveis especificidades destas unidades, em vez de falar sobre características principais delas, talvez devêssemos abordar possíveis parâmetros⁶⁴ que nos ajudem a entender a natureza do fenômeno fraseológico e, assim, determinar quando estamos diante de uma unidade fraseológica e quando não. Noções que variam de uma unidade para outra e que podem ser compartilhadas ou não.

Nesse sentido, podemos partir dos seguintes parâmetros gerais para suspeitar que se trata de um fraseologismo:

- a) lidamos com a *combinação* de duas ou mais palavras e a relação entre elas. Porém, cabe considerar como parte desta disciplina algumas fórmulas ou expressões que, no passado, já estiveram constituídas por dois ou mais

⁶⁴ Usamos a noção parâmetro possível como norteador do fenômeno em questão, descartando o vocábulo característica que, na nossa opinião, pode parecer determinista e excludente.

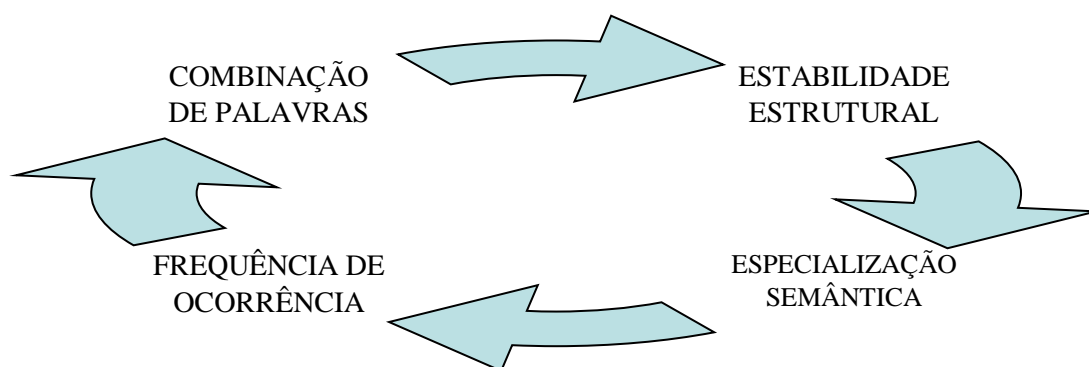
vocábulos e que se apresentam materializadas apenas em um item lexical, a saber: *oxente!*, *misericórdia!*, *vixe!*, na linha de pensamento de Penadés (1999)⁶⁵.

b) há uma certa *estabilidade* ou fixação em sua estrutura. Tal fato significa que alguns deles não admitem adicionar ou apagar elementos na própria unidade, rejeitando mudanças gramaticais, transformações lexicais ou modificações na ordem de seus componentes. Nem sempre aparece porque existe variação linguística potencial dentro da fraseologia.

c) notamos, em ocasiões, uma *especialização semântica* ou sentido metafórico, certo grau de idiomaticidade ou opacidade, dependendo do caso, havendo também unidades claramente transparentes com relação ao seu significado. Desse modo, há alguns que podem ter um significado literal ou denotativo, enquanto outros podem ter um sentido mais figurativo, isto é, idiomático, cujo significado não parte da soma final dos significados parciais dos seus componentes.

d) há uma elevada *frequência de ocorrência*. Tal fato, sempre que estes não sejam fraseologismos estigmatizados, pode causar ou não a institucionalização da unidade, ou seja, que a grande maioria dos falantes a reconheça como parte do seu patrimônio linguístico e cultural, para assim, posteriormente, ser aceita pelas obras lexicográficas ou os inventários lexicais.

Figura 4 – Parâmetros definidores dos fraseologismos



Fonte: elaboração própria do autor

⁶⁵ No seu livro *La enseñanza de las unidades fraseológicas*, a autora legitima a fórmula unilexical de cumprimento espanhol: *¡hola!* - ao mesmo nível de *¡buenos días!*

Resumindo, na nossa tese um fraseologismo é uma combinação com certa estabilidade e especialização semântica que ocorre frequentemente na língua. Esta definição se fundamenta em Corpas (1998, p. 167), ao destacar que: “entre suas características estão: polilexicalidade, alta frequência de aparência, institucionalização, estabilidade ou fixação, idiomaticidade e variação potencial.”⁶⁶

De forma análoga ao objeto de estudo e as diversas classificações de unidades não existe um consenso nos estudiosos sobre as exigências que devem imperar para que uma combinação de palavras entre no clube da fraseologia. De maneira geral, os fraseólogos só distinguimos quatro noções principais: pluriverbalidade/polilexicalidade, frequência, estabilidade/fixação e sentido figurado/ idiomaticidade⁶⁷.

Porém há exceções. Tomando como base apenas as expressões idiomáticas, Ortiz (2000, p. 141) surpreendentemente distingue dez traços nelas: *a pluriverbalidade, a estabilidade, o sentido figurado, a combinabilidade, a expressividade, a convencionalidade, a idiomaticidade, a metaforicidade, a opacidade e a fixação*.

Na nossa opinião, estabilidade e fixação são praticamente sinônimos. Segundo Zuluaga (1980) são termos alternativos empregados pelos estudiosos da área fraseológica para fixação: cristalização, estabilidade, petrificação, inalterabilidade, congelamento e automatização. Com alguma variação, quase sempre caracterizam aquelas expressões já feitas que o usuário da língua aprende e repete sem decompô-las em seus elementos constitutivos. A este fenômeno Xatara (1998) o denomina *indecomponibilidade* que é o que para Corpas (1996) é estabilidade ou fixação.

Assim, Ortiz (2000) destaca quatro aspectos, a saber, o sentido figurado, a idiomaticidade, a metaforicidade e a opacidade que estão intimamente ligados, até o ponto de se constituir uma certa sinonímia ou unicidade. Todos estes termos têm a ver com o afastamento do sentido literal. Dessa forma, pode entrar a metaforicidade que faz

⁶⁶ Tradução nossa do original: entre sus rasgos figuran: polilexicalidad, alta frecuencia de aparición, institucionalización, estabilidad o fijación, idiomaticidad y variación potenciales. Definição complementar da autora: son unidades léxicas formadas por más de *dos palabras gráficas* en su límite inferior, cuyo nivel superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su *alta frecuencia de uso*, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su *institucionalización*, entendida en términos de *fijación* y *especialización semántica*; por su *idiomaticidad* y *variación potenciales*; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos (CORPAS, 1996, p. 20 –grifos nossos)

⁶⁷ Concordamos com Pamies (2014, p. 52) que a polilexicalidade é a negação da morfologia; por sua vez, a fixação seria da sintaxe; a idiomaticidade, da semântica léxica e a frequência de ocorrência, a negação da criatividade discursiva. Daí que entendamos a fraseologia como uma área independente.

com que o sentido da expressão possa ser opaco para o usuário que não a conhece, geralmente, por seu teor metafórico ou metonímico, dentre outros processos.

De igual modo, a opacidade está totalmente relacionada à idiomaticidade, sendo que a maior sentido metafórico, proporcionalmente, maior opacidade semântica. Conforme a estudiosa, “a opacidade está também ligada à idiomaticidade. Quando dizemos que uma expressão é idiomática é porque tem uma mínima transparência, ao contrário das combinações livres.” (ORTIZ, 2000, p. 153). Roncolato (1996) afirma que a idiomaticidade se relaciona à opacidade da expressão, ou seja, uma expressão é idiomática quando é fixa e não transparente.

Por citar um exemplo, o fraseologismo *dançar conforme a música* pode se apresentar com o sentido literal ou com o figurado, metafórico, idiomático –por ser próprio desse idioma, o português brasileiro– e, portanto, talvez ser opaco na recuperação desse efeito de sentido. O sentido translático é se adaptar às situações adversas da vida, agir conforme a exigência do momento, posto que, em ocasiões, não adianta nadar contra a correnteza. Para todos estes vocábulos –sentido figurado, idiomaticidade, metaforicidade e opacidade–, Corpas (1996) atribui o termo idiomaticidade, enquanto Xatara (1998), conotação.

Acreditamos que a *combinabilidade* seja um traço redundante, pois é inerente à sua *pluriverbalidade*. A autora a entende como “a possibilidade que têm os elementos linguísticos de se combinar.” (ORTIZ, 2000, p. 141).

Por sua vez, a *expressividade* pode ser uma característica interessante, mas nunca exclusivamente definidora das expressões idiomáticas. Esta se encontra em diversos componentes linguísticos e paralinguísticos, tais como, a prosódia, a kinésica ou a proxêmica. Para o nosso trabalho é relevante para analisar a emotividade materializada ou não em fraseologismos. Essa emotividade terá sempre a ver com o sujeito falante, relacionada à emoção, à afetividade, à sensibilidade e à subjetividade desse usuário da língua.

Por fim, pensamos que é a frequência do aparecimento na fala destes componentes fraseológicos, o fator responsável pela sua institucionalidade ou convencionalidade. Na concepção da autora esta última é entendida como “toda estrutura aceita pela comunidade linguística.” (ORTIZ, 2000). Uns dos parâmetros que desenvolveremos nas análises de dados tem a ver com o discurso repetido, a *frequência de coaparição* (CORPAS, 1996), mas não necessariamente esta deve estar ligada à noção de comunidade linguística, pode aparecer em comunidades de prática e/ou em

sujeitos isolados, campo de pesquisa ainda por explorar que poderia estabelecer de que forma se convencionalizam algumas unidades fraseológicas na identidade do sujeito para com suas comunidades de prática⁶⁸.

Infelizmente, Xatara (1998) e Ortiz (2000) terminaram esquecendo duas características que já anteriormente Corpas (1996) tinha apontado, a saber: *a variação* e *a gradação* das unidades fraseológicas. Em outras palavras, embora exista certa estabilidade / cristalização há possibilidade para a variação, assim como a idiomaticidade e a fixação é gradativa, dependendo da unidade em análise.

Por sua parte, uma das autoras brasileiras (Xatara, 1998) na sua tese levou em consideração um aspecto relevante dos fraseologismos, a saber, a cristalização, relacionada à noção de institucionalização de Corpas (1996), propriedade pela qual os fraseologismos deixam de ser expressões neológicas do discurso para fazer parte do sistema linguístico. A repetição constante destas combinações de palavras pode, talvez, desencadear sua cristalização / institucionalização. Essa frequência pode ser concebida de duas formas: a repetição pode se originar, porque os elementos que a constituem aparecem mais de forma conjunta do que isoladamente ou pela alta frequência de uso na língua.

Portanto, a fim de não fechar o campo de estudo mais do que o necessário e, assim, deixar de lado as possíveis combinatórias, devido a exigências improdutivas que limitam pertencer ou não ao universo fraseológico, tomamos como nossas as palavras de Penadés (1999, p. 15) que reduz o acesso dos fraseologismos principalmente a dois parâmetros: a combinação das suas unidades e a sua fixação formal e semântica, sendo esta, em ocasiões relativa, pois na diversidade algumas delas apresentam gradação de composicionalidade e certo grau de idiomaticidade.

Cabe lembrar que anteriormente Tagnin (1989) classificou *as expressões idiomáticas* do ponto de vista da sua idiomaticidade em convencionais e idiomáticas. Conforme a autora, são convencionais aquelas que podem ser compreendidas mediante a decomposição de seus itens lexicais, visto que elas possuem um certo grau de transparência semântica; enquanto são idiomáticas, as que não podem ser decodificadas literalmente, já que seu significado não resulta da somatória dos sentidos das lexias que as constituem.

⁶⁸ Noção surgida inicialmente no campo da psicologia social. Na década de 90 este conceito começa a ser empregado nas teorias de construção social da identidade, concretamente em estudos que investigam a relação entre linguagem e gênero através de dados conversacionais (cf. Eckert & McConnell-Ginnet, 1992; Eckert, 2000).

Diante do exposto, é preciso destacar que os critérios que nortearam o nosso levantamento principalmente são: a combinação de elementos léxicos com algumas exceções, a frequência / repetição no discurso e a gradação na combinatória dada por seus aspectos semânticos e estruturais, imersos todos eles no componente emocional que é o que, sem dúvida, orientou este trabalho.

3.2.3 APRESENTANDO A HIERARQUIA NOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS: QUESTÕES DE STATUS E VISIBILIDADE

Apenas dando uma olhada por cima nos estudos de tese publicados no Brasil— e, por extensão, na Espanha—, podemos ter uma noção do panorama geral e perceber quais são os fraseologismos favoritos dos estudiosos e quais não.

Para iniciar a nossa exposição, tomamos como ponto de partida o **Manual de fraseología española** de Corpas (1996, pp. 50-52), no qual divide as unidades fraseológicas em colocações e locuções, chamadas de sentenças sem significado completo, correspondendo à esfera um e dois da sua classificação; deixando a esfera três para os enunciados fraseológicos com significado completo em que as *paremias*⁶⁹ e fórmulas rotineiras seriam incluídas. Daí que a fraseóloga agrupe as combinações de palavras em três grandes grupos:

a) *As colocações* que são fixadas apenas na norma. Estas são frases livres que, devido ao seu uso, adquiriram certo grau de fixação.

b) *As locuções* que cobrem um grande campo dos fraseologismos, entre as quais estão as chamadas expressões idiomáticas.

c) *As fórmulas rotineiras* são UF que se caracterizam por ter uma dependência contextual e por constituir atos de fala.

Se atendemos à proposta da triple classificação de uma das clássicas referências dos estudos fraseológicos no Brasil e na Espanha (cf. Corpas (1996)), podemos afirmar que a rainha da fraseologia é *a locução*⁷⁰ (cf. Xatara (1998); Ortiz (2000); Rocolatto (2001); Caramori (2006); Riva (2009); Rios (2010); Rocha (2014); Budny (2015); Matias (2015); Termignoni (2015); Carvalho (2016); Ortigoza (2016); Fonseca (2017), dentre outros). A seguir, encontramos nos estudos de combinação de

⁶⁹ Embora tendo dúvidas e questionamentos razoáveis acerca do assunto, a princípio, não consideraremos as *parêmias* nas nossas considerações, pois possuem a sua parcela de estudo: a *paremiologia*, comumente considerada um ramo à parte.

⁷⁰ Como anteriormente exposto, apresenta outras denominações, a saber, expressões idiomáticas, frases feitas, modismos, idiomatismos, dentre outros, salvando as possíveis classificações e diferenças.

palavras duas princesas: *a colocação* (cf. Louro (2001); Carnelós (2006); Orenha (2009) e Lopes (2016)) e *a fórmula rotineira* com apenas uma tese de doutorado em território brasileiro (cf. Pinheiro (2015)).

Felizmente, podemos observar que encontramos trabalhos específicos no Brasil sobre estas três categorias da classificação geral dos fraseologismos que Corpas (1996) propôs sob um viés estruturalista, baseada num estudo contrastivo inglês-espanhol.

De forma análoga, Tagnin (2013) –imersa numa análise contrastiva, desta vez, inglês-português–, escreveu o livro **O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português**, em que a fraseóloga ofereceu uma classificação mais detalhada que a de Corpas (1996), embora pouco pormenorizada.

Inicialmente publicado em 2005, a estudiosa (Tagnin, 2013) tornou-se referência imediata e necessária para inúmeras pesquisas realizadas no Brasil. Na sua obra, a autora explora as noções de idiomaticidade e convencionalidade, assim como oferece a partir do capítulo 6, um deles para cada fraseologismo, a saber, *as coaligações, as colocações, os binômios, as categorias agramaticais consagradas, expressões convencionais, expressões idiomáticas, os marcadores conversacionais, as fórmulas situacionais*, reafirmando a sua autora que o maior propósito do seu trabalho é “conscientizar o leitor dos diversos aspectos convencionais a que deve estar atento para não passar por um ‘falante ingênuo’.” (TAGNIN, 2013, p. 131).

Dessa forma, tomando como base as contribuições de Tagnin (2013) podemos ver que os binômios, as categorias agramaticais, junto aos slogan e clichês, dentre outras estruturas seriam as grandes esquecidas dos estudos fraseológicos. Fraseologismos invisibilizados que defendemos também como parte do campo de estudo da fraseologia.

Por fim, encontramos os fraseologismos estigmatizados, dos quais abordaremos dois tipos, sem pretensão de generalizar e fechar essa denominação para outras combinações de palavras. Em primeiro lugar, os que denominamos fraseologismos expulsados por monolexicais, discriminados no clube fraseológico. Contudo, na nossa opinião, são unidades de pleno direito, pois não tiveram opção, já que eles mantêm as características, porém os usuários da língua reduziram na diacronia a sua carga fônica, condensando uma estrutura plurilexical constituída em uma apresentação de apenas um item léxico na sua materialização linguística. Em segundo, temos o patinho feio da fraseologia, as gírias. Estigmatizadas sob esse termo

preconceituoso, encontramos inúmeros fraseologismos incluídos numa categoria que é exclusivamente social, mas não linguística e que engloba aquelas expressões dos mais desfavorecidos ou marginados sociais, concebidas com parte de uma linguagem vulgar, chula ou de baixo nível.

3.2.3.1 A “rainha” da cocada preta da fraseologia: a locução / expressão idiomática

Tradicionalmente, a fraseologia tem sido associada a locuções⁷¹. Basta apenas revisar a maioria das classificações de fraseologismos na tradição linguística espanhola⁷² que mal se concentraram nesse tipo de unidades (cf. Casares (1992 [1950]); Seco (1973); Zuluaga (1980); Moré (1983); Cuadrado (1990); Gurillo (2001); García-Page (2008), dentre outras). Tal fato se deva talvez ao argumento de que quase todas as locuções respondem aos dois critérios basilares da área de estudo, *idiomaticidade e fixação* (ZULUAGA, 1980).

Essa ideologia linguística de delimitar fraseologismos de primeira e de segunda classe infelizmente continua sendo reproduzida constante e atualmente nos estudos da área. Com base na classificação de Monteiro-Plantin (2014), Azevedo & Silva (2017) divide os fraseologismos em dois: *frasesmas prototípicos* –expressões idiomáticas, provérbios e pragmatemas⁷³– por estes apresentarem o que os autores consideram os três atributos necessários para uma unidade fraseológica: *polilexicalidade, estabilidade e metafóricidade*; em contraposição, dos que denominam *frasesmas periféricos* – locuções⁷⁴, colocações, bordões, slogan, estereótipo, clichê e dilema–, expressões parcialmente lexicalizadas que não apresentam todos os atributos, pois na maioria dos casos não são totalmente metafóricas, preservando o sentido das partes, conforme os autores.

Este paradigma de fraseologismos prototípicos e periféricos está tão introjetado nos estudiosos da área que no seu livro Monteiro-Plantin (2014, pp. 65 -70) inconscientemente atribui o subtítulo *do rei da cocada preta* às expressões idiomáticas,

⁷¹ Expressões idiomáticas exclui as locuções gramaticais.

⁷² Não referimos à tradição fraseológica brasileira no que diz respeito às classificações de unidades por ser relativamente recente e por se basear na maioria dos casos nos paradigmas da fraseologia espanhola ou francesa (cf. Xatara, 1998; Ortiz (2000); Nogueira (2008) a exceção de Tagnin (2013) e Moreno-Plantin (2014) que não abordam especificamente as características das diversas locuções, considerando outros fraseologismos.

⁷³ Na tradição hispânica os pragmatemas são conhecidos como fórmulas de rotina (cf. Corpas, 1996; Alvarado, 2007).

⁷⁴ Não uma clareza nos autores do que é locução e fórmula; daí a inclusão deste item surpreendentemente nos fraseologismos periféricos.

enquanto deixa a denominação *do filho pródigo* às parêmiás. Sendo generosos, pode existir até uma crítica velada por parte da autora. Porém, se a houvesse, ela não se completa, nem se materializa para as outras categorias apresentadas. Ainda a autora afirma acerca das expressões idiomáticas que “nessa categoria, encontram-se os *fraseologismos prototípicos*, sendo os primeiros evocados, quando se pede um exemplo de UF [unidade fraseológica] e sobre os quais se desenvolveram a maior parte das pesquisas com estudos fraseológicos em língua portuguesa, no Brasil.” (Monteiro-Plantin, 2014, p. 70 –grifo nosso)

Esta separação cognitiva de fraseologismos certos – prototípicos (e duvidosos) – os outros – parte de classificações estigmatizantes, muito divulgadas nos trabalhos da área de estudo que priorizam maiormente aspectos estruturais e formais. É um dogma que se difunde em ambos os países que determina que no centro da disciplina estão os fraseologismos mais opacos e na periferia o resto.

García-Page (2011, p.207-208) sob uma perspectiva estruturalista preocupa-se com a visão ampla que alguns fraseólogos temos do objeto de estudo e lamenta que é praticamente impossível abranger todo o corpus de unidades fraseológicas se consideramos

[...] ditados, frases proverbiais, dialogismos, máximas, citações, colocações, compostos; no entanto, se for adotado um senso estrito que concentre o interesse apenas nas locuções e, em qualquer caso, o que pode ser uma expressão de fronteira com elas, o corpus de unidades, também extenso, é mais fácil de delimitar e descrever⁷⁵

Podemos até entender a inquietação do autor numa pretensão de querer classificar, categorizar e dicionarizar todo o fenômeno fraseológico. Porém, consideramos difícil e improdutivo pretender que todos os fraseologismos sejam descritos e delimitados, às vezes nem tanto por questões de espaço e tempo, que também, senão por outras particularidades relacionadas com concepções estigmatizantes. Para quem defendemos a língua como uma prática social, entendemos que os mecanismos de opressão e invisibilidade, existentes nas sociedades, operam na própria língua, podendo esta chegar a ser um símbolo de exclusão.

Este direito que possuem as locuções de ser as “rainhas” por tradição vem de tempo. Já Gurillo (1997) advertia no século passado da existência de fraseologismos

⁷⁵ Tradução nossa do original: a los refranes, las frases proverbiales, los dialogismos, las máximas, las citas, las colocaciones, los compuestos, etc.; sin embargo, si se adopta un sentido estricto que centre el interés solo en las locuciones y, en todo caso, aquello que pueda ser expresión fronteriza con ellas, el corpus de unidades, siendo también extenso, resulta más fácil de acotar y describir.

nucleares – mais fixos e com menor variação – e de unidades fraseológicas periféricas – menos rígidas e mais variadas. Para a autora (GURILLO, 1997), o núcleo estaria formado pelas locuções totalmente fixas e idiomáticas em que se poderia estabelecer uma escala gradual que iria das locuções com um grau alto de idiomaticidade àquelas outras caracterizadas exclusivamente por sua fixação, passando pelas combinações semifixas. Já a periferia corresponderia àquelas unidades que integram o discurso repetido, a saber, combinações livres, que mostram certo índice de fixação, como as combinações de palavras simplesmente frequentes com uma escassa estabilidade que não repercute, via de regra, em sua estrutura sintática.

Nestes “limites periféricos e marginais” enquadra a autora (ibidem, 1997, p. 60) as combinações frequentes, aqueles sintagmas que não apresentam fixação, mas sim tão só uma afinidade entre seus componentes. Em palavras da própria autora:

O sistema fraseológico em sentido amplo é concebido como uma estrutura hierárquica onde, em termos gerais, o centro é formado por unidades que mostram maior estabilidade e que são equivalentes à palavra o ao sintagma (locuções) e a periferia por unidades que excedem essas estruturas, dentre as quais se encontram ditados, vocabulário técnico, expressões figurativas, alusões literais, dialogismos, fórmulas, unidades sintagmáticas, expressões quase-livres, etc...⁷⁶

Destarte, tradicionalmente temos duas concepções da fraseologia a estreita e a ampla. Seguindo este raciocínio no centro estariam as mais motivadas idiomáticamente. Já na periferia, estão as menos idiomáticas, ou seja, as mais transparentes.

Nesse sentido, a discussão clássica nos estudos hispânicos era se incluir os enunciados fraseológicos no âmbito da fraseologia. Dentre os que os incluem estão Coseriu, Moré, Corpas ou Zuluaga e são considerados como fraseólogos com uma concepção ampla. Já outros, como Tristá, Gurillo ou García-Page não os concebem para área e entende-se que possuem uma concepção estreita da fraseologia. Talvez poderíamos pensar que estes enunciados pertencem à paremiologia (ditados, provérbios, adágios, aforismos, dentre outros), mas esquecem dos pragmatemas ou fórmulas, muito frequentes nos discursos orais, e que também constituem atos de fala independentes como comprovou Corpas (1996).

⁷⁶ Tradução nossa do original: el sistema fraseológico en un sentido amplio se concibe como una estructura jerárquica donde, en términos generales, el centro está formado por unidades que muestran mayor estabilidad y que son equivalentes a la palabra o el sintagma (locuciones), y la periferia por unidades que superan esas estructuras, entre las que se pueden encontrar refranes, vocabulario técnico, expresiones figuradas, alusiones literales, dialogismos, fórmulas, unidades sintagmáticas, expresiones cuasi-libres, etc.

Portanto, as locuções contam com a tradição que lhe confere o status de unidades fraseológicas “por antonomásia”. De certa forma, os limites estabelecidos para a categorização e características dos fraseologismos, em geral, partiram delas, principalmente, da noção de idiomaticidade. Este paradigma do sentido figurado proveio das locuções, daí serem conhecidas como expressões idiomáticas. Melhor dizendo, mais do que sentido, significado figurado⁷⁷, pois não se consideraram os efeitos de sentido de acordo com os contextos e os sujeitos envolvidos.

Sob uma perspectiva estruturalista, Tristá (1988) afirma que as expressões são, em sua maioria, combinações de palavras que, por ter um uso constante, perdem o sentido denotativo de cada um de seus termos constituintes e adquirem um significado global conotativo.

Sabemos que há diversos casos da coexistência de ambos os significados, o literal e o figurado, a saber, *lavar as mãos*, *pegar fogo*, *abrir o olho*, dentre outros. Porém, se consideramos o sujeito como produtor de sentidos, poderíamos desautomatizar essas expressões e estabelecer jogos de linguagem que empregassem humorística o criticamente vários sentidos. Como se sabe, nos diferentes contextos, o indivíduo pode mudar facilmente o sentido.

Além disso, uma mesma construção pode ser considerada uma combinação livre, uma colocação ou uma expressão idiomática. Por comentar um exemplo, o fraseologismo *sair da rua* para o autor pode significar se afastar do meio da pista para evitar ser atropelado ou se recluir em casa por conta de uma epidemia de Covid-19. Já para outros atores sociais os sentidos serão diversos: para um morador de rua, *sair da rua* pode implicar ascender socialmente e/ou conseguir um lugar onde dormir, enquanto que para um profissional do sexo, *sair da rua* pode envolver uma mudança de trabalho.

Esse é o tipo de fraseologia que defendemos, uma fraseologia dos sentidos produzida por sujeitos, um campo de estudo das problemáticas sociais que ultrapassem as análises estritamente formais e/ou semânticas para se adentrar nos diversos sentidos que esses fraseologismos possam abranger, considerando o seu aparecimento, atrelado aos contextos de produção originados e ao lugar de fala⁷⁸ dos sujeitos.

⁷⁷ Ao contrário do que se possa pensar sentido e significado nunca foram a mesma coisa. Segundo Vigotsky (2000 [1934]) o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida e complexa, que possui várias zonas de estabilidade variável. O significado é apenas uma daquelas que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, além disso, uma zona mais estável, uniforme e precisa.

⁷⁸ Entendemos por lugar de fala o *lócus* social ocupado pelos sujeitos numa matriz de dominação e opressão, dentro das relações de poder. Em outras palavras, às condições sociais que autorizam ou negam o acesso de determinados sujeitos ou grupos a lugares de cidadania (RIBEIRO, 2017).

Tomadas essas locuções isoladamente, essas expressões possuem apenas um significado. Porém, segundo Vigotsky (2000 [1934], p. 125), este não é mais que uma potência que se realiza na fala viva, no qual o significado es apenas uma pedra no edifício do sentido.

Na nossa concepção, o sentido de um fraseologismo é inesgotável. Não pode haver um sentido único, nem um primeiro, nem um último. Uma unidade fraseológica é, portanto, um elo mais na cadeia de sentidos que são produzidos no discurso.

3.2.3.2 As “princesas” dos estudos fraseológicos: as colocações e as fórmulas.

*Levanta a cabeça princesa, senão a coroa cai*⁷⁹

Já em trabalhos anteriores, (Salcedo, 2017, p. 14) advertimos que era conveniente “banir a ideia de que a fraseologia apenas estuda as locuções, uma vez que as colocações e as fórmulas de rotina também têm seu espaço.⁸⁰” Este lugar foi ganho, sem dúvida, graças à publicação do manual de Corpas (1996). Antes disso, apenas encontramos estudos consistentes no Brasil e na Espanha com este rigor que abordem estas unidades fraseológicas. Depois que o livro se popularizou nos âmbitos acadêmicos, a produção acadêmica diversificou e começou a tratar também este tipo de fraseologismos até hoje. Daí que tenham alcançado certo status e as consideremos as princesas da fraseologia. Princesas que devem continuar erguendo a cabeça para que o espaço conquistado não se perda.

No entanto, muitas controvérsias surgem com relação a estas unidades. Como anteriormente exposto, os fraseólogos de concepção estreita não as reconhecem como parte da disciplina.

De qualquer forma, acreditamos que não há atualmente dúvida dentro da área da existência das colocações e das fórmulas, pois foram realizados diversos trabalhos ao respeito neste século XXI.

Com relação às *colocações*, Corpas (1996, p. 61), grande apaixonada por estes fraseologismos⁸¹, manifesta que foi Firth foi o primeiro autor usar o termo colocação

⁷⁹ Fraseologismo proferido por Jéssica Müller, participante da 18ª edição do *Big Brother Brasil*, em março de 2018, que se institucionalizou, virando meme entre os brasileiros na internet. O sentido metafórico de esta unidade fraseológica que pede para *não abaixar a cabeça, senão a coroa cai* é motivacional, para animar e seguir na luta.

⁸⁰ Tradução nossa do original: debemos desterrar la idea de que la fraseología estudia apenas las locuciones, ya que las colocaciones y las fórmulas rutinarias también tienen su espacio.

⁸¹ Conforme a fraseóloga: “comecei a pesquisar Fraseologia movida pelo meu interesse genuíno pelas colocações.” (CORPAS, 2017, p. 265).

em linguística, sendo este no contexto hispânico graças a Seco em 1978. Quanto à sua definição, a autora (ibidem, 1996, p. 56) afirma que é uma “coaparição frequente e linear das palavras no discurso⁸².”

Estas, portanto, devido à sua fixação na norma, apresentam restrições combinatórias estabelecidas pelo uso, geralmente de base semântica. O colocado semanticamente autônomo não apenas determina a escolha do colocativo, ou seja, como essa palavra deseja ser combinada com outras, mas também seleciona um significado especial, às vezes de natureza figurativa ou abstrata. Pensemos na colocação *comprar uma briga*, o colocado comprar se adere ao colocativo briga. Nessa combinação o verbo comprar adquire um sentido figurado, uma vez que a pessoa não pagaria por uma briga.

Para Koike (2001, p. 28) deve existir nas colocações certo vínculo semântico entre os dois itens lexicais combinados. A autora (ibidem, 2001, pp. 25-29) nos oferece como características destes fraseologismos: a) co-ocorrência frequente; b) restrições combinatórias; c) vínculo semântico entre os dois lexemas; e d) a relação típica entre seus componentes.

Por sua vez, Corpas (1996, p. 52) frisa que “o traço essencial que diferencia as colocações das combinações livres é que estas apresentam um certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso (alguma fixação interna).⁸³” O critério norteador é o certo vínculo semântico entre seus componentes, uma vez que nas combinações livres esse elo não existe. Nesse sentido, segundo Koike (2001, p. 28), “tocar violão” e “dedilhar no violão” são colocações, mas “limpar o violão” e “guardar o violão” não o são, pois limpar e guardar não estabelecem uma relação típica com o instrumento, a diferença dos verbos tocar e dedilhar.

Portanto, entendemos como colocação a relação sintática entre dois itens léxicos que “[...] devido à sua fixação na norma, apresentam restrições de combinação estabelecidas pelo uso, geralmente de base semântica.⁸⁴”(CORPAS, 1996, p. 66).

No que diz respeito às *fórmulas*, Corpas (1996, p. 182) sublinha que esses fraseologismos têm a função de fornecer aos falantes os meios linguísticos necessários para lidar com situações específicas da vida cotidiana, como dar condolências em um funeral, pedir desculpas por ter pisado alguém ou agradecer.

⁸² Tradução nossa do original: coapariación frecuente y lineal de las palabras en el discurso.

⁸³ Tradução nossa do original: el rasgo esencial que diferencia las *colocaciones* de las *combinaciones libres* de palabras es que las *colocaciones* presentan cierto grado de restricción combinatoria determinada por el uso (cierta fijación interna).

⁸⁴ Tradução nossa do original: debido a su fijación en la norma, presentan restricciones de combinación establecidas por el uso, generalmente de base semántica.

Imersos numa perspectiva aplicada, acreditamos que a autora supracitada esqueceu que estas são produzidas por sujeitos com uma matriz ideológica, social e histórica que influenciará o (não) uso desses. Nestes e outros irão se revelar parte das emoções dos sujeitos inquiridos, uma vez que estes fraseologismos se configuram como fórmulas aprendidas e repetidas que respondem a diferentes reações emocionais de acordo com o lugar de fala e o contexto situacional dos indivíduos.

Cabe salientar que não adotamos *rotineira ou de rotina*, sendo no âmbito hispânico o mais comum (fórmulas de rotina – Corpas, 1996; Penadés, 1999; Alvarado, 2007, Yoshino, 2008) por considerar que não diz nada, nem o de *pragmatema*, mais conhecido no Brasil, pois consideramos que todo fraseologismo está inserido num contexto semântico-pragmático. Simplesmente, nos referiremos a estas unidades como *fórmulas*.

Como se sabe, esta noção chega ao campo da fraseologia através dos estudos da conversação no âmbito da corrente sociológica da etnografia da comunicação com linguistas como Aijmer (1996) ou Coulmas (1979) que chama essas fórmulas de “conversational routines” –*rotinas de conversação*– conceito muito mais amplo e parcialmente relacionado ao universo fraseológico que vai mais além dos limites do estritamente linguístico.

De qualquer forma, Penadés (1999) salienta que este tipo de fraseologismos tradicionalmente foi abordado de forma muito artificial, sem ter levado a atenção que elas merecem. Podendo até concordar com a autora, destacamos que estas formas linguísticas continuam sendo *maltratadas*, pois não se levam em conta seus múltiplos efeitos de sentidos; o que estas revelam da identidade dos sujeitos e dos grupos; e quais emoções, sentimentos ou ideologias são manifestadas através delas.

Além disso, queremos chamar a atenção para algumas destas unidades fraseológicas por elas quebrarem o paradigma da própria fraseologia que fundamenta seu objeto de estudo nas “combinações de palavras”, isto é, nas unidades polilexicais. Estas as incluiremos na seção dos fraseologismos estigmatizados por abalar os princípios da disciplina.

De acordo com Penadés (1999, p.14), existem exceções como as fórmulas de cumprimento em espanhol: *hola* ou *adiós*, constituídas apenas por uma palavra e que, segundo a autora, são fórmulas legítimas, pelo que devem ser entendidas como *fraseologismos não polilexicais ou monolexicais*. Nessa perspectiva, defendemos que as expressões baianas *oxente*, *mainha*, *porreta* ou *axé* fazem parte do nosso universo

fraseológico como fórmulas com os mesmos direitos e legitimidade que outras unidades polilexicais, tais como: *ó pai ó, tô de boa, na moral, é nois*, dentre outras.

3.2.3.3 *Os não fede nem cheira: fraseologismos despercebidos ou invisibilizados*

Pretendemos abordar esta questão nem tanto de uma perspectiva classificatória, tomando como ponto de partida as classificações existentes, mas apenas com o intuito de levantar a questão, trazendo a reflexão de que, ao estabelecermos padrões fixos de classificação como é tradição na fraseologia de viés formalista, este tipo de olhares fomenta o esquecimento e a invisibilidade de outros fraseologismos que ficam por fora. Assim, somos cientes que nós mesmos nesta seção esquecemos outros tantos. Parece inevitável que tal fato aconteça.

Dessa forma, há muitos fraseologismos esquecidos pelos estudos fraseológicos, começando pelas parêmias, ditados, provérbios ou adágios, dos quais se ocupa “supostamente” a paremiologia, considerada por alguns estudiosos disciplina independente da fraseologia. Sem entrar nessa polêmica que não nos cabe por compartimentar o conhecimento, tomamos para discussão as palavras de Corpas (2017, 264):

Os grandes desafios seguem sendo em parte os mesmos de 20 anos atrás: a metafraseologia e os termos que denotam os conceitos básicos e os principais tipos de unidades. Além disso, o fato de continuarmos falando de “paremiologia” indica uma parada nociva no passado e em épocas ateóricas.

Na nossa concepção, acreditamos que os grandes desafios devem ser outros mais além desse tipo de discussões formalistas e/ou estruturalistas que permitam o avanço nas metodologias e perspectivas dos estudos fraseológicos. Permanecer estagnados nos conceitos básicos e/ou em delimitações espúrias que pretendem determinar tipologias de unidades fraseológicas é uma tarefa dificilmente abarcável e esgotadora, além de pertencer a épocas passadas. No nosso entender, existe já muita bibliografia a este respeito.

Concordamos, sim, com a autora que a denominação de paremiologia assinala uma concepção ultrapassada. Daí que defendamos que a paremiologia deva fazer parte do estudo das combinações de palavras, conhecido tradicionalmente como fraseologia⁸⁵.

⁸⁵ Embora considerando, por enquanto, o termo fraseologia mais ou menos acertado, poderia se questionar e propor outras denominações diferentes para esta área de estudo que versa sobre a combinatória e suas implicações.

“É necessário entender que a “paremiologia” não é mais que o estudo de uma parte da fraseologia.” (CORPAS, 2017, 265).

De qualquer forma, concordemos ou não a delimitação da área continua sendo uma das grandes questões da fraseologia. Por isso, partimos dessas classificações para poder revisitar criticamente as temáticas fraseológicas.

Em qualquer caso, **O jeito que a gente diz**, inicialmente publicado em 2005, (TAGNIN, 2013) tornou-se referência imediata para inúmeras pesquisas realizadas no Brasil que lidam com os aspectos de convencionalidade e idiomaticidade, além dos puramente formalistas relacionados à tipologia de unidades fraseológicas. Dentro de uma perspectiva estruturalista e contrastiva, a autora oferece uma pequena luz para alguns dos fraseologismos esquecidos, tais como: os binômios, as estruturas agramaticais consagradas ou as “expressões convencionais”⁸⁶.

Os binômios, comumente formados “[...] por duas palavras pertencentes à mesma categoria gramatical e ligadas por uma conjunção ou preposição [...]” (TAGNIN, 2013, p. 81), ganham espaço no capítulo 8 do seu livro. Possíveis exemplos em português: *preto e branco; lucros e perdas; achados e perdidos, cão e gato, arroz com feijão; sujou, limpou; quebrou, pagou*, dentre muitos outros. Campo de pesquisa ainda por explorar no âmbito das colocações.

A autora no capítulo 9 apresenta o que denomina estruturas agramaticais consagradas, “[...] nem tudo que dizemos é perfeitamente gramatical [...]” (TAGNIN, 2013, p. 91), oferecendo algumas estruturas sintaticamente cristalizadas em inglês, tais como: *how come?, let alone, long time no see*. Para Nascimento (2017) não há regras na gramática que expliquem sua formação, violam certas regras da norma padrão. A autora (ibidem, 2017, p.19) apresenta os seguintes exemplos: *não tem de quê! E tremia que nem vara verde*.

Por fim, no capítulo 10, brevemente tratadas, Tagnin (2013) aborda o que ela denomina “expressões convencionais”, que no nosso entendimento são simplesmente um tipo de fórmulas, dando exemplo para inglês e português, a saber, *fit for human consumption/adequado para consumo humano e best before/prazo de validade*.

Como vimos advertindo, estas classificações tipológicas são muito polêmicas, mais ainda quando tomadas de forma superficial e sem critérios consistentes e claros. No nosso entendimento, a proposta da fraseóloga de visibilizar este tipo de

⁸⁶ Entendemos depois de revisitado o livro este conceito como uma subclasse de fórmula.

fraseologismos é loável. No entanto, pretender classificá-los se torna complicado. Qualquer fraseólogo poderia entender os *binômios* como uma subclasse das colocações; as *estruturas agramaticais consagradas*, bem como fórmulas, bem como locuções, dependendo do caso; e, por último, as *expressões convencionais*, pelos exemplos dados pela autora estariam mais para fórmulas.

Em qualquer caso, não pretendemos levantar essas discussões formalistas que deixamos para outros especialistas mais experientes nesse tipo de trabalhos estruturalistas. No final das contas, estas denominações é como mudar o nome de favela para a comunidade sem alterar a concepção e suas implicações para cada termo.

No nosso viés sócio-político, fazemos questão de destacar duas categorias de grande valor sócio-histórico, dentre outras possíveis, como fraseologismos esquecidos pelos estudos na área e das diversas classificações mais preocupadas com as questões formais e estruturalistas. Referimo-nos aos *clichês* e os *slogans*, permeados por implicações sociais, ideológicas e/ou históricas. Estes podem oferecer um relevante campo de pesquisa transdisciplinar ainda por descobrir.

Os *clichês* guardam relação com o discurso repetido e referem-se a uma frase que revela a expressão de uma ideia ou ação que por ser usada em excesso perde a novidade. Provavelmente recorrer a clichês nos discursos orais e/ou escritos indique falta de reflexão, de criatividade ou de sinceridade por parte do sujeito que os emprega. Estes fraseologismos se materializam nos discursos hegemônicos, cristalizados e convencionalizados em todas as sociedades.

Eles são resultado da repetição de uma forma linguística que se impõe como valor de verdade. Para Lázaro Carreter (1980), estes são formações fixas que pesam nas frases ou sentenças, tornando-as prototípicas e irrelevantes. Nesse sentido, os clichês de base comparativa, tradicionalmente considerados locuções, são abundantes. Em espanhol encontramos: *trabajar como un negro, huir como de la peste, engañar como a un chino*.

O relevante, para nós, não é a forma ou estrutura que estes fraseologismos apresentam, senão as ideologias discursivas que estão por trás deles. Estes têm muito a ver com os estereótipos ou ideias automatizadas, ao contribuir com a divulgação de concepções ou crenças coletivas. Santos (2012, p. 27-28) afirma que:

A diferença entre clichê e estereótipo consiste no fato de que o último está mais ancorado no discurso, enquanto o primeiro se estabelece pela repetição literal de frases do tipo, “lugar de mulher é na cozinha”.

O estereótipo, no discurso, deve ser reconstruído pelo leitor, por meio dos modelos culturais existentes; assim, no caso da mulher, está-se na dependência do conjunto das imagens que em geral se tem dela: fragilidade, maternidade, tanque, cozinha, etc. O clichê, por sua vez, diferencia-se do estereótipo por estar mais ligado a um estilo banalizado, a figuras que se repetem ou a frases feitas, repetidas nos discursos, a pensamentos marcados pela banalidade e falta de originalidade.

Nas nossas análises esperamos encontrar esses discursos repetidos, esses clichês que espalham ideias ou opiniões banalizadas, produto da pouca reflexão, conhecimento e observação dos fatos sociais.

Conceituações diversas existem no âmbito da fraseologia, muito atreladas a textos literários. Ortiz (2001, p. 88) entende o clichê como uma frase construída e transmitida pela linguagem literária à comum, o que o banaliza pelo excesso de repetição, oferecendo como exemplos: “a maldade está nos olhos de quem vê” e “em alto e bom tom”. Já Monteiro-Plantin (2014, p. 77) considera o clichê como uma materialização linguística do estereótipo e cita vários exemplos: “mulher no volante, perigo constante”, “Deus é brasileiro”, dentre outros.

A primeira concepção está mais para bordão e não necessariamente estes são da literatura. Alguns destes bordões podem se popularizar nas redes sociais por cantores, jornalistas ou políticos. Atualmente com as restrições da epidemia os shows / lives que os cantores estão realizando no Youtube estão espalhando bordões do tipo: “buteco em casa”, “fique em casa aqui comigo”, dentre outros.

Já o conceito de atrelar clichê a estereótipo como sugere Monteiro-Plantin nem sempre ocorre. Para autora (Monteiro-Plantin, 2014, p.77) o clichê é um estereótipo linguístico e este constitui “nossa visão de mundo, nossas crenças, concepções, preconceitos e superstições e sob as quais nem sequer temos necessidade de refletir.”

Existem aqueles que não tem como origem um estereótipo e outros que funcionam como frases efeito. Pensemos naqueles que aparecem em alguns filmes, a saber, *temos companhia, segue esse carro*. Em espanhol, há também vários fraseologismos deste tipo: *esto es solo el principio, siga ese coche*.

Alguns deles são clássicos do cinema, e até foram imortalizados. Lembremos de aquelas frases que fizeram história: *hasta la vista, baby* do filme O julgamento final (1991); *Este é o começo de uma bela amizade*; *Nós sempre teremos Paris* que aparece em Casablanca (1942); *E.T. telefone minha casa* de E.T.: O Extraterrestre (1982); *Elementar, meu caro Watson* no filme As Aventuras de Sherlock Holmes (1939) ou

Com Deus por testemunha, eu nunca mais passarei fome!, lembrança de um clássico do celuloide: *E o vento levou* (1939), por citar alguns.

Sabemos que estes clichês recebem outros nomes tais como estereótipos ou lugares-comuns, frases feitas ou fórmulas muito frequentes, que podem revelar uma falta contra a verdade, por constituírem uma crença simplista. Os estereótipos, que consideramos como parte dos clichês, se bem esclarecemos que nem todos se fundamentam na ignorância e no preconceito, representam concepções de valor predominantes em uma dada comunidade cultural. Na sua tese, Riva (2009, p. 20) apresenta alguns destes clichês baseados em estereótipos: *Homem é tudo igual; As crianças não pediram para nascer; Lugar de mulher é na cozinha*.

Outra das unidades fraseológicas esquecidas é *o slogan*. De acordo com o DRAE (2019) este é uma fórmula curta e original, usada para publicidade, propaganda política, etc... É normalmente um fraseologismo conciso, fácil de lembrar, utilizado em campanhas de propaganda políticas ou de publicidade, dentre outras.

O termo *slogan* é uma anglicanização de um termo *gaélico-escocês* que significa, literalmente, grito de guerra, usado antigamente pelos escoceses durante as batalhas.

Monteiro-Plantin (2014, p.82) salienta que estas unidades fraseológicas “partilham de algumas das características das UFs [unidades fraseológicas], a saber, a polilexicalidade, a fixação e a convencionalidade gerada pela repetição continuada, embora, geralmente, não sejam idiomáticas.” No seu livro, cujo título é **Fraseologia: era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna**, a autora (ibidem, 2014, p.77) afirma que os *slogans*, junto com os estereótipos, clichês e bordões, são expressões de classificação complexa, que denomina *carne de peçoço*, não sendo consideradas como tais, pelo que resolve “classificá-las como unidades semi-fraseológicas, ou semi-fraseologismos”, estigmatizando estas unidades, como se fossem o patinho feio da fraseologia.

Imersos nessa lógica, a grande maioria das colocações, inúmeras fórmulas e até um número expressivo de locuções não fariam parte da fraseologia, pois não são idiomáticas, já que possuem um significado transparente. No fundo, o que está por trás disso é uma visão restrita da fraseologia, que não compartilhamos, pois entendemos que existe uma gradação no sentido literal – figurado / transparente ou opaco, dependendo do fraseologismo analisado. Ninguém duvida que o significado da expressão *dar um pé na bunda* está mais próximo da literalidade do que *bater as botas*.

Defendemos que os slogans e os clichês são unidades fraseológicas de pleno direito, independentemente da sua opacidade e não concordamos com essas denominações de semi-fraseológicas. Os seres humanos somos ou não somos, mesmo alguns agindo como animais. Partimos do pressuposto que nem todos os fraseologismos devem ser obrigados a cumprir os quatro parâmetros supracitados na seção anterior: *polilexicalidade, fixação, idiomaticidade e institucionalização*.

Portanto, sabemos que tanto os slogans quanto os clichês são combinações polilexicais que têm a característica de serem pré-fabricadas, institucionalizadas e construídas no saber linguístico dos usuários. Portanto, são fraseologismos, sim.

Pensemos em clássicos *slogan* –mais fixos e com menos variação na sua estrutura do que muitas outras unidades– tais como: *sorriso saudável, sorriso Colgate; a primeira impressão é a que fica* (Axe); *lugar de gente feliz* (Pão de Açúcar); *me acostumei com você* (Supermercado São Luiz).

Outros se referem a remédios, a saber: *Para você ficar legal, melhor é Melhoral; Tomou Doril, a dor sumiu; É gripe? Benegripe*. Há aqueles comerciais que têm a ver com bebida: *Paixão brasileira Ypioca; Campari, só ele é assim; Desce redondo* (Skol) *ou Antartica a melhor cerveja do Brasil*. Ou por citar mais três muito conhecidos: *O café forte do Brasil* (Pilão); *A gente se vê por aqui* (Globo) *ou mandou, chegou* (Sedex).

Ademais, existem vários que não são específicos do Brasil, provém de adaptações do inglês. Dentre eles, podemos citar: *I'm loving it* (Mc Donalds); *Amo muito tudo isso / Me encanta; Red bull gives you wings; (Red Bull) te dá asas / te da alas; L'oreal, because I'm worth it, L'oreal, porque você vale muito / porque tú lo vales*.

Como se sabe, não só as empresas usam slogans. No trânsito podemos ver placas com estes: *motociclista use sempre o capacete / motorista use o cinto de segurança, o cinto de segurança salva vidas, reduza a velocidade*, dentre outros. Cabe lembrar também: *homens trabalhando* ou aquele de *beba com moderação*.

Do mesmo modo, na política são muito usados. O *slogan* do governo Lula era *Brasil, um país de todos*; o da Dilma Russéf: *País rico é país sem pobreza*. O do Temer usou o da bandeira: *Ordem e progresso*. Já o *slogan* do governo Bolsonaro é: *Pátria Amada Brasil*.

Outros fraseologismos deste tipo já apareceram em diversas ocasiões, tais como: *Primeiramente, fora Temer; Se fere minha existência, serei resistência; Ele não; Fascistas, não passarão*; usados pelos movimentos de esquerda no Brasil. Enquanto

que posicionamentos mais próximos da direita política também criaram os seus, a saber, *A nossa bandeira jamais será vermelha; Brasil acima de tudo, Deus acima de todos; Bandido bom é bandido morto*, dentre outros.

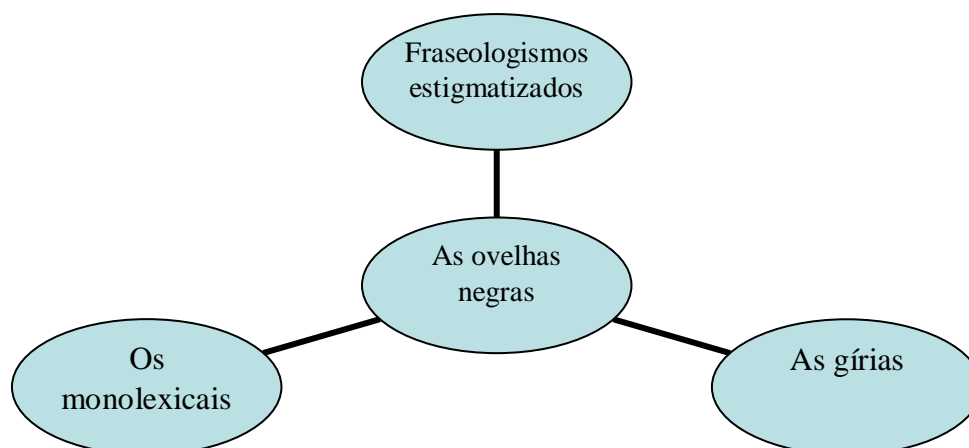
Por fim, o campo de pesquisa que oferece estes fraseologismos esquecidos, que nem fedem nem cheiram, é inesgotável e permite discutir questões de índole política, social, ideológica ou histórica. Acreditamos que futuros trabalhos virão sob análises transdisciplinares que elevarão estes tipos de fraseologismos, “os semi-fraseologismos ou não-fraseologismos” –considerados como tais por muitos autores– à visibilidade, espaço e relevância que merecem por se constituírem como unidades fraseológicas que dizem muito das suas culturas, sociedades e sujeitos.

3.2.3.4 As ovelhas negras: os fraseologismos estigmatizados

Por último, queremos abordar o elo mais fraco da fraseologia na nossa concepção ampla deste campo de estudo: os fraseologismos estigmatizados. Estes são unidades que são negadas, não reconhecidas e afastadas do universo fraseológico principalmente por:

- a) Não cumprir os requisitos formais/estruturais que “deve ter” qualquer fraseologismo: os *monolexicais*.
- b) Não chegar aos padrões sociolinguísticos de correção, considerados vulgares ou chulos, sob uma perspectiva de língua ideal, pura e correta: as *gírias*.

Figura 5 – Fraseologismos estigmatizados



Fonte: elaboração própria do autor

Em primeiro lugar, encontramos os *monolexicais*, uma série de fraseologismos que não cumprem as exigências da disciplina e que quebram, de certa forma, o paradigma da própria fraseologia, que se fundamenta, basicamente, na combinação de itens lexicais, na polilexicalidade.

Sob uma perspectiva estruturalista, Montoro (2005, p. 99) salienta que a pluriverbalidade “consiste em que as unidades [fraseológicas] estão constituídas por dois ou vários componentes que aparecem separados na escrita”⁸⁷. Exatamente, dessa forma é concebida pela grande maioria dos fraseólogos. Talvez, “o único traço ou propriedade fraseológica consensual seja a polilexicalidade.” (MARTINS, 2013, p. 4). A lógica é a seguinte: se os itens lexicais estão separados podemos aplicar os critérios e na pior das hipóteses classificar como combinações livres ou compostos sintagmáticos, mas se aparecem escritos convencionalmente juntos, são descartados de vez.

Em contraposição, por uma parte, sabe-se que a pluriverbalidade não é um traço exclusivo dos fraseologismos. Pensemos, por exemplo, em construções onímicas, tais como: União Europeia, Organização das Nações Unidas ou Pão de Açúcar – tradicionalmente não fizeram parte da área. Por outra, há vários autores que incluíram as locuções verbais com pronome clítico – estruturas monolexicais em espanhol do tipo *dársela*, *pelársela*, *palmarla* – no âmbito da fraseologia (cf. García-Page, 2010).

A priori, todos estes posicionamentos encontram algumas problemáticas, visto que a língua evolui e a tendência diacrônica de qualquer idioma habitualmente é a simplificação e a perda de carga fônica dos elementos, favorecendo a junção destes.

Historicamente, por exemplo, o item lexical vinagre era uma colocação nominal que provinha do francês –*vin aigre*– *vinho azedo*. O mesmo ocorria com o vocábulo fidalgo que era *filho de algo*. Um composto ainda mais claro é a fórmula do espanhol, *enhorabuena*, nascida do fraseologismo *en hora buena*. Assim, poderíamos colocar inúmeros exemplos.

O que fazemos, por conseguinte, com *dedo-duro*? É uma expressão idiomática? Ou é uma simples palavra? Podemos concebê-la como *ser um dedo duro*, ao igual que outras que mantiveram a escrita: *ser um barriga branca* ou *ser um cu de cana*? É *puxa-saco* ou *puxa saco*? É *cu de cana* ou *cu-de-cana*?

Nessa lógica grafêmica, *puxa-saco* ou *dedo-duro*, dentre outros exemplos, não seriam mais expressões idiomáticas. Já Nogueira (2017, p. 79) na sua tese salientou:

⁸⁷ Tradução nossa do original: consiste en que dichas unidades están formadas por dos o varios componentes que aparecen separados en la escritura.

embora não seja o suficientemente claro nos estudos fraseológicos espanhóis, a pluriverbalidade ainda é um aspecto importante⁸⁸. Concordamos com o autor que este é um aspecto essencial, é a base da fraseologia. Porém, pensamos que estas relações podem se apresentar de diversas formas, que não sejam unicamente grafemáticas.

O simples fato de ainda em português existir o hífen nos fraseologismos *puxa-saco* ou *dedo-duro*, dentre outros, significa que existe sim uma relação entre os dois elementos, que já foram dois itens lexicais independentes e que na atualidade se apresentam como uma palavra composta. Ninguém pode negar a idiomaticidade dos dois exemplos propostos, tão recorrente e cobrada pelos dogmáticos da área para dar o aval se a forma linguística é do campo da fraseologia ou não.

O próprio termo de unidade fraseológica, tão geral e aceito, significa isso uma combinação de itens que formam uma unidade, pelo que não é estranho pensar que muitos fraseologismos acabem sendo simples unidades léxicas.

De qualquer modo, outras formas se apresentam monolexicais, uma vez que elidem uma ou várias das suas partes. Este é o caso, por exemplo, da fórmula *Nossa!* que se originou de *Valha-me, Nossa Senhora!*, expressão usada com referência à mãe de Jesus. Também encontramos como fraseologismo apenas a primeira parte, *Valha!* Pensemos, do mesmo modo, em *Vixe!*, alteração de *Virgem!*, forma reduzida de *Virgem Maria!*; ou *Oxe!* redução de *oxente!* que provém de *Ó gente!* *Pena!* também é apresentação monoverbal de *que pena!*; nesse sentido, *Calma!* ou *Cuidado!* suprimem a forma verbal tenha: *tenha calma* ou *tenha cuidado!* Até a fórmula *Obrigado!* provém do fraseologismo *eu estou obrigado*, e assim em adiante. Muitas destas fórmulas surgiram da junção de elementos ou nelas estão implícitas uma combinação de palavras.

Defendemos que se um dos traços das fórmulas é constituir por si próprias atos de linguagem (cf. Corpas (1996); Penadés (1999)), o fato de estas não serem apresentadas necessariamente como *unidades pluriverbais*, não nos dá o direito de excluí-las do âmbito de estudo da fraseologia. Na nossa opinião, estas fórmulas sejam monoverbais ou sejam plurilexicais adquirem igualmente um significado especializado em vista de seu uso em contexto que é o traço definidor que propõe autoras como Corpas (1996) ou Alvarado (2008).

Esse estigma que carregam os monolexicais vem de tempo. Na década de 80, já Tristá (1988) sublinhava que todo fraseologismo devia estar integrado por duas ou mais

⁸⁸ Tradução nossa do original: pese a que no se encuentre lo suficientemente clara en los estudios fraseológicos españoles, la pluriverbalidad no deja de ser un aspecto importante.

palavras, uma das quais, pelo menos, devia ser uma palavra plena. Assim, a fraseóloga cubana diferenciava entre fraseologismos uninucleares do tipo: *às cegas, de boa, na marra*, e binucleares ou multinucleares, tais como: *quebrar o galho, a rainha da cocada preta*.

No nosso ponto de vista, essas visões estruturalistas não se sustentam. Pensemos nas parêmiias, estas mantêm o seu status como tais, sua fixação na língua, embora muitas delas não sejam usadas em sua totalidade, senão apenas uma parte. Em espanhol, nos ocorre: *Dios los cría... (y ellos se juntan)*, *Dime con quién andas... (que te diré quien eres)* ou *En boca cerrada... (no entran moscas)*.

Porque ninguém questiona quando aparece só a primeira parte que se trata de um ditado e sim duvida-se ou rejeita-se quando certas fórmulas ou locuções aparecem elididas? A resposta é simples. Por mais que se elida uma parêmia sempre haverá um mínimo de duas palavras, embora se quebre a concepção bimembre independente que categoriza um provérbio. Outros fraseologismos não correm essa sorte e se apresentam monolexicais. E então, o que ocorre? O dogma da polilexicalidade os decapita.

Caso à parte são as preconceituosamente denominadas *gírias*. Numa fraseologia claramente estruturalista não se entende a aplicação de uma noção sociolinguística. Não devíamos nem considerar estas como uma tipologia, mas vários estudos no Brasil nos obrigam a tomar este posicionamento crítico.

Ortiz (2000) manifesta que há vários tipos de combinações de palavras como: as expressões idiomáticas, os provérbios, as frases feitas, *alguns tipos de gírias*, as colocações, locuções, clichês, frases proverbiais e os modismos. Palavras textuais da autora (ibidem, 2000, p. 3-4 –grifo nosso): “a gíria, um outro elemento da fraseologia, há muito tempo passou a ser uma língua vívida, expressiva, embora alguns pensem e digam ser intolerantes com ela, enquanto outros *a elogiam pela sua graça e tonalidade* que caracteriza a sua própria ressonância fonética.” Pelo que desprendemos de suas palavras a gíria é elogiada pela sua graça, ou seja, é exótica e engraçada.

Com relação a este assunto, Ortiz (2000, p. 34) continua afirmando que “o chamado *cubaneio* não deve ser interpretado como a vinculação da fala popular com a fala vulgar ou a gíria, ou o marginal.” Em outras palavras, o *cubaneio* –variedade linguística de Cuba– é formado por expressões idiomáticas, pois se identifica com a fala popular e a fala vulgar ou marginal que é cheia de gírias é outra coisa.

Na nossa concepção, podemos observar uma noção de gíria com uma clara carga estigmatizante se nos baseamos no terceiro componente da teoria de Link & Phelan

(2001), ao propiciar a *separação cognitiva* entre “nós”, diferentes e melhores - o *cubaneio* e “eles”, as falas vulgares ou marginais de grupos estigmatizados.

A noção de gíria que a pesquisadora (ibidem, 2000, 125 –grifo nosso) propõe é:

[...] uma manifestação da língua viva, constituída por expressões *próprias de determinados grupos sociais (estudantes, ladrões, etc.)* de significado atribuído, mais ou menos arbitrariamente, e de utilização transitória, construções passageiras que podem em pouco tempo deixar de ser usadas.

Esta associação de gíria a diversos grupos sociais constitui um rótulo negativo que estimula a *perda de status e discriminação* – quarto e quinto componente da teoria do *estigma* de Link & Phelan (2001) – desses fraseologismos e que fundamentamos nas palavras da própria autora (ibidem, 2000, 123 –grifo da autora):

As Eis [expressões idiomáticas] distinguem-se também da gíria, estando essa num estágio de evolução do idioma anterior ao estágio de cristalização, isto é, as gírias representadas por sintagmas verbais *pegar leve* são passageiras e podem, em pouco tempo, deixar de ser usuais e, portanto, não se integrando em definitivo à língua.

Por fim, é difícil adotar esse critério de perdurabilidade de um fraseologismo na língua. Na época a expressão idiomática, *pegar leve*, considerada gíria pela autora, poderia parecer até passageira, mas vinte anos depois podemos afirmar sem medo de errar que é um fraseologismo consolidado. Sob o nosso ponto de vista, estes parâmetros não se sustentam de forma nenhuma. Essa divisão artificial de gírias versus expressões idiomáticas não tem a maior cabida.

No final das contas, o que está por trás disso é a estigmatização de certas unidades fraseológicas pelos sujeitos ou grupos que maiormente as usam. Sob essa perspectiva a língua se constitui num sistema de opressão dos sujeitos que devem ter o direito de usar suas expressões nos diversos contextos sem o medo ou a vergonha que o estigma exerce sobre eles.

De acordo com Xatara (1995, p. 196): “por muito tempo a semântica e a pragmática foram marginalizadas, ciências essas imprescindíveis para o estudo das EI [expressões idiomáticas].” Na época a autora já observava que nas gramáticas, em geral, estas expressões eram desconsideradas, esquecidas, pelo fato de que este instrumento didático privilegiava a norma culta da modalidade escrita. De fato, a pesquisadora destacou que quando elas estavam presentes, eram propostas no capítulo que tratava dos vícios e anomalias da linguagem.

Se vinte e cinco anos atrás os fraseologismos, as simples expressões idiomáticas, eram estigmatizados nos livros didáticos, qual é a razão de continuar com essa denominação estigmatizante de gíria? Parece que nada aprendemos.

A problemática destas ideologias linguísticas é a reprodução de modelos de análise e práticas discursivas injustas. Em teses brasileiras recentes podemos observar essa noção carregada de preconceito. Riva (2009, p.18 –grifo nosso) a usa para esclarecer um critério de *separação cognitiva* a fim de selecionar os elementos fraseológicos que fizeram parte do seu estudo.

Para a maioria dos autores, a Fraseologia incluiria, dentre as unidades estudadas, apenas as *expressões gíricas, descartando as gírias monoverbais*, que escapam aos propósitos dessa área, voltada à análise das combinatórias lexicais. Como nosso trabalho não objetiva analisar tal fenômeno, mas apenas os idiomatismos.

Matias (2015, p. 47) no seu trabalho que consiste em consultar dicionários escolares se surpreende que “alguns deles tragam em suas entradas gírias como: “dedo-duro”, “curtir” e “legal”. Seguindo a lógica desta autora, o fraseologismo dedo-duro receberia duplo estigma por ser gíria e por ser monolexical.

Por sua vez, Pinheiro (2015, p.53-54 –grifo nosso) reflete sobre o pragmatema *macacos me mordam!* tomado de Glenk (2007) e que ela considera ultrapassado.

Sobre esse exemplo, apenas refletimos se ainda hoje tal expressão caracteriza essa jovialidade de que fala a autora, visto que prevalecem no linguajar jovial *expressões gíricas* como “ *Fala sério!, Véio, na moral, na boa! Que que é isso companheiro/macho/ma/rapaz (rapá)/cara?*”

Esta noção gíria está muito introjetada no imaginário popular brasileiro e parte, infelizmente, de uma ideologia linguística bem consolidada. Pensemos apenas a grande quantidade de vocabulários, que não dicionários, que compilaram essas unidades (cf. Viotti (1956); Tacla (1968); Silva (1973); Passos (1973)⁸⁹).

Este termo, no nosso modo de ver, reflete um pensamento de uma sociedade brasileira dividida⁹⁰, polarizada, por conta das desigualdades sociais. Este conceito se

⁸⁹ Títulos das obras: VIOTTI, M. *Novo dicionário da gíria brasileira*, 1956; TACLA, A. *Dicionário dos marginais*, 1968; SILVA, E. Carneiro. *Dicionário da gíria brasileira*, 1973; PASSOS, A. *A gíria baiana*, 1973. As referências completas constam no final desta tese.

⁹⁰ Luchessi (2015) no seu livro *Língua e sociedade partidas: A Polarização Sociolinguística do Brasil*, parte da ideia de que a sociedade brasileira está polarizada por conta das desigualdades sociais. Tal fato reflete na língua.

relaciona a variação vertical da língua, concretamente, a aspectos diastráticos. Nesse viés, poderíamos até afirmar que a gíria é a fraseologia do pobre, do povão.

Assim, podemos suspeitar que esta disciplina, como a linguística, pode chegar a marcar ainda a identidade própria do indivíduo como sujeito *insider* ou *outsider* do grupo. Defendemos que as denominadas gírias são simplesmente diversas expressões ou manifestações linguísticas da identidade de grupos “marginalizados”.

Fazendo uma analogia com um poema de Galeano, poderíamos dizer que os invisibilizados não possuem cultura, mas sim folclore ou subcultura; não professam uma religião, apenas superstições; não falam línguas, mas sim dialetos; e, por extensão, não têm expressões idiomáticas, apenas usam gírias. Estas são, portanto, os fraseologismos de “Los Nadie⁹¹”, isto é, dos “ninguneados”.

Este termo preconceituoso, a priori, se constitui como expressões opacas, marginalizadas que um grupo usa para que outros não as compreendam. É claro o aparecimento em muitas línguas de diversas formas linguísticas em ladrões como código cifrado, cujas expressões não possam ser entendidas pela polícia. Porém, não é compreensível a diferenciação entre gíria e expressão, uma vez que todo fraseologismo faz parte de uma identidade grupal e qualquer deles conforma diversos sentidos opacos, metafóricos que só quem conhece ou convive com o grupo onde essas expressões são geradas consegue decifrar.

Se pensamos na definição deste conceito em Nascentes⁹² (2003, p. 593) como um tipo de “vocabulário especial dos criminosos, contrabandistas, vadios e outras pessoas de índole duvidosa”, é evidente que historicamente este vocábulo carrega um preconceito ou estigma linguístico. Este autor salienta que através dos sambas carnavalescos é que surgem as gírias “cariocas”, provenientes da favela e elas se espalham por todo o Brasil.

Se na época já se associava a grupos economicamente desfavorecidos, não difere muito deste século XXI, já que ainda temos a percepção e representação de que as gírias saem das periferias, dos guetos, dos morros, das favelas, especialmente se pensamos no funk como um gênero musical que espalha as “expressões que não prestam”.

⁹¹ Galeano, Eduardo. Los Nadie, In **El libro de los abrazos**. Uruguay: Ediciones la Cueva, 2003.

⁹² Antenor Nascentes (1966), autor da obra **Tesouro de Fraseologia Brasileira**, foi um filólogo, dialetólogo e lexicógrafo brasileiro de grande importância para o estudo da língua portuguesa que ocupa, como fundador, a Cadeira nº 3 da Academia Brasileira de Filologia.

Como Ortiz (2000), Preti (1984, p. 67) também compartilha o olhar preconceituoso de Nascentes quando diferencia dois tipos de gíria. Uma de caráter mais restrito, caracterizada como linguagem de identificação, que, se bem busca a comunicação, prevalece a preservação do grupo. Já uma outra sai desse grupo de origem e passa a fazer parte da sociedade, mesmo sendo contestada ou apagada, assim, deixa de ser vista como gíria e vai para a linguagem popular.

Sob esta perspectiva, podemos entender que podemos classificar as injustamente denominadas gírias como fraseologismos de primeira se tiveram a sorte de se espalhar na sociedade ou unidades de segunda, ou própria e autenticamente gírias, quando ficaram restrita a um grupo social desfavorecido. Aquela espalhada já é, de certo modo, uma negação da própria gíria, pois esta noção é, por natureza, uma linguagem secreta fechada (PRETI, 1984, p. 67).

Numa sociedade interconectada e globalizada, por exemplo, no caso brasileiro, sabemos que o funk, além do samba, originário do morro e instalado nas boates dos bairros de classe média, espalha um tipo de fraseologismos usados nas favelas – consideradas no início gírias de grupo– para outros grupos sociais que adquirem essas práticas languageiras que saíram do âmbito das comunidades mais carentes da sociedade. Dessa forma, não são mais vistas como gírias de favela, mas expressões populares, alcançando outro status linguístico.

A partir dessa movimentação de expressões de primeira e fraseologismos de segunda, pretendemos afastar aquele olhar preconceituoso e estigmatizante que essas formas linguísticas mobilizadas por profissionais migrantes do sexo carregam, pressupondo que esses sujeitos apenas usariam gírias e não expressões, isto é, uma linguagem de malandros, marginais, pobres e excluídos. Nada mais longe da realidade. Nessa lógica binária e preconceituosa, encontraríamos as gírias dos ladrões, as gírias dos jovens ou as gírias dos profissionais do sexo. Contudo, cabe indagar: em que se diferenciam as gírias das expressões?

Entende-se que este binômio artificial ou dicotomia –expressões / gírias– é conceitualmente perverso, já que parte do pressuposto de uma concepção binária que divide as identidades linguísticas entre sujeitos que usam formas linguísticas legitimadas (expressões), confrontados com àqueles que utilizam outras que aparecem como ilegítimas (gírias), e, por extensão, invisibilizadas.

Segundo Serra e Gurgel (1996, p. 19), “a gíria é manifestação da língua viva. É expressão dinâmica da maneira de um grupo social e mesmo de uma sociedade se

expressar.” Este autor afirma que deve se ultrapassar este conceito até provavelmente ser eliminado, como propomos na nossa tese, uma vez que a própria noção visa “*confinar a gíria à linguagem dos grupos marginais* ou, como os dicionaristas e os esteticistas da língua a entendem, linguagem de malandros –espécie de *uma sub-raça de um subpovo.*” (SERRA E GURGEL, 1996, p. 19 –grifos nossos). Subscrevendo as palavras de este teórico, compartilhamos a perspectiva e manifestamos que continuar com esses posicionamentos que os puristas da língua defendem é ignorar completamente a realidade linguística e emocional que se abre entre nós.

Nesse viés, a sociolinguística e a linguística aplicada podem e devem transformar essa visão supremacista das variantes padrão nas línguas, tendo como intuito afastar o olhar preconceituoso e estigmatizador que essas manifestações ou práticas linguísticas diversas carregam, sustentando de que a gíria é a linguagem de malandros, pobres, marginais e excluídos.

Por fim, não compartilhamos de forma nenhuma essa denominação por ser preconceituosa e discriminatória, querendo terminar esta seção com as palavras de Serra e Gurgel (1996, p. 30) por alentadoras e esclarecedoras para uma mudança na percepção de outros fraseologismos ou formas linguísticas, que nós como linguistas aplicados devemos legitimar.

[A gíria] não pode ser mais considerada, em termos sociais, como linguagem de malandros ou de marginais. Nem como linguagem das populações de cultura simples. No caso brasileiro, a gíria rompeu este isolamento ou confinamento da estratificação social, acompanhando a escala de mobilidade social, para se tornar uma linguagem generalizada, utilizada por todas as classes sociais.

Há muito tempo que ela saiu do gueto linguístico. Daí que é mais do que justo não confinar os sujeitos na marginalidade linguística.

3.3 PERSPECTIVAS NA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

3.3.1 SITUANDO A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES NO CENÁRIO BRASILEIRO

A sociologia ao longo da sua história como ciência se preocupou mais com questões lógico racionais até que começou a se interessar também pelo componente emocional dos fenômenos. Neste sentido, se destacaram as teorias pioneiras de Arlie R. Hochschild (1975, 1979, 1983), Randall Collins (1975, 1981), Theodore D. Kemper (1978, 1981) y Thomas J. Scheff (1988, 2000), dentre outros, que, por meio de uma releitura de vários autores da tradição sociológica, propuseram as teorias sociológicas da emoção constituindo nos Estados Unidos na década de 70 do passado século uma subárea de conhecimento da antropologia e a sociologia. De acordo com Koury (2014, p. 841- grifo do autor), “esta nova leitura foi influenciada, principalmente, pela filosofia francesa de Derrida e Foucault e pela filosofia social de Simmel e através da redescoberta do *processo civilizador*, de Norbert Elias (1990; 1993), entre outros autores.”

No Brasil este campo de conhecimento começou a dar seus primeiros passos em finais dos anos 90 com o *Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções* (GREM), sob a orientação do professor Mauro Guilherme Pinheiro Koury, cujo objetivo é a compreensão e análise da emergência da individualidade e do individualismo no Brasil urbano contemporâneo nos planos societal e cultural: como o processo de luto e de morte; dos medos; das formas de sociabilidades e das etiquetas sociais que envolvem as relações de amizade; dos processos de ressentimento e humilhação; e das formas de estabelecimento de laços de confiança e desconfiança entre as camadas médias urbanas no país⁹³.

O GREM publica a revista quadrimestral on-line na UFPA, denominada *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção – RBSE*, desde o ano de 2002⁹⁴, com o propósito da divulgação de trabalhos vinculados à sociologia das emoções e de áreas afins que trabalhem a relação emoções, cultura e sociedade.

Pouco tempo depois, apareceu o Grupo de Pesquisa *Transformações da Intimidade* coordenado das professoras Maria Claudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende, da UERJ, com o fim de examinar as diferentes formações da subjetividade constitutivas na contemporaneidade para refletir de que forma se originam os níveis

⁹³ Informações extraídas do site do grupo de pesquisa: <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/>

⁹⁴ Para maiores informações acerca da revista, pode-se consultar o site: www.cchla.ufpb.br > rbse.

micro e macro da vida social, a partir da análise dos limites e das possibilidades da experiência individual, a saber, a subjetividade, o corpo e as emoções.

Na UFBA a sociologia das emoções emerge a partir de 2010, com o grupo de pesquisa, *Cultura, Sociabilidades e Sensibilidades Urbanas*, liderado pelas pesquisadoras Marieze Rosa Torres e Patrícia Carla Smith Galvão. Este grupo conta com duas linhas de pesquisa, a primeira –“Configurações urbanas: identidade, conflito e sociabilidade”– visa a compreensão das subjetividades dos sujeitos sociais nas cidades baianas, considerando as suas estratégias de convivência e sociabilidade, e a segunda –“Emoções, indivíduo e sociedade”– objetiva desenvolver estudos sobre emoções no âmbito das sociedades brasileira e baiana, e investir na formação de estudantes de ciências sociais⁹⁵.

Por fim, nessa mesma instituição acadêmica de ensino (UFBA), nascido em 2017, encontramos o grupo de pesquisa *DECOLIDE (Decolonialidade, Linguagem, Identidade e Educação)*, sob a liderança da professora Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista, visando desenvolver estudos sobre identidade, formação de professores e ensino/aprendizagem de línguas na perspectiva da educação intercultural, dos estudos de letramento e da decolonialidade. Embora sendo um grupo de linguística aplicada e não especificamente de sociologia das emoções, ele aborda diversos aspectos das ciências sociais, elaborando pesquisas transdisciplinares que envolvem problemáticas sociais atreladas à linguística e ao ensino de línguas e é nele que se insere esta tese.

Diante desse cenário, é interessante ressaltar que nos últimos dez anos se estimularam no País vários trabalhos de pesquisa inseridos nos programas de Pós-graduação em sociologia da UFBA e em antropologia da UFPE, a saber, as teses de Torres (2009) e de Barbosa (2019)⁹⁶, respectivamente. De modo análogo, encontramos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (mestrado) recentemente as dissertações de Alves (2016) e Santos (2018)⁹⁷. Além desses trabalhos, cabe destacar alguns livros publicados por Koury (2003; 2005; 2009) e Rezende & Coelho (2010), com o fim de buscar situar as bases epistemológicas e metodológicas da sociologia das emoções no cerne da tradição sociológica e antropológica brasileira e mundial.

⁹⁵ Para maiores informações, consulte-se o artigo de Koury (2014). A referência completa consta no final desta tese.

⁹⁶ Títulos das teses de Torres (2009) e Barbosa (2019): *Hóspedes Incômodas? Emoções na sociologia norteamericana* e *Emoções, Lugares e memórias: um estudo sobre as apropriações morais da Chacina do Rangel*, respectivamente. As referências completas constam no final desta tese.

⁹⁷ Títulos das dissertações de Alves (2016) e Santos (2018): *Segura na mão de Deus e vai...: etnografias dos rituais de despedida na cultura fúnebre do Crato-CE/Brasil* e *Curtir ou não curtir. Experimentações a partir do Tinder*, respectivamente. As referências completas constam no final desta tese.

3.3.2 ESCLARECENDO A NOSSA PERSPECTIVA DE EMOÇÃO

Analogamente como foi exposto na seção 3.2 da tese acerca das questões que se debatem no âmbito dos estudos fraseológicos, a saber, objeto de estudo, denominações e classificações das unidades, nesta apresentamos alguns dos aspectos que se discutem no âmbito da sociologia das emoções, tais como: as diferenças entre afeto, sentimento e emoção; a existência de emoções positivas ou negativas; o maior componente biológico ou social destas; a relação entre cognição – emoção e/ou de que forma a cultura emocional influi nelas.

Antes de mais nada, cabe destacar que as emoções se originam no sistema límbico do cérebro e que são estados complexos nos quais diferentes componentes intervêm:

Quadro 5 – Componentes nas emoções

Fisiológicos	Cognitivos	Comportamentais
Processos involuntários. Nas primeiras reações, aumenta a respiração, o tônus muscular e/ou ocorrem alterações hormonais.	Informação processada, consciente e inconscientemente, e que influencia nossa experiência subjetiva.	Manifestação de movimentos do corpo, tom de voz, feições do rosto e/ou gestos.

Fonte: elaboração própria do autor

Com relação às noções de afeto, sentimento e emoção, Greenberg & Paivio (2007, p. 7-8) estabelecem as seguintes diferenciações:

Afeto refere-se a uma resposta biológica, que guarda relação com processos automáticos fisiológicos, motivacionais e neuronais inconsciente a um estímulo. Este não envolve avaliação reflexiva, acontece espontânea e simplesmente, enquanto a emoção e o sentimento são produtos conscientes.

Sentimento reflete um estado afetivo retrospectivamente, enriquecido por significado e razão de ser. Este tem a ver com a tomada de consciência de sensações básicas de afeto, mas numa experiência sentida no corpo (sentir-se a tremer, sentir-se tenso).

Emoção é já uma combinação entre processos afetivos e intelectuais. As emoções dão significado pessoal à experiência de cada um. Portanto, são experiências humanas, conscientes, que acontecem quando as tendências de ação e os estados de espírito se unem com as situações que as evocam e com o *self*.

Assim, as emoções são experiências que envolvem a integração de vários níveis de processamento de informação. Podem incluir a experiência de uma emoção discreta, como medo, raiva e nojo, as quais têm associadas tendências de ação e expressões faciais específicas, bem como emoções mais complexas, como vergonha, culpa e/ou orgulho, mais relacionadas com um amplo repertório de histórias vividas.

Segundo Monedero (1995, p. 102), podemos distinguir sentimentos e emoções com base na duração. Os primeiros persistem por muito mais tempo, constituindo-se como um estado do sujeito, enquanto as segundas, as emoções, seriam sentimentos mais intensos, mas com uma duração limitada. Conforme esse autor (1995, p.102): “na emoção respondo a uma experiência que modifica violentamente meu mundo; ao sentir que devo agir de acordo com a própria experiência [...] a emoção é uma explosão de intimidade que afeta diretamente a constituição do mundo interpessoal.”⁹⁸

Portanto, podemos afirmar sem medo de nos enganar que as emoções são sentimentos relacionados com as *relações externas do self*. E esse eu biológico e social –os humanos somos animais sociais– é construído a partir de relações interpessoais. Vasco (2013) aponta que as emoções são multidimensionais, apresentam-se como fenômenos subjetivos, biológicos, sociais e possuem propósito.

Dessa forma, se estas se constituem por meio das inter-relações dos sujeitos na sociedade, podemos pensar que haja emoções positivas e/ou negativas, tais como há pessoas com vibrações positivas, enquanto outras originam negatividade.

Tradicionalmente, sob uma perspectiva reducionista, estas se classificaram em *positivas*: alegria, orgulho, amor ou admiração, dentre outras; e *negativas*: vergonha, culpa, raiva, inveja, medo ou tristeza, por citar algumas. Esta terminologia simplista é complicada, pois as suas manifestações dependerão de vários fatores que envolvem ao sujeito, além de estas não aparecer, normalmente, isoladas.

Assim, tomamos como nossas as palavras de Vasco (2013, p. 39 – grifo nosso) que salienta que as emoções podem ser

⁹⁸ Tradução nossa do original: en la emoción respondo ante una experiencia que modifica violentamente mi mundo; en el sentimiento debo yo actuar sobre la experiencia misma. [...] La emoción es una eclosión de intimidad que repercute directamente en la constitución del mundo interpersonal.

[...] *subjetivamente eufóricas (agradáveis) ou disfóricas (desagradáveis)*, adaptativas ou não-adaptativas! Aliás, existem experiências emocionais que são agradáveis e não-adaptativas (como o prazer associado aos consumos ou a satisfação dos assassinos em série), e experiências emocionais que não são agradáveis, mas que são adaptativas, como a experiência de tristeza associada a uma perda significativa!

As emoções eufóricas (alegria/felicidade, amor/carinho, preocupação/cuidado, curiosidade) motivam um comportamento exploratório proativo. Com elas abrimo-nos ao mundo, sentimo-nos genericamente bem, de espírito aberto, curioso e ativo, e com um sentimento de satisfação. Já as disfóricas –intensas e com um amplo repertório (tristeza, raiva, vergonha, medo, nojo, culpa) – podem provocar preocupação, mas nenhuma delas se confunde com as outras.

Talvez esta especialização de emoções disfóricas se deva à relevância de poder diferenciá-las ao longo da história da espécie, pois estas devem ter tido maior importância na luta pela sobrevivência biológica e social. Segundo o professor de sociologia Berycat (2000, p. 150), o caráter delas é condicionada

[...] pela natureza da situação social em que os homens se sentem. Eles são uma expressão, no corpo dos indivíduos, da rica variedade de formas de relacionamento social. Solidão, inveja, ódio, medo, vergonha, orgulho, ressentimento, vingança, nostalgia, tristeza, satisfação, alegria, raiva, frustração e outras emoções intermináveis correspondem a situações sociais específicas⁹⁹.

Agora, elas são *sociais, biológicas* ou ambas? São específicas de uma cultura ou universais?

Scheff (2014) salienta que não há um consenso dentro dos sociólogos das emoções de quantas e quais deveriam ser consideradas como biológicas, básicas e/ou universais, variando de duas até onze, dependendo dos estudiosos.

Uma das clássicas pesquisas na área com relação a esta questão é o artigo *Cross-Cultural Studies of Facial Expression*, no qual Ekman (1973) propôs como emoções básicas ou universais seis: *felicidade, tristeza, medo, raiva, surpresa e nojo*, baseado num estudo que o autor fez na Polinésia com rostos. Este pesquisador apontou para as

⁹⁹ Tradução nossa do original: por la naturaleza de la situación social en la que los hombres sienten. Son expresión, en el cuerpo de los individuos, del riquísimo abanico de formas de relación social. Soledad, envidia, odio, miedo, vergüenza, orgullo, resentimiento, venganza, nostalgia, tristeza, satisfacción, alegría, rabia, frustración y otro sinfín de emociones corresponden a situaciones sociales específicas.”

alterações dos movimentos musculares, como também os elementos faciais (sobrancelhas, olhos, boca).

Do seu estudo, se despreendeu que a alegria se caracteriza pelas sobrancelhas relaxadas, a boca aberta e o sorriso; já a tristeza é mostrada pelos olhos caídos, a perda de foco e os lábios para baixo; por sua vez, a raiva se vislumbra com as sobrancelhas contraídas e os lábios pressionados, abertos, mostrando os dentes; sabemos do nojo pelas sobrancelhas e os olhos relaxados e o canto do lábio contraído; o medo se expressa com as sobrancelhas levantadas, os lábios esticados e os olhos tensos; enquanto a surpresa se manifesta com as sobrancelhas levantadas e os lábios abertos.

Ainda segundo Ekman (1973), ao menos quatro seriam disfóricas, úteis para propósitos adaptativos. Estas não devem ser vistas como intrusas das que temos de nos livrar, nem emoções tóxicas contra as quais temos de nos precaver. Elas têm o seu objetivo que é modificar a relação entre o organismo e o ambiente sociocultural envolvente.

Na sua **Teoria das emoções**¹⁰⁰, escrita entre 1931 e 1933 e, inacabada pelo autor na ocasião de seu falecimento, Vigotsky (2004) discorreu sobre as contribuições do fisiologista Walter Cannon, que, na década de 1920, por meio de suas pesquisas em laboratórios com animais, refutou a existência de uma correspondência unívoca entre emoção e expressão corporal (cf. Ekman, 1973). Assim, concluiu que a emoção transcende sua manifestação fisiológica, considerando que algumas tão distintas, como medo e alegria, podem resultar numa mesma expressão.

Como sabemos, para Charles Darwin (1809-1882) e sua teoria da evolução, há um vínculo entre as emoções humanas e as reações animais instintivas, e os sentimentos humanos de origem biológico-animal. Para o psicólogo (Vigotsky, 2004), cindir esses dois âmbitos é um dos maiores defeitos da psicologia tradicional, já que há uma complementaridade entre o biológico e o social nos sentimentos: sem excluir as reações instintivas, mas também sem reduzi-los a elas, não privilegiando nenhum dos polos, o social ou o biológico.

Portanto, a manifestação fisiológica das emoções é igualmente determinada socialmente. Para ilustrar isso, Vigotsky (2004) dá o exemplo da aparição de uma serpente no meio do caminho, que pode provocar reações de fuga, se a serpente é

¹⁰⁰ Consultada a versão em espanhol: Vigotsky, L. S. **Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico**. Madrid: Akal, 2004.

associada culturalmente com o perigo, como em grande parte do Ocidente; ou não, como ocorre em algumas culturas orientais. Segundo este autor, o caráter social da emoção está ligado à sua qualidade de signo.

Na nossa concepção como linguistas aplicados, compreender as emoções é mergulhar na trama dos efeitos de sentido no processo histórico de (re) produção de significados, sentidos ideológica e historicamente produzidos. A emoção não é instinto, não é puramente biológica, não é estritamente visceral, é histórica, é cultural, mas ao mesmo tempo biológica, visceral e subjetiva.

No que diz respeito à relação entre *cognição e afeto*, duas esferas não contrapostas, mas interdependentes do psiquismo humano, tomamos como referência também a perspectiva de Vigotsky (2004), contrária a esse dualismo cartesiano mente-corpo, cognição-afeto. Conforme o psicólogo (ibidem, 2004), outra contribuição de Cannon foi reconectar as emoções ao cérebro, uma vez que em James-Lange as emoções estavam ligadas aos órgãos internos e à periferia do corpo.

No nosso entendimento, o paradigma cartesiano separa mente e corpo: na mente reside a razão e no corpo as emoções, negando as implicações e a ligação entre razão e emoção, pois não existe uma sem a outra. A emoção é regulada pela razão e a razão não funciona sem emoção.

Precisamos da *emoção* para que ela informe sobre o que nos deve preocupar ou é mais preocupante, a fim de estabelecer o objetivo que se necessita num momento determinado. Necessitamos da *cognição* (pensamento, memórias) para dar sentido às nossas vivências. As emoções não são nem racionais, nem irracionais, mas prioritariamente adaptativas, pois aumentam as hipóteses de sobrevivência.

Portanto, a nossa definição de emoção é um estado complexo que combina processos afetivos e cognitivos que dão significado subjetivo à experiência do ser humano, que é histórica, ideológica e cultural, mas ao mesmo tempo, biológica, instintiva e visceral, não podendo ser classificadas em negativas, nem em positivas, mas apenas em (in) adaptativas aos padrões e regulamentos da cultura emocional.

Agora, o que é para nós essa *cultura emocional*?

Podemos definir como *cultura emocional* àquelas normas ou orientações que regulam a expressão emocional, assim como condicionam a forma e intensidade de sentir as emoções sob restrições ou prescrições sociais, ideológicas e culturais. Estas nos empurram para certas pessoas e nos afastam de outras por meio de fortes vínculos de simpatia ou antipatia no sentido etimológico do termo— sentir com o outro, sentir

contra o outro. Ademais, elas nos levam a ter atração a certas ideias, objetos ou ações, bem como a não ter.

A ativação e exibição delas correspondem a normas socialmente aprendidas e culturalmente variáveis. De acordo com Ekman (1973), dentro de cada cultura há regras sobre qual cara colocar em certa ocasião e se as emoções devem ser mostradas ou não. Possivelmente, existem sentimentos que algumas culturas experimentam e outras não. A cultura modifica a experiência da emoção, destacando ou ignorando seletivamente os diferentes aspectos do espectro das emoções consideradas universais.

Estas, portanto, se revelam como um fator necessário na sociedade e, conseqüentemente, na cultura. Na verdade, não só tem um componente social ou cultural, mas como salienta Hochschild (1983, p. 28) elas mostram a relevância que tem uma determinada situação para o próprio sujeito. Daí que de acordo com Greenspan (1988) estas não possam ser analisadas independentemente da relação em que foram geradas, constatando que sem contexto não há sentido.

Sem elas, portanto, os seres humanos não se comprometem com a suficiente constância para qualquer padrão sócio-moral particular. Por isso, as emoções não são simplesmente biológicas, mas têm um valor de sobrevivência social (KEMPER, 1984, p. 373).

3.3.3 AS DIFERENTES ABORDAGENS NA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Como mencionado, as emoções são omnipresentes na vida dos seres humanos. Para qualquer idade, sexo, cultura ou condição, é impossível não as levar em conta, uma vez que estas guardam uma íntima relação com os princípios, as ideias e os valores desses.

Tradicionalmente, estas foram entendidas e analisadas como reações irracionais produzidas pelo corpo como reflexo instintivo de origem biológica perante um estímulo dado. De acordo com uma perspectiva biossocial, elas são comumente percebidas como universais à espécie humana e necessárias para a sobrevivência e adaptação. Sendo assim, o amor, por exemplo, contribui para a perpetuação da espécie, enquanto o medo ou a raiva funcionam como mecanismo de defesa e sobrevivência perante contextos de risco.

Segundo Torres (2009), a sociologia das emoções se constituiu como uma subárea da sociologia com duas escolas principais: a *universalista / biossocial* e a *construtivista / sociocultural*. Encontramos, portanto, duas grandes tendências teóricas

para a análise das emoções, que divergem significativamente quanto à forma como constroem, conceituam e analisam o objeto de estudo, sendo uma de cunho teórico-metodológico positivista e a outra construtivista e pós-moderna.

Conforme a autora (ibidem, 2009), a *biossocial*, estaria representada por Theodore Kemper e Jonathan Turner e a *construtivista* por Arlie Hochschild, Susan Shott e Steven Gordon. No debate, trata-se de elucidar se as emoções são inatas e universais, pré-fixadas no organismo e distinguidas por certos hormônios, ou se estas são produtos da cultura e sua definição um resultado da interpretação do sujeito.

A primeira denominada “*positivista*”, “*essencialista*” ou “*tradicional*” considera que as emoções têm uma base funcional ou genética e mostra como elas guardam relação com mudanças corporais. A concepção é que estas cumprem a função de preservar os humanos, portanto, fazem parte do legado animalista do homem. De cunho generalista e/ou universalista, lança mão de perspectivas da evolução das espécies de Darwin com abordagens psicológicas de Freud.

Estas teorias sustentam que as emoções são inatas e estão pré-fixadas, dando ênfase aos aspectos biológicos e fisiológicos para, assim, defender uma correspondência indissociável entre emoções e certas substâncias produzidas pelo cérebro.

Para esta corrente teórica existem as denominadas primárias ou básicas –alegria, tristeza, raiva ou medo– primordiais para a sobrevivência da espécie humana e outras mais complexas, derivadas destas primeiras –orgulho ou vergonha–. Além disso, sob uma influência evolucionista darwiniana, os fatores sociais somente seriam estímulos externos que as acionassem.

Já a segunda reconhece o componente biológico, mas recusa que essas sejam automaticamente determinadas por sensações corporais, uma vez que cada emoção depende da interpretação das sensações que o sujeito lhe confere. Dessa forma, sob uma perspectiva da sociologia das emoções *construtivista sociocultural*, estas –como processos aprendidos socialmente, através da interação com o outro–, são diversas e plurais variando de uma sociedade para outra, bem como diferem no interior de uma mesma sociedade ou cultura, dependendo de uma variedade de fatores tais como: idade, classe, gênero, sexualidade, origem, dentre outros.

Contudo, apesar da aparente diversidade, conforme Torres (2009, p. 95), não podemos obviar que “nas diferentes culturas e subculturas, existe de um substrato fisiológico que é inerente ao organismo da espécie.”

Esta segunda corrente denominada “construtivista sociocultural” possui um conjunto de teorias que consideram as emoções como construtos socioculturais. Dentro desta, podemos distinguir duas abordagens: *a estruturalista e a fenomenológica*.

A abordagem *estruturalista*, predominante na sociologia das emoções, conta com autores como Marx ou Durkheim, e, mais recentemente, Norbert Elias e Arlie Hochschild. Essa perspectiva entende que um certo sistema social corresponde a um certo modo de sentir, além de defender que há emoções cuja função é manter a ordem social através do controle dos indivíduos, como a vergonha e a culpa.

É a estrutura social a que produz certas emoções nos seres humanos sujeitos à manipulação e orientados de acordo com os interesses do sistema. Aliás, essa abordagem entende que elas são geradas como parte das relações de poder entre os indivíduos.

A concepção *fenomenológica* foca seu estudo no *self*. Defende que as emoções são uma interpretação individual das sensações corporais, na qual os julgamentos individuais sobre a situação influenciam. Para os defensores desta visão, elas são mais do que uma sensação ou um estado emocional, têm a ver com o relacional e intersubjetivo, geradas através de interações de uns com os outros.

Numa perspectiva socio-relacional, para Kemper (1978, 1984, 2006), a maioria das emoções sociais emana de duas dimensões básicas da sociabilidade: *poder e status*, como ordens hierárquicas. Será através do excesso ou déficit –seja este real, antecipado ou imaginário– nessas dimensões o que desencadeará diferentes emoções, dependendo de se valorizamos ou desvalorizamos o *self* nas trocas relacionais. Segundo este autor (Kemper, 1978, p. 32 *apud* Berycat, 2000, p. 151), “a grande maioria dos tipos de emoções humanas deriva de resultados reais, previstos, imaginados ou lembrados da interação relacional.¹⁰¹”

De acordo com o sociólogo (*ibidem*, 1978), o status é o reconhecimento social dado voluntariamente por outros e o poder é a capacidade de determinar a vida de outras pessoas. Estes dois fatores promovem nos *selves* sentimentos de segurança e autoconfiança que favorecem a cooperação e troca social.

No seu livro, **Social Interactional Sociology of Emotions**, Kemper (1978) afirma que a estrutura social funciona como uma distribuição desigual de posições nos eixos de poder e status. O poder se refere às ações coercivas sobre os sujeitos, baseadas

¹⁰¹ Tradução nossa do original: la inmensa mayoría de los tipos de emociones humanas derivan de los resultados reales, anticipados, imaginados o recordados producto de la interacción relacional.

na força, na ameaça, na punição; enquanto o status é a quantidade voluntária e não-coercitiva de aprovação ou apreciação.

O primeiro produz uma relação de dominação e controle de um sujeito sobre o outro. Já o segundo, o status, procura a satisfação dos desejos, solicitações, deficiências e/ou necessidades do outro. Assim, dependendo do jogo relacional de trocas sociais com base em dar e receber, podemos nos encontrar com quatro emoções predominantes.

A *culpa* surge quando a pessoa interpreta que aplicou um poder excessivo sobre outro mais fraco, considerado nas relações de poder como subalterno. O *medo* – *ansiedade* aparece quando o indivíduo se percebe como um ser vulnerável e como pouca capacidade de atuação ou poder. A *tristeza-depressão* resulta da falta de status, ou seja, de pouca consideração ou gratificações dadas voluntariamente por outros. Já a *vergonha*, pelo contrário, se origina quando o sujeito recebe uma recompensa que considera que não é merecedor.

A seguir apresentamos um quadro-síntese que expõe esta teoria:

Quadro 6 – Teoria socio-relacional de Kemper (1978)

KEMPER (1978)	MÁXIMO	MÍNIMO
PODER	Abuso de poder excessivo leva à CULPA (introjetado) – auto-avaliação dolorosa – requer reparação. Leva à RAIVA (extrojetado).	Baixa capacidade de poder leva ao MEDO ¹⁰² (introjetado) – impotência, ansiedade – RAIVA (extrojetado).
STATUS	Recebimento de status maior do que o sujeito considera leva à VERGONHA – auto- avaliação dolorosa – requer reparação.	Déficit de status leva à TRISTEZA - depressão ¹⁰³ .

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Kemper (1978).

¹⁰² No âmbito político, a baixa capacidade o medo-ansiedade (forma introjetada) leva à subjugação e à submissão, enquanto a raiva (forma extrojetada) leva à rebelião.

¹⁰³ Para Berycat (2000, p.157), ao envelhecemos, notamos uma redução dos laços sociais, a tal ponto que o monopólio das recompensas de status é realizado predominantemente pelo casal. A perda dele na idade avançada constitui um claro exemplo de depressão, pois seu desaparecimento implica perda traumática, permanente e quase absoluta de status estrutural.

Para esse autor, das trocas relacionais emergem uma interpretação (elemento cognitivo) e uma disposição para agir (componente volitivo) em relação a outros atores socialmente significativos, considerando sempre a sua localização social (poder / status) –lugar de fala– e as sanções sobre si que podem resultar desse intercâmbio. Portanto, as emoções derivam de resultados da interação social.

Concordando com esta teoria, cabe salientar que estas também dependem da percepção que o indivíduo tem sobre quem é o sujeito responsável pela falta ou excesso de poder ou status. O interessante dessa questão será como este encara a situação e qual é o grau de responsabilidade que acredita ter nesse momento. Se ele considera-se responsável, a emoção será introjetada e intropunitiva; se, pelo contrário, ele joga a responsabilidade no outro, a emoção será extrojetada e extrovertida. Assim, para um mesmo fato a reação pode estar condicionada de maneira diferente, admitindo a culpa ou sentindo raiva.

Podemos afirmar que a raiva e a culpa se relacionam com o princípio de justiça, dependendo do foco. Se o indivíduo considerar que recebeu menos do que mereceu, a emoção que aflora é a raiva; porém, se recebeu mais do que era para ser (em comparação com outras pessoas), será gerada a vergonha ou a culpa.

Embora possa parecer determinista, nos serviremos desta teoria quando corresponder na nossa análise fraseo-emocional. Defendemos que essas emoções e outras emergem ao longo da experiência migratória e da vivência sexual da profissão, devendo elas ser entendidas como resultado da interação social e do contexto. Podemos prever que a condição de profissional migrante do sexo determine, a princípio, um lugar de fala mais vulnerável nas hierarquias de poder e status na sociedade, daí que entendamos que esses sujeitos estejam com as emoções à flor da pele.

3.3.4 A NOSSA ABORDAGEM DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES: A TEORIA CONSTRUTIVISTA SOCIOCULTURAL DE HOCHSCHILD

Para Hochschild (1979)¹⁰⁴, em paralelismo com a teoria dos atos de fala (Austin, 1962), as emoções são orientadas para a ação. Nesse sentido, podemos afirmar que, da mesma forma que as palavras, os sentimentos também fazem coisas. O modelo

¹⁰⁴ Hochschild é professora emérita da Universidade de Califórnia em Berkeley. Dedicou-se mais de quarenta anos ao estudo das emoções, contribuindo prolificamente para a constituição da sociologia das emoções como área de estudo. Entre seus livros mais conhecidos encontramos **The Managed Heart** (1983) ou **The Second Shift: working parents and the revolution at home** (1989). As referências completas constam no final desta tese.

que a autora propõe está entre os estudos do intercâmbio social e o interacionismo simbólico. Só que essa numa perspectiva mais estruturalista não sugere como Gordon (1981) a dissociação dos sentimentos do seu substrato biológico.

Assim, o interacionismo simbólico rejeita o componente universal ou biológico no tratamento das emoções e é uma corrente no nível da microsociologia que guarda uma estreita relação com a psicologia social. Compreendendo que em certas ocasiões existem também questões biológicas, esta teoria pode ser muito útil nas nossas análises, já que a comunicação deve ser entendida como uma produção de sentido imersa num universo simbólico pré-determinado.

Nesta perspectiva, os sentidos são produtos da interação social em que as pessoas (inter) agem por meio de símbolos, isto é, os escolhem, reproduzem ou modificam em processos interpretativos condicionados pelos seus propósitos ou expectativas.

A autora (Hochschild, 1979) se fundamenta nas contribuições desse interacionismo simbólico para relatar quatro noções relevantes na sociologia das emoções que aplicamos nesta tese para a interpretação dos fraseologismos: *experiência emocional*; *gestão emocional*; *normas emocionais* e *estrutura social (ideologia)*¹⁰⁵.

Conforme a socióloga, a neutralidade afetiva que parece caracterizar alguns eventos sociais não existe. De acordo com a pesquisadora, as emoções são cheias de sentidos ancorados em contextos sociais e históricos específicos. Para articular a sua teoria, vale a pena reparar em três aspectos: *a dimensão expressiva, a normativa e a política*.

1. A *experiência emocional* –*emotive experience*– é um conceito atrelado à autêntica perspectiva vital do sujeito e que opera no jogo social dos intercâmbios comunicativos. Todo o indivíduo é marcado por suas vivências emocionais, que fazem com que tome diversas atitudes perante os fatos. Em outras palavras, a experiência emocional condiciona as nossas decisões e atuações. É uma mochila que carregamos ao longo da nossa vida.

Dentro dessa dimensão expressiva que envolve toda a experiência emocional de cada um, não podemos esquecer de outra noção relevante: *a gestão emocional*. Sabe-se que, determinados pela cultura emocional do contexto sócio-histórico em que vivemos, nem todo espaço, nem todo momento é adequado para expressar a totalidade

¹⁰⁵ Tradução nossa do original: *emotive experience, emotion management, feeling rules and social structure - ideology*.

de nossas emoções. Daí que devemos gerenciá-las em todo momento, reprimindo sentimentos indesejáveis; mas também, em outros casos, evitando ou, pelo contrário, estimulando aqueles desejáveis, inicialmente ausentes. Tal gerenciamento é o que a autora denomina *emotion work*.

2. A **gestão emocional** –*emotion work*, conforme sublinhado por Hochschild (1979, p. 561) “por gestão emocional, refiro-me ao ato de tentar mudar em grau ou qualidade uma emoção ou sentimento.¹⁰⁶” São aquelas ações utilizadas por nós para manipular as emoções que podem ser modificadas por meio de dois métodos:

- a) atuação superficial¹⁰⁷: o sujeito usa uma mudança de expressão como um meio de modificar seus sentimentos reais. Trata-se de um mascaramento dissimulado de uma emoção.
- b) modificação profunda¹⁰⁸: a emoção é diretamente modificada por meio de mudanças reais no foco perceptivo da situação, ou por ações fisiológicas.

Resumindo, a gestão –manipulação emocional– vai se referir ao ato de mudar em grau ou qualidade uma emoção ou sentimento. Estas duas primeiras se relacionam com a **dimensão expressiva**.

3. As **normas emocionais** –*feeling rules*– operam na máscara emocional por meio do controle. A neutralidade afetiva não existe, não é um sintoma de uma ausência absoluta de emoções. É imposta e condicionada, como também o é quando são determinadas e cobradas socialmente emoções que nesse momento ou contexto não sentimos.

Em culturas mais expressivas a emoção aparece mais. Porém, tal fato não denota que sejam autênticas, pois, do mesmo modo, são socialmente construídas. Assim, existem as culturas menos expressivas e não significam que não sintam, expressam emoções também, mas de forma menos explícita.

A expressão mais ou menos explícita tem a ver com uma **dimensão normativa**. Assim, são as normas sociais apenas as que restringem nosso comportamento e ditam o que deve ser sentido de acordo com a situação para que não haja dissonância emocional entre os sujeitos. Conforme Hochschild (1979, p. 565):

¹⁰⁶ Tradução nossa do original: *by emotion work I refer to the act of trying to change in degree or quality an emotion or feeling.*

¹⁰⁷ Tradução nossa do conceito original: *surface acting.*

¹⁰⁸ Tradução nossa do conceito original: *deep acting.*

as normas emocionais são como esses outros tipos de regras que delimitam da seguinte forma: delineia uma zona dentro da qual se tem permissão para ficar livre de preocupações, culpa ou vergonha com relação ao sentimento situado.¹⁰⁹

No final das contas, as normas sociais são limites que não se aplicam apenas ao comportamento e pensamento, mas também às emoções.

As culturas fazem as normas sociais e estas, por sua vez, constituem as próprias culturas. É uma via de mão dupla que também ocorre com as normas emocionais. De acordo com Zembylas (2005, p. 255), “as regras emocionais contribuem para a construção de culturas emocionais específicas dentro de um contexto social específico; por sua vez, essas culturas influenciam a construção de emoções nesse contexto.”¹¹⁰

A consequência dessas normas emocionais é o *controle social*, que pode ser aplicado por meio da emoção medo ou raiva, dependendo se esta é introjetada ou extrojetada.

Nesse sentido, podemos estabelecer o seguinte paralelismo: o controle emocional é uma chave relevante para o controle social, de modo que, quando o sujeito sente uma emoção diferente daquela estabelecida pela norma, ele sentirá o efeito da dissonância ou do desvio emocional. Todo nós sabemos que devemos estar felizes numa festa e tristes num velório, porque, assim, é estabelecido e é o esperado pelos outros.

Em suma, as normas emocionais são parte da ideologia responsável por orientar essas emoções que, por sua vez, determinam que o sujeito tem licença para se sentir enojado, envergonhado ou culpado, constituindo um chão ou um teto metafórico de espaço para as emoções esperadas. Sendo assim, são aceitas nesse contexto por meio da particular gestão emocional, dosificando o grau de emoção permitido.

4. Por fim, a *estrutura social* –*social structure-ideology*– é determinante na experiência emocional e na manutenção das ideologias, o que é relevante para a *dimensão política*. Assim, a gestão e normas emocionais estão determinadas ideologicamente, uma vez que essas emoções estão interligadas com o tecido da *estrutura social*. Já Hochschild (1979, p. 551) apontou que “as normas emocionais são

¹⁰⁹ Tradução nossa do original: a feeling rule is like these other kinds of rules in the following ways: It delineates a zone within which one has permission to be free of worry, guilt, or shame with regard to the situated feeling.

¹¹⁰ Tradução nossa do original: emotional rules contribute to the construction of particular emotional cultures within a specific social context; in turn, these cultures influence the construction of emotions in that context.

vistas como o lado da ideologia que lida com emoção e sentimento. A gestão das emoções é o tipo de trabalho necessário para lidar com as normas emocionais.¹¹¹”

Sabemos que as experiências emocionais não são as mesmas para as pessoas ricas e as pobres, nem a forma de as gerir. A princípio, um indivíduo com uma boa estrutura financeira vai experimentar emoções mais agradáveis do que um ser humano na pobreza.

De acordo com Hochschild (1975, p. 296), os sujeitos vivenciam universos emocionais diferentes, conforme a sua posição social.

[...] pessoas poderosas não apenas recebem uma quantidade desproporcional de outros recursos, como dinheiro e prestígio, mas também desfrutam de recompensas mais afetivas [...] Pessoas poderosas e impotentes –sem poder– vivem em diferentes mundos emocionais, assim como sociais e físicos¹¹².

Nesse sentido, além de uma melhor estrutura financeira, os mais poderosos obtêm também mais recompensas afetivas, pelo que cabe pensar que deveriam estar emocionalmente mais bem estruturados.

Na ideologia capitalista imperante, Hochschild (1983) no seu livro **The Managed Heart: The Commercialization of Human Feeling**, afirma que vendemos até nossa personalidade e que essa inautenticidade emocional mantém relação com um processo de autoestranhamento, no qual é difícil se reconhecer. A autora (ibidem, 1983, p.9) afirma que “quando 'vendemos nossa personalidade' durante a venda de bens ou serviços, iniciamos um processo sério de autoalienação, que é cada vez mais comum entre os trabalhadores de sistemas capitalistas avançados.¹¹³”

Nesse sentido, podemos observar como nas sociedades ocidentais atuais a emoção está mercantilizada. Não pensemos que só é vendido o sexo, mas também há toda uma estrutura mercantil que vende emoção. Nas empresas o sorriso é mercantilizado. Quanto mais sorriso, mais dinheiro a empresa ganha. É uma batalha pelo agrado que encobre a verdadeira guerra que é de índole econômica. Estamos perante emoções manipuladas com fins comerciais.

¹¹¹ Tradução nossa do original: feeling rules are seen as the side of ideology that deals with emotion and feeling. Emotion management is the type of work it takes to cope with feeling rules.

¹¹² Tradução nossa do original: powerful people not only get a disproportionate amount of other resources such as money and prestige, but also enjoy more affective rewards [...] Powerful and powerless people live in different emotional as well as social and physical worlds.

¹¹³ Tradução nossa do original: when we ‘sell our personality’ in the course of selling goods or services we engage in a seriously self-estranging process, one that is increasingly common among workers in advanced capitalist systems.

Para Hochschild (1983, p. 127), o sorriso que no campo privado e no âmbito da autenticidade é um sinal de prazer, alegria, amizade ou diversão, separado dessa função de expressar sentimento pessoal e/ou cumplicidade com o outro, se torna a expressão da emoção da empresa.

Resumindo, a noção de emoção nas sociedades ocidentais conta com uma função ideológica dentro das relações de poder. As normas emocionais constroem emoções manipuladas, inautênticas, simuladas ou emascaradas. A gestão emocional sai do âmbito privado para o público de maneira premeditada.

A prostituição entra como qualquer outra profissão também nesse jogo das estruturas sociais, da gestão e da manipulação emocional para satisfazer os fins da ideologia capitalista, baseados em vender produtos e serviços, caracterizado pela inautenticidade das emoções –superficiais, falsas e inacreditáveis–, criado/articulado para seu verdadeiro e único fim: ganhar dinheiro.

3.3.5 A DIMENSÃO AUTOCONSCIENTE DAS EMOÇÕES MORAIS: A VERGONHA, O ORGULHO E A CULPA.

As três emoções eminentemente morais, pois no universo animal não se constatam, podendo afirmar que são próprias da socialização do ser humano são: a vergonha e a culpa e aquela que se opõe a estas duas: o orgulho. Freud (2012 [1913]) classificava a vergonha, a culpa e também o nojo como os três primeiros sentimentos sociais que nos fazem ser humanos, pois não existem na psicologia animal.

Consideradas como *emoções autoconscientes*, elas funcionam como um barômetro moral, se fundamentando na retroalimentação da nossa aceitabilidade social e moral no grupo. Tangney (2002) explica que estas emoções chamadas *autoconscientes*¹¹⁴ são evocadas pela *autorreflexão* e a *autoavaliação*.

Podem parecer até emoções egoístas, mas necessárias para o sistema moral e motivacional de cada indivíduo. Como incidem diretamente no *self*, estas emoções morais autoconscientes fornecem um castigo ou reforço imediato do comportamento. De acordo com este autor (Tangney, 2005, *apud* Salice e Montes, 2016, p. 558), “elas implicam uma autoavaliação da emotividade do sujeito: enquanto que, com a vergonha, me avalio negativamente, com o orgulho, me considero positivamente.”¹¹⁵

¹¹⁴ Tradução nossa do conceito original tomado de Tangney (2002): self-conscious emotions.

¹¹⁵ Tradução nossa do original: they imply a self-evaluation by the emoting subject: whereas, in shame, I assess myself negatively, in pride, I assess myself positively.

Assim, um aspecto importante das emoções morais é que elas emanam de um exercício comparativo em que o *self* se avalia a partir dos olhos dos outros. Em outras palavras, se nos baseamos na teoria do self-espelho¹¹⁶ de Cooley (1909, *apud* Baptista, 2016, p. 120) –noção em que os indivíduos estão sempre socialmente conscientes de si mesmo– estamos perante um jogo de avaliação cognitiva e moral em que o *self* se imagina com relação aos outros, isto é, como os outros me veem e o que os outros pensam de mim. Desse modo, podem surgir sentimentos de autossatisfação (orgulho) ou de desvalorização (vergonha ou culpa).

Sendo a desvalorização do *self* o objeto das emoções disfóricas –vergonha e culpa–, invocadas pela autoavaliação implícita ou explícita –conscientemente ou não–, elas podem exercer uma forte influência na escolha moral e nas ações dos sujeitos, ao fornecerem uma avaliação crítica, relativa aos comportamentos considerados inadequados em forma destas emoções.

3.3.5.1 A vergonha

Todos nós já experimentamos em diversas ocasiões esta emoção que pode se manifestar com rubor, tremedeira ou gaguejo. Ficar corado como um tomate, reduzir o tom de voz, abaixar a cabeça ou o olhar e até tocar o próprio cabelo podem ser um dos indicadores de o sujeito estar experimentando vergonha.

A Bíblia, concretamente, o Gênesis a documenta como a primeira emoção propriamente humana. Este narra no paraíso a curiosidade de Adão e Eva pela árvore do conhecimento do bem e do mal, flagrados pelo olhar divino. Eles, ao comerem do fruto proibido, além de conhecer o bem e o mal, foram invadidos pela vergonha, uma vez que ambos tomaram consciência da nudez, até então entendida como ingênua e natural, experimentando rubor do próprio corpo que precisaram cobrir, pois essa emoção antes não existia. Foram expulsados do paraíso por Deus, castigando-os, o que os levou ao sentimento de culpa.

Destarte, podemos afirmar que a *vergonha* de ser observado e a *culpa* de ter errado encontram suas origens na matriz judaico-cristã, mostrando como esse olhar do outro é determinante na constituição da subjetividade dos indivíduos.

Para Carvalho (2010, p. 15), existem três tipos de vergonha:

¹¹⁶ Tradução nossa do conceito original: self-looking-glass.

1. A experimentada quando invadimos sem querer a intimidade alheia ou é invadida nossa vida íntima. Nesse caso, a vergonha é irmã da solidão.
2. A que vivenciamos em relação a nós mesmos perante nossa inadequação ou insuficiência com relação aos nossos valores ou ideais interiorizados. Aqui é irmã da culpa.
3. A vergonha deslocada, experimentada quando vemos alguém se colocar numa situação que para o nosso modo de ver é vexatória. Nesse contexto, esta vira a irmã da compaixão.

Carvalho (2010, p. 29) salienta que há sujeitos avergonhados, aqueles que não tem mais vergonha, pois perderam a capacidade de se envergonhar; e os envergonhados, que a experimentam na forma de uma atitude básica ou permanentemente integrada ao caráter e à moralidade de alguém. O primeiro caso refere-se ao clássico sem vergonha, aquele que não tem escrúpulos. É essa pessoa que não a conhece, nem sequer quer conhecê-la; já o segundo, é tudo o contrário, pois tem a ver com aquelas pessoas que estão constantemente preocupadas com o que os outros vão pensar e experimentam um forte sentimento de exclusão, daí a afinidade entre esta emoção e a solidão.

No nosso trabalho, entendemos a vergonha como aquela emoção moral *extremamente dolorosa* que implica uma *avaliação negativa* do *self*, deixando uma ferida difícil de cicatrizar, *marcante* e *opressora*, que *dessubjetiviza* o indivíduo, não deixando ao sujeito outra opção que o encobrimento ou a fuga quando o olhar do outro vê o que não deveria ser visto.

Zygouris (1995) manifesta que esta é *marcante*, dificilmente esquecida, devido a se experimentar não apenas como uma lembrança dolorosa, mas também traumática, com efeitos no próprio corpo, já que se revela no rubor, no tremor ou na umidade da pele. A autora (ibidem, 1995) se opõe ao entendimento de Freud sobre esta emoção, defendendo que nem sempre se refere ao pudor da descoberta sexual pela criança, o qual ela classifica como apenas um possível tipo de experiência particular. Na opinião dela, o relevante é o fato de se sentir diferente e excluído do ambiente social do qual o sujeito deveria fazer parte, partindo da necessidade humana de pertencer a um grupo.

A vergonha também se apresenta como uma emoção *opressora* que limita as ações dos indivíduos e os priva de fazer o que querem fazer ou de dizer o que estes pensam. A opressão que ela exerce às vezes não deixa escolher o que os profissionais do sexo preferem, nem permite falar sobre medos e frustrações. Tal fato impede de se

expressarem ao respeito do lugar que na subjetividade os desejos, as preferências ou preocupações merecem. Ocorre a negação do reconhecimento de cada experiência como legítima e contribui para autonegação.

Ela é uma emoção tão dolorosa que abala e condiciona vitalmente o sujeito, ao qual *dessubjetiviza*. No seu livro, Agamben (1998) pretende dar significado ético ou político ao acontecido no campo de extermínio de Auschwitz. No terceiro capítulo, o autor relata o constrangimento, a dificuldade para olhar que tiveram no primeiro encontro os presos com seus libertadores. Esta emoção se materializa como um sentimento extremamente penoso pela tomada de consciência de um horror que não tem reparação e que jamais poderá ser apagado. Segundo o filósofo italiano, a vergonha marca a libertação dos prisioneiros, dado que é a revelação ao mundo exterior de uma realidade inominável.

Nesse sentido, é uma noção ambivalente e nela o indivíduo se constitui como tal, porém, ao mesmo, se perde para se ver como objeto do outro. Assim, Agamben (1998, p. 97) afirma que, por meio desta, o ser humano se converte em testemunha do seu paradoxo, da perda de si como sujeito, de sua dessubjetivização:

ou seja, o sujeito não tem outro conteúdo senão a sua própria subjetivação, ele se torna testemunha de sua própria instabilidade, de se perder como sujeito. Esse duplo movimento, que é ao mesmo tempo subjetivação e dessubjetivação, é a vergonha¹¹⁷.

Já para Heidegger (*apud* Agamben, 1998, p. 98), “a vergonha é mais do que “um sentimento que o homem tem”; é a tonalidade emocional que atravessa e determina todo o seu ser.”¹¹⁸

É uma emoção marcadamente social que provém do olhar do outro e que aparece quando as normas sociais e a imagem pública estão ameaçadas. Para Carvalho (2010, p. 13), a vergonha está atrelada ao nosso grau de interiorização do sistema de valores de uma sociedade, sendo também experimentada sem ser olhado pelo outro.

Dessa forma, até podemos sentir vergonha de nós mesmos quando realizamos um ato repudiável para o nosso código de valores sem que ninguém tenha visto ou percebido tal fato, uma vez que nós sabemos, no final das contas, que o mesmo foi realizado.

¹¹⁷Tradução nossa do original: il soggetto non ha, cioè, altro contenuto che la propria desoggettivazione, diventa testimone del proprio dissesto, del proprio perdersi come soggetto. Questo doppio movimento, insieme di soggettivazione e di desoggettivazione, è la vergogna.

¹¹⁸ Tradução nossa do original: la vergogna è qualcosa di più di «un sentimento che l'uomo ha»; essa è, piuttosto, la tonalità emotiva che traversa e determina il suo intero essere.

Assim, devido a essa autoavaliação negativa, extremamente dolorosa, marcante e opressora, que dessubjetiviza o sujeito, a única via é a *fuga* ou o *encobrimento* que nos proteja de um olhar julgador. Para isso, precisamos esconder aquilo que o indivíduo considera vergonhoso para evitar que essa falha sua seja revelada. De acordo com Green (2003, p. 1647), a consequência desta emoção é a “procura desesperada de um espaço subtraído ao olhar, que não deixa outra saída senão o desaparecimento de si na imagem insustentável da exposição.”¹¹⁹

Por isso, é razoável pensar que qualquer sujeito queira sair logo dessa dor emocional produzida. Por sua vez, Carvalho (2010, p. 35) afirma que “o antídoto para a vergonha induzida pela alienação ao olhar do outro é a separação.” A reação, portanto, mais espontânea é fugir, dado que esta emoção envolve uma mudança considerável na autoavaliação subjetiva, por meio de uma sensação de exposição desnecessária, de se sentir pequeno, sem valor e impotente.

É um sentimento inibidor, angustioso, de caráter cruel e castrador, que leva ao indivíduo inibir qualquer insuficiência ou descontinuidade com relação ao seu ideal. Origina-se, pois, uma fratura entre a imagem que se tem de si e a imagem ideal. A pessoa acredita que só pode ser considerada e reconhecida se sua imagem estiver perto ao *ideal do self*. Indivíduos subjugados pela tirania do sujeito ideal terão mais oportunidades de sofrer com a vergonha quanto maior seja o distanciamento deles desse *eu ideal*. Nessa distância entre o que o sujeito sente e o que ele deseja ser se aciona a crueldade também da emoção. É tão castradora e angustiosa que não é de se estranhar que Green (2003, p. 1647) afirme: “a vergonha assinala a confissão de uma derrota, a revelação de uma fraqueza, a perda das aparências e da dignidade e a imagem do seu mundo interior desmascarado aos olhos do outro.”¹²⁰

Por fim, acreditamos que a “cura” da vergonha, processo longo e doloroso, requer repensar o nosso lugar no mundo, rever os nossos conceitos e/ou valores com o intuito de evoluir e, assim, alcançar o autorrespeito, se sentindo orgulhoso do próprio *self*.

¹¹⁹ Tradução nossa do original: la recherche désespérée d’un espace soustrait au regard qui ne peut laisser d’autre issue que la disparition de soi dans l’image insoutenable de l’exposition.

¹²⁰ Tradução nossa do original: la honte signe l’aveu d’une défaite, la révélation d’une faiblesse, la perte des apparences et de la dignité et peut aller jusqu’au point d’imaginer son monde intérieur démasqué aux yeux de l’autre.

3.3.5.2 O orgulho

Como anteriormente comentado, na perspectiva socio-relacional de Kemper (1978) a maioria das emoções sociais emanam da posição relativa de duas dimensões básicas da sociabilidade: *poder e status*, como ordens hierárquicas. O excesso ou déficit –seja real, antecipado, seja imaginário– em uma dessas dimensões provoca emoções com a capacidade de aumentar –orgulho– ou desvalorizar –vergonha, culpa– o *self* como produto da troca relacional.

O nível de interdependência do indivíduo em relação à sua comunidade é um dos fatores que afeta o aparecimento do orgulho. Em sociedades individualistas, esta emoção é permitida. No entanto, aquelas nas quais o senso de pertencimento grupal prevalece sobre o indivíduo sancionam negativamente a exibição de sentimentos de satisfação derivados da realização pessoal, uma vez que prejudicam o equilíbrio do grupo.

Para Etxebarria (2009), existem dois tipos de orgulho: o legítimo ou autêntico versus o excessivo ou arrogante. Segundo essa autora, enquanto o primeiro fortalece a autoestima e resulta da realização individual; o segundo é uma espécie de presunção ou vaidade sem conexão com o mérito individual, associado a transtornos de personalidade narcisista (cf. Etxebarria, 2009).

De acordo com a teoria dos vínculos afetivos de Scheff (1988), a manutenção de laços é o fator crucial em todos os relacionamentos humanos, ou seja, as relações humanas são baseadas na construção, manutenção, reparo ou dano desse vínculo social. Esse autor (1988) diferencia entre vínculos seguros e inseguros. De acordo com o sociólogo, as emoções vão tomar conta de preservar os seguros dentro da sociedade. No entanto, os inseguros são aqueles em que a distância é muito ampla, isto é, quando os indivíduos não têm suficientes vínculos dentro do seu grupo social.

Para este autor (1988), *a vergonha e o orgulho* são as emoções sociais básicas, porque ambas apontam para o estado individual do laço social. Sentimo-nos orgulhosos quando o nosso relacionamento com o outro é seguro, ou seja, não corre o risco de se perder ou fracassar. Dessa forma, estamos perante um vínculo firme que nos faz sentir calmos e confiantes.

No entanto, podemos experimentar vergonha em dois casos: ora em situações em que o nosso vínculo está ameaçado ou é inseguro; ora quando nos sentimos rejeitados, quer dizer, distanciados dos outros. Também, sente-se vergonha quando diminui a avaliação da nossa imagem que formamos a partir da perspectiva do outro.

Enquanto o orgulho exprime um nível apropriado de deferência, segurança e distância entre dois sujeitos, a vergonha expressa situações de fraqueza, insegurança e incapacidade de um ator social contra outro, de poder insuficiente ou status (SCHEFF, 1988).

A vergonha é a negação de um tratamento respeitoso. Já o orgulho surge quando o profissional está sujeito a um tratamento diferenciado por ter realizado ações socialmente valorizadas, fortalecendo o status quo do sujeito por meio desse reconhecimento social. No nosso caso, o estigma e a invisibilidade da categoria profissional pesquisada por realizar ações “não valorizadas” possibilitam o aparecimento principalmente da vergonha e da culpa.

3.3.5.3 A culpa

Sentimo-nos culpados quando discutimos ou magoamos alguém que amamos, assim como, sentimos culpa se não alcançamos os objetivos que estabelecemos. O remorso e o arrependimento impulsionam o sujeito a tentar reparar o sucedido, por meio de comportamentos reparadores ou da própria desculpa. A pretensão é lavar a culpa, com o intuito de preservar a imagem que eu considero que os outros têm de mim.

A maioria de nós já foi afetada ou afetado pela culpa em algum momento da nossa vida. Essa culpa, via de regra, provém bem da família ou amigos ou bem da sociedade ou religião que, consciente ou inconscientemente, nos ensina a sentirmos culpados por pensar ou agir de um certo modo.

Freud (2012 [1913]) em **Totem e tabu** abordou esta emoção através do exame do mito, em que o advento desta aparece principalmente como resultado da violência. Para este autor (2012 [1913]), o nosso pecado original é um crime, o parricídio. A partir dele, a culpa encontraria sua origem no retorno do amor na forma de remorso. Tal fato se deve à ambivalência existente em relação ao pai com um componente agressivo, através do parricídio; e um aspecto afetuoso, com o remorso.

Dessa forma, no Complexo de Édipo estão sintetizados os dois grandes crimes humanos –o parricídio e o incesto– raiz e fonte deste escuro sentimento de culpa da humanidade. Conforme o pai da psicanálise, existe uma herança da culpa na cultura ocidental. Fomos educados nesta emoção dolorosa ao transgredir a norma e/ou a não assumir uma responsabilidade.

Como anteriormente comentado, a culpa e a vergonha são consideradas *emoções disfóricas*, muito intensas, que envolvem situações marcantes sérias, caracterizadas por

sentimentos substanciais de responsabilidade (cf. Tangney *et al.*, 1996). Além disso, são emoções extremamente culturais, já que cada sociedade orienta o que é certo do que é errado de acordo com seus próprios padrões de comportamento. “A realidade é que situações que causam vergonha e culpa são tipicamente de natureza social.”¹²¹ (TANGNEY *et al.*, 2007, p. 350).

Na nossa concepção, a culpa funciona como estratégia de controle social que manipula o sujeito, propiciando a chantagem emocional para o fraco se sentir culpado.

Na tentativa de entender os aspectos que diferenciam a culpa da vergonha, Tangney e seus colaboradores (2007, p. 348) sublinham três distinções¹²² baseadas:

(a) *nos acontecimentos desencadeadores* – a vergonha está mais intimamente ligada às violações da ética da comunidade (por exemplo, violações da ordem social) e da divindade, isto é, transgressões de uma ética específica não têm uma relação individual, como na culpa.

(b) *na natureza pública versus privada* da transgressão – a vergonha decorre da exposição pública e desaprovação de alguma falha ou transgressão. Já, a culpa é concebida como uma experiência mais “privada”, resultante de dores geradas pela autoconsciência.

(c) *na construção subjetiva do acontecimento* como um fracasso para o self ou para o comportamento – na vergonha há essa ênfase diferencial no self – “olha que coisa horrível *eu fiz*¹²³” – versus comportamento – “fiz essa *coisa horrível*¹²⁴”. O foco prepara o cenário para experiências emocionais muito diferentes.

¹²¹ Tradução nossa do original: the reality is that situations causing both shame and guilt are typically social in nature.

¹²² Tradução nossa das distinções: (a) a distinction based on types of eliciting events, (b) a distinction based on the public versus private nature of the transgression, and (c) a distinction based on the degree to which the person construes the emotion-eliciting event as a failure of self or behavior.

¹²³ Tradução nossa do original: look at what a horrible *thing* I have *done* (Tangney *et al.*, 2007, p. 350).

¹²⁴ Noção extraída de Tangney *et al.* (2007) ao afirmarem: distinction may, at first glance, appear rather subtle, empirical research supports that this differential emphasis on self (“I did that horrible thing”) versus behavior (“I did that horrible *thing*”) sets the stage for very different emotional experiences and very different patterns of motivations and subsequent behavior.

Portanto, na culpa a transgressão é individual, mexendo na autoconsciência, de natureza particular com foco nos comportamentos. Já na vergonha a violação é comunitária, abalando o sujeito ao ser de índole pública e se centrar no *self*.

Dessa forma, a vergonha resulta de uma *autoavaliação negativa* do self. Já a culpa provém da *avaliação negativa* de comportamentos ou transgressões específicas. Daí que a vergonha mexa com a constituição subjetiva e aponte para o fracasso de um indivíduo em sua capacidade de ser, enquanto a culpa se refere a uma falha no fazer. Na primeira essa falha é na imagem do sujeito, na segunda é no ato humano. Nessa primeira, não é o ato em si o julgado, é a pessoa.

De acordo com Wurmser (1981), a culpa é a guardiã das relações de objeto, enquanto a vergonha é a guardiã da realidade interna. A primeira, é *de ordem objetal*, já a segunda é *de ordem narcisista*.

Em outras palavras, esta emoção é o resultado de um mal causado ao outro, enquanto a vergonha opera como um prejuízo contra a própria pessoa, contra sua imagem. Portanto, a “cura” é mais viável na culpa, pois há como reparar a ação do que na vergonha que não há reparação da imagem manchada, tendo a ver com a fraqueza do indivíduo, enquanto a primeira guarda relação com a responsabilidade por ter feito algo errado.

A tendência para a vergonha está relacionada com vários aspectos na socialização para uma fraca adaptação interpessoal e psicológica, incluindo hostilidade, ansiedade social, raiva e/ou pouca capacidade empática. Já a culpa não se refere a essa adaptação, pois ela é associada com uma avaliação negativa da ação, mas não do *self*.

Ao ser a vergonha uma experiência tão devastadora e castradora, pois afeta a identidade do sujeito, Tangney e colaboradores (1996), entendem que é razoável que esta estimule a fuga ou a se esconder, enquanto que a culpa normalmente motiva um comportamento reparador, tais como confissão, pedido de desculpas. Agiu erradamente, se desculpa, mas a sua autoavaliação e identidade continuam essencialmente intactas, a diferença da vergonha.

De qualquer forma, estas duas emoções foram estudadas e tratadas de diferentes perspectivas. Por questões de espaço e tempo, priorizamos a teoria de Ruth Benedict¹²⁵, que como representante do relativismo cultural e etnóloga, no seu livro **O Crisântemo e a Espada** (2011 [1946]), estabeleceu a diferença entre as culturas da vergonha e

¹²⁵ Ruth Benedict foi uma das grandes antropólogas da primeira metade do século XX precursora do relativismo cultural.

culturas da culpa. Cientes da sua concepção binária e relativa, a antropóloga estadunidense analisou o funcionamento da sociedade japonesa depois das bombas de Hiroshima e Nagasaki da II Guerra Mundial e chegou à conclusão que há sociedades em que a emoção que regula o comportamento social é a vergonha, como na japonesa, enquanto outras são reguladas pelo sentimento de culpa, como no caso das culturas ocidentais.

Desse modo, conforme essa autora (2011 [1946]), as culturas da vergonha seriam aquelas nas quais destacam os imperativos externos para garantir a boa conduta, já as verdadeiras culturas da culpa –os Estados Unidos– assegurariam a retidão do comportamento pela interiorização de uma ideia de pecado ou de alguma falta moral equivalente.

Para Benedict (2011 [1946]), as culturas da vergonha são sociedades tradicionalistas com uma estrutura hierarquizada onde a noção honra determina a moralidade das práticas sociais dos indivíduos, evitando sofrer com uma imagem manchada aos olhos dos outros, pois não há possibilidade de reparação da supracitada emoção. Já as culturas da culpa são sociedades individualistas em que o sujeito age de acordo com as leis abstratas orientadas aos hábitos comportamentais e às condutas aceitáveis para esse grupo, em que a pessoa pode medir o grau de transgressão das normas, pois ela tem maior flexibilidade, uma vez que há possibilidade de reparação com o arrependimento.

3.3.6 A DIMENSÃO SOCIAL DAS EMOÇÕES: O MEDO, A RAIVA E O NOJO

Acabamos de apresentar as *emoções autoconscientes* –a vergonha, o orgulho e a culpa– próprias da socialização do sujeito e barômetro da nossa aceitabilidade social e moral no grupo. São eminentemente sociais, nos fazem ser seres humanos e não existem na psicologia animal.

A seguir abordamos três emoções que, embora tenham um componente biológico claro, atuam principalmente nos sujeitos sob padrões sociais, representações e crenças, a saber, o medo, o nojo e a raiva.

Já Nobert Elias (1990) salientou que as emoções combinam elementos aprendidos e não aprendidos, de modo que nenhuma das emoções que experimentam os seres humanos são completamente não aprendidas / inatas ou biológicas.

3.3.6.1 O medo

O medo surge em situações em que o sujeito se sente vulnerável, ligado a percepção de perigo iminente. Essa ansiedade-medo é introjetada de tal forma que o indivíduo pensa que está à mercê da vontade dos outros e que não tem controle sobre o que acontece e lhe afeta, nem sequer sobre a própria tomada de decisões. Provoca desamparo, paralisia e impotência, anulando a capacidade de ação, uma vez que se considera que nada pode ser feito para mudar a realidade.

É uma emoção bem perceptível, manifestada com o aumento de batimentos cardíacos e eriçamento de pelos. É difícil disfarçar e importante manter a calma.

Provavelmente, é uma das emoções mais básicas e primitivas, sendo essencial na constituição do sujeito. De acordo com Walton (2007, p. 27), o medo é simplesmente uma reação adequada às diversas ameaças existentes no mundo, denota “[...] não só uma coisa que deve nos causar apreensão, mas algo que especificamente está a nossa espera.” Segundo ele, quando sentimos medo, a sensação é de espreita, de que algo pode e está para acontecer.

Como se sabe, está constatado que os primeiros seres humanos já experimentavam o medo da morte e do desconhecido. Conforme Walton (2007, p. 33) tais medos faziam parte de uma experiência permanente, junto com o medo às forças naturais ou as divindades. Para os nossos ancestrais, “[...] o mundo era um lugar intimidador e mal-assombrado, em que tempestades violentas, a ameaça do fogo, doenças insondáveis e sofrimento tinham um poder apavorante sobre eles.” (WALTON, 2007, p. 29).

Contudo, embora sabendo que é uma das emoções mais antigas da humanidade, inata e biológica, o modo como é experimentada difere de acordo com o tipo de cultura/sociedade e os significados culturais, variando nos grupos sociais e de pessoa para pessoa. Sentir medo é algo “inato”, mas a intensidade e o tipo de medo dependem das relações sociais e o contexto sócio-histórico em que o sujeito está imerso.

Na nossa tese, o medo é entendido como aquela emoção de dimensão social relevante que interpela ao sujeito a agir ou a fugir, altamente contagiosa e manipulável, utilizada para a manutenção das estruturas de poder e o controle social.

Do mesmo modo que a vergonha, esta emoção guarda uma clara **dimensão social**. Ela pode ser associada às *classes sociais*, pois partimos da ideia que pessoas com menos recursos ou mais vulneráveis estarão mais expostas a experimentar emoções

como medo ou vergonha mais frequentemente do que sujeitos com melhor estrutura econômica.

Sabe-se que as relações de subalternidade entre sujeitos, sustentadas pelas estruturas de poder, determinam que os mais fracos não possuam tanta capacidade de controle, nem estatus. Sendo assim, cabe suspeitar que os mais humildes, ou seja, o elo mais fraco e exposto da cadeia social possa estar mais predisposto a experimentar esses sentimentos de maneira mais recorrente.

Embora todos sintamos medo e a morte funcione como nivelamento social, a percepção –permeada por construtos socioculturais– depende também da classe social, idade e/ou gênero. O nosso status social não nos protege desta emoção, mas ameniza, é claro, a nossa exposição ao perigo e os possíveis riscos. Daí que possamos explicar o porquê dos sujeitos se amarrar e preferir ficar na sua zona de conforto, por medo à novidade, ao fracasso, ao desconhecido. Opera como emoção da sobrevivência: o medo de perder os seres queridos, de perder dinheiro ou de perder a própria vida.

Com relação ao *gênero*, existem diferentes padrões de hierarquia perante o medo, mais tolerado socialmente para as mulheres, enquanto que para os homens tradicionalmente é um sentimento proibido. É uma emoção que claramente divide a construção social de que homens e mulheres são diferentes. A colocação “sexo frágil” da música de Erasmo Carlos é um claro exemplo ou a representação tradicional do sexo feminino no cinema –a imagem da mulher em uma cadeira, assustada com a aparência de um rato ou vítima de assaltos ou estupros– é recorrente. O medo é tradicionalmente um constituinte da própria feminilidade. Ao contrário, o homem é representado como corajoso, longe de emoções e sempre disposto a proteger uma mulher assustada e fraca.

Nada mais longe da realidade, pois é claro que todos os seres humanos experimentamos o medo constantemente, já que ele está na própria sobrevivência do sujeito nos diversos contextos. Senti-lo é conatural a qualquer espécie, é saber reconhecer o perigo, é situar-se no mundo para preservar a vida. A própria vida é conviver com o medo da finitude da existência e não apenas da nossa vida, mas também o fim de tudo o que construímos e criamos que um dia termina. O terror da perda está sempre presente nos seres humanos.

Perante o medo, o indivíduo é inevitavelmente interpelado a agir ou a não agir. Não há saída, nem escolha, o sujeito deve se posicionar. A obrigação é tomar uma decisão: *encarar ou fugir*. Este não é apenas uma reação, é também ação. É uma emoção que nos leva a luta: a movimentar-nos e a conservar-nos como espécie no nível

biológico; já, no plano social, nos estimula também a brigar por ser alguém perante a sociedade.

O nosso cotidiano é uma batalha constante pela superação de medos, na qual o indivíduo se posiciona no jogo social para não ser invisível ou apagado pelos outros. No final das contas, o que nos move não é apenas o medo à morte física, mas também o pânico à morte social.

Uma forma de encará-lo pode ser obrigar o sujeito a realizar aquilo que teme. Parece uma contradição, mas não o é. Conforme Pinto & Dunker (2010, p. 53), “o medo é um estado de prontidão para o ataque ou fuga. Ele envolve uma série de reações endócrinas e fisiológicas que preparam para qualquer uma das decisões.”

Para falar a verdade, é uma emoção ambivalente. É ataque e fuga ao mesmo tempo. É uma fuga para frente que leva atacar, mas subjetivamente esse ataque é uma fuga na verdade. Quando você é assaltado e mata o assaltante, acaba com o medo, ataca para fugir da emoção. A fuga não acaba com o medo, às vezes, é preciso atacar.

Ademais, esta emoção opera no *controle social*, na regulação e na adaptação dos seres vivos para as diversas realidades. Além de ser *altamente contagioso*, não há maior força para exercer e manter o poder que produzir medo nos outros. Cabe observar como as estruturas de poder se valem deste para exercer e manter o status quo.

A insegurança pública resultante da violência no Brasil, a ingovernabilidade pela fragmentação do parlamento na Espanha, a deterioração ambiental da Amazônia ou a expansão da Covid-19 são claros exemplos do novo discurso do medo veiculado pelas mídias com o intuito de estabelecer novos mecanismos de controle social. Aparecem, portanto, novas tipologias de medos, a fim de criar novas explicações sobre as estratégias de controle das estruturas de poder que pretendem exceder as fronteiras nacionais, espalhando o medo num mundo globalizado.

Este opera no sentido preventivo, punitivo e castrador de desvios das normas de comportamento que cada cultura impõe, por meio de um controle social institucionalizado, baseado na opinião pública, nos valores, na moralidade, na lei, nos costumes e nas representações sociais, dentre outros muitos. Por isso, não é de se estranhar que Luna Zamora (2005, p. 26) caracterize o medo como:

uma emoção ou sentimento que está na base da reprodução e coesão da ordem social, o medo demarca os limites normativos, impõe limites aos comportamentos individuais, sinaliza transgressões, fortalece a

identidade e legitimidade da ordem social [...] dando a sensação de segurança / insegurança na vida cotidiana¹²⁶.

Historicamente, sempre foi um dos mecanismos mais usados para quem detinha o poder e pretendia manter o status quo. George Duby (1982) sublinha que os reis absolutistas na modernidade eram um modelo social em que o medo era a palavra de ordem constantemente: medo da fome, da violência, da invisibilidade. O paradoxal desta emoção é que os absolutistas eram capazes de espalhar o medo na população e, ao mesmo tempo, de proteger as pessoas quando este aparecia, a fim de perpetuar a submissão e o temor ao monarca. O intuito de tudo isso é exercer seu poder de determinar a vida dos outros. De acordo com Duby (1982, p. 362):

[...] porque, face à revolta dos explorados, dos excluídos do poder [...] o medo, o medo social faz que se voltem para o rei de França. Só ele, auxiliado pelos bispos e pelos homens de guerra, era capaz de manter a sociedade ordenada como devia ser, [graças a esta emoção].

Atualmente, tal fato ocorre, às vezes, no mundo acadêmico. Orientadores de tese matam intelectualmente de fome e apagam o potencial dos doutorandos com o medo para, a continuação, proporcionar migalhas de pão que supram as expectativas, mesmo não saciando a fome intelectual deles, com a finalidade de submeter esses sujeitos e determinar suas pesquisas. Sendo assim, estes mantêm essa relação assimétrica e de poder, sob a aparência de “proteção” e “bondade”.

No século XX, esta estratégia despótica de orientadores absolutistas de tese já aconteceu com os ditadores, Hitler ou Stalin, que exerceram seu poder no medo e na suposta segurança que davam ao seu povo.

Estas anomalias desencadeiam numa patologia humana para atacar o objeto de desejo tão amado, mas paradoxalmente, tão ameaçador para o desenvolvimento intelectual. O medo vira paixão e a paixão vira medo, medo de perder esse orientador que, no final das contas, aplica um terrorismo sutil como estratégia autoritária para segurar as estruturas de poder.

Na obra **O Medo à Liberdade**, Erich Fromm (1983 [1941]) aborda a crítica psicossocial do autoritarismo, da destruição e do conformismo. Para este autor, a liberdade humana, evoluindo ou regredindo, é uma obrigação e um direito do qual os indivíduos não podem ser privados. Nas sociedades atuais, os sujeitos estão sempre na

¹²⁶ Tradução nossa do original: una emoción o sentimiento que se encuentra en la base de la reproducción y cohesión del orden social, el miedo demarca los límites normativos, impone límites a las conductas individuales, señala las transgresiones, afianza la identidad y la legitimidad del orden social [...] otorgando el sentido de seguridad/inseguridad en la vida cotidiana.

busca pelo sucesso econômico individual, e com isso, se isolaram uns dos outros. Essa liberdade financeira, porém, gera um sentimento de solidão, acompanhado de medo, estimulando a alienação e uma fuga psicológica. De acordo com Fromm (1983 [1941]), o consumismo na contemporaneidade traz a solidão e o medo.

A liberdade, portanto, é uma responsabilidade e como tal somos interpelados a exercê-la. Vencer o medo se torna uma obrigação, é uma *colocação* que nos anima a atacar e sair vitoriosos. No pânico ou terror há uma paralisia, um congelamento. No entanto, no medo há uma batalha a ser ganha. Situações de horror estão no imaginário social na contemporaneidade. Sobreviventes de guerra, de abuso ou violência, vítimas de calamidades ou terrorismo são improntas congeladas na nossa memória. O holocausto nazi, os atentados do 11 de setembro das torres gêmeas, os atentados do 11 de março em Madri, os refugiados da guerra da Síria ou do regime autoritário da Venezuela são claros exemplos de como o medo, nas suas variantes horror e terror, está presente na história recente da humanidade.

De qualquer forma, sabemos que o medo é uma emoção que guarda um vínculo estreito com outras e normalmente não aparece só. Segundo Pinto & Dunker (2010, p. 10):

[...] o medo precede outras emoções. Alegria e Tristeza são expressões de dúvida entre o reencontro e a perda. Surpresa e tédio derivam do destino dessa ameaça potencial, sentida como imprevisível [...] já a inveja e o ciúme situam-se entre o temor por aquilo que ainda não se tem e se pode vir a perder. Finalmente, raiva e vergonha são exemplos maiores dos dois destinos secundários dados ao medo: ataque ou fuga, enfrentamento ou retirada.

Nesse sentido, essa emoção está vinculada à raiva e à vergonha. A primeira nos movimenta a vencê-lo. Já a segunda nos retrai a não o encarar. Da mesma forma, segundo Pinto & Dunker (2010) toda novidade comporta certo medo. Pensemos em um novo emprego, a surpresa pode trazer certo medo. Medo-culpa de não se dar bem nesse novo trabalho. Medo-raiva de não ter um bom desempenho. Medo-vergonha de não dar conta das novas funções. Medo-tristeza de não se dar bem com o chefe ou com os colegas. No final das contas, é um medo-terror perante o imprevisível.

Os autores supracitados (2010, p. 19) propuseram a seguinte tabela como mapa conceitual das diferentes experiências emocionais relacionadas com o medo:

Quadro 7 – Experiências emocionais relacionada com o medo

	AFETO	EMOÇÃO	SENTIMENTO
Inibição	Ansiedade Angústia	VERGONHA	Insegurança Depressão
Reação	Pânico Terror	MEDO	Desamparo Surpresa
Ação	Agressão Pavor	RAIVA	Vingança Horror

Fonte: Pinto e Dunker (2010)

Para o nosso estudo fraseológico das emoções, quando manifestadas, em ocasiões, estas não surgiram de forma isolada. É verdade que a vergonha pode ser uma reação do medo materializada em inibição, acarretando depressão, ansiedade¹²⁷ e/ou insegurança, enquanto a raiva provém da ação de combatê-lo, podendo levar consigo outros sentimentos, tais como, por exemplo, vingança ou agressão.

Atualmente, muitas emoções estão envolvidas nas mídias e redes sociais. O medo se alimenta de criar ansiedade nos sujeitos e funciona como complementar da vergonha e da raiva, quando se exerce o poder mediático de denigrar a imagem pública de alguém, a vergonha de se exhibir os podres que tem e a raiva de ser injustiçado e prejudicado na sua preservação de face.

Por fim, depois de abordado o medo, junto com a vergonha, a culpa e o orgulho, a seguir, tratamos da raiva e finalmente do nojo nas suas dimensões sociais.

3.3.6.2 A raiva

No nosso estudo, a raiva é entendida como aquela emoção de dimensão social que funciona como motor de comportamento de resistência ao controle, perante uma restrição ou injustiça de um objeto ou situação, frequentemente manipulável, utilizada para a manutenção ou quebra das estruturas de poder e/ou outras formas de controle social.

De modo análogo ao nojo ou ao medo, dentre outras, a raiva é uma das emoções consideradas biológicas ou inatas, mas com claro componente social. Segundo o psicólogo James Averill (1982 *apud* Carvalho & Carvalho, 2010, p. 18), ela está

¹²⁷ Consideramos relevante a diferença medo / ansiedade proposta por Marina & López (2005, p. 253): o medo é uma sensação que responde a uma ameaça específica e, portanto, tem um objeto definido; por exemplo, medo de epidemias ou medo de estranhos. Em contraste, a ansiedade não tem um objeto definido.

associada, biologicamente, à agressividade e às relações sociais. No âmbito psicológico, objetiva corrigir uma estimativa errada; no sociocultural, serve para modular os padrões de conduta. Ela é simbólica, socialmente construída com raízes biológicas.

Para Soares (2015, p.14), é uma emoção natural e instintiva, necessária à sobrevivência, cuja função primordial parece ser a resposta adaptativa às ameaças. Esta é bem perceptível e se manifesta na fisiologia e na expressão facial. No reino animal, se constitui como um sinal claro de aviso –ao animal bufar ou inchar– para possíveis predadores. Na vida social, pode aparecer em forma de frustração e/ou não aceitação do prejuízo que o sujeito, às vezes até ocasiona, eximindo a responsabilidade do seu fracasso nos outros.

De acordo com García-Rosado & Pérez-Nieto (2005, p. 223), esta é:

definida por uma ativação fisiológica e uma expressão facial característica acompanhada de sentimentos de raiva ou chateação e que aparece quando algum objetivo ou necessidade não é atingido ou um dano é recebido; a responsabilidade por tal dano é normalmente entendida como externa¹²⁸.

Concebida, portanto, como adaptativa tanto para humanos como para animais, Monteiro & Silva (2012) a consideram envolvida no processo de seleção natural, uma vez que em presença de um predador ou dano, a escolha entre lutar (raiva) ou fugir (medo) se torna primordial.

Na nossa conceituação, esta emoção nos sujeitos revela a frustração de não ter o que se quer, podendo derivar para a inveja ou ciúme. Na sua teoria da Hipótese da Frustração-Agressão, John Dollard e colaboradores (1939) propuseram que toda agressividade tinha as suas raízes fincadas na frustração. Nessa perspectiva, se a fonte geradora da frustração não pode ser canalizada, a agressividade surge, geralmente, destinada a alvos inocentes ou não responsáveis pela origem dessa emoção.

Contudo, nem sempre a raiva está associada a frustração. Além disso, esta pode ser caracterizada também pelo sentimento de protesto ou insegurança como defesa perante uma ameaça sentida pelo *self*, que se enxerga ferido ou injustiçado.

¹²⁸ Tradução nossa do original: definida por una activación fisiológica y una expresión facial característica acompañada por sentimientos de enfado o enojo y que aparece cuando no se consigue alguna meta o necesidad o se recibe un daño; normalmente se entiende que la responsabilidad de ese daño es externa.

Biológica e socialmente, não deixa de ser a força motriz que estimulava aos nossos ancestrais, por exemplo, a avançar na direção de um animal, abatê-lo para poder se alimentar. Assim, era também através dessa agressividade que eles derrubavam árvores e construía casas ou protegiam as suas famílias de perigos iminentes. Esta foi o combustível que permitiu o ser humano atingir seus objetivos mais relevantes para a sua sobrevivência, encarando diversos empecilhos ou obstáculos.

Como se sabe, já na época Darwin percebeu e registrou, que o medo e a raiva, variam em intensidade. Esta última pode ser gradualmente expressada nos sujeitos, da leve chateação até a fúria, a agressividade e a violência. Descontrolada pode ter efeitos indesejáveis quando manifestada na violência, pois deixa marcas nos corpos. Apesar de ser uma emoção indesejável –pois mal canalizada pode acarretar diversos problemas de saúde¹²⁹–, seu aparecimento pode ser útil para manter/quebrar a ordem social e para o posicionamento do sujeito no jogo social por espaço. Porém, incontrolada, acreditamos que sempre se torna daninha e contraproducente.

Como mencionado anteriormente, a raiva é a outra face do medo. Porém, ambas funcionam no *controle social* e na manipulação emocional e ideológica. Não há maior força para manter ou derrubar o poder que estimular raiva nos sujeitos. Enfurecer as massas é uma das estratégias que nas democracias modernas os poderes políticos se valem para derrubar o adversário e/ou manter as ideologias, por meio de um inimigo comum a ser abatido. Nesse sentido, encontramos os mais diversos discursos de ódio, carregados de raiva e conotações discriminatórias, que objetivam promover e alimentar mais um dogma na hegemonia ideológica e cultural das sociedades ocidentais contra o pensamento livre dos sujeitos ou alguns grupos sociais.

No nosso entender, o problema não é sentir raiva, pois é conatural à espécie, é permanecer nela. Qualquer emoção que não evolui e/ou desaparece se torna

¹²⁹ De acordo com Soares (2015, p.14-15), alguns estudiosos (cf. Håseth, 1996; Spielberger, 1999 *apud* Soares, 2015) identificaram esta emoção como um potencial fator causal de doença cardíaca coronária e de cancro, devido ao aumento dos neurotransmissores adrenalina e noradrenalina, bem como pelo incremento dos batimentos cardíacos e da tensão arterial, sendo considerada um dos fatores de risco mais importantes na explicação das patologias coronárias. Assim, a autora (2015, p.17) manifesta que a raiva inibida, interiorizada, parece ser um fator etiológico de perturbações psicossomáticas, associada a problemas relacionados com o *stress*, como a insónia, dificuldades digestivas, dores de cabeça e alcoolismo (cf. García-Rosado & Pérez-Nieto, 2005).

ressentimento (re-sentir, sentir novamente), pode se fossilizar e, portanto, nos escravizar.

Historicamente, a pessoa imersa nesta emoção era representada como possuída por uma loucura. Na idade média, Carvalho & Carvalho (2010, p. 23) afirmam que “a raiva contra o demônio é a única que poderia ser expressada e cultivada: todas as outras formas dessa emoção seriam pecado.” Dessa maneira era concebida e por isso devia ser controlada, dado que era considerada uma emoção ruim, irracional e selvagem que não condizia com o mundo civilizado. A tradição cristã condenou este sentimento –a ira– a ser um dos sete pecados capitais, conforme o papa São Gregório no século VI.

Quanto ao *gênero*, tradicionalmente existem diferentes concepções perante a raiva –a agressividade, mais tolerada socialmente para os homens do que para as mulheres. Para algumas espécies, a testosterona está vinculada a expressão de raiva e agressividade. Por isso, os machos se colocam em situação de ataque ou defesa. Esta é tradicionalmente um constituinte da própria masculinidade. Longe de ser totalmente certo, tal fato não impede que elas não sejam agressivas. No reino animal, uma fêmea raivosa numa situação de sobrevivência ou defesa dos seus filhotes pode chegar a ser muito mais agressiva do que o macho.

Por fim, podemos afirmar que a raiva é uma emoção simbólica, socialmente construída com componentes biológicos que bem gerenciada serve como força motriz para o desenvolvimento humano, podendo ser manipulada intencionalmente para fins ideológicos. Porém, descontrolada é abominável.

3.3.6.3 O nojo

No nosso trabalho, o nojo é compreendido na sua dimensão social, cognitiva e cultural, revelando o âmbito moral das relações sociais como barômetro de categorização /classificação simbólica na percepção do universo sociocultural. É uma emoção que está na fronteira entre o fisiológico / biológico e o cognitivo / social.

Já Charles Darwin (1998) na sua teoria evolucionista considerou este como uma emoção básica, relacionada aos cinco sentidos, principalmente ao paladar e olfato. Conferiu-lhe uma adaptação evolutiva, reflexo da proteção contra riscos à saúde como reação de sobrevivência primitiva que rejeita com rapidez e força um perigo. Por sua vez, Ekman (1973) o considerou como uma das seis emoções básicas, inatas e biológicas da sua teoria. Contudo, Freud (2012 [1913]) classificou o nojo, junto com a vergonha e a culpa, como os três primeiros sentimentos sociais próprios do ser

humanos, não existentes na psicologia animal. Assim, para Kemper (1978) e sua teoria socio-relacional, este revela a dimensão moral das relações sociais, o que podemos dizer ou pensar uns de outros.

Seja mais biológica ou mais sociocultural, esta emoção pode ser concebida como parte da sobrevivência¹³⁰ ou como um sentimento moral, ideológico e político, sendo uma das mais viscerais do espectro emocional. Simbolicamente, sua manifestação produz vontade de vomitar uma noção ou ideia figurada ruim que penetrou em nosso corpo ou identidade¹³¹.

Segundo Miller (1998), como emoção moral que também é, o nojo desempenha um papel central na forma em que classificamos o mundo, sustentando a categorização de inferiores de certas pessoas, coisas e ações, consideradas por nós socialmente desprezíveis. Conforme esse autor, o nojo constitui uma das metáforas mais radicais para expressar a nossa moralidade que se reproduz na estrutura social. Nesse sentido, esta emoção se constitui como uma fronteira moral e social impermeável que mantém as diferenças radicais entre uns grupos e outros. Provém da desvalorização, o estigma e diferenciação entre “nós” e “eles”, sustentando as relações de poder e a hierarquia social.

De acordo com o autor (Miller, 1998, p. 13):

Embora eu sustente que o nojo é, até certo ponto, independente da cultura, descrevo detalhadamente esse rico universo interpretativo do nojento. Estamos diante da emoção mais encarnada e visceral de todas e, no entanto, quando opera em torno do corpo, seus orifícios e excreções, explode um mundo de significados que tinge, anima e polui estruturas políticas, sociais e morais. O nojo será tão visceral quanto você quiser, mas também é uma das nossas paixões mais agressivas que geram cultura¹³².

Nesse sentido, é uma emoção que estrutura o mundo social e a cultura, nas sociedades atuais. Ele é perturbador e desafiador, gerando situações de exclusão e

¹³⁰ Nesse componente biológico, pode ser explicado que a alimentação e o sexo possam produzir nojo, como reação para a sobrevivência. Ele alerta do cheiro de substâncias em decomposição, alimentos estragados e agentes infecciosos ou elementos que conotam doenças, como fezes ou vômitos.

¹³¹ Conforme Miller (1998), o nojo se constitui como uma resistência forte para amenizar contaminar nosso corpo ou nossa identidade com um fator considerado impuro, amoral ou perigoso.

¹³² Tradução nossa do original: aunque sostenga que el asco es, hasta cierto punto, independiente de la cultura, describo en detalle ese rico universo interpretativo de lo asqueroso. Estamos ante la emoción más encarnada y visceral de todas y, sin embargo, cuando opera en torno al cuerpo, sus orifícios y excreciones, estalla un mundo de significaciones que tiñe, anima y contamina las ordenaciones políticas, sociales y morales. El asco será todo lo visceral que se quiera, pero también es una de nuestras pasiones más agresivas generadoras de cultura.

intolerância. Gradativamente, pode ir de um leve desagradável a algo profundamente repugnante. Podemos sentir nojo de diferentes grupos sociais, por classe, etnia, cultura ou religião. Destarte, ele se manifesta na reprovação de condutas sociais e/ou sexuais indesejáveis, ao violarem normas sociais e morais, a saber, o incesto, a pedofilia, a zoofilia ou a necrofilia, por citar alguns exemplos. Ademais, pode ser expressado em ações morais condenáveis, em práticas pessoais desagradáveis nos seus atos e nos seus corpos.

Segundo Nussbaum (2006, p. 90), a educação e a cultura desempenham um papel importante no nojo e nos comportamentos sociais que desencadeiam estigmas em certos grupos de caráter subordinado, tais como, minorias étnicas, sexuais, econômicas, dentre outras. De acordo com Goffman (2004 [1963]), o *estigma* proveniente desta emoção adquire uma dimensão política, que exclui e desumaniza o sujeito¹³³. Há uma transição do físico para o simbólico, do biológico para o cultural. O nojo, emoção básica primária, também se torna uma emoção social, com componentes políticos, sociais e psicológicos concretos, instrumentalizada, conforme a visão ideológica da cultura e da época.

Sem sombra de dúvidas, como toda emoção este depende do contexto sócio-histórico em que o sujeito é inserido. No seu livro, **O processo civilizador**, Norbert Elias (1990) mostra como o comportamento e a vida afetiva dos povos ocidentais mudaram lentamente após a Idade Média. Para este autor, o nojo constitui um construto social ontogenético no processo civilizador ocidental. Assim, ele descreve algumas mudanças sociais que guardam relação com essa emoção.

Por citar algumas, o sociólogo alemão (1990) salientou que a introdução do uso do garfo à mesa, por volta do século XVII, pouco tem a ver com o medo de doenças ou problemas de higiene, senão com o sentimento de repugnância que levou as pessoas a abandonarem o hábito de comer com as mãos pelo comportamento “civilizado” de utilizar o garfo.

Outro exemplo o encontramos na Alemanha do século XVI, na qual era de praxe a visão da nudez total de pessoas pelas ruas das cidades, que se despiam nas suas casas e caminhavam despídos em direção às casas de banhos. De acordo com Elias (1990), a visão do corpo nu era incomparavelmente mais comum do que atualmente. O uso de

¹³³ De acordo com Goffman (2004 [1963], p. 106): “tanto o intragrupo quanto o exogrupo apresentam uma identidade do eu para o indivíduo estigmatizado, o primeiro com uma fraseologia predominantemente política, o segundo com uma fraseologia psiquiátrica.”

roupão de banho, por exemplo, foi um implemento no processo de civilização para amenizar o desgosto em mostrar o corpo antes e após o banho.

Dessa forma, esse processo civilizador marcou no indivíduo regras de comportamento que se traduziram num triunfo da intimidade sobre a vida pública, procurando reduzir ao âmbito privado certas práticas corporais realizadas coletivamente.

Em síntese, na lógica do nojo social está a manutenção da fronteira entre o puro e o impuro. Este estabelece o limite do tolerável moralmente e o aberrante, a divisão impermeável do certo e errado, do bem e do mal. Esta emoção discrimina o mais abjeto, baixo e desprezível que deteriora a identidade social do sujeito pelo *estigma* mais profundo aflorando o sentimento de vergonha. Numa sociedade, por exemplo, constituída por uns padrões objetivos de beleza que priorizam um corpo voluptuoso e jovem, sentimentos de nojo para com as pessoas gordas, deformes ou muito idosas podem ter cabida, pois fogem desse modelo de beleza socialmente constituído.

Esse nojo se constitui, portanto, como uma evolução ou metáfora do biológico e fisiológico, num desdobramento paradoxal: podendo ser concebido como uma via para a dignificação e a esperança por um mundo mais justo ou, pelo contrário, como um caminho para a exclusão e desumanização dos sujeitos.

3.4 UMA ABORDAGEM DA FRASEOLOGIA A PARTIR DOS CONTRIBUTOS DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

3.4.1 A CONCEPÇÃO DE EMOÇÃO NA FRASEOLOGIA DE VIÉS ESTRUTURALISTA

Depois de apresentado o cenário da pesquisa em fraseologia e tratada a abordagem estruturalista dos estudos fraseológicos e suas implicações na concepção dos fraseologismos, derivada de classificações predominantemente formalistas, elucidamos os deslocamentos propostos nessa seção, com o intuito de poder questionar uma fraseologia limitada, estruturalista e extremamente formal considerando uma diferente à luz do teorizado pela sociologia das emoções na seção 3.3.

Ficar corado, criar vergonha na cara, estar de saco cheio ou morrer de medo são alguns exemplos de fraseologismos que apontam para uma emoção ou sentimento. O dicionário de Maria Moliner (2007 [1967]) assinala que o termo *emoción* – emoção, provém do latim “*emotio < exmovere*”, o que significa sair, remover, sacudir. Vocábulo constituído pela partícula “ex” e “mover”, cujo significado é “sair” em um estado fora de si. Nesse sentido, é movimento para fora, ação e motor, intensamente vivenciado, daí que às vezes precise ser contido pelo controle emocional.

Tradicionalmente, os estudos fraseológicos não consideraram os aspectos emocionais envolvidos nos discursos em que apareciam as diversas unidades fraseológicas, limitando-os, na melhor das hipóteses, ao significado descontextualizado das próprias estruturas.

Na mesma linha de pensamento que Baptista *et al.* (2005, p. 55) acreditamos que as expressões “adquirem significados específicos de acordo com a situação ou o contexto social em que são usados.¹³⁴” Nesse sentido, partimos do pressuposto que os fraseologismos e suas nuances emocionais devem ser analisados conforme os contextos de produção e os lugares de fala desses sujeitos envolvidos na materialização de diferentes efeitos de sentido.

A fraseologia de viés estruturalista analisou as unidades fraseológicas, priorizando uma concepção formalista e quando não, apenas tratou aspectos semânticos ou pragmáticos, esquecendo, em geral, quem são esses sujeitos e o que está por trás discursivamente dessas falas, nas quais esses fraseologismos aparecem. Tal fato

¹³⁴ Tradução nossa do original: *adquieren significados específicos según la situación o el contexto social en que se utilizan.*

aconteceu por focar as análises somente em *corpus* estabelecidos, principalmente escritos.

Nessa abordagem, poderíamos apresentá-los agrupados por emoções de forma descontextualizada, desconsiderando sujeitos e contextos de produção. Se partimos, por exemplo, das seis emoções consideradas básicas ou universais –alegria, tristeza, raiva, surpresa, medo e nojo– da perspectiva biossocial de Ekman (1973), poderíamos agrupar numa perspectiva tradicional os fraseologismos da seguinte maneira:

- a) **a alegria**, ao ser uma emoção que nos faz sentir bem ou ter um sentimento de satisfação com a vida por meio da felicidade, nela poderíamos encaixar unidades fraseológicas em espanhol como: *estar/ponerse más alegre/contento que unas pascuas, estar más feliz que una perdiz, estar radiante, dar/pegar saltos de alegría, ¡qué bien!, ¡cómo me alegro!, ¡qué alegría!, ¡qué guay!*; em português, *que bacana!, que legal!, que massa! estar maravilhosamente bem, estar ótimo, estar dando pulos de alegria, se melhorar, estraga*.
- b) **a tristeza**: é um sentimento gerado por uma coisa, situação ou pessoa que perdemos ou sentimos falta. O espanhol poderia tomar fraseologismos, tais como: *estar hecho polvo, estar de bajón, estar hundido, estar detrozado, estar con el alma en pena, llorar a moco tendido, ¡qué pena!, ¡qué tristeza!*; em português, encontramos outros: *estar muito para baixo, estar arrasado, estar deprê, estar com o coração sangrando, que tédio! que pena!*
- c) **a raiva**: ao se manifestar como um impulso que pretende nos livrar de algum fato ou situação que nos incomoda ou nos prejudica, poderíamos pensar em espanhol em estruturas do tipo: *estar hasta el gorro, estar hasta el moño, estar hasta la coronilla, estar hasta los huevos, estar que trina, que muerde, hecho una fiera, tener/estar de mala leche, estar de morros, estar mosqueado/mosquearse, estar que echa chispas/ fuego / humo*; em português, *estar de saco cheio, estar puto de raiva, puta que pariu! que absurdo! que decepção! estar de cara fechada*.
- d) **o medo**: é uma emoção gerada pela incerteza ou falta de controle em relação ao que pode acontecer, produzindo ansiedade e insegurança. O espanhol poderia aplicar os fraseologismos: *tener el corazón en un puño, estar acojonado, estar cagado, tener un nudo en la garganta, ponérsele a alguien los pelos de punta, ¡qué miedo!, ¡qué horror!*; em português, *ficar todo arrepiado, ficar com os*

cabelos em pé, estar cagando de medo, estar morrendo de medo, ficar com o coração na mão, tremer de medo, que medo!, que horror!, quase enfartei.

- e) **a surpresa:** ao ser um sentimento produzido por um evento inesperado, para o espanhol teríamos expressões, tais como: *quedarse atónito, quedarse de piedra, ¡no me lo puedo creer! ¡nunca me lo hubiera imaginado!*; em português, *ficar maravilhado, ficar surpreso, ficar impressionado, nem acredito!, nossa!, vixe!, sério! caralho!*
- f) **o nojo:** é uma aversão para com objetos ou pessoas consideradas repulsivas e indesejáveis, que poderia se materializar em espanhol em unidades fraseológicas do tipo: *¡qué asco!, revolverse el estómago, dar náuseas*; em português, *que imundo! eca! que nojo! que porco!*

Esse tipo de classificação semântica apresentada é válido para estudos formalistas que desconsideram a performance dos sujeitos, seus lugares de fala, as suas emoções e sentimentos em ação nos discursos proferidos. Para a nossa tese, estes aspectos são primordiais na interpretação dos fraseologismos emocionalmente contextualizados, se configurando como expressões carregadas de múltiplos efeitos de sentidos com metaforacidades diversas.

Tomadas essas unidades fraseológicas isoladamente, para nós, essas expressões possuem apenas um significado. Porém, de acordo com Vigotsky (2000 [1934], p. 125), “o significado dicionarizado de uma palavra [e/ou fraseologismo] nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala.”

Como anteriormente exposto, para o psicólogo, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida e complexa, que possui várias zonas de estabilidade variável. Já o significado é apenas uma daquelas zonas que o fraseologismo adquire no contexto de algum discurso e, além disso, uma área mais estável, uniforme e precisa (VIGOTSKY, 2000 [1934]).

Sob nosso viés fraseológico, emocional e discursivo, não há uma noção de emoção –nem uma concepção de fraseologismo– pronta e acabada, senão um contínuo movimento de criação conceitual nos discursos dos sujeitos. No nosso entendimento, a emoção é, portanto, uma categoria inacabada, policromática e polissêmica. Os sentidos dos fraseologismos se apresentam, de certa forma, na e pela emoção. Esta noção é, segundo Vigotsky (2000 [1934]), aquilo que não está imediatamente dado e acabado,

senão o que se constitui no embate dialógico, na dialética, no discurso vivo, na combinação de palavras em movimento dialético.

No final das contas, a diferença do que vem sendo realizado nos estudos fraseológicos, esta tese nasce com o propósito de sugerir elementos de compreensão que permitam realizar uma fraseologia que considere verdadeiramente as emoções dos sujeitos participantes, interpretadas pelos indícios dados e pelo olhar do pesquisador.

3.4.2 A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA CONSTRUTIVISTA DE HOCHSCHILD PARA A FRASEOLOGIA

Como mencionado anteriormente, Hochschild (1979), em paralelismo com a teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1962), concebe as emoções como estímulos orientados para a ação. Destarte, podemos estabelecer o seguinte paralelismo: se as palavras ou combinação de palavras fazem coisas, as emoções materializadas em fraseologismos também estão prontas para ação.

De acordo com a socióloga, a neutralidade afetiva que parece caracterizar alguns eventos sociais não existe. Nesse sentido, estamos no nosso direito de suspeitar que não há fraseologismos, nem linguagem exenta de afetividade, isto é, neutra. Concebemos que tanto as combinações de palavras quanto as emoções são cheias de sentidos ancorados em contextos sociais e históricos específicos.

A seguir, apresentamos um quadro-síntese da sua teoria construtivista apresentada na seção 3.3.4 desse capítulo teórico.

Quadro 8 – Teoria construtivista de Hochschild (1979)

TEORIA CONSTRUTIVISTA SOCIOCULTURAL - Hochschild (1979)	
CATEGORIA SOCIAL	NOÇÃO
Dimensão expressiva	A experiência emocional
Dimensão expressiva e (normativa)	A gestão emocional
Dimensão normativa	As normas emocionais
Dimensão política	A estrutura social (ideologia)

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Hochschild (1979).

Assim, dos aportes teóricos da socióloga encontramos três dimensões que são chave para as nossas análises, pois oferecem três olhares diferentes para um mesmo fenômeno: a fraseologia, a saber, **a dimensão expressiva, normativa e ideológica**.

A dimensão expressiva: nesta categoria encontramos as diversas possibilidades expressivas das unidades fraseológicas que veiculam as emoções dos sujeitos no contexto de produção. Talvez a denominação de *expressão idiomática* condiz a essa dimensão expressiva ou expressividade dos fraseologismos.

Sabemos que nem todo espaço, nem todo momento é adequado para materializar no discurso a totalidade de nossas emoções. Daí que devemos gerenciar em todo momento o uso de elementos linguísticos e paralinguísticos, reprimindo sentimentos indesejáveis ou inadequados; mas também, em outros casos, evitando ou, pelo contrário, estimulando aqueles desejáveis ou esperados, inicialmente ausentes.

Aplicando os pressupostos de Hochschild (1979), as emoções possuem condicionamentos a serem expressos, isto é, o que autora denomina gestão emocional¹³⁵, determinante na seleção e o (não) aparecimento de fraseologismos. Esta pode ser levada a cabo por uma *atuação superficial* ou por uma *modificação profunda*¹³⁶. Na primeira, o sujeito usa um fraseologismo, elementos linguísticos ou paralinguísticos como meio de modificar seus sentimentos reais. É uma forma linguística dissimulada de apresentar uma emoção. Na segunda, o indivíduo expressa combinações linguísticas, nas quais encontramos uma modificação real produzidas por uma consciente e senciante percepção da realidade.

No final das contas, trata-se de uma manipulação emocional que o sujeito realiza, condicionada pelas outras duas dimensões, a normativa e a ideológica, a fim de modificar em intensidade ou qualidade uma emoção ou sentimento.

A dimensão normativa: baseia-se no fato de que as normas sociais não apenas restringem nossa maneira de agir, mas também o que deve ser sentido ou não, de acordo com uma situação dada ou contexto gerado para que não ocorra dissonância emocional. O controle emocional é uma chave relevante para o controle social, limitando as emoções diferentes daquelas estabelecidas pela norma, categorizadas de

¹³⁵ Tradução nossa do conceito original: emotion work.

¹³⁶ Tradução nossa dos conceitos originais: surface acting / deep acting.

desvio emocional¹³⁷. A consequência dessas normas emocionais é basicamente *o controle social*.

Dentro dos fraseologismos, as fórmulas são um claro exemplo de estruturas adequadas para que o sujeito as possa usar e não sentir a dissonância emocional. Já Corpas (1996, p. 182) salientou que estas têm a função de fornecer aos falantes os meios linguísticos necessários para lidar com situações específicas da vida cotidiana, como dar condolências em um funeral, pedir desculpas por ter pisado alguém ou agradecer. Todos nós sabemos que devemos estar felizes numa festa e tristes num velório na nossa cultura. Dessa forma, usaremos fórmulas do tipo, *que bacana! que legal!* para uma festa, enquanto empregaremos *meus sentimentos, que pena!* no velório, a fim de não sentir esse desvio emocional.

Este tipo de fórmulas responde a dois princípios sociais normativos, condicionados pelo grau de adequação emocional dos indivíduos ao contexto situacional dado com relação a sua matriz cultural e ideológica:

a) *O princípio de convencionalidade emocional*, selecionando determinados fraseologismos associados a uns determinados sentimentos ou reações emocionais. É um princípio de economia emocional que rege as interações entre sujeitos, já que não é necessário pensar como materializar uma emoção linguisticamente para cada situação e contexto, uma vez que as emoções e as suas expressões linguísticas, construídas social e culturalmente, estão institucionalizadas e automatizadas nos próprios indivíduos por meio de fórmulas pré-estabelecidas.

b) *O princípio de colaboração ou solidariedade emocional*, que depende do grau de empatia e alteridade de cada um dos indivíduos para com seus semelhantes, façam parte ou não da mesma lógica emocional. Um sujeito espera um tipo de reação emocional dependendo da situação e do seu padrão de comportamento emocional que um outro proporciona conforme as sensibilidades sociais e o entendimento emocional de ambos, garantindo a harmonia e a simpatia nas interações entre indivíduos.

¹³⁷ Como aponta Hochschild (1979), a legitimidade de uma emoção pode ser de três tipos: clínica, moral e sócio situacional. No primeiro, o sentimento se desvia do que pode ser a gama de emoções de um ator normal ou saudável; no segundo, o julgamento afeta a legitimidade moral de sentir ou não sentir alguma coisa; já no terceiro caso é o contexto específico e os sujeitos que legitimam o que o ator está sentindo ou manifestando.

A *convencionalidade emocional* se relaciona com a cultura emocional das sociedades e grupos que, indiretamente, impõe como o sujeito deve sentir ou agir em cada situação, enquanto a *solidariedade emocional* está intrinsecamente relacionada ao indivíduo, a sua inteligência emocional e a sua habilidade de entender as emoções do outro e não simplesmente as dele, emoções que logicamente também estão condicionadas pela matriz cultural e ideológica em que os sujeitos são inseridos.

A dimensão política: as emoções estão ligadas a punições sociais, bem como ao tecido da estrutura social. Por exemplo, no caso da raiva, as normas emocionais também operam, mas, na prática, esses sentimentos estão determinados pela matriz ideológica. Geralmente, o nojo ou medo têm como destino pessoas ou grupos com menor nível de poder social, funcionando o primeiro como fronteira social e o segundo como preservação do status quo.

Em vista disso, a gestão e normas emocionais –dimensão expressiva e normativa, respectivamente–, estão determinadas ideologicamente, uma vez que essas emoções estão interligadas com o tecido da *estrutura social*. Já Hochschild (1979, p. 551) apontou que as normas emocionais são vistas como o lado da ideologia que lida com a emoção. Por sua vez, a gestão das emoções é o tipo de trabalho necessário que o sujeito exerce na sua expressividade para lidar com as normas emocionais.

Daí que para a preservação das estruturas sociais a ideologia imponha o controle emocional como camisa de força que afeta ao controle social. Por isso, quando um indivíduo sente uma emoção diferente daquela estabelecida pela norma, será considerada um desvio emocional. Os outros sujeitos imersos nas formações discursivas próprias e/ou na ideologia hegemônica apontaram para tal dissonância ou deturpação emocional e usaram fraseologismos cristalizados, a saber, “você deveria ser mais feliz”, “você não tem o direito de ficar bravo assim”, “esse ciúme seu é absurdo” ou “você não tem a culpa de nada”.

Nesta perspectiva, a fraseologia se constitui como uma forma de controle social e emocional por meio do uso de frases “clichê”, cristalizadas que exercem a pressão e tentam corrigir a distorção emocional produzida. Da mesma forma, a *cultura emocional*, permeada pela ideologia, reproduz crenças sobre as emoções, além de normas emocionais, materializadas do mesmo modo em fraseologismos igualmente cristalizados, tais como: “o amor dura para sempre” “morrer de saudades” ou “a vergonha é a herança maior que meu pai me deixou”.

Resumindo, apresentamos um quadro-síntese do deslocamento proposto:

Quadro 9 – Aplicação da teoria construtivista de Hochschild (1979) para a fraseologia

Dimensão	Sociologia	Fraseologia
Expressiva	A experiência emocional, a gestão emocional	Gama de recursos expressivos dos fraseologismos e seu gerenciamento superficial ou profundo
Normativa	As normas emocionais	Seleção de fraseologismos baseada nos princípios de convencionalidade e solidariedade emocional
Política	A estrutura social (ideologia)	Discursos hegemônicos materializados em fraseologismos cristalizados

Fonte: Autoria própria do autor

3.4.3 UMA NOVA VIA: DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES PARA A FRASEOLOGIA DAS EMOÇÕES

Por fim, partindo de uma perspectiva pós-estruturalista que enfatiza o discurso – na qual os sujeitos-falantes tomam parte ativa no processo– as emoções são consideradas dentro da prática discursiva. Assim, a fraseologia contribui para a construção social / cultural das emoções.

Portanto, interessará observar que expressões são manifestadas dentro das normas emocionais por esses sujeitos permeados pelas ideologias e formações discursivas as quais pertencem. Entendemos que tanto a linguagem – a fraseologia– quanto as emoções são uma construção social que exigem aprendizagem e que, por isso, dependem da cultura/sociedade em que o indivíduo está inserido, assim como ambas variam no espaço e no tempo.

Daí que para nossa pesquisa sejam prioritários os aspectos discursivos, ideológicos e socioculturais das experiências emocionais, compreendendo os sentidos subjetivos que os profissionais migrantes do sexo atribuem aos aspectos emocionais, ao serem expostos a representações que envolvem a tríade violência–corpo–sexualidade, através do seu processo de socialização emocional nas culturas as quais (trans) pertencem. Desse modo, será observada por meio da materialização linguística, principalmente fraseo-discursiva, essa linguagem da emoção específica de cada

indivíduo motivada pela sua construção emocionalmente social e ideológica, apontando para aspectos consideráveis que permitam dilucidar as diversas nuances das identidades profissionais e de origem dos sujeitos.

Esta abordagem fraseológica, baseada na teoria construtivista das emoções de Hochschild (1979), porém com um olhar com tendência pós-estruturalista, surge com o intuito de entender os diversos fenômenos emocionais sob uma perspectiva social nas práticas discursivas, identificando cada um dos sentidos emocionais que lhe permitem ser atribuídos a cada fraseologismo.

Em nosso caso, pretendemos observar cada um desses sentimentos manifestados através da materialização linguística, a fim de poder vislumbrar o caráter sociocultural que envolve os sujeitos na construção das emoções, a partir das suas matrizes sociais e ideológicas. O nosso propósito é ter a capacidade explicativa e interpretativa da influência que os discursos hegemônicos e cristalizados exercem na representação e expressão das emoções nos sujeitos, analisando quais são os fatores sociais, ideológicos e históricos que permitem dar sentido.

Focaremos o olhar das análises principalmente em seis emoções¹³⁸ materializadas ou permeadas em fraseologismos proferidos num contexto discursivo por sujeitos empíricos, a saber:

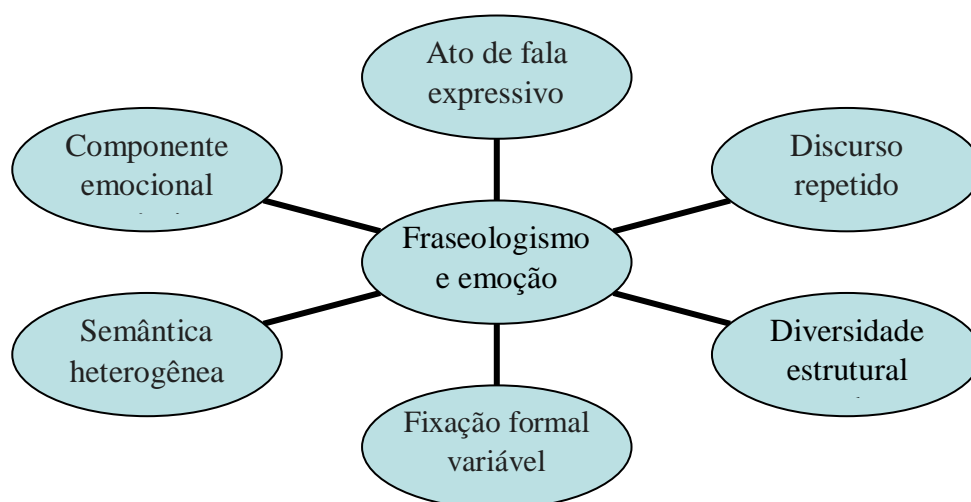
- a) A **vergonha** como aquela emoção moral extremamente dolorosa que implica uma avaliação negativa do *self*, deixando uma ferida difícil de cicatrizar.
- b) O **orgulho** como aquele que fortalece a autoestima e é o resultado da realização individual.
- c) A **culpa** como avaliação negativa de comportamentos ou transgressões específicas.
- d) O **medo**, entendido como emoção social que interpela ao sujeito a agir ou a fugir, utilizado para a manutenção das estruturas de poder.
- e) A **raiva** como motor de comportamento de resistência ao controle, perante uma restrição ou injustiça.
- f) O **nojo**, compreendido na sua dimensão social como barômetro de categorização /classificação simbólica na percepção do universo social.

Independentemente das classificações hierárquicas apresentadas e questionadas na seção 3.2.3, os fraseologismos permeados de emoções para a análise podem e devem:

¹³⁸ Tal fato não significa que o estudo se limite exclusivamente a seis emoções, pois muitas delas provavelmente se apresentem não isoladas, isto é, combinadas com nuances emocionais diversas.

- a) ser enunciados que possuam a habilidade de constituir atos de fala expressivos e/ou emocionais dentro de contextos de produção que mostrem a subjetividade do falante.
- b) manifestar um discurso repetido, “convencionalizado” que proporcione informações relevantes na constituição emocional dos sujeitos.
- c) se conformar na sua estrutura, a nível sintático, bem como uma sentença formalmente completa ou incompleta, representada pelas mais diversas estruturas gramaticais desde formas unilexicais - *porra!* -, até orações mais complexas - *que porra é essa!*
- d) com relação a sua fixação formal, poder se configurar como estruturas de caixas vazias atualizáveis em contexto com um inventário mais ou menos fechado de lexias como constituintes livres – *Deus me defenda / livre / guarde.*
- e) possuir uma heterogeneidade semântica com amostra de valores discursivos tão amplos e diferentes como ocorre com a sua diversidade estrutural. No que diz respeito à noção de idiomaticidade/opacidade se constitui numa escala gradual de transparente ao opaco.
- f) serem manifestações linguísticas orais, predominantemente coloquiais, devido ao teor metodológico da tese para a geração de dados, intimamente ligadas ao discurso espontâneo e não monitorado, que revelem o componente emocional dos sujeitos participantes.

Figura 6 – Parâmetros definidores dos fraseologismos permeados por emoções



Fonte: Autoria própria do autor

Por fim, cabe salientar que somos cientes das limitações/dificuldades que implica conceituar/abordar os contributos da sociologia construtivista das emoções para uma perspectiva de base predominantemente estruturalista como é a fraseologia.

Para isso, não devemos esquecer que partimos de um carácter interpretativista como categoria de análise central para a explicação/compreensão das emoções materializadas fraseologicamente nos discursos. Imersos nas teorias construtivistas e pós-modernas, sublinhamos que a dimensão da análise destes fraseologismos é particular, pois o foco é micro, a diferença dos estudos positivistas que são apresentados como macro e generalistas.

Sendo assim, sabemos que a nossa análise pode ser considerada individualista, atomista ou restrita, mas é precisamente isso o que se procura nessa pesquisa que não pretende em nenhum caso generalizar, pois o universo emocional e sua materialização linguística em diversos fraseologismos, mesmo com seus condicionamentos, é interno e particular de cada sujeito.

Em síntese, a nova via é, basicamente, abrir/criar elementos de compreensão e análise sob o olhar –e com o intuito– que norteia toda a tese: **estabelecer um novo paradigma de fraseologia com e para os sujeitos** – e, de quebra, não menos importante, dar voz e vez aos que vivem silenciados.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

4.1 ACERCA DOS SUJEITOS PARTICIPANTES

Os dados extraídos provêm do primeiro instrumento aplicado, a saber, o *questionário de dados pessoais*¹³⁹ que permitiu identificar aos sujeitos na pesquisa

Como mencionado no capítulo 2, contamos com a colaboração de seis (6) sujeitos para a geração e posterior análise de dados, além dos gerados pela entrevista prévia, mas infelizmente nem todos os colaboradores autorizaram a publicação dos mesmos e a gravação da entrevista, fato já previsto. Por isso, para fins de análise foram considerados cinco participantes.

Sendo assim, contamos com a participação, no Brasil, de 2 (dois) colaboradores –homem e mulher nordestinos– e 3 (três) na Espanha –homem, mulher e híbrido–, cujas nacionalidades foram venezuelana (dois participantes) e brasileira (uma participante).

Neste estudo priorizamos o pertencimento do entrevistado ao grupo de profissionais migrantes do sexo e uma análise qualitativa dos dados. Como salientado anteriormente, a observação da prática profissional da prostituição nos levou a definir os participantes, em geral, como categoria social estigmatizada ou sujeitos estigmatizados, com base nos estudos acerca do *estigma* de Goffman (2008 [1963]), Link & Phelan (2001) e Becker & Arnold (1986).

Portanto, a seguir apresentamos um perfil dos sujeitos participantes. Será atribuído um nome fictício de uma parte do corpo para cada um deles, a fim de preservar a confidencialidade e serão apresentados conforme a sequência temporal dos encontros realizados, isto é, na sequência cronológica em que esses ocorreram.

Cabe destacar que na apresentação e análises de dados o artigo determinado o/a não será atribuído em nenhum caso para os pseudônimos, pois acreditamos que possa criar um efeito considerado ofensivo ou irônico para com os inquiridos. Analogamente, é mister esclarecer que em nenhum momento se pretendeu coisificar esses sujeitos com essa atribuição de denominações que remetam a partes de corpo, pois o nosso entendimento é que estes termos são usados como uma metáfora da importância que o corpo ocupa nas vidas desses indivíduos e não como uma metonímia que pretenda desrespeitar ou menosprezar os entrevistados. Fato longe da nossa intenção, como poderá ser comprovado ao longo do estudo. Sem mais dilações, passamos a apresentar os verdadeiros protagonistas desta tese.

¹³⁹ Para mais informações, pode ser consultado o Apêndice I.

SUJEITO 1

24/02/2019 - 26/02/2019

Atribuímos o pseudônimo de **Pecho (P)**. Entrevistado um homem de 27 anos que possui estudos superiores e que afirma ter tido diversos trabalhos: garçom, atendente numa loja de roupas, funcionário de uma livraria, dentre outros. Na época dos encontros era **scort**¹⁴⁰, ganhando entre dois e três mil euros por mês – segundo ele, por volta de uns cem diários, dependendo da demanda.

Pecho é de nacionalidade venezuelana, fala inglês e espanhol. Já morou no Equador e nos Estados Unidos. Ciente do estigma que recebe a sua origem por conta da situação política do seu país, tenta ocultá-la:

(P¹⁴¹): Bueno, fíjate, yo no soy de Colombia, no 🖐 soy venezolano.

(E): Ah! eres venezolano 😊, pero pones que eres colombiano.

(P): Exacto.

(E): ¿Y por qué pones que eres colombiano?

(P): Sí, porque siempre que digo que soy de Venezuela, se van por otro tema, me da problemas, me discriminan 🖐 por equis cosas. [*Ya he tenido muchos conflictos por eso 😞*] y no me gusta tener problemas sobre eso.

Considera-se bissexual e pretende casar com mulher e ter filhos:

(P): En Venezuela estaba con mujeres, pero no por dinero, simplemente por 🖐 [*por placer 😊*].

(E): Entiendo, ¿tú que eres entonces?

(P): Soy bisexual, BISEXUAL 🗣, porque también hago con 🖐 [*con los hombres 😊*].

(E): [...] ¿Tú te quieres casar en un futuro?

(P): Sí, con una mujer, tener hijos y [*dejar esta vida 🖐 🖐*].

¹⁴⁰ Em negrito destacamos como cada sujeito denomina sua identidade profissional, isto é, a atividade que realiza.

¹⁴¹ (E): Entrevistador; (P): Pecho; (V): Virilha; (O): Ombligo; (C): Coxa; (J): Joelho. Aplicamos as iniciais para os turnos de fala, isto é, para cada intervenção.

SUJEITO 2

23/03/2019 - 25/03/2019

Atribuímos o pseudônimo de **Virilha (V)**. Entrevistada uma mulher heterossexual de 43 anos com estudos médios e que menciona diversos trabalhos que teve: cobradora de ônibus no Brasil e na Espanha garçonete, dentre outros. Na época dos encontros era **prostituta**, ganhando entre três e quatro mil euros por mês, dependendo da demanda:

(E): ¿Tú te identificas con que nombre? Si tú dijeras: ¿qué soy yo? ¿qué eres tú?

(V): Yo soy una prostituta, porque están me pagando. Si no me pagan, entonces eres una puta, para mí 🗨️).

(E): Si no te pagan es puta.

(V): Sí 🗨️.

(E): Y si te pagan es prostituta

(V): [CLARO, 🗨️] porque estoy prestando un servicio, [soy una prostituta, una profesional 🗨️], si me llamas de puta es por ahí gratuitamente.

Virilha é de nacionalidade brasileira, de Goiânia, fala português e espanhol. Foi a única participante que realizou os encontros em língua não materna. Já trabalhou na Alemanha e na Suíça. Ciente do estigma que recebe a sua profissão, ela prefere ser discreta:

(E): Y si alguien te pregunta ¿a qué te dedicas? ¿Tú que dices?

(V): Invento 🗨️, soy camarera, porque ya lo he hecho varias veces, [no puedo decir que soy prostituta ▶▶], [pelo amor de Deus 🗨️] 😊.

(E): Tú inventas que eres camarera.

(V): [CLARO, 🗨️] 🗨️ invento cualquier cosa.

Além disso, a brasileira é mãe de duas filhas:

(E): ¿Y hay muchas madres prostitutas? Más de lo que se piensa ¿verdad?

(V): Sí, hay muchas 🗨️. Porque tienen que dar de comer a sus hijos. Forzada porque 😞 forzada dentro de lo que he vivido, voy a **hacer eso** para dar una vida mejor a mis hijas. De camarera, no podía dar una buena vida. 😞 SOLA. Si tuviera un compañero ¿né? Que tuviera su apoyo financieramente, [é outra coisa 😊].

SUJEITO 3

06/04/2019 - 07/04/2019

Atribuimos o pseudônimo de **Ombli** (O). Entrevistado um sujeito híbrido, biologicamente considera-se homossexual, de 24 anos com estudos superiores que trabalhou como jornalista ou pedreiro, porém foi obrigado a migrar:

(O): He ido a Perú, pero no me gusta, he ido a Arua, a Curaçao, a Santo Domingo, fue cuando tenía 17 o 18 con mi familia, de viaje, de turismo. Éramos de clase media, posición buena, ahorita somos pobres. [*Pues sí, es muy difícil*]. Allá se trabaja mucho y [*no cobras nada*].

(E): [...] ¿A tí, te gustan las mujeres también, o los hombres y las mujeres o como?

(O): [*Calla, calla*]. [*Los hombres, solo* - assinala para falar mais baixo]. [*Me gustaría hacer el cambio de sexo*].

No momento dos encontros era **scort**, ganhando mínimo oitenta euros diários:

(E): Más o menos, ¿cuánto puedes sacar al mes, digamos, sin querer ser muy indiscreto?

(O): [*Pues, sí es muy indiscreto*].

(E): Bueno, ¿pero a ver más o menos?

(O): Más o menos 80 lo mínimo.

(E): ¿80 euros al mes?

(O): NO, ¿no me estás preguntando diario? Al mes no sé, ni idea. Te puedo decir diario, diario unos 70 como albañil, a veces menos, y mínimo 80 como scort, pero te puedes hacer hasta mil un día. Un solo cliente te puede dar MIL.

Ombli é de nacionalidade venezuelana, fala inglês e espanhol. Já morou no Equador e nos Estados Unidos. Ciente da sua situação como profissional migrante do sexo, sublinha:

(E): ¿Cuánto tiempo vas a estar haciendo esto?

(O): Yo creo que no sé ahora, no he pensado en eso, pero yo creo que un año haciendo esto va a ser suficiente para lo que yo quiero.

(E): ¿Llevas un año, querrás hacer un año más, dos años solo?

(O): ¡Exacto!, con eso me puedo retirar y puedo hacer otra cosa. Es que claro [*ahorita no tengo documentos acá y entonces eso también me incita a **trabajar en esto***] y nada cuando yo tenga mis papeles, creo que me voy a asentar en algo tranquilo y [*hacer un proyecto grande*].

SUJEITO 4

19/09/2019 - 21/09/2019

Atribuímos o pseudônimo de **Coxa (C)**. Entrevistada uma mulher de 31 anos, supostamente bissexual, com estudos superiores que trabalhou como padeira:

(C): Você acredita que, acho que semana passada, eu atendi um cliente, [*ele dá conta* 🤔] e no momento que ele [*estava dentro de mim* 🗣️] 🤔. Eu pensei nela. Como se ela fosse um bode, entendeu? Não fosse dolly, aquela ovelhinha, fosse um bode e tal. Noutro dia, eu já estava vesga olhando para ela, meu olhar tinha mudado. Tou vivendo esse período, porque ela é linda, encantadora, ela me 🗋️ desconstruiu, mas eu [*TENHO MINHAS CONTAS QUE PAGAR* 🗣️].

Na época era **garota de programa** ou **prostituta** e podia ganhar entre dois e três mil reais por mês, dependendo do trabalho. É paraibana, fala português e desenrola um pouco o inglês. Já morou em São Paulo. É mãe de uma filha:

(C): [...] [*eles sabem da minha situação. Aqui mora o pai da minha filha* 🤔].

(E): É? 🗣️ 🤔

(C): 🤔

(E): E então? Cadê tua filha? Tá com o pai?

(C): 🤔 a minha filha... 🤔 ela 🗋️ fez o ensino fundamental e agora está com uma doença terrível 🤔 [*minha filha tem leucemia* 🗣️ 🤔].

(E): **EITA!!** 🤔 Lamento 🗣️.

(C): E faz com o que eu faça da minha vida um movimento para que eu possa de alguma forma estar presente. É muito complicado, porque se eu dissesse que minha vinda para Bahia foi algo inusitado 🗋️ NÃO, ela foi motivada por essa situação. [*Eu vou continuar na minha profissão enquanto puder para poder ajudá-la* 🗋️].

SUJEITO 5

07/10/2019 - 08/10/2019

Atribuimos o pseudônimo de **Joelho (J)**. Entrevistado um homem, supostamente heterossexual, de 34 anos com estudos primários que trabalhou como segurança:

(E): E com mulher ficou?

(J): Já, pô. Eu fico 🗨️. [*Curto uma buceta 😊*] [**PARA CARALHO, NA MORAL** 🗨️ 🗨️ 🗨️].

(E): E mulher quer?

(J): Mulher rola também, casal 🗨️. Mulher só, de vez em quando, é muito difícil, mas de vez em quando aparece.

(E): Agora, você não ter se apaixonado por cliente? [*Tem certeza?* 😊]

(J): **RAPAZ!** 🗨️ 🗨️, é difícil, pô 🗨️. Boy que diz que tá apaixonado por cliente, é mentira.

Naquele momento era **boy**. Costuma ganhar uns cem diários, no dia que havia serviço. Estava com uma semana que não ganhava nada. É pernambucano e fala apenas o português. Morou em São Paulo e Fortaleza. Gostaria de casar e ter filhos. Ciente do estigma que recebe a sua profissão, ele prefere se manter oculto:

(J): Hoje TÁ **CAINDO MAIS A FICHA**, né? 🗨️ Mas a turma não aceita e agora até o governo tá querendo colocar a profissão do sexo, para se aposentar. **SEI LÁ!** 🗨️, acho que não dá, essa turma só tá **metendo papo** 🗨️ por mim, **tanto faz**.

(E): O que tu acha do governo querer normalizar?

(J): Por mim, **tanto faz**.

(E): Tu faria isso de pagar INSS?

(J): [**DE JEITO NENHUM**, EU? 🗨️ 🗨️] minha família não sabe, vou fazer um negócio desse 😊.








4.2 ACERCA DOS SÍMBOLOS DAS TRANSCRIÇÕES¹⁴²

Nesta seção apresentamos os convencionalismos que adotamos para a transcrição dos dados gerados. São mostrados os símbolos e uma breve explicação do que significam quando estes aparecem. Do mesmo modo, eles podem ser consultados no apêndice IV.

De forma geral, classificamos esses convencionalismos sob três critérios: objetivos, subjetivos e grafemáticos.

Os *símbolos objetivos* se relacionam com o aparecimento deles no discurso, sob um ponto de vista de análise da conversação. Neles não interfere a percepção do pesquisador ou do pesquisado, uma vez que eles se desprendem da transcrição da própria gravação, na qual podem ser clara e objetivamente observadas as pausas, os silêncios, os risos, o ritmo e o volume da fala. A seguir, apresentamos estes convencionalismos:

Quadro 10 – Símbolos objetivos de transcrição

	pausa
	silêncio
	risos
MAYÚS.	ênfase do inquirido¹⁴³
	fala em voz alta¹⁴⁴
	fala em voz baixa
	voz acelerada
	voz lenta

Fonte: elaboração do autor

¹⁴² As transcrições completas das entrevistas podem ser consultadas nos Apêndices V e VI para o roteiro imagético e nos Apêndices VII e VIII para as narrativas orais.

¹⁴³ Serão usadas letras em caixa alta para fraseologismos ou trechos expressados com ênfase por parte do participante.

¹⁴⁴ Marcaremos os trechos afetados entre colchetes e em itálico. Quando seja apenas um item lexical ou uma unidade fraseológica não precisará de ser grafada entre colchetes.

✋ – a pausa indica um intervalo breve de silêncio que vai de um até quatro segundos. São relevantes nas análises porque revelam, em ocasiões, o gerenciamento do discurso e das possíveis emoções.

😬 – o silêncio representa um maior intervalo de pausa a partir de cinco segundos. Usa-se para trazer uma reflexão posterior, para ocultar uma emoção ou para não revelar uma opinião. O não dito pode manifestar muito do dito.

😊 – o riso é uma expressão saudável e ocorrente nas transcrições que pode indicar, às vezes, que o entrevistado se sente à vontade. Assim, este também pode mascarar algumas manifestações ou desviar o foco. Ele pode vir acompanhado de outras emoções como vergonha, medo ou tristeza, dentre outras.

MAYÚS – usa-se letras em caixa alta para marcar a ênfase por parte do participante. Normalmente, estão afetados por um maior tom de voz ou diminuição no ritmo da conversa. É uma forma de grafar as partes mais enfáticas.

🔊 – indica o trecho em que há um maior tom de voz. Pode estar acompanhado de partes enfáticas e denotar algumas emoções, tais como: raiva ou orgulho, dentre outras.

🔇 – mostra um trecho em que há um menor tom de voz. Pode estar acompanhado de pausas e denota algumas emoções, tais como: tristeza, vergonha ou medo, dentre outras.

▶ – marca um fragmento em que o ritmo de elocução é mais rápido do habitual. Pode apontar para vários aspectos emocionais, a saber, orgulho, ansiedade, raiva. Assim, como pode ser orientador de querer passar rápido por um assunto que não quer ser tratado.

◀ – realça um fragmento em que o ritmo de elocução é mais lento do habitual. Pode apontar para momentos mais íntimos, que requerem maior detalhe. Pode ser usado para dar mais tempo para raciocinar, estar refletindo ou enfatizar.


Os *símbolos subjetivos* dependem em maior parte da percepção do pesquisador, uma vez que eles nem sempre podem se desprender da transcrição da própria gravação pelo ritmo de alocução ou tom de voz. No entanto, essa interpretação do autor está reforçada pelo registro manual das percepções sobre as reações emocionais desses


sujeitos na primeira etapa da pesquisa, na qual foi estabelecida certa associação de emoção – fraseologismo, por parte dos sujeitos entrevistados. Assim, apresentamos estes símbolos:

Quadro 11 – Símbolos subjetivos de transcrição


	orgulho ¹⁴⁵
	surpresa
	tristeza
	raiva
	ironia
	dúvida
	firmeza
	ingenuidade
	nojo
	vergonha
	medo
	culpa


Fonte: elaboração própria do autor


 – frisa diversos aspectos do sujeito com relação a autoestima, orgulho, felicidade, alegria e até petulância, dependendo do caso.


 – assinala surpresa, algo inesperado ou que surpreende. Pode estar relacionada com outras emoções, tais como: medo, vergonha ou tristeza, dentre outras.


¹⁴⁵ Marcaremos os trechos afetados por essa e as outras emoções entre colchetes e em itálico. Quando seja apenas um item lexical ou uma unidade fraseológica não precisará de ser grafada entre colchetes.


 – a tristeza representa trechos, em que o inquirido manifesta impotência, depressão ou falta de reação. Pode vir acompanhada de surpresa, raiva, medo ou vergonha, dentre outras.


 – denota a raiva, a frustração, a impotência. Pode vir acompanhada de uma linguagem firme, contestatária, marcada e relacionada a outras emoções.


 – marca uma linguagem irônica de propósito ou, pelo contrário, pouco convincente para o entrevistador. Pode aparecer como um efeito de sentido bem cômico ou crítico, bem como um mascaramento da própria realidade.


 – usa-se para os momentos de reflexão do entrevistado. Assim, usaremos para trechos, nos quais o inquirido duvida ou a percepção que o entrevistador tem com relação ao relatado é duvidosa.


 – sublinha uma linguagem firme, sem vacilações. A percepção que o pesquisador cria é relacionada a momentos convincentes, verdadeiros e firmes, pelo tom e segurança ao falar do sujeito entrevistado. Pode vir acompanhado de diversas emoções também.

 – reflete certa ingenuidade, ternura ou bondade excessiva no inquirido.

 – utiliza-se para destacar os trechos carregados de nojo social, devido a não aceitação por parte do entrevistado, ou a uma repugnância mesmo biológica. Pode estar relacionado com outras emoções, a saber: raiva ou tristeza.

 – sinaliza principalmente a emoção vergonha ou situações de constrangimento, de timidez ou de medo a ser julgado. O silêncio ou os risos podem acompanhar esta emoção que pode vir também com tristeza ou nojo e/ou com um menor tom de voz.

 – assinala o medo, momento de tensão emocional, a ansiedade ou a paralisia. O medo é sentido pelo pesquisador no tom de voz ou pelo trecho relatado.

 – apresenta trechos que expõe justificativas para fatos ou situações que podem incorrer na emoção culpa como própria do sujeito inquirido ou dos outros na percepção do entrevistado.

Os *símbolos grafemáticos* tratam-se de uma convenção própria para auxiliar elementos de destaque das transcrições. Como mencionado, empregamos os colchetes para delimitar os trechos afetados. Entre parêntese destacamos os elementos proxêmicos descritos que a gravação não recolheu e que possuímos graças às anotações a lápis em um pequeno caderno. Por citar um exemplo: (abaixa a cabeça).

Do mesmo modo, se separa entre tracinhos e em caixa alta quando o entrevistado vocaliza devagar para enfatizar, por exemplo, U-RU-GU-TAN-GO. Nos casos em que a emoção é compartilhada entre o entrevistador e o entrevistado, procedemos a duplicação do símbolo.

Por fim, de cor vermelha e em itálico estão assinalados os trechos em que a emoção é verbalizada pelo sujeito, isto é, explícita. E assim, em itálico e cinza assinalamos um tipo de fórmula discursiva que, em ocasiões, opera como gestor emocional. Finalmente, em itálico e negrito destacamos os fraseologismos permeados de emoções dentro do discurso, objeto do nosso estudo, os quais apresentamos nas seções 4.3 e 4.4 deste capítulo.

Quadro 12 – Símbolos grafemáticos de transcrição

[]	trechos afetados
()	elementos proxêmicos
-	maior vocalização
😊😊	emoção compartilhada
<i>nojo</i>	emoção explícita
<i>Como te digo</i>	fórmula discursiva gestor emocional
<i>Meu Deus!</i>	unidade fraseológica

Fonte: elaboração própria do autor

4.3 APRESENTAÇÃO DO ROTEIRO IMAGÉTICO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Os dados extraídos provêm do segundo instrumento de pesquisa aplicado, isto é, o *roteiro audiovisual e fotográfico*¹⁴⁶, em forma de *entrevista semidirigida* que provocou reações e emoções nos sujeitos estigmatizados com relação a tríade violência—corpo—sexualidade e suas conceituações.

Na seção 4.3, apresentamos os fraseologismos desta primeira parte da pesquisa em tabelas de seis colunas com uma fila para cada unidade.

Tanto a seção 4.3 quanto a 4.4 seguirão o mesmo padrão de apresentação, elaborando para cada fotografia, vídeo ou tópico uma tabela, totalizando vinte e quatro, catorze na primeira (4.3) e dez na segunda (4.4). Todas elas se apresentam da seguinte maneira:

A primeira coluna serve para numeração, enquanto a segunda lista as 398 unidades fraseológicas geradas que aparecem nas transcrições.

A terceira discrimina a tipologia de cada fraseologismo, podendo ser FO. *fórmula*, LO. *locução*, CO. *colocação*, CL. *clichê*, sem entrar em muitos pormenores, detalhes que poderão ser revistos nas análises, especialmente, na seção 5.2.

Na quarta, apresentamos a emoção ou emoções que permeiam a unidade fraseológica. Cabe destacar que nem sempre podemos constatar claramente alguma ou exclusivamente uma. Nesse sentido, é uma forma de apontar para as emoções predominantes, mas não necessariamente as únicas. Servimo-nos das iniciais: **TRI.** Tristeza; **ALE.** Alegria; **ORG.** Orgulho, **MED.** Medo; **CUL.** Culpa; **RAI.** Raiva; **NOJ.** Nojo; **VER.** Vergonha; **TER.** Ternura; **RES.** Resignação; **COM.** Compaixão; **FRU.** Frustração; **IND.** Indignação; **INV.** Inveja; **SUR.** Surpresa; **EST.** Estranheza; **REJ.** Rejeição; **ALI.** Alívio; **INC.** Incompreensão; **DEC.** Decepção, e assim por diante.

Na quinta, mostra-se o contexto discursivo no qual o fraseologismo está inserido e, por fim, a sexta apresenta o sujeito que o emprega, sendo as iniciais **PE. Pecho**; **VI. Virilha**; **OM. Ombligo**; **CO. Coxa**; **JO. Joelho**.

Portanto, começamos as apresentações das tabelas na sequência:

¹⁴⁶ Para mais informações, pode ser consultado o Apêndice II.

4.3.1 FRASEOLOGISMOS DO ROTEIRO FOTOGRÁFICO



Tabela 1 – Fraseologismos da imagem 1

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
1	<i>Para nada</i>	FO.	TRI / RAI	(E): ¿Tú crees que está bien eso de abandonar un bebé así? (P): No, no está bien [<i>para nada</i> 😞 <i>para nada</i> 🗨️].	PE
2	<i>¡Qué fofo!</i> <i>Error!</i> <i>Bookmark not defined.</i>	FO.	TER	(V): <i>¡Qué fofo!</i> 🗨️ Es un bebé. Recuerda a mis hijas cuando pequeñas. Para mí es muy tierno 🗨️ ternura.	VI
3	<i>Cada uno tiene sus cosas</i>	CL.	RES	(E): ¿Pero te has dado cuenta que tiene una deformidad? (V): [<i>Cada uno tiene sus cosas</i> 🗨️]. Mis niñas eran muy bonitas.	VI
4	<i>Mirar mal</i>	LO.	RAI	(V): [...] En Galicia hay racismo, las <i>miran mal</i> . Ella vino con 18 años aquí. La gente es muy racista aquí.	VI
5	<i>¡Coitado/a!</i>	FO.	TRI / COM	(V): [...] Ella estudia, hace curso, y a veces es discriminada, imagínate esa bebé de mayor [<i>¡Coitada!</i> 😞].	VI
6	<i>¡Ay, no!</i>	FO.	TRI	(E): A esta bebé sus padres la abandonaron por su deformidad. (O): [<i>¡Ay, nooo!</i> 😞] 🗨️ Entiendo.	OM
7	<i>Tadinho!</i>	FO.	TRI / COM	(C): <i>TADINHO!!</i> Isso, para mim, é uma coisa que sai de tudo, do profissional, do ideológico.	CO
8	<i>Sair das ruas</i>	LO.	ORG	(C): [...] Muitas vezes, <i>eu saí das ruas</i> para poder estar um pouco mais perto do meu irmão. Ele é totalmente dependente desse aspecto. Para mim, [<i>não sei</i> 😞].	CO
9	<i>Não dá</i>	FO.	TRI / RAI / CUL	(C): Se com a vida que eu levo, eu tivesse um filho assim, [<i>minha vida se transformaria</i> 🗨️]. Eu acho isso uma prova de vida, uma mudança, um chamamento 🗨️. Imagine você isso na vida que eu tenho. Me deparar com isso, não dá para seguir. [<i>Não dá...</i> 😞].	CO

Fonte: elaboração própria do autor



Tabela 2 – Fraseologismos da imagem 2

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
10	<i>¡Qué bien!</i>	FO.	ALE / ORG	(P): UN PAPÁ ADORANDO A SU HIJO, <i>¡qué bien!</i> 😊 (E): ¿A ti te gustaría ser padre? (P): Sí, me encantaría.	PE
11	<i>¡Obvio!</i>	FO.	VER / ORG	(E): ¿Y crees que vas a ser padre? (P): [<i>Está en mis planes</i> 😊] (E): Pero, ¿con una mujer te casarías? (P): <i>¡Obvio!</i> 🗣️ 😊	PE
12	<i>Dejar esta vida</i>	CO.	VER	(P): Sí, [<i>con una mujer, tener hijos y dejar esta vida</i> 🗣️].	PE
13	<i>¡Madre mía!</i>	FO.	RAI / FRU	(V): <i>¡Madre mía!</i> [<i>¡¡MENTIRA!!</i> 🗣️] el papá de mis hijas nunca se ocupó de ellas 🗣️ de esa manera. [<i>Bueno, es una suerte tener un hombre así. Creo que son pocos</i> 😞].	VI
14	<i>¡Mentira!</i>	FO.	RAI	(V): <i>¡Madre mía!</i> [<i>¡¡MENTIRA!!</i> 🗣️] el papá de mis hijas nunca se ocupó de ellas 🗣️ de esa manera. [<i>Bueno, es una suerte tener un hombre así. Creo que son pocos</i> 😞].	VI
15	<i>¡Claro!</i>	FO.		(E): Pero, ¿hay hombres que cuidan de sus hijos? (V): [<i>¡Claro!, sí</i> 🗣️]. Creo que pocos. Bueno, aquí vemos su padre con su bebito.	VI
16	<i>Los bebés son para la mujeres</i>	CL.	RAI / IND / RES	(V): [...] No sé, [<i>LOS BEBÉS SON PARA LA MUJERES</i> 🗣️]. Las madres son las teimosas con sus hijos. Los hombres, bueno, pues 🗣️ están cambiando, claro, pero ese cariño, ese tiempo, estar con sus hijos, cosas. Ellos los hacen y nosotras los críamos. [<i>Yo tengo que hacer este trabajo por mis hijas</i> 🗣️ 🗣️].	VI
17	<i>¡Qué cuchi!</i>	FO.	TER	(O): Eso es interracial, <i>¡qué cuchi!</i> El papá morenito y el niño es blanquito.	OM

18	<i>Tudo o que eu queria na (minha) vida</i>	CL.	INV / FRU	(C): Amor e realização, é isso é o que significa para mim. Eu vendo essa imagem de um homem com bebê que me parece o filho, faz que eu sinta que [<i>era tudo isso que eu queria na minha vida</i> 😊].	CO
19	<i>Nossa!</i>	FO.	INV / FRU	(E): Como é que você quer isso? (C): [<i>DE TER UMA RELAÇÃO FIXA, DE TER CASADO, DE TER UM FILHO</i> ⏪]. Mas também quando vejo essa expressão de amor, para mim, <i>NOSSA!</i> [<i>eu acho que não é do meu mundo. ISSO NÃO FOI PARA MIM</i> 🙄 😊].	CO
20	<i>Não ser do mundo de (alguém)</i>	CL.	INV / FRU	(C): [...] Mas também quando vejo essa expressão de amor, para mim, <i>NOSSA!</i> [<i>eu acho que não é do meu mundo. ISSO NÃO FOI PARA MIM</i> 🙄 😊].	CO

Fonte: elaboração própria do autor



Tabela 3 – Fraseologismos da imagem 3

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
21	<i>¿Cónchale!</i>	FO.	SUR / EST	(P): Un chico... 🙌 [<i>¡ay, cónchale!</i> 🤔] [<i>¿CUÁNTOS DEDOS TIENE? ¿SEIS?</i> 😊 😊] y él nada y él está contento.	PE
22	<i>Ni de joda</i>	FO.	REJ	(E): Crees que sería bueno, así como... ¿te gustaría tener seis dedos? (P): No, no me gustaría. <i>Ni de joda</i> 😊 😊.	PE
23	<i>Meu Deus!</i>	FO.	SUR / EST	(V): [<i>¿SEIS?</i> 😊] É o tamanho ¿sabes?. [<i>¿SEIS DEEDOS?</i> 🤔 🗣️] 😊. ¿es eso? ¿seis dedos? 😊 (E): Sí. (V): [<i>¡Oh! Meu Deus!</i> 🤔 🤔]	VI
24	<i>¿Madre mía!</i>	FO.	SUR	(E): ¿A ti te gustaría tener seis dedos? (V): [<i>¡MADRE MÍA!</i> Un dedo a más 😊], [<i>¡qué bien!</i> 😊]	VI

25	<i>¡Qué bien!</i>	FO.	REJ	(E): ¿A ti te gustaría tener seis dedos? (V): [<i>¡MADRE MÍA!</i> Un dedo a más 😊], [<i>¡qué bien!</i> 😊]	VI
26	<i>¡Qué divertido!</i>	FO.	REJ	(O): [<i>¡Qué divertido!</i> 😊] Sería divertido hacerle una paja 😊. Te imaginas con seis dedos, no sé 🤔 [<i>sería divertido que me hiciera una paja 🗣️</i>]	OM
27	<i>Nossa!</i>	FO.	SUR	C): Ele é casado, percebo isso. (E): [<i>Não. Tem seis dedos 🗣️</i>]. (C): [<i>NOSSA! É VERDADE.</i> 😊] [<i>ELE TEM SEIS DEDOS</i> 😊].	CO
28	<i>Ver vantagem</i>	CO.	REJ	(C): [<i>NOSSA! É VERDADE.</i> 😊] [<i>ELE TEM SEIS DEDOS</i> 😊]. Não <i>vejo vantagem</i> nenhuma. Para mim, o que me chamou a atenção é ter um anel do lado esquerdo da mão dele.	CO
29	<i>É engraçado!</i>	FO. LO.	COM	(C): [...] Para mim, isso não é problema. <i>É engraçado!</i> No momento que esses clientes chegam até mim, existe uma parte 🤔 caridosa, sabe?	CO
30	<i>Ato sexual</i>	CO.	ORG	(C): [...] existe uma parte 🤔 caridosa, sabe? [<i>É quando, de repente, sinto me doando mais, até mais do que o ato sexual</i> 🗣️].	CO
31	<i>Mundo escuro</i>	LO.	VER	(C): Acho, porque é como se juntasse [<i>meu mundo escuro ao mundo solitário deles</i> 😊]. [<i>Eles não tem nenhuma opção de namorar</i> 😊].	CO
32	<i>Eita!</i>	FO.	NOJ	(E): Mas você ficaria com cara assim? (J): [<i>Eita!</i> 😊 🤔] comigo, particularmente, acho que não rolaria, mas 🤔 não acho nojento.	JO

Fonte: elaboração própria do autor



Tabela 4 – Fraseologismos da imagem 4

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
33	<i>Dar igual</i>	LO.	RAI / EST	(P): Nada, yo hablaba con ella, pero... 🙄 [sabes que las mujeres cuando están en un punto, enamoradas, no sé si decir enamoradas, ellas no ven otra cosa, si no lo que les conviene y yo hablaba con ella y a ella le <i>da igual</i> 😏].	PE
34	<i>¡Por Dios!</i>	FO.	MED / RES	(V): [¡Por Dios! 🙏] Tengo <i>miedo</i> , por ejemplo, en atender por la noche más tarde ¿sabes? [En las madrugadas. Ven alguien que está colocado, <i>hay mucho loco</i> , que son violentos 😊].	VI
35	<i>Hay mucho loco</i>	CL.	MED	(V): [...] Ven alguien que está colocado, <i>hay mucho loco</i> , que son violentos 😊]. [Me piden cosas que me da <i>asco</i> y <i>miedo</i> 😞 🙏].	VI
36	<i>Quedar travado/a</i>	CO.	NOJ / EST	(V): Yo no, eso yo no lo hago. ammm, 🙄 Defecar, ammm / ammm, 🙄 yo quiero que defeques en mi boca. [...] <i>Eso es lo de menos</i> , pero no soy capaz, me <i>quedo</i> 🖐️ <i>travada</i> y no sale 😊.	VI
37	<i>Por nada</i>	FO.	REJ	(E): ¿Si te plantea un cliente golpearte? (V): [¿a mí, <i>GOLPERME A MÍ?</i> : NO 🙏 🙄] [que a mí no me gusta 🙏] [NO 🙏 🙄], (chuchuchuchu - nega com a cabeça). POR NADA .	VI
38	<i>¡Ay, no!</i>	FO.	TRI / RAI / CUL	(O): [¡Ay, no! 😞 🙏]. Esa sí que <i>me da mucha pena</i> 😞	OM
39	<i>¡Qué horrible!</i>	FO.	TRI / RAI / CUL	(O): Porque he estado ahí. [He sido ella <i>¡qué horrible!</i> 😞 🙏].	OM
40	<i>¡Claro!</i>	FO.	TRI / RAI / CUL	(E): Digamos, ¿qué te han maltratado? (O): [¡Claro! 😞 🙏], con este tipo de cosas que tú estás haciendo conmigo, cuando afecta a lo emocional, cuando la foto	OM

				quiere transmitir un mensaje emotivo, uno lo capta de una.	
41	<i>Cada historia es distinta</i>	CL.	CUL / RAI	(O): Me da como <i>rabia</i> , porque nadie debería permitir que eso pase y me da <i>rabia</i> porque yo estuve ahí, porque yo quise estar ahí y creo que cada quien y <i>cada historia es distinta</i> , pero siempre tenemos la <i>culpa</i> . [<i>Ella tiene la culpa de estar ahí</i> ☹].	OM
42	<i>Claro que sí</i>	FO.	CUL / RAI	(E): ¿Y tú te sientes culpable por haber estado en esa situación? (O): [<i>Claro que sí</i> 😞 🗨️]. Y me da <i>rabia</i> , me da impotencia, porque no deberíamos de aguantarle nada a nadie.	OM
43	<i>Que horror!</i>	FO.	MED / TRI	(C): [<i>QUE HORROR!</i> 😞] [<i>ESSA IMAGEM PARA MIM MEXE, VIU?</i> 😞] ☹	CO
44	<i>A gente não sabe com quem deita</i>	CL.	MED / TRI	(C): [...] [<i>ESSA IMAGEM PARA MIM MEXE, VIU?</i> 😞] ☹ <i>A gente não sabe com quem deita.</i>	CO
45	<i>Tem muita gente doida no mundo</i>	CL.	MED	(C): [...] A gente faz tudo muito bem, pelo menos, acha isso, e que a segurança é o pagamento [<i>Tem muita gente doida no mundo</i> 😞].	CO
46	<i>Levantar a cabeça</i>	LO.	ORG / RES	(C): [...] Já aconteceu comigo, mas [<i>levanta a cabeça e noutro dia a gente está pronta para a guerra e a luta do dia a dia</i> ☹]. ASSIM TEM QUE SER, se não fosse por nós quem vai ser?	CO
47	<i>Covardia!</i>	FO.	RAI / IND	(J): [<i>Covardia! Covardia, cara</i> ☹]. (E): Por quê? (J): Na maioria dessas agressões de homem para com a mulher.	JO
48	<i>O homem tem mais força</i>	CL.	REJ / RAI	(J): Na maioria dessas agressões de homem para com a mulher. [<i>O homem tem mais força</i> , pô ☹].	JO
49	<i>Tu é doido!</i>	FO.	RAI / ORG	(E): Se a sua irmã estivesse nessa situação? (J): [<i>TU É DOIDO!</i> ☹] Claro que eu iria defender a mulher, dentro das limitações.	JO

Fonte: elaboração própria do autor



Tabela 5 – Fraseologismos da imagem 5

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
50	<i>No quedar otra opción</i>	FO.	RES / TRI	(E): ¿La atiendes? (P): (<i>¡Ah!</i> - suspira) <i>no me queda otra opción</i> . [<i>La atiendo</i> 😞 🗣️].	PE
51	<i>¡Qué horror!</i>	FO.	SUR / NOJ	(V): [<i>¡Ufff!! ¡Qué horror!</i> 😞 <i>¡Madre mía!</i> 😞] no me gusta las mujeres musculosas. [<i>No, eso no me mola</i> 🗣️].	VI
52	<i>¡Madre mía!</i>	FO.	SUR	(V): [<i>¡Ufff!! ¡Qué horror!</i> 😞 <i>¡Madre mía!</i> 😞] no me gusta las mujeres musculosas. [<i>No, eso no me mola</i> 🗣️].	VI
53	<i>Claro que sí</i>	FO.	RES	(E): Y entonces, ¿qué pasa? ¿que una mujer no puede estar musculoso, digamos, musculosa? (O): CLARO QUE SÍ , sí puede, tiene todo el derecho, pero..., 🗋️ bueno, en los estándares de belleza mundiales [<i>esto no está aceptable</i> 😞 😞]. Está demasiado, es mucho, pero bueno.	OM
54	<i>¡Qué asco!</i>	FO.	NOJ	(O): Es el tipo de hombre que no me gusta exactamente, no me gustan los hombres musculosos 🗣️, [<i>¡qué asco!</i> 😞].	OM
55	<i>¡Obvio!</i>	FO.	NOJ	(E): ¿Y una mujer menos? (O): <i>¡Obvio!</i>	OM
56	<i>Doble guácala</i>	FO.	NOJ	(E): ¿Y una mujer menos? (O): <i>¡Obvio!</i> Sería como el DOBLE GUÁCALA 😞 🗋️.	OM
57	<i>Ni de coña</i>	FO.	NOJ / REJ	(O): [...] Sería como el DOBLE GUÁCALA 😞. No me besaría con ella [<i>NI DE COÑA</i> 🗣️].	OM
58	<i>Ni con la verga</i>	FO.	NOJ / REJ	(E): ¿Y como sería en Venezuela? (O): <i>Ni con la verga</i> . (E): ¿Tú te besarías con ella? (O): [<i>Ni con la verga, NO</i> 🗣️].	OM
59	<i>Meu Deus!</i>	FO.	SUR / NOJ	(C): [<i>Meu Deus!</i> 😞] Isso aí é um desencontro, um desencontro porque... 🗋️ Eu vejo uma mulher que está [TOTALMENTE TURBINADA . <i>Ela está um HULK</i> 🗣️] 😞 😞	CO

60	<i>De qualquer jeito</i>	FO.	ORG	(E): Por exemplo, se chegar um cara desse jeito? (C): Tranquilo, para mim, <i>de qualquer jeito</i> . Não importa 🖐 Se eu me confrontasse com uma figura assim, eu não teria dúvidas que iria desempenhar meu papel.	CO
61	<i>De jeito nenhum</i>	FO.	REJ	(E): Acha que um cliente ia gostar de uma mulher desse jeito? (C): NÃO, se fosse hétero, acho que não. [<i>De jeito nenhum</i> 🗨].	CO
62	<i>Vixe!</i>	FO.	SUR	(J): [<i>Vixe!!</i> 😊 PORRA!! nada a ver!! , CARAALHO! 😊] um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [<i>é mulher</i> 😊 😊].	JO
63	<i>Porra!</i>	FO.	SUR	(J): [<i>Vixe!!</i> 😊 PORRA!! nada a ver!! , CARAALHO! 😊] um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [<i>é mulher</i> 😊 😊].	JO
64	<i>Nada a ver!</i>	FO.	REJ / RAI	(J): [<i>Vixe!!</i> 😊 PORRA!! nada a ver!! , CARAALHO! 😊] um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [<i>é mulher</i> 😊 😊].	JO
65	<i>Caralho!</i>	FO.	REJ / NOJ	(J): [<i>Vixe!!</i> 😊 PORRA!! nada a ver!! , CARAALHO! 😊] um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [<i>é mulher</i> 😊 😊].	JO
66	<i>Rapaz!</i>	FO.	SUR	(J): [RAPAZ! 🤔 « <i>É complicado</i> «]. Parece que tá ficando com homem, RAPAZ! , jeito de homem, todo musculoso	JO
67	<i>Oxe!</i>	FO.	SUR / NOJ	(J): [...] [Oxee!!! <i>É estranho!!</i> 😊]. Para uma mulher dessa, [<i>eu não comeria nunca um periquito na minha vida</i> 🗨]. Tá parecendo um U-RU-GU-TAN-GO 😊 😊.	JO

Fonte: elaboração própria do autor



Tabela 6 – Fraseologismos da imagem 6

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
68	<i>Cada quien con lo suyo</i>	CL.	SUR / INV	(E): Son dos hombres con una cierta edad besándose en público. ¿Cómo ves esa situación? (P): No lo critico. No lo critico. <i>Cada quien con lo suyo</i> . Me parece muy bien 😊 que a esa edad tengan valentía...	PE
69	<i>Saber lo (de alguien)</i>	LO.	VER	(E): Pero tu padre no sabe que tú 🖐️ tienes relaciones con tíos? NO 🗣️. En tu casa no saben ¿ni tu mamá tampoco? (P): [<i>Mi mamá si sabe (lo mío) que tengo (sexo) con tíos y con tías</i> 😊].	PE
70	<i>Cada un tiene su vida</i>	CL.	REJ	(V): No tengo nada contra, no. Lo veo feo, que dos hombres se besen en locales públicos ¿sabes? Desde mi punto de vista, no sé 🤔 no cabe, pero <i>cada un tiene su vida</i> .	VI
71	<i>Dar igual</i>	LO.	REJ	(V): [...] Yo tengo 🖐️ amistad con trans, con gays, ¿né?, maricones, tal. <i>Me da igual</i> , para mí son personas que tienen su cabeza así. (E): ¿Y besarse en público? (V): En público, no. [<i>Lo veo muito feo. No me gusta, no</i> ▶️].	VI
72	<i>Es otra cosa</i>	FO.	REJ	(V): [...] ¿EN PÚBLICO? [<i>Debían ser más discretos</i> 🗣️]. (E): ¿Y si fuera un hombre y una mujer? (V): Ah! claro, hombre. [<i>Es otra cosa</i> 🗣️].	VI
73	<i>¡Exacto!</i>	FO.	REJ	(E): Entonces eso de dos hombres es más extraño. (V): [<i>Hombre, ¡exacto!</i> 🗣️].	VI
74	<i>¡Qué lindo!</i>	FO.	ORG / ALE	(O): ¡Ay, <i>qué lindo!</i> 😊 Me parece algo normal. Para mí, para mi mundo. Para lo mío es normal y lo de los demás no sé. Esto es normal.	OM
75	<i>Dar igual</i>	LO.		(E): ¿Qué te produce?	OM

				(O): Qualquer cosa. <i>Me da igual</i> . No me produce ni <i>asco</i> , ni <i>alegría</i> .	
76	<i>Nada de eso</i>	FO.	ORG	(E): ¿Si tú ves dos señores así en la calle besándose? (O): Pues, que se besen, yo no les voy a grabar, ni <i>nada de eso</i> , es su vida privada. ¿me entiendes?	OM
77	<i>Que lindo!</i>	FO.	ORG / ALE	(C): <i>Que lindo!</i> 😊 Olha, pela minha condição, pelo que eu faço, eu teria que achar mais do que normal, então. (E): Acha lindo? (C): Eu acho bonito exteriorizar o sentimento.	CO
78	<i>Tá (tudo) ótimo!</i>	FO.	ORG	(C): É uma expressão de amor, devem ser respeitadas as pessoas que gostam do mesmo sexo. Gostam de sexos diferentes, casam, não querem filhos. [<i>Tá tudo ótimo!</i> , para mim 😊].	CO
79	<i>Vixe!</i>	FO.	VER	(J): [<i>Vixe!! Foda!!</i>] 😞 😡 (E): E então? (J): Parece dois namorados, como é que é? É um filho e um pai? 😡.	JO
80	<i>Foda!</i>	FO.	REJ/ VER	(J): [<i>Vixe!! Foda!!</i>] 😞 😡 (E): E então? (J): Parece dois namorados, como é que é? É um filho e um pai? 😡. O beijo tá muito caliente 😊. [<i>ESSA EXPOSIÇÃO EM PÚBLICO NÃO ACHO LEGAL, NÃO</i>] 🙄.	JO

Fonte: elaboração própria do autor



Tabela 7 – Fraseologismos da imagem 7

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
81	<i>Aqui ó!</i>	FO.	MED	(V): [...] [<i>ai chegou con un ventidois, era um vintidois, nao tenho como errar 😊, um veintidois é assim desse tamanho (mede com a mão) 😊</i>] [<i>ái fez assim, aqui ó!, fez assim: dame el dinero, dame el dinero que es un asalto 😊</i>].	VI
82	<i>Lo más importante es la vida</i>	CL.	MED / TRI	(V): [...] [<i>Lembrei da minha mãe que dizia: se pasa eso entrega todo, entrega todo, lo más importante es la vida vuestra 😊👉 y así pasó 😊</i>].	VI
83	<i>Salir corriendo</i>	CO.	MED	(E): Entonces, ¿no te dio <i>miedo</i> ? (V): En el momento no, pero después sí me ha dado. [<i>Sí, porque sabes salen corriendo el conductor gritando com ele, gritando ¿sabes? Mis cosas no llevó, solo el dinero 😊😊</i>].	VI
84	<i>Bater na madeira</i>	LO.	ALI	(E): ¿Y ya te atracaron más veces? (V): [<i>No, solo una vez. Bate na madeira. En toda mi vida solo una vez 😊😊</i>].	VI
85	<i>Ser una pasada</i>	LO.	SUR	(V): [...] En mi ciudad, Goiania, hay muchos ladrones, muchos, muchos, muchos. Un millón y doscientos mil habitantes, <i>una pasada</i> . Mis sobrinos vienen de la universidad, voltam a casa. Porque mi familia viven en un barrio 👉 DE PASTA ¿sabes?. De mucha pasta.	VI
86	<i>Pasar miedo</i>	CO.	MED	(V): [...] [<i>de repente, pasó la mano en el dinero y falou assim: lo siento. Y yo falei: ¿COMO? ¿Cómo? Dame el dinheiro, devuéveme, porque es mío. Lo siento, pero no te voy a dar. ¿Sabes? pasé miedo, porque el tipo tenía un metro y ochenta y pico y fuerte 😊👉</i>].	VI
87	<i>Hay de todo</i>	CL.	VER	(E): ¿Hay que tener cuidado con los clientes? (V): Mucho cuidado. [<i>Hay mujeres</i>	VI

				<i>también, hay mujeres que cogen el dinero de la cartera del cliente. Hay de todo 😊😊]. Otro día, un chico se olvidó su tarjeta. Mira, está aquí. Si viene a buscar, que venga, si no, cuando pueda. Aquí está (mostra).</i>	
88	<i>¡Dios mío!</i>	FO.	MED	(E): Sí. Es un cuchillo, tío. (O): ¡Ay, Dios mío! 😊 [Yo he estado ahí. He sido él 😊😊]. 😊 (E): ¿Digamos que tú has sido la víctima? (O): Sí, en Venezuela.	OM
89	<i>Estar dispuesto/a a todo</i>	CL.	MED	(E): ¿Y tú tuviste el valor de cogerle el cuchillo? (O): Es que, fue muy raro. Sabes que te apuntan, pero cuando tú estás en esa posición [tú tienes que tomar dos caminos: o pelear o dejarte que te apuñalen, porque ese tipo de personas no va a ver si te apuñala, ese tipo de personas está dispuesta a todo y tú tienes que estarlo ☹️].	OM
90	<i>La vida no vale nada</i>	CL.	TRI	(O): [Sí, en Venezuela, no tienen miedo de las leyes. La vida no vale nada ☹️]. (E): ¿Te pueden matar por cualquier cosa? (O): [Sí, y no sale en las noticias, nadie habla de eso. Simplemente, te entierran y ya 😊➡️].	OM
91	<i>Gracias a Dios</i>	FO.	ALI	(E): ¿Y de tu círculo cercano, de amigos, familia? (O): Que alguien ha muerto, nadie, que hayan matado, no, gracias a Dios . Atracos sí, muchos, pero ya mis amigos son grandes, veinticinco y veintiseis años y ya saben como manejar la situación [...] Pero, [no han matado a ninguno. Gracias a Dios , están todos vivos 😊]. (E): Menos mal. (O): Sí, gracias a Dios y eso.	OM
92	<i>Ninguém sabe!</i>	FO.	MED	(C): [...] se bem que eu entro no carro de quem não conheço, eu [estou susceptível a passar uma ótima noite ou a voltar com hematoma, ou quem sabe, voltar com vida. Ninguém sabe! 😊😊].	CO
93	<i>Passar a maquiagem</i>	LO.	ORG / RES	(C): TEM, muita gente com faca, arma, muita gente que não respeita ☹️, mas [minha resposta para isso: é verdade, acontece, mas eu não aceito ☹️]. Agora, a outra que você mostrou antes, que [eu poderia me machucar, essa eu já passo a minha maquiagem sabendo que pode acontecer 😊😊].	CO

94	<i>Covardia!</i>	FO.	RAI	(J): <i>Covardia!! Foda mesmo!</i> 😞. JO [Covardia por parte do cara que está com arma branca, sacou? ▶️😞]
95	<i>Foda (mesmo)!</i>	FO.	RAI	(J): <i>Covardia!! Foda mesmo!</i> 😞. JO [Covardia por parte do cara que está com arma branca, sacou? ▶️😞]
96	<i>Beleza!</i>	FO.		(J): [...] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, beleza! Se entendam🗨️]. JO
97	<i>Levar vantagem</i>	CO.	RAI	(J): [...] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, beleza! Se entendam🗨️]. [Leva vantagem por conta de uma arma 😞]. JO
98	<i>Sacanagem</i>	FO.	RAI	(J): [...] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, beleza! Se entendam🗨️]. [Leva vantagem por conta de uma arma 😞]. [É a mesma coisa de um marginal lhe assaltar, SACANAGEM, IRMÃO!! 🗨️🔊😞] Porque ele não assalta sem arma para o outro poder se defender? JO

Fonte: elaboração própria do autor



Tabela 8 – Fraseologismos da imagem 8

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
99	<i>¡Exacto!</i>	FO.	NOJ	(E): ¿No la aceptas? (P): [<i>¡Exacto!</i> No voy a poder hacer nada con la clienta 🗨️].	PE
100	<i>Follar bien</i>	CO.	ORG	(P): [...] Ellas vienen. La mayoría de las personas que vienen acá es para que las folle bien y [no me voy a poder empalmar con una persona así 🤔].	PE
101	<i>¡Guau!</i>	FO.	SUR	(E): ¿Y esta mujer podría ser prostituta? (P): Sí. Sí hay. Conocí una señora de SESENTA Y CUATRO años, una gorda así, una abuelita 🖐️ que era prostituta. Y trabajaba, eso era, o sea.. sacaba uno y entraba el otro, sacaba uno y entraba el otro. Y todos en la casa nos quedamos así	PE

				como que: <i>¡guauuu!</i> 😊	
102	<i>Agarrar experiencia</i>	CO.	INV	(P): Y unos tíos, TÍOS que le calculo yo veinticinco años, treinta años. Tíos así cachas, grandoootes. [<i>Los jóvenes quieren estar con una de su edad para agarrar experiencia</i> 😊].	PE
103	<i>¡Vaya!</i>	FO.	SUR	(V): <i>¡Vaya!</i> una señora que está con problema de salud. (E): ¿Crees que podría hacer tu trabajo? (V): [NO, esta no ☹️].	VI
104	<i>Hay gustos para todos</i>	CL.	RES	(E): ¿Y tú como te sientes? ¿es normal? (V): Bueno, 😊 cuando uno no le gustas, tú aceptas ¿sabes?. <i>Hay gustos para todos</i> .	VI
105	<i>¡Qué guapo/a!</i>	FO.	ORG / ALE	(V): [...] Si no le gustas a uno, hay otro que viene: <i>¡qué guapa!</i> y te trata bien, otros fican asustados, espantados 😊 NO, NO, NO, NO 😊 😊. Yo me siento fatal, ya me ha pasado dos veces 😊, [yo pienso: <i>¿soy un bicho o que?</i> 😊 😊].	VI
106	<i>¡Qué horror!</i>	FO.	NOJ	(O): <i>¡¡Qué horror!!!</i> (E): ¿Podría ella hacer tu profesión? (O): No ☹️. (E): ¿Por qué? (O): [<i>Porque se moriría de hambre</i> 😊].	OM
107	<i>¡Claro!</i>	FO.	NOJ / VER	(E): ¿Crees que está muy gorda? (O): [<i>¡Claro!, un poco</i> 😊] [<i>yo podría trabajar con ella tranquilamente</i> 😊].	OM
108	<i>Es así</i>	FO.	RAI / CUL	(E): ¿Y si tú llegaras a estar así de gordo, como te sentirías? (O): [<i>Yo me sentiría triste conmigo mismo y culpable, porque si ella está así es por culpa de ella</i> ☹️]. <i>Es así</i> , yo estoy así por mi <i>culpa</i> , tú estás así por tu <i>culpa</i> . Si no nos cuidamos, si no comemos bien, si no vamos al gimnasio, pues vamos a estar así, entonces, ¿de quién es la <i>culpa</i> ? [LA CULPA ES DE ELLA 🗣️].	OM
109	<i>Ato sexual</i>	CO.	NOJ	(C): [<i>Eu não conseguiria desenvolver um ato sexual</i> 🤔].	CO
110	<i>Sem condições!</i>	FO.	NOJ	(E): Com uma pessoa assim? Com um gordão? (C): Não, não, eu passaria para outra pessoa. [<i>Sem condições!</i> ☹️].	CO
111	<i>Não dá</i>	FO.	NOJ	(E): Sério? (C): Para mim, <i>não dá</i> . Já chegaram velhos, até anão, algum discapacitado, mas assim não. <i>Vou te falar</i> , eu tenho uma aversão à gordura.	CO
112	<i>Pode ser o que for</i>	FO.	NOJ	(C): [...] <i>Vou te falar</i> , eu tenho uma aversão à gordura. [<i>Baixo, magrinho,</i>	CO

				<i>pode ser o que for, mas se for GOORDO, não rola ☹️</i> .	
113	<i>Pagar as contas</i>	CO.	REJ	(E): Uma mulher dessa gordura poderia ser prostituta? (C): Poderia até ser. [<i>Se ela fosse exatamente o que eu estou vendo, ela teria clientes totalmente doentes ☹️</i>]. Na vida normal, ela iria, talvez, buscar outro meio para <i>pagar as contas</i> .	CO
114	<i>Porra!</i>	FO.	NOJ	(E): Olha, e se chegar um cliente assim? (J): [<i>PORRA!, eu mando para sua casa. Sem condição! ☹️</i>].	JO
115	<i>Sem condição!</i>	FO.	NOJ	(E): Olha, e se chegar um cliente assim? (J): [<i>PORRA!, eu mando para sua casa. Sem condição! ☹️</i>].	JO

Fonte: elaboração própria do autor



Tabela 9 – Fraseologismos da imagem 9

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
116	<i>¡Qué miedo!</i>	FO.	MED	(P): Al avión, no; a los perros, tampoco. A las culebras, sí, [<i>a las culebras les tengo pánico ☹️</i>]. (E): Pero, por allí ¿hay muchas? (P): Por donde yo vivía, sí había <i>¡qué miedo!</i>	PE
117	<i>¡Misericórdia!</i>	FO.	SUR / EST	(V): <i>¡¡MISERICÓOOORDIA!!! ☹️</i> ¡qué está tatuado el cuerpo!! [<i>¡Madre mía! ☹️☹️</i>] [<i>Un viejito tatuado ◀️ ▶️</i>].	VI
118	<i>¡Madre mía!</i>	FO.	SUR / NOJ	(V): <i>¡¡MISERICÓOOORDIA!!! ☹️</i> ¡qué está tatuado el cuerpo!! [<i>¡Madre mía! ☹️☹️</i>] [<i>Un viejito tatuado ◀️ ▶️</i>] [...] (V): Con tanto pelo y tatuaje así: [<i>¡madre mía! ¡Tú también! ☹️</i>] ¿no? ☹️.	VI
119	<i>¡Tú también!</i>	FO.	REJ	(E): ¿Y si te viene un cliente así? (V): Con tanto pelo y tatuaje así: [<i>¡madre mía! ¡Tú también! ☹️</i>] ¿no? ☹️. (E): [<i>Pero si el cliente te paga ☹️</i>] (V): Te paga, pero bueno, hombre.	VI

120	<i>¡Qué situación!</i>	FO.	REJ	(E): Sí, un viejo tatuado. (V): [No, yo no quiero vivir isso, no 🙄]. (E): Pero, ¿si es un viejo guapo? (V): [Ufff, <i>¡qué situación!</i> 😞 😊].	VI
121	<i>¡Claro!</i>	FO.	ORG	(V): [...] He estado con viejos pero más simpáticos, más agradables. [<i>Es lo que te digo. Con uno de 81, pero no tenía nada que ver con ese</i> 🙄]. (E): ¿Y era bonito? (V): [<i>Sí, bien limpio, sí y se empalmaba, hombre, ¡claro!</i> 😊].	VI
122	<i>¡Qué cool!</i>	FO.	ALE	(O): <i>¡Qué cool!</i> Me encantan los tatuajes. Yo me quiero tatuar todo el cuerpo. Se ve muy cool.	OM
123	<i>¡Por favor!</i>	FO.	REJ	(E): ¿Te parece bonito? (O): [<i>¡POR FAVOR!!</i> 😊 <i>Fue bonito cuando tenía 20</i>].	OM
124	<i>¡Nada!</i>	FO.	RES	(E): ¿Y si te viene un cliente así, qué? (O): [<i>¡Nada!, lo atiendo y ya</i> 😊 😊]. (E): No hay ningún problema, ¿no te daría <i>asco</i> ? (O): No. 😊 🙄	OM
125	<i>¡Qué vergüenza!</i>	FO.	VER	(O): No, de hecho estos días me llamó un chico que tenía como que 18 y hablaba como mujer. Y yo disculpa pero yo no atiendo mujeres. Y él me dice, ah, pero es que yo soy un chico y yo: [<i>ay, perdón, disculpa, es que tenías voz de mujer, ¡que vergüenza!</i> 😊].	OM
126	<i>Fodeu!</i>	FO.	RAI / TRI	(J): Isso aí é reflexo da juventude. [<i>Se tatua mais jovem, a velhice chegou e a tatuagem não sai. Fodeu!</i> 😊]	JO
127	<i>Ter pique</i>	CO.	ORG / ALE	(E): Depende, né? (J): Cara, tem muito idoso que tem um corpo massa, sarado e que se cuida, mas tem que <i>ter pique</i> , né?	JO
128	<i>Não dá</i>	FO.	VER	(E): Pois é, véi. Tu ficaria com cliente assim? (J): [<i>Olha, esse cara tem idade de ser meu bisavó,</i> 😊 😊. <i>Não dá. É até uma questão de respeito</i> 😊].	JO

Fonte: elaboração própria do autor

4.3.2 FRASEOLOGISMOS DO MATERIAL AUDIOVISUAL

VÍDEO 1: POLICIAL ATIRA EM LADRÃO QUE ROUBOU SUA MOTO E FILMA TUDO

<https://www.youtube.com/watch?v=RckCdOJsZ0A>

Tabela 10 – Fraseologismos do vídeo 1

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
129	<i>¡Guau!</i>	FO.	SUR	(P): [¡Ahhhh! ¡guaauuu! ¿¿COMO?? 🗣️] 😊 <i>¡Qué fuerte!</i> 😊 Lo mató fue un 🗣️ viejito que estaba ahí parado ¿no?	PE
130	<i>¡Qué fuerte!</i>	FO.	RAI	(P): [¡Ahhhh! ¡guaauuu! ¿¿COMO?? 🗣️] 😊 <i>¡Qué fuerte!</i> 😊 Lo mató fue un 🗣️ viejito que estaba ahí parado ¿no?	PE
131	<i>Nada de eso</i>	FO.	ALI	(E): Era un policía de paisano. ¿Has presenciado situaciones así? (P): [<i>Nada de eso</i> 😊]. [<i>Tiroteos sí los he presenciado. Varios tiroteos</i> 🗣️].	PE
132	<i>Lanzar tiros</i>	CO.	MED	(E): ¿Habrás visto heridos o algún muerto? (P): No, no, simplemente, es que [<i>comenzaban a lanzar tiros al aire, o comenzaban</i> 😊 🗣️]... veían a otro malandro y comenzaban entre ellos mismos.	PE
133	<i>Salir corriendo</i>	CO.	MED	(P): [...] ¿Sabes? Como peleas entre ellos mismos. Y las demás personas alrededores, <i>salíamos corriendo</i> . Siempre que yo presenciaba eso, lo que hacía era correr y correr 😊 🗣️ esperar a que todo se calmara 😊.	PE
134	<i>¡Mira só!</i>	FO.	MED	(V): [¡Ahhhh! ¡¡Mira!! AHHH!! ¡¡MIRA SÓ!! ¡¡madre mía!! ¡¡qué horror!! 😊] 😊	VI
135	<i>¡Madre mía!</i>	FO.	MED	(V): [¡Ahhhh! ¡¡Mira!! AHHH!! ¡¡MIRA SÓ!! ¡¡madre mía!! ¡¡qué horror!! 😊] 😊	VI
136	<i>¡Qué horror!</i>	FO.	MED	(V): [¡Ahhhh! ¡¡Mira!! AHHH!! ¡¡MIRA SÓ!! ¡¡madre mía!! ¡¡qué horror!! 😊] 😊 [¡ASALTO! 🗣️] Eu creio que, eu vi ese video, sí, sí 🗣️ yo lo vi.	VI
137	<i>¡Ay, no!</i>	FO.	MED / SUR / TRI	(E): Has visto que el otro parece policía y le dispara. (V): Sí. Dispara a los bandidos, Mira ahí, eso, [<i>¡ayyy, no! ¡Vaya!</i> 😊 😊]	VI
138	<i>¡Vaya!</i>	FO.	TRI / SUR	(V): Sí. Dispara a los bandidos, Mira ahí, eso, [<i>¡ayyy, no! ¡Vaya!</i> 😊 😊]	VI
139	<i>Gracias a Dios</i>	FO.	ALI	(E): ¿Has visto tú algún tiroteo? (V): [<i>Gracias a Dios, no, NO</i> 😊]. Y aquí tampoco. Mejor no, que nunca, ¿sabe?	VI

				[Porque yo soy muy nerviosa y acabaría loca, FATAL 🗣️].	
140	<i>¡Dios!</i>	FO.	MED / SUR /	(O): [¡Ahhhh!! ¡Uyyfff! ¡DIOS! 😱 😞]	OM
141	<i>¡Ay, no!</i>	FO.	SUR / EST	(O): ¿Ahhhh, quien lo mató? [¡Ay, no! ¡Cómo me divierto! 😞] (E): Era un policía y lo mató.	OM
142	<i>¡Cómo me divierto!</i>	FO.	EST / MED	(O): ¿Ahhhh, quien lo mató? [¡Ay, no! ¡Cómo me divierto! 😞] (E): Era un policía y lo mató.	OM
143	<i>¡Claro!</i>	FO.	VER	(E): Era un policía y lo mató. (O): ¡Claro!, es normal, sí. [En Venezuela eso es normal, te atrapan robando y te matan 🗣️].	OM
144	<i>Eita!</i>	FO.	SUR/ TRI	(C): <i>EITA!</i> 😞 ¿quem foi quem deu noutro? (E): Um policial que estava à paisana. (C): [Matou o bandido!! 😱 😞]	CO
145	<i>Sei não!</i>	FO.	RAI / TRI	(C): [Matou o bandido!! 😱 😞] (E): Exato. (C): [Sei não!! 😱 😞]	CO
146	<i>Bem feito!</i>	FO.	ORG / ALE	(J): [Nunca mais ele vai roubar 😊]. [Bem feito! Ninguém tem direito de roubar nada de ninguém 🗣️ 🗣️].	JO

Fonte: elaboração própria do autor

VÍDEO 2: CASAL DE MENDIGOS SE BEIJANDO NA PRAIA DA BARRA
<https://www.youtube.com/watch?v=B4q-D6LsROs>

Tabela 11 – Fraseologismos do vídeo 2

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
147	<i>¡Guau!</i>	FO.	SUR/ NOJ	(P): [!!Buahh!! ¡Guauu! 😱 😊]. APASIONADO 🗣️. [Eso es un beso apasionado 😍 😊]. [No mola, no mola nada 🗣️].	PE
148	<i>Dar asco</i>	CO.	NOJ	(E): ¡Ostra! 😞 ¿y qué sensación te dio? (P): Nada, [a mí me dio fue como asco 🗣️].	PE
149	<i>¡Guácala!</i>	FO.	NOJ	(P): [...] Sinceramente, [¡guácala! Porque cuando yo los veo y ellos no les importaba nada 😱 😞]. Simplemente, estaban ahí entre ellos dos y ya. Y las personas caminaban y se les quedaban viéndolos, [les tapaban los ojos a los niños y así 😞 😞].	PE
150	<i>Tapar los ojos</i>	CO.	NOJ / EST	(P): [...] Simplemente, estaban ahí entre ellos dos y ya. Y las personas caminaban y se les quedaban viéndolos, [les tapaban los ojos a los niños y así 😞 😞].	PE

151	<i>¡Qué asco!</i>	FO.	NOJ	(V): Ya vi varios así, BORRACHOS 🗣️. VI [¡Uffff! <i>¡qué asco!</i> 🤢] Yo vi una mujer vieja, vieja, vieja con un hombre joven el otro día. Así, estaban en una fiesta, yo que sé.
152	<i>¡Uy, no!</i>	FO.	NOJ	(E): ¿Y te dio <i>asco</i> ? VI (V): [Sí, ¡!uyyy, <i>nooo!</i> 🤢]. No me gusta. Yo creo que procurar discreción. [Veo mal a la pessoa que está filmando, eso sí, yo vi que estaba induzindo a los dos que hicieran eso 🖐️ para grabar 🤔🤔]
153	<i>¡Ay, no!</i>	FO.	NOJ	(E): Pero, ¿a veces tú no tienes esa sensación en tu trabajo cuando besas a los clientes? VI (V): [¡Ay, <i>no!</i> No me gusta besar 🤢]. Cuando insisten mucho, yo doy besitos así, mua, mua, besitos en la boca, pero de sello ¿sabes? Algunos piden besos de lengua y a mí no me gusta. No me gusta dar, muy raro, [solo cuando es un cliente muy atractivo para mí, sí. Si no, NO 🤔🤔].
154	<i>(Pasar) de maravilla</i>	LO.	ORG / ALE	(V): [Yo también paso bien, 🤔]. Hay con clientes que lo <i>paso de maravilla</i> . VI
155	<i>¡Claro, sí!</i>	FO.	ORG	(V): [Yo también paso bien, 🤔]. Hay con clientes que lo <i>paso de maravilla</i> . [¡Claro, sí! 🗣️] Yo el otro día quedé con un chaval guapísimo. [¡Uffff! <i>estaba muy bueno y nos enrollamos así y lo pasamos 🖐️ unas dos horas muy bien, muy bien 🗣️</i>]. VI
156	<i>Dar carinho.</i>	CO.	ORG	(E): ¿Y te gustaba? VI (V): No, me acariciaba, pero sí, yo aceptaba ¿sabes? eu também dou carinho, [há clientes que <i>dou carinho</i> . Hago masaje, acarició suavemente así para que te sientas bien, hago cositas 🗣️🗣️].
157	<i>Dar cariño</i>	CO.	ORG	(V): [...] PORQUE QUIERO HACER, VI no porque está me pagando, porque quiero, porque siento essa necessidade de dar mais. [Sale de mí, porque me siento bien y <i>doy cariño</i> 🗣️].
158	<i>¡Qué asco!</i>	FO.	NOJ	(O): [¡Mira la cara! 🤔] <i>¡Yo no sé que hacer!! ¡Qué asco!</i> 🤢 OM Se están besando así, no sé, por el video, no tiene sentido 🤔. Pero no es como en plan lastima, ni nada, es como: [¡Marica, <i>qué estás haciendo con tu vida! O sea, ve a trabajar</i> 🤢🤔].
159	<i>¡Marica, qué</i>	FO.	RAI /	(O): [¡Mira la cara! 🤔] <i>¡Yo no sé que</i> OM

	<i>estás haciendo con tu vida!</i>		NOJ	<i>hacer!! ¡Qué asco! 🤢</i> Se están besando así, no sé, por el video, no tiene sentido 🤔. Pero no es como en plan lastima, ni nada, es como: [<i>¡Marica, qué estás haciendo con tu vida! O sea, ve a trabajar 🤢🤔</i>].	
160	<i>Quien es pobre es porque quiere</i>	CL.	RAI / NOJ	(E): Son de la calle. (O): [<i>Yo sé, que se pongan a trabajar, marica 🤔</i>]. [<i>Porque quien es pobre es porque quiere. ¡Ayy, no!, ¡guácala! 🤢🤔</i>]	OM
161	<i>¡Ay, no!</i>	FO.	NOJ	(O): [...] <i>¡Ayy, no!, ¡guácala! 🤢🤔</i>	OM
162	<i>¡Guácala!</i>	FO.	NOJ	(O): [...] [<i>Porque quien es pobre es porque quiere. ¡Ayy, no!, ¡guácala! 🤢🤔</i>]	OM
163	<i>Dar igual</i>	LO.	NOJ	(O): [<i>No, porque yo también he tenido que besar así 🤔🤔</i>]. Entonces, no me da <i>asco</i> . <i>Me da igual</i> .	OM
164	<i>Estar com fogo</i>	LO.	NOJ	(C): [<i>NOJO? 🤔 Não 🤔🤔</i>]. [<i>Olha, o gesto dele é até atraente 🤔🤔</i>] [<i>Ele está com fogo 🤔</i>]. Para mim, comigo não existe normalmente esse fogo aí 🤔.	CO
165	<i>Fela da putagem</i>	FO.	RAI	(J): [<i>Acho muita fela da putagem 🤔</i>] a pessoa que se aproveita dos mais oprimidos e uma pessoa bêbada para estimular esse tipo de coisa. É uma falta de respeito para com o outro.	JO

Fonte: elaboração própria do autor

VÍDEO 3: TRAVESTI DANDARA É ASSASSINADA BRUTALMENTE NO CEARÁ
<https://www.youtube.com/watch?v=tJTOgtAz7cI>

Tabela 12 – Fraseologismos do vídeo 3

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
166	<i>¡Qué horror!</i>	FO.	MED / RAI	(P): [<i>!!!Ufff!!! ¡qué horror! 🤢 ¡qué loco! 🤔🤔</i>].	PE
167	<i>¡Qué loco!</i>	FO.	INC	(P): [<i>!!!Ufff!!! ¡qué horror! 🤢 ¡qué loco! 🤔🤔</i>].	PE
168	<i>Pedir papeles</i>	CO.	ALI / TRI	(P): Sí. Sabes, así se han visto en muchos casos ¿sabes? [<i>La discriminación es fuerte, fuerte, fuerte 🤔🤔🤔</i>]. De hecho, yo cuando fui a, a... 🤔 <i>pedir papeles</i> acá, habían muchas personas planteado ese problema, que se venían de otros países acá, porque aquí la, la 🤔 eso de la sexualidad era como más abierto, no se ve como un tabú.	PE
169	<i>Nada de eso</i>	FO.	ALE	(P): Aquí sí 🤔, o sea, el tema	PE

				homosexual, la transexualidad, eso está... lo he visto yo aquí como que muy abierto, son muy abiertos a eso, más que en Venezuela. [No le veo ese tabú así que comienzan a discriminarlos, ni <i>nada de eso</i> , NO ☹].	
170	<i>Dar igual</i>	LO.	ALI / ALE	(P): Por ejemplo, [en Venezuela, va una trans caminando y ya está todo el mundo está viéndola, hablando, criticando ¿sabes? 🗣️😞 😞] Acá no, acá la gente es muy... le <i>da igual</i> si está o no está.	PE
171	<i>Meu Deus!</i>	FO.	MED	(V): [<i>Meu Deus! !!Como assim!</i> 😞😞] !ESO SON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror! 😞 😞].	VI
172	<i>¿Como assim!</i>	FO.	INC / MED	(V): [<i>Meu Deus! !!Como assim!</i> 😞😞] !ESO SON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror! 😞 😞].	VI
173	<i>Rapaz!</i>	FO.	TRI / MED	(V): [<i>Meu Deus! !!Como assim!</i> 😞😞] !ESO SON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror! 😞 😞].	VI
174	<i>Que horror!</i>	FO.	TRI / MED / INC	(V): [<i>Meu Deus! !!Como assim!</i> 😞😞] !ESO SON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror! 😞 😞].	VI
175	<i>Sofrer preconceito</i>	CO.	TRI	(V): [¡ <i>!Ahh, siii!</i> 😞]. <i>¡Ufff!!, tengo amigas transexuales y sofren mucho preconceito, sim. Ajá</i> ☹️😞].	VI
176	<i>¿Marica!</i>	FO.	SUR / INC	(O): [¡ <i>!Marica!! ¿como así!</i> 😞😞] <i>¿Eso es una mujer?</i> 😞😞] (E): Es transexual.	OM
177	<i>¿Como así!</i>	FO.	INC	(O): [¡ <i>!Marica!! ¿como así!</i> 😞😞] <i>¿Eso es una mujer?</i> 😞😞] (E): Es transexual.	OM
178	<i>¿Uy, no!</i>	FO.	TRI / COM / MED	(O): <i>¿Y le están pegando porque es trans?</i> 😞 (E): Sí. (O): [¡ <i>!uy no!! ¿qué pesar!</i> 😞😞]	OM
179	<i>¿Qué pesar!</i>	FO.	TRI / COM / MED	(O): <i>¿Y le están pegando porque es trans?</i> 😞 (E): Sí. (O): [¡ <i>!uy no!! ¿qué pesar!</i> 😞😞]	OM
180	<i>Que absurdo!</i>	FO.	INC / RAI / TRI	(C): [<i>Que absurdo!</i> 😞😞]. <i>Já soube dessa notícia</i> 😞 <i>Uma sem-vergonhice, viu?</i> 😞 <i>fazer isso com uma pessoa</i>].	CO
181	<i>Porra!</i>	FO.	RAI	(J): [<i>QUE PORRA É ESSA! PORRA, MEU IRMÃO!</i> 😞 🗣️] <i>E esses caras foram presos?</i> (E): Não sei. (J): [<i>Isso ae é covardia!!! Covardia, velho!</i> 😞☹️].	JO
182	<i>Covardia!</i>	FO.	RAI	(J): [<i>QUE PORRA É ESSA! PORRA,</i>	JO

MEU IRMÃO! 😞 🗣️] E esses caras foram presos?
 (E): Não sei.
 (J): [*Isso ae é covardia!!! Covardia, velho!*] 😞 🗣️].

Fonte: elaboração própria do autor

VÍDEO 4: SOU TRAVESTI, NÃO SOU VIADINHO
https://www.youtube.com/watch?v=6DSaa54_qX4

Tabela 13 – Fraseologismos do vídeo 4

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
183	<i>¡Qué bueno!</i>	FO.	ALE	(P): ¿Es brasileño? (E): Sí. (P): <i>¡Qué bueno!</i> 😊 (E): ¿Tú crees que es una mujer? (P): [<i>No es una mujer, es un travesti</i>] 🗣️].	PE
184	<i>Follar bien</i>	CO.	ORG	(P): Ganan mejor que yo 😊, 🗣️ de hecho. Si hay. Infinitades, infinitades, infinitades. Es conocido que a muchos trans que le llegan a cada rato clientes, clientes y clientes, y todos son para ellas <i>follar bien</i> a los clientes ¿sabes?	PE
185	<i>Meterse en líos</i>	LO.	ALI	(E): ¿Y sufrirán más discriminación por ser transexual? Ellas que te comentan. ¿Has hablado con alguna? (P): Yo <i>no me meto en líos</i> , porque hay mujeres, o sea, hay trans que no les gusta hablar de eso.	PE
186	<i>Dar igual</i>	LO.	ALE	(P): [...] hay mujeres, o sea, hay trans que no les gusta hablar de eso y porque ya son muy, muy discriminadas, ¿sabes? Mientras ellas se sientan bien, lo demás no importa. Debe <i>dar igual</i> . ¡FELICIDAD! 😊	PE
187	<i>Es así</i>	FO.	RAI/ INC	(V): [<i>No. Mira, un hombre nunca será una mujer. Por más que ele se ponga un coño, nunca será, porque a mulher es por naturaleza. Es así ¿sabes?</i>] 🗣️ 😞 [<i>Tenemos pecho, ovarios, útero, trompa y un hombre no, por mais que la cirurgia, se transforme</i>] 😊	VI
188	<i>Tener preconceito</i>	CO.	TRI/ CUL	(V): [<i>Sí, porque seu psicológico es así. Es mujer</i>] 🗣️ 😞]. Hay unos que son bonitos que tienen muchos clientes y hay hombres que les gusta, pero [<i>sufren mucho, son depresivos</i>] 🗣️ son muy depresivos, con <i>preconceito</i> porque la gente <i>tiene preconceito</i> 🗣️ 😞] 🗣️ contra los transexuales.	VI

189	<i>¡Yo flipo!</i>	FO.	INC / SUR	(V): [...] Sí, porque... porque hay un trastorno psicológico muy grande en su cabeza, en su cabeza. [A veces dicen así: <i>estoy en mi período, quieren tener la regla como nosotras, ¡yo flipo!</i> Y yo les digo: ¡pero tú!! 😊 😊]	VI
190	<i>¡Qué asco!</i>	FO.	NOJ	(O): [...] Pero, claro, cuando tú dices que eres trans, hay mucha gente que dice: <i>¡qué asco!</i> o <i>¡estás loco!</i> 😞 Entonces, yo creo que [las trans tienen más <i>miedo</i> a ser trans que a ser mujeres, porque ser mujer está más aceptado, ¿me entiendes? 😊]	OM
191	<i>¡Estás loco!</i>	FO.	INC / REJ	(O): [...] Pero, claro, cuando tú dices que eres trans, hay mucha gente que dice: <i>¡qué asco!</i> o <i>¡estás loco!</i> 😞	OM
192	<i>Cada um faz o que quer</i>	CL.	ALE / ORG	(C): [Pois é, né? <i>Cada um faz o que quer, modifica seu corpo, diz o que quer, assume as suas consequências</i> ⚡ 🧐].	CO
193	<i>Pode ser</i>	FO.	ORG	(E): Ela diz que é mulher. (C): [<i>Pode ser</i> , se ela se sente mulher, ela é mulher 🧐].	CO
194	<i>Tem como não</i>	FO.	RAI REJ	(E): Mas é igual de mulher que você? (C): [JAMAIS, JAMAIS. <i>Tem como não</i> 🗣️ 🧐].	CO
195	<i>Nada a ver</i>	FO.	INC / REJ	(E): Diz que ela não é viadinho, que é mulher. (J): [<i>Nada a ver, ela não é mulher, ela é travesti, né?</i> 🗣️] (E): Deve ter operado e tudo? (J): Será que operou? 🧐	JO
196	<i>Beleza!</i>	FO.		(J): [<i>Se operar, beleza! Biologicamente, não é mulher</i> 🗣️].	JO
197	<i>Tá ligado?</i>	FO.		(J): [<i>Se operar, beleza! Biologicamente, não é mulher</i> 🗣️]. [Agora se é aquela travesti que bota a piroca dentro..., imprensa os ovos para não aparecer a piroca, <i>tá ligado?</i> Quando chegar a idade, vai fazer exame de próstata e daqui a seiscentos anos, se encontrar o osso dele, vai dizer, não, é homem. Então, não é mulher 🗣️ 🧐].	JO
198	<i>Estar na cara</i>	LO.	INC	(E): E se se sente mulher? (J): Aí é uma particularidade da pessoa. Cara, ela [<i>pode chegar em qualquer lugar de vestido, de salto alto, de bolsa, acha que é mulher, vai embora, não tem contato, beleza! Mas a partir que você tem uma intimidade com ela, que você conversa, tá na cara, irmão</i> 🗣️].	JO

VÍDEO 5: GAY DANÇANDO COM A BUNDA NO CHÃO
<https://www.youtube.com/watch?v=OZgRaL8IuIq>

Tabela 14 – Fraseologismos do vídeo 5

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
199	<i>Ni de joda</i>	FO.	REJ / VER	(E): ¿Tú bailarías así? (P): [<i>Ni de joda. Yo no sé bailar así</i> 😊 😊].	PE
200	<i>Dar vergüenza</i>	CO.	VER	(E): ¿Pero tú lo harías? (P): Me daría <i>vergüenza</i> 😊 😞.	PE
201	<i>¡Uy, no!</i>	FO.	VER / NOJ	(V): [<i>¡Uyy, no! ¡Horrible!!</i> 🤢 <i>Es un mariconzino de mierda</i> 🤢].	VI
202	<i>¡Horrible!</i>	FO.	NOJ	(V): [<i>¡Uyy, no! ¡Horrible!!</i> 🤢 <i>Es un mariconzino de mierda</i> 🤢].	VI
203	<i>Sin duda</i>	FO.	VER	(E): ¿Es brasileño? (V): [Sí, <i>sin duda</i> 🙄 😞].	VI
204	<i>¡Madre mía!</i>	FO.	VER / TRI / RAI	(E): Pero se mueve bien, ¿no? (V): Sí, se mueve <i>¡madre mía!</i> ¡Vaya que sí! 🤩 😊 [...] (E): Pero, ¿si lo (un hijo así) tuvieras? (V): [<i>¡madre mía!! Yo no quiero que mis hijas hagan lo que yo hago</i> 🙄 😞 😞 😞].	VI
205	<i>La vida es así</i>	CL.	RES	(V): [...] <i>Yo no quiero que mis hijas hagan lo que yo hago</i> 🙄 😞 😞 😞. Ellas saben, pero no me dicen nada. [<i>Mamá, la vida es así</i> 🤩].	VI
206	<i>Para nada</i>	FO.	ALI / ORG	(E): No te juzgan. (V): [<i>NO, para nada</i> 🙄]. No le gusta para ella, no. Ella no se mete, no. Vive con su novio, tiene otra mentalidad	VI
207	<i>Tiene que aceptar</i>	CL.	RES / VER	(E): ¿Y si tu hija fuera lesbiana, por ejemplo? (V): [<i>¡Uff, no sé!!</i> 😞 😞 <i>Tiene que aceptar ¿no?</i> 🙄 😞 <i>No, no</i> 🙄 🙄 <i>no me gusta, pero...</i> 😞 no 🙄].	VI
208	<i>¡Qué cool!</i>	FO.	ALE	(O): [<i>¡qué cool! Me encanta</i> 😊 🙄]. (E): ¿Te gustaría bailar así? (O): [<i>Sería buenísimo</i> 😊].	OM
209	<i>Jogar quadrado</i>	LO.	INV / REJ	(C): Olha, quando vejo uma imagem dessas, descendo o bumbum, [<i>esse cara mexendo, jogando quadrado e aquela coisa, para mim, sabe como é que é, é uma imagem bem formatada</i> 🙄 😊]. Eu não me sinto com esse bumbum, com essa jogada.	CO
210	<i>Ser uma viagem</i>	LO.	INC	(C): [<i>Ele tem um corpo bonito, ele joga, mas se ele jogasse mais de frente do que de trás, para mim é o que interessa, entendeu?</i> 😊] <i>É uma viagem dele.</i>	CO

211	<i>Ridículo!</i>	FO.	VER / RAI	(J): <i>Ridículo!!</i> 😞😞	JO
212	<i>Ter certeza</i>	CO.	NOJ	(J): <i>Ridículo!!</i> 😞😞 (E): Acha que o rapaz do vídeo é viado? (J): <i>Tenho certeza.</i> [Tu acha que homem vai estar fazendo um negócio desse? 😞👊].	JO
213	<i>Ser uma esculhambação</i>	LO.	VER / RAI	(E): Acha criativo? (J): [<i>É uma esculhambação!</i> 😞] Essa postura difama a classe LGBT 😞😞].	JO

Fonte: elaboração própria do autor

4.4 APRESENTAÇÃO DA NARRATIVA ORAL ORIENTADA

Os dados extraídos provêm do terceiro instrumento de pesquisa aplicado, ou seja, da *narrativa oral orientada*¹⁴⁷ que estimulou a reflexão acerca da identidade profissional e de origem dos sujeitos estigmatizados, permeada de aspectos emocionais.

Na seção 4.4, apresentamos igualmente os fraseologismos desta segunda parte da pesquisa em tabelas de seis colunas com uma fila para cada unidade fraseológica, continuando com o mesmo padrão de apresentação.

Portanto, começamos as apresentações das tabelas na sequência, conforme os tópicos propostos:

4.4.1 FRASEOLOGISMOS DAS NARRATIVAS PROFISSIONAIS

A. AVALIE OS ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA SUA PROFISSÃO

Tabela 15 – Fraseologismos do tópico 1

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
214	<i>Cuestión de suerte</i>	CO.	RES	(P): <i>Para que te hagas una idea, eso es cuestión de suerte, porque si me pregunta hoy, [hoy no he trabajado. Tú eres el primero que viene 😊].</i>	PE
215	<i>Agarrar a la movida</i>	FO.	REJ / VER	(P): [<i>Depende, todo depende, porque estoy empezando ¿sabes? 🤔</i>] y estoy agarrándole a la movida , pero todo varía.	PE
216	<i>Salir de eso</i>	CO ¹⁴⁸ .	NOJ	(V): [...] <i>hombre que no se ducha, que tiene peste 🤢, pero te está pagando, tú te tienes que sujetar ¿sabes? a eso 😊</i> . No, ahí, es difícil y yo quiero es salir de eso y acabar 😊.	VI
217	<i>Meu Deus!</i>	FO.	NOJ	(E): ¿Y te da asco ? (V): [<i>Meu Deus! Demais! ASCO!! Pero asco 🤢, tengo ganas de salir corriendo 🤢, ¿sabes?</i>]	VI
218	<i>Demais!</i>	FO.	NOJ	(E): ¿Y te da asco ? (V): [<i>Meu Deus! Demais! ASCO!! Pero asco 🤢, tengo ganas de salir corriendo 🤢, ¿sabes?</i>]	VI
219	<i>Salir corriendo</i>	CO.	NOJ /	(V): [<i>Meu Deus! Demais! ASCO!!</i>	VI

¹⁴⁷ Para mais informações, pode ser consultado o Apêndice III.

¹⁴⁸ Cientes da imprecisão do termo, tomamos estas estruturas tabu de pronomes neutros *esto/eso/isso*, que se referem à profissão do sexo como inominável, como colocações, entendendo como base colocacional o pronome; e como colocativos os verbos com o sem preposição do tipo: *salir (se) de, volver a, dedicarse a, trabajar, hacer*, dentre outros.

			REJ	<i>Pero asco 🤢, tengo ganas de salir corriendo 🏃, ¿sabes?]</i>	
220	<i>Pagar mis cuentas</i>	CO.	ALI / ORG	(V): [<i>Consigo pagar mis cuentas y no debo nada a nadie 😊</i>].	VI
221	<i>Dedicarse a eso</i>	CO.	VER	(O): [...] [<i>Me sentí como que valía algo 😊</i>]. Y desde allí, yo siempre pensé que [<i>yo tenía que dedicarme a eso 🙄 😊</i>]. Entonces mi pareja de entonces me incitó: vamos a intentarlo, pensé 🤔 puedo <i>sacar dinero</i> en poco tiempo 😊, [<i>aunque no nos guste, se puede hacer 🙄</i>].	OM
222	<i>Sacar dinero</i>	CO.	ORG / CUL	(O): [...] Entonces mi pareja de entonces me incitó: vamos a intentarlo, pensé 🤔 puedo <i>sacar dinero</i> en poco tiempo 😊, [<i>aunque no nos guste, se puede hacer 🙄</i>].	OM
223	<i>Por obligación</i>	LO.	RES / FRU	(O): [...] [<i>Al final, tú dices, por fin, acabó y estás tranquilo porque tienes dinero 🙄 😊</i>]. <i>No es una tortura, no porque no es que te gusta, pero tampoco te gusta, ¿entiendes? Se hace por obligación 😊</i>].	OM
224	<i>Calla, calla</i>	FO.	VER	(E): <i>¿A tí, te gustan las mujeres también, o los hombres y las mujeres o como?</i> (O): [<i>Calla, calla 🙄 😊</i>]. [<i>(Los hombres, solo 🙄 - assinala para falar mais baixo) 😊</i>]. [<i>Me gustaría hacer el cambio de sexo 🙄</i>].	OM
225	<i>Como que no</i>	FO.	TRI / RAI / RES	(O): [<i>Como que no 🙄</i>]. He conocido escort heteros y yo creo que [<i>yo sufro igual que ellos. Yo creo que es lo mismo. Como yo lo veo como trabajo y ellos también, no hay forma de disfrutarlo, es imposible 😊 😊</i>].	OM
226	<i>Achar ótimo</i>	CO.	ORG / ALE	(C): [...] <i>E pensa: tô bem na foto. Eu acho ótimo 😊</i> . Isso dá uma sensação assim, de você tar se cuidando. TÁ LEGAL!	CO
227	<i>Tá legal!</i>	FO.	ORG	(C): [...] <i>E pensa: tô bem na foto. Eu acho ótimo 😊</i> . Isso dá uma sensação assim, de você tar se cuidando. TÁ LEGAL!	CO
228	<i>Tudo na vida passa</i>	CL.	RES	(C): [...] [<i>E que você é desejada, mas ao mesmo tempo, como tudo na vida e tudo no tempo, passa. Eu não tou mais com vinte 🙄</i>].	CO
229	<i>Nossa!</i>	FO.	MED	(E): <i>E as ruins?</i> (C): <i>Nossa!</i> , estar susceptible a ser apaixonar por alguém que só quer um	CO

				momento. [<i>Também poder contrair uma doença, por mais precavida que você seja</i> 😊].	
230	<i>Fazer da vida</i>	CO.	VER / CUL / NOJ	(C): [...] É você... 😊 olhar diante de tudo e depois de tudo para você mesmo e [<i>perguntar para você: o que é que você está fazendo da sua vida?</i> 😊 😊] e [<i>você em algumas poucas vezes sentir vontade de morrer</i> 😊 😊].	CO
231	<i>Estar pronto/a</i>	LO.	ORG	(C): [...] Para mim não importa se é cinco ou vinte, não importa 😊. [<i>Importa sim, eu estar pronta para receber</i> 😊 🙏].	CO
232	<i>Ser show</i>	LO.	ALE / ORG	(J): <i>Deixa pensar</i> 🤔 acho que conhecer amizades e grana. Isso é <i>show</i> .	JO
233	<i>Tá ligado?</i>	FO.	RAI / FRU	(J): [...] Agora, aqui em [<i>Salvador não gostei, o pessoal vai pa motel, mas aí fica mais caro, eu cobrar 150 conto e fora o motel</i> 😊], <i>tá ligado?</i> Em Feira de Santana é menos boy, <i>tá ligado?</i>	JO
234	<i>A gente não sabe quem é quem</i>	CL.	MED	(J): Mano, esse negócio é arriscado, né? [<i>Tem que ficar com todo tipo de gente, tem que tá se prevenindo direto, a gente não sabe quem é quem, só vê por fora, E POR DENTRO?</i> 🙏🙏].	JO

Fonte: elaboração própria do autor

B. ANALISE COMO ERA SUA VIDA ANTERIOR A ESTE TRABALHO E COMO E POR QUE DECIDIU EXERCER ESTA PROFISSÃO

Tabela 16 – Fraseologismos do tópico 2

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
235	<i>Ni de joda</i>	FO.	REJ / VER	(E): ¿Y tú te imaginabas que te ibas a <i>dedicar a eso?</i> (P): Pues no 😊. <i>Con la verga</i> 🙏.	PE
236	<i>Hacerse (algo) más fácil</i>	CO.	CUL / ALI	(E): ¿Y por qué esto y no otro trabajo? (P): [<i>Porque esto se me hace más fácil</i> 🙏]. Y aparte de que todavía <i>estoy sin papeles</i> .	PE
237	<i>Estar sin papeles</i>	LO.	CUL / TRI / FRU	(E): ¿Y por qué esto y no otro trabajo? (P): [<i>Porque esto se me hace más fácil</i> 🙏]. Y aparte de que todavía <i>estoy sin papeles</i> .	PE
238	<i>¡Exacto!</i>	FO.	ALI	(E): Y cuando te estabilices, te sales. (P): <i>¡Exacto!</i>	PE
239	<i>Dinero fácil</i>	CO.	CUL / ALI	(E): ¿Cómo decides <i>hacer eso?</i> ¿Por qué? (P): [<i>Conocí amigos que se dedican y me dijeron que era dinero fácil</i> 🙏]. La	PE

				primera vez acá fue con un man colocado en Madrid y nada solamente se vestía de mujer y que yo lo tratara como una mujer.	
240	<i>Agarrar la manía</i>	LO.	CUL / ORG	(P): [...] <i>Y estuve con él como que y nada eran tres horas y me cayeron como que 300 EUROS 😊 el primer día y ya en seguida ahí le agarré la manía 😊</i> .	PE
241	<i>¡Qué locura!</i>	FO.	NOJ / INC	(P): [...] Lo más loco que sí te digo que me ha tocado es el scat, sí porque siento que no, porque ellos les gusta que tú los veas, [<i>mientras ellos se están comiendo la 😊 MIER-DA</i>] « ¡qué locura! 🤔	PE
242	<i>No dar</i>	FO.	CUL	(V): [...] [<i>No es que él no quería a sus hijas, él fue padre y eso, pero no me daba dinero, muy poquito, muy poco y por eso me vine aquí, después de cinco años sola. Porque trabajaba toda la noche y el día y no daba.</i>	VI
243	<i>Es lo que hay para hoy</i>	FO.	RES / CUL / DEC	(V): [...] <i>Y la responsabilidad era casi toda minha, de las hijas ¿sabes? 🤔😊. Es lo que hay para hoy.</i>	VI
244	<i>Volver a esto</i>	CO.	TRI	(V): Sí, trabajé de restaurante, cuando estaba con el novio, pero un tiempo y [<i>decidí volver a esto, hasta hoy 🤔😊</i>].	VI
245	<i>Dar fuerte</i>	LO.	CUL	(O): [...] Luego, me echaron del trabajo, una empresa que estaba estafando al gobierno y nos echaron a todos. [<i>Entonces ahí me dio muy fuerte, conocí a una persona que se hizo mi pareja, que se dedicaba a esto</i>	OM
246	<i>Hacer dinero</i>	LO. CO.	CUL / ORG	(O): [...] <i>conocí a una persona que se hizo mi pareja, que se dedicaba a esto y me fue incitando 🤔 y diciendo, pues tenemos que hacer dinero rápido 😊, aunque no es fácil de hacerlo, es esta y creo que lo podemos lograr juntos y hacemos tríos y cobramos y todo eso 🤔</i>].	OM
247	<i>Hacer eso</i>	CO.	CUL / VER	(O): Me fui con un cliente. Luego se me puso todo difícil en Estados Unidos. [<i>Se me complicó todo 😊. Estuve seis meses allá haciendo eso y luego volví a Ecuador con él.</i>	OM
248	<i>Trabajar de esto</i>	CO.	CUL / VER	(O): No, fue en Marbella. Yo vivía en Marbella y [<i>estuve como una semana trabajando de esto y trabajando también de albañil 😊</i>]. Entonces me dio un poquito más de dinero como para quedarme allá.	OM
249	<i>Nossa!</i>	FO.	INC / CUL	(C): <i>Nossa!</i> [<i>A minha vida anterior era uma vida muito pacata 😊. Eu trabalhava em uma padaria, em São Paulo. E eu atendia clientes, eu servia</i>	CO

				<i>pingado, quando eles chegavam de manhã</i> 😊].	
250	<i>Querer só sexo</i>	CL.	TRI / INC	(C): [...] [numa dessas em que eu tive a minha primeira experiência como prostituta que eu pensei que estava totalmente apaixonada e ele por mim 😊], [<i>ele queria só sexo</i> 🗨️ 😊]. [Eu jamais pensei em cobrar nada de ninguém naquela época 🤔].	CO
251	<i>Meu Deus!</i>	FO.	VER / INC / NOJ	(C): [...] [depois do sexo, eu fiquei no hotel até o dia seguinte e me deixou dinheiro 🗨️ 😊]. <i>Meu Deus!</i> 🗨️ para mim aquilo foi um choque porque... 🤔	CO
252	<i>Dar dicas</i>	CO.	CUL	(C): [...] Tempo depois [contei essa história para uma amiga e ela me estimulou, me deu umas dicas. Pensei que tava certa e que ia ganhar mais grana do que padeira 🤔].	CO
253	<i>Arrumar (alguém)</i>	CO.	CUL	(C): [...] Assim, ela <i>arrumou um cara</i> 🤔 de uns quarenta e poucos anos, ela falou com ele de mim e o cara topou. [Esses foram meus inícios <i>nisso aqui</i> 🗨️ 😊].	CO
254	<i>Nisso aqui</i>	CO.	CUL / VER	(C): [...] Assim, ela <i>arrumou um cara</i> 🤔 de uns quarenta e poucos anos, ela falou com ele de mim e o cara topou. [Esses foram meus inícios <i>nisso aqui</i> 🗨️ 😊].	CO
255	<i>Botar coisa na cabeça</i>	LO.	CUL	(J): [...] Eu vim fazer, fiz a prova, passei, e aí <i>o que acontece</i> , [meus amigos foram <i>botando coisa na minha cabeça para mim não vir</i> 🤔]. Foi o tempo que aqui estava muito perigoso e não vim 😊.	JO
256	<i>Sair dessa vida</i>	CO.	CUL	(J): [Eu já fazia antes, mesmo trabalhava, aí sai do trabalho, me empolguei e fiquei, mas nesses dias já tô parano também 🤔]. Eu pretendo montar um negócio pra mim e <i>sair dessa vida</i> .	JO
257	<i>Na parada</i>	LO.	CUL / FRU	(J): Tô com cinco anos <i>na parada</i> . [Antes trabalhava em loja de calçado. Era até bom, mas me <i>botaram pra fora</i> 🤔 🤔].	JO
258	<i>Botar para fora</i>	LO.	RAI / TRI	(J): Tô com cinco anos <i>na parada</i> . [Antes trabalhava em loja de calçado. Era até bom, mas me <i>botaram pra fora</i> 🤔 🤔].	JO
259	<i>Porra!</i>	FO.	CUL / FRU	(J): [...] [Um amigo meu que é também me estimulou. <i>Porra, véi!</i> Eu não queria não, mas aí até hoje 🤔].	JO

C. REFLITA SE SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL REALIZA VOCÊ COMO SUJEITO E SE ASSUME PERANTE A SOCIEDADE

Tabela 17 – Fraseologismos do tópico 3

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
260	<i>¡Guácala!</i>	FO.	NOJ / REJ	(P): [<i>Sí, ¡guácala!</i> ☹️] pero, o sea 🖐 por ejemplo, [yo me cuido mucho ☹️]. Me cuido en todos los sentidos. Si le voy a dar un beso a un cliente, ya después me voy cepillando, listerine 🖐 Me baño, todo lo que sea posible, [<i>porque SÍ ME DA ASCO</i> ☹️], [<i>mas cuando no te gusta una persona ¿sabes?</i> ☹️☹️].	PE
261	<i>De eso nada</i>	FO.	MED	(V): De mi familia sabe. Cuando llegué aquí, tuve que contar. Mi madre sabe, mis hermanas, sí, [<i>mi padre no ha sabido, mi padre no ha sabido: de eso nada, NUNCA, JAMÁS</i> ☹️].	VI
262	<i>Pelo amor de Deus</i>	FO.	VER / RES	(V): [...] Bueno, mi madre 🖐 es una madre muy buena, es mi amiga y 🖐 [<i>no le ha gustado, claro, con mi madre, no</i> ☹️]. [<i>Pero, bueno, dijo: Pelo amor de Deus, hija, busca otra cosa, otro trabajo</i> ☹️]. No más, no ☹️.	VI
263	<i>¡Qué va!</i>	FO.	VER / TRI / RES	(V): NO ☹️. (E): ¿No? (V): [<i>No, no me siento realizada, NO</i> 🖐]. <i>¡Qué va!</i> ☹️.	VI
264	<i>Vida de prostituta</i>	CO.	CUL / RES	(V): Solo habrá a alguien que le gusta eso, porque yo mismo no. [<i>Yo vi de mujeres que le gusta eso, QUE LE GUSTA, porque tienen vida de prostituta</i> ☹️].	VI
265	<i>Como que no</i>	FO.	TRI / NOJ	(V): [<i>Pero decir: disfruto eso, que quiero, que me gusta, como que no</i> ☹️]. Por un tiempo, no más ☹️.	VI
266	<i>¡Claro!</i>	FO.	RES	(V): <i>¡Claro!</i> ☹️. Sí hay que dar un tiempo, porque [<i>llega un momento que tú no quieres saber de esto para nada</i> ☹️] [<i>¡Ay, no! ¡qué asco!</i> ☹️].	VI
267	<i>Para nada</i>	FO.	NOJ / REJ	(V): <i>¡Claro!</i> ☹️. Sí hay que dar un tiempo, porque [<i>llega un momento que tú no quieres saber de esto para nada</i> ☹️] [<i>¡Ay, no! ¡qué asco!</i> ☹️].	VI
268	<i>¡Ay, no!</i>	FO.	NOJ / TRI	(V): <i>¡Claro!</i> ☹️. Sí hay que dar un tiempo, porque [<i>llega un momento que tú no quieres saber de esto para nada</i> ☹️] [<i>¡Ay, no! ¡qué asco!</i> ☹️].	VI
269	<i>¡Qué asco!</i>	FO.	NOJ	(V): <i>¡Claro!</i> ☹️. Sí hay que dar un	VI

				tempo, porque [llega un momento que tú no quieres saber de esto para nada 🤔] [¡Ay, no! ¡qué asco! 🤢].	
270	(Hacer) con amor	LO.	CUL / FRU	(V): 😞 No es una cosa que haces por placer. [Hay profesiones que sí, que si te gustan las haces con amor 😞]. [YO NO. YO ESTOY HACIENDO POR DINERO 🤢]. ¿entiendes? [Por dinero, pero busco hacerlo bien 😞 🤢].	VI
271	Ser (muy) fuerte	LO.	NOJ / TRI / RAI / CUL / RES	(O): [...] [trabajas con tu cuerpo. Es muy fuerte 😞]. [No estás trabajando con una machota, no estás trabajando con algo que se te pueda romper, no, es tu cuerpo y bueno, imagínate, que tu cuerpo está siendo manipulado por alguien o algo que no te gusta, que no te atrae, que no sientes nada 🤢, que no... 😞 QUE NO HAY NADA ⬅️ 😞]. Solo hay un par de palabras y unos besos y ya.	OM
272	Dinero fácil	CO.	ALI / ORG / CUL	(O): [...] [tú no sabes si estás triste porque no estás triste , tú no sabes si lo estás disfrutando, porque no lo estás disfrutando 😞] y entonces no sabes, estás como vacío, ¿me entiendes?. [Al final, tú dices por fin acabó y estás tranquilo porque tienes dinero fácil 🤢 😞].	OM
273	¡Qué vergüenza!	FO.	VER	(E): ¿De tu círculo de amigos, de familia saben de lo tuyo? (O): [Nadie 🤔. ¡Qué vergüenza! 😞].	OM
274	Eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém	FO.	ORG	(C): 😞 [Tá bom, dá um dinheiro, eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém 😞]. Tenho segurança nesse aspecto.	CO
275	Tem como não	FO.	RAI / VER / MED	(E): Você se assume perante a sociedade? A sua família sabe o que você faz? (C): [NÃO, tem como não 🤔🤔].	CO
276	Já pensou?	FO.	VER	(C): [...] [Minha família não sabe o que eu faço. Alguns pensam que eu trabalho no serviço de telemarketing. Já pensou? 😞😞].	CO
277	Ter peito	LO.	CUL / VER	(C): Não falo, não é por não ter peito , sabe? 😞 [De chegar e dizer, olha, eu faço esse tipo de serviço 🤢].	CO
278	Por poupar	LO.	VER	(C): [...] [De chegar e dizer, olha, eu faço esse tipo de serviço 🤢]. Mas simplesmente é por poupar porque várias pessoas da minha família [JAMAIS ACEITARIAM ISSO, JAMAIS 🤔😞😞].	CO

279	<i>De forma alguma</i>	FO.	VER / REJ / MED	(C): [...] [<i>eu acho que não, não aceitariam de forma alguma</i> isso 🙄]. Eu vivo camufladamente, no silêncio 🗣️😞😞].	CO
280	<i>Exato!</i>	FO.	TRI	(E): Vive na clandestinidade? (C): <i>Exato!</i> 😊	CO
281	<i>Poxa!</i>	FO.	RES	(J): [<i>Poxa!</i> , eu me sinto bem, porque a gente não fica muito pensando. Eu aceito de boa, ta entendeno? 😊].	JO
282	<i>De boa</i>	LO.	RES	(J): [<i>Poxa!</i> , eu me sinto bem, porque a gente não fica muito pensando. Eu aceito de boa, ta entendeno? 😊].	JO
283	<i>É foda!</i>	FO.	NOJ / RAI	(J): [...] Cada um tem seus tesão, suas coisa. [Uns querem que eu mije na boca, outros querem bosta na boca. <i>É foda!</i> , mano 🤢 😞]. [<i>É muita história!</i> 😞].	JO
284	<i>É muita história!</i>	FO.	RAI / NOJ / RES	(J): Cada um tem seus tesão, suas coisa. [Uns querem que eu mije na boca, outros querem bosta na boca. <i>É foda!</i> , mano 🤢 😞]. [<i>É muita história!</i> 😞].	JO
285	<i>Fazer essas coisas / essas paradas</i>	CO.	VER / ORG	(J): [...] [<i>Já gozei doze vezes. Foi no período quando comecei essas paradas</i> 😞]. Foi no rolê da noite para amanhecer. [<i>Foi no início quando comecei a fazer essas coisas</i> 😞].	JO
286	<i>Graças a Deus</i>	LO.	IND / VER	(J): [<i>Graças a Deus</i> , NÃO, (fica muito sério) 😞]. [Eu tenho amigos que sabe, um amigo e uma amiga, mas ele me apoia 🤝].	JO

Fonte: elaboração própria do autor

D. COMENTE COMO SEU CÍRCULO DE RELAÇÕES SOCIAIS E A SOCIEDADE, EM GERAL, ENXERGA A PROSTITUIÇÃO

Tabela 18 – Fraseologismos do tópico 4

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
287	<i>¿Qué cosas!</i>	FO.	REJ / VER	(E): Entonces para ellos sería lo peor. (P): [<i>Sí, ¿qué cosas! ¿no?</i> 😞 🗣️].	PE
288	<i>Trabajar de esto</i>	CO.	VER	(P): [...] Aunque no te creas, yo acá conozco infinidad de venezolanos, he conocido demasiados venezolanos que también <i>trabajan de esto</i> , colombianos, más que todo colombianos, brasileños también.	PE
289	<i>¿Estás loco?</i>	FO.	VER / MED	(E): ¿De tu círculo de amigos, de familia saben lo tuyo? (O): Nadie 🙄 <i>¿estás loco?</i> 😞😞].	OM
290	<i>(No) dar la gana (a alguien)</i>	LO.	IND / VER	(O): [<i>Yo creo que es porque yo no quiero decirlo, no me da la gana ¿me entiendes?, no, porque no es problema</i>	OM

				<i>de nadie</i> 🤔🤔].	
291	<i>Sacar plata</i>	CO.	ORG / ALE	(O): [...] [<i>búscate un viejito y le sacas plata</i> 🤔, <i>¡marica, qué estás haciendo con tu vida!</i> , <i>deja a ese hombre que no tiene dinero y búscate uno rico y cosas así</i> 🤔🤔].	OM
292	<i>¡Marica, qué estás haciendo con tu vida!</i>	FO.	IND / INC	(O): [...] [<i>búscate un viejito y le sacas plata</i> 🤔, <i>¡marica, qué estás haciendo con tu vida!</i> , <i>deja a ese hombre que no tiene dinero y búscate uno rico y cosas así</i> 🤔🤔].	OM
293	<i>Saber lo de (alguien)</i>	LO.	VER	(O): [...] no tengo la necesidad, porque, de hecho, nadie me pregunta qué hago, ni cuánto gano, ni nada, porque ellos saben que yo... [<i>yo creo que todo el mundo sabe lo mío</i> 😊😊].	OM
294	<i>Sacar dinero</i>	CO.	ORG / INC	(O): [...] Sí, porque yo me tomo fotos y yo las subo y yo lo veo normal, entonces estoy viajando mucho 🖱 y <i>saco dinero</i> y es súper raro.	OM
295	<i>Hacerse los locos</i>	LO.	VER / CUL	(O): [...] [<i>Yo creo que todo el mundo sabe</i> 🤔], pero <i>se hacen los locos</i> , igual nadie me pregunta 🤔. [<i>No tengo necesidad de decirlo. No es una cuestión de miedo</i> 🤔].	OM
296	<i>Dar igual</i>	LO.	VER / MED	(O): [...] Cuando se presente la oportunidad, a lo mejor lo haga, pero [<i>me da igual. Es mi vida, yo soy el que está trabajando y yo soy el que está haciendo dinero</i> 🤔].	OM
297	<i>Es mi vida</i>	FO.	ORG	(O): [...] Cuando se presente la oportunidad, a lo mejor lo haga, pero [<i>me da igual. Es mi vida, yo soy el que está trabajando y yo soy el que está haciendo dinero</i> 🤔].	OM
298	<i>Hacer dinero</i>	CO. LO.	ORG	(O): [...] Cuando se presente la oportunidad, a lo mejor lo haga, pero [<i>me da igual. Es mi vida, yo soy el que está trabajando y yo soy el que está haciendo dinero</i> 🤔].	OM
299	<i>É desse jeito!</i>	FO.	REJ	(C): [...] <i>Não adianta dar um play no que foi um off, já</i> 🗣. [<i>Muito dos casamentos, já morreram, só que eles resistem, mas sabem que isso morreu</i> 🤔]. <i>É desse jeito!</i> 🤔	CO
300	<i>Estar pra tudo</i>	LO.	ORG	(C): [...] Às vezes, eu [<i>chego do meu trabalho, das noitadas que eu faço, eu chego meio confusa, porque você sabe, né?</i> 😊😊] [<i>Às vezes tem bebida, tem outras coisas e a gente está lá pra tudo</i> 🤔].	CO
301	<i>Pra caramba</i>	LO.	ORG /	(C): [...] A gente conversa <i>pra caramba</i> . CO	CO

			ALE	Ela conhece a minha família, conhece a minha mãe e para minha surpresa ela se declarou para mim.	
302	<i>Por cima de tudo</i>	LO.	ORG / ALE	(C): [...] [<i>Foi para uma pizzaria, eu já tinha percebido uma coisa estranha, quando chego lá e disse que me aceitava por cima de tudo, e que ela queria estar do meu lado</i> 😊].	CO
303	<i>Estar do lado (de alguém)</i>	LO.	ORG / ALE	(C): [...] [<i>Foi para uma pizzaria, eu já tinha percebido uma coisa estranha, quando chego lá e disse que me aceitava por cima de tudo, e que ela queria estar do meu lado</i> 😊].	CO
304	<i>Sentir saudade</i>	CO.	TRI	(C): [...] [<i>you começa a observar melhor o sorriso. Observar o corpo, sentir até saudade e pra mim é meio confuso até pela minha profissão.</i>]	CO
305	<i>Viver num açougue</i>	LO.	TRI / RES	(C): [...] [<i>Eu vivo num açougue e então, ela para mim é dolly, uma ovelhinha linda, que cada dia está tomando mais meu pensamento</i> 😊].	CO
306	<i>Dar conta</i>	LO.	ORG / ALE	(C): Você acredita que, acho que semana passada, eu atendi um cliente, [<i>ele dá conta</i> 😊] e no momento que ele [<i>estava dentro de mim</i> 🙌] 😊.	CO
307	<i>Pagar as contas</i>	CO.	TRI / RES	(C): [...] Tou vivendo esse período, porque ela é linda, encantadora, ela me 🙌 desconstruiu, mas eu [TENHO MINHAS CONTAS QUE PAGAR 🙌].	CO
308	<i>Cair a ficha</i>	LO.	INC	(J): Hoje TÁ CAINDO MAIS A FICHA , né? 🙌 Mas a turma não aceita e agora até o governo tá querendo, colocar a profissão do sexo, para se aposentar. SEI LÁ! 😊	JO
309	<i>Não dá</i>	FO.	INC	(J): [...] acho que <i>não dá</i> , essa turma só tá <i>metendo papo</i> 🙌 por mim, <i>tanto faz</i> .	JO
310	<i>Meter papo</i>	CO.	RES / DEC	(J): [...] acho que <i>não dá</i> , essa turma só tá <i>metendo papo</i> 🙌 por mim, <i>tanto faz</i> .	JO
311	<i>Tanto faz</i>	LO.	RES	(J): [...] acho que <i>não dá</i> , essa turma só tá <i>metendo papo</i> 🙌 por mim, <i>tanto faz</i> .	JO
312	<i>De jeito nenhum</i>	FO.	IND	(E): Tu faria isso de pagar INSS? (J): [DE JEITO NENHUM , EU? 🙌 😊] minha família não sabe, vou fazer um negócio desse 😊.	JO
313	<i>Pegar amizade</i>	CO.	ORG	(J): Eu me dou bem com cliente, com boy. [<i>É assim, a gente que trabalha na sauna. É muito boy lá, pega amizade</i> 😊].	JO

E. COMENTE QUAL É O PERFIL DOS CLIENTES E QUAIS TIPOS DE VÍNCULOS EMOCIONAIS ESTABELECE COM ELES.

Tabela 19 – Fraseologismos do tópico 5

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
314	<i>Ni de joda</i>	FO.	REJ / VER	(P): [Sí. Yo no podía aceptar eso 😞, o sea, me da <i>asco</i> , ¡guácala! 🤢]. Es lo más loco que me han pedido, y lo aprendí acá, no sabía lo que era eso.	PE
315	<i>Por agradar</i>	LO.	INC	(P): [...] O sea, eso estaba llegando y me llamó: [¿haces scat?, yo no sé qué es scat, y yo dije que sí, dije que sí, pero simplemente por 🙌 <i>por agradar</i> 😊]. [En lo que comienzo a averiguar scat, ¡Dios mío! 🤢 😊]	PE
316	<i>¡Dios mío!</i>	FO.	NOJ	(P): [...] [En lo que comienzo a averiguar scat, ¡Dios mío! 🤢 😊].	PE
317	<i>¡Claro!</i>	FO.	ORG	(E): ¿Y, por ejemplo, con los clientes haces así, creas vínculos, amistad? ¿te has enamorado de algún cliente? (V): [SÍ, ¡CLARO! 😊].	VI
318	<i>Ficar encantado/a</i>	CO.	ORG / ALE	(V): Tuve dos parejas. Yo vivo en Galicia desde que vine a España. A ver, pero vengo aquí cerca a trabajar. Mi primera pareja, estaba trabajando en un club, y ele me vio y <i>ficou encantado</i> conmigo.	VI
319	<i>¡Qué pesado/a!</i>	FO.	RAI	(V): Sí. Estuvimos tres años y entonces fuimos vivir con su madre y la madre era [¡UF! 😞, me humillaba, ¡qué pesada! 😞].	VI
320	<i>¡Qué va!</i>	FO.	ORG	(E): ¿Has creado vínculos emocionales con algún cliente? (O): [El cliente conmigo sí, yo con él nunca, ¡qué va! 😊👍]	OM
321	<i>Trabajo y vida privada no se mezclan</i>	CL.	ORG	(E): ¿Porque tú estás en esa barrera emocional? (O): [Porque <i>trabajo y vida privada no se mezclan</i> 🤝].	OM
322	<i>Aquí se paga todo</i>	CL.	ORG	(O): [Yo voy, estoy el tiempo que el cliente quiera, <i>aquí se paga todo</i> , sería como una compañía 😊].	OM
323	<i>Hacer dinero</i>	LO. CO.	ORG / FRU	(O): [...] [Porque hay mucha gente vieja, sola que te puede contratar 🤝👍], pero si te vas a una gran ciudad, pues no vas a <i>hacer</i> mucho <i>dinero</i> .	OM
324	<i>Tener competencia</i>	CO.	IND / TRI	(O): [...] bueno, sí puedas <i>hacer dinero</i> , pero vas a <i>tener competencia</i> .	OM
325	<i>Começar esse papo</i>	CO.	RAI	(C): [SIM 🤝, sei lá, talvez o meu papel além de prostituta seja psiquiatra ou psicóloga, não é? Então, quando <i>começa esse papo</i> eu já sei onde vai dar, vai ser	CO

				os desabafos, aquela falta de amigos ◀(☹️☹️).	
326	<i>É desse jeito!</i>	FO.	FRU	(C): [...] E é a pergunta que eu faço para isso, [você é casado, se você tem uma relação estável, você tem alguém, por que você procura? (☹️)] Bom, [a resposta que eu ouço é que eles vivem um TEATRO, é desse jeito!]	CO
327	<i>Não estar nem aí</i>	LO.	ORG	(C): Para muitos, sim, para muitos, sim (☹️). [Muitas pessoas não se separam por filhos, por sociedade, sabe? Por dependência econômica, sabe? (☹️)] [Mas eles não estão nem aí , eles gozam loucamente na minha cama (☹️)].	CO
328	<i>Ter para o resto da vida</i>	CL.	ALE / TRI	(C): Não, continua tendo, e [eu quero ter ele para o resto da vida . Tenho um que não consigo me desvincular (☹️)].	CO
329	<i>Ter nojo</i>	CO.	NOJ / REJ	(C): [Tenho nojo 🤢, às vezes muito nojo , sabe? 🤢] Meu beijo é arsênico, [é aquele beijo que encosta só os lábios...]	CO
330	<i>Dar uma chave de perna</i>	LO.	ORG	(C): [...] mas dou uma chave de perna e eles enlouquecem (☹️) (☹️) (☹️). (☹️) Mas com esse cara é diferente, com esse a gente conversa.	CO
331	<i>Nossa!</i>	FO.	MED	(C): [...] [UM PERIGO CONVERSAR COM CLIENTE, Nossa! A gente fala de tanta coisa, ouvimos abafos ▶️(☹️☹️)].	CO
332	<i>Ficar fixo</i>	CO.	VER / ORG	(J): Cara, para falar a verdade , [já teve cliente que me ajudou, a gente ficou fixo , mais de anos (☹️) (☹️)].	JO
333	<i>Pra caralho</i>	LO.	CUL / ORG	(E): E com mulher ficou? (J): Já, pô. Eu fico ▶️. [Curto uma buceta (☹️)] [PRA CARALHO, NA MORAL ▶️ (☹️) (☹️)].	JO
334	<i>Na moral</i>	LO.	CUL / ORG	(E): E com mulher ficou? (J): Já, pô. Eu fico ▶️. [Curto uma buceta (☹️)] [PRA CARALHO, NA MORAL ▶️ (☹️) (☹️)].	JO
335	<i>Rapaz!</i>	FO.	INC / NOJ	(E): Agora, você não ter se apaixonado por cliente? [Tem certeza? (☹️)] (J): RAPAZ! ◀️ ▶️, é difícil, pô ▶️. Boy que diz que tá apaixonado por cliente, é MENTIRA (☹️).	JO
336	<i>Ser uma raça desgraçada</i>	LO.	RAI / VER / DEC	(J): [...] Pa se apegar, nam! (☹️) [Boy é muito esperto, é uma raça desgraçada (☹️)]. Tem boy muito pilantra.	JO
337	<i>Deixar na havaiana (alguém)</i>	LO.	IND	(J): [...] Tem boy ladrão, tem boy que faz pensar que tá apaixonado por você. [Se avexa, ele deixa você na havaiana , come tudo o que você tem (☹️)].	JO

338	<i>Oxe!</i>	FO.	INC / IND	(J): OXE! 🗨️ Tem boy muito safado 🖐️ JO PILANTRA 🗨️.
339	<i>(Ser/estar) de boa</i>	LO.	ORG	(J): [...] [<i>Vai iludindo o cara e se fode. Eu sou de boa. Sou tranquilo. Se fizer amizade, faço, se não fizer, também tou de boa</i> 😏].
340	<i>Trocar uma ideia</i>	LO.	FRU	(J): [<i>Mano, nem vai acreditar</i> 🤔 🗨️]. JO [<i>HOMENS CASADOS</i> 🗨️, <i>homens héteros, casados</i> 🗨️, <i>que tem aquela relação estável e que chegam alguns com muito papo, querendo trocar uma ideia, tá ligado?</i> 🗨️]
341	<i>É foda!</i>	FO.	IND / FRU	(J): [...] [<i>A solidão é foda, véi</i> 🗨️🤔]. JO

Fonte: elaboração própria do autor

F. NARRE SITUAÇÕES DE PRECONCEITO/DISCRIMINAÇÃO OU VIOLÊNCIA POR CONTA DA SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL OU PELO SEU LUGAR DE ORIGEM.

Tabela 20 – Fraseologismos do tópico 6

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
342	<i>Nada de eso</i>	FO.	REJ / ALI	(E): ¿Tú has sufrido, digamos, prejuicio por ser scort? ¿te ha discriminado algún cliente? ¿has tenido alguna situación de violencia, de discriminación? (P): [<i>NO, nada de eso, nada de eso</i> 🗨️].	PE
343	<i>¡Qué absurdo!</i>	FO.	RAI / TRI	(P): [...] [<i>un cliente me dijo: ¿y qué haces aquí? ¿Por qué no te vas a tu país?</i> 🤔 🗨️] Y yo me quedé así [como que: <i>¡qué absurdo!</i> 🤔🗨️].	PE
344	<i>Ser una persona normal</i>	CL.	ORG	(V): Sí, no tanto por mi profesión, solo por ser extranjera. Por el aspecto... Pero, [<i>no me gusta llamar la atención, no hablo alto, voy por la calle y soy una persona normal</i> 🗨️]	VI
345	<i>Mirar mal (a alguien)</i>	LO.	REJ / IND	(V): [...] Te atienden mal por ser extranjera, te <i>miran mal</i> .	VI
346	<i>Trabajar en eso</i>	CO.	CUL	(V): [...] [<i>Hasta mi hija que es una chavalita</i> 🖐️ <i>que nunca ha trabajado en eso, la miran mal</i> 🗨️].	VI
347	<i>¡Qué nada!</i>	FO.	ORG	(V): No, [<i>¡qué nada!</i> a los clientes les gusta las brasileñas 🗨️], a los de aquí a todos.	VI
348	<i>Follar bien</i>	CO.	ORG	(V): No sé 🖐️ [<i>le gustan brasileñas, peitudas, un buen culo, todo durito ¿sabes?, las tetas, el cuerpo en generale, conversa agradable y que follan bien. Le gustan las mujeres calientes ¿sabes?</i> 🗨️].	VI
349	<i>Saber lo (de alguien)</i>	LO.	VER	(E): ¿Has sufrido prejuicio por tu profesión?	OM

				(O): [No, porque nadie lo sabe 🗨️😞🙄].	
350	<i>¡Qué cool!</i>	FO.	ALE	(O): [...] No son todos los americanos así, son algunos, porque había muchos que [halagaban mi color, halagaban de donde era, ¡ay, Venezuela ¡qué cool! 😊].	OM
351	<i>¡Qué asco!</i>	FO.	NOJ	(O): [...] [otros me decían Venezuela, ¡qué asco! ¿qué haces aquí? Devuélvete 😞].	OM
352	<i>¡Maldito!</i>	FO.	RAI / MED	(O): [...] [no follé con esa persona, me denunció, bueno, no me denunció, me quiso decir que me había denunciado 😊 😞], me escribía y me insultaba: [¡ Maldito! , tú tienes que irte a tu país, tus padres se tienen que morir 😊].	OM
353	<i>Se jogar na avenida</i>	LO.	ORG	(C): [...] As pessoas tentam se civilizar na medida do possível, mas a repulsa você sente. Demais, demais, principalmente aqui no Brasil. [Você ter um corpo bom, ser acessível, ter essa cara de se jogar na avenida. Poxa! 😊].	CO
354	<i>Poxa!</i>	FO.	DEC	(C): [...] [Você ter um corpo bom, ser acessível, ter essa cara de se jogar na avenida. Poxa! 😊].	CO
355	<i>Que nojo!</i>	FO.	NOJ	(C): [...] Mas [essa senhora veio carregada em tom de preconceito, é como se fosse: VOCÊ, PUTA, QUE ESTÁ NO LUGAR DA SENHORA 🗨️😞]. [E eu simplesmente diz pro garçom: eu não quero, que nojo! Sabe? 🙄😞].	CO
356	<i>Sair correndo</i>	CO.	MED	(C): [...] Quando eu fui no banheiro, logicamente, eu fechei a porta. No momento de ele entrar, tentou me beijar. Ele perguntou se eu estava casada, solteira. [Aí, eu falei: eu sou prostituta, ái saiu correndo 😊].	CO
357	<i>Na brincadeira</i>	LO.	ALE	(C): [...] Quando eu pedi a conta, [ái o garçom disse assim: quer que eu divida? Eu tava com um cliente, aí ele falou: não precisa]. Aí eu falei na brincadeira , pode dividir por vinte dois. Ele falou: vinte dois, ô, Paraíba!	CO
358	<i>Estar na cara</i>	LO.	IND	(E): Sofreu algum tipo de preconceito pelo que faz? (J): Não, tudo tranquilo. [Ninguém sabe o que eu faço. Tá na cara , não 🙄😞].	JO
359	<i>Tirar onda</i>	LO.	ALE	(J): Mano, a primeira vez que eu vim aqui o pessoal só tava tirando onda . [A gente fala muito visse, visse 😊]. Falam muito, entendeu? Já aí é visse .	JO

4.4.2 FRASEOLOGISMOS DAS NARRATIVAS DE ORIGEM

A. COMENTE QUANTO TEMPO MORA NA CIDADE/PAÍS E QUAIS FORAM AS
MAIORES DIFICULDADES QUE TEVE NA SUA CHEGADA

Tabela 21 – Fraseologismos do tópico 7

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
360	<i>Conseguir los papeles</i>	FO.	FRU / DEC	(P): Qué dificultades... 🤔 🖐️ Ahorita [lo que más me cuesta ¿sabes? que 🖐️ es el trámite de conseguir los papeles 😊]	PE
361	<i>Pasar por encima (de alguien)</i>	LO.	IND / RAI / REJ	(V): El idioma y [las compañeras, ¿sabes? se portan mal 😞]. Sí, a ver... 🖐️ envidiosas, muy mentirosas, sí, no dá para confiar. Pasar por encima de ti, cambian totalmente. Te detonan, sí 😞].	VI
362	<i>Poner mal (a alguien)</i>	LO.	NOJ / RAI	(V): Amistad, sí, 😞 pero no te puedes confiar 🙄. Sí, [son muy hipócritas, las propias compañeras te ponen // te buscan problemas ¿sabes? Te ponen mal 😞 🙄].	VI
363	<i>Estar de ilegal</i>	LO.	DEC	(O): [Lo más complicado es la cuestión de los papeles 🗨️ 😞]. [Tienes que estar de ilegal , pero estoy en el proceso de organizar la situación 🙄 🙄].	OM
364	<i>Por desgracia</i>	LO.	TRI / RES	(O): 😞 La mitad de lo que quería no creo, en esos lugares compras lo que hay, ¿me entiendes? Si tú vas a por leche, puede que no haya. [Entonces, la mayoría de las cosas no hay. Entonces, la mitad de lo que quiere, no creo 😞]. (E): ¿Tú eso lo has vivido? (O): Sí. Por desgracia 🙄.	OM
365	<i>Mentira!</i>	FO.	IND	(C): Chegar aqui em Salvador não foi muito fácil não. Porque chegar em Salvador foi uma coisa para mim, sabe? O baiano tem o estereótipo de [ser uma pessoa muito dada, muito alegre, muito gentil, muito comunitária, mas MENTIRA!, MENTIRA!, Bahia é SOLITÁRIA 🗨️ 🙄 😞].	CO
366	<i>Tá ótimo!</i>	FO.	ALE	(C): [...] Eu conheci, eu tenho até por internet outras pessoas, [tenho clientes que me bancam. Isso é o que eu quero, pelo menos, por enquanto. Se tá dando isso, para mim, tá ótimo! 😊 🙄].	CO
367	<i>Estar muito ligado</i>	LO.	RAI	(E): Teve algumas dificuldades na sua chegada? (J): Cara, a violência. [Muita enrolação. Tem que tar muito ligado 😞].	JO

Fonte: elaboração própria do autor

B. AVALIE OS ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA CIDADE/PAÍS COM RELAÇÃO AO SEU LUGAR DE ORIGEM

Tabela 22 – Fraseologismos do tópico 8

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
368	<i>Faltar (en nada) a alguien</i>	LO.	ALE / OGR	(P): [...] no tengo queja, me ha gustado todo, o sea, es como yo me lo imaginaba. 🖐️ Y que 🖐️ [<i>aquí la gente es como te digo, acá la gente 🖐️ a mí me han tratado con mucho respeto, no me han faltado en nada</i> y ya 😊].	PE
369	<i>Que horror!</i>	FO.	MED	(V): <i>Olha aí</i> , aquí es mucho más seguro. [<i>En Brasil, te asaltan a cualquier momento. Es muy peligroso. En mi ciudad, ni tanto, pero en grandes ciudades, que horror!</i> 😞 😞].	VI
370	<i>Sentir el peligro</i>	CO.	MED	(O): [...] Y aquí esa seguridad que tú puedes andar por la calle, que no te importe nada. [<i>En Estados Unidos es un poco... 🖐️ se siente el peligro</i> 😞].	OM
371	<i>¡Claro que sí!</i>	FO.	ALI	(E): Entonces, ¿tú crees que en Estados Unidos hay más violencia que aquí? (O): <i>¡Claro que sí!</i> 🙏. Aquí me siento más seguro.	OM
372	<i>De la boca para fuera</i>	LO.	IND / RAI	(O): [...] lo auténtica que es la gente, que [<i>no son tan falsos, como por ejemplo un colombiano, que son muy falsos, te pueden amar de la boca para fuera, pero te odian por dentro</i> 🙄 😞].	OM
373	<i>Quemarse el rabo</i>	LO.	NOJ / RAI	(O): De hecho, [<i>todos los latinoamericanos pensamos que entre latinos nos quemamos el rabo</i> 🙄 😞].	OM
374	<i>Dar uma baixa</i>	LO.	TRI / FRU	(C): [...] [<i>De ruim, quando você sai, por exemplo, de um centrão como São Paulo, Rio, BH e você pensa que vai ser cá o mesmo ritmo e não é</i> 😞]. [<i>E não é, Isso dá uma baixa</i> 😞].	CO
375	<i>Estar no beco escuro</i>	LO.	TRI / RES	(C): [...] Aquí você vem com o glamour de estar na Bahia. [<i>E estar na Bahia é simplesmente muitos dias e muitas noites estar no beco escuro. BECO ESCURO</i> 😞 😞]. Para mim, essa é a maior dificuldade.	CO
376	<i>A coisa tá feia</i>	LO.	RAI	(J): Para mim, [<i>a coisa tá feia, pô. Pouco cliente</i> 😞 😞].	JO
377	<i>Fazer minha vida</i>	FO.	ORG	(J): [...] Tem baianos assim, como em todo lugar. [<i>Eu pensei que ia fazer minha vida aqui e que ia ser muito fácil, tá ligado?</i> 😞 😞]	JO
378	<i>Tá ligado?</i>	FO.	RAI	(J): [...] [<i>Eu pensei que ia fazer minha vida aqui e que ia ser muito fácil, tá ligado?</i> 😞 😞]	JO

Fonte: elaboração própria do autor

C. PENSE NA IMAGEM QUE VOCÊ TINHA DA CIDADE/PAÍS ANTES DE VIR MORAR E SE ELA MUDOU AO LONGO DA SUA EXPERIÊNCIA/VIVÊNCIA

Tabela 23 – Fraseologismos do tópico 9

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
379	<i>No dar (para tanto)</i>	FO.	RES / CUL	(V): [...] [<i>Estaba separada, con mis hijas muy pequeñas, llegaba muy tarde por la noche, y el sueldo no daba para tanto</i> 😞 🤔]. Una amiga acabó de llegar aquí y me dijo: ¿quieres venir?	VI
380	<i>¡Claro que sí!</i>	FO.	CUL	(V): [...] Y yo [<i>¡claro que sí! Yo sabía a lo que venía</i> 🤔. Al principio: <i>pero yo como voy a trabajar en eso, si yo no sé</i> 🤔. Ahí dijo ella: <i>es solo hacer la vida loca</i> 😄 😄].	VI
381	<i>Trabajar en eso</i>	CO.	CUL / NOJ	(V): [...] Al principio: <i>pero yo como voy a trabajar en eso, si yo no sé</i> 🤔. Ahí dijo ella: <i>es solo hacer la vida loca</i> 😄 😄].	VI
382	<i>(La) vida loca</i>	CO.	ALE	(V): [...] Al principio: <i>pero yo como voy a trabajar en eso, si yo no sé</i> 🤔. Ahí dijo ella: <i>es solo hacer la vida loca</i> 😄 😄].	VI
383	<i>Salir mal</i>	CO.	RAI / RES	(O): [...] Y por eso, [<i>fui primero a Estados Unidos, yo me fui sin esperar nada y me fue bien hasta que todo salió mal</i> 😞].	OM
384	<i>Ter axé</i>	LO.	ALE	(J): Macho, a minha expectativa antes [de chegar em Salvador é que eu iria transar mais do que a quantidade de igrejas que existem. E que o baiano tem axé .	JO
385	<i>Nada a ver</i>	FO.	DEC	(J): [...] E que o baiano tem axé . Mas, NADA A VER 😞].	JO
386	<i>Graças a Deus</i>	FO.	ALI	(J): [...] [Só vejo violência, enrolação, 🤔 tá difícil combinar motel, 🤔 você vai pega uber, aí não é, só que, graças a Deus , comigo não aconteceu assalto não, mas tem que tar ligado 🤔 😞].	JO
387	<i>Estar ligado</i>	LO.	IND / NOJ	(J): [...] graças a Deus , comigo não aconteceu assalto não, mas tem que tar ligado 🤔 😞].	JO
388	<i>Tu é doido!</i>	FO.	IND	(J): [...] [<i>Esse final de semana, eu tava vendo hoje de manhã foi registrado 24 homicídios, pô! No Estado, tu é doido!, muito roubo, muita morte, tá demais</i> 😞. Recife tá um arraso 😞 😞].	JO
389	<i>Tá demais</i>	FO.	IND / TRI / VER	(J): [...] [<i>Esse final de semana, eu tava vendo hoje de manhã foi registrado 24 homicídios, pô! No Estado, tu é doido!, muito roubo, muita morte, tá demais</i> 😞. Recife tá um arraso 😞 😞].	JO

Fonte: elaboração própria do autor

D. COMENTE QUAIS TIPOS DE RELAÇÕES SOCIAIS TEM NA CIDADE/PAÍS E QUAL É A ORIGEM/PROCEDÊNCIA DELAS

Tabela 24 – Fraseologismos do tópico 10

N.	Fraseologismo	Tipo	Emoção	Contexto	Suj.
390	<i>¡Exacto!</i>	FO.	VER / REJ /	(E): Pero que se dedican a esta profesión. (P): <i>¡Exacto!</i> 🗨️ (E): Entonces tu círculo es de gente de este ámbito, de scort, ¿no? (P): <i>¡Exacto!</i> 🗨️. No todas 😊. <i>Como te digo, [no todas, porque no todas son scort. Pero sí la gran mayoría 😊].</i>	PE
391	<i>Dedicarse a esto</i>	CO.	VER	(V): [No muchos. Solo, las que se dedican a esto. No sé, es difícil tener amistades aquí fuera de ese mundillo 🤔😊].	VI
392	<i>Fuera de ese mundillo</i>	LO.	RES / CUL	(V): [...] No sé, es difícil tener amistades aquí fuera de ese mundillo 🤔😊].	VI
393	<i>Ganhar dinheiro</i>	CO.	RAI/ NOJ	(V): [...] [Algunas se sienten superiores porque ganham mais dinheiro 🤔👤].	VI
394	<i>Fuera de este ambiente</i>	LO.	RES / TRI / CUL	(O): [...] [No conozco mucho de fuera de este ambiente, porque normalmente las personas que no trabajan en esto , no entienden y no comprenden 🤔 que esto es un trabajo 🤔]	OM
395	<i>Trabajar en esto</i>	CO.	CUL	(O): [...] las personas que no trabajan en esto , no entienden y no comprenden 🤔 que esto es un trabajo 🤔] y entonces piensan: [<i>¡qué asco!</i> , ya no te voy a hablar y, de hecho, mucha gente me ha dejado de hablar por eso 🤔😊].	OM
396	<i>¡Qué asco!</i>	FO.	NOJ	(O): [...]no comprenden 🤔 que esto es un trabajo 🤔] y entonces piensan: [<i>¡qué asco!</i> , ya no te voy a hablar y, de hecho, mucha gente me ha dejado de hablar por eso 🤔😊].	OM
397	<i>Dejar de hablar</i>	CO.	IND / RES	(O): [...]no comprenden 🤔 que esto es un trabajo 🤔] y entonces piensan: [<i>¡qué asco!</i> , ya no te voy a hablar y, de hecho, mucha gente me ha dejado de hablar por eso 🤔😊].	OM
398	<i>Não há (outra) escolha</i>	FO.	CUL / RES	(C): [...] [Eu vou continuar na minha profissão enquanto puder para poder ajudá-la 🤔]. Ela representa tudo o que eu quis da minha vida, mas que jamais atingi até hoje 😊. [Então, é por ela que eu deito na posição que você quiser. Não há outra escolha 🤔😊].	CO

Fonte: elaboração própria do autor

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DE DADOS

5.1 PRIMEIRA PERSPECTIVA: FRASEOLOGIA E IDEOLOGIA¹⁴⁹

Nesta primeira seção elaboramos uma análise interpretativa fundamentada nos dados proporcionados pelo roteiro audiovisual aplicado aos cinco sujeitos colaboradores, com o intuito de compreender como estes indivíduos lidavam com as emoções e o papel dessas na conceituação / representação¹⁵⁰ da tríade violência–corpo–sexualidade, partindo do pressuposto de que essas representações são baseadas em matrizes específicas de referência cultural e ideológica.

Para esta fase da análise, escolhemos os fraseologismos emergentes em contexto de produção que apontaram para as diversas formas de entender a tríade proposta. Cumpre lembrar que esta foi escolhida com base ao pressuposto de que o grupo social pesquisado, de certa forma, vivenciaria relações complexas com a violência–corpo–sexualidade, ao carregarem estes indivíduos, via de regra, o estigma emocional de um corpo sexualmente violentado.

5.1.1 A VIOLÊNCIA

A violência é um fenômeno social complexo que compromete o direito fundamental à vida, à liberdade e à dignidade humana. Nesse sentido, é uma noção polissêmica, já que apresenta diversos sentidos a partir do seu contexto formador no tocante ao individual, social e cultural.

Sabe-se que o sistema de valores –adotado por cada sujeito que é, por sua vez, influenciado pelas matrizes de referência social e ideológica– condiciona o nível de tolerância de cada indivíduo para com a violência. Sendo assim, esta diz respeito a questões de natureza sociocultural e ideológica.

Charlot (2002) sublinha que a violência enfatiza o uso da força, do poder ou da dominação e que, de certa maneira, toda agressão é violenta na medida em que usa a

¹⁴⁹ Na nossa perspectiva, *ideologia* é um conjunto de ideias e/ou representações que contribuem para a manutenção das estruturas sociais. Sob um olhar mais crítico, afirmamos que ela se conforma de um construto de ideias dominantes que visam inculcar diversas crenças criadas por uma classe hegemônica com o fim de manter o *status quo* e a suposta legitimidade nas relações de poder.

¹⁵⁰ Entendemos como *representação* o conjunto de opiniões, conceituações ou crenças próprias do imaginário coletivo de uma cultura ou grupo social. Fundamentamos nossa concepção nas contribuições para a psicologia social do autor romeno Serge Moscovici (1978). Segundo este psicólogo, as representações sociais são modalidades de conhecimento particular que circulam no dia-a-dia, criando informações e nos familiarizando com o estranho de acordo com categorias de nossa cultura, por meio da ancoragem e da objetivação. *Ancoragem* é o processo de assimilação de novas informações a um conteúdo cognitivo-emocional pré-existente, enquanto a *objetivação* é a transformação de um conceito abstrato em algo tangível.

força. Já Santos (2004 *apud* Salcedo, 2020) destaca que as diferentes formas existentes podem ser explicadas sob um ato de excesso no exercício de cada relação de poder inerente às relações sociais.

Em trabalhos anteriores defendemos que:

[...] as formas de violência vão muito além das simples agressões, uma vez que ela é um fenômeno complexo que envolve aspectos sociais, individuais, culturais e econômicos. Por isso, sendo justos, devemos ir muito mais além das implicações que a violência carrega a fim de que nos permitamos, pelo menos, não reduzir este conceito apenas ao mundo da delinquência (SALCEDO, 2020, p. 70).

De acordo com essa ótica, entendemos que, em ocasiões, a violência não é tão perceptível, se origina de forma sutil, quando aplicada na vítima um tipo de agressão de índole simbólica. Nesse sentido, cabe destacar o trabalho de Baptista (2018), no qual são analisados três eventos que se vinculam em torno da noção fúria como elemento articulador. A terceira cena dessa proposta retrata a raiva de um cidadão norte-americano desatada em um aeroporto de seu país para com outro da mesma nacionalidade, porém de origem porto-riquenha. A violência simbólica que o norte-americano exerce sobre o outro diz respeito ao uso da língua espanhola em território estadunidense. Diante de tal cenário, a autora defende que a língua pode funcionar como um elemento opressor para os sujeitos, isto é, “a língua que se soma, portanto, pode ser vista como problema” (BAPTISTA, 2018, p.121).

Após realizadas estas poucas reflexões, sem mais outras dilações e pelas próprias razões que nos traz esta seção, partimos para as análises. Antes de mais nada, é necessário lembrar que os sujeitos colaboradores foram expostos a um material fotográfico e audiovisual que continha elementos concretos de violência, a fim de levantar os fraseologismos emergentes e a representação que esses indivíduos, cada um com suas especificidades, constroem desses eventos violentos –principalmente, as fotos 4 e 7 e os vídeos 1 e 3 do roteiro audiovisual aplicado em forma de entrevista semiestruturada.

5.1.1.1 A naturalização da violência como evento recorrente e inevitável

A naturalização da violência dilucida a perda de sentido da própria noção de ser humano. Ações como a violência doméstica ou a delinquência, dentre muitas outras, chegam a se banalizar e justificar até o ponto de ser tal fato tão cotidiano e corriqueiro que nem sequer estas são questionadas ou percebidas.

A título de exemplo, só basta observar as letras de algumas músicas onde se evidencia uma apologia de diversas formas existentes, tais como: que tiro foi esse (Jojo Toddyinho); metralhadora (Banda Vingadora); tudo nosso, nada deles (Igor Kanário); surubinha de leve (Mc Diguinho), entre outras.

No nosso corpus a locução espanhola *dar igual*, assim como as brasileiras *levantar a cabeça* ou *passar a maquiagem* revelam formas linguísticas que materializam a aceitação da violência como fenômeno social. Concretamente, estes fraseologismos aparecem com relação às agressões contra a mulher.

Nos encontros, Pecho desvelou com certa vergonha que uma amiga sofria ataques por parte do seu namorado – “(P): [*la golpeaba y siempre la dejaba así* 😊 😊]” – manifestando com raiva e certa tristeza que a sua pretensão era que ela abrisse os olhos, porém a moça era presa do seu próprio agressor.

(P): Nada, yo hablaba con ella, pero... 😊 [*sabes que las mujeres cuando están en un punto, enamoradas, no sé si decir enamoradas, ellas no ven otra cosa, si no lo que les conviene y yo hablaba con ella y a ella le da igual* 😊].

Dar no mesmo / tanto faz pode chegar a fazer parte da fraseologia recorrente em mulheres espancadas por seus maridos ao normalizarem ou naturalizarem esses eventos violentos. Defendemos que a fraseologia nesses contextos pode apontar para questões emocionais marcantes como a vergonha ou o medo de se expor como vítima e/ou delatar o agressor.

No que tange às unidades fraseológicas: *levantar a cabeça* ou *passar a maquiagem* é diferente, já que provêm de um relato em primeira pessoa, marcado pelo lugar de fala de prostituta agredida. Imersa na tristeza, Coxa, em voz baixinha e com a interrupção de dois silêncios, desvela que foi vítima de violência e que nas suas vivências como profissional do sexo as agressões ocorrem costumeiramente. Daí que assuma, lide e disfarce a situação com certo orgulho, erguendo a cabeça e passando maquiagem – “(C): assim tem que ser, se não fosse por nós quem vai ser?” –, asseverou a garota de programa.

(C): [*Já apanhei várias vezes* 🗣️] 😊 Várias vezes. Eu já não recebi pagamento. Já tive hematomas. É muito *triste* ver essa imagem, mas nesse mundo é como se fosse uma vida de um jornalista diante de uma manchete, é um cotidiano 😊. Já aconteceu comigo, mas [*levanta a cabeça e noutro dia a gente está pronta para a guerra e a luta do dia*].

a dia 😊] [...] agora, a outra que você mostrou antes, que [eu poderia me machucar, essa eu já **passo a minha maquiagem** sabendo que pode acontecer 😊😊].

Contudo, sabe-se que essa violência não é patrimônio exclusivo da mulher. Cientes de que há grupos mais vulneráveis do que outros, na sua materialização não há gênero, nem idade, nem opção sexual. Sendo assim, Ombligo, profissional que aspira a uma mudança de sexo, relatou com tristeza, raiva e culpa ter permitido as agressões dentro do casal. Ao ser enfrentado com a representação da violência doméstica por meio da fotografia que mostra um homem batendo numa mulher, este se identificou nitidamente com a vítima e afirmou:

(O): [He sido ella **¡qué horrible!** 😞 🗣️] [...] Me da como **rabia**, porque nadie debería permitir que eso pase y me da **rabia** porque yo estuve ahí, porque yo quise estar ahí y creo que cada quien y **cada historia es distinta**, pero siempre tenemos la **culpa**. [Ella tiene la **culpa de estar ahí** 🙄👊].

(E): ¿Y tú te sientes culpable por haber estado en esa situación?

(O): [Claro que sí 😞👊 🗣️].

À diferença da amiga de Pecho e de Coxa, Ombligo assevera que superou a naturalização da violência, pois não é aceitável admitir os maus tratos no casal, sendo responsabilidade da vítima dar um basta. As fórmulas do espanhol **¡qué horrible!** e **claro que sí** materializam a sua convicção. A primeira é a manifestação linguística de uma complexa teia de aranha emocional que vai da raiva até a culpa, passando pelo medo e a vergonha. A segunda reflete a assunção de culpa, visto que o erro é admitido, pelo que cumpre suspeitar que o sujeito está no caminho da recuperação/reposição emocional, podendo manifestar abertamente as suas inquietações e vivências no tocante à violência doméstica.

Assim, podemos notar uma compreensão holística do fenômeno violento, reforçado pelo clichê **cada historia es distinta**. De qualquer forma, Ombligo reconheceu que as relações de força / poder influenciam notavelmente na execução da mesma quando o prostituto sublinhou com certa tristeza: – “(O): esto se ve solamente cuando el hombre es como el soporte y la mujer necesita ese tipo de apoyo, pasa este tipo de cosas. [Es una relación de poder que tiene él y ella no 😞 😊].”

Por sua vez, Joelho, no seu lugar de fala como homem “heterossexual” e ao ser enfrentado com a representação da violência doméstica, a sua primeira reação é de profunda raiva e aparentemente de não naturalização como a fórmula brasileira: **covardia!**, destacando que não é assumível, pois – “(J): na maioria dessas agressões de

homem para com a mulher. [*O homem tem mais força, pô* 🗨️]” – sustentou o scort com firmeza, se servindo de uma frase clichê.

Ao ser a violência um evento social complexo que compromete o direito fundamental à vida, como comentado, a prudência, a covardia ou a conivência é a sua maior aliada. É um fenômeno que tenta se evitar, talvez pelo medo que ocasiona. Segundo Pinto & Dunker (2010, p. 53), esta emoção “é um estado de prontidão para o ataque ou fuga”. Sendo assim, o sujeito deve escolher entre fugir, se possível, ou atacar, se valendo da raiva para minimizar esse medo ocasionado pela coação.

Assim, no corpus pudemos observar dois clichês –*lo más importante es la vida / la vida no vale nada*– que sutilmente reforçam a ideia de que a violência é consubstancial ao ser humano. Virilha relatou com medo que quando foi assaltada pensou nas palavras da sua mãe:

(V): [*ái fez assim, aqui ó!, fez assim: dame el dinero, dame el dinero que es un asalto* 😊]. [*Lembrei da minha mãe que dizia: se pasa eso entrega todo, entrega todo, lo más importante es la vida vuestra* 😊👋 y así pasó 😊].

Nessa mesma linha de pensamento, Joelho, ao ser perguntado se sofreu assalto alguma vez na vida, respondeu firmemente: –“(J): Já. Quem não? [*Melhor coisa é não reagir, pô. Se reagir, está fodido* 🗨️]”.

Curiosamente, os dois brasileiros estão imersos nesse discurso culturalmente construído de: “se for assaltado, não reaja”. Dados os índices de violência, a melhor coisa é não reagir, entregar tudo, visto que a vida não tem preço, vale mais do que qualquer outra coisa.

Já Ombligo, na sua percepção como venezuelano, garantiu que no seu país a vida não vale nada.

(O): [*Sí, en Venezuela, no tienen miedo de las leyes. La vida no vale nada* 🗨️]. [...] Por ejemplo, [*si alguien te va a robar, dales todo lo que tengas y ya. Si tú ves la oportunidad de pelear, pues pelea y ya* 🗨️].

Nesse sentido, podemos observar como a violência está relacionada com a própria vida, o valor de esta e a sobrevivência. Esta é o bem a ser resguardado. Os clichês confirmam que a vida é o mais importante e é a que vale. A violência, simplesmente, faz parte das sociedades.

Perguntado se alguém do seu círculo próximo sofreu assalto, Ombligo respondeu que a grande maioria foi vítima, “**(O):** Pero, [no han matado a ninguno. *Gracias a Dios*, están todos vivos 😊]”.

Nesse cenário de resignação perante à violência, é isso: a palavra de ordem / o fraseologismo é *gracias a Dios*, graças a Deus de continuar vivos.

5.1.1.2 A violência legitimada, “*não necessariamente legítima*”

Entendemos como violência legitimada àquela que dizima a capacidade e liberdade do indivíduo, ao impor visões e ações como camisa de força, impedindo ao sujeito agir e pensar de forma diferente. Fazem parte desta noção todos aqueles discursos cristalizados e hegemônicos que exercem o poder contra o ser humano e os grupos sociais. Num sentido mais concreto é aquela força que qualquer Estado emprega, a fim de garantir o controle social.

Sem a pretensão de generalizar, nem justificar, a delinquência pode ser vista como aquela que se revela nas ações fora da lei socialmente reconhecida. A análise deste tipo de eventos, às vezes, precisa do entendimento da violência legitimada, que não só confronta os indivíduos uns com os outros, mas também os corrompe e os impulsiona ao delito. A desigualdade, a alienação do trabalho, o menosprezo de valores e normas em função do lucro, o desrespeito aos diversos grupos sociais, o machismo e/ou o culto à força são alguns dos detonantes que contribuem para a expansão da delinquência nas nossas sociedades.

Ao serem expostos ao primeiro vídeo que mostra um ladrão com arma de fogo que rouba a moto de um cidadão e, à vista disso, é atingido com um tiro por um policial à paisana, os sujeitos colaboradores são obrigados a se posicionar, de certa forma. Dito de outro modo, devem legitimar ou não a ação das forças públicas do Estado, representada, neste caso, pelo policial que atira.

Assim sendo, Pecho não legitimou de forma alguma o poder exercido pela polícia neste contexto, sem justificar a ação do bandido. Para isso, empregou duas estruturas linguísticas *¡guau!* e *¡qué fuerte!*, exibindo o estupor e raiva que esse evento tinha originado nele – “**(P):** [¡Ahhhh! *¡guauuuu!* ¿¿COMO?? 🗣️ 😳 *¡Qué fuerte!* 😡] Lo mató fue un 🖐️ viejito que estaba ahí parado ¿no?”.

Sob esse mesmo prisma, Coxa nos brindou mais duas fórmulas *eita!* e *sei não!* que materializaram, além da sua tristeza, certa raiva com o acontecido no vídeo, chegando a lamentar a morte do ladrão.

(C): *EITA!* 😞 ¿quem foi quem deu noutro?

(E): Um policial que estava à paisana.

(C): [*Matou o bandido!!*] 😞 😞

(E): Exato.

(C): [*Sei não!!*] 😞 😞

Do lado oposto, encontramos os depoimentos e reações de Joelho e Ombligo, ao terem legitimado esse acontecimento violento. Joelho se valeu do fraseologismo *bem feito!*, pronunciado com orgulho, para assinalar que a violência só gera violência e que o bandido infelizmente sofreu a consequência da sua ação – “(J): [*Nunca mais ele vai roubar*] 😊. [*Bem feito! Ninguém tem direito de roubar nada de ninguém*] 🙄 🙄”.

Para Ombligo, influenciado pela matriz ideológica para a construção social e emocional do evento violento que traz da Venezuela, usou as estruturas linguísticas *¡ay, no!, ¡cómo me divierto!, ¡claro!*, com um claro tom sarcástico na primeira e segunda e com uma notável firmeza no uso da terceira. O scort, por meio destas, legitimou o que para ele é considerado normal, comum, portanto, corriqueiro.

(O): ¿Ahhhh, quien lo mató? [*¡Ay, no! ¡Cómo me divierto!*] 😊

(O): *¡Claro!*, es normal, sí. [*En Venezuela eso es normal, te atrapan robando y te matan*] 🙄.

5.1.1.3 A resistência: a raiva contra a violência

A violência também nos convida a atacá-la, uma vez que pode ser combatida de diversas maneiras. Podemos fugir dela, porém outra opção é encará-la. Positivamente, esta propicia que os sujeitos criem formas de resistência e estratégias com o propósito de enfrentar as agressões. Pode ocorrer, assim, uma luta contínua que envolva contestação, mobilização e insubordinação. A resistência é uma forma de violência, não legitimada, ao invés da estrutural, sendo objeto de repressão por parte dos detentores do poder.

Na nossa análise, encontramos os seguintes fraseologismos nessa perspectiva de resistência, tais como, em espanhol: *por nada* ou *estar dispuesto a todo*, enquanto que em português pudemos extrair os seguintes: *foda mesmo!, covardia!, levar vantagem,*

fela da putagem, que absurdo! e porra!, com as suas formas variáveis: *que porra é essa! e isso aí é covardia!*

A primeira fórmula é uma criação idiomática da Virilha, de nacionalidade brasileira, em língua espanhola. Talvez seja uma abreviação da expressão *por nada del mundo* ou uma adaptação da fórmula brasileira *que nada!* De qualquer maneira, o sentido é de negação rotunda, de não aceitação da violência contra a sua pessoa. Questionada se ela aceitaria que um cliente batesse nela, num jogo sexual de sadomasoquismo, ela reagiu firmemente, até negando com a cabeça e o corpo – “(V): [*¿a mí, GOLPERME A MÍ?: NO* 🗣️ 🗣️] [*que a mí no me gusta* ▶▶] [NO 🗣️ 🗣️], (*chuchuchuchu* - nega com a cabeça). **POR NADA**” – confirmou a colaboradora brasileira na pesquisa espanhola.

Nos seus depoimentos, pudemos detectar que Virilha possui um grau de tolerância maior no tocante à delinquência do que aos maus tratos contra a mulher, a diferença de Coxa, a outra participante, que naturaliza, de certo modo, os dois tipos de violência¹⁵¹. Destarte, esta primeira não relatou nenhum evento de violência doméstica na sua existência de 43 anos, ao invés de Coxa ou Ombligo.

Para este último, o medo é atacar ou fugir, transparecendo muita clareza com relação a isso. Coragem é estar disposto a arriscar tudo. Histérico e com pânico, reagiu de forma inesperada quando foi assaltado com arma branca de madrugada, depois de uma noite de farra. O scort afirmou ter pego a faca do assaltante na briga – “(O): [*yo cuando lo agarro, le agarro el brazo y se queda atrapado* 😊 y ahí entre forcejeo y forcejeo nos caímos y el cuchillo fue a dar para allá como en las películas 😊 😊]” – narrou com certo pavor, rindo.

(O): Es que, fue muy raro. Sabes que te apuntan, pero cuando tú estás en esa posición [*tú tienes que tomar dos caminos: o pelear o dejarte que te apuñalen, porque ese tipo de personas no va a ver si te apuñala, ese tipo de personas está dispuesta a todo* y tú tienes que estarlo 🗣️].

Estar dispuesto a todo é um fraseologismo que materializa esses eventos violentos, convidando a seguinte reflexão: na vida em situações de risco extremo o que

¹⁵¹ Tal diferença pode ser determinada pelo contexto situacional dos encontros. Sendo as duas brasileiras, uma fala desde Espanha e a outra desde o Brasil.

prevalece é a colocação: *tudo ou nada*. Em outras palavras, o sujeito é obrigado a escolher, movimentado pelo medo, a atacar ou fugir.

Joelho, por sua vez, recusou tanto a violência contra a mulher quanto a delinquência, fundamentado na desigualdade de condições. No caso da mulher, por ser o sexo fraco e ter normalmente menos força. Na delinquência lamentou que o cidadão não possa reagir em pé de igualdade, já que, via de regra, não se costuma a andar armado. Na sua forma de ver o mundo, tanto o homem quanto o homem armado **levam vantagem** com relação à mulher ou ao homem desarmado.

(J): **Covardia!! Foda mesmo!** 😞. [Covardia por parte do cara que está com arma branca, sacou? ▶▶😞] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, **beleza!** Se entendam🗨]. [**Leva vantagem** por conta de uma arma 😞].

Neste trecho, no nível formal e estrutural, contemplamos até quatro fraseologismos envolvidos, a saber: três fórmulas, sendo duas delas reduções das unidades fraseológicas, **que covardia!** e **estar tudo beleza** e uma colocação verbal, **levar vantagem**.

Tanto **covardia!** como **foda (mesmo)**¹⁵² denotam a raiva e incompreensão manifestada neste sujeito perante os eventos violentos derivados das relações assimétricas de poder. A princípio, o delinquente, ao estar armado, detenta o poder, abusando da vítima. É razoável pensar que acontecimentos injustos e abusivos como estes causem a raiva do boy, pois esta emoção é natural e instintiva, necessária à sobrevivência, cuja função primordial parece ser a resposta adaptativa às ameaças (SOARES, 2015, p.14).

Ademais, Joelho materializa no fraseologismo **beleza** a sua compreensão, aceitação e tolerância das agressões se ocorrem em igualdade de oportunidade, rejeitando as situações de **levar vantagem** de uns sobre outros. Tais contextos de disputas em desigualdade de condições entre os concorrentes é calificado com a fórmula **sacanagem!**¹⁵³ – “(J): [É a mesma coisa de um marginal lhe assaltar, **SACANAGEM, IRMÃO!!** 🗨 🗨😞]” – clarificou nas entrevistas o profissional do sexo.

¹⁵² Redução da forma pluriverbal *ser foda*.

¹⁵³ Podemos entender essa monoverbal como redução da pluriverbal *isso aí é sacanagem!*

Coerente com seu próprio código de valores, o scort usou as fórmulas *covardia!*¹⁵⁴ e *porra!* –noutras formas linguísticas–, ao ter sido confrontado ao vídeo do assassinato da travesti Dandara:

(J): [*QUE PORRA É ESSA! PORRA, MEU IRMÃO!* 🤔🔊] E esses caras foram presos?

(E): Não sei.

(J): [*Isso aí é covardia!!! Covardia, velho!* 🤔🗨️].

A reação de Joelho manifesta o nojo social e a raiva contida contra a injustiça diante a menor capacidade do mais vulnerável se defender. O mesmo sujeito, anteriormente se valeu da primeira fórmula “(J): [*Covardia! Covardia, cara!* 🤔]”, como materialização linguística da raiva ante a foto da violência de gênero.

Da mesma maneira, Coxa rejeitou a morte injusta por espancamento da Dandara, se servindo da fórmula *que absurdo!*, que envolve tantas emoções encontradas nesta garota de programa que nem prefere comentar.

(C): [*Que absurdo!* 🤔🤔. *Já soube dessa notícia* 🤔 *uma sem-vergonhice, viu?* 🤔 *fazer isso com uma pessoa*].

(E): O que achou?

(C): [*Prefiro nem comentar* 🗨️🤔].

Embora conhecesse o vídeo, no momento da exposição ao material audiovisual esta prostituta não achou as palavras para comentar tal violência absurda.

Para finalizar, devemos levar em conta que nem todas as violências são tão explícitas. Existe a violência simbólica, noção criada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1991), conceituada em atos praticados sem esse sentido de agressão física, que se expressa na imposição legítima e dissimulada, através da interiorização da cultura dominante. O dominado não se opõe ao seu opressor, uma vez que ele não se percebe como vítima desse processo, ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável.

A resistência contra essa violência simbólica é difícil de exercer também, pois é um tipo agressão tão sutil que, em ocasiões, passa despercebida, pois está naturalizada nas relações de poder. Joelho, sagaz e vivo, captou diversas nuances deste tipo quando visualizou o vídeo dos mendigos se beijando no Porto da Barra, se valendo da expressão

¹⁵⁴ Manifestada nas suas variantes: *isso aí é covardia!* ou *covardia, velho!*

fela da putagem para exprimir a sua raiva e nojo perante o abuso sutil dos mais desfavorecidos.

(J): [Acho muita *fela da putagem* 😞] a pessoa que se aproveita dos mais oprimidos e uma pessoa bêbada para estimular esse tipo de coisa. É uma falta de respeito para com o outro.

(E): É nojento?

(J): Não, [nojento é os caras que estimulam a fazer isso para o vídeo 🤢].

5.1.1.4 O estreito vínculo do medo com a violência

Uma representação é basicamente um conjunto de percepções vinculadas a uma série de práticas ou eventos sociais. É comum pensar que exista uma relação entre o medo como percepção e a violência como prática. No entanto, a construção dessa relação dependerá dos sentidos, sendo particular e específica para cada contexto e sujeito.

Relacionando estas duas noções medo – violência, observamos no nosso corpus oral diversos fraseologismos manifestados de várias formas. As frases clichês *hay mucho loco, tem muita gente doida no mundo* ou *a gente não sabe com quem deita* revelam as dificuldades que as prostitutas, principalmente, enfrentam na profissão com a violência como pano de fundo.

No seu dia a dia, Virilha relatou explicitamente que vivencia o medo de maneira constante, pois teme o aparecimento na sua casa de algum cliente violento – “(V): [¡Por Dios! 📞] Tengo *miedo*, por ejemplo, en atender por la noche más tarde ¿sabes? [En las madrugadas. Ven alguien que está colocado, *hay mucho loco, que son violentos* 😞]” –. A fórmula *¡por Dios!* abre a primeira reação medrosa que a garota experimentou ao visualizar a foto da violência doméstica. Sem sombra de dúvidas, ela está associando sua profissão ao risco de sofrer algum tipo de agressão na sua condição de mulher, especialmente, nas madrugadas.

O mesmo receio invade a Coxa, quando afirma – “(C): 😞 *A gente não sabe com quem deita*. A gente faz tudo muito bem, pelo menos, acha isso, e que a segurança é o pagamento [Tem muita gente doida no mundo 😞]”. Com efeito, essa apreensão está condicionada pelas características do sujeito. Parece que o lugar de fala de garota de programa é mais propenso a experienciar situações de violência e medo do que os seus parceiros masculinos de profissão.

A unidade fraseológica *Ninguém sabe!* é reveladora da incerteza e dos medos à exposição das trabalhadoras sexuais. A consciência perante o perigo apresenta-se nelas nítida, uma vez que elas próprias consideram que jogam em desvantagem – “(C): eu [estou susceptível a passar uma ótima noite ou a voltar com hematoma, ou quem sabe, voltar com vida. *Ninguém sabe!* 😞😞]” – transmitiu com pesar e pavor Coxa.

Este aspecto não deixa de ser construído emocionalmente. Cumpre lembrar que o medo é mais tolerado socialmente nas mulheres. Nos homens tradicionalmente é um sentimento proibido, dividindo a construção social de que homens e mulheres são diferentes em função do medo. Homem que é homem não tem medo é o clichê aprendido.

Numa fronteira difusa no tocante aos papéis tradicionais de gênero encontramos a Ombligo que, como comentado, pretender realizar mais adiante uma mudança de sexo. Ao ser exposto à representação da violência em forma de delinquência na fotografia sete, o scort, após dar um grito, se valeu da fórmula *¡Dios mío!* pronunciada temerosamente e que identifica suas vivências com eventos violentos – “(O): ¡Ay, *Dios mío!* 😞 [Yo he estado ahí. He sido él 😞 😞]. 😞”, se produzindo um silêncio espantoso posteriormente a tal afirmação. Em certa ocasião, ao visualizar o primeiro vídeo e ver como o policial atira no ladrão, este sujeito reagiu com medo por meio dessa mesma fórmula reduzida *¡Dios!* – “[¡Ahhhh!! ¡Uyyfff! ¡DIOS! 😞 😞]”.

No final das contas, o medo está presente comumente na vida dos profissionais do sexo. A vítima é o elo mais fraco, é aquele que está mais exposto, mais vulnerável. Por meio dos relatos podemos afirmar que o medo é mais verbalizado em Virilha, Coxa e Ombligo, talvez por questões de gênero e apenas “presente” em Pecho e Joelho, se encaixando, desse modo, ambos nos padrões associados à masculinidade.

Na realidade, percebemos em Pecho o medo em duas ocasiões com relação à violência, não sendo manifestada essa emoção em momento nenhum por Joelho. Materializado nas unidades fraseológicas *nada de eso* e *lanzar tiros*, o scort narrou as suas vivências nas periferias de Caracas que –“(P): estaban full de malandros”– e que frequentava quando adolescente para farrear –“rumbear”. Ao ser confrontado à morte do bandido por parte do policial, ele é chamado pelo entrevistador a se manifestar com relação à essa questão, isto é, a execução de uma pessoa. Horrorizado respondeu com a fórmula – “(P): [*Nada de eso* 😞]”– para continuar explanando “(P): [*Tiroteos sí los he presenciado. Varios tiroteos* 🗨️]. En Venezuela”–.

Enfim, Pecho mencionou que felizmente não chegou a visualizar a imagem de um homicídio com arma de fogo, pois nessas situações saía correndo.

(P): No, no, simplemente, es que [comenzaban a **lanzar tiros** al aire, o comenzaban 😊 😊]... veían a otro malandro y comenzaban entre ellos mismos, ¿sabes? Como peleas entre ellos mismos. Y las demás personas alrededores, **salíamos corriendo**.

Por sua vez, Virilha mostrou viver assustada na profissão por ser estrangeira e mulher. Sem ter manifestado explicitamente apenas situações violentas marcantes, talvez pelo tabu que envolve esta questão, ao visualizar o primeiro vídeo, foi perceptível a invasão do medo nela, se abalando e usando até fórmulas da sua língua nativa, o português, como reação inesperada ao evento que estava vivenciando por meio do material audiovisual. A impressão é que ela não é ciente de que usa essas formas linguísticas – **Rapaz! Que horror! mira só!**¹⁵⁵ – que materializam seu medo, permeado por outras emoções como a surpresa ou a tristeza.

A respeito desse primeiro vídeo a menina reagiu num início muito alterada ao assalto da moto por parte do velhaco – “(V): [¡Ahhhh! ¡¡Mira!! AHHH!! ¡¡MIRA SÓ!! ¡¡madre mía!! ¡¡qué horror!! 😊 😊] [¡ASALTO! 📞]” –. Logo a seguir, se acalmou, sem ter uma compreensão clara do que está acontecendo diante dos seus olhos, até que percebeu que alguém matou o ladrão – “(V): Sí, dispara a los bandidos. Mira ahí, eso, [¡!ayyy, no!! ¡Vaya! 😊 😊]” –.

Na verdade, a reação ao terceiro vídeo não é muito diferente, uma vez que este também assustou a Virilha ao ser confrontada com o espancamento da Dandara – “(V): ¡ESO SON TRAFICANTES! **Rapaz! Que horror!** 😊 😊” –. Imersa nas vibrações do medo e da tristeza ao ter sido exposta a eventos violentos, a garota de programa relatou uma experiência violenta em primeira pessoa. Assim, narrou que uma vez depois de um serviço, o cliente que tinha deixado o dinheiro em cima da mesinha não quis pagar:

(V): [de repente, pasó la mano en el dinero y falou assim: lo siento. Y yo falei: ¿COMO? ¿Cómo? Dame el dinheiro, devuéveme, porque es mío. Lo siento, pero no te voy a dar. ¿Sabes? **pasé miedo**, porque el tipo tenía un metro y ochenta y pico y fuerte 😊▶▶].

Nessa situação vivenciada, a garota não só experimentou medo como explanado de maneira explícita, mas também tal evento proporcionou um sentimento de

¹⁵⁵ Variação própria do sujeito com base no fraseologismo brasileiro **olha só!**

insatisfação que feriu seu orgulho como profissional do sexo, levando-a a experimentar uma desvalorização do *self* em forma de humilhação – “(V): [Además yo quedé ¿sabes? me sentí tan mal con aquello, el no quedó contento☹]” –.

Em síntese, o medo, junto com outras emoções, está inter-relacionado à violência. Os fraseologismos: *ninguém sabe!*, *¡por Dios!*, *¡Dios mío!*, *¡Dios!*, *salir corriendo*, *lanzar tiros*, *rapaz!*, *que horror!*, *mira só!*, *¡madre mía!*, *¡qué horror!*, *¡vaya!*, *pasar miedo*, *hay mucho loco*, *tem muita gente doida no mundo* ou *a gente não sabe com quem deita* são materializações fraseológicas da expressão da emoção disfórica medo em profissionais do sexo perante acontecimentos violentos.

5.1.1.5 A tristeza como consequência da violência

Como poderá ser observado, outras emoções podem se aparelhar e manifestar em cenários violentos. O medo é razoável neste tipo de eventos, já que está relacionado com a própria sobrevivência do sujeito nos diversos contextos. Senti-lo é saber reconhecer o perigo, além de situar-se no mundo para preservar a vida.

Na realidade, é de praxe pensar que a tristeza invada os indivíduos nos contextos de violência, pelas consequências que esta acarreta. Esta emoção é uma forma de experimentar certa impotência pelo que talvez poderia ser evitado e/ou evitável. Nesse sentido, Ombligo, permeado igualmente pela culpa, ao ser confrontado com a representação da violência doméstica de um homem batendo numa mulher, expressa uma tristeza incomensurável, com certas nuances de vergonha e raiva, materializada em três fórmulas fraseológicas: *¡ay, no!*, *¡qué horrible!*, *¡claro!*¹⁵⁶

(O): [¡Ay, no! ☹ ◀◀]. Esa sí que *me da mucha pena* ☹.

(E): ¿Por qué?

(O): Porque he estado ahí. [He sido ella ¡qué horrible! ☹ ◀◀].

(E): Digamos, ¿qué te han maltratado?

(O): [¡Claro! ☹ ◀◀], con este tipo de cosas que tú estás haciendo conmigo, cuando afecta a lo emocional, cuando la foto quiere transmitir un mensaje emotivo, uno lo capta de una [...] siento como que: [¡ayyyy! ¿qué pasó? ¿por qué le pegó? ¿Y ella no le hizo nada? ☹ ☹].

A exposição do scort começou com *¡ay, no!* como suspiro / lamento por ter se identificado infelizmente com a fotografia. Logo a seguir, manifestou a tristeza de

¹⁵⁶ Redução/variação da forma plurilexical *claro que sí*.

forma explícita – “(O): Esa sí que *me da mucha pena* 😞” –, colocando-se sem nenhum problema no lugar da vítima que impecavelmente conhece.

Destarte, o fraseologismo *¡qué horrible!* exterioriza todo um leque de emoções encontradas e entrelaçadas, devido à incompreensão que produz no sujeito ter vivenciado e estado nesse lugar. Desse modo, a vítima de violência doméstica pode chegar a experimentar praticamente todas as emoções aqui abordadas como, por exemplo, a vergonha, a tristeza, a culpa, o medo, a raiva e o nojo, dentre outras, podendo ser perfeitamente veiculadas fraseologicamente por meio da unidade fraseológica supracitada.

Por último, a fórmula *¡claro!* nos mostra a tristeza do evento violento continuado, expressão não isenta de certa vergonha. Reconhecer os fatos implica a assunção da sua reponsabilidade como vítima de violência intrafamiliar, com o intuito da superação das marcas físicas e psicológicas deste tipo de agressões.

Como vítima também de violência doméstica, Coxa se valeu da forma linguística *que horror!* para expressar o abalo que os ataques contra a mulher geram na sua lógica emocional – “(C): [*QUE HORROR!* 😞] [*ESSA IMAGEM PARA MIM MEXE, VIU?* 😞]”.

Já Joelho e Pecho, diante desta violência, reagiram ou mostraram raiva – “(J): [*Covardia! Covardia, cara* 😞]; (P): *¡Ufffff!* 😞 Sí, un hombre golpeando a una mujer 🖐 *sí, maltrato* 🗣”.

(E): ¿Te ha pasado algo así?

(P): (mmm - *nega com a cabeça*).

(E): ¿No te han maltratado nunca?

(P): NUNCA 🗣.

Para eles, como homens não vítimas de violência doméstica, o sentimento que esta cena lhes produz é raiva, em vez de tristeza.

No entanto, Pecho também sabe manifestar tristeza quando exposto ao vídeo do espancamento da travesti Dandara, empregando na sua primeira reação dois fraseologismos *¡qué horror!*, *¡qué loco!*

(P): [!!!Ufff!!! *¡qué horror!* 😞 *¡qué loco!* 😞 😞].

(E): *¡¡Qué loco!!* ¿no?

(P): Sí. Sabes, así se han visto en muchos casos ¿sabes? [*La discriminación es fuerte, fuerte, fuerte* 🗣🗣🗣].

Da mesma forma, encontramos outras unidades fraseológicas que exprimem a tristeza dos sujeitos colaboradores diante da agressão absurda que Dandara sofreu e que infelizmente a levou ao óbito, tais como: *meu Deus!, como assim!, ¡marica!, ¡como así!, ¡uy, no!, ¡qué pesar!*

Por sua vez, Virilha reagiu surpreendida e triste ao evento violento mostrado – “(V): [*Meu Deus! Como assim!* 😞😞]” –, garantindo que as transexuais fazem parte de um grupo vulnerável, alvo de diversas violências, já que na sua percepção o gay sofre menos do que estas, pois parece um homem.

(V): [*¡!!Ahh, síii!* 😞]. *¡Ufff!!, tengo amigas transexuales y sufren mucho preconceito, sim. Ajá* 😞😞]. Porque si es gay, sofre, pero sofre menos, parece un hombre, pero los trans no parecen. Es una mujer en su cabeza, pero es un hombre.

No que lhe diz respeito, Ombligo se impressionou talvez por se sentir identificado com a vítima. Por sua cabeça deve passar que o próximo poderia ser ele mesmo se, enfim, leva a cabo a sua mudança de sexo. Materializando a sua tristeza e assombro, com certa dose de medo, o scort nos ofereceu quatro fórmulas linguísticas, carregadas emocionalmente, a saber: *¡marica!, ¡como así!, ¡uy, no!* e *¡qué pesar!*

(O): [*¡Marica! ¡como así!* 😞😞 *¿Eso es una mujer?* 😞😞]

(E): Es transexual.

(O): *¿Y le están pegando porque es trans?* 😞

(E): Sí.

(O): [*¡¡uy, no!! ¡qué pesar!* 😞😞]

(O): [*Me dejaste loco 🖐 me dejaste loco, porque tengo muchas amigas que les ha pasado* ⚡].

Por fim, Virilha, sem pretender generalizar, nem ignominiar a categoria profissional, nos lançou a advertência que a violência pode vir do cliente, mas também do trabalhador sexual, numa forma de desculpar ou minimizar as possíveis violências sofridas na sua profissão. Com tristeza e certa vergonha alheia sustentou – “(V): Mucho cuidado. [*Hay mujeres también, hay mujeres que cogen el dinero de la cartera del cliente. Hay de todo* 😞😞]”.

Exatamente, tomando as suas palavras, a violência é violência e nela *tem de tudo*.

5.1.2 O CORPO

No seu livro, **A sociologia do corpo**, Le Breton (2010) discute alguns aspectos intrínsecos da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, principalmente, como objeto de representação e imaginação. O autor concebe que as práticas sociais quotidianas envolvem o corpo. Apenas a mera atividade de percepção do sujeito que lhe permite ver, ouvir, tocar, cheirar ou provar atribui significados específicos ao seu redor.

Condicionado por sua matriz ideológica e cultural, o indivíduo constrói as suas evidências da relação dele com o mundo por meio do corpo como vetor semântico (LE BRETON, 2010). Este não só dá sentido as atividades num nível perceptivo, mas também auxilia a significar a dimensão emocional.

Cabe evocar que os sujeitos colaboradores foram confrontados a um material fotográfico e audiovisual –principalmente, as fotos 1, 3, 5, 8 e 9 do roteiro audiovisual aplicado em forma de entrevista qualitativa– com temáticas que mostravam a diversidade dos corpos, a saber, a deformidade, a vigorexia, a velhice ou a obesidade, com o intuito de levantar os fraseologismos emergentes e a representação que esses sujeitos colaboradores, cada um com suas especificidades, construam desses corpos.

A interação entre pessoas, os gestos, a linguagem, a aparência, os jogos de sedução, as situações violentas, as técnicas corporais, o sofrimento, a dor e a morte... tudo isso e mais envolve o corpo. A existência é, antes de qualquer coisa, predominantemente corporal.

5.1.2.1 Corpos “aceitos e aceitáveis”

Na sociedade atual, o corpo é o nosso cartão-postal. É a imagem projetada que queremos que os outros tenham de nós. Este faz parte essencial da identidade de cada pessoa. É razoável acreditar que os profissionais do sexo devam explorar essa identidade corpórea.

A pressão social nos exige uma estética definida por padrões de beleza considerados “aconselháveis”, daí que muitos indivíduos pratiquem exercício com o único fim de conseguir um corpo aceitável para a sociedade. O aceito não necessariamente deve ser aceitável e vice-versa.

Esta ditadura do corpo impõe ter e manter um corpo razoável que se adeque as normas de saúde e beleza, determinadas pelas representações criadas em torno ao corpo perfeito e saudável.

Ao serem confrontados a fotografia do bebê deforme, os colaboradores pareciam aceitar tal deformidade, devido a ora um convencionalismo emocional, ora realmente a uma compreensão profunda que permitisse a aceitação desse bebê diferente.

Observamos um sentimento de compaixão generalizado que, de certa forma, desmerece, subestima ou desdenha a condição e o direito à diferença do recém-nascido. Com fraseologismos já construídos socialmente para a situação, os profissionais do sexo nos brindaram com expressões, tais como: *tadinho!*¹⁵⁷, *¡coitada!*, *não dá*, *¡ay, nooo!* Curiosamente, provenientes estas das garotas e do Ombligo.

Com o clichê *cada uno tiene sus cosas*, Virilha quis expressar a sua aparente tolerância com relação às deformidades, sendo que estas são mais aceitáveis quando criança. Cabe lembrar que no caso do adulto de seis dedos, proferiu um –“(V): [*¡Oh! Meu Deus!* 😊 😞]”.

Mãe de duas filhas, a garota de programa sugeriu que essa criança sofreria muito preconceito, já que as suas crias, sem motivo algum e sendo “normais”, as *miran mal*, se sentindo discriminadas, segundo ela.

(V): [*Cada uno tiene sus cosas* 🗣️]. Mis niñas eran muy bonitas. En Galicia hay racismo, las *miran mal*. ... Ella estudia, hace curso, y a veces es discriminada, imagínate esa bebé de mayor [*¡Coitada!* 😊].

Para Coxa, ter um filho diferente é visto como um problema, ainda mais, com a vida atribulada e dissoluta que manifesta ter. Inesperadamente, reagiu com compaixão e certa rejeição materializadas nos fraseologismos: *tadinho! não dá*. Para nossa surpresa, relatou ter uma filha com leucemia, o que pode entrar em contradição com a forma de como esta prostituta lida com a diferença.

(C): *TADINHO!!* Isso, para mim, é uma coisa que sai de tudo [...] Se com a vida que eu levo, eu tivesse um filho assim, [*minha vida se transformaria* 🗣️]. Eu acho isso uma prova de vida, uma mudança, um chamamento 🙌. Imagine você isso na vida que eu tenho. Me deparar com isso, não dá para seguir. [*Não dá...* 😊]. Essa imagem é muito forte. Essa mulher... [*ela admira, ela cuida e tem um ser tão indefeso* 😊]. 🙄

No nosso entendimento, a compaixão com o vulnerável é a forma mais sutil de vitimizar o indivíduo. Já, Ombligo, ao ser conhecedor de que a criança foi abandonada

¹⁵⁷ Redução da forma linguística *coitadinho!*

pelos seus pais biológicos por conta da sua deformidade se valeu da expressão –“(O): [¡Ay, nooo! 😞] 🖐 Entiendo”.

No contraponto, Pecho e Joelho mostraram sua raiva pelo abandono da criança e não transpareceu, em momento algum, tristeza ou compaixão pela deformidade do bebê. Para este último, o amor é o mesmo e deve ser aceito como qualquer um da sua espécie.

(J): QUAL É O PROBLEMA, CARA? O amor é o mesmo. [É um ser vivo, pô 🗣️]. Inclusive uma criança deficiente tem que ter mais cuidados, mais carinho, mais amor, mais atenção.

Contudo, a sua tolerância com o diferente não foi tão clara assim para com os adultos, quando interpelado a se atenderia um cliente com seis dedos, um idoso, uma mulher musculosa ou uma obesa. Os fraseologismos empregados pelo boy em cada caso o delataram e apontaram para a rejeição, a vergonha ou o nojo.

Eita! pronunciado com surpresa e nojo foi usado para o rapaz deforme –“(J): [Eita! 😞 🍑] comigo, particularmente, acho que não rolaria, mas 😊 não acho nojento”.

Não dá é a amostra da rejeição para com o senhor idoso –“(J): [Olha, esse cara tem idade de ser meu bisavó, 😞😞. Não dá. É até uma questão de respeito 😞]”.

–“(J): [RAPAZ!! 😞 «É complicado»]” é a reação ante a possibilidade de ter sexo com a mulher musculosa, pois concebe que esta está fora dos padrões da feminilidade.

Porra! e *Sem condição!* são as fórmulas que dedica com firmeza e clareza à mulher obesa –“(J): [PORRA!, eu mando para sua casa. Sem condição! 🗣️]”.

Talvez como garoto de programa possa escolher e rejeitar clientes de forma mais fácil ou esteja menos familiarizado com a diversidade de corpos possíveis. Bem pelo contrário, as garotas mostraram-se mais complacentes e tolerantes com a variedade de corpos dos clientes. Virilha relatou que já chegou no seu apartamento cliente com uma perna cortada e que ela o atendeu sem maior problema, assim como fez um serviço para um idoso octogenário –“(V): He estado con viejos pero más simpáticos, más agradables. [Es lo que te digo. Con uno de 81, pero no tenía nada que ver con ese 🍑]”.

Para Coxa, a sua profissão tem um claro componente social marcado e deve ser entendida como uma função para a sociedade. Elas sabem como mulheres que essa sociedade espera que estas proporcionem felicidade ao homem e é, assim, que entendem a sua profissão.

(C): Já, já chegaram vários. Uns surdos 🙋 algum cego já atendi. Tive que conduzir, ele chegou no meu lugar por pessoa acompanhando desde o início até o termo que teria que levá-lo. Para mim, isso não é problema. *É engraçado!* No momento que esses clientes chegam até mim, existe uma parte 🙋 caridosa, sabe? [*É quando, de repente, sinto me doando mais, até mais do que o ato sexual* 🙋🙋].

Sem dúvida, Coxa simboliza aquela mulher complacente –ao empregar o fraseologismo *de qualquer jeito*–, muito consistente com a tradicional representação social da prostituta –“(C): Tranquilo, para mim, *de qualquer jeito* 😊. Não importa 🙋 se eu me confrontasse com uma figura assim, eu não teria dúvidas que iria desempenhar meu papel”.

5.1.2.2 *Corpos que causam rejeição*

Na nossa análise, encontramos os seguintes fraseologismos que apontam para a rejeição do corpo, a saber, em português: *porra!, sem condição!, nada a ver!, caralho!, nossa!*¹⁵⁸, *fodeu!, não dá*, em espanhol: *no me queda otra opción, ¡qué horror! ¡por favor!* ou *¡qué situación!*¹⁵⁹, proporcionando todas estas formas linguísticas diversos sentidos.

A olho nu, o corpo que produz um maior grau de rejeição entre os profissionais do sexo é o da mulher obesa. A unidade fraseológica imperante em português é *sem condição!*¹⁶⁰. Perguntada se ela poderia atender um cliente obeso, Coxa respondeu –“(C): Não, não, eu passaria para outra pessoa. [*Sem condições!* 🙋]”. Posteriormente interpelada para explicar os motivos da sua gordofobia, a prostituta alegou com certo nojo social –“(C): Para mim, *não dá*. Já chegaram velhos, até anão, algum discapacitado, mas assim não. Vou te falar, eu tenho uma aversão à gordura. [*Baixo, magrinho, pode ser o que for, mas se for GOORDO, não rola* 🙋]” –. Para a menina é claro, empregando a estrutura *pode ser o que for*, isto é, é capaz de aceitar qualquer tipo de corpo, exceto aquele com gordura excessiva.

Ao visualizar a foto da mulher obesa e ser inquirido pela possibilidade de atender uma cliente assim, Joelho mostrou-se franco e direito –“(J): [*PORRA!, eu*

¹⁵⁸ Redução da forma plurilexical *Nossa Senhora Aparecida!*

¹⁵⁹ Variação própria do sujeito com base no fraseologismo brasileiro *que situação!*

¹⁶⁰ Também encontramos a variante em plural *sem condições!*

mando para sua casa. Sem condição! 🙄]” –. O boy rejeita esse corpo de vez, se valendo também da expressão *porra!*, assim como Coxa deixou claro o seu posicionamento com os fraseologismos *não dá* e *pode ser o que for*.

Sendo assim, acreditamos que estas reações tão veementes e enérgicas mostram o estigma que talvez padeçam os gordos, pois esses corpos fogem do padrão de beleza objetiva imperante nas culturas imagéticas da contemporaneidade. Cabe pensar que sujeitos com obesidade são alvo fácil de preconceito e exclusão social. Conforme Vigarello (2012), os corpos maciços eram entendidos na Idade Média como sinal de boa estirpe e poder. No entanto, essa representação do corpo mudou nos dias de hoje, pois se priorizam os corpos magros e esbeltos e se relacionam os gordos ao aparecimento ou agravamento de doenças como a síndrome metabólica, a diabetes ou a hipertensão.

Na sequência, percebemos que a fotografia da mulher musculosa também causou bastante reprovação. Acreditamos que é porque ela foge do corpo padrão da mulher tradicional que deve ser magro e sarado, mas não bombado. Esta imagem representa um corpo transgressor que questiona os padrões de gênero estabelecidos – “(J): [Vixe!! 😬 **PORRA!! nada a ver!!**, **CARAALHO!** 😬]” um homem todinho 😊 – aduziu Joelho, utilizando até quatro fraseologismos seguidos para concluir rindo que o retrato corresponde a representação completamente da virilidade.

Omblijo, sujeito que transita entre a masculinidade e feminilidade, se surpreendeu ao ser exposto a fotografia e não soube muito bem como lidar com esse possível padrão de corpo para o gênero feminino.

(O): [¡Ay! me confunde 😬]. Porque es un hombre.

(E): No, no es un hombre, es una mujer.

(O): [**PERO ES UN HOMBRE** 🙄].

(E): ¿Por qué?

(O): No sé, por la imagen que tenemos del hombre y la mujer.

Como será discutido mais adiante, o corpo obeso, via de regra, origina certo nojo ou repulsa, enquanto o feminino musculado gera incompreensão e é entendido como uma transgressão à natureza mulheril – (O): **CLARO QUE SÍ**, sí puede, tiene todo el derecho, pero..., 🙄 bueno, en los estándares de belleza mundiales [*esto no está acceptable* 😬 😊]. Está demasiado, es mucho, pero bueno – asseverou Omblijo usando a fórmula *claro que sí* para ir pouco a pouco se autoconvencendo.

Pecho, na sua bissexualidade, salientou que ele até poderia atender uma mulher musculosa, porém uma gorda seria sem condição pelo nojo que nele provocava –“(P): [no me voy a poder empalmar con una persona así 🤢]” –.

O garoto de programa mostrou um maior grau de tolerância com a bombada do que com a obesa. Mesmo assim, também manifestou a sua rejeição à primeira: –“(P): [No me gustan las mujeres así 🤢 🙄]” –. Indagado se atenderia uma cliente musculosa, suspirou profundamente e pouco convincente usou a estrutura **no (me) queda otra opción**, revelando a sua resignação. Se não há outra opção, o rapaz pode até tentar realizar o serviço da melhor forma possível, porém para a gorda não há nenhuma chance.

(P): (¡Ah! - suspira) **no me queda otra opción**. [La atiendo 😊 🙄].

(E): Pero tampoco es tan asqueroso, ¿no?

(P): [No es asqueroso, o sea que, de mis gustos, 🤢] 🙄 mi gusto no es que yo vaya a decidir estar con una persona así. [PERO SI ES DE ATENDERLA, LA TENGO QUE ATENDER 🤢].

Sem sombra de dúvidas, a representação da obesa leva a pior parte, dedicando-lhe principalmente fórmulas, tais como: **¡qué horror!** o **¡vaya!**, o que evidencia a estigmatização do gordo pela horrível estética ou pela provável fraca saúde. Ombligo, após expressar a sua rejeição à gordura com o primeiro fraseologismo, afirmou irónicamente que uma senhora obesa não poderia exercer a profissão –“(O): [Porque se moriría de hambre 😊]” –. À pergunta se considera que a moça está muito gorda, o scort respondeu com uma dose de sarcasmo com a redução da fórmula **claro que sí** –“(O): [¡Claro!, un poco 😊] [yo podría trabajar con ella tranquilamente 😊].

Já Virilha se lamentou supostamente pela saúde da representada na fotografia –“(V): **¡Vaya!**¹⁶¹ una señora que está con problema de salud” – comentou a prostituta com certa tristeza. A outra colaboradora do estudo, Coxa, também pareceu se afligir com a imagem e trouxe à tona uma interessante reflexão que corrobora o grau de estigma que provavelmente padecem as pessoas gordas.

(C): Solidão! É muito **triste** 😊. Solidão porque a gente vive num mundo assim de valores estéticos. **Eu vou te falar**, só aqui e porque é para você, mesmo na minha profissão, eu não **teria condições** de desenvolver. Isso coloca em questão até meu talento.

¹⁶¹ Variação própria do sujeito com base no fraseologismo brasileiro **valha!** Forma reduzida da pluriverbal **valha-me, Deus!**

Coxa está ciente de que vive numa sociedade que prioriza a estética e a imagem, da qual ela faz parte. No seu papel de mulher complacente, reconheceu que não teria condições de desenvolver um ato sexual com uma pessoa obesa. No final das contas, para os trabalhadores sexuais, via de regra, a gordura em excesso é imperdoável, se associando a morbidades várias e a corpos esteticamente deploráveis, em consonância com a maioria dos sujeitos destas matrizes culturais.

Esta representação está reforçada pela ditadura do culto ao corpo, sem esquecer que este é a ferramenta principal do trabalho destes profissionais.

(O): [*No estás trabajando con una machota, no estás trabajando con algo que se te pueda romper, no 🖐 es tu cuerpo y bueno, imagínate, que tu cuerpo está siendo manipulado por alguien o algo que no te gusta, que no te atrae, que no sientes nada 🤢, que no... 😞 QUE NO HAY NADA 🙄*].

Não se deve esquecer que o corpo na prostituição é o sustento, é a mercadoria manipulável. É através dele que se atrai o público, ou seja, é o cartão postal. Este é a melhor publicidade para persuadir os clientes. Por isso, não é de se estranhar que todo trabalhador sexual cuide bem muito do seu bem mais prezado: o corpo.

5.1.2.3 A tristeza dos corpos velhos

Para os corpos velhos, ainda mais aqueles cheios de tatuagens, são dedicadas diversas lindezas que materializam a recusa em forma de unidades fraseológicas: *¡qué situación!, ¡por favor!, fodeu!* ou *não dá*.

Às vezes produz mais tristeza um corpo de idoso do que o de um jovem com alguma deformidade –“(C): [NOSSA! É VERDADE. 😞] [ELE TEM SEIS DEDOS 😞]”–. Não *vejo vantagem* nenhuma.

Sabe-se que a velhice carrega uma série de representações ainda muito arraigadas na contemporaneidade, reforçadas ao longo da história da humanidade. Numa sociedade em que predomina o culto à imagem, se torna um grande desafio lidar com um corpo envelhecido, assim como os estereótipos e rótulos que o imaginário coletivo tem acerca do envelhecimento. Só no campo das colocações em português e espanhol encontramos expressões, tais como: *velho chato, velho safado, velho sovina, velha fofoqueira / viejo verde, vieja alcahueta*.

A cultura ocidental na contemporaneidade constituiu a juventude como um valor e não como o que é: uma etapa da vida. Atualmente, ser idoso é quase uma afronta para sociedade, daí que estes devem ser marginalizados. Cabe lembrar que numa sociedade capitalista, o velho/idoso¹⁶² é improdutivo,

É um peso morto gestor, socialmente marginal, cujos custos, quando não estão alimentando a indústria do turismo para 3ª idade, dos cosméticos ou do body fitness, representam um “peso” muito grande na balança de pagamentos da previdência. (ROSA, 2015, p. 34)

Além de ser considerado um peso morto na nossa cultura simplesmente por sua condição de idoso, o estigma opera quando se lhe nega socialmente vários aspectos relevantes na vida que fazem parte da própria constituição do sujeito. Há quem sofre preconceito na busca de novos projetos ou trabalhos quando o indivíduo está idoso ou perto da velhice e até costuma-se a ser apagada/invisibilizada a sua sexualidade.

Virilha nos quer dar a entender que o estigma da “suposta assexualidade” da velhice é inverdade e que estes não necessariamente devem ser nojentos, privando-lhes da expressão da sua vida sexual por conta da idade como retrata as colocações *velho safado / viejo verde*. A garota afirma que fez um serviço com um cliente de oitenta e um anos –“(V): [Sí, bien limpio, sí y se empalmaba, hombre, ¡claro! 😊]”–.

Por sua vez, Ombligo rejeitou com a ironia que o caracteriza um corpo velho tatuado como o apresentado, valendo-se com resignação da expressão *¡Nada!*, imprimindo-lhe um sentido que está mais para o fraseologismo *hacer o quê* do que *sem problemas* –“(O): [¡Nada!, lo atiendo y ya 😊]”–.

Parece que os profissionais masculinos refusam mais os corpos envelhecidos do que as suas colegas de profissão. Talvez imersos nesse culto ao corpo, estes manifestam mais abertamente certa tristeza e raiva com relação à idade. Pecho já conta com seus 27 anos. Mesmo assim, dá a impressão de que cliente de mais de 35 anos de idade já é na sua cabeça um velho.

O scort se lamentou de não poder atender a garotos de vinte e poucos anos de idade e os sessenta anos, para ele, é a expressão da mais pura senilidade –“(P): ¡Uffff!,

¹⁶² Cabe ressaltar uma diferenciação entre os dois termos. Entendemos por velho aquela pessoa que perdeu a jovialidade e/ou a vitalidade em qualquer época da vida, enquanto idoso é simplesmente aquele sujeito que possui muitos anos, conforme a representação social da velhice do sujeito nessa cultura e época. Não necessariamente um velho é idoso, nem vice-versa.

🤔 un ancianito así 🖐 no sé 🤔. No me ha tocado todavía” –. Inquirido para comentar qual é o perfil de cliente, percebemos a tristeza nele, temperada com certa raiva.

(P): De todo tipo, el más viejo uno de como de 60 años, 70 años, y el más joven fue como uno de 18 😊.

(E): ¿Y te vienen bastantes jóvenes?

(P): Más que todo, mira, [*si te soy sincero, me vienen personas como de 35 a 50, así es lo que más, más me llega. De 20 a 25 no me llega* 🤔].

Com relação ao cliente não mostrou convencimento, quiçá devido ao preconceito que desvendou sutilmente no tocante à idade –“(P): Sería bien que me contara cada historia de su tatuaje, pero de atenderlo 🤔 😬”.

É obvio que a percepção da idade nos sujeitos é um processo em contínua mudança, conforme vão se completando anos. Dentro da sua concepção tradicional, Joelho, aos seus 34 anos de idade, se mostrou mais ciente do passar do tempo, rejeitando, assim, as tautagens com a estrutura **Fodeu!** –“(J): Isso aí é reflexo da juventude. [*Se tatua mais jovem, a velhice chegou e a tatuagem não sai. Fodeu!* 😬]”.

Como Pecho, Joelho rejeita a possibilidade de atender o idoso, valendo-se do fraseologismo **não dá** –“(J): [*Olha, esse cara tem idade de ser meu bisavô, 🤔 😬. Não dá. É até uma questão de respeito 😊*]” – aludindo à idade como barreira para desenvolver um ato sexual. Representado com uma dose de certa ironia com o termo bisavô, o scort nega a condição sexual do senhor da fotografia. Posteriormente, retifica, utilizando a expressão **ter pique**, a fim de não generalizar –“(J): Cara, tem muito idoso que tem um corpo massa, sarado e que se cuida, mas tem que **ter pique**, né?”.

Entendemos que o que está por trás disso tudo é uma representação triste –por não dizer lamentável– da velhice vinculada à assexualidade, funcionando como traço homogeneizador da população idosa, perpetuando, assim, um estigma depreciativo de caráter totalizador. Dito de outro modo, a sexualidade para os velhos/idosos é social e culturalmente, de certa forma, proibida e desaprovada.

Risman (2005) afirma que as diversas crenças acerca da assexualidade do velho/idoso foram construídas ao longo da Idade Média, sob a ideia de que com o envelhecimento o apetite sexual desaparece e se o houver, as práticas sexuais são insatisfatórias pelas dificuldades oriundas da idade. O sexo no último trecho da vida, portanto, é algo perverso, abjeto e condenável.

Nesse sentido, a curiosa fábula sarcástica “el origen de los ancianos” do escritor hondurenho Augusto Monterroso (1969, p. 93) sustenta essa percepção:

Um garoto de cinco anos explicou na outra tarde a um de quatro que entre muitos deles a pureza sexual mais rigorosa é mantida e eles nem se tocam porque sabem ou acreditam saber que, por acaso, são negligenciados, se deixando levar pela paixão típica da idade e copulam, o fruto inevitável dessa união contra a natureza é infalivelmente um homem velho ou uma mulher velha; que assim se diz que os idosos que vemos nas ruas nasceram e nascem todos os dias¹⁶³.

Este trecho ilustra dois dos principais traços estigmatizantes que autolimitam a velhice, a saber, a não aceitação da idade / dessa etapa da vida – reforçando a ideia de que o idoso nunca foi jovem antes – e o estranhamento / não naturalidade no âmbito da sexualidade desse grupo social.

Por citar mais alguns exemplos que apontem para a recusa da etapa vital da senilidade, Ombligo despreza a estética do idoso da fotografia com a fórmula *¡por favor!*, não isenta de ironia, quando perguntado se considera bonita a tatuagem nesse corpo.

(O): [*¡POR FAVOR!!* 😊 *Fue bonito cuando tenía 20*].

(E): No lo sabemos si en realidad se los ha hecho después, claro.

(O): Pues, entonces, bueno, no sé.

Por sua vez, Virilha colocou em dúvida a sua complacência e competência com a fórmula *¡qué situación!*, na hora de encarar um serviço com um homem idoso –“(V): [*Ufff, ¡qué situación!* 😞 😊]. He estado con viejos pero más simpáticos, más agradables. [*Es lo que te digo. Con uno de 81, pero no tenía nada que ver con ese* 🤔]” – comentou a prostituta com uma nuance entre vergonha e culpa.

Por fim, não devemos negar que o envelhecimento acarreta suas limitações e que elas vão se agravando com o passar do tempo. Porém, uma via interessante pode estar em estimular outras potencialidades próprias da idade, a saber, a perspectiva, a aprendizagem, a serenidade ou a experiência adquirida, dentre outras.

É simplesmente mais uma etapa do desenvolvimento humano a ser ressignificada, tentando se afastar da visão reducionista que a define como uma fase de

¹⁶³ Tradução nossa do original: un niño de cinco años explicaba la otra tarde a uno de cuatro que entre muchos de ellos se mantiene la más rigurosa pureza sexual y ni siquiera se tocan entre sí porque saben o creen saber que si por casualidad se descuidan y se dejan llevar por la pasión propia de la edad y se copulan, el fruto inevitable de esa unión contra natura es indefectiblemente un viejito o una viejita; que en esa forma se dice que han nacido y nacen todos los días los ancianos que vemos en las calles.

perdas e incapacidades. Infelizmente essa perspectiva penosa e triste da velhice como incapacitante faz parte do pensamento universal. Destarte, trazemos à tona as palavras de Ptah-Hotep, escrivão e filósofo egípcio, para o ano 2500 A.C., apresentadas no livro **A Velhice**, de Beauvoir (1990, p. 114):

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem.

5.1.2.4 *Corpos que causam nojo*

O nojo é aquela emoção que estabelece o limite do tolerável moralmente e o aberrante. Este assinala o mais abjeto, baixo e desprezível na deterioração da identidade social do sujeito. Numa sociedade constituída por uns padrões objetivos de beleza que priorizam um corpo predominantemente voluptuoso e jovem, sentimentos de nojo para com as pessoas gordas, deformes ou excessivamente idosas podem ter perfeitamente cabida, uma vez que estes corpos fogem desse modelo de beleza social e culturalmente constituído.

Unidades fraseológicas tais como: *eita!*, *sem condições!*, *não dá, misericórdia!*¹⁶⁴, *¡madre mía!* *¡tú también!* *¡guácala!*, *ni de coña, (ni) con la verga* materializam o nojo que os corpos provocam nos profissionais do sexo, dentre outras possíveis emoções.

Joelho permite-se ser exigente na hora de escolher seus clientes. Ao ser confrontado com a fotografia do rapaz de seis dedos e indagado se atenderia um usuário com alguma deformidade, respondeu com a expressão *eita!* –“(J): [*Eita!* 🙄 🤢] comigo, particularmente, acho que não rolaria, mas 🙄 não acho nojento” – declarou o scort, tentando amenizar o gesto de nojo da primeira reação.

Para Pecho a colocação básica na prostituição é *follar bien*¹⁶⁵. Ele como garoto de programa é ciente da importância de realizar um serviço de excelência. Por

¹⁶⁴ Redução da forma plurilexical *tenha misericórdia!*

¹⁶⁵ Consideramos esta estrutura linguística recorrente, já que aparece mais uma vez em Pecho: “*es conocido que a muchos trans que le llegan a cada rato clientes, clientes y clientes, y todos son para ellas*”

isso, se esse scort pensa que não vai poder oferecer esse mínimo de qualidade ao cliente rejeita.

(P): [No lo acepto. No, si me viene un cliente así no lo acepto ☹️].

(E): ¿No la aceptas?

(P): [¡Exacto! No voy a poder hacer nada con la clienta ☹️]. Ellas vienen. La mayoría de las personas que vienen acá es para que las *folle bien* y [no me voy a poder empalmar con una persona así ☹️]. No es por criticar, ni por nada, si no que es algo que ☹️.

(E): ¿No te podrías empalmar con una persona así?

(P): No me apetece.

Embora tenha recusado como cliente a mulher obesa com certo nojo, sob a desculpa de ser criterioso no seu trabalho, reconheceu que o sujeito da fotografia poderia exercer corretamente a profissão. Assim, o boy relatou um episódio de uma prostituta obesa que conheceu:

(P): Sí. Sí hay. Conocí una señora de SESENTA Y CUATRO años, una gorda así, una abuelita 🙌 que era prostituta. Y trabajaba, eso era, o sea.. sacaba uno y entraba el otro, sacaba uno y entraba el otro. Y todos en la casa nos quedamos así como que: ¡guauuu! 😳

(E): ¿En serio?

(P): Y unos tíos, TÍOS que le calculo yo veinticinco años, treinta años. Tíos así cachas, grandoootes. [Los jóvenes quieren estar con una de su edad para *agarrar experiencia* 😊].

Por sua vez, Coxa manifestou anteriormente a sua aversão aos gordos –“(C): [Baixo, magrinho, *pode ser o que for*, mas se for GOORDO, não rola ☹️]” – alegou imersa no nojo que lhe produzem as pessoas gordas. Os dois fraseologismos *sem condições!* e *não dá* refletem a divisória moral que o nojo causa entre o aceitável e o aberrante.

(C): [Eu não conseguiria desenvolver um ato sexual ☹️].

(E): Com uma pessoa assim? Com um gordão?

(C): Não, não, eu passaria para outra pessoa. [Sem condições! ☹️].

(E): Sério?

(C): Para mim, *não dá*.

A Joelho lhe provocam nojo tanto as gordas quanto as musculosas. A respeito da mulher obesa, lançou um ironia para, enfim, constatar o que para ele é uma doença –“(J): [Essa aí é cliente fidelidade do ifood! 😊]. Aí é uma doença, né?” –. Ao visualizar

follar bien a los clientes” e em Virilha: “le gustan brasileñas, peitudas, un buen culo, todo durito ¿sabes?, las tetas, el cuerpo en generale, conversa agradable y que *follen bien*”.

a fotografia da mulher musculosa, das suas palavras se desprende que o scort viraria exclusivamente homossexual. Assim, o garoto afirmou categoricamente que: –“(J): Para uma mulher dessa, [*eu não comeria nunca um periquito na minha vida* 🗨️]. Tá parecendo um U-RU-GU-TAN-GO 😊😊”.

Já Ombligo possui muita clareza com relação a sua condição de homossexual, valendo-se de fraseologismos categóricos de afirmação como *¡obvio!* e de negação como: *ni de coña, (ni) con la verga*. Este último, junto com a expressão *doble guácala* nos mostra a sua identidade linguística como venezuelano. Estas unidades fraseológicas apontam, sem sombra de dúvidas, para a sua identidade de origem.

(E): ¿Tú te besarías con una mujer así?

(O): PUES, NO 🗨️, [*yo no soy hetero, ni es mi prototipo* 😞] [...] no me gustan los hombres musculosos 🗨️, [*¡qué asco!* 😞👎].

(E): ¿Y una mujer menos?

(O): *¡Obvio!* Sería como el **DOBLE GUÁCALA** 😞👎. No me besaría con ella [*NI DE COÑA* 🗨️👎] [...] [*Ni con la verga, NO* 🗨️👎].

Podemos extrair deste fragmento duas estruturas que exteriorizam explicitamente a emoção nojo com nuances de raiva em Ombligo para com os homens musculosos e as mulheres, em geral, a saber *¡qué asco!* e *doble guácala*.

Este expressou claramente a sua rejeição a atender mulheres, pois o nojo que estas lhe provocam constitui uma fronteira moral e social impermeável e intransitável que mantém as diferenças de gênero.

(O): No, de hecho estos días me llamó un chico que tenía como que 18 y hablaba como mujer. Y yo disculpa pero yo no atiendo mujeres. Y él me dice, ah, pero es que yo soy un chico y yo: [*ay, perdón, disculpa, es que tenías voz de mujer, ¡qué vergüenza!* 😞].

A divisória do nojo ou do abjeto é particular de cada sujeito, influenciado pela matriz cultural e ideológica, na qual este se insere. Por citar um exemplo, Virilha mostrou certa homofobia / transfobia ao ter visualizado o vídeo quatro intitulado: *sou travesti, não sou viadinho*. A garota de programa usou um fraseologismo concludente de forma irrefutável *es así* –“(V): [*No. Mira, un hombre nunca será una mujer. Por más que ele se ponga un coño, nunca será, porque a mulher es por naturaleza. Es así ¿sabes?* 🗨️👎]” – afirmou taxativamente a profissional.

Por fim, se bem pudemos constatar que a mulher gorda e a musculosa se levam a pior parte das reações nojentas, um corpo velho pode despertar também certo nojo em

alguns profissionais do sexo. Virilha nos ofereceu como primeira reação à fotografia do idoso tatuado uma fórmula da sua língua nativa –*misericórdia!*, corroborando a sua identidade linguística como brasileira. Esta junto com outras duas como *¡madre mía!* *¡tú también!* revelam certa surpresa e rejeição com nuances da emoção nojo, para terminar com a criação fraseológica em espanhol *¡qué situación!*¹⁶⁶

(V): **MISERICÓOOORDIA!!!** 😞 ¡qué está tatuado el cuerpo!!
 [¡Madre míia! 😞👉] [Un viejito tatuado👉👉].
 (E): ¿Y si te viene un cliente así?
 (V): Con tanto pelo y tatuaje así: [¡madre mía! ¡Tú también! 😞]
 ¿no? 😞. [...] [No, yo no quiero vivir isso, no 🙄]. [...] [Ufff, ¡qué situación! 😞😞].

Definitivamente, o nojo é perturbador e desafiador, gerando situações de exclusão e intolerância, sendo que ele pode se manifestar de um leve desagradável a algo profundamente repugnante.

5.1.2.5 A culpa do corpo é do sujeito

Ao visualizar a fotografia da mulher obesa, a sensação geral que transmitiram os sujeitos colaboradores foi a de que ela teria a culpa de estar com esse tipo de corpo. No imaginário coletivo, a velhice e as deformidades são inevitáveis. Porém, a mulher musculosa e a obesa têm uma responsabilidade nítida para com os seus corpos.

O caso da excessivamente malhada pode ter a origem num distúrbio chamado vigorexia, o qual é mais perdoável nos entrevistados. Porém, a gorda é associada diretamente à doença, especialmente, no caso das garotas de programa. Virilha se valeu da fórmula *¡vaya!* para expressar a sua admiração e rejeição ao ser confrontada com esse tipo de corpo. Assim, a prostituta empregou também o fraseologismo *sabe lá!*¹⁶⁷ para indicar haver tantos distúrbios e que, provavelmente, a obesidade seria um deles.

(V): **¡Vaya!** una señora que está con problema de salud [...] Hay muchos disturbios, **sabe lá!** Pero esta así no. [Tiene unos trescientos kilos 🖐️ esta señora 🗣️].
 (E): ¿Pero habrá quien le guste?
 (V): [¿¿SÍIII?? 🤔]. No lo sé. Yo creo que no]. Solo un enfermo mental para buscar este tipo de belleza ¿sabes? No sé. En este mundo que

¹⁶⁶ Criação fraseológica própria do sujeito, tomando como base a fórmula brasileira *que situação!*

¹⁶⁷ Uso de uma variante da fórmula *sei lá!* pela profissional brasileira em língua espanhola.

vivemos, que estamos donde las personas solo buscan belleza física. La mayoría. Una cara bonita, un cuerpo bonito.

Conforme Virilha, esse padrão de corpo é anômalo, bizarro ou esdrúxulo. Daí que tenha afirmado que só um doente mental poderia ir atrás desse tipo de beleza. Coxa concordou com a sua colega de trabalho, garantindo que se a obesa exercesse a profissão só poderia ter clientes igualmente doentes –“(C): Poderia até ser. [*Se ela fosse exatamente o que eu estou vendo, ela teria clientes totalmente doentes* 😊]. Na vida normal, ela iria, talvez, buscar outro meio para *pagar as contas*”– sustentou Coxa com tristeza e certo nojo.

Podemos pensar que as pessoas obesas provocam nos profissionais, geralmente, nojo, sendo estas responsáveis com atribuição de culpa por terem chegado a estimular esse corpo abjeto. Estas pessoas são associadas a morbidades várias e a falta de saúde, além de serem consideradas esteticamente deploráveis e pouco atraentes, tendo em vista o padrão de beleza vigente.

Imersos nessa cultura do culto ao corpo, para a prostituição –como para o resto da sociedade– parece existir apenas um tipo de corpo possível –o corpo magro–; daí que possamos sustentar que a contemporaneidade se caracteriza por uma “lipofobia” generalizada, intrinsecamente concatenada à obsessão pela magreza. Esta origina, em consequência, uma rejeição quase insana no tocante à obesidade, desumanizando os corpos. Sendo assim, estamos diante do que se define como gordofobia, termo que denota a repulsa e intolerância contra a gordura e os gordos.

Mergulhando nessa matriz ideológica que estigmatiza claramente as pessoas gordas, Ombligo utilizou o fraseologismo *es así* para afirmar taxativamente que o sujeito possui a maior parte da culpa de ter esse tipo de corpo. Inquirido pela possibilidade de estar gordo, respondeu com firmeza:

(O): [*Yo me sentiría triste conmigo mismo y culpable, porque si ella está así es por culpa de ella* ☹️]. *Es así*, yo estoy así por mi culpa, tú estás así por tu culpa Si no nos cuidamos, si no comemos bien, si no vamos al gimnasio, pues vamos a estar así, entonces, ¿de quién es la culpa? [LA CULPA ES DE ELLA 🗣️].

Pudemos ver que ele atribuiu a culpa a esse estado ao sujeito, o que lhe ocasiona uma enorme tristeza só de se ver preso num corpo obeso. Joelho está na mesma linha de pensamento, já que considerou este tipo de corpo pouco saudável, além de insano. Conforme ele, as pessoas com tendência a engordar teriam a culpa por não se

esforçarem, treinarem e/ou se cuidarem, ou seja, se culpabiliza a vítima, o sujeito. Sugeriu que a culpa desses sujeitos seria motivada por certo desleixo ou preguiça –“(J): É uma pessoa doente, porém que não se ama, né? Acho que desde o início a pessoa percebe que tem esse problema de engordar, [*vai se cuidar! Se esforce! Vai na academia* ◀◀]”–.

Diante das considerações anteriores, a culpa é entendida, então, como uma transgressão individual com foco no comportamento do indivíduo, mexendo na autoconsciência. O gordo se configura no imaginário popular, portanto, como um transgressor iníquo e teimoso dos corpos perfeitos, bonitos e saudáveis.

5.1.2.6 A transgressão dos corpos

Há corpos que transgredem, que ultrapassam as fronteiras do razoável, do moral e/ou do válido. A noção de transgressão envolve uma forma de ser, agir ou pensar que atravessa, excede ou ultrapassa os limites estabelecidos, sendo que esta pressupõe a existência de uma norma que demarca a divisa do aceitável e inaceitável.

Quando se origina uma transgressão, esta pode gerar várias emoções entre os sujeitos envolvidos, tais como, por exemplo, nojo, raiva, medo ou vergonha, dentre outras.

Conceitualmente esta noção se vincula a um fato –no nosso caso concreto, a um corpo– atípico, anômalo, destoante, estranho, incomum, insólito, inusitado ou excepcional. De certa forma, todos os corpos apresentados no material fotográfico reuniam estas características e mais algumas. No entanto, focaremos em dois por terem sido os mais chamativos para os colaboradores da pesquisa, a saber, o rapaz de seis dedos e a mulher musculosa.

Em primeiro lugar, o rapaz de seis dedos surpreende pelo insólito e infrequente de ter seis dedos em cada mano. As estruturas *¡cónchale!*, *meu deus!* *¡madre mía!* e os fraseologismos expressados com certa ironia *¡qué bien!* ou *¡qué divertido!* dão conta do incomum que é quebrar o paradigma dos habituais cinco dedos no ser humano.

Pecho mostrou-se surpreso perante a imagem –“(P): Un chico... 🖐 [¡ay, *cónchale!* 🤔] [¿CUÁNTOS DEDOS TIENE? ¿SEIS? 😊] 😊 y él nada y él está contento.”– valendo-se de uma expressão marcada por sua identidade de origem como venezuelano –*¡cónchale!* Perguntado se ele se importaria com a possibilidade de ter seis dedos, retrucou entre risos de forma convincente –“(P): No, no me gustaría. *Ni de*

joda 😊 😊. ”– utilizando a unidade fraseológica *ni de joda*, característica da sua modalidade de espanhol.

Virilha também delatou a sua identidade de origem ao ser confrontada a esta fotografia, empregando um fraseologismo do português brasileiro, a saber, *meu Deus!*

(V): [*¡Oh! Meu Deus!* 😊 😊]

(E): *¿A ti, te gustaría tener seis dedos?*

(V): [*¡MADRE MÍA! Un dedo a más* 😊], [*¡qué bien!* 😊]

Pensamos que, o fato de ter seis dedos, constituiu uma transgressão passível de causar risos ou falas/expressões irônicas. Com esse último efeito, Virilha empregou a fórmula *¡qué bien!*, da mesma forma que Ombligo se valeu da unidade fraseológica *¡qué divertido!* Carregado de ironia, o scort comentou:

(O): [*¡Qué divertido!* 😊] Sería divertido hacerle una paja 😊. Te imaginas con seis dedos, no sé 🖐 [sería divertido que me hiciera una paja 🗣], no sé. Con seis manos, con seis dedos. [Sería divertido 😊].

Sendo assim, o que pode parecer divertido, pode chegar a não o ser quando o inusitado atinge o sujeito de perto. Indagado acerca da possibilidade de chegar um cliente com alguma deformidade, as garotas de programa se mostraram mais compreensíveis e complacentes. Basta lembrar os depoimentos da Virilha que tinha atendido/atendera um coxo e da Coxa que já tinha realizado/realizara serviços com surdos e algum cego.

Já, eles não costumam aceitar facilmente essas diferenças. Pecho tentou evadir a resposta de qualquer forma –“(P): 😊. [*No sé, tío* 😊] ... nunca me ha llegado un cliente así”–. Por sua vez, Joelho, manifestando que considera essa deformidade diferente, se surpreendeu, empregando a expressão *eita!* quando inquirido acerca da possibilidade da chegada de um cliente como o da fotografia –“(J): [*Eita!* 😊 🗣] comigo, particularmente, acho que não rolaria, mas 🙄 não acho nojento”–.

Em segundo, a mulher musculosa foi mais rejeitada e estigmatizada que o rapaz de cinco dedos. De acordo com as falas, essa imagem transgrediu a noção de gênero como padrão definidor do corpo. Esta fotografia extrapolou a fronteira do aceitável no que tange a um corpo feminino. Segundo Ombligo essa imagem seria a negação de toda

feminilidade –“(O): [PERO ES UN HOMBRE 🗣️] [...] No sé, por la imagen que tenemos del hombre y la mujer”.

Nessa lógica, os padrões de gênero estão escrupulosamente delimitados e definidos, até mesmo para quem pretende ultrapassar essa divisória do masculino para o feminino como no caso de Ombligo.

As garotas de programa usaram os fraseologismos *¡qué horror! ¡madre mía! meu Deus!* para expressar a sua desaprovação sem conter em alguns casos a risada –“(V): [¡Ufff!! ¡Qué horror! 😬 ¡Madre mía! 😬] no me gusta las mujeres musculosas. [No, eso no me mola 🙄]”.

Assim, Coxa estaria ciente da transgressão que supõe esse tipo de corpo para o padrão da feminilidade e discorreu que haveria um desencontro entre o gênero e a imagem, valendo-se da fórmula *meu Deus!* –“(C): [Meu Deus! 😬] Isso aí é um desencontro, um desencontro porque... 🖐️ Eu vejo uma mulher que está [TOTALMENTE TURBINADA. Ela está um HULK 🗣️] 😬 😬” – asseverou entre risos, demonstrando a sua incompreensão. Perguntada de se os clientes gostariam desse tipo de corpo para uma profissional do sexo, respondeu firmemente com a unidade fraseológica *de jeito nenhum* –“(C): NÃO, se fosse hétero, acho que não. [De jeito nenhum 🙄]” – deixando a alternativa aberta para os bissexuais.

Das suas palavras se desprende que estamos ante uma quebra do paradigma binário homem / mulher. Segundo ela, um homem heterossexual não aceitaria de forma alguma uma mulher musculosa desse jeito. A representação de gênero está introjetada e influenciada por uma matriz ideológica de gênero binário, totalmente opostos.

Nessa perspectiva se insere a fala de Joelho que empregou as expressões *rapaz!* e *oxe!*¹⁶⁸ com o intuito de expor a sua desconformidade. Interpelado pela probabilidade de atender uma mulher musculosa, Joelho replicou entre risos:

(J): [RAPAZ!! 🤔 « É complicado »]. Parece que tá ficando com homem, **RAPAZ!**, jeito de homem, todo musculoso, [oxe!!! É estranho!! 😬]. Para uma mulher dessa, [eu não comeria nunca um periquito na minha vida 🙄]. Tá parecendo um U-RU-GU-TAN-GO 😬 😬.

¹⁶⁸ Abreviação da forma linguística *oxente!*, redução do fraseologismo originário *ó gente!*

Evidentemente, a concepção binária é muito forte; difícil de extrapolar. Por via de regra, a mulher musculosa não é tal. A sua condição de fêmea é negada. É o Hulk, é o homem todinho faz parte das falas mais habituais. Por fim, interpelada a malhar para obter esse tipo de corpo, Virilha retrucou peremptoriamente: –“(V): [NUNCA, JAMÁS ☹] [...] No, no. No es bonito para mí. [Así ficar yo como un macho, NO ☹] 😊. Y un hombre así parece UN MONSTRUO, NO ES UN HOMBRE”.

5.1.3 A SEXUALIDADE

Ao longo de toda a história da humanidade, acreditamos que não existem momentos em que as questões sexuais não tenham sido acometidas, bem através de uma obsessiva repressão e/ou negação; bem por meio de uma excessiva exploração e/ou exposição.

Sabemos que a sexualidade envolve diversas dimensões emocionais nos sujeitos, abrangendo aspectos tão díspares –porém entrelaçados– como questões econômicas, culturais, sociais, subjetivas e/ou ideológicas. Esta se concebe como uma noção ambivalente, uma vez que é a mais universal das experiências; porém, ao mesmo tempo, é a vivência mais pessoal e subjetiva na constituição da psique dos sujeitos.

Nesse sentido, podemos suspeitar que não existam pessoas que, ao longo de todo o seu percurso vital, não se tenham confrontado constantemente com a sua sexualidade de diversas maneiras em forma de aceitação ou negação. Basta lembrar que esta se manifesta inevitavelmente através da vivência do próprio corpo.

Cientes da dificuldade de delimitar esse termo e das formas de trazê-lo para a nossa análise de dados, cabe, antes de mais nada, perguntar-se: o que é a sexualidade e de que modo estimula e/ou condiciona os sujeitos?

Conforme López & Fuertes (1999, p. 8), ela é uma realidade que:

pode impedir o adolescente de dormir, transformar a vida do enamorado, levar o adulto a fazer loucuras, encher os cartazes dos nossos cinemas, ajudar a vender um produto, exercer violência sobre os outros ou fomentar vínculos afetivos extraordinariamente fortes?

De acordo com essas palavras, a sexualidade abrange muitas esferas vitais do ser humano, podendo ser entendida nas mais diferentes concepções. É uma noção tão complexa e que pode ser abordada sob inúmeros olhares que pode ser constatada a existência de muitas crenças inexatas e/ou desinformações, assim como muitos posicionamentos dogmáticos em torno a essa questão.

Sem dúvida, caber salientar, sem medo a errar, que persistiram e persistem:

- a) muitos indivíduos estigmatizados, silenciados ou incompreendidos no tocante a sua forma de entender a sexualidade própria e a dos outros;
- b) inúmeros sujeitos que, infelizmente, não conquistam plenamente a sua sexualidade, ao longo da sua vida;
- c) além de diversas pessoas que simplesmente não se sentem satisfeitas com as suas vivências sexuais por conta do medo, da vergonha ou da culpa, dentre outras.

Neste cenário de insatisfação podemos afirmar que a sexualidade determina sim, outros aspectos vitais, pois esta é um dos eixos primordiais da constituição subjetiva em toda sua dimensão emocional. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2006, p. 5):

[...] é um aspecto central do ser humano ao longo da vida que abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Esta é experimentada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais¹⁶⁹.

Por fim, é mister lembrar que os sujeitos colaboradores foram confrontados com um material fotográfico e audiovisual –concretamente, as fotos 2 e 6 e os vídeos 2, 3 e 5 do roteiro audiovisual aplicado em forma de entrevista qualitativa–, abordando diversos assuntos relacionados com a sexualidade, a saber, a sexualidade dos vulneráveis, a homossexualidade e a transexualidade, dentre outras.

5.1.3.1 *As diversas concepções de gênero*

Os padrões de gênero são transmitidos de geração para geração por meio de atitudes, crenças, representações ou valores sexuais, maiormente através de concepções

¹⁶⁹ Tradução nossa do original: “sexuality is a central aspect of being human throughout life and encompasses sex, gender identities and roles, sexual orientation, eroticism, pleasure, intimacy and reproduction. Sexuality is experienced and expressed in thoughts, fantasies, desires, beliefs, attitudes, values, behaviours, practices, roles and relationships. While sexuality can include all of these dimensions, not all of them are always experienced or expressed. Sexuality is influenced by the interaction of biological, psychological, social, economic, political, cultural, ethical, legal, historical, religious and spiritual factors”.

que estabelecem as diferenças explícitas e implícitas destes papéis de gênero, através dos discursos e de estratégias socializadoras, “pela distribuição das tarefas entre homens e mulheres, pela expressão do desejo e da ternura, pela gestão da intimidade entre os seus membros, pelo que é dito, pelos não-ditos e interditos” (RIBEIRO, 2002, p. 17).

Daí que não é de estranhar que as reações dos sujeitos colaboradores difiram de acordo com o gênero, ao serem confrontados com a fotografia do pai e o bebê. No caso das garotas de programa pudemos observar o papel pré-estabelecido de mãe ideal, perfeitamente introjetado, e que, segundo elas, os homens como pai dificilmente exercem.

É perceptível essa condição de gênero feminino nas reações por meio de fórmulas, tais como *¡madre mía!*, *¡mentira!* e *nossa!*, que sugerem o questionamento da representação da imagem idílica de pai ou se valendo de clichês extendidos, através de discursos cristalizados, a saber, *los bebés son para la mujeres, era tudo isso que eu queria na minha vida, não é do meu mundo*. Ao final de contas, o modelo tradicional de família impera, via de regra, nas concepções de gênero.

Assim, Virilha e Coxa se mostraram como vítimas desse padrão de gênero perfeitamente definido e delimitado. Elas são também mães, além de prostitutas. Abandonadas pelos parceiros e se iludindo com o homem ideal, ambas sofrem as consequências de estarem imersas num discurso hegemônico e consolidado da representação da mulher nas sociedades de boa mãe e esposa.

Virilha empregou os fraseologismos *¡madre mía!*, *¡mentira!* como negação e rejeição das suas próprias vivências com o sexo oposto –“(V): *¡Madre mía!* [¡¡MENTIRA!! 🗣️] el papá de mis hijas nunca se ocupó de ellas 🖐️ de esa manera. [Bueno, es una suerte tener un hombre así. Creo que son pocos 😞]”–. Da sua reação desprendemos que na sua concepção de gênero os homens, em geral, não se ocupam da família, pois isso aí é um assunto predominantemente feminino. Interpelada na sua afirmação pelo pesquisador, a garota “retificou”, de certa forma:

(V): [¡Claro!, sí 🗣️]. Creo que pocos. Bueno, aquí vemos su padre con su bebito. No sé, [LOS BEBÉS SON PARA LA MUJERES 🗣️]. Las madres son las teimosas con sus hijos [...] Ellos los hacen y nosotras los criamos. [Yo tengo que *hacer esto* por mis hijas 🗣️].

Provavelmente sua socialização e experiência como sujeito levaram a profissional do sexo a justificar por meio do clichê *los bebés son para la mujeres* a sua

identidade profissional. Em outras palavras, ela não é prostituta por prazer, nem para enriquecer. Ela faz o que faz –*hacer esto*¹⁷⁰– pelas filhas, essa é a sua razão de ser, uma vez que na sua conceituação os bebês são responsabilidade quase exclusivamente das mulheres.

Por sua vez, Coxa, ciente da sua condição de mulher de vida fácil e tudo o que isso representa socialmente, além de condicionada pelos discursos cristalizados, considerou que ela não é apta para ter uma família tradicional, se bem que é um dos seus grandes desejos, conforme relatado. A garota de programa nessa concepção se constitui como vítima da representação tradicional de boa esposa e excelente mãe própria do seu gênero.

(C): [...] um homem com bebê que me parece o filho, faz que eu sinta que [*era tudo isso que eu queria na minha vida* 😊] [...] [*DE TER UMA RELAÇÃO FIXA, DE TER CASADO, DE TER UM FILHO* ◀]. Mas também quando vejo essa expressão de amor, para mim, *NOSSA!* [*eu acho que não é do meu mundo. ISSO NÃO FOI PARA MIM* ☹️ 😊].

Por meio da fórmula *nossa!* que materializa a tristeza e impotência por não ser o modelo ideal de mãe e esposa que a sociedade lhe exige, Coxa reproduziu na sua fala o padrão de gênero que se espera da mulher, daí que asseverou com certo pesar o clichê –“(C): [*era tudo isso que eu queria na minha vida* 😊]”–, isto é, uma família, filhos e um bom marido, o que entra em contradição, segundo suas palavras, com sua condição de prostituta. Daí o clichê: *não é do meu mundo*, com raiva, pesar e negação da sua própria identidade profissional, se estigmatizando e sendo vítima do seu próprio discurso construído social e culturalmente.

Para o gênero masculino o material fotográfico supôs outros tipos de reações. Em nenhum momento se questionou a imagem, nem se abordou se os filhos pertencem mais às mães do que aos pais. Com relação ao material, os garotos de programa empregaram as fórmulas *¡qué bien!*; *¡qué cuchi!* ou *normal!*, sem entrar em muitos detalhes.

Na verdade, é por meio destes três fraseologismos que cabe suspeitar certa reação pré-estabelecida entre os prostitutos, condicionada quiçá pelo fato de nenhum deles ter filhos, conforme narrado. No entanto, pudemos observar que a heteronormatividade está muito presente tanto em Pecho quanto em Joelho. Indagado

¹⁷⁰ Estrutura tabu recorrente que aciona o pronome neutro para se referir a uma profissão inominável por abjeta e vil: a prostituição.

pela possibilidade de casar com uma mulher e ter uma família, Pecho respondeu entre risos com a expressão *¡Obvio!* É claro e obvio que está determinado pela matriz ideológica da heterossexualidade como possibilidade certa e aceitável na hora da formação de uma família. Família heterossexual que quer constituir como plano futuro.

(P): UN PAPÁ ADORANDO A SU HIJO, *¡qué bien!* 🤗

(E): Pero, ¿con una mujer te casarías?

(P): *¡Obvio!* 🗣️ 😊

Curiosamente, Ombligo e Joelho acionaram o vocábulo normal para reagir perante a imagem, quando em momento nenhum se apontou para o incomum ou insólito da representação de um pai com seu filho –“(O): Eso es interracial, *¡qué cuchi!* El papá morenito y el niño es blanquito. [Me parece 🤝 normal 🗣️]”– ao que, posteriormente acrescenta –“(O): algo que debería ser normal y que todos deberíamos aceptar”–. Da mesma forma reagiu Joelho –“(J): [Acho, é um homem cuidado do seu filho. **NORMAL!** 🗣️]”–. Cabe lembrar que Ombligo pretende ser futuramente uma transexual. Porém, o scort reagiu, em ocasiões, dentro dos padrões atribuídos à masculinidade, da qual faz, de certa forma, parte.

Até o momento, pudemos perceber a questão de gênero bem definida no que tange à adoção e maior responsabilidade dos filhos. Tal definição/delimitação construída na matriz de gênero binário aponta para a conceituação de todos elxs no respeitante à transexualidade.

A fundamentação disso tudo é que o gênero se associa ao sexo, isto é, à genitália. Assim, expostos ao vídeo da transexual que afirma que não é homossexual, mas sim travesti, os profissionais do sexo utilizaram as fórmulas *¡yo flipo!*, *tem como não* ou *nada a ver*, mostrando a rejeição desses sujeitos perante tal afirmação. Além disso, encontramos a locução *estar na cara* que revela que nessa concepção binária, elx só pode ser um homem.

Pecho usou o fraseologismo *¡qué bueno!*, expressando sua felicidade não pela condição de transexual do indivíduo do vídeo, mas pelo fato do sujeito ser brasileiro. Para ele, a noção homem/mulher é fundamentada basicamente na genitália: homem tem pênis; mulher, vagina –“(P): Mientras tenga pene, no es una mujer”– declarou de maneira inapelável, esclarecendo que é precisamente esse órgão sexual o motivo de sucesso nos transexuais que se dedicam à profissão.

(E): ¿Tú crees que es una mujer?

(P): [No es una mujer, es un travesti 🗨] [...] [Biológicamente no nació mujer. No tiene ovarios, útero 🗨].

(E): ¿Tú conoces amigas transexuales así operadas?

(P): No, [todas las transexuales que conozco todas tienen su, su, su 🗨 polla 😊, sus huevos 😊]. Sí. Bueno, de hecho, [la mayoría de las transexuales trabajan es con su polla acá 🗨].

Acionando as fórmulas *beleza!* e *tá ligado?*, Joelho pretendeu convencer o entrevistador do seu posicionamento, baseado igualmente nos genitais, como anteriormente já defendeu o seu colega de trabalho.

Categoricamente o scort se valeu da fórmula *nada a ver* para exprimir a sua concepção de gênero, condicionada pela biologia.

(J): [*Nada a ver, ela não é mulher, ela é travesti, né?* 🗨]

(E): Se operou, não é mulher?

(J): [*Se operar, beleza! Biologicamente, não é mulher 🗨*]. [Agora se é aquela travesti que bota a piroca dentro..., imprensa os ovos para não aparecer a piroca, *tá ligado?* Quando chegar a idade, vai fazer exame de próstata e daqui a seiscentos anos, se encontrar o osso dele, vai dizer, não, é homem. Então, não é mulher 🗨 🗨] [...] Cara, ela [pode chegar em qualquer lugar de vestido, de salto alto, de bolsa, acha que é mulher, vai embora, não tem contato, *beleza!* Mas a partir que você tem uma intimidade com ela, que você conversa, *tá na cara*, irmão 🗨].

De acordo com o boy, o gênero *tá na cara*, no sentido literal e fraseológico/metafórico, pois a base é a genitália e as característica do sexo masculino, chegando a sustentar que quem nasce homem sempre será homem, por mais que tente disfarçar –“(J): *Quando chegar a idade, vai fazer exame de próstata e daqui a seiscentos anos, se encontrar o osso dele, vai dizer, não, é homem*”– Segundo ele, não haveria o que fazer.

Surpreendentemente, Ombligo que aspira a ser uma futura mulher, reconheceu –“(O): [*Las trans no son mujeres. Son mujeres trans, pero nunca van a ser mujeres 🗨*]”– sustentou de forma convincente e firme. Para elx, é um engano pensar que são mulheres. Sendo assim, estx abriu a via para um terceiro e novo gênero: –“(O): [*se operan para parecer mujeres, pero cuando tú hablas más con esas personas, ellos te dicen simplemente: no, yo soy trans y ya, nada más 🗨 🗨*]”–. O scort, conhecedor do assunto, justificou seu posicionamento da seguinte forma: –“(O): [*las trans tienen más miedo a ser trans que a ser mujeres, porque ser mujer está más aceptado, ¿me*

entiendes? 😊”– expôs Ombligo com certa tristeza como futuro aspirante a transexual, sendo consciente de que nunca seria uma mulher.

Reveladora do estigma direcionado a este grupo social, o scort concluiu que:– “(O): entonces, ellas prefieren como que defenderse diciendo soy mujer a que las acribillen diciendo soy trans”–. Certamente, é possível encontrar um apagamento da identidade transgênero por conta da incompreensão / transgressão, o que implica abrir um caminho para novas identidades de gênero que abalem a concepção binária tradicional.

As garotas de programa enxergaram a transexualidade de maneira muito parecida, ou seja, sob o mesmo padrão ideológico de gênero, mas com um olhar diferente. O foco gera a variação, a diferença de percepção: se para os garotos de programa, as transexuais sempre serão homens; para as garotas, estxs nunca serão mulheres.

No que concerne a este assunto, Virilha detectou muitos desajustes psicológicos na categoria, anunciando que os sujeitos transexuais sofreriam preconceito e depressão.

(V): [*Sí, porque seu psicológico es así. Es mujer 🙄🙄*]. Hay unos que son bonitos que tienen muchos clientes y hay hombres que les gusta, pero [*sufren mucho, son depresivos 🖐️ son muy depresivos, con preconceito porque la gente tiene preconceito 🙄🙄*] [...] [*Son muy depresivos. TODOS. SON DEPRESIVOS 🙄🙄*]. Sí, porque... porque hay un trastorno psicológico muy grande en su cabeza, en su cabeza. [*A veces dicen así: estoy en mi período, quieren tener la regla como nosotras, ¡yo flipo! Y yo les digo: ¡pero tú!! 😊😊*]

Segundo esta profissional do sexo, os transexuais seriam mulheres apenas na sua cabeça. Trata-se, portanto, de um distúrbio psicológico. Empregando a fórmula *¡yo flipo!*, a garota acredita estar perante um desajuste emocional, ao colocar o exemplo de transexuais que psicologicamente menstruam, conforme relatado. Ela resolveu rápido a questão com certo nojo, esclarecendo o assunto da transexualidade com a fórmula *mejor dicho*: –“(V): [*NO, son hombres, bueno, mejor dicho, un viado, que se considera mujer 🙄 🙄*”–. De acordo com a prostituta os/as transexuais seriam uma classe/tipologia dentro de uma categoria mais ampla: a dos homossexuais, salientando que nunca seriam mulheres, pois a verdadeira fêmea seria ela. O seu posicionamento peremptório se materializou no fraseologismo *es así* –“(V): [*No. Mira, un hombre nunca será una*

mujer. Por más que ele se ponga un coño, nunca será, porque a mulher es por naturaleza. Es así ¿sabes? 🗣️🙄]”–.

Outra que defendeu seu espaço como mulher por natureza foi Coxa. Interpelada pela possibilidade do sujeito do vídeo ser igual a ela, a profissional do sexo utilizou a unidade fraseológica *tem como não* para exprimir sua rejeição a tal probabilidade com nuances de raiva, manifestadas com o vocábulo *jamaís*, pronunciado e reduplicado de forma dilacerante e em voz alta –“(C): [JAMAIS, JAMAIS. *Tem como não* 🗣️🙄] [...] [*eu acredito que ela possa fazer o mesmo, talvez, MAS, desculpa se eu estou sendo de alguma forma assim preconceituosa, sabe? Ou dogmática 🙄 ela JAMAAISS será igual 🗣️🙄*] ”–, reduzindo como todos a questão de gênero à genitália, reforçando a ideia de que ela possui umas características biológicas que a fazem ser a verdadeira mulher –“(C): Olha, pode modificar as formas, pode ter as suas relações e tudo, mas, no meu modo de ver, não. [*É que 🙄 sabe qual é o meu termômetro? É meu clitóris 🗣️🙄*]”– asseverou em voz baixa, porém com firmeza, a menina.

Diante do exposto, cabe pensar que a transexualidade quebra o paradigma da concepção binária de gênero, o que não admitiram nem os scorts, nem as garotas. O único que talvez abriu um novo caminho para o entendimento da relação gênero /sexo foi o Ombligo, uma vez que elx pretende ultrapassar essa fronteira.

É razoável defender que esta categoria social esteja determinada e invisibilizada pela noção estigma no seu sentido mais perverso, a *separação cognitiva* entre “nós”, os gêneros por natureza biológica, e “eles”, os gêneros por opção subjetiva, levando esses sujeitos transexuais à perda de status e, em consequência, à discriminação, quarta e quinta categoria da teoria do estigma de Link & Phelan (2001), comentada anteriormente no capítulo dois.

Nesse sentido, cabe a colocação e reflexão que Pecho nos disponibilizou com relação às janelas de oportunidades que poderiam se abrir para esses indivíduos em contextos de migração e/ou em outros âmbitos culturais.

(P): De hecho, yo cuando fui a, a.... 🙄 *pedir papeles* acá, habían muchas personas planteado ese problema, que se venían de otros países acá, porque aquí la, la 🙄 eso de la sexualidad era como más abierto [...] [*No le veo ese tabú así que comienzan a discriminarlos, ni nada de eso, NO 🗣️*]. Por ejemplo, [*en Venezuela, va una trans caminando y ya está todo el mundo está viéndola, hablando,*

criticando ¿sabes? [☹️ 😊] Acá no, acá la gente es muy... le *da igual* si está o no está.

Pode ter certa parte de verdade estas declarações ou ser simplesmente uma percepção do profissional do sexo. Conforme Pecho, em Espanha *da igual*. Contudo, seja como for, transgredir a concepção binária homem / mulher tem um preço. Para as/os transexuais pode chegar a ser um valor alto a ser pago, comprometendo a sua dignidade, liberdade e até a própria vida, ao serem expostas às mais diversas violências pelo estigma que devem carregar por conta da sua transgressão sexual.

Para concluir, o título da seção se configura inexato, ou seja, uma nítida inverdade nos profissionais do sexo inquiridos –salvo raras exceções–, pois a diversas concepções de gênero se reduzem basicamente a uma: a binária – homem / mulher, atribuída por papéis definidos e delimitados para cada uma dessas duas categorias.

5.1.3.2 As diversas concepções perante a homossexualidade

Vejamos, portanto, se na questão da homossexualidade encontramos certa diversidade de opiniões e representações, ao serem confrontados com a fotografia dos dois senhores se beijando em público. A olho nu, os fraseologismos emergentes apontaram em duas direções. Na primeira, por meio das unidades fraseológicas *¡qué lindo!*, *que lindo!* e *tá tudo ótimo!* se materializou a aceitação e demonstração entusiasta da homossexualidade. Na segunda, os sujeitos se valeram dos clichês: *cada quien con lo suyo*, *cada un tiene su vida* ou da locução *me da igual*. Tais estruturas manifestam certas reservas, em forma de cautela e/ou restrição, para a homossexualidade, o que nos pode levar a pensar que ainda não há uma clara e nítida naturalização dos comportamentos homossexuais.

Ombigo e Coxa se mostraram mais abertos com relação a este assunto. Mesmo assim, cumpre salientar que novamente apareceu o termo **normal** em ambos, com a pretensão de normalizar o que no fundo da sua matriz cultural não o é. O curioso é que este vocábulo já apareceu na exposição da fotografia do pai cuidando o seu bebê, porém não se apresentou em momento nenhum no material audiovisual que mostrava a transexual.

Cabe suspeitar que o politicamente correto opera, condicionando os discursos e, de quebra, as unidades fraseológicas emergentes possíveis nesses mesmos,

submetidas/subordinadas estas às formações discursivas hegemônicas nos contextos socioculturais dados.

Nesse viés e aplicando a noção de *dimensão política* da socióloga da emoção Hochschild (1979), sabemos que as emoções estão ligadas a punições sociais, bem como ao tecido da estrutura social. Daí que defendamos que, perante à homossexualidade, só caberiam dois posicionamentos emocionais: a aparente aceitação numa obscena demonstração ou a indiferença calculada pela invisibilidade. Ambas vêm determinadas por meio das normas emocionais que, na prática, estão prescritas na matriz ideológica imperante.

Sendo assim, Pecho se valeu do clichê *cada quien con lo suyo*, reforçando uma indiferença proposital pelo seu próprio apagamento como bissexual/homossexual, numa homofobia interiorizada. O scort deixou claro repetindo duas vezes que não os criticava para quem tiver alguma dúvida e riu em diversas ocasiões talvez pela vergonha/culpa que lhe pudesse ocasionar a sua própria homossexualidade ou pelo medo/raiva de se ver espelhado num futuro nessa imagem quando a idade chegar, uma vez que pelo que parece ele não teria coragem de se expor de jovem, ainda menos de velho.

(P): No lo critico. No lo critico. *Cada quien con lo suyo*. Me parece muy bien 😊 que a esa edad tengan valentía, porque me imagino que en los años de ellos, eso era mucho tabú ¿sabes? Y ahorita, ves, la sociedad está más revelada. [Me imagino que se sienten 😊 liberados 😊].

Virilha também participou desse apagamento intencional, garantindo que nada tem contra os homossexuais. A profissional do sexo empregou duas unidades fraseológicas que apontaram para invisibilidade desse grupo social, a saber: *cada quien con lo suyo, me da igual*. Imersa na matriz da heteronormatividade, a garota considerou que são pessoas distintivamente diferentes, ou seja, diferentes ao padrão heterossexual e normativo, porém distintas, pois há trans, gays, maricones, etc... Em outras palavras, todos são igualmente diferentes, pois quebram o paradigma heteronormativo.

(V): No tengo nada contra, no. Lo veo feo, que dos hombres se besen en locales públicos ¿sabes? Desde mi punto de vista, no sé 🙄 no cabe, pero *cada un tiene su vida*. Yo tengo 🤝 amistad con trans, con gays, ¿né?, maricones, tal. *Me da igual*, para mí son personas que tienen su cabeza así.

Nessa lógica conceitual, é compreensível que Virilha tenha defendido que o amor homossexual deve ser claramente discreto, escondido e invisibilizado – “(V): En público, no. [Lo veo muito feo. No me gusta, no▶▶] [...] ¿EN PÚBLICO? [Debían ser más discretos ☹]”–. Nesse viés, encontramos também o depoimento de Joelho – “O beijo tá muito caliente ☺. [ESSA EXPOSIÇÃO EM PÚBLICO NÃO ACHO LEGAL, NÃO ☹] ”– sustentou com firmeza, sem perder a oportunidade para manifestar entre risos desde a sua homofobia interiorizada que o beijo estivesse muito quente.

Do lado “oposto”, nos deparamos com as fórmulas *¡qué lindo!*, *que lindo!* e *tá tudo ótimo!* que exteriorizam uma “aceitação e normalização” da homossexualidade pública. É mister esclarecer o uso do termo *normal* tanto em Ombligo quanto em Coxa, reforçando a ideia de que ambos normalizam o que na matriz cultural e ideológica deles não o é.

Para Ombligo a homossexualidade faria parte do seu universo, das suas redes de amigos, é dizer, da sua normalidade, isso sim, excluindo o âmbito familiar. Indagado pela possibilidade do seu próprio pai ser homossexual, o scort mostrou a sua rejeição perante essa hipótese com dose de raiva.

(O): ¡Ay, *qué lindo!* ☺ Me parece algo normal. Para mí, para mi mundo. Para lo mío es normal y lo de los demás no sé. Esto es normal [...]

(E): ¿Pongamos la situación que es tu padre que se está besando con otro?

(O): [¿Y POR QUÉ VA A SER MI PADRE BESÁNDOSE CON OTRO? ☹]. No lo sé... 🖐 Pues, bueno, ya, que se besen, nada, es que yo soy así, no me importa, que se besen y ya cuando llegue a la casa que me hable y me explique.

Surpreendentemente, aceita a sua homossexualidade e a dos outros, mas não a da sua família. Indignado pela suposição, pediria sim satisfação ao seu pai. Interpelado para expressar o que causa a imagem responde com a locução *me da igual*, não sabemos se com o intuito de normalizar ou com certa indiferença – “(O): Cualquier cosa. *Me da igual*. No me produce ni *asco*, ni *alegría*”–.

Por sua vez, Coxa se apresentou mais ponderada, dando a impressão de uma maior naturalização da homossexualidade do que os outros parceiros de profissão. Usando os fraseologismos *que lindo!* e *tá tudo ótimo!* nos trouxe uma reflexão muito válida: ciente do estigma que ela sofre, quem é ela para estigmatizar ninguém? Nesse sentido, de suas palavras podemos desprender uma sincera aceitação.

(C): *Que lindo!* 😊 Olha, pela minha condição, pelo que eu faço, eu teria que achar mais do que normal, então [...] É uma expressão de amor, devem ser respeitadas as pessoas que gostam do mesmo sexo. Gostam de sexos diferentes, casam, não querem filhos. [*Tá tudo ótimo!*, para mim 😊].

Por fim, pudemos observar basicamente duas concepções com relação à homossexualidade: a indiferença fingida e a relativa aceitação, todas elas num embate dialético com teia de significações e discursos heteronormativizadores. Acreditamos que tanto o orgulho desmedido quanto a vergonha proposital expressam que ainda o fim do caminho a percorrer na conceituação das diversas práticas sexuais em pé de igualdade está longe.

5.1.3.3 O orgulho: potencializador das diversas sexualidades

O orgulho é uma emoção que fortalece a autoestima e que proporciona a realização individual, propiciando o status quo do sujeito por meio do reconhecimento social. Nesse sentido, este pode ser benéfico na avaliação do self e dos outros. Como sentimento pode chegar a potencializar a diversidade sexual. Porém, cabe salientar que, por incrível que possa parecer, não percebemos apenas depoimentos e fraseologismos que apontaram para o orgulho no tocante à sexualidade. Tal fato pode se explicar por vários fatores: o desinteresse sexual dos sujeitos colaboradores; por certa vergonha de se manifestar ou devido às relações complexas que os profissionais do sexo mantêm com a sexualidade, por citar alguns.

Todavia, observamos alguns fraseologismos que puderam revelar esse orgulho para com as diversas formas de sexualidade, tais como: *¡qué lindo!* ou *¡qué cool!* De acordo com Ombligo, a homossexualidade seria linda e cool. Dos garotos de programa entrevistados foi o único que demonstrou ter orgulho da sua própria condição de gay – “(O): *¡Ay, qué lindo!* 😊 Me parece algo normal. Para mí, para mi mundo. Para lo mío es normal”– evidenciando o reconhecimento da sua identidade como homossexual. Exposto ao vídeo do gay dançando com a bunda no chão, deu a impressão que ele se identificara com essa representação, exprimindo a sua felicidade e orgulho por meio do fraseologismo *¡qué cool!*

(O): [*¡qué cool!* Me encanta 😊👍].

(E): ¿Te gustaría bailar así?

(O): [*Sería buenísimo* 😊].

Sem sombra de dúvidas, Ombligo foi quem mais internalizou e defendeu a diversidade sexual dentre os inquiridos. Perguntado pelas transexuais que exercem como profissionais do sexo, transpareceu que haveria um número expressivo e revelou a sua intenção de virar transexual.

(E): ¿Hay muchas trans que se dedican a la profesión?

(O): Sí, claro, la mayoría.

(E): ¿Y les va bien?

(O): Sí, [hay mucho cliente, hay demasiado y cobran mucho, cobran más que nosotros. Yo quiero hacerme trans 🙄 🙄].

De acordo com Coxa, seria difícil ter orgulho de formas de sexualidade que fugissem do padrão normativo. Indagada com a fotografia dos senhores se beijando, a profissional mostrou a sua cara mais humana, desvelando a necessidade e obrigação dos sujeitos para a materialização das suas emoções –“(C): Eu acho bonito exteriorizar o sentimento. [A gente vive numa sociedade, fechada, cheia de paradigmas ⚡]. [Pelo menos aqui no Brasil ser prostituta não é uma profissão 🙄]”–, concluiu com raiva, lamentando que a prostituição não seja reconhecida como qualquer profissão.

Ademais, a prostituta demonstrou uma atitude aberta para com a diferença através do fraseologismo *pode ser*. Confrontada com o vídeo do transexual, ela sinalizou por meio da estrutura *cada um faz o que quer* o orgulho de estabelecer novos rumos de entendimento para a diversidade sexual.

(C): [Pois é, né? Cada um faz o que quer, modifica seu corpo, diz o que quer, assume as suas consequências ⚡ 🙄].

(E): Ela diz que é mulher.

(C): [*Pode ser*, se ela se sente mulher, ela é mulher 🙄].

Na verdade, a garota de programa defendeu que cada um modifica seu corpo como achar necessário e que faz dele e com ele a sua própria vontade. Afinal, bem no seu papel de profissional do sexo, a menina nos surpreendeu com um depoimento irônico, se valendo da locução *ser uma viagem*, aplicada como reação ao gay que dança com a bunda no chão –“(C): [Ele tem um corpo bonito, ele joga, mas se ele jogasse mais de frente do que de trás, para mim é o que interessa, entendeu? 🙄] *É uma viagem dele*”– manifestou com certo sarcasmo.

5.1.3.4 A vergonha: a castração da expressividade na diversidade sexual

A diversidade sexual é uma noção que se refere de forma inclusiva a toda a diversidade de sexos, identidades e expressões de gênero, orientações sexuais, dentre

muito conceitos. Essa diversidade possui diversas formas de se expressar sem necessidade de especificar cada uma das expressões ou identidades que compreendem o amplo cenário desta pluralidade. Uma dessas expressões é mostrada no vídeo com a dança da bunda no chão. O que para Ombligo era cool –talvez pela sua identificação com o gay do vídeo– para o resto é simplesmente ridículo.

As reações dos sujeitos colaboradores no que tange ao material audiovisual supracitado se concretizaram em vários fraseologismos, desde fórmulas tais como: *ridículo!*, *¡uy, no!*, *¡horrible!* ou *¡madre mía!* até locuções do tipo *ser uma esculhambação* ou *jogar cuadrado*. Todas elas manifestaram o desdém ou despreço à performance que o indivíduo do vídeo nos oferece.

De acordo com Joelho, o comportamento do homossexual seria *uma esculhambação*, ridículo, já que, na sua opinião, o rapaz denigriu a categoria LGBT, deslustrando talvez as conquistas realizadas.

(J): *Ridículo!!* 😊😞

(E): Acha criativo?

(J): [*É uma esculhambação!* 🙄] *Essa postura difama a classe LGBT* 😊😞].

Inquirido com a questão de se considerava que o rapaz do vídeo poderia ser homossexual, o boy convincente respondeu com o fraseologismo *ter certeza* –“(J): *Tenho certeza*. [*Tu acha que homem vai estar fazendo um negócio desse?* 🙄🙄]”– sustentou com clareza e contundência.

Nessa mesma perspectiva padrão de masculinidade tradicional, Pecho reiterou sua rejeição de maneira incisiva com a fórmula *ni de joda*, cujo sentido deixou transluzir a vergonha própria e alheia de tais movimentos dançarinos.

(E): ¿Tú bailarías así?

(P): [*Ni de joda. Yo no sé bailar así* 😊😞].

(E): ¿Pero tú lo harías?

(P): Me daría *vergüenza* 😊😞.

(E): ¿Por qué?

(P): Me da *vergüenza*, no puedo 😊😞.

(E): Un poco afeminado, ¿no?

(P): Sí 😊.

É claro que nem Joelho, nem Pecho, se prestariam a dançar com a bunda no chão. Nesse contexto, Virilha empregou até três fórmulas para exprimir seu espanto – perplexidade não isenta de certo nojo social e vergonha pátria– *¡uy, no!*, *¡horrible!* *¡madre mía!* De acordo com a prostituta o rapaz era claramente brasileiro, se valendo

da estrutura *sin duda*, carregada esta de um ápice de vergonha pelo que representaria o dançarino gay para seu país de origem.

(V): [*¡Uyy, no! ¡¡Horrible!!* 🤢 *Es un mariconzino de mierda* 🤢].

(E): ¿Es brasileño?

(V): [Sí, *sin duda* 🙄 😊].

(E): Pero se mueve bien, ¿no?

(V): Sí, se mueve *¡madre mía!* ¡Vaya que sí! 😊

Por sua vez, Coxa acredita que a exibição seria, de certa forma, escrota, uma vez que a questionou por ser uma imagem formatada, pré-estabelecida –“(C): Olha, quando vejo uma imagem dessas, descendo o bumbum, [*esse cara mexendo, jogando quadrado e aquela coisa, para mim, sabe como é que é, é uma imagem bem formatada* 🙄 😊]. Eu não me sinto com esse bumbum, com essa jogada” – garantiu a garota de programa, desvelando certa dose de inveja por não ter essa habilidade, o que a levou a desprezar a atuação do rapaz com a estutura *imagem bem formatada*.

De qualquer modo, sabemos que a vergonha se apresenta em outros contextos dados, sempre como emoção opressora que limita as ações dos sujeitos e os priva de realizar o que querem desenvolver ou de revelar o que estes acreditam. Portanto, é por meio dela que ocorre a negação do reconhecimento de cada experiência como legítima. Tal fato é o que Virilha e Joelho sentiram perante a exposição ao beijo homossexual, isto é, a negação nesse cenário.

(V): Sí, eso está general. Pero no me gustan los gays. [*Nunca me ha gustado* 🙄]. No, lo veo muy feo que estén en público y se besando porque 🙄 son dos hombres, como dos mujeres es igual. ¿EN PÚBLICO? [*Debían ser más discretos* 🙄].

(E): ¿Y si fuera un hombre y una mujer?

(V): Ah! claro, hombre. [*Es otra cosa* 🙄].

(E): Entonces eso de dos hombres es más extraño.

(V): [*Hombre, ¡exacto!* 🙄].

Acionando o fraseologismo *es otra cosa* como divisória, limite do que pode ou não ser exposto, Virilha sustentou que não deveria ser igual o ósculo heterossexual do homossexual, pois este último careceria de legitimidade quando expressado em público. Com a estutura *debían ser más discretos* a prostituta expressou vergonha, neste caso alheia, com relação à ação dos indivíduos.

Sob essa mesma lógica, Joelho denotou sua rejeição ao beijo homossexual público, pois não que o considerasse nojento, mas sim vergonhoso. O scort utilizou duas

fórmulas como reação inicial *Vixe!*¹⁷¹ e *Foda!*, expressando ambas vergonha alheia e certo nojo.

(J): [*Vixe!! Foda!!* 😞 🤔] [...] [ESSA EXPOSIÇÃO EM PÚBLICO NÃO ACHO LEGAL, NÃO 🤔].

(E): Acha nojento?

(J): NÃO, acho desnecessário 🤔 não precisa disso.

No final das contas, a vergonha opera como essa emoção castradora, pois essa experiência, ao não ser legítima, é simplesmente desnecessária. É isso aí! Não precisa disso.

5.1.3.5 O nojo: o limite da expressão da sexualidade

Sabemos que o nojo desempenha um papel central na forma em que classificamos o mundo. Nesse sentido, opera na categorização de certas pessoas, coisas, atitudes e ações, consideradas por nós socialmente abjetas, execráveis, ignominiosas e desprezíveis. Esta emoção social sustenta a fronteira entre o puro e o impuro, entre o tolerável e o moralmente aberrante. Funciona como barreira social, sendo que o que é permitido aos que encaixam nos padrões, é negado aos que fogem da regra.

Defendemos que uma categoria social vulnerável ao nojo pode ser facilmente os moradores de rua, dentre outras muitas. Cabe suspeitar que estes possam provocar esse sentimento por eles representarem a miséria e a injustiça social com rosto humano. Quiçá alguns possam até ter uma imagem que transgrede a estética, a saúde ou a higiene. Porém, tal fato não justifica o estigma e a invisibilidade que costumeiramente estes sujeitos recebem.

Na nossa análise, o único que apresentou uma clara sensibilidade social com relação ao vídeo do beijo dos moradores de rua e sua problemática foi Joelho, talvez pela sua condição de classe social mais paupérrima. O profissional do sexo utilizou sem dor nem pena o fraseologismo *fela da putagem* para expressar e materializar a raiva contra quem escarnecem ou ridicularizam os mais oprimidos.

(J): [*Acho muita fela da putagem* 🤔] a pessoa que se aproveita dos mais oprimidos e uma pessoa bêbada para estimular esse tipo de coisa. É uma falta de respeito para com o outro.

(E): É nojento?

¹⁷¹ Forma linguística variada de *vige*, redução da unidade plurilexical *Virgem Maria!*

(J): Não, [nojento é os caras que estimulam a fazer isso para o vídeo 🤢👂].

No caso dele, o nojo social é direcionado para aqueles que incentivam os mais fracos a serem gravados para, posteriormente, ser desvalorizados ou inferiorizados na chacota.

Por sua vez, Coxa sentiu certo nojo pela representação, exprimindo-o de forma irônica e sutil. A locução *estar com fogo* foi acionada pela garota de programa de forma perversa e por trás dela se identifica o menosprezo e a negação da sexualidade para este grupo social estigmatizado –“(C): [NOJO? 🗣️ Não 😏👂]. [Olha, o gesto dele é até atraente 😏🤢] [Ele *está com fogo* 😏]. Para mim, comigo não existe normalmente esse fogo aí 😏”–.

De modo similar sua parceira de profissão, Pecho empregou a ironia para seguidamente manifestar de maneira explícita seu nojo. O prostituto relatou uma cena de sexo que presenciou no Equador entre dois moradores de rua ao vivo, exteriorizando sua repulsa com a fórmula *¡guácala!*, além da raiva e a vergonha que lhe causou tal situação insólita.

(P): [!!Buahh!! ¡Guauu! 😏 😏]. APASIONADO 🗣️. [Eso es un beso apasionado 😏😏]. [No mola, no mola nada 🤢] [...] [dos personas de la calle teniendo sexo delante de todo el mundo 🤢 😏 😏].

(E): ¡Ostra! 😏 ¿y qué sensación te dio?

(P): Nada, [a mí me dio fue como *asco* 🤢]. Sinceramente, [¡guácala! Porque cuando yo los veo y ellos no les importaba nada 😏😏].

Indignado ante o material audiovisual, o scort no seu relato apelou para as crianças como vítimas por ter que testemunhar tal repugnante episódio –“(P): y las personas caminaban y se les quedaban viéndolos, [les *tapaban los ojos*¹⁷² a los niños y así 😏😏] [...] Y fue en todo, o sea, en todo el centro de Ecuador, de Guayaquil, donde yo vivía. [Y es asqueroso 🤢😏😏]”– concluiu com vergonha e nojo.

Já Virilha sentiu nojo tanto pelos protagonistas do vídeo quanto pelos que os incentivavam. A garota apresentou esta emoção contra os bêbados e as mulheres idosas que beijavam rapazes jovens. A sua repugnância se diluiu no discurso. Para os bêbados

¹⁷² Colocação verbal que expressa nojo e vergonha alheia impedindo ver o que é considerado nauseabundo e imundo para os cândidos olhos de uma criança ante um ato sexual explícito.

a menina dedicou o fraseologismo *¡qué asco!*, enquanto que para as mulheres pervertidas empregou *¡uy, no!*

(V): Ya vi varios así, BORRACHOS 🗣️. [¡Uffff! ¡qué asco! 🤢] Yo vi una mujer vieja, vieja, vieja con un hombre joven el otro día. Así, estaban en una fiesta, yo que sé.

(E): ¿Y te dio *asco*?

(V): [Sí, ¡!uyyy, nooo!! 🤢].

Contudo, a profissional do sexo mostrou até certa sensibilidade social para com os mais vulneráveis, exprimindo tristeza e raiva pela gravação do vídeo –“(V): [Veo mal a la persona que está filmando, eso sí, yo vi que estaba induciendo a los dos que hicieran eso 🖐️ para grabar 🙄🙄] ¿entiende?”– espelhou tristemente a garota de programa.

Por fim, Ombligo nos ofereceu quatro unidades fraseológicas. Duas fórmulas que explicitam o nojo *¡qué asco!* *¡guácala!*, um clichê que denota certo preconceito *quien es pobre es porque quiere* e uma fórmula própria do sujeito que expressa indignação e repugnância ao mesmo tempo, *¡marica, qué estás haciendo con tu vida!*

(O): [¡Mira la cara! 🙄] ¡Yo no sé qué hacer!! ¡Qué asco! 🤢] Se están besando así, no sé, por el video, no tiene sentido 🙄. Pero no es como en plan lastima, ni nada, es como: [¡Marica, qué estás haciendo con tu vida! O sea, ve a trabajar 🤢 🙄].

(E): Son de la calle.

(O): [Yo sé, que se pongan a trabajar, marica 🗣️]. [Porque *quien es pobre es porque quiere*. ¡Ayy, no!, ¡guácala! 🤢 🙄]

O scort fechou com chave de ouro na manifestação do nojo e do desprezo para com os moradores de rua em formas explícitas de fala, materializadas pelos fraseologismos *¡qué asco!* e *¡guácala!* Na sua concepção, eles teriam a culpa de estar onde estão e agir como agem, pois são pobres porque querem, além de estar perdendo o tempo e deixando a vida passar: – *quien es pobre es porque quiere, ¡marica, qué estás haciendo con tu vida!* –, reproduzindo ambas estruturas certa raiva manifesta.

No final das contas, cumpre acreditar que são cidadãos de segunda classe, desprezáveis e indignos, pelo que é razoável julgar sua sexualidade como sórdida e imunda: simples e puro reflexo do que eles representam para a sociedade.

5.2 SEGUNDA PERSPECTIVA: FRASEOLOGIA E EMOÇÃO

Nesta segunda proposta apresentamos um glossário dos fraseologismos emergentes¹⁷³ tanto do roteiro audiovisual aplicado quanto das narrativas orais orientadas dos cinco sujeitos participantes, com o intuito de identificar quais unidades fraseológicas proporcionam os dados gerados e como essas podem estar associadas a certas emoções ou reações emocionais, tais como: vergonha, orgulho, culpa, medo, raiva, nojo, entre outras, mostrando a sua materialização linguística.

Cientes de que há mais fraseologismos possíveis nos discursos dados, só apresentamos os que consideramos permeados emocionalmente, conforme as características do ponto 3.4.3¹⁷⁴, no qual apresentamos uma nova via de pesquisa que transitasse da sociologia das emoções para a fraseologia das emoções.

Todos eles são formas linguísticas predominantemente coloquiais que conformam textos e discursos orais, comuns, frequentes e informais, pelo que não consideramos necessário marcas linguísticas nesse sentido. A imensa maioria faz parte do discurso repetido. De fato, pode se observar como algumas entradas possuem várias acepções, uma vez que uma mesma estrutura linguística apareceu em várias ocasiões.

Com relação à noção de polilexicalidade como fundamento da fraseologia estrutural, cuja base é a combinação fixa de palavras, na nossa tese defendemos que há pelo menos quatro tipos diferentes com relação à sua configuração estrutural, principalmente nas fórmulas:

- a) as *pluriverbais*, configuradas por duas ou mais palavras separadas graficamente. Ex. *Graças a Deus*.
- b) as *monoverbais*, apresentadas como reduções grafemáticas de fórmulas pluriverbais. Ex. *Valha!*, variante curta de *Valha-me Deus!*
- c) as *monolexicais*, cuja origem foi uma forma plurilexical, porém pela evolução da língua apenas se atualiza com um componente léxico. Ex. *Oxe!* variação de *oxente!*, proveniente de *ó gente!*

¹⁷³ Os fraseologismos proferidos pelo entrevistador não serão nem apresentados, nem analisados, embora estes tenham sido marcados em negrito na transcrição.

¹⁷⁴ A seguir, mostram-se resumidamente os critérios norteadores para a seleção dos fraseologismos: a) atos de fala expressivos e/ou emocionais que revelem a subjetividade do falante; b) fazer parte do discurso repetido; c) predominantemente pluriverbais, sem excluir os monolexicais; d) formalmente, mais ou menos fixos com certa variação; e) heterogeneidade semântica numa escala gradual de sentido transparente ao opaco; f) formas linguísticas orais, do discurso espontâneo e não monitorado, que mostrem o componente emocional dos sujeitos participantes.

- d) as *unilexicais*, configuradas do início como uma palavra, vocábulos que adquirem o status de fórmula por constituir uma unidade livre com dependência contextual. Ex. *Rapaz!*¹⁷⁵

Sem sombra de dúvidas, qualquer que for a sua apresentação formal e/ou estrutural, todas elas se encaixam na principal característica que tomamos em consideração para poder ocupar um espaço em nosso estudo, isto é: *ser atos de fala expressivos e/ou emocionais que revelem a subjetividade do falante*.

No que tange à classificação tão discutida e questionada na seção 3.2.3, na qual foi exposta a hierarquia das formas linguísticas nos estudos fraseológicos, tomaremos desta os princípios tradicionais e consolidados na hora de definir as diversas unidades fraseológicas apresentadas, sem a pretensão de focar nosso empenho e atenção nos aspectos estruturais ou formais mais do que o necessário. Nesse sentido, encontramos diversas locuções, colocações, fórmulas ou clichês, excluindo as denominadas gírias, dado que não reconhecemos de forma alguma esta noção ilegítima com as falas dos vulneráveis e que entendemos como conceito estigmatizante, de acordo com uma visão binária de fraseologismos de primeira e de segunda categoria que nem queremos, nem devemos, nem podemos compartilhar.

De qualquer forma, cabe destacar que nos orgulha dar voz e incluir na lista alguns fraseologismos gerados que fazem parte do idioleto ou que são criações idiomáticas do sujeito. Tantos esses particulares/específicos quanto os institucionalizados na língua –a maior parte deles– serão expostos na ordem alfabética. Preferimos não os separar pela língua a qual pertencem, pois há unidades fraseológicas híbridas que transitam entre o português e o espanhol.

Cada verbete será apresentado da seguinte forma: primeiramente, se oferece a definição de maneira mais geral, mais próxima dessa concepção de significado como pedra para construir os outros sentidos (Vigostky, 2000 [1934]). Posteriormente, essa multiplicidade de sentidos sobre esse significado base conformará as acepções, grafadas numericamente, apontando para a construção do edifício de sentido concreto e discursivo, considerados o lugar de fala, o contexto de geração e as especificidades de cada sujeito. Por fim, se proporcionará o excerto de fala desses colaboradores como as vozes que ecoam e reverberam em todo momento no léxico exposto.

¹⁷⁵ Poderia ser até discutível e provir de uma estrutura mais complexa do tipo: *o que é isso, rapaz!*

Destarte, pretendemos apresentar um vocabulário fraseográfico dos diversos sentidos –contextual, particular, ideológico e discursivo–, ultrapassando o simples e mero significado.

Para facilitar a sua consulta e leitura, os fraseologismos foram agrupados nas seis emoções discutidas teoricamente nas seções 3.3.5 e 3.3.6 como uma forma de organizar, mais do que sistematizar. É mister esclarecer que não se pretende classificar ou limitar os múltiplos sentidos desses fraseologismos apenas e exclusivamente a uma emoção.

Essa pretensão conformaria uma inverdade e nos levaria ao engano, uma vez que em cada unidade fraseológica podemos elucidar ou especular uma complexa teia de sentidos emocionais. Na verdade, foram discriminadas ou agrupadas em cada seção com base nas interpretações emocionais que o pesquisador construiu com o auxílio dos sujeitos colaboradores. É inegável que cada uma destas estruturas cabe a diferentes olhares interpretativos.

Da mesma forma, é honesto manifestar que este glossário não deve ser entendido como um vocabulário da prostituição; pois, na nossa perspectiva, não é isso, nem essa foi a nossa intenção. Simplesmente são fraseologismos que se acionaram e materializaram emoções nos diversos contextos e discursos por sujeitos que tem como lugar de fala ser profissionais migrantes do sexo.

Porém, a condição de prostituto/a não significa que as estruturas apresentadas sejam específicas desse grupo social ou exclusivamente desse âmbito, pois, dessa maneira, cairíamos numa falácia imperdoável, alimentando a detestada noção de gíria, criticada no ponto 3.2.3.4, por excludente e preconceituosa.

Concluindo, a bússola que nos orienta navega pelos mares para chegar ao nosso principal porto: apresentar uma particular fraseologia com e para os sujeitos. Na nossa concepção, as acepções dos verbetes trazem as vozes desses indivíduos e as definições se constroem em função da matriz ideológica e cultural dessas subjetividades com a do autor, num embate dialético de identidades em jogo.

Enfim, os sentidos apresentados a seguir são (re) criações não apenas pelo contexto dado no discurso, mas também pelo posicionamento ideológico de quem os proferiu, assim como pela leitura, olhar e interpretação de quem os ouviu e apresentou.

5.2.1 A FRASEOLOGIA DA VERGONHA¹⁷⁶

Imagem 12 – A expressão da vergonha



Fonte: adaptada de: www.dibujosa.com

¹⁷⁶ A **vergonha** é aquela emoção moral extremamente disfórica que implica uma avaliação negativa do *self* ou do outro na forma de vergonha alheia, produzida pelo considerado mais abjeto, baixo e desprezível nas identidades sociais dos sujeitos.

1. CALLA, CALLA: fórmula comum da língua espanhola que pode estar ligada a várias emoções, dentre elas a vergonha. **1.** Usada com o sentido “cala a boca”, este fraseologismo materializa a petição de discrição do sujeito com relação a sua homossexualidade. *Ex.* **(E):** ¿A tí, te gustan las mujeres también, o los hombres y las mujeres o como?; **(O):** [*Calla, calla* 🗨️🙄]. [*Los hombres, solo* 🗨️- assinala para falar mais baixo) 🙄].

2. ¡CLARO (QUE SÍ)!: apresentação da fórmula espanhola abreviada que expressa asentimento ou confirmação. **1.** Além disso, pode manifestar a vergonha que produz no sujeito ao ter sido exposto à violência doméstica. *Ex.* **(O):** [*¡Claro!* 🙄 🗨️], con este tipo de cosas que tú estás haciendo conmigo, cuando afecta a lo emocional, cuando la foto quiere transmitir un mensaje emotivo, uno lo capta de una. **2.** Manifestação expressiva da indignação e impotência que causa a violência generalizada. *Ex.* **(O):** *¡Claro!*, es normal, sí. [*En Venezuela eso es normal, te atrapan robando y te matan* 🗨️].

3. DAR VERGÜENZA: colocação verbal do espanhol com verbo suporte

dar que denota um sentimento penoso resultante da desonra ou humilhação. **1.** Empregada no contexto como rubor ao provável vexame que poderia ocorrer se o sujeito, sob a representação da masculinidade, dançasse nas formas mais próprias da feminilidade. **(P):** *Me daría vergüenza*¹⁷⁷ 😊 🙄; **(E):** ¿Por qué?; **(P):** *Me da vergüenza*, no puedo 😊 🙄; **(E):** Un poco afeminado, ¿no? **(P):** Sí 😊.

4. DE FORMA ALGUMA: fórmula contundente do português que exprime contrariedade ou oposição, indicando que não se concorda com alguma coisa. **1.** Utilizada com nuances de vergonha e até medo pela informante, emoções geradas em virtude da incompreensão e o estigma familiar acerca da profissão de trabalhador/a sexual. *Ex.* **(C):** [*eu acho que não, não aceitariam de forma alguma* isso 🗨️]. Eu vivo camufladamente, no silêncio 🗨️🙄🙄].

5. DE JEITO NENHUM: fórmula categórica do português brasileiro que exprime contrariedade ou discordância com um fato ou alguma coisa. **1.** Acionada pela necessidade de

¹⁷⁷ Foi excluída a marcação em vermelho das emoções explícitas, por não ser considerada grafematicamente relevante para esta parte das análises.

manifestar a vergonha e raiva do colaborador pelo fato do estigma social e familiar que acarreta a profissão de trabalhador/a sexual não reconhecida socialmente. *Ex. (J): [DE JEITO NENHUM, EU? 🗣️ 😞]* minha família não sabe, vou fazer um negócio desse 😊. **2.** Materialização expressiva da convicção firme de uma ideia, com relação à representação da mulher musculosa. *Ex. (E):* Acha que um cliente ia gostar de uma mulher desse jeito?; *(C): NÃO, se fosse hétero, acho que não. [De jeito nenhum 🗣️].*

6. DE NINGUNA MANERA: fórmula categórica do espanhol que exprime contrariedade ou oposição firme, materializando discordância. **1.** Usada sob a emoção vergonha –dentre outras– pelo informante, por conta do estigma e incompreensão da família do sujeito no tocante à profissão de trabalhador/a sexual. *Ex. (P): NO, NO, NO 🗣️. De ninguna manera.* O sea, mi familia es muy cerrada en ese tema. [*Y pensarían que eso es lo peor. Ellos dicen que eso es lo último que una persona puede hacer 😞😞*].

7. ¿ESTÁS LOCO?: pergunta em forma de fórmula como reação contrária firme no que diz respeito a uma

afirmação ou fato. **1.** Empregada como oposição à questão do entrevistador, este fraseologismo confirma a vergonha / medo que o sujeito demonstra a respeito da sua atividade profissional como prostituto. *Ex. (E): ¿De tu círculo de amigos, de familia saben lo tuyo?; (O): Nadie 🗣️ ¿estás loco? 😞😞*].

8. ¡EXACTO!: fórmula unilexical da língua espanhola que evidencia o assentimento ou confirmação como reação do sujeito para com uma questão. **1.** Usada para assentir ou concordar com a afirmação da restrição do círculo de amizade dos sujeitos a apenas os profissionais do sexo, transparecendo a vergonha social que a prostituição carrega. *Ex. (E):* Entonces tu círculo es de gente de este ámbito, de scort, ¿no?; *(P): ¡Exacto! 🗣️.* No todas 😊. *Como te digo, [no todas, porque no todas son scort. Pero sí la gran mayoría 😊].* **2.** Acionada pela vergonha que produz pertencer a esta categoria social. *Ex. (E):* Y cuando te estabilices, te sales. *(P): ¡Exacto!* **3.** Utilizada como emoção castradora com dose de vergonha alheia e certo nojo com relação aos corpos obesos, operando com estigma social. *Ex. (P): [¡Exacto! No voy a poder hacer nada con la clienta 🗣️].* Ellas vienen. La mayoría de

las personas que vienen acá es para que las *folle bien* y [no me voy a poder empalmar con una persona así 🤔]. **4.** Fórmula que dilucida a homofobia da colaboradora perante à exposição pública do amor gay por meio de beijos

9. FAZER DA VIDA: fraseologismo do idioleto da colaboradora que mostra uma reflexão em forma de pergunta acerca da trajetória vital do sujeito. Nesse caso, pode se observar que a profissão do sexo gera no indivíduo tantos sentimentos encontrados, tais como vergonha, culpa e nojo, que o estimula a repensar outras formas de trabalho fora da prostituição. *Ex. (C):* É você... 😬 olhar diante de tudo e depois de tudo para você mesmo e [perguntar para você: *o que é que você está fazendo da sua vida?* 😞 😬] e [você em algumas poucas vezes sentir vontade de morrer 😞👤].

10. FICAR FIXO/A: colocação verbal do português brasileiro com verbo suporte *ficar* que deixa transparecer a efemeridade dos relacionamentos sexuais. Provém da noção *ficante fixo*, isto é, amante mais ou menos estável, sem “muito compromisso”. **1.** A estrutura denota certa vergonha –e orgulho ao mesmo tempo–,

e carícias. *Ex. (E):* ¿Y si fuera un hombre y una mujer?; **(V):** Ah! claro, hombre. [Es *otra cosa* 🤔]; **(E):** Entonces eso de dos hombres es más extraño; **(V):** [Hombre, ¡*exacto!* 🤔].

condicionada pela representação da masculinidade e heteronormatividade do colaborador que lhe impede naturalizar os relacionamentos homossexuais sérios. *Ex. (J):* Cara, *para falar a verdade*, [já teve cliente que me ajudou, a gente *ficou fixo*, mais de anos 🤔😞]. [Me deu moto, me dava as coisas, roupa, me ajudava, me dava uma grana por mês 🤔😞].

11. FODA!: abreviação da ambivalente fórmula brasileira *é foda!* Pode aludir a algo que é muito bom ou o máximo ou, pelo contrário, pode se referir a uma coisa muito ruim. **1.** Usada como amostra de rejeição/vergonha alheia contra a exposição pública do amor homossexual em forma de beijo como ato vergonhoso, conforme os parâmetros da heteronormatividade. *Ex. (J):* [Vixe!! Foda!! 😞🤔] Parece dois namorados, como é que é? É um filho e um pai? 🤔. O beijo tá muito caliente 😊.

12. HAY DE TODO: clichê da língua espanhola –em português, *tem de tudo*– que recusa a generalização de comportamentos dentro de uma categoria, uma vez que sempre existe certa diversidade em todo grupo social.

1. Acionado como clichê para justificar que há sacanas e aproveitadores em todas partes, a colaboradora se vale desta expressão para manifestar a vergonha alheia que lhe ocasiona as prostitutas que roubam, depois de ter relatado experiências negativas de furto com clientes. *Ex.* Ahí clientes que te pagan y quedan observando donde tu pones el dinero. Un despiste. Y se lo lleva. **(E):** ¿Hay que tener cuidado con los clientes? **(V):** Mucho cuidado. [*Hay mujeres también, hay mujeres que cogen el dinero de la cartera del cliente. Hay de todo* 😏😏].

13. JÁ PENSOU?: fórmula comum brasileira que remete a um tom irônico ou pessimista com o intuito de manifestar que o sujeito não está preparado para um determinado evento ou situação. **1.** Acionada pela vergonha que ocasiona a profissão, a interpelada se vale deste fraseologismo para ironizar e disfarçar a impossibilidade de falar abertamente da sua atividade profissional. *Ex.* **(C):** [*Minha família não sabe o que eu faço. Alguns pensam*

que eu trabalho no serviço de telemarketing. Já pensou? 😏😏]

14. ¡MADRE MÍA!: fórmula comum da língua espanhola que indica surpresa ou admiração, empregada de forma positiva ou negativa. **1.** Utilizada pela entrevistada como reação negativa de surpresa, produzida pela vergonha alheia de só imaginar ter um filho gay afeminado. *Ex.* **(E):** ¿Y si tuvieras un hijo así?; **(V):** Ay, yo no tengo hijo 😏; **(E):** Pero, ¿si lo tuvieras?; **(V):** [*¡madre mía!! Yo no quiero que mis hijas hagan lo que yo hago* 🙄 😏 😏😏]. **2.** Usada como surpresa e certo tom irônico quando confrontada ao rapaz com deformidade. *Ex.* **(V):** [*¡MADRE MÍA! Un dedo a más* 😏], [*¡qué bien!* 😏]. **3.** Acionada como reação negativa de surpresa pelo nojo que pode ocasionar fazer um serviço com um idoso peculiar. *Ex.* **(E):** ¿Y si te viene un cliente así?; **(V):** Con tanto pelo y tatuaje así: [*¡madre mía! ¡Tú también!* 😏] ¿no? 😏.

15. MUNDO ESCURO: locução nominal em português do idioleto do sujeito que aponta para a representação que a informante possui com relação a uma profissão vergonhosa que deve ser exercida na escuridão e/ou no silêncio.

1. A colaboradora estabelece um paralelismo entre a situação sinistra ou lúgubre da sua atividade profissional com a solidão e exclusão das pessoas com deformidades. *Ex. (C):* Acho, porque é como se juntasse [*meu mundo escuro ao mundo solitário deles* 😞]. [*Eles não tem nenhuma opção de namorar* 😞].

16. NÃO DÁ: expressão do português brasileiro com sentido negativo que aponta para impossibilidade de uma situação ou evento. **1.** Usada para materializar a vergonha do sujeito perante a mera possibilidade de manter relações sexuais com uma pessoa idosa, de grande diferença etária. *Ex. (J):* [*Olha, esse cara tem idade de ser meu bisavô,* 😞😞. *Não dá. É até uma questão de respeito* 😞]. **2.** Além da vergonha, este fraseologismo pode apresentar outras emoções derivadas de tal impossibilidade, tais como raiva, tristeza, culpa..., no exemplo, a inquirida se vale da estrutura para exprimir a tristeza só de pensar ser mãe de um bebê com alguma deformidade. *Ex. (C):* Imagine você isso na vida que eu tenho. Me deparar com isso, não dá para seguir. [*Não dá...* 😞]. Essa imagem é muito forte. **3.** Usada também como consumação da repugnância e/ou nojo

causados na entrevistada que a impossibilita a ter sexo com uma pessoa obesa. *Ex. (C):* Para mim, *não dá*. Já chegaram velhos, até anão, algum discapacitado, mas assim não. *Vou te falar*, eu tenho uma aversão à gordura. [*Baixo, magrinho, pode ser o que for, mas se for GOORDO, não rola* 🤢].

17. NI DE JODA: fórmula que denota a identidade linguística do sujeito como venezuelano e que efetiva rejeição ou recusa categórica ante uma situação ou evento comunicativo. **1.** Usada pelo entrevistado como negação categórica, marcada pela vergonha alheia para com os homens afeminados. *Ex. (E):* ¿Tú bailarías así?; **(P):** [*Ni de joda. Yo no sé bailar así* 😞 😞]. **2.** Acionada também como reação de recusa firme com tom irônico ante uma questão ou fato. *Ex. (E):* Crees que sería bueno, así como... ¿te gustaría tener seis dedos?; **(P):** No, no me gustaría. *Ni de joda* 😞 😞.

18. NOSSA!: fórmula monolexical, redução da expressão popular brasileira *Nossa Senhora (Aparecida)!*, que materializa surpresa ou admiração de forma positiva ou negativa. Pode ter correspondência semântica com a espanhola *¡madre mía!* **1.** Empregada como manifestação da vergonha –e até

o medo— de se envolver emocionalmente, de reconhecer a atividade emocional que surge na profissão do trabalhador sexual. *Ex. (C):* é [UM PERIGO CONVERSAR COM CLIENTE, *Nossa! A gente fala de tanta coisa, ouvimos abafos* 🗣️😬😬]. **2.** Uso deste fraseologismo para exteriorizar o estigma acionado pela própria colaboradora no tocante ao seu estilo de vida como modelo incompatível com a formação de uma família quando confrontada à fotografia do homem e do bebê. *Ex. (C):* Mas também quando vejo essa expressão de amor, para mim, *NOSSA!* [eu acho que não é do meu mundo. ISSO NÃO FOI PARA MIM 🙄 😬]. **3.** Expressão de surpresa negativa que revela a vergonha que a atual profissão desperta na própria interpelada. *Ex. (E):* Como era a sua vida interior? Fazia o quê? Por que entrou nesse mundo?; *(C): Nossa!* [A minha vida anterior era uma vida muito pacata 🙏. Eu trabalhava em uma padaria, em São Paulo. E eu atendia clientes, eu servia pingado, quando eles chegavam de manhã 🤔]. **4.** A participante aciona esta fórmula para materializar o receio/medo de se apaixonar por um cliente no desenvolvimento do seu trabalho. *Ex. (C): Nossa!*, estar susceptível a ser

apaixonar por alguém que só quer um momento. [Também poder contrair uma doença, por mais precavida que você seja 😬]. **5.** Reflexo da surpresa ou admiração negativa com relação ao inusitado da fotografia de um rapaz ter seis dedos na mão. *Ex. (C): NOSSA! É VERDADE.* 😬] [ELE TEM SEIS DEDOS 😬]. Não *vejo vantagem* nenhuma.

19. PELO AMOR DE DEUS: fórmula em português que invoca o nome de Deus para persuadir alguém a não agir ou dizer algo em respeito ao divino supremo. Na escrita informal pode se apresentar com a abreviação *plmdds*. **1.** Utilizada como recurso fraseológico da língua nativa pela informante brasileira em espanhol, tomando as palavras da mãe dela para convencê-la em nome de Deus a realizar outra profissão que não implique um vexame ou desonra familiar e/ou social. *Ex.* Bueno, mi madre 🙏 es una madre muy buena, es mi amiga y 🙏 [no le ha gustado, claro, con mi madre, no 😬]. [Pero, bueno, dijo: *Pelo amor de Deus, hija, busca otra cosa, otro trabajo* 😬]. No más, no 🙏. **2.** A informante, ciente do estigma que recebe a prostituição, se vale desta para se autoconvencer do ocultamento

da sua profissão. *Ex. (V):* Invento 🖐️, soy camarera, porque ya lo he hecho varias veces, [no puedo decir que soy prostituta ▶▶], [pelo amor de Deus 🗣️] 😊.

20. POR POUPAR: locução metafórica do português brasileiro que toma o significado literal de economizar –muito atrelado à economia– com sentido figurado apontando para a poupança de sentimentos ou situações negativas. **1.** Acionada por conta da vergonha e o estigma que pode supor para os outros a atividade profissional realizada pela participante. *Ex.* Mas simplesmente é *por poupar* porque várias pessoas da minha família [JAMAIS ACEITARIAM ISSO, JAMAIS 🗣️😞😞].

21. ¡QUÉ HORRIBLE!: fórmula em língua espanhola que expressa um evento ou situação muito feia ou desagradável. **1.** Usada pelo informante –quando confrontado à imagem do homem batendo à mulher– como materialização de uma teia de aranha emocional que envolve diversas emoções disfóricas, dentre elas a vergonha, causada por ter sido e aceitado ser vítima de violência doméstica por um determinado tempo.

Ex. (O): Porque he estado ahí. [He sido ella ¡qué horrible! 😞 🗣️].

22. ¡QUÉ SITUACIÓN!: criação fraseológica idiomática em língua espanhola própria do idioleto da colaboradora que aponta para uma circunstância desfavorável ou incomum. Fórmula baseada no fraseologismo brasileiro *que situação!* **1.** Empregada como rejeição do sujeito com nuances de constrangimento perante a hipotética situação inusitada de ter que realizar um serviço com um idoso excêntrico. *Ex. (V):* [Ufff, ¡qué situación! 😞 😊]. He estado con viejos pero más simpáticos, más agradables. [Es lo que te digo. Con uno de 81, pero no tenía nada que ver con ese 🗣️].

23. ¡QUÉ VA!: fórmula espanhola institucionalizada que provém da omissão na resposta da ação perguntada, conformando uma reação enfática em forma de negação. *Ex.* ¿Le pasa algo?; ¡qué va (a pasarme)! **1.** Aplicada com certa tristeza e vergonha como reação contundente a respeito da discordância ante uma questão. *Ex. (V):* [No, no me siento realizada, NO 🗣️]. ¡Qué va! 🗣️]. **2.** Constrangimento concludente no sujeito que demonstra o exercício de uma profissão tabu socialmente

vergonhosa. *Ex. (E):* Y una cosa 🖐 tú antes de *hacer esto*, ¿te dedicabas a otra cosa, me imagino? ¿Allí en Venezuela hacías esto o no?; *(P):* [NO, ¡QUÉ VA! 🙄]. Llevo poco tiempo 😊 😊. **3.** Pelo contrário, o fraseologismo pode assinalar também o orgulho do informante por meio dessa negação firme. *Ex. (E):* ¿Has creado vínculos emocionales con algún cliente?; *(O):* [El cliente conmigo sí, yo con él nunca, ¡qué va! 😊🙄].

24. ¡QUÉ VERGÜENZA!: fórmula da língua espanhola como reação através de uma emoção disfórica que aponta para o receio de se sentir ridículo, vexado ou desonrado perante um evento ou situação. **1.** Constrangimento explícito do sujeito, por conta do exercício de uma profissão tabu considerada socialmente vergonhosa. *Ex. (E):* ¿De tu círculo de amigos, de familia saben lo tuyo?; *(O):* [Nadie 🙄. ¡Qué vergüenza! 😊]. **2.** Vexame por um engano ou imprecisão causado pelo sujeito no respeitante à representação social dos gêneros. *Ex. (O):* No, de hecho, estos días me llamó un chico que tenía como que 18 y hablaba como mujer. Y yo disculpa pero yo no atiendo mujeres. Y él me dice, ah, pero es que yo soy un chico y yo: [ay, perdón,

disculpa, es que tenías voz de mujer, ¡qué vergüenza! 😊].

25. RIDÍCULO!: redução da fórmula em língua portuguesa *é ridículo!* com omissão do verbo ser. Usada para um indivíduo, atitude ou situação grotesca que se torna irrisória pelo exagero ou anômalo daquilo que é considerado apropriado ou natural a determinada condição. **1.** Aplicada pelo sujeito como reação de vergonha alheia e raiva contra a exposição considerada exagerada da homossexualidade ou atos que apontem para ela como suposta imagem degradante desse grupo social. *Ex. (J):* **Ridículo!!** 😊😊; *(E):* Acha que o rapaz do vídeo é viado?; *(J):* **Tenho certeza.** [Tu acha que homem vai estar fazendo um negócio desse? 😊🙄].

26. SABER LO (DE ALGUIEN): locução espanhola cristalizada própria do universo homossexual e da prostituição que evidencia o tabu social que supõe destapar essas condições. Se vale do uso do pronome como interdição linguística. *Ex. (E):* ¿De tu círculo de amigos *saben lo tuyo?* **1.** Manifestação da vergonha que ocorre quando o que devia ser segredo de uma condição sexual é revelado. *Ex. (P):* [Mi mamá si sabe (lo mío) que tengo (sexo)

con tíos y con tías 😞]. **2.** Constrangimento que produz no colaborador o fato de que as pessoas suspeitem ou conheçam o exercício de uma profissão conceituada como vergonhosa. *Ex. (O):* De hecho, nadie me pregunta qué hago, ni cuánto gano, ni nada, porque ellos saben que yo... [*yo creo que todo el mundo sabe lo mío* 😞😞]. **3.** Reação contundente do sujeito ante a desonra que o trabalhador pode experimentar no caso de ser evidenciada e/ou divulgada a profissão sexual. *Ex. (E):* ¿Has sufrido prejuicio por tu profesión?; *(O):* [No, porque nadie lo sabe 🗣️😞😞].

27. SER UMA ESCULHAMBAÇÃO: locução verbal do português brasileiro que denota uma ação bagunçada, uma desordem ou confusão considerada imoral u imprópria. **1.** Utilizada pelo boy para expressar a vergonha alheia para com atitudes exageradas por impróprias que degradam à diversidade sexual. *Ex. (J):* [É uma *esculhambação!* 🗣️ Essa postura difama a classe LGBT 😞😞].

28. SIN DUDA: locução adverbial da língua espanhola de afirmação firme que não deixa lugar à dúvida. **1.** Empregada pela colaboradora como

manifestação da vergonha alheia ao ter certeza de que o sujeito que dança é brasileiro, exprimindo como essa performance abjeta fere o orgulho pátrio da informante. *Ex. (E):* ¿Es brasileño?; *(V):* [Sí, *sin duda* 🗣️ 😞].

29. TAPAR LOS OJOS: colocação verbal que expressa uma reação que impeça ver o deplorável ou de nenhum interesse. **1.** Materializada no discurso pelos sentimentos de nojo e vergonha alheia do sujeito, este fraseologismo atua como rejeição/recusa ao que é considerado nauseabundo e imundo para os cândidos olhos de uma criança ante um ato sexual explícito. *Ex. (P):* Nada, [*a mí me dio fue como asco* 🗣️]. Sinceramente, [*¡guácala! Porque cuando yo los veo y ellos no les importaba nada* 🗣️😞]. Simplemente, estaban ahí entre ellos dos y ya. Y las personas caminaban y se les quedaban viéndolos, [*les tapaban los ojos a los niños y así* 😞😞].

30. TIENE QUE ACEPTAR: criação idiomática da colaboradora brasileira em língua espanhola com base na fórmula *tem que aceitar*, exprimindo a conveniência de assumir com relação a um fato ou situação. **1.** Fórmula que indica a resignação do sujeito ante a

hipótese de uma das filhas ser lésbica, o que considera uma vergonha. *Ex. (V):* [j!Uff, no sé!! 😞😞 **Tiene que aceptar** ¿no? 🙅🏻🧐 No, no 🧐 🙅🏻 no me gusta, pero... 😞 no 🧐].

31. TU É DOIDO!: fraseologismo exclamativo comumente nordestino, mais cearense, usado para manifestar veemência e/ou se maravilhar / surpreender negativa ou positivamente com algo. **1.** Acionado pelo sujeito ante a vergonha e raiva que lhe produz a violência surpreendente e generalizada em Pernambuco. *Ex. (J):* *No Estado, tu é doido!, muito roubo, muita morte, tá demais 🧐. Recife tá um arraso 😞😞*].

32. VIXE!: fraseologismo monolexical reduzido do primitivo *Virgem Maria!*

em forma de interjeição, frequente no nordeste, cuja origem provém de uma deturpação fonética do termo Virgem, seguido de Maria. Utiliza-se para exprimir geralmente surpresa ou espanto. **1.** O colaborador se vale deste para exteriorizar certa vergonha causada na exposição do beijo homossexual. *Ex. (J):* [**Vixe!! Foda!!** 😞 🧐]; **(E):** E então?; **(J):** Parece dois namorados, como é que é? É um filho e um pai? 🧐. O beijo tá muito caliente 😊. **2.** Por meio dele, expressa-se o espanto/admiração do sujeito com relação à fotografia da mulher musculosa. *Ex. (J):* [**Vixe!!** 🧐 **PORRA!! nada a ver!!**, **CARAALHO!** 🧐] um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [é mulher 🧐 😊].

5.2.2 A FRASEOLOGIA DO ORGULHO¹⁷⁸

Imagem 13 – A expressão do orgulho



Fonte: adaptada de: www.dibujosa.com

¹⁷⁸ O **orgulho** é aquela emoção agradável que fortalece a autoestima e é o resultado da realização individual. Abrangemos nesta seção todas aquelas emoções agradáveis, que impliquem gosto, alívio, aprovação e/ou satisfação.

1. ACHAR ÓTIMO: colocação verbal que aponta para algo considerado muito bom, extraordinário, magnífico, fora do comum. **1.** Acionada pela entrevistada como expressão de orgulho, se vangloriando da sua aparência física, ao mostrar a satisfação de possuir um corpo objeto de desejo. *Ex. (C): [A pesar de toda a labuta, toda a dificuldade, eu acho que você fazer uso do seu corpo e tratar dele e se mostrar como a vitrine, sabe? ◀ Como se tá numa foto 😊. E pensa: tô bem na foto. Eu acho ótimo 😊].*

2. AGARRAR LA MANÍA: locução verbal em algumas modalidades do espanhol americano que significa adquirir gradativamente um hábito ou costume desagradável e/ou custoso. **1.** Usada para constatar que o hábito adquirido não lhe agrada, o colaborador se vale desta ao relatar os inícios na profissão, de modo que minimiza o sentimento de culpa possivelmente gerado pelo exercício do trabalho sexual, superado com certo orgulho. *Ex. (P): [Eso fue mi primera vez. Y estuve con él como que y nada eran tres horas y me cayeron como que 300 EUROS 😊 el primer día y ya en seguida ahí le agarré la manía 😊].*

3. AQUÍ SE PAGA TODO: clichê que significa literalmente que na profissão sexual o prioritário é o dinheiro, nada é de graça, sendo a única motivação para o seu desempenho. Afastado do sentido metafórico referente à justiça divina aplicada na Terra para sujeitos que realizam maldades. **1.** Acionado como desculpa, disfarçado de orgulho e/ou satisfação, a respeito de uma profissão considerada socialmente imunda e/ou imoral, que encontra a sua justificativa no seu aparente único objetivo: o lucro, a fim de lavar a imagem dessa atividade profissional. *Ex. (O): [Yo voy, estoy el tiempo que el cliente quiera, aquí se paga todo, sería como una compañía 😊].*

4. ATO SEXUAL: colocação nominal eufemística que designa o ato íntimo entre os sujeitos, isto é, coito ou cópula. **1.** Empregado com tom de suposta satisfação pessoal que dignifica a colaboradora, afirmando que pretende ir mais além da própria relação sexual, ao receber clientes com alguma deficiência. *Ex. (C): Para mim, isso não é problema. É engraçado! No momento que esses clientes chegam até mim, existe uma parte 🖐 caridosa, sabe? [É quando, de repente, sinto me*

doando mais, até mais do que o **ato sexual** 🙏👤].

5. BEM FEITO!: fórmula brasileira que designa o prazer que alguém obtém ao ver um sujeito se prejudicando ou ser prejudicado. **1.** Empregada com orgulho e firmeza, com o fim de justificar como legítimo o homicídio do ladrão por parte das Forças Públicas como pagamento com a própria vida da culpa do assaltante pelos males causados à sociedade, na lógica ideológica do ditado brasileiro: *bandido bom é bandido morto*. Ex. (J): [Nunca mais ele vai roubar 😊]. [**Bem feito!** Ninguém tem direito de roubar nada de ninguém 🙏👤].

6. CADA UM FAZ O QUE QUER: pertencente a esse tipo de clichês comuns da língua portuguesa do tipo *cada um sabe o que faz, cada um faz o que pode* ou *cada um faz o que quer da vida*, sendo que esta estrutura é um reclamo à liberdade. **1.** Usado pela colaboradora como defesa da liberdade dos sujeitos como donos dos seus corpos para realizarem com eles o que acharem conveniente como no caso da transexual. Ex. (C): [Pois é, né? **Cada um faz o que quer**, modifica seu corpo,

diz o que quer, assume as suas consequências 🙏👤].

7. ¡CLARO (QUE SÍ)!: apresentação da fórmula espanhola abreviada que expressa assentimento ou confirmação. **1.** Além de vergonha e outras emoções, esta pode estar atrelada ao orgulho de ser uma boa profissional do sexo que estimula o desempenho sexual dos idosos. Ex. (V): [Sí, bien limpio, sí y se empalmaba, hombre, ¡claro! 🙏👤]. **2.** Usada para evidenciar a satisfação pessoal que experimenta a informante ao revelar do seu apaixonamento por clientes. Ex. (E): ¿Y, por ejemplo, con los clientes haces así, creas vínculos, amistad? ¿te has enamorado de algún cliente?; (V): [Sí, ¡CLARO! 🙏👤]

8. DAR CARIÑO: colocação verbal com o verbo suporte dar em ambas línguas, com grafema -nh- para o português, e com significado de proporcionar amor ou afeto para com uma pessoa ou animal. **1.** No universo da prostituição, este fraseologismo pode ou não estar associado ao relacionamento sexual. A profissional exprime a satisfação de realizar um bom serviço com carinho se o cliente é envolvente. Ex. (V): PORQUE QUIERO HACER, no porque está me

pagando, porque quero, porque sinto essa necessidade de dar mais. [*Sale de mí, porque me siento bien y **doy cariño*** 🤗]. **2.** As garotas de programa costumam ser complacentes, isto é, visam agradar e deixar feliz os clientes. *Ex. (V): [há clientes que **dou carinho**. Hago masaje, acaricio suavemente así para que te sientas bien, hago cositas* 🗣️].

9. DAR CONTA: locução verbal do português brasileiro que indica a consecução de algo. **1.** Empregada no sentido de um cliente conseguir realizar um ato sexual com certa qualidade. Nesse contexto, a colaboradora revela um desejo homossexual. *Ex. (C):* Você acredita que, acho que semana passada, eu atendi um cliente, [*ele dá conta* 😊] e no momento que ele [*estava dentro de mim* 🗣️] 😬. Eu pensei nela. Como se ela fosse um bode, entendeu?

10. DAR UMA CHAVE DE PERNA: locução brasileira que refere a uma estratégia ou posição sexual usada pelas mulheres na cama. A famosa *chave de perna* é uma bela metáfora do que uma mulher faz com um homem sexualmente, levando-o à loucura com meia dúzia de manobras sexuais. **1.** Orgulhosa de ser quem controla em

todo momento o ato sexual, a colaboradora se vale desta expressão como estratégia para driblar o beijo e demonstrar, assim, a sua valia como profissional do sexo. *Ex. (C):* Meu beijo é arsénico, [*é aquele beijo que encosta só os lábios e que desliza, ele evita e tudo mais, mas **dou uma chave de perna** e eles enlouquecem* 😊 😊].

11. DAR UMA PASSADA: locução verbal muito comum do português brasileiro que consiste em realizar uma breve visita a um lugar ou site. Usada também na sua forma em diminutivo, *dar uma passadinha*. **1.** Acionada para manifestar o orgulho da entrevistada por contar com amigos compreensíveis com os quais poder desabafar e visitar. *Ex. (C):* Eu também tenho dois amigos, eles são casados e que eles estão tentando colocar uma pastelaria. [*Eles sempre me acessam, sempre me falam e eu, de vez em quando, **dou uma passada** lá e a gente conversa* 😊].

12. DEDICARSE A ESO: estrutura tabu que aciona o pronome neutro para se referir a uma profissão inominável por abjeta e vil: a prostituição. **1.** Utilizada com nuances de orgulho para amenizar o que o profissional sabe que é reprovável e vergonhoso social e

culturalmente. *Ex. (O):* siempre pensé que [yo tenía que **dedicarme a eso** 🗣️👉].

13. DE QUALQUER JEITO: fórmula do português brasileiro que alude a que não existe uma forma melhor ou pior para algo, isto é, é assim ou assado. **1.** Empregada como amostra de orgulho pela complacência, generosidade e flexibilidade, relatada pela profissional do sexo para com o tipo de corpo dos seus clientes. *Ex. (C):* Tranquilo, para mim, **de qualquer jeito** 😊. Não importa 🖐️ se eu me confrontasse com uma figura assim, eu não teria dúvidas que iria desempenhar meu papel.

14. ESTAR (MUY) BUENO/A: locução principalmente do espanhol europeu que alude a pessoa atraente, gostosa. **1.** A profissional do sexo de vale desta expressão para exteriorizar a sua alegria e satisfação no trabalho quando surge um cliente sexy, abrindo uma exceção, ao beijá-lo. *Ex. (V):* [Yo también paso bien, 😊] [...] Yo el otro día quedé con un chaval guapísimo. [¡Ufff! **estaba muy bueno** y nos enrollamos así y lo pasamos 🖐️ unas dos horas muy bien, muy bien 🗣️😊].

15. ESTAR DO LADO (DE ALGUÉM): locução em língua portuguesa que significa que o sujeito toma partido ou apoia a posição de uma pessoa. **1.** Usada como satisfação por receber o apoio de um relacionamento homossexual, a prostituta orgulha-se da compreensão e o carinho que a amiga demonstra com ela. *Ex. (C):* Sério, jamais pensava que pudesse fazer isso e aí a gente saiu. Foi muito engraçado. [Foi para uma pizzeria, eu já tinha percebido uma coisa estranha, quando chego lá e disse que me aceitava **por cima de tudo**, e que ela queria **estar do meu lado** 😊].

16. ESTAR PRA TUDO: locução em língua portuguesa que informa a disponibilidade absoluta do sujeito, isto é, é pau para toda obra. **1.** Válida para denotar a flexibilidade e abertura que deve nortear a profissão do sexo, a prostituta revela com orgulho a sua compreensão e tolerância para as mais diversas situações complexas derivadas da atividade sexual. *Ex. (C):* Às vezes, eu [chego do meu trabalho, das noitadas que eu faço, eu chego meio confusa, porque você sabe, né? 😊😊] [Às vezes tem bebida, tem outras coisas e a gente **está lá pra tudo** 😊].

17. ESTAR PRONTO/A: locução em língua portuguesa, cujo significado é estar disponível ou preparado para qualquer evento ou assunto. **1.** Usada com orgulho pela profissional, uma vez que o objetivo é satisfazer os homens, independente do perfil do sujeito e das condições físicas ou psíquicas dela nesse momento. *Ex. (C):* Para mim não importa se é cinco ou vinte, não importa 😊. [*Importa sim, eu estar pronta para receber 😊 🙌*].

18. FAZER ESSAS COISAS / ESSAS PARADAS: estrutura tabu que aciona palavras-ônibus que aceitam diversos sentidos, ocultando uma profissão inominável por degradante e abjeta: a prostituição. **1.** O sujeito mostra seu orgulho de garanhão, de máquina sexual, reforçando a sua masculinidade, mesmo omitindo/silenciando a sua atividade profissional. *Ex. (J):* [*Já gozei doze vezes. Foi no período quando comecei essas paradas 😊*]. Foi no rolê da noite para amanhecer. [*Foi no início quando comecei a fazer essas coisas 😊*].

19. FALTAR (EN NADA) A ALGUIEN: locução em língua espanhola, na qual está implícita a noção respeito. Consiste em

menosprezar ou desmerecer a dignidade do sujeito. **1.** Empregada como demonstração de agradecimento por ninguém ter ferido na Espanha o seu orgulho/dignidade pela condição de migrante. *Ex. (P):* [*aquí la gente es como te digo, acá la gente 🙌 a mí me han tratado con mucho respeto, no me han faltado en nada y ya 😊*], [*como que me he ido adaptando a 🙌 a los españoles como tal 🙌 😊*].

20. FICAR ENCANTADO/A: colocação do português com verbo suporte ficar que significa estar enfeitiçado, satisfeito, seduzido por meio de um estímulo externo que incentiva a sensação de interesse excessivo. **1.** Usada para mostrar a satisfação da profissional do sexo por ter seduzido um cliente que se apaixonou por ela e com qual começou um relacionamento sério. *Ex. (V):* Tuve dos parejas. Yo vivo en Galicia desde que vine a España. A ver, pero vengo aquí cerca a trabajar. Mi primera pareja, estaba trabajando en un club, y ele me vio y *ficou encantado* conmigo. Se enamoró de mí y después vino otra vez, y me dijo que me fuera a vivir con él.

21. FOLLAR BIEN: estrutura recorrente no universo da prostituição

como colocação verbal em língua espanhola que denota a importância da qualidade no relacionamento sexual, focando principalmente no prazer do outro. **1.** Utilizada com orgulho pela entrevistada para a representação da mulher brasileira como produtora de desejo sexual pela tipologia dos corpos. *Ex. (V):* No sé 🖐 [le gustan brasileñas, peitudas, un buen culo, todo durito ¿sabes?, las tetas, el cuerpo en generale, conversa agradable y que **follen bien**. Le gustan las mujeres calientes ¿sabes? 😊]. **2.** Acionada com certa admiração e algo de inveja pelo colaborador no tocante ao sucesso dxs transexuais no papel de ativo no relacionamento, o mais procurado pelos clientes para este tipo de serviços. A colocação é usada de forma enfática com tom de certa força /agressividade, sustentada pelo papel desempenhado. *Ex. (P):* Ganan mejor que yo 😊, 🖐 de hecho. Si hay. Infinitades, infinitades, infinitades. Es conocido que a muchos trans que le llegan a cada rato clientes, clientes y clientes, y todos son para ellas **follar bien** a los clientes ¿sabes? [Yo pensaba desde mi punto de vista era que los hombres se follaban a las trans, era como... y fíjate que no, 😊 es al revés 😊 😊].

22. GRACIAS A DIOS: fórmula em espanhol que exprime alegria por algo esperado ansiosamente ou alívio / livramento por algo ruim que não ocorreu. **1.** Usada como alívio pela preservação da vida dos familiares do inquirido em contexto de violência generalizada na Venezuela. *Ex. Si tú ves la oportunidad de pelear, pues pelea y ya 🙏*. Pero, [no han matado a ninguno. **Gracias a Dios**, están todos vivos 😊]. **2.** Acionada pela inquirida como expressão de alívio por não ter nunca presenciado um tiroteio, pois tal fato originaria na menina muito medo ou ansiedade. *Ex. (E):* ¿Has visto tú algún tiroteo?; *(V):* [**Gracias a Dios**, no, NO 😊]. Y aquí tampoco. Mejor no, que nunca, ¿sabe? [Porque yo soy muy nerviosa y acabaría loca, **FATAL** 🙏].

23. HACER DINERO: locução ou colocação verbal que consiste em se fazer rico, isto é, em juntar uma boa quantidade de dinheiro. **1.** O sujeito se vale desta para mostrar orgulhosamente que na profissão pode-se ganhar um montante considerável em pouco tempo, servindo de desculpa para o exercício de um trabalho vergonhoso socialmente. *Ex. (O):* [Entonces ahí **me dio muy fuerte**, conocí a una persona que se hizo mi pareja, que se dedicaba a esto y

me fue incitando 🤔 *y diciendo, pues tenemos que **hacer dinero rápido*** 😊...].

2. O lucro é o fim da profissão. Para isso, o profissional do sexo deve criar estratégias para ganhar dinheiro num competitivo mercado em torno do sexo. *Ex. (O):* Bueno es que nosotros tenemos muchos trucos. Uno de los trucos es irte a los pueblos ¿Por qué? [*Porque hay mucha gente vieja, sola que te puede contratar* 😊 🗨️], pero si te vas a una gran ciudad, pues no vas a **hacer** mucho **dinero**, bueno, sí puedas **hacer dinero**, pero vas a **tener competencia**. ¿me entiendes? Por ejemplo, en Madrid, **tienes** mucha **competencia**. **3.** Empregada como justificativa para o apagamento da profissão, pois o único intuito é ganhar dinheiro, não se mostrar nem se realizar como sujeito na prostituição. *Ex. (O):* Cuando se presente la oportunidad, a lo mejor lo haga, pero [*me da igual. Es mi vida, yo soy el que está trabajando y yo soy el que está haciendo dinero* 🗨️].

24. LEVANTAR A CABEÇA: locução verbal como estrutura motivacional que incentiva o sujeito a manter a cabeça sempre erguida, a não se abalar. **1.** Acionada pela colaboradora como satisfação e estímulo —com o sentido metafórico de

erguer a cabeça— ante as violências e dificuldades ocorridas na vida profissional. *Ex. (C):* [*Já apanhei várias vezes* 🗨️] 😊 Várias vezes [...] já aconteceu comigo, mas [*levanta a cabeça e noutro dia a gente está pronta para a guerra e a luta do dia a dia* 😊]. ASSIM TEM QUE SER, se não fosse por nós quem vai ser?

25. NÃO ESTAR NEM AÍ: locução do português brasileiro, expressando que o sujeito não se importa para alguma coisa.

1. A inquirida se vale desta expressão para exteriorizar o seu orgulho por satisfazer homens casados infelizes nos seus relacionamentos. *Ex. (C):* Para muitos, sim, para muitos, sim 😊. [*Muitas pessoas não se separam por filhos, por sociedade, sabe? Por dependência econômica, sabe?* 😊] [*Mas eles não estão nem aí, eles gozam loucamente na minha cama* 😊].

26. NA BRINCADEIRA: locução adverbial em português brasileiro, usada com sentido oposto ou antônimo de *a sério*, isto é, com o intuito de entreter, distrair ou brincar. **1.** Utilizada com esse sentido de brincar, a garota de programa mostra o orgulho de levar na esportiva os possíveis preconceitos de forma

irônica. Ex. (C): Aí eu falei *na brincadeira*, pode dividir por vinte dois. Ele falou: vinte dois, ô, Paraíba! Mas não foi um preconceito, achei engraçado. Mas é assim, preconceito na realidade por falar como eu falo e de ser de onde eu vim, [se existiu, eu desfiz na cama 😊🤔😊😊].

27. (NO) CAGARSE (DE MIEDO):

locução verbal em língua espanhola que alude à reação “simbólica” que experimentamos quando algo nos ocasiona muito medo ou estresse. 1. O colaborador aciona este fraseologismo como reação ante um assalto com arma branca, a fim de fugir da emoção medo e se defender. Ex. (O): y [yo cuando lo agarro, le agarro el brazo y se queda atrapado 😊] y ahí entre forcejeo y forcejeo nos caímos y el cuchillo fue a dar para allá como en las películas 😊]. [...] [es que yo también soy fuerte y entonces **no me pude cagar** en ningún momento, porque soy fuerte 😊🤔].

28. PAGAR MIS CUENTAS: criação idiomática em espanhol com fundamento no fraseologismo brasileiro *pagar minhas/as contas* e suas variantes que reflete a importância de ganhar dinheiro e ter uma profissão para poder ser independente financeiramente. 1.

Usada como orgulho de ser uma mulher economicamente independente, a colaboradora justifica o exercício da profissão como saída digna, mesmo não se realizando como sujeito. Ex. (C): 😊 [Tá bom, dá um dinheiro, eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém 😊]. 2. Empregada com satisfação pela prostituta brasileira na Espanha por poder ter uma vida independente em outro país. Ex. (V): [Consigo pagar mis cuentas y no debo nada a nadie 😊]. 3. A inquirida a utiliza como rejeição da hipótese da mulher obesa exercer a profissão do sexo por conta de um corpo imundo. Ex. (C): Poderia até ser. [Se ela fosse exatamente o que eu estou vendo, ela teria clientes totalmente doentes 😊]. Na vida normal, ela iria, talvez, buscar outro meio para pagar as contas. 4. Acionada como resignação da entrevistada ante a possibilidade de se apaixonar por outra mulher, pois pagar as contas é a sua prioridade, assim como a justificativa para não sair da prostituição. Ex. (C): Noutro dia, eu já estava vesga olhando para ela, meu olhar tinha mudado. Tou vivendo esse período, porque ela é linda, encantadora, ela me 🖐️ desconstruiu, mas eu [TENHO MINHAS CONTAS QUE PAGAR 🤔].

29. (PASAR) DE MARAVILLA:

locução em língua espanhola que significa passar muito bem. **1.** A trabalhadora sexual se vale desta para exteriorizar que, às vezes, exercer a profissão tem momentos agradáveis, principalmente, quando o cliente é bonito. *Ex. (V):* [*Yo también paso bien,* 😊]. Hay con clientes que lo *paso de maravilla.* [*¡Claro, sí!* 🙌] Yo el otro día quedé con un chaval guapísimo.

30. PASSAR A MAQUIAGEM:

fraseologismo do idioleto da inquirida, ao qual aplica-se um sentido metafórico ao termo maquiagem para amenizar os possíveis estragos da atividade sexual. **1.** A entrevistada está pronta para tudo, até para situações de violência machista –sob uma concepção de complacência irrefutável com os homens–, que disfarça por meio da maquiagem com certa resiliência. *Ex. (C):* Agora, a outra que você mostrou antes, que [*eu poderia me machucar, essa eu já passo a minha maquiagem sabendo que pode acontecer* 😊😞].

31. PEGAR AMIZADE: colocação verbal do português brasileiro que aponta para a consecução de um sentimento de afeição, apreço ou

simpatia entre pessoas. **1.** Usada pelo inquirido como prova de satisfação pessoal de se dar bem com todo o mundo e criar laços de amizade com outros profissionais do sexo. *Ex. (E):* Tem muitos amigos dentro disso?; **(J):** Eu me dou bem com cliente, com boy. [*É assim, a gente que trabalha na sauna. É muito boy lá, pega amizade* 😊😊].

32. POR AGRADAR: locução adverbial em língua espanhola que exterioriza a realização de algo para demonstrar cortesia ou gentileza, ser afável. **1.** Sob a sua matriz ideológica de com prazer ou deleitar o cliente, o profissional do sexo a acionou sem ter conhecimento da prática sexual *scat* requerida no serviço. *Ex. (P):* O sea, eso estaba llegando y me llamó: [*¿haces scat?, yo no sé qué es scat, y yo dije que sí, dije que sí, pero simplemente por* 🙌 *por agradar* 😊]. [En lo que comienzo a averiguar scat, *¡Dios mío!* 🙌 😞].

33. POR CIMA DE TUDO: locução em língua portuguesa sinônima de sem nenhuma ressalva, objeção ou condição, empregada quando o sujeito considera ou realiza algo como prioridade absoluta. **1.** A prostituta se serve desta para mostrar a alegria produzida pela

consideração explicitada pela amiga íntima, aceitando o exercício da profissão sexual sem nenhuma restrição, devido ao amor que tem pela pessoa que é, não pelo que realiza. *Ex. (C):* Sério, jamais pensava que pudesse fazer isso e aí a gente saiu. Foi muito engraçado. [*Foi para uma pizzaria, eu já tinha percebido uma coisa estranha, quando chego lá e disse que me aceitava por cima de tudo, e que ela queria estar do meu lado* 😊].

34. PRA CARAMBA: locução adverbial para indicar algo em muita abundância, exageradamente ou muitíssimo. **1.** A informante se vale desta para exteriorizar a felicidade e o orgulho de ter um relacionamento homossexual com uma amiga íntima que a compreende, a aceita e com a qual conversa muito. *Ex. (C):* Ela é assim... 🖐️ ela é uma pessoa que me clareia. Ela me nortifica 🖐️. [...] [*Às vezes tem bebida, tem outras coisas e a gente está lá pra tudo* 😊]. A gente conversa *pra caramba*. Ela conhece a minha família, conhece a minha mãe e para minha surpresa ela se declarou para mim.

35. ¡QUÉ BIEN!: fórmula expressiva como reação positiva em língua espanhola que serve para exteriorizar

alegria, concordância ou satisfação. **1.** Utilizada para demonstrar a alegria/orgulho que lhe produz ao colaborador a imagem de um pai e um filho como reflexo do desejo dele de paternidade e a aspiração de conformar uma família tradicional. *Ex. (P):* UN PAPÁ ADORANDO A SU HIJO, *¡qué bien!* 😊. **2.** Aplicada de forma irônica como reação negativa à fotografia do rapaz com seis dedos por ser incomum. *Ex. (V):* [*¡MADRE MÍA! Un dedo a más* 😊], [*¡qué bien!* 😊].

36. ¡QUÉ BUENO!: fórmula em língua espanhola, mais comum no espanhol americano, que manifesta alegria, concordância, aprovação ou orgulho. **1.** Acionada pelo profissional do sexo venezuelano como reação positiva e de admiração ao povo brasileiro por meio da exposição do vídeo da travesti. *Ex. (E):* Ella dice que es un travesti, que no es un marica, que es una mujer y tal; *(P):* ¿Es brasileño?; *(E):* Sí; *(P): ¡Qué bueno!* 😊.

37. ¡QUÉ COOL!: fórmula híbrida em língua espanhola, com base no termo inglês *cool*, mais própria de algumas variedades do espanhol americano, para expressar alegria, aprovação ou orgulho. **1.** Materializado este fraseologismo por

meio da exposição do vídeo do rapaz gay dançando, o garoto de programa se identifica com o sujeito e aprova a performance apresentada. *Ex.* (O): [*¡qué cool! Me encanta* 🤗🤗]; (E): ¿Te gustaría bailar así?; (O): [*Sería buenísimo* 🤗]. 2. O colaborador se vale desta fórmula para assinalar o apreço e carinho que nos Estados Unidos alguns tinham por conta da sua origem. *Ex.* (O): No son todos los americanos así, son algunos, porque había muchos que [*halagaban mi color, halagaban de donde era, ¡ay, Venezuela ¡qué cool!* 🤗]. 3. Empregada para demonstrar o gosto e afeição pelas tatuagens. *Ex.* (O): *¡Qué cool!* Me encantan los tatuajes. Yo me quiero tatuar todo el cuerpo. Se ve muy cool.

38. ¡QUÉ CUCHI!: fórmula híbrida do espanhol venezuelano, mais comum do gênero feminino, com base no termo inglês *cute* que se usa para expressar algo lindo, fofo, comovedor. 1. O colaborador se vale desta para exteriorizar o sentimento de ternura ou meiguice quando confrontado com a imagem do pai e o bebê. *Ex.* (O): Eso es interracial, *¡qué cuchi!* El papá morenito y el niño es blanquito. [*Me parece* 🤗 *normal* 🤗], algo que debería

ser normal y que todos deberíamos aceptar.

39. ¡QUÉ GUAPO/A!: fórmula em língua espanhola para afirmar que alguém ou algo possui beleza física, é bonito, fisicamente atractivo ou elegante. 1. A informante se serve desta para relatar que há clientes que a consideram bonita e elegante, o qual é um orgulho, enquanto outros não. *Ex.* (V): Bueno, 😊 cuando uno no le gustas, tú aceptas ¿sabes?. *Hay gustos para todos.* Si no le gustas a uno, hay otro que viene: *¡qué guapa!* y te trata bien, otros ficam asustados, espantados 😊 NO, NO, NO, NO 😊 😊.

40. QUE LINDO!: fórmula em língua portuguesa para expressar algo prazeroso, bonito ou comovedor de se ouvir, ver ou apreciar. 1. Usada como reação agradável ante a imagem de dois homens se beijando. 1. (C): *Que lindo!* 🤗 Olha, pela minha condição, pelo que eu faço, eu teria que achar mais do que normal, então.

41. ¡QUÉ LINDO!: fórmula em língua espanhola que exterioriza algo prazeroso, bonito ou comovedor de se ouvir, ver ou apreciar. 1. Utilizada pelo entrevistado como reação agradável

ante a imagem de dois homens se beijando. *Ex. (O): ¡Ay, qué lindo!* 😊
Me parece algo normal. Para mí, para mi mundo. Para lo mío es normal y lo de los demás no sé. Esto es normal.

42. ¡QUÉ NADA!: criação idiomática em língua espanhola na base da fórmula brasileira *que nada!*, apontando para uma reação enfática em forma de negação e que neste contexto encontra correspondência de uso com a fórmula espanhola *¡qué va!* **1.** Acionada como reação de discordância ante a hipótese de ter sido ou ser estigmatizada na Espanha por conta da sua origem. *Ex. (V): No, [¡qué nada! a los clientes les gusta las brasileñas* 😊], a los de aquí a todos. **2.** Com sentido oposto, encontramos a fórmula reduzida *¡nada!* para o significado de *sem problemas, fazer o quê*, apontando para a resignação do participante ante a hipótese de atender um idoso tatuado. *Ex. (E): ¿Y si te viene un cliente así, qué?; (O): [¡Nada!, lo atiendo y ya* 😊] 😊.

43. SACAR DINERO: locução verbal que consiste em juntar uma boa quantidade de dinheiro, ganhar dinheiro, afastada do sentido literal da colocação *sacar dinero* no sentido de sacar

dinheiro do banco. **1.** Empregada com orgulho pelas vantagens que a profissão oferece: ganhar dinheiro em pouco tempo. *Ex. (O): vamos a intentarlo, pensé* 😊 *puedo sacar dinero* en poco tiempo 😊, [*aunque no nos guste, se puede hacer* 🙄]. **2.** O inquirido através deste fraseologismo expressa que os amigos e familiares suspeitam que é prostituto ante a incompreensão que ocasiona neles obter dinheiro e viajar tanto. *Ex. (O): Sí, porque yo me tomo fotos y yo las subo y yo lo veo normal, entonces estoy viajando mucho* 🖐️ *y saco dinero* y es súper raro.

44. SACAR PLATA: locução verbal, mais própria de algumas variedades do espanhol americano, que consiste em obter dinheiro às custas dos outros por meio da exploração da beleza e/ou companhia. **1.** O inquirido traz este fraseologismo para exteriorizar com orgulho e alegria a sua concepção dos relacionamentos. Usado como conselho para que os amigos dele aproveitem a juventude para ganhar dinheiro acima de um senhor velho endinheirado, em troca de companhia e/ou sexo. *Ex. (O): Yo sé que no hay problema, porque, de hecho, yo con mis amigos hablo muy abiertamente de no sé: [búscate un viejito y le sacas plata* 😊, *¡marica, qué*

estás haciendo con tu vida!, deja a ese hombre que no tiene dinero y búscate uno rico y cosas así 😊🤔].

45. SAIR DAS RUAS: locução verbal em português brasileiro que significa o abandono ou saída da prostituição. **1.** A entrevistada se vale desta expressão para expor com orgulho o seu sacrifício pelos outros, concretamente por um irmão dependente, saindo da profissão de forma intermitente e, posteriormente, retomando-a. *Ex. (C):* Muitas vezes, *eu saí das ruas* 😊 para poder estar um pouco mais perto do meu irmão.

46. SER SHOW (DE BOLA): redução da locução verbal híbrida em português brasileiro com base num termo em inglês e com origem no futebol que expressa algo maneiro, de boa qualidade, bom ou irado. **1.** Utilizada pelo colaborador como revelação da principal satisfação e justificativa para exercer a profissão: o dinheiro. *Ex. (J):* *Deixa pensar* 🤔 acho que conhecer amizades e grana. Isso *é show*. Agora, aqui em [Salvador não gostei, o pessoal vai pa motel, mas aí fica mais caro, eu cobrar 150 conto e fora o motel 😊].

47. TÁ ÓTIMO!: fórmula em língua portuguesa que aponta para algo bom ou

irado, assim como para exprimir concordância. **1.** Empregada como manifestação da vantagem que pode chegar a ter a profissão do sexo com os clientes. *Ex. (C):* [tenho clientes que me bancam. Isso é o que eu quero, pelo menos, por enquanto. Se tá dando isso, para mim, *tá ótimo!* 😊🤔]. **2.** A prostituta se vale desta para expor a sua concordância ou aprovação ao respeito do amor homossexual. *Ex. (C):* É uma expressão de amor, devem ser respeitadas as pessoas que gostam do mesmo sexo. Gostam de sexos diferentes, casam, não querem filhos. [Tá tudo ótimo!, para mim 😊]. **3.** Expressada na variante *tá legal*, a infomante materializa o orgulho, a alegria e a disposição de sempre estar bonita e se cuidando para ela e seus clientes. *Ex. (C):* *E pensa: tô bem na foto. Eu acho ótimo* 😊]. Isso dá uma sensação assim, de você tar se cuidando. **TÁ LEGAL!**

48. TER AXÉ: locução verbal baiana, cujo origem provém da língua ioruba, e que significa ter força, energia ou poder. **1.** Usada como falsa expectativa com certa raiva por parte do entrevistado, ao discordar do orgulho baiano de origem africana de força e energia envolvente

com relação às pessoas e à cidade/região.

Ex. (J): Macho, a minha expectativa antes [de chegar em Salvador é que eu iria transar mais do que a quantidade de igrejas que existem. É que o baiano *tem axé*. Mas, *NADA A VER* 😞].

49. TRABAJO Y VIDA PRIVADA NO SE MEZCLAN: clichê que responde ao velho e vulgar ditado espanhol: *donde tengas la olla, no metas la polla*, o qual não se aplica para

a profissão sexual. **1.** Utilizado com orgulho pelo prostituto por ser capaz de não misturar neste caso sexo com sentimento no trabalho. *Ex. (E):* ¿Y si fuera muy guapo?; **(O):** Pero me está pagando. No, no, yo no mantengo contactos así con ninguno; **(E):** ¿Porque tú estás en esa barrera emocional?; **(O):** [*Porque trabajo y vida privada no se mezclan* 🙄].

5.2.3 A FRASEOLOGIA DA CULPA¹⁷⁹

Imagem 14 – A expressão da culpa



Fonte: adaptada de: www.br.pinterest.com

¹⁷⁹ A **culpa** é uma emoção que avalia negativamente comportamentos ou transgressões específicas. Dessa forma, nesta seção abordaremos as justificativas ou desculpas que os sujeitos empregam para minimizar esse sentimento, assim como a não assunção da própria responsabilidade é jogada para os outros.

1. AGARRAR A LA MOVIDA:

locução verbal em algumas modalidades do espanhol americano que significa adquirir gradativamente um hábito ou costume desagradável e/ou custoso. **1.** Empregada para minimizar a culpa e confirmar que a profissão sexual é laboriosa, o profissional do sexo se vale desta para remarcar que ainda é pouco experiente na área. *Ex. (P): [Depende, todo depende, porque estoy empezando ¿sabes? 🤔] y estoy **agarrándole a la movida**, pero todo varía.*

2. ARRUMAR ALGUÉM: colocação do português com o verbo suporte arrumar que admite vários colocativo: namorado, paquera, cara, dentre outros e que se refere à ideia conseguir, arranjar ou obter alguém para ter relações. **1.** A colaboradora usa este fraseologismo para jogar a culpa na amiga como incentivadora para o exercício da profissão ao apresentar um homem para se iniciar. *Ex. (C): Assim, ela **arrumou um cara** 🤔 de uns quarenta e poucos anos, ela falou com ele de mim e o cara topou. [Esses foram meus inícios **nisso aqui** 🗣️😊].*

3. BOTAR COISA NA CABEÇA:

locução do português brasileiro que aponta para o fato de persuadir ou

convencer alguém para (não) agir, enchendo a cabeça do sujeito de medos ou de ideias negativas. **1.** Acionada pelo prostituto para justificar e minimizar a culpa pela escolha da profissão sexual, jogando a responsabilidade da sua decisão aos amigos que o convenceram a não assumir uma vaga de agente penitenciário. *Ex. (J): Olha, até eu vim fazer um concurso aqui, em Salvador, fez quatro anos disso agora na Copa e passei, só que não vim assumir e aí 🤔 me arrependi. [Concurso de agente penitenciário 🗣️]. Eu vim fazer, fiz a prova, passei, e aí **o que acontece**, [meus amigos foram **botando coisa na minha cabeça** para mim não vir 🤔].*

4. CADA HISTORIA ES DISTINTA:

clichê em língua espanhol que aponta para a justificativa dos erros cometidos na vida, uma vez que cada um sabe onde lhe aperta o sapato. **1.** Utilizado como possível justificativa da permissão da violência doméstica, com culpa nem tanto para o agressor, porém para a vítima por anuência. *Ex. (O): Me da como **rabia**, porque nadie debería permitir que eso pase y me da **rabia** porque yo estuve ahí, porque yo quise estar ahí y creo que cada quien y **cada historia es distinta**, pero siempre*

tenemos la *culpa*. [*Ella tiene la culpa de estar ahí* 🙄👤].

5. CLARO QUE SÍ: fórmula espanhola que expressa asentimento ou confirmação. **1.** Corroboração da culpa por parte do sujeito por ter consentido ser vítima de violência doméstica. *Ex. (E):* ¿Y tú te sientes culpable por haber estado en esa situación?; *(O):* [*Claro que sí* 😏👤 🗣️]. Y me da *rabia*, me da impotencia, porque no deberíamos de aguantarle nada a nadie. **2.** Usada pelo colaborador para amenizar o pensamento contrário à mulher musculosa por fugir dos padrões corporais atribuídos ao gênero feminino. *Ex. (O): CLARO QUE SÍ,* sí puede, tiene todo el derecho, pero..., 🙄 bueno, en los estándares de belleza mundiales [*esto no está aceptable* 🙄👤 😏]. Está demasiado, es mucho, pero bueno. **3.** Confirmação realizada com alívio que constata que Espanha é um país menos violento que Estados Unidos. *Ex. (E):* Entonces, ¿tú crees que en Estados Unidos hay más violencia que aquí?; *(O):* ¡Claro que sí! 🙄. Aquí me siento más seguro. **4.** Para amenizar a sua culpa, a participante expressa conhecimento inicial da sua viagem para Espanha, pois manifesta que sabia por meio de uma amiga que

iria trabalhar com a profissão sexual neste país. *Ex. (V):* Y yo [*¡claro que sí!* Yo sabía a lo que venía 🙄. Al principio: pero yo como voy a *trabajar en eso*, si yo no sé 🙄. Ahí dijo ella: es solo hacer *la vida loca*] 😏😏.

6. DAR DICAS: colocação verbal em português brasileiro que consiste em fornecer boas sugestões ou orientações com relação a um assunto. **1.** Empregada como subterfúgio para jogar a responsabilidade da escolha da profissão do sexo em uma amiga, a fim de lavar a culpa da entrevistada. *Ex. (C):* [*contei essa história para uma amiga e ela me estimulou, me deu umas dicas. Pensei que tava certa e que ia ganhar mais grana do que padeira* 🙄].

7. DAR FUERTE: locução verbal que aponta para uma paixão desmedida e sem controle que geralmente idiotiza o apaixonado por conta da força desse amor. **1.** Utilizada para justificar a escolha da profissão sexual por meio do estímulo do namorado que exercia a prostituição. *Ex. (O):* [*Entonces ahí me dio muy fuerte, conocí a una persona que se hizo mi pareja, que se dedicaba a esto y me fue incitando* 🙄 y diciendo,

*pues tenemos que **hacer dinero** rápido*
🙄].

8. DINERO FÁCIL: colocação nominal em língua espanhola que revela a forma de ganhar dinheiro com pouco esforço. **1.** Aplicada como desculpa para o exercício da profissão pela obtenção de dinheiro “fácil”. *Ex. (P): [Conocí amigos que se dedican y me dijeron que era **dinero fácil** 🙄].* **2.** Usado em sentido contraditório, pois considera-se um dinheiro fácil e rápido, porém emocionalmente dificultoso de ganhar. *Ex. (O): y entonces no sabes, estás como vacío, ¿me entiendes?. [Al final, tú dices por fin acabó y estás tranquilo porque tienes **dinero fácil** 🙄].*

9. ES LO QUE HAY PARA HOY: criação idiomática em língua espanhola sobre a base de duas fórmulas: a espanhola, *es lo que hay*; e a brasileira, *é o que tem para hoje*. O sentido geral aplica-se quando uma situação não pode ou deve mudar. **1.** A inquirida se vale deste fraseologismo para justificar com resignação que escolheu essa profissão para poder sustentar suas filhas, pois o marido dela não ia mudar. Este tirou o corpo fora, isto é, não assumiu a sua responsabilidade como pai. *Ex. (V): [No*


*es que él no quería a sus hijas, él fue padre y eso, pero no me daba dinero, muy poquito, muy poco y por eso me vine aquí, después de cinco años sola. Porque trabajaba toda la noche y el día y **no daba**. Y la responsabilidad era casi toda minha, de las hijas ¿sabes? 🙄].*
Es lo que hay para hoy.

10. ESTAR DE ILEGAL: locução que se usa para expressar que um migrante vive num país sem ter permissão para isso. **1.** O scort manifesta por meio desta expressão a grande dificuldade ou desvantagem que está vivenciando na sua estadia na Espanha pela sua situação irregular. *Ex. (O): [Lo más complicado es la cuestión de los papeles 🙄].*
*[Tienes que **estar de ilegal**, pero estoy en el proceso de organizar la situación 🙄].*



11. ESTAR NA PARADA: locução que contém o termo brasileiro *parada* como palavra-ônibus para referenciar qualquer coisa ou assuntos inomináveis, tais como drogas, violência ou prostituição. **1.** O colaborador usa este eufemismo como tabu para ocultar/amenizar a profissão sexual. *Ex. (J): Tô com cinco anos **na parada**. [Antes trabajava em loja de calçado.*



Era até bom, mas me botaram pra fora






 ].

12. ESTAR SIN PAPELES: locução que se utiliza para denotar um migrante que vive num país sem ter permissão para isso. **1.** O entrevistador se vale deste fraseologismo como justificativa para a realização da prostituição, pois ao ser irregular na Espanha, considera difícil realizar outro tipo de trabalho. *Ex. (P): [Porque esto se me hace más fácil ].* Y aparte de que todavía *estoy sin papeles.*

13. FUERA DE ESE MUNDILLO: expressão que parte do termo da língua espanhola *mundillo* na forma de diminutivo com valor depreciativo que se refere a submundo, a devassidão. **1.** Empregada sob a consciência do estigma que sofre a profissão, a inquirida declara a dificuldade de criar amizades que não pertença ao universo da prostituição. *Ex.*

(E): ¿Tienes muchos amigos o amigas aquí en España?; **(V):** [No muchos. Solo, las que se *dedican a esto*. No sé, es difícil tener amistades aquí *fuera de ese mundillo*  ]. **2.** O scort também exprime a sua dificuldade de ter amizades fora do âmbito da profissão sexual, substituindo o termo *mundillo*

por *ambiente*. *Ex. (O): [No conozco mucho de fuera de este ambiente, porque normalmente las personas que no trabajan en esto, no entienden y no comprenden  que esto es un trabajo ]*

14. (HACER) CON AMOR: locução que denota a realização de uma atividade de forma esmerada, com cuidado e/ou com empenho. **1.** A colaboradora utiliza esta estrutura para apontar que desenvolve a prostituição por uma questão exclusivamente econômica, uma vez que não possui esse orgulho profissional, a diferença de outros trabalhos em que os sujeitos podem mostrar certa dedicação na profissão, tentando exercê-la com disposição e carinho. *Ex. (V):  No es una cosa que haces por placer. [Hay profesiones que sí, que si te gustan las *haces con amor* ]. [YO NO. YO ESTOY HACIENDO POR DINERO ]. ¿entiendes? [Por dinero, pero busco hacerlo bien  ].*

15. HACER/ TRABAJAR EN (DE) ESTO: estrutura tabu muito recorrente em língua espanhola com diversas variantes que acionam o pronome neutro para se referir a uma profissão

inominável por abjeta e vil: a prostituição. **1.** Utilizada como justificativa para amenizar a realização da prostituição sob o pretexto do sustento familiar. *Ex. (V):* Ellos los hacen y nosotras los críamos. [Yo tengo que **hacer esto** por mis hijas 🙋 🗣️]. **2.** Empregada para justificar a sua ida para outro país por conta de um cliente, motivado por este para exercer a profissão. *Ex. (O):* [Se me complicó todo 😞. Estuve seis meses allá **haciendo eso** y luego volví a Ecuador con él. Él no podía salir de Ecuador, volví con él porque me gustaba mucho equis 🙋]. **3.** A colaboradora se vale desta estrutura tabu para exteriorizar o suposto receio inicial que lhe produz a ideia de se dedicar à prostituição, porém superado graças ao convencimento de uma amiga, atuando como instigadora à perversão profissional. *Ex. (V):* Una amiga acabó de llegar aquí y me dijo: ¿quieres venir? Y yo [¡claro que sí! Yo sabía a lo que venía 🙋. Al principio: pero yo como voy a **trabajar en eso**, si yo no sé 🙋. Ahí dijo ella: es solo hacer **la vida loca**] 😊😊. **4.** Reconhecimento por parte de vários prostitutas da dificuldade de criar vínculos de amizade com sujeitos que não pertençam a esta atividade profissional. *Ex. (V):* [No

*muchos. Solo, las que se **dedican a esto**]; (O):* [No conozco mucho de **fuera de este ambiente**, porque normalmente las personas que no **trabajan en esto**, no entienden y no comprenden 🙋 que esto es un trabajo 😞]. **5.** Estrutura estigmatizante em que a prostituta assume a discriminação como razoável para quem trabalha com o corpo; porém incompreensível, por exemplo, para com a sua filha por não exercer a prostituição. *Ex. (V):* Te atienden mal por ser extranjera, te **miran mal**. [Hasta mi hija que es una chavalita 🙋 que nunca **ha trabajado en eso**, la **miran mal** 😞]. **6.** Empregada como estrutura tabu, a fim de encobrir uma realidade profissional inominável, o que não ocorre com outras profissões. *Ex. (O):* No, fue en Marbella. Yo vivía en Marbella y [estuve como una semana **trabajando de esto** y **trabajando también de albañil** 🙋]. **7.** Acionada para associar duas noções que não necessariamente devem estar vinculadas: prostituição e migração. Como sujeito migrante irregular, o colaborador joga a culpa nessa condição supracitada como detonante fácil para o exercício da profissão. *Ex. (P):* No, aquí la gente es un poco más abierta en ese tema. Sí, [en Venezuela son como así,

como más cerraditos 🗨️]. Aunque no te creas, yo acá conozco infinidad de venezolanos, he conocido demasiados venezolanos que también **trabajan de esto**. **8.** Entendimento da prostituição como trabalho temporal que precisa de intervalos, férias prolongadas ou paradas no tempo para se dedicar a outros trabalhos ou afazeres pelo doloroso e culposos da atividade sexual. *Ex. (V):* Sí, trabajé de restaurante, cuando estaba con el novio, pero un tiempo y [*decidí volver a esto, hasta hoy* 🤔😞]. **9.** Equivalente da estrutura tabu em língua portuguesa, materializada pelo pronome neutro – isso para se referir a uma profissão inominável. *Ex. (C):* Assim, ela **arrumou um cara** 🤔 de uns quarenta e poucos anos, ela falou com ele de mim e o cara topou. [*Esses foram meus inícios nisso aqui* 🗨️😞]. **10.** Uso de palavras-ônibus como parada/coisa em língua portuguesa para nomear uma atividade profissional estigmatizada. *Ex. (J):* [*Já gozei doze vezes. Foi no período quando comecei essas paradas* 😞]. Foi no rolê da noite para amanhecer. [*Foi no início quando comecei a fazer essas coisas* 😞]. **11.** Emprego generalizado e socialmente admitido do uso de diversos

mecanismos eufemísticos que disfarçam, dissimulem, escondam o finjam, a fim de cobrir a vergonha e a culpa social de uma profissão que incessantemente existe. *Ex. (E):* ¿Y tú te imaginabas que te ibas a **dedicar a eso?**; **(P):** Pues no 😞. *Con la verga* 🗨️.

16. HACERSE (ALGO) MÁS FÁCIL: estrutura que parte da representação da profissão sexual sob a colocação nominal socialmente estendida e aceita da “vida fácil”. **1.** O sujeito se vale desta para eximir a suposta culpa da sua escolha na condição de migrante irregular. *Ex. (P):* [*Porque esto se me hace más fácil* 🤔]. Y aparte de que todavía **estoy sin papeles**.

17. HACERSE LOS LOCOS: locução verbal em espanhol na sua forma plural para expressar que o indivíduo finge ou dissimula não entender ou ver algo manifesto/explicito de forma a evitar se posicionar, responder ou tomar partido. **1.** Utilizada pelo colaborador para se desculpar perante a sua família e amigos por não manifestar abertamente a sua profissão. Este justifica a sua invisibilidade, expondo que todos sabem de forma implícita, porém disfarçam, a fim de poupar a abordagem

da questão abertamente pelo tabu que encerra. *Ex. (O):* Entonces estoy viajando mucho 🖐️ y *saco dinero* y es súper raro. [*Yo creo que todo el mundo sabe* 🗑️], pero *se hacen los locos*, igual nadie me pregunta 🤔. [*No tengo necesidad de decirlo. No es una cuestión de miedo* 🤔].

18. LA VIDA ES ASÍ: clichê em língua espanhola que aponta para a resignação ou aceitação estoica do que não pode ser mudado, por causa de estar supostamente predeterminado. **1.** Empregado pelas filhas da prostituta como resignação ou aceitação da profissão que a mãe exerce, expressando pouco convencimento de mudança dessa situação. *Ex. (V):* [*¡madre mía! Yo no quiero que mis hijas hagan lo que yo hago* 🗑️ 😞 🤔 😞]. Ellas saben, pero no me dicen nada. [*Mamá, la vida es así* 🤔].

19. (LA) VIDA LOCA: colocação nominal que aponta para um estilo de vida irracional e/ou irresponsável com/sem consciência das consequências. No nosso contexto se refere a uma vida dissoluta ou libertina. O funky toma esta colocação do espanhol para nomear como vida loca a

um sujeito que não tem medo de matar, nem de morrer. **1.** Usada pela entrevistada com o intuito de justificar o seu início, incentivada por uma amiga, numa profissão que considera dissoluta. *Ex. (V):* Y yo [*¡claro que sí! Yo sabía a lo que venía* 🤔]. *Al principio: pero yo como voy a **trabajar en eso**, si yo no sé* 🤔. *Ahí dijo ella: es solo hacer **la vida loca*** 😊😊.

20. NÃO HÁ (OUTRA) ESCOLHA: fórmula em língua portuguesa que contraria a ideia de que a vida é feita de escolhas. Aponta para a aceitação ou resignação de não chance, de não possibilidade de seleção, opção ou preferência. **1.** Acionada como justificativa que lave a culpa do exercício de uma profissão deplorável, realizada por conta do sustento da filha. *Ex. (C):* [*Eu vou continuar na minha profissão enquanto puder para poder ajudá-la* 🤔]. Ela representa tudo o que eu quis da minha vida, mas que jamais atingi até hoje 😞. [Então, é por ela que eu deito na posição que você quiser. *Não há outra escolha* 🤔 😞].

21. NA MORAL: locução adverbial em português brasileiro que é acionada como sinônimo das expressões de boa,

tranquilo ou sem problemas. Também pode ser usada para enfatizar que o que se fala ou se faz é sério, com o sentido da locução: na verdade ou sinceramente.

1. O sujeito se vale dessa para lavar a culpa pelos relacionamentos homossexuais que desenvolve na profissão sexual e convencer o entrevistador da sua heterossexualidade, manifestando que gosta das partes íntimas da mulher de verdade. *Ex. (J):* Já, pô. Eu fico 🗨️. [*Curto uma buceta* 😏] [**PRA CARALHO, NA MORAL** 🗨️] 🗨️ 🗨️].

22. NO DAR: criação idiomática da colaboradora, fundamentada na expressão brasileira *não dá* com sentido negativo que aponta para impossibilidade de uma situação ou evento. **1.** Usada para materializar uma lavagem de culpa na prostituta pela escolha profissional, se justificando na irresponsabilidade do pai por não ter conseguido arcar com as despesas das filhas e que a obrigou a exercer a prostituição. *Ex. (V):* [*No es que él no quería a sus hijas, él fue padre y eso, pero no me daba dinero, muy poquito, muy poco y por eso me vine aquí, después de cinco años sola. Porque trabajaba toda la noche y el día y no daba. Y la responsabilidad era casi*

toda minha, de las hijas ¿sabes? 🗨️ 😏].

2. Acionada como justificativa por ter abandonado o trabalho de cobradora de ônibus pelo descontentamento com o salário. *Ex. (V):* [*Estaba separada, con mis hijas muy pequeñas, llegaba muy tarde por la noche, y el sueldo no daba para tanto* 😏 🗨️].

23. POR OBLIGACIÓN: locução adverbial em língua espanhola que exterioriza a realização de algo por exigência/imposição da moral, da lei ou do costume. **1.** Utilizada para expressar que a profissão não se exerce para alcançar uma realização pessoal no sujeito, mas sim por dinheiro e necessidade principalmente. *Ex. (O):* [*Al final, tú dices, por fin, acabó y estás tranquilo porque tienes dinero* 🗨️ 😏]. *No es una tortura, no porque no es que te gusta, pero tampoco te gusta, ¿entiendes? Se hace por obligación* 😏].

24. PORRA!: fórmula monolexical que pode vir acompanhada de um vocativo como no exemplo e que aponta para expressão de espanto, surpresa ou raiva quando algo não é o esperado. Como fórmula, adjetivo ou substantivo abrange diversos sentidos. **1.** Empregada pelo prostituto com certa

raiva e com pretensão de minimizar o sentimento de culpa por continuar até o momento na profissão, tendo sido estimulado por um amigo. *Ex. (J):* Ganhava quase 2000, que tinha comissão e essas coisas aí. [Um amigo meu que é também me estimulou. **Porra, véi!** Eu não queria não, mas aí até hoje 🤔].

25. PRA CARALHO: locução adverbial que se usa para indicar algo em muita abundância, exageradamente ou muitíssimo. **1.** O sujeito se vale dessa para lavar a sua culpa pelos relacionamentos homossexuais que desenvolve na prostituição e, de quebra, convencer o entrevistador da sua heterossexualidade, enfatizando que adora intensamente e descomedidamente as partes íntimas da mulher. *Ex. (J):* Já, pô. Eu fico 🗣️. [Curto uma buceta 🤔] [**PRA CARALHO, NA MORAL** 🗣️ 🗋️ 🤔].

26. QUERER SÓ SEXO: clichê usado principalmente pelas mulheres, condicionadas pela matriz ideológica do amor romântico e o casamento para formar uma família. **1.** A inquirida usa este de forma inacreditável para justificar o seu primeiro serviço como profissional do sexo, pretendendo

transparecer que na época não tinha clareza da sistemática do trabalho e/ou da vida. *Ex. (C):* [ele queria só sexo 🗣️🤔]. [Eu jamais pensei em cobrar nada de ninguém naquela época 🤔].

27. QUEDAR TRAVADO/A: colocação verbal criada pela colaboradora brasileira em língua espanhola, fundamentada no fraseologismo brasileiro *ficar travado/a* que remete à inibição/congelamento no sujeito, não conseguindo este se mexer em contextos de medo, vergonha ou estresse. **1.** A entrevistada apresenta esta estrutura perante a possibilidade de ter um serviço com cliente que envolva fezes, se culpando, de certa forma, por não conseguir satisfazer essa filia sexual. *Ex. (V):* Defecar, amm / ammm, 🤔 yo quiero que defeques en mi boca. [ESAS COSAS NO LO HAGO, PORQUE NO SOY CAPAZ 🤔] *Eso es lo de menos,* pero no soy capaz, me quedo 🗋️ *travada* y no sale 🤔.

28. SAIR DESSA VIDA: fraseologismo que aponta para a construção social de que a prostituição é uma vida ruim, da qual qualquer sujeito deve sair rapidamente. O termo vida, noção que expressa o bem mais prezado que possuímos, adquire um sentido

depreciativo por estar implícito nele o complemento *de prostituto/a*. **1.** Usado pelo garoto de programa para marcar que essa atividade profissional é temporária e que pretende abandonar logo, a fim de lavar a sua imagem e culpa. *Ex. (J): [Eu já fazia antes, mesmo trabalhano, aí sai do trabalho, me empolguei e fiquei, mas nesses dias já tô parano também 🤔].* Eu pretendo montar um negócio pra mim e *sair dessa vida*. **2.** Empregado pelo scort na forma linguística em espanhol *dejar esta vida*, a fim de destacar que a profissão é circunstancial, pretendendo sair logo da prostituição para formar uma família. *Ex. (P): Sí, [con una mujer, tener hijos y dejar esta vida 🙏].*

29. TENER PRECONCEITO: criação idiomática da participante brasileira em espanhol, com base na colocação verbal *ter preconceito*, designando uma opinião formada de forma superficial acerca de um sujeito ou grupo sem base numa experiência real ou sem fundamento sério. **1.** Acionada pela colaboradora como constatação da discriminação ou estigma que recebem

as transexuais pela transgressão de gênero. *Ex. (V): [sufren mucho, son depresivos 🙋 son muy depresivos, con preconceito porque la gente tiene preconceito 🤔🙋] 🙋* contra los transexuales, lo mismo que a los gays que hablan normalmente, muchas veces nadie sabe lo que son.

30. TER PEITO: locução verbal em língua portuguesa que significa ter coragem, valentia ou brio. **1.** Utilizada pela inquirida como desculpa esfarrapada, se valendo da locução *por poupar* e não por medo do que os outros pensem. Assim, esta invisibiliza o exercício da profissão perante seu círculo mais próximo pela culpa e vergonha que produz a profissão sexual nela e na sociedade. *Ex. (C): Não falo, não é por não ter peito, sabe? 🤔 [De chegar e dizer, olha, eu faço esse tipo de serviço 🙋].* Mas simplesmente é *por poupar* porque várias pessoas da minha família [*JAMAIS ACEITARIAM ISSO, JAMAIS 🙋🤔🙋*].

5.2.4 A FRASEOLOGIA DO MEDO¹⁸⁰

Imagem 15 – A expressão do medo



Fonte: adaptada de: www.educima.com

¹⁸⁰ O **medo** é entendido como emoção social disfórica que interpela ao sujeito a agir ou a fugir, utilizado para a manutenção das estruturas de poder. Assim, esta pode estar relacionada com a violência ou a situações desagradáveis ou terríficas.

1. A GENTE NÃO SABE COM QUEM DEITA:

clichê que expressa a dificuldade da profissão sexual, visto que denota os possíveis perigos ou chateações que acarreta o fato de ter momentos íntimos com sujeitos desconhecidos. **1.** Empregado com medo pela colaboradora como complemento à fotografia do maltrato doméstico talvez pela identificação como vítima de violência perante situações de risco vivenciadas ou por vivenciar no desenvolvimento da atividade profissional. *Ex. (C): [QUE HORROR! 😞] [ESSA IMAGEM PARA MIM MEXE, VIU? 🤔] 😞 A gente não sabe com quem deita.* A gente faz tudo muito bem, pelo menos, acha isso, e que a segurança é o pagamento [*Tem muita gente doida no mundo 😞*] **2.** Usado com certa variação do clichê pelo entrevistado como receio / medo ou ponto negativo no exercício da profissão. *Ex. (J):* Mano, esse negócio é arriscado, né? [*Tem que ficar com todo tipo de gente, tem que tá se prevenindo direto, a gente não sabe quem é quem, só vê por fora, E POR DENTRO? 🗣️🗣️*].

2. AQUI Ó!: Fórmula do português brasileiro utilizada para dar ênfase ao expressado como redução/alteração da estrutura *olhe aqui*. **1.** A prostituta aciona com certo receio em língua

espanhola esta fórmula do seu repertório em português para enfatizar como vítima a fala do assaltante. *Ex. (V): [aí fez assim, aqui ó!, fez assim: dame el dinero, dame el dinero que es un asalto 😞]. [Lembrei da minha mãe que dizia: se pasa eso entrega todo, entrega todo, lo más importante es la vida vuestra 😞👏 y así pasó 😞].*

3. BATER NA MADEIRA: locução verbal em língua portuguesa que reflete o antigo hábito em várias culturas de tocar na madeira para afastar o azar - com sentido metafórico de livramento, depois de ouvir ou falar algo ruim que não quer que aconteça. **1.** A inquirida por meio de uma locução que faz parte da sua identidade linguística em língua espanhola expressa o desejo de não ser mais assaltada pelo medo que lhe produz tal fato. *Ex. (V): [No, solo una vez. Bate na madeira. En toda mi vida solo una vez 😞😞].*

4. BOTAR COISA NA CABEÇA (DE ALGUÉM): variação da locução *fazer a cabeça (de alguém)*, com o sentido de convencer ou persuadir alguém para agir ou não agir. **1.** Utilizada pelo sujeito para justificar a profissão sexual exercida nesse momento, se desculpando por não ter assumido um concurso pelo medo que os amigos

introjetaram nele. *Ex. (J): [meus amigos foram botando coisa na minha cabeça para mim não vir 🤔].* Foi o tempo que aqui estava muito perigoso e não vim 😞.

5. ¡COMO ASÍ!: fórmula em espanhol e português com variante gráfica que se emprega para pedir explicação ou esclarecimento acerca do que foi afirmado anteriormente. **1.** Manifesta a incompreensão com nuances de medo, produzida pela exposição do colaborador à cena do espancamento da travesti Dandara. *Ex. (O): [¡¡Marica!! ¡como así! 🤔😞; Eso es una mujer? 😞😞]; (E): Es transexual; (O): ¿Y le están pegando porque es trans? 🤔; (E): Sí.* **2.** Acionada na forma linguística brasileira em língua espanhola pela entrevistada para exteriorizar o medo e tristeza na forma de incompreensão, provocados perante à exposição do espancamento da travesti Dandara. *Ex. (V): [Meu Deus! Como assim! 🤔😞 !ESO SON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror! 😞 😞].*

6. ¡CÓMO ME DIVIERTO!: fórmula espanhola que expressa o passar do tempo de forma alegre e divertida. **1.** Usada com tom irônico pelo participante para manifestar certo receio ante a violência, assim como uma forma

de naturalizá-la. *Ex. (O): ¿Ahhhh, quien lo mató? [¡Ay, no! ¡Cómo me divierto! 😞]*

7. DAR MIEDO: colocação verbal em espanhol com o verbo suporte *dar* que indica que algo ocasiona temor. **1.** Empregada pelo sujeito para exteriorizar o receio que lhe produzem as agulhas. *Ex. (P): Porque soy 🖐 [me dan miedo las agujas 😞].* Entonces, ya es como que...¿tú sí tienes tatuajes? **2.** Analogamente, a prostituta a usa como expressão do medo que lhe causa a ideia de realizar uma tatuagem no corpo. *Ex. (V): Los veo bonito, pero no tengo ninguno. Tengo ganas de hacer uno. [Pero te duele, me da miedo 😞],* mmm 🤔. No me gusta así todo el cuerpo tatuado, NO. Me gusta una tatuaje bien grande, me mola...

8. DE ESO NADA: fórmula em língua espanhola que traz uma negação enfática ante um fato ou afirmação. **1.** A trabalhadora sexual se vale dela para exprimir o pavor que lhe ocasionaria o hipotético fato do pai dela descobrir a profissão realizada. *Ex. (V): De mi familia sabe. Cuando llegué aquí, tuve que contar. Mi madre sabe, mis hermanas, sí, [mi padre no ha sabido,*

mi padre no ha sabido: de eso nada, NUNCA, JAMÁS 😊].

9. ¡DIOS!: redução monoverbal em espanhol da fórmula *¡Dios mío!*, utilizada para exteriorizar surpresa ou espanto perante algo. **1.** O prostituto a emprega como demonstração do medo motivado pela visualização do assalto e execução do ladrão por parte do policial. *Ex. (O):* [¡Ahhhh!! ¡Uyyfff! ¡DIOS! 😊 😊]; *(E):* ¿Qué pasó?; *(O):* ¿Ahhhh, quien lo mató? [¡Ay, no! ¡Cómo me divierto! 😊].

10. ¡DIOS MÍO!: fórmula em espanhol, utilizada para exteriorizar surpresa ou espanto perante algo. **1.** Expressada com certo medo pelo colaborador, devido a identificação dele com a vítima, ao ser exposto a fotografia do homem com a faca. *Ex. (O):* ¡Ay, Dios mío! 😊 [Yo he estado ahí. He sido él 😊 😊]. 😊... [yo cuando lo agarro, le agarro el brazo y se queda atrapado 😊 y ahí entre forcejeo y forcejeo nos caímos y el cuchillo fue a dar para allá como en las películas 😊 😊].

11. ESTAR NO BECO ESCURO: locução em português que significa estar numa situação embaraçosa, impossível de resolver, que produz

ansiedade, medo, frustração, *beco* sem saída. **1.** Utilizada pela entrevistada para manifestar a ansiedade, receio, resignação ou tristeza causados pela representação metafórica de *beco escuro*, condicionada pelo tipo de vida que como garota de programa na Bahia tem com quebra de expectativa da ideia que tinha anteriormente. *Ex. (C):* [E não é, Isso dá uma baixa 😊]. Aqui você vem com o glamour de estar na Bahia. [E estar na Bahia é simplesmente muitos dias e muitas noites **estar no beco escuro. BECO ESCURO** 😊 😊]. Para mim, essa é a maior dificuldade.

12. HAY MUCHO LOCO: clichê em espanhol, redução do *hay mucho loco suelto por ahí*, que evidencia que no mundo há muitas pessoas de comportamentos inesperados ou estranhos. **1.** Usada como manifestação de medo pela insegurança que gera na profissional o atendimento noturno de clientes. *Ex. (V):* [¡Por Dios! 🗣️] Tengo miedo, por ejemplo, en atender por la noche más tarde ¿sabes? [En las madrugadas. Ven alguien que está colocado, **hay mucho loco**, que son violentos 😊]. [Me piden cosas que me da asco y miedo 🗣️ 🗣️].

13. LANZAR TIROS: colocação verbal em língua espanhola que se refere a ação de atirar ou disparar qualquer arma de fogo. **1.** O scort se vale desta para exibir o medo ante cenários de tiroteios vivenciados por ele nas periferias da Venezuela. *Ex. (P):* No, no, simplemente, es que [comenzaban a **lanzar tiros** al aire, o comenzaban 😞 😬]... veían a otro malandro y comenzaban entre ellos mismos. ¿sabes? Como peleas entre ellos mismos. Y las demás personas alrededores, **salíamos corriendo**. Siempre que yo presenciaba eso, lo que hacía era correr y correr 😞 🖐 esperar a que todo se calmara 😊.

14. LO MÁS IMPORTANTE ES LA VIDA: clichê que manifesta a importância da sobrevivência e a prioridade da própria vida ante qualquer perigo ou situação de risco. **1.** Empregado como fraseologismo marcante na entrevistada, pronunciado pela mãe dela, como alerta que aconselha a não reagir ante um assalto e entregar tudo por medo de perder a vida, pois não há nada que tenha mais valor do que a própria existência. *Ex. (V):* [aí fez assim, **aquí ó!**, fez assim: dame el dinero, dame el dinero que es un asalto 😊]. [Lembrei da minha mãe que dizia: se pasa eso entrega todo,

entrega todo, lo más importante es la vida vuestra 😞 🖐 y así pasó 😊].

15. ¡MADRE MÍA!: fórmula da língua espanhola que indica surpresa ou admiração, empregada de forma positiva ou negativa. **1.** Utilizada pela prostituta como reação negativa de surpresa, produzida pelo medo que gera nela a violência de um assalto por ter vivenciado situações parecidas. *Ex. (V):* [¡¡Ahhhh!! ¡¡Mira!! AHHH!! ¡¡MIRA SÓ!! ¡¡madre mía!! ¡¡qué horror!! 😞 😞] [¡ASALTO! 🖐].

16. ¡MALDITO!: redução monoverbal da fórmula ¡maldito sea(s)!, usada como insulto contra alguém considerado ruim, miserável, que desagrada ou incomoda. **1.** O sujeito expõe que foi vítima de xenofobia quando um amigo ou cliente zangado lançou esta fórmula contra ele com raiva, o que lhe produz certo medo. *Ex. (O):* [no follé con esa persona, me denunció, bueno, no me denunció, me quiso decir que me había denunciado 😞 😞], me escribía y me insultaba, tengo los mensajes aquí y solamente fue por eso, me decía: [¡Maldito!, tú tienes que irte a tu país, tus padres se tienen que morir 😊].

17. ¡MARICA!: fórmula unilexical predominante de algumas variedades do espanhol latino-americano que denota surpresa ou espanto perante algo, perdendo em muitos contextos o sentido originário de homem afeminado. **1.** O prostituto, identificado com a agredida, por meio desta revela o medo e tristeza emergidos ante à exposição do espancamento da travesti Dandara. *Ex.* (O): [¡¡Marica!! ¡como así! 😊😊] ¿Eso es una mujer? 😊😊] [...] [¡!uy no!! ¡qué pesar! 😊😊].

18. ¡MIRA SÓ!: criação idiomática em língua espanhola por parte da colaboradora brasileira com base na fórmula em português *olha só!* que enfatiza algo, expressando surpresa ou admiração. **1.** Usada como reação temerosa da participante ante a exposição do vídeo do assaltante por identificação com a vítima. *Ex.* (V): [¡Ahhhh! ¡¡Mira!! AHHH!! ¡¡MIRA SÓ!! ¡¡madre mía!! ¡¡qué horror!! 😊😊] [¡ASALTO! 📢].

19. NADA DE ESO: fórmula em língua espanhola que traz uma negação enfática ante um fato ou afirmação. É outra variante formal da fórmula anterior *de eso nada*. **1.** Expressão de incompreensão com nuances de medo e

raiva no tocante à execução do bandido pelo policial, quando perguntado pela possibilidade de ter presenciado uma cena parecida. *Ex.* (P): [Nada de eso 😊]. [Tiroteos sí los he presenciado. Varios tiroteos 📢]. En Venezuela. Pero era porque yo me 📢 yo que era 📢 me iba cuando estaba muy pelado, me iba a rumbear a barrios, no sé cómo le dirán acá. **2.** Empregada como negação enfática que corrobora o fato de não ter sofrido preconceito ou discriminação por conta da sua profissão. *Ex.* (P): [NO, nada de eso, nada de eso 📢]. O sea, de Venezuela, se agarran más que todo por la situación económica. [Cuando digo que soy venezolano, ¡Ay Maduro, que no sé qué! 😊]. **3.** Acionada pelo prostituto como fórmula enfática que ratifica o seu posicionamento com relação ao beijo público entre dois homossexuais. *Ex.* (O): Pues, que se besen, yo no les voy a grabar, ni nada de eso, es su vida privada. ¿me entiendes? 📢 Es como sí tú que eres hetero te das un beso con tu novia, ¿te van a grabar? **4.** O boy se vale desta como fórmula enfática para reafirmar que na Espanha, os cidadãos são mais abertos/tolerantes do que na Venezuela no que diz respeito à transexualidade. *Ex.* (P): Aquí sí 📢, o sea, el tema homosexual, la

transexualidad, eso está... lo he visto yo aquí como que muy abierto, son muy abiertos a eso, más que en Venezuela. [No le veo ese tabú así que comienzan a discriminarlos, ni **nada de eso**, NO ☹️].

20. NINGUÉM SABE!: fórmula em língua portuguesa que aponta para dúvida ou quando o sujeito intencionalmente não quer abordar uma questão. **1.** A garota de programa materializa o medo/incerteza por meio desta estrutura, expondo os perigos e riscos prováveis na profissão sexual. *Ex. (C):* se bem que eu entro no carro de quem não conheço, eu [estou susceptível a passar uma ótima noite ou a voltar com hematoma, ou quem sabe, voltar com vida. **Ninguém sabe!** 😞😞].

21. PASAR MIEDO: colocação verbal que aponta para o terror, pavor ou medo numa circunstância e/ou num momento dado. **1.** Utilizada como prova dos riscos do exercício da prostituição, em especial, quando exercida por mulheres, pois há clientes que podem abusar da sua força. A prostituta relata uma desavença com um cliente que não queria pagar e afirma ter passado medo. *Ex. (V):* [de repente, pasó la mano en el dinero y falou assim: lo siento. Y yo falei: ¿COMO? ¿Cómo? Dame el

*dinheiro, devuéveme, porque es mío. Lo siento, pero no te voy a dar. ¿Sabes? **pasé miedo**, porque el tipo tenía un metro y ochenta y pico y fuerte 😊▶▶].*

22. ¡POR DIOS!: variação da fórmula ¡vaya por Dios! que exprime lástima, resignação ou contrariedade como reação a algo desagradável. **1.** A colaboradora se vale desta para exteriorizar a pena, a resignação e o medo ante a representação da violência doméstica na fotografia. *Ex. (V):* [¡Por Dios! 🙏] Tengo miedo, por ejemplo, en atender por la noche más tarde ¿sabes? [En las madrugadas. Ven alguien que está colocado, **hay mucho loco**, que son violentos 😊]. [Me piden cosas que me da asco y miedo 🤢 🗣️].

23. QUE HORROR!: fórmula em português brasileiro que se emprega para uma pessoa ou coisa, pela qual se sente medo ou repugnância. **1.** Acionada pela inquirida com medo, tristeza e certo nojo como reação ante a violência doméstica, ao ter sido a mulher vítima de agressões na profissão e no casal. *Ex. (C):* [QUE HORROR! 😞] [ESSA IMAGEM PARA MIM MEXE, VIU? 🤔] 🤢 A gente não sabe com quem deita. A gente faz tudo muito

bem, pelo menos, acha isso, e que a segurança é o pagamento [*Tem muita gente doida no mundo* 😊]. 2. A entrevistada por meio desta exterioriza o medo à violência sofrida em silêncio, quando exposta ao espancamento da travesti Dandara. Ex. (V): *¡ESO SON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror!* 😊 😊]. 3. A garota de programa revela o medo que lhe produzem os assaltos nas grandes cidades, condicionada pela sua experiência ou representação ideológica como cidadã brasileira, comparando seu país com Espanha. Ex. (V): *Olha aí, aquí es mucho más seguro. [En Brasil, te asaltan a cualquier momento. Es muy peligroso. En mi ciudad, ni tanto, pero en grandes ciudades, que horror!* 😊 😊].

24. ¡QUÉ HORROR!: fórmula em língua espanhola que se utiliza para uma pessoa ou coisa, pela qual se sente medo ou repugnância. 1. Expressão clara de medo ante a delinquência, em geral, estimulada pelo vídeo do assalto da moto com arma de fogo. Ex. (V): [*¡Ahhhh! ¡¡Mira!! AHHH!! ¡¡MIRA SÓ!! ¡¡madre mía!! ¡¡qué horror!!* 😊 😊] [*¡ASALTO!* 📢]. 2. Utilizada pelo scort como fórmula que rejeita a violência contra a travesti Dandara por repugnante. Ex. (P): [*!!!Ufff!!! ¡qué*

horror! 😊 *¡qué loco!* 😊 😊]. 3. A participante se vale deste fraseologismo para expor a incompreensão e, de certa forma, o nojo, causado pela imagem da mulher musculosa. Ex. (V): [*¡Ufff!! ¡Qué horror!* 😊 *¡Madre mía!* 😊] no me gusta las mujeres musculosas. [*No, eso no me mola* 🙄]. 4. O garoto de programa aciona esta estrutura para manifestar o nojo social que lhe ocasiona a representação da mulher obesa. Ex. (O): *¡¡Qué horror!!;* (E): *¿Podría ella hacer tu profesión?;* (O): *No* 🙄; (E): *¿Por qué?;* (O): [*Porque se moriría de hambre* 😊].

25. ¡QUÉ MIEDO!: fórmula em língua espanhola que aponta para uma intensa emoção disfórica –o medo– provocada pela percepção do sujeito de um perigo ou risco real ou imaginário. 1. Exteriorizada pelo sujeito para demonstrar o pânico que geram as serpentes na sua constituição emocional. Ex. (P): *A las culebras, sí, [a las culebras les tengo pánico* 😊]; (E): *Pero, por allí ¿hay muchas?;* (P): *Por donde yo vivía, sí había ¡qué miedo!* 😊.

26. ¡QUÉ PESAR!: fórmula mais comum nalgumas variedades do espanhol americano que indica um fato

ou afirmação que provoca uma emoção desagradável, de tristeza ou pena. **1.** O inquirido se vale desta para expor sua profunda lástima e certo medo, devido à identificação dele com a travesti Dandara, espancada até a morte. *Ex.* **(O):** [*¡!Marica!! ¡como así!* 😞😞] *¿Eso es una mujer?* 😞😞; **(E):** Es transexual; **(O):** *¿Y le están pegando porque es trans?* 😞; **(E):** Sí; **(O):** [*¡!uy no!! ¡qué pesar!* 😞😞]

27. RAPAZ!: fórmula unilexical do português brasileiro muito usada para denotar surpresa, desagrado ou admiração ante um fato inesperado ou afirmação questionável. Provém do termo *rapaz*, sinônimo de garoto, cara, brother ou mano, dentre outros. **1.** A entrevistada brasileira utiliza este fraseologismo em língua espanhola como manifestação de surpresa desagradável e inesperada, na qual há nuances de tristeza e pavor perante a delinquência comum. *Ex.* **(V):** *!ESOSON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror!* 😞😞]. **2.** O boy exhibe por meio desta o nojo, em forma de surpresa inesperada, despertado pela imagem da mulher musculosa, ao esta transgredir a representação tradicional de gênero na sua matriz ideológica e cultural. *Ex.* **(J):** [*RAPAZ!!* 🤔⚡ *É complicado*⚡].

Parece que tá ficando com homem, **RAPAZ!**, jeito de homem, todo musculoso, [*oxee!!! É estranho!!* 😊]. Para uma mulher dessa, [*eu não comeria nunca um periquito na minha vida* 🤔]. Tá parecendo um U-RU-GUTAN-GO 😊 😊. **3.** O garoto de programa a utiliza para questionar, por incomum, a possibilidade de um prostituto se apaixonar por um cliente. *Ex.* **(J):** **RAPAZ!** ⚡⚡, é difícil, pô ⚡. Boy que diz que tá apaixonado por cliente, é MENTIRA 🤔. *Pode acontecer*, mas é muito difícil. Pode ter um carinho. [*Mas, pra se apaixonar é muito difícil, nem se iluda* 🤔].

28. SAIR CORRENDO: colocação em língua portuguesa que significa fugir ou dar no pé de uma situação ou de algo. **1.** Empregada pela colaboradora para relatar a reação de medo que um homem teve, quando ela desvelou a sua atividade profissional para ele. *Ex.* **(C):** Quando eu fui no banheiro, logicamente, eu fechei a porta. No momento de ele entrar, tentou me beijar. Ele perguntou se eu estava casada, solteira. [*Aí, eu falei: eu sou prostituta, aí saiu correndo* 😊].

29. SALIR CORRIENDO: colocação em língua espanhola que remete a fugir

ou dar no pé de uma situação ou de algo. **1.** Usada pelo entrevistado como reação de fuga estimulada pelo medo que originava nele os tiroteios e brigas nas periferias de Caracas. *Ex. (P):* Como peleas entre ellos mismos. Y las demás personas alrededores, *salíamos corriendo*. Siempre que yo presenciaba eso, lo que hacía era correr y correr 😊 🖐 esperar a que todo se calmara 😊. **2.** A participante se vale desta para narrar a fuga dos assaltantes e o terror que ela vivenciou num assalto de ônibus, no qual trabalhava. *Ex. (V):* En el momento no, pero después sí me ha dado. [*Sí, porque sabes salen corriendo el conductor gritando com ele, gritando ¿sabes? Mis cosas no llevó, solo el dinero* 🤩 😊]. **3.** Acionada como fuga inevitável ante a materialização do nojo físico por parte da colaboradora que alega atender clientes que não tomam banho, fedem ou são asquerosamente desagradáveis e o suposto nojo que lhe causa a profissão sexual. *Ex. (V):* [*Meu Deus! Demais! ASCO!! Pero asco* 🤩, tengo ganas de *salir corriendo* 🤩, ¿sabes?].

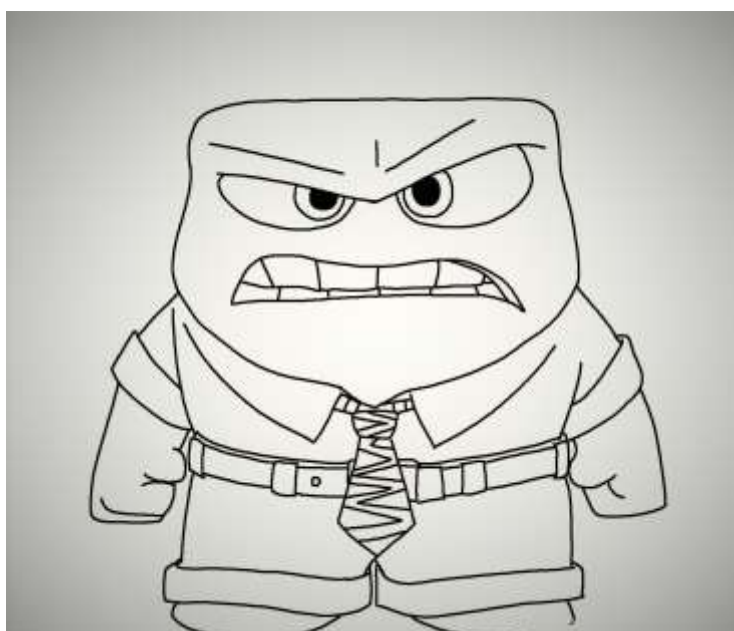
30. SENTIR EL PELIGRO: colocação verbal em língua espanhola que aponta para a sobrevivência e alerta

ante um risco ou perigo com o intuito de advertir a necessidade de reagir. **1.** O inquirido afirma que Estados Unidos é mais perigoso que a Espanha, conforme a percepção dele. *Ex. (O):* Miami y en todo eso y esas personas convivían con uno como si fuese normal, y no es normal, [*porque esa gente te puede pegar, te puede hacer cualquier cosa, ¿me entiendes?* 😊] Y aquí esa seguridad que tú puedes andar por la calle, que no te importe nada. [*En Estados Unidos es un poco... 🖐 se siente el peligro* 😊]

31. TEM MUITA GENTE DOIDA NO MUNDO: clichê em português que evidencia que no mundo há muitas pessoas de comportamentos inesperados ou estranhos. **1.** A entrevistada desvela por meio deste fraseologismo, e estimulada pela imagem da violência doméstica, o medo constante que padece no exercício da profissão sexual, na qual ela se sente exposta e vulnerável a diversas agressões. *Ex. (C):* [*QUE HORROR!* 😊] [*ESSA IMAGEM PARA MIM MEXE, VIU?* 🤩] 🤩 *A gente não sabe com quem deita.* A gente faz tudo muito bem, pelo menos, acha isso, e que a segurança é o pagamento [*Tem muita gente doida no mundo* 😊].

5.2.5 A FRASEOLOGIA DA RAIVA¹⁸¹

Imagem 16 – A expressão da raiva



Fonte: adaptada de: www.tudodesenhos.com

¹⁸¹ A **raiva** é uma emoção que opera como motor de comportamento de resistência ao controle, perante uma restrição ou injustiça.

1. A COISA (ES)TÁ FEIA: locução em português brasileiro para expressar que uma situação está complicada, cheia de adversidades ou dificuldades; variante dos fraseologismos *a coisa tá ruça / a coisa tá preta*. **1.** O garoto de programa por meio desta exprime com raiva que o movimento de trabalho e clientes em Salvador está fraco. *Ex. (E):* O que tem de bom e de ruim Salvador? Gosta daqui?; **(J):** Para mim, [*a coisa tá feia, pô. Pouco cliente* 🙄🙄]. Já ouviu falar que baiano é preguiçoso?

2. BOTAR PRA FORA: locução em português brasileiro que se usa quando uma pessoa é exonerada ou demitida do trabalho. **1.** Acionada pelo entrevistado com certa raiva e tristeza por ter sido expulso de uma atividade profissional, servindo-lhe como justificativa ou desculpa de ter entrado no mundo da prostituição. *Ex. (J):* Tô com cinco anos *na parada*. [*Antes trabalhava em loja de calçado. Era até bom, mas me botaram pra fora* 🙄🙄].

3. COMEÇAR O / METER PAPO: colocação em português brasileiro que usa o termo papo no sentido de mentira ou de história sem fundamento. **1.** Empregada com certa raiva pela colaboradora, cansada de escutar dos

clientes histórias para o boi dormir. *Ex. (C):* [*SIM* 🙄, *sei lá, talvez o meu papel além de prostituta seja psiquiatra ou psicóloga, não é? Então, quando começa esse papo eu já sei onde vai dar, vai ser os desabafos, aquela falta de amigos* 🙄🙄]. **2.** O scort expressa por meio desta a raiva, causada pelas histórias inconsistentes e descabidas do governo no tocante à regulamentação da prostituição no Brasil. O colocativo *papo* apresenta-se com o verbo suporte meter. *Ex. (J):* Hoje TÁ *CAINDO MAIS A FICHA*, né? 🙄 Mas a turma não aceita e agora até o governo tá querendo colocar a profissão do sexo, para se aposentar. *SEI LÁ!* 🙄, acho que *não dá*, essa turma só tá *metendo papo* 🙄 por mim, *tanto faz*.

4. COMO QUE NO: fórmula em língua espanhola que traz uma negação enfática ante um fato ou afirmação. **1.** Usada para exteriorizar as dificuldades tanto físicas como psíquicas na hora de exercer a profissão do sexo, nunca entendida como um trabalho prazeroso. *Ex. (E):* Para ti entonces es más fácil esto; **(O):** [*Como que no* 🙄]. He conocido escort heteros y yo creo que [*yo sufro igual que ellos. Yo creo que es lo mismo. Como yo lo veo como trabajo*

y ellos también, no hay forma de disfrutarlo, es imposible 😞😞].

2. A participante se vale desta para marcar que a vida de prostituta não lhe agrada, nem a realiza como sujeito. Ex. (V): Yo hago mi trabajo, lo paso bien. Generalmente, no, con algunos lo paso bien, disfruto, con otros hago mi trabajo. [Pero decir: disfruto eso, que quiero, que me gusta, **como que no** 🙄 😞]. Por un tiempo, no más 🙄.

5. **COVARDIA!:** redução da fórmula pluriverbal *isso é covardia!* utilizada para exteriorizar a raiva ou decepção contra um comportamento ruim, desonesto, falso ou traiçoeiro. 1. Reação irada do participante para rejeitar a violência contra a mulher por esta não poder se defender em igualdade de condições. Ex. (J): [Covardia! Covardia, cara 😞]; (E): Por quê?; (J): Na maioria dessas agressões de homem para com a mulher. [O homem tem mais força, pô 🙄]. 2. Analogamente, usada duplamente pelo colaborador para enfatizar a sua reprovação e denunciar a violência contra o mais fraco, quando exposto ao vídeo da agressão da Dandara. Ex. (J): [Isso aí é covardia!!! Covardia, velho! 😞🙄]. 3. Amostra da raiva que materializa o repúdio perante a violência em desigualdade de

condições por parte do homem não armado pela menor chance de se defender. Ex. (J): **Covardia!! Foda mesmo!** 😞. [Covardia por parte do cara que está com arma branca, sacou? 🙄] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, **beleza!** Se entendam🙄].

6. **DAR IGUAL:** locução em língua espanhol para expressar que algo é indiferente. A princípio, esta unidade fraseológica não “envolve” nenhuma emoção. 1. Utilizada pelo profissional do sexo como espelho da sua raiva com relação a uma amiga agredida pelo casal que não tomava nem atitude perante seus conselhos, nem revertia esse contexto de agressão. Ex. (P): Nada, yo hablaba con ella, pero... 😞 [sabes que las mujeres cuando están en un punto, enamoradas, no sé si decir enamoradas, ellas no ven otra cosa, si no lo que les conviene y yo hablaba con ella y a ella le da igual 😞]. 2. Acionada como justificativa para mascarar/dissimular certa homofobia/transfobia por parte da entrevistada. Ex. (V): Yo tengo 🙄 amistad con trans, con gays, ¿né?, maricones, tal. **Me da igual**, para mí son personas que tienen su cabeza así. 3. O prostituto se vale desta locução para exprimir certo nojo camuflado de indiferença ante o vídeo do beijo dos

moradores de rua. Ex. (O): [No, porque yo también he tenido que besar así 😬👉]. Entonces, no me da asco. **Me da igual.** 4. O garoto de programa a usa de maneira a exprimir certa indiferença ou naturalização do fato homossexual, sempre que a homossexualidade não lhe toque de perto na família. Ex. (O): Cualquier cosa. **Me da igual.** No me produce ni asco, ni alegría. 5. Reflexão intercultural, comparando o país de origem com a representação do sujeito da Espanha como lugar mais tolerante, mais *tanto faz*, a partir do vídeo do espancamento da Dandara. Ex. (P): Por ejemplo, [en Venezuela, va una trans caminando y ya está todo el mundo está viéndola, hablando, criticando ¿sabes? 🗣️😬 😊] Acá no, acá la gente es muy... le **da igual** si está o no está. 6. O scort toma esta expressão como um modo de ocultar ou maquiar a vergonha e o medo da profissão do sexo exercida por ele, tentando evitar ser abertamente revelada /conhecida pelas pessoas mais próximas. Ex. (O): [Sí, de hecho, he pensado 🤔]. Pero es que... 🤔 mis amigos de hace mucho tiempo no me van a estar preguntando que estás haciendo o qué eres tú, [simplemente hablamos de cosas generales y ya▶▶]. Cuando se presente la oportunidad, a lo mejor lo haga, pero [**me da igual. Es mi**

vida, yo soy el que está trabajando y yo soy el que está haciendo dinero 🤑]. 7. Materialização sincera de tolerância para com as pessoas trans, na qual a locução impera como fator não estigmatizante das diversas formas de entender a sexualidade por parte do colaborador. Ex. (P): Yo **no me meto en líos**, porque hay mujeres, o sea, hay trans que no les gusta hablar de eso y porque ya son muy, muy discriminadas, ¿sabes? Mientras ellas se sientan bien, lo demás no importa. Debe **dar igual.** ¡FELICIDAD! 🥰. 8. Apresentada na sua variante em língua portuguesa na forma *tanto faz* com a base ideológica de que a prostituição deve continuar não legalizada e na clandestinidade, ideia reforçada pelo boy entrevistado. Ex. (J): Hoje TÁ **CAINDO MAIS A FICHA**, né? 🗣️ Mas a turma não aceita e agora até o governo tá querendo colocar a profissão do sexo, para se aposentar. **SEI LÁ!** 🤔, acho que **não dá**, essa turma só tá **metendo papo 🗣️** por mim, **tanto faz.**

7. DEJAR DE HABLAR: colocação verbal em espanhol que aponta para o fato de alguém cortar toda via de diálogo com uma pessoa como consequência da indiferença, a raiva, o nojo ou a vergonha, dentre outros. 1.

Utilizada com resignação e indignação pelo inquirido como claro indicador do estigma que a prostituição recebe e da dificuldade deste para criar vínculos de amizade fora desse âmbito profissional por conta do preconceito existente. *Ex. (O): y entonces piensan: [¡qué asco!, ya no te voy a hablar y, de hecho, mucha gente me ha dejado de hablar por eso 🙄🙄]. Entonces, [las únicas personas que te entienden, que te apoyan, que pueden estar ahí para ti tienen que trabajar en lo mismo 🙄. Sino vas a estar muy solo 🙄🙄].*

8. DEIXAR NA HAVAIANA (ALGUÉM): locução do idioleto fraseológico do colaborador que significa arruinar alguém. **1.** O prostituto lança a advertência de que há garotos de programa que embaúcam / apaixonam o cliente com o intuito de se aproveitar, comer seu dinheiro e deixá-lo sem nada, na havaiana. *Ex. (J): se apegar, nam! 😏 [Boy é muito esperto, é uma raça desgraçada 🙄].* Tem boy muito pilantra. Tem boy ladrão, tem boy que faz pensar que tá apaixonado por você. *[Se avexa, ele deixa você na havaiana, come tudo o que você tem 🙄🙄].*

9. DE LA BOCA PARA FUERA: locução mais comum do espanhol americano para assinalar que uma coisa falada não é sentida verdadeiramente, isto é, o manifestado não corresponde ao que realmente é pensado. **1.** Usada pelo colaborador como crítica raivosa contra os colombianos e latinos, em geral, por ele achá-los hipócritas, falsos, à diferença dos espanhóis. *Ex. (O): [no son tan falsos, como por ejemplo un colombiano, que son muy falsos, te pueden amar de la boca para fuera, pero te odian por dentro 🙄🙄].* Yo creo que aquí la gente es mucho [MÁS HONESTA, MÁS TRANQUILA 🙄, no son como los latinos ¿me entiendes? Que son como envidiosos 🙄🙄].

10. É FODA!: fórmula do português brasileiro que se emprega para manifestar que algo é ruim. No entanto, foda pode aludir também ao que é muito bom. **1.** O participante por meio desta com nuances de nojo e raiva relata os diversos fetiches sexuais dos clientes, particularmente, um que considera muito ruim e que tem a ver com engolir as fezes. *Ex. (J): Cada um tem seus tesão, suas coisa. [Uns querem que eu mijie na boca, outros querem bosta na boca. É foda!, mano 🙄🙄]. [É muita história! 🙄].* **2.** Utilizada com certa

tristeza, resignação e raiva para refletir acerca da solidão psicológica, mesmo não física, de homens de família que se sentem sós e recorrem aos seus serviços. *Ex. (J): [HOMENS CASADOS 🗣️, homens héteros, casados 🗣️, que tem aquela relação estável e que chegam alguns com muito papo, querendo trocar uma ideia, tá ligado? 🗣️] [A solidão é foda, véi 🗣️🤔].*

11. É MUITA HISTÓRIA!: fórmula do português brasileiro que aponta para a diversidade de opiniões e ações inimagináveis para o receptor. **1.** O boy se vale desta estrutura para abordar os diferentes fetiches sexuais dos clientes, alguns deles causadores de raiva e nojo no entrevistado. *Ex. (J): Cada um tem seus tesão, suas coisa. [Uns querem que eu mije na boca, outros querem bosta na boca. É foda!, mano 🤔 🤔]. [É muita história! 🤔].*

12. ES ASÍ: fórmula da língua espanhola usada para expressar categoricamente uma posição ou opinião, não dando a oportunidade para ser de outra forma, sinônimo da fórmula em português *é desse jeito*. Difere da fórmula *así es* que é acionada para quando a pessoa concorda com uma situação ou afirmação, sinônimo de *é*

mesmo, verdade. **1.** A inquirida se vale desta para colocar em questão a autêntica feminilidade nas/nos trans, afirmando peremptoriamente que a verdadeira fêmea é a nascida por natureza. *Ex. (V): [No. Mira, un hombre nunca será una mujer. Por más que ele se ponga un coño, nunca será, porque a mulher es por naturaleza. Es así ¿sabes? 🗣️🤔].* **2.** Acionada pelo colaborador para asseverar taxativamente com raiva que a culpa da obesidade é do próprio sujeito por descaso com seu corpo. *Ex. (O): [Yo me sentiría triste conmigo mismo y culpable, porque si ella está así es por culpa de ella 🗣️]. Es así, yo estoy así por mi culpa, tú estás así por tu culpa. Si no nos cuidamos, si no comemos bien, si no vamos al gimnasio, pues vamos a estar así, entonces, ¿de quién es la culpa? [LA CULPA ES DE ELLA 🗣️].*

13. ESTAR NA CARA: locução verbal do português brasileiro que se utiliza para enunciar que algo é muito evidente ou de fácil percepção. **1.** O prostituto usa este fraseologismo com raiva para justificar ou rebater que o exercício da sua profissão não é perceptível, ou seja, passa despercebida, o que não o obriga a se manifestar abertamente com relação

a este assunto. *Ex. (E):* Sofreu algum tipo de preconceito pelo que faz?; *(J):* Não, tudo tranquilo. [Ninguém sabe o que eu faço. *Tá na cara*, não 🙄]. **2.** Empregada pelo entrevistado como crítica taxativa dxs trans femininxs, já que na opinião dele não têm como passar por mulheres, pois é perceptível ou evidente que biologicamente são homens. *Ex. (J):* Aí é uma particularidade da pessoa. Cara, ela [pode chegar em qualquer lugar de vestido, de salto alto, de bolsa, acha que é mulher, vai embora, não tem contato, *beleza!* Mas a partir que você tem uma intimidade com ela, que você conversa, *tá na cara*, irmão 🙄].

14. FELA DA PUTAGEM: locução nominal em português brasileiro que exprime uma desonestidade, uma deslealdade, traição ou covardia própria de um fela/filho da puta. **1.** O garoto de programa a utiliza como reação contra os realizadores do vídeo dos mendigos se beijando pela nítida raiva que lhe ocasionou a exibição de escárnio ou chacota dos mais vulneráveis. *Ex. (J):* [Acho muita *fela da putagem* 🙄] a pessoa que se aproveita dos mais oprimidos e uma pessoa bêbada para estimular esse tipo de coisa. É uma falta de respeito para com o outro.

15. FODA (MESMO)!: redução da fórmula brasileira pluriverbal *é foda!*, usada para manifestar que algo é ruim. Pode vir acompanhada do intensificador *mesmo*. **1.** O scort exterioriza por meio desta a sua raiva ante uma situação de violência em desigualdade de condições entre dois homens, por um dele andar com arma branca. *Ex. (J): Covardia!! Foda mesmo!* 🙄. [Covardia por parte do cara que está com arma branca, sacou? ▶▶🙄] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, *beleza!* Se entendam🙄].

16. FODEU!: fórmula unilexical em português brasileiro utilizada para declarar a incursão ou realização de um erro numa situação ou como expressão de desagrado. **1.** O participante se vale desta para manifestar o possível erro / arrependimento que pode acarretar uma tatuagem quando a pessoa envelhecer. *Ex. (J):* Isso aí é reflexo da juventude. [Se tatua mais jovem, a velhice chegou e a tatuagem não sai. *Fodeu!* 🙄]

17. GRAÇAS A DEUS: fórmula em português que exprime alegria por algo esperado ansiosamente ou alívio / livramento por algo ruim que não ocorreu. **1.** Questionado se o prostituto assume sua profissão perante sua

família, ele expressa a sua raiva pela incompreensão que gera esse tipo de trabalho na sociedade. *Ex. (J): [Graças a Deus, NÃO, (fica muito sério) 😞].* [Eu tenho amigos que sabe, um amigo e uma amiga, mas ele me apoia 🙏]. 2. Usada com certo alívio pelo seu livramento no tocante a situações de violência relatadas com raiva dentro da profissão sexual. *Ex. (J): [Só vejo violência, enrolação, 😞 tá difícil combinar motel, 😞 você vai pega uber, aí não é, só que, graças a Deus, comigo não aconteceu assalto não, mas tem que tar ligado 🙏😞].*

18. GANHAR (MAIS) DINHEIRO: colocação verbal em português que aponta para o acúmulo ou consecução de dinheiro. 1. Empregada pela entrevistada com nuances de raiva e nojo contra as prostitutas que acreditam ser superiores por conseguir ou ter mais dinheiro. Pode revelar certa inveja ou frustração. *Ex. (V): [Algunas se sienten superiores porque ganham mais dinheiro 😞🙏].*

19. ¡GUÁCALA!: fórmula unilexical própria de algumas variedades do espanhol americano que designa nojo, rejeição ou repulsão. 1. No contexto, o colaborador exprime por meio desta a

raiva, principalmente, com nuances de nojo, causada pela sem-vergonhice de dois terem sexo público na rua. *Ex. (P): Sinceramente, [¡guácala! Porque cuando yo los veo y ellos no les importaba nada 😞😞].*

20. HAY GUSTOS PARA TODOS: clichê em língua espanhola variante do fraseologismo *hay para todos los gustos* com o sentido do ditado brasileiro *gosto não se discute*, utilizado para expressar que, por mais estranho que seja, cada sujeito tem um gosto diferente para o que quer que seja. 1. Acionado pela garota de programa com certa raiva por experiências negativas de clientes que não se sentem atraídos por ela quando se encontram pessoalmente. *Ex. (V): Bueno, 😊 cuando uno no le gustas, tú aceptas ¿sabes?. Hay gustos para todos. Si no le gustas a uno, hay otro que viene: ¡qué guapa! y te trata bien, otros fican asustados, espantados 😊 NO, NO, NO, NO 😊 😊. Yo me siento fatal, ya me ha pasado dos veces 😊, [yo pienso: ¿soy un bicho o que? 😊🙏].*

21. LEVAR VANTAGEM: colocação verbal em português que se usa como sinônimo de avantajar alguém, em que há uma primazia, condição ou posição de superioridade de um com relação ao

outro. **1.** Utilizado pelo inquirido sob a emoção raiva para exteriorizar a injustiça pela desigualdade de condições, um está armado e o outro não, numa disputa entre dois homens. *Ex. (J): Covardia!! Foda mesmo!* 🤔. [Covardia por parte do cara que está com arma branca, sacou? ▶️🤔] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, beleza! Se entendam👂]. [Leva vantagem por conta de uma arma 🤔]. [É a mesma coisa de um marginal lhe assaltar, SACANAGEM, IRMÃO!! 🤔 ▶️🤔]. **2.** A profissional do sexo se serve da variante *ver vantagem* com outro verbo suporte para mostrar a sua rejeição perante alguém ter seis dedos, por não oferecer ter um dedo a mais serventia nenhuma. *Ex. (C): [NOSSA! É VERDADE. 🤔] [ELE TEM SEIS DEDOS 🤔]. Não vejo vantagem nenhuma.*

22. ¡MARICA, QUÉ ESTÁS HACIENDO CON TU VIDA!: fórmula do idioleto fraseológico do prostituto que usa com certa raiva ante a incompreensão que gera nele algumas atitudes dos outros, consideradas kafkianas ou reprováveis. **1.** O participante aciona esta expressão própria da sua identidade para

exteriorizar a exasperação ocasionada pelo vídeo dos dois mendigos se beijando por considerá-lo absurdo. *Ex. (O): Se están besando así, no sé, por el video, no tiene sentido 🤔. Pero no es como en plan lastima, ni nada, es como: [¡Marica, qué estás haciendo con tu vida! O sea, ve a trabajar 🤔 🤔].* **2.** Condicionado pela sua matriz ideológica, o garoto de programa a usa para manifestar como perda de tempo e frustração o fato de estar com um homem sem dinheiro. *Ex. Yo sé que no hay problema, porque, de hecho, yo con mis amigos hablo muy abiertamente de no sé: [búscate un viejito y le sacas plata 🤔, ¡marica, qué estás haciendo con tu vida!, deja a ese hombre que no tiene dinero y búscate uno rico y cosas así 🤔🤔].*

23. ¡MADRE MÍA!: fórmula da língua espanhola que indica surpresa ou admiração, empregada de forma positiva ou negativa. **1.** Utilizada pela prostituta como reação negativa com nuances de raiva ante a possibilidade de alguma das suas filhas ser homossexual ou prostituta. *Ex. (E): ¿Y si tuvieras un hijo así?; (V): Ay, yo no tengo hijo 🤔; (E): Pero, ¿si lo tuvieras?; (V): [¡madre mía! Yo no quiero que mis hijas hagan lo que yo hago 🤔 🤔 🤔].* **2.** Reação

agressiva da colaboradora ante a foto do homem com o bebê, transparecendo certa frustração e raiva pelo fato de seu ex-marido não ter se ocupado das filhas.

Ex. (V): ¡Madre mía! [¡¡MENTIRA!! 🗨️] el papá de mis hijas nunca se ocupó de ellas 🗨️ de esa manera.

24. MENTIRA!: fórmula do português brasileiro, redução da pluriverbal *isso é mentira!*, que funciona como reação ante um fato ou afirmação inverossímil, incerta ou duvidosa. **1.** Empregada pela entrevistada com a raiva produzida pela imagem de um homem cuidando do seu bebê, expondo as desigualdades de gênero no respeitante aos filhos. *Ex. (V): ¡Madre mía! [¡¡MENTIRA!! 🗨️] el papá de mis hijas nunca se ocupó de ellas 🗨️ de esa manera. [Bueno, es una suerte tener un hombre así. Creo que son pocos 😊].* **2.** A participante se vale desta para contrariar a ideia preconcebida ou o clichê de que o baiano é muito aberto e generoso. *Ex. (C):* Chegar aqui em Salvador não foi muito fácil não. Porque chegar em Salvador foi uma coisa para mim, sabe? O baiano tem o estereótipo de [ser uma pessoa muito dada, muito alegre, muito gentil, muito comunitária, mas **MENTIRA!, MENTIRA!, Bahia é SOLITÁRIA 🗨️🗨️**].

25. MIRAR MAL (A ALGUIEN): locução verbal que significa ter aversão a uma pessoa, olhando com desprezo e nojo. **1.** Utilizada pela inquirida para denunciar que na Galiza suas filhas sofrem olhares preconceituoso por conta de um suposto racismo. *Ex. (V): [Cada uno tiene sus cosas 🗨️].* Mis niñas eran muy bonitas. En Galicia hay racismo, las *miran mal*. **2.** Acionada pela participante para afirmar que na Espanha existe muito racismo, materializado em olhares preconceituosos para com ela e suas filhas pelo fato de serem estrangeiras. *Ex. (V):* Porque en este país son muy racistas, muy racistas / con la gente de afuera, sí. Te atienden mal por ser extranjera, te *miran mal*. [Hasta mi hija que es una chavalita 🗨️ que nunca ha *trabajado en eso, la miran mal 😊*].

26. NADA A VER: fórmula do português brasileiro que se usa quando uma coisa não tem sentido ou para contrariar ou discordar de uma afirmação ou fato. **1.** Usada pelo scort para recusar com certa raiva ou rechaçar a ideia preconcebida de que o baiano é axé, ou seja, tem uma energia muito boa. *Ex. (J):* Macho, a minha expectativa antes [de chegar em

Salvador é que eu iria transar mais do que a quantidade de igrejas que existem. E que o baiano *tem axé*. Mas, **NADA A VER** 🙄]. [Só vejo violência, enrolação, 🙄 tá difícil combinar motel, 🙄...]. **2.** Empregada pelo boy como reação irritante ante uma imagem de mulher que para ele não tem sentido, pelo incomum e inusitado de um corpo feminino musculado. *Ex. (J): [Vixe!! 🙄 PORRA!! nada a ver!! CARAALHO! 🙄]* um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [*é mulher* 🙄 😊]. **3.** O prostituto se serve desta sem uma compreensão clara da imagem e com certa aversão ante um travesti que se proclama como mulher. *Ex. (E):* Diz que ela não é viadinho, que é mulher; *(J): [Nada a ver, ela não é mulher, ela é travesti, né? 🙄]*.

27. (NO) DAR LA GANA (A ALGUIEN): locução verbal em espanhol que remete à predisposição ou à vontade de alguém para realizar ou executar algo. **1.** O garoto de programa usa este fraseologismo com nuances de raiva ante a insistência do entrevistador que lhe convida a falar abertamente sem vergonha nem medo da sua profissão à família e amigos. *Ex. (O): [Yo creo que es porque yo no quiero decirlo, no me*

da la gana ¿me entiendes?, no, porque no es problema de nadie 🙄🙄].

28. PASAR POR ENCIMA (DE ALGUIEN): locução verbal em espanhol que aponta para a não consideração ou respeito por alguém, abandonando, não correspondendo ou prejudicando essa pessoa. **1.** A colaboradora exterioriza a antipatia e irritação por meio deste fraseologismo, por conta das dificuldades que encontra para criar vínculos saudáveis com outras colegas de profissão, visto que, em ocasiões, se sente discriminada e criticada por elas. *Ex. (V): El idioma y [las compañeras, ¿sabes? se portan mal 🙄. Sí, a ver... 🙄 envidiosas, muy mentirosas, sí, no dá para confiar. Pasar por encima de ti, cambian totalmente. Te detonan, sí* 🙄].

29. PONER MAL (A ALGUIEN): criação idiomática com base nas locuções verbais em língua espanhola *poner verde / tratar mal* que significa criticar ou falar mal de alguém no primeiro caso; e não respeitar a uma pessoa, no segundo. **1.** A inquirida manifesta a sua aversão contra a hipocrisia das suas colegas de trabalho que a criticam e destrutam. *Ex. (V): Amistad, sí, 🙄 pero no te puedes*

confiar 🙄. Sí, [son muy hipócritas, las propias compañeras te ponen // te buscan problemas ¿sabes? Te **ponen mal** 😞 🙄].

30. PORRA!: fórmula unilexical que pode vir acompanhada de um vocativo ou numa estrutura polilexical, que aponta para expressão de espanto, surpresa ou raiva quando algo não é esperado. Como fórmula, adjetivo ou substantivo abrange diversos sentidos.

1. Empregada pelo colaborador como expressão de raiva ante a injustiça do espancamento da Dandara. *Ex. (J): [QUE PORRA É ESSA! PORRA, MEU IRMÃO! 😞 🙄]* E esses caras foram presos? **2.** Usada como fórmula de espanto e aversão pela transgressão da representação da feminilidade por meio de um corpo musculoso. *Ex. (J): [Vixe!! 😞 PORRA!! nada a ver!!, CARAALHO! 😞]* um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [é mulher 😞 😊].

31. QUE ABSURDO!: fórmula do português que denota a incompreensão por uma afirmação ou fato fora do óbvio, discordante, irracional, sem sentido. **1.** A prostituta se serve desta para expressar a sua rejeição, incompreensão e raiva ante um fato

contrário ao senso comum, irracional e estúpido como a agressão brutal da Dandara, que nem prefere comentar por este ser inominável e inqualificável. *Ex. (C): [Que absurdo! 😞 😞]. Já soube dessa notícia 😞 uma sem-vergonhice, viu? 😞 fazer isso com uma pessoa].*

32. ¿QUÉ ABSURDO!: fórmula do espanhol que externa a incompreensão por uma afirmação ou fato irracional ou sem sentido. **1.** O boy usa este fraseologismo para demonstrar a raiva dele, causada pela afirmação xenofóbica de um cliente. *Ex. (P): ¿Por qué no te vas a tu país? ¿sabes? cosas así como que 🙄 es así lo más que... 🙄 [un cliente me dijo: ¿y qué haces aquí? ¿Por qué no te vas a tu país? 😞 😞] Y yo me quedé así [como que: ¡qué absurdo! 😞 😞]*

33. ¿QUÉ ASCO!: fórmula do espanhol para expressar o nojo ou a repugnância ante algo que provoca uma sensação de repulsa aos sentidos ou ao psicológico. **1.** O garoto de programa aciona esta fórmula a fim de exteriorizar não apenas seu nojo, mas, principalmente, uma grande raiva contra a xenofobia sofrida por ele nos Estados Unidos. *Ex. (O): [otros me decían Venezuela, ¡qué asco! ¿qué haces aquí? Devuélvete 😞].* **2.** O

participante se serve deste fraseologismo como reflexo do ódio ou incompreensão que suportam os/as transexuais. *Ex. (O):* Pero, claro, cuando tú dices que eres trans, hay mucha gente que dice: *¡qué asco!* o *¡estás loco!* 😞 Entonces, yo creo que [las trans tienen más miedo a ser trans que a ser mujeres, porque ser mujer está más aceptado, ¿me entiendes? 😊].

34. ¡QUÉ FUERTE!: fórmula comumente do espanhol europeu utilizada quando algo causa uma impressão intensa ou chocante de surpresa, medo, raiva, vergonha alheia, reprovação, dentre outros. **1.** Expressada pelo garoto de programa como reprovação irada ante a execução do bandido por parte do policial. *Ex. (P):* [¡Ahhhh! ¡guaauuu! ¿¿COMO?? 📢 😊] *¡Qué fuerte!* 🤔 [Lo mató fue un 🖐 viejito que estaba ahí parado ¿no?

35. ¡QUÉ PESADO/A!: fórmula do espanhol que se usa para designar algo/alguém muito irritante, incômodo ou aborrecido. **1.** Com certa chateação, a participante por meio desta expressa a raiva que lhe causavam as humilhações da sogra. *Ex. (V):* Sí. Estuvimos tres años y entonces fuimos vivir con su madre y la madre era [¡UF! 🤔], me

humillaba, *¡qué pesada!* 🤔]. Y el otro, yo trabajaba de camarera en un club y él venía y hablábamos y después nos enrollamos y un año así.

36. QUIEN ES POBRE ES PORQUE QUIERE: clichê do idioleto do colaborador que parte do pressuposto de quem não tem dinheiro é porque não trabalha. **1.** O scort o emprega com certa indignação contra os moradores de rua, pois na sua concepção estão nessa situação por conta da preguiça. *Ex. (O):* [Yo sé, que se pongan a trabajar, marica 🙄]. [Porque quien es pobre es porque quiere. ¡Ayy, no!, ¡guácala! 🤔 🤔]

37. RIDÍCULO!: fórmula monoverbal reduzida da pluriverbal *que ridículo!*, usada para algo grotesco digno de riso ou escárnio. Diz-se de uma pessoa ou situação levada ao exagero que termina se tornando risível. **1.** Utilizada pelo entrevistado como reação irada / reprovação ante a dança da bunda no chão por parte do rapaz homossexual. *Ex. (J):* *Ridículo!!* 😞🤔

38. SACANAGEM!: fórmula unilexical do português brasileiro que reflete um comportamento de ética duvidosa, sinônimo de má fé, covardia

ou desonestidade. **1.** Usada pelo profissional para exteriorizar a raiva ocasionada pela imagem de dois homens em desigualdade de condições para a luta por um deles estar armado. *Ex. (J): [Leva vantagem por conta de uma arma 😡]. [É a mesma coisa de um marginal lhe assaltar, SACANAGEM, IRMÃO!! 🗨️ 🗨️🗨️]*

39. SALIR MAL: colocação verbal em língua espanhola para exprimir que algo ocorreu de forma insatisfatória, ruim ou não como esperado, sinônimo de *dar errado*. **1.** O prostituto se vale desta para relatar com nuances de raiva e resignação sua experiência nos Estados Unidos que acabou de maneira ruim. *Ex. (O): La primera para nosotros es Estados Unidos, es como la meta, el sueño americano. Y por eso, [fui primero a Estados Unidos, yo me fui sin esperar nada y me fue bien hasta que todo salió mal 😡].*

40. SEI NÃO!: fórmula do português brasileiro que é usada para reprovar ou mostrar discordância ante um fato ou afirmação. **1.** Amostra da raiva que causa a reprovação da garota de programa ante a execução do ladrão por parte do policial. *Ex. (C): [Matou o*

bandido!! 😡 😡]; (E): Exato; (C): [Sei não!! 😡 😡].

41. SER UMA ESCULHAMBAÇÃO: locução do português brasileiro que aponta para a desordem ou bagunça no sentido de ato imoral ou de baixo nível. **1.** Acionada pelo inquirido como reação irada / reprovação ante a dança da bunda no chão por parte do rapaz homossexual por imoral ou baixa. *Ex. (E): Acha criativo?; (J): [É uma esculhambação! 😡 Essa postura difama a classe LGBT 😡😡].*

42. SER UMA RAÇA DESGRAÇADA: fraseologismo para designar um grupo social infame, baixo e sem vergonha. **1.** Por meio dele, o participante mostra a raiva e a vergonha de pertencer a um grupo que de forma generalizada possui atitudes imorais e/ou deploráveis. *Ex. (J): se apegar, nam! 😡 [Boy é muito esperto, é uma raça desgraçada 😡].* Tem boy muito pilantra. Tem boy ladrão, tem boy que faz pensar que tá apaixonado por você. *[Se avexa, ele deixa você na havaiana, come tudo o que você tem 🗨️🗨️].*

43. TÁ DEMAIS: fórmula do português brasileiro que significa muito, isto é, um exagero na concepção do

falante, sendo reprovado por não se apresentar numa quantidade razoavelmente aceitável. **1.** O garoto de programa rejeita com esta fórmula a violência extrema que existe no Recife, por ser dificilmente assumível. *Ex. (J): No Estado, tu é doido!, muito roubo, muita morte, tá demais* 😞. *Recife tá um arraso* 😞😞]. **2.** A informante brasileira se serve desta na forma reduzida *demais!*, a fim de intensificar o nojo que lhe ocasiona a profissão sexual. *Ex. (V): [Meu Deus! Demais! ASCO!! Pero asco* 🤢, *tengo ganas de salir corriendo* 🤢, ¿sabes?].

44. TÁ LIGADO?: fórmula do português brasileiro que é empregada para conferir se o receptor entendeu o que foi afirmado. **1.** Utilizada com raiva pelo boy para contar com a aprovação ou escuta do entrevistador acerca das dificuldades de exercer a profissão na Bahia. *Ex. (J): Deixa pensar* 🤔 *acho que conhecer amizades e grana. Isso é show. Agora, aqui em [Salvador não gostei, o pessoal vai pa motel, mas aí fica mais caro, eu cobrar 150 conto e fora o motel* 😞], *tá ligado?* Em Feira de Santana é menos boy, *tá ligado?* **2.** Acionada pelo prostituto para contar com a solidariedade emocional do pesquisador por conta da decepção

sofrida por este em Salvador com relação a escassez de clientes. *Ex. (J): Que baiano é devagar, né? Aquela coisa. Tem baianos assim, como em todo lugar. [Eu pensei que ia fazer minha vida aqui e que ia ser muito fácil, tá ligado?* 😞😞]. **3.** Empregada pelo colaborador para que com a compreensão do seu interlocutor expor a sua ideologia de gênero baseada no aspecto biológico. *Ex. (J): [Se operar, beleza! Biologicamente, não é mulher* 🗨️]. *[Agora se é aquela travesti que bota a piroca dentro..., imprensa os ovos para não aparecer a piroca, tá ligado?* **4.** O scort manifesta ter um perfil de cliente comum: homem casado com mulher, utilizando esta fórmula para conferir o entendimento do inquiridor respeitante à sua fala, mesmo possa parecer inacreditável. *Ex. (J): [Mano, nem vai acreditar* 🤔 🗨️]. *[HOMENS CASADOS* 🗨️, *homens héteros, casados* 🗨️, *que tem aquela relação estável e que chegam alguns com muito papo, querendo trocar uma ideia, tá ligado?* 🗨️]

45. ESTAR (MUITO) LIGADO: locução do português brasileiro que se usa para alertar alguém dos riscos que podem ocorrer ou estão acontecendo. **1.** O boy se vale desta para reafirmar com

raiva que existe muita violência e enrolação em Salvador no âmbito da profissão. *Ex. (E):* Teve algumas dificuldades na sua chegada?; *(J):* Cara, a violência. [*Muita enrolação. Tem que tar muito ligado* 🙄]. **2.** Ciente dos abusos e agressões no universo da prostituição e da noite, em geral, o entrevistado adverte que sempre devemos estar atentos, em alerta. *Ex. (J):* [Só vejo violência, enrolação, 🙄 tá difícil combinar motel, 🙄 você vai pega uber, aí não é, só que, *graças a Deus*, comigo não aconteceu assalto não, mas tem que *tar ligado* 🙄].

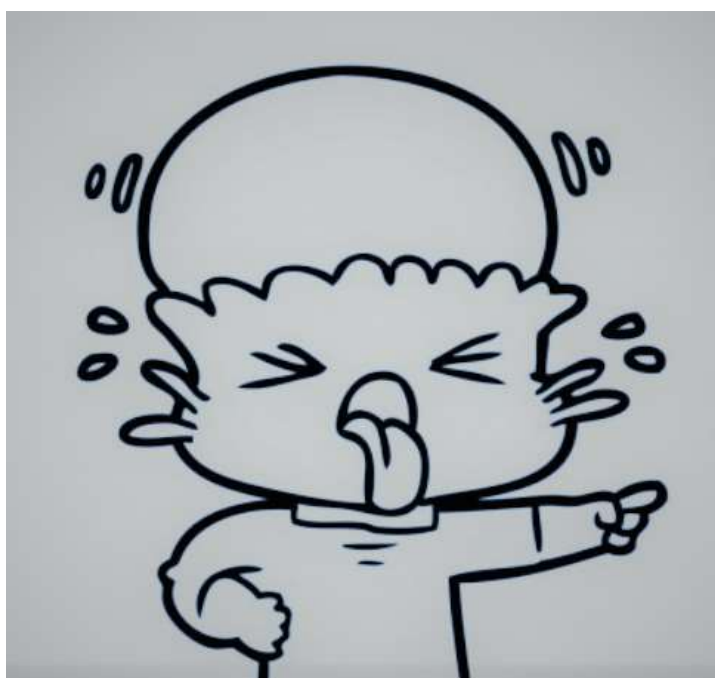
46. TEM COMO NÃO: variação da fórmula brasileira *não tem como* que expressa a impossibilidade ou a falta de oportunidade ou vontade com relação a algo. **1.** Manifestada com agressividade pela garota de programa a impossibilidade da travesti do vídeo ser uma verdadeira mulher. *Ex. (E):* Mas é igual de mulher que você?; *(C):* [JAMAIS, JAMAIS. *Tem como não* 🙄]. **2.** Por meio desta fórmula, a prostituta revela o impedimento de

manifestar abertamente para sua família o exercício da profissão por medo e/ou vergonha, o que lhe causa muita raiva. *Ex. (E):* Você se assume perante a sociedade? A sua família sabe o que você faz?; *(C):* [NÃO, *tem como não* 🙄]. [*Minha família não sabe o que eu faço.*]

47. TU É DOIDO!: fraseologismo exclamativo comumente nordestino, mais cearense, usado para manifestar veemência e/ou se maravilhar negativa ou positivamente com algo. **1.** Acionado de forma irada pelo sujeito como reação firme à questão da hipótese da irmã dele sofrer violência doméstica, estar no lugar da mulher da fotografia. *Ex. (J):* [*TU É DOIDO!* 🙄] Claro que eu iria defender a mulher, dentro das limitações. **2.** O boy manifesta através dela a sua indignação pela constante e intensa violência no Recife. *Ex. (J):* [*Esse final de semana, eu tava vendo hoje de manhã foi registrado 24 homicídios, pô! No Estado, tu é doido!, muito roubo, muita morte, tá demais* 🙄]. [*Recife tá um arraso* 🙄].

5.2.6 A FRASEOLOGIA DO NOJO¹⁸²

Imagem 17 – A expressão do nojo



Fonte: adaptada de: www.br.depositphotos.com

¹⁸² O **nojo** é compreendido tanto na sua concepção biológica como repugnância quanto também na sua dimensão social como barômetro de categorização / classificação simbólica na percepção do universo social que divide o tolerável do inaceitável.

1. ATO SEXUAL: colocação nominal eufemística que designa o ato íntimo entre os sujeitos, ou seja, coito ou cópula. **1.** Empregado com tom de nojo como rechaço à obesidade, revelando certa gordofobia da participante, ao afirmar taxativamente a impossibilidade de ter sexo com pessoa obesa. *Ex. (C): [Eu não conseguiria desenvolver um ato sexual 🤢].*

2. ¡AY, NO!: fórmula composta de interjeição e advérbio de negação que serve para expressar tristeza, dor, lamento ou uma sensação negativa. **1.** Usada pela colaboradora para manifestar o nojo que lhe produz geralmente beijar os clientes. *Ex. (V): [¡Ay, no! No me gusta besar 🤢].* Cuando insisten mucho, yo doy besitos así, mua, mua, besitos en la boca, pero de sello ¿sabes? Algunos piden besos de lengua y a mí no me gusta. **2.** A prostituta se serve de esta lamentação para exteriorizar o nojo causado pela rotina da profissão sexual. *Ex. (V): ¡Claro! 🙄. Sí hay que dar un tiempo, porque [llega un momento que tú no quieres saber de esto para nada 🤢] [¡Ay, no! ¡qué asco! 🤢].* **3.** O scort de vale desta fórmula para exprimir nojo ante o vídeo dos mendigos se beijando na rua. *Ex. (O): [Yo sé, que se pongan a*

trabajar, marica 🙄]. [Porque quien es pobre es porque quiere. ¡Ayy, no!, ¡guácala! 🤢 🙄]. **4.** Acionado pela inquirida para evidenciar a tristeza ante a execução do bandido. *Ex. (V): Sí, dispara a los bandidos. Mira ahí, eso, [¡ayyyy, no! ¡Vaya! 😞 🙄].*

3. DAR ASCO: colocação verbal em espanhol com o verbo suporte *dar* que indica que algo causa nojo. **1.** Utilizada pelo sujeito para exprimir o nojo que lhe ocasionou a cena de dois moradores de rua tendo sexo em público. *Ex. (P): Nada, [a mí me dio fue como asco 🤢].* Sinceramente, [¡guácala! Porque cuando yo los veo y ellos no les importaba nada 🙄😞]. Simplemente, estaban ahí entre ellos dos y ya.

4. ¡DIOS MÍO!: fórmula em espanhol, utilizada para exteriorizar surpresa ou espanto perante algo. **1.** Expressada com nojo e certa impressão ante a descoberta pelo boy do que era ou supunha a prática sexual do scat que consiste em engolir fezes. *Ex. (P): O sea, eso estaba llegando y me llamó: [¡haces scat?, yo no sé qué es scat, y yo dije que sí, dije que sí, pero simplemente por 🙄 por agradar 😊].* [En lo que comienzo a averiguar scat, ¡Dios mío! 🤢 😊]

5. DOBLE GUÁCALA: fórmula própria do idioleto do sujeito que aponta para uma coisa que é duplamente nojenta ou repugnante. **1.** Usada pelo colaborador como reação de nojo perante a possibilidade de se beijar com a mulher musculosa, manifestando uma dupla repulsão: primeiro, por ser mulher; e segundo, por parecer um macho. *Ex. (O): ¡Obvio!* Sería como el **DOBLE GUÁCALA** 🤢🤢. No me besaría con ella [*NI DE COÑA* 🙄].

6. É FODA!: fórmula do português brasileiro que se emprega para manifestar que algo é ruim. No entanto, foda pode aludir também ao que é muito bom. **1.** O participante exprime por meio desta o nojo no que diz respeito a prática sexual de engolir fezes. *Ex. (J): [Tem pessoas sujas, tem pessoas limpas 🤢]. [Tem de tudo o que você imaginar 🤢].* Cada um tem seus tesão, suas coisa. [Uns querem que eu mije na boca, outros querem bosta na boca. *É foda!*, mano 🤢🤢].

7. EITA!: fórmula unilexical / interjeção que expressa admiração, espanto, surpresa, felicidade, ou seja, uma emoção intensa e inesperada. **1.** Acionada pelo entrevistado para revelar

surpresa e até certo “nojo” ou rechaço ante a possibilidade de ter sexo com uma pessoa com seis dedos. *Ex. (J): [Eita! 🤢🤢] comigo, particularmente, acho que não rolaria, mas 🤢 não acho nojento.* **2.** A garota de programa a usa ante o espanto causado pelo disparo do policial no bandido. *Ex. (C): EITA! 🤢 ¿quem foi quem deu noutro?; (E): Um policial que estava à paisana.*

8. ESTAR COM FOGO: locução verbal em português, variante da expressão, *ter fogo no corpo*, que aponta para uma pessoa com um tesão ou desejo sexual muito intenso. **1.** Por meio desta, a inquirida disfarça de forma irónica um certo nojo causado, quando confrontada ao vídeo do beijo dos moradores de rua. *Ex. (C): [NOJO? 🤢] Não 🤢🙄. [Olha, o gesto dele é até atraente 🤢🤢] [Ele está com fogo 🤢].* Para mim, comigo não existe normalmente esse fogo aí 😊.

9. ¡GUÁCALA!: fórmula unilexical própria de algumas variantes do espanhol americano, como o mexicano ou venezuelano, usada para expressar nojo. **1.** O prostituto exterioriza o nojo ocasionado pela cena vivenciada de sexo de dois mendigos em público no Equador. *Ex. (P): Nada, [a mí me dio*

fue como asco 🤢]. Sinceramente, [*¡guácala! Porque cuando yo los veo y ellos no les importaba nada* 🤢🤔]. Simplemente, estaban ahí entre ellos dos y ya. **2.** Amostra do nojo que lhe ocasiona ao sujeito quando confrontado ao vídeo do beijo dos moradores de rua. *Ex. (O): [Yo sé, que se pongan a trabajar, marica* 🤢]. [*Porque quien es pobre es porque quiere. ¡Ayy, no!, ¡guácala!* 🤢 🤢]. **3.** Reflexo claro do nojo que o scort sente na profissão sexual, em ocasiões. *Ex. (P): [Sí, ¡guácala!* 🤢] pero, o sea 🤚 por ejemplo, [yo me cuido mucho 🤢]. Me cuido en todos los sentidos. Si le voy a dar un beso a un cliente, ya después me voy cepillando, listerine 🤚 Me baño, todo lo que sea posible, [*porque SÍ ME DA ASCO* 🤢], [*mas cuando no te gusta una persona ¿sabes?* 🤢🤔]. **4.** O participante exprime o grande nojo ante o fetiche sexual do scat pelo repulsivo que pode chegar a ser o fato de engolir fezes. *Ex. (P): [Que tú haces caca 🤚 pupu y la persona se lo come* 🤢]; **E): ¡No jodas!** 🤢; **(P): [Sí. Yo no podía aceptar eso** 🤢, *o sea, me da asco, ¡guácala!* 🤢].

10. ¡HORRIBLE!: redução monoverbal da fórmula espanhola *¡qué horrible!*, que indica uma pessoa ou coisa que causa medo ou repugnância ou para designar um evento / situação muito feio ou desagradável. **1.** Usada pela informante como rejeição/nojo à performance da dança com a bunda no chão do homossexual, por ser considerada grosseira ou ridícula. *Ex. (V): [¡Uyy, no! ¡Horrible!!* 🤢 *Es un mariconzino de mierda* 🤢].

11. ¡MADRE MÍA!: fórmula da língua espanhola que aponta para surpresa ou admiração, empregada de forma positiva ou negativa. **1.** Utilizada pela entrevistada como reação negativa com nuances de certa repugnância ante a imagem do idoso tatuado. *Ex. (V): ¡¡MISERICÓOOORDIA!!!* 🤢 *¡qué está tatuado el cuerpo!! [¡Madre múia!* 🤢🤢] [*Un viejito tatuado* ⬅️ 🔊]; **2.** A profissional do sexo se serve desta para exprimir a sua repulsão para com as mulheres musculosas. *Ex. (V): [¡Ufff!! ¡Qué horror!* 🤢 *¡Madre mía!* 🤢] *no me gusta las mujeres musculosas. [No, eso no me mola* 🤢].

12. MEU DEUS!: fórmula em português que se usa para exteriorizar espanto, surpresa ou medo. Variante da

expressão *meu Deus do céu!* **1.** A colaboradora aciona este fraseologismo do português em língua espanhola para desvelar o nojo da profissão sexual. *Ex. (V): [Meu Deus! Demais! ASCO!! Pero asco 🤢, tengo ganas de salir corriendo 🤢, ¿sabes?].* **2.** Por meio deste, a participante exprime o pavor ou terror ante a violência, em geral, como fator que a desestrutura emocionalmente, com base no vídeo da agressão da Dandara. *Ex. (V): [Meu Deus! Como assim! 😞😞 !ESO SON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror! 😞 😞].* **3.** A prostituta relata o suposto nojo ou incompreensão que vivenciou no seu primeiro programa, se valendo desta fórmula para isso. *Ex. (C): Ele sem me dizer nada, foi embora [después do sexo, eu fiquei no hotel até o dia seguinte e me deixou dinheiro 🙄 😞]. Meu Deus! 🙄 para mim aquilo foi um choque porque... 🙄 [para mim foi a noite que eu me entreguei, me senti muito humilhada 😞].* **4.** Confrontada à imagem do rapaz de doze dedos, a informante expressa por meio desta a sua incompreensão ou surpresa pelo inusitado de ter seis dedos em cada mão. *Ex. (V): [¿SEIS? 😞] É o tamanho ¿sabes?. [¿SEIS DEEDOS? 😞 🙄] 😞. ¿es eso? ¿seis dedos? 😞; (E): Sí; (V):*

[¿Oh! Meu Deus! 😞 😞]. **5.** Diante da fotografia da mulher musculosa, a participante exterioriza surpresa e certo nojo pelo incomum da representação do gênero feminino exposta. *Ex. (C): [Meu Deus! 😞] Isso aí é um desencontro, um desencontro porque.... 🙄 Eu vejo uma mulher que está [TOTALMENTE TURBINADA. Ela está um HULK 🙄] 😞 😞*

13. NI CON LA VERGA: fórmula de algumas variedades americanas da língua espanhola, variante da expressão *ni verga* que traz uma negação enfática ante um fato ou afirmação. **1.** O prostituto se serve deste fraseologismo da sua variedade linguística para rechaçar taxativamente a ideia de beijar uma mulher musculosa pelo nojo que produz no informante ter relações sexuais com o gênero feminino. *Ex. (E): ¿Tú te besarías con ella?; (O): [Ni con la verga, NO 🙄 🙄].* **2.** O outro scort venezuelano a utiliza a fim de mostrar que nunca teria imaginado a possibilidade de ser profissional do sexo pela rejeição que lhe ocasionava a ideia. *Ex. (E): ¿Y tú te imaginabas que te ibas a dedicar a eso?; (P): Pues no 😞. Con la verga 🙄.*

14. NI DE COÑA: fórmula da variedade europeia da língua espanhola que traz uma negação enfática ante um fato ou afirmação. **1.** Ciente de que esse fraseologismo não pertence a sua identidade linguística, o inquirido se vale dele como forma de aproximação cultural, por tê-lo ouvido anteriormente do entrevistador. Empregado com reação de nojo ante a possibilidade de se beijar com uma mulher musculosa. *Ex. (O): ¡Obvio!* Sería como el **DOBLE GUÁCALA** 🙄👉. No me besaría con ella [**NI DE COÑA** 🙄👉].

15. PARA NADA: fórmula em língua espanhola que aponta para uma negação enfática ante um fato ou afirmação. **1.** A colaboradora expressa por meio desta o nojo que lhe causa o exercício da prostituição, negando a sua condição e manifestando que é um trabalho temporário. *Ex. (V): ¡Claro!* 🙄. Sí hay que dar un tiempo, porque [*llega un momento que tú no quieres saber de esto para nada* 🙄] [*¡Ay, no! ¡qué asco!* 🙄]. **2.** O participante exterioriza com esta fórmula seu pesar e lástima ante o abandono de um bebê com deformidade por parte dos seus pais biológicos. *Ex. (E): ¿Tú crees que está bien eso de abandonar un bebé así? (P): No, no está bien* [*para nada* 🙄] [*para nada* 🙄👉]. **3.**

A garota de programa exprime a satisfação e orgulho das suas filhas, uma vez que elas respeitam e não se intrometem na vida profissional da mãe, o que para ela é um alívio. *Ex. (V): [NO, para nada* 🙄]. No le gusta para ella, no. Ella no se mete, no. Vive con su novio, tiene otra mentalidad, pero [*yo no quiero esta vida para mi hija, para ninguna de las dos, no quiero* 😞😞].

16. PODE SER O QUE FOR: fórmula em língua portuguesa que se usa para designar qualquer coisa menos algo ou alguém, isto é, serve para excluir o elemento posterior da estrutura, sendo inaceitável. **1.** Usada pela entrevistada para revelar a sua gordofobia, ou seja, aversão ou nojo contra gordo. A prostituta aceita qualquer coisa menos um gordo. *Ex. (C): Não, não, eu passaria para outra pessoa. [Sem condições!* 🙄]. *Vou te falar*, eu tenho uma aversão à gordura. [*Baixo, magrinho, pode ser o que for, mas se for GOORDO, não rola* 🙄].

17. ¡QUÉ ASCO!: fórmula em língua espanhola, usada para indicar enfaticamente que algo/alguém causa nojo. **1.** Empregada pela colaboradora para exteriorizar a repugnância contra os bêbados, quando confrontada ao

vídeo dos moradores de rua. *Ex. (V):* Ya vi varios así, BORRACHOS 🗨️. [¡Uffff! ¡qué asco! 🤢] Yo vi una mujer vieja, vieja, vieja con un hombre joven el otro día. Así, estaban en una fiesta, yo que sé. **2.** O garoto de programa expressa por meio dela o nojo que lhe causa a cena do beijo dos mendigos. *Ex. (O):* [¡Mira la cara! 😞] ¡Yo no sé que hacer!! ¡Qué asco! 🤢]. **3.** Utilizada pela inquirida para exprimir a repulsão que sente pela profissão sexual. *Ex. (V):* ¡Claro! 🗨️. Sí hay que dar un tiempo, porque [llega un momento que tú no quieres saber de esto **para nada** 🤢] [¡Ay, no! ¡qué asco!_🤢]. **4.** O prostituto se serve desta como manifestação de repulsa ante a hipótese de manter sexo com um homem musculoso. *Ex. (O):* Es el tipo de hombre que no me gusta exactamente, no me gustan los hombres musculosos 🗨️, [¡qué asco! 🤢🤢]. **5.** O scort se vale dela para manifestar o estigma que padecem os profissionais do sexo por serem socialmente considerados nojentos. *Ex. (O):* [No conozco mucho de fuera de este ambiente, porque normalmente las personas que no trabajan en esto, no entienden y no comprenden 🗨️ que esto es un trabajo 🤢] y entonces piensan: [¡qué asco!, ya

no te voy a hablar y, de hecho, mucha gente me ha dejado de hablar por eso 🤢🤢].

18. ¡QUÉ LOCURA!: fórmula em língua espanhola para designar uma ação ou dito insensato, imprudente ou irracional que realiza um sujeito de forma irreflexiva ou irresponsável. **1.** O informante se surpreende negativamente com a prática sexual de engolir fezes por disparatada ou desajuizada, além de repulsiva e abjeta. *Ex. (P):* [unos que les gusta chupar pies, unos que les gusta que le orinen en la boca, se tragan el meado 🤢]. [Me ha tocado personas así 🗨️]. Lo más loco que sí te digo que me ha tocado es el scat, sí porque siento que no, porque ellos les gusta que tú los veas, [mientras ellos se están comiendo la 🤢 MIER-DA 🗨️ ¡qué locura! 🤢].

19. QUEMAR EL RABO: locução do idioleto fraseológico do participante que significa prejudicar ou sacanear alguém intencionadamente. **1.** Utilizado pelo scort para afirmar com nojo e certa raiva que os latinos são menos confiáveis, mais sacanas do que os espanhóis, censurando ou desprezando a sua própria origem. *Ex. (O):* De hecho, [todos los latinoamericanos pensamos

que entre latinos *nos quemamos el rabo* 🍑 😬].

20. QUE NOJO!: fórmula em português, utilizada para expressar enfaticamente que algo/alguém causa nojo. **1.** Empregada pela colaboradora de forma a exteriorizar o nojo produzido pela fala estigmatizante do garçom, de acordo com a sua interpretação. *Ex. (C): Mas [essa senhora veio carregada em tom de preconceito, é como se fosse: VOCÊ, PUTA, QUE ESTÁ NO LUGAR DA SENHORA 🗣️😬]. [E eu simplesmente diz pro garçom: eu não quero, que nojo! Sabe? 🍑 😬]*

21. SALIR DE ESO: estrutura tabu que aciona o pronome neutro para se referir ao abandono / desistência de uma profissão inominável por abjeta e vil: a prostituição. **1.** Imersa no nojo da profissão sexual, a prostituta revela que pretende desistir dela no momento que tiver a mínima oportunidade. *Ex. (V): [TÚ coges un cliente ESTÚPIDO 🖐️ es un hombre que no se ducha, que tiene peste 🍑, pero te está pagando, tú te tienes que sujetar ¿sabes? a eso 😬]. No, ahí, es difícil y yo quiero es salir de eso y acabar 😬.*

22. SEM CONDIÇÕES!: fórmula do português brasileiro que se emprega para discordar, aquilo que não condiz, que não é possível. Outra variante da fórmula, *sem condição!* **1.** Acionada pela garota de programa para manifestar seu rechaço ou aversão aos gordos, devido à impossibilidade de poder ter um ato sexual com eles. *Ex. (C): Não, não, eu passaria para outra pessoa. [Sem condições! 🗣️] [...] Vou te falar, eu tenho uma aversão à gordura. [Baixo, magrinho, pode ser o que for, mas se for GOORDO, não rola 🍑].* **2.** O scort se serve desta para exteriorizar a sua gordofobia, materializada no discurso, isto é, a sua impossibilidade de ter sexo com esse tipo de corpos. *Ex. (J): [PORRA!, eu mando para sua casa. Sem condição! 🗣️].*

23. SER (MUY) FUERTE: locução em língua espanhola, mais comum na variante europeia, aplicada para algo causa uma impressão intensa ou chocante de surpresa, medo, raiva, vergonha alheia. **1.** O inquirido a usa para revelar uma grande dificuldade emocional intensa experienciada, na qual emergem o nojo, a tristeza, a raiva, a indiferença, a culpa, a resignação, sendo esta ocasionada pela manipulação do corpo pelos clientes na profissão

sexual. Ex. (O): [*trabajas con tu cuerpo. Es muy fuerte 😊*]. [*No estás trabajando con una machota, no estás trabajando con algo que se te pueda romper, no, es tu cuerpo y bueno, imagínate, que tu cuerpo está siendo manipulado por alguien o algo que no te gusta, que no te atrae, que no sientes nada 🙄, que no... 😬 QUE NO HAY NADA ◀ 😞*]. Solo hay un par de palabras y unos besos y ya.

24. TER CERTEZA: colocação verbal da língua portuguesa para exprimir convicção, conhecimento certo, afirmação taxativa ou sentir confiança firme. 1. O informante aciona este fraseologismo para afirmar de forma irrefutável com certo nojo que o rapaz da dança no chão é homossexual, sob a sua representação e conhecimento de mundo. Ex. (E): Acha que o rapaz do vídeo é viado?; (J): *Tenho certeza*. [*Tu acha que homem vai estar fazendo um negócio desse? 🙄🙄*].

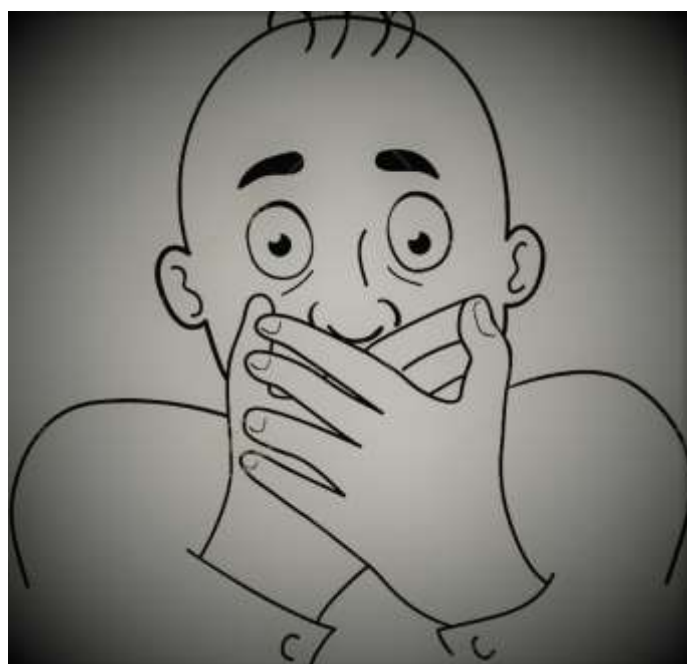
25. TER NOJO: colocação verbal em português que aponta para a experimentação da emoção nojo, aversão ou repulsa ante algo/alguém por

parte do sujeito. 1. A garota de programa se vale desta para evidenciar a abominável náusea ante a “obrigação” de ter que beijar os clientes, fato que costuma evitar. Ex. (C): [*Tenho nojo 🙄, às vezes muito nojo, sabe? 🙄*] Meu beijo é arsénico, [*é aquele beijo que encosta só os lábios e que desliza, ele evita e tudo mais, mas e dou uma chave de perna e eles enlouquecem 🙄🙄🙄*].

26. ¡UY, NO!: fórmula composta de interjeição e advérbio de negação que serve para expressar tristeza, dor, lamento ou uma sensação negativa. 1. Empregada pela participante para mostrar a repugnância ante a cena dos moradores de rua se beijando. Ex. (V): [*Sí, ¡!uyyy, nooo!! 🙄*]. No me gusta. 2. A informante a aplica como reação ao vídeo do gay dançando com a bunda no chão, pelo grotesco e repulsivo. Ex. (V): [*¡Uyy, no! ¡Horrible!! 🙄 Es un mariconzino de mierda 🙄*]. 3. O prostituto manifesta a sua compaixão e tristeza pelo espancamento da Dandara por meio desta fórmula. Ex. (O): [*¡Marica!! ¡como así! 🙄🙄 ¿Eso es una mujer? 🙄🙄*] [...] (O): [*¡juy, no!! ¡qué pesar! 🙄🙄*]

5.2.7 A FRASEOLOGIA DAS DIVERSAS EMOÇÕES¹⁸³

Imagem 18 – A expressão das emoções



Fonte: adaptada de: www.es.123rf.com

¹⁸³ Nesta última parte do glossário, apresentamos fraseologismos que apontem para a tristeza, a resignação, a impotência, a surpresa ou a inveja, dentre outras.

1. AGARRAR EXPERIENCIA:

colocação verbal em algumas variedades do espanhol americano que aponta para a obtenção de aprendizado ou conhecimento por meio da prática ou vivência. **1.** O boy utiliza este fraseologismo para relatar com certa incompreensão e inveja o fato de uma colega de profissão, prostituta gorda de sessenta e quatro anos, realizar serviços uns clientes jovens e bonitos que a procuram para pegar experiência. *Ex.* **(P):** Y unos tíos, TÍOS que le calculo yo veinticinco años, treinta años. Tíos así cachas, grandoootes. [*Los jóvenes quieren estar con una de su edad para agarrar experiencia* 😊].

2. ¡AY, NO!: fórmula composta de interjeição e advérbio de negação que serve para expressar dor, tristeza, lamento ou qualquer sensação negativa.

1. Usada como reação de compaixão e tristeza pelo abandono do bebê com deformidade pelos pais biológicos. *Ex.* **(E):** A esta bebé sus padres la abandonaron por su deformidad; **(O):** [*¡Ay, nooo!* 😞] 🖐 Entiendo. **2.** O colaborador se serve desta para exprimir pesar, raiva, vergonha e até culpa ante a imagem de violência doméstica por identificação com a vítima. *Ex.* **(O):** [*¡Ay, no!* 😞 🖐]. Esa sí que me da

mucha pena 😞; **(E):** ¿Por qué?; **(O):** Porque he estado ahí. [*He sido ella ¡qué horrible!* 😞 🖐].

3. BELEZA!: fórmula monolexical do português brasileiro, usada para expressar acordo ou para pedir a concordância do interlocutor, sinônimo da fórmula *tudo bem*. **1.** Utilizada como estratégia de persuasão pelo boy com o intuito de o entrevistador concordar com o seu posicionamento por meio do autoconvencimento deste respeitante à determinação do componente biológico no gênero/sexo. *Ex.* **(J):** [*Se operar, beleza! Biologicamente, não é mulher* 🙏]. [*Agora se é aquela travesti que bota a piroca dentro..., imprensa os ovos para não aparecer a piroca, tá ligado?* **2.** Empregada pelo informante para se autoconvencer que xs trans podem até passar por mulheres se não tiverem muito contato com o homem, reduzindo a questão ao aspecto biológico. *Ex.* **(J):** Aí é uma particularidade da pessoa. Cara, ela [*pode chegar em qualquer lugar de vestido, de salto alto, de bolsa, acha que é mulher, vai embora, não tem contato, beleza!* **3.** Acionada pelo profissional do sexo como reafirmação e aprovação do manifestado no tocante à luta entre homens não armados, em

igualdade de condições. Ex. (J): **Covardia!! Foda mesmo!** 😞. [Covardia por parte do cara que está com arma branca, sacou? ▶️😞] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, beleza! Se entendam👊].

4. CADA QUIEN CON LO SUYO:

clichê comum da língua espanhola do tipo *cada uno vive su propia vida* ou *cada uno hace de su vida lo que quiere*, sendo esta estrutura um reclamo à não intromissão dos outros na vida alheia. 1. O inquirido se vale deste fraseologismo com certa surpresa e inveja pela coragem ante a cena dos dois senhores se beijando, sabendo que a sua homofobia interiorizada não lhe permitiria desenvolver situações parecidas, ou seja, manifestações homossexuais públicas. Ex. (P): No lo critico. No lo critico. **Cada quien con lo suyo.** Me parece muy bien 😊 que a esa edad tengan valentía, porque me imagino que en los años de ellos, eso era mucho tabú ¿sabes? Y ahorita, ves, la sociedad está más revelada. [Me imagino que se sienten 😊 liberados 😊].

5. CADA UN TIENE SU VIDA:

pertencente a esse tipo de clichês comuns da língua portuguesa do tipo *cada um sabe o que faz, cada um faz o*

que pode ou *cada um com sua vida*, sendo esta estrutura um reclamo à liberdade e a não intromissão dos outros na vida alheia. 1. Usada como forma de evitar a questão da homossexualidade na sua profundidade, a prostituta passa por cima no assunto, servindo-se deste para modular o discurso dentro do politicamente correto, depois de ter manifestado abertamente o seu rechaço aos comportamentos homossexuais em público. Ex. (V): No tengo nada contra, no. Lo veo feo, que dos hombres se besen en locales públicos ¿sabes? Desde mi punto de vista, no sé 🤔 no cabe, pero **cada un tiene su vida.** Yo tengo 🤝 amistad con trans, con gays, ¿né?, maricones, tal. **Me da igual**, para mí son personas que tienen su cabeza así.

2. A participante demonstra com a variante *cada un tiene sus cosas* a sua resignação / aceitação ante a deformidade do bebê, destacando que todos nós possuímos falhas ou defeitos. Ex. (V): [**Cada uno tiene sus cosas** 🗣️]. Mis niñas eran muy bonitas.

6. CAIR A FICHA:

locução verbal em português brasileiro que tem o sentido de se dar conta de um fato anteriormente despercebido. 1. Inquirido para manifestar opinião acerca de como a sociedade enxerga a

profissão sexual, o entrevistado se vale deste fraseologismo a fim de reconhecer certos avanços para a visibilidade e regulamentação dos trabalhadores sexuais, com os quais não concorda. *Ex.* (J): Hoje TÁ **CAINDO** MAIS A **FICHA**, né? 🗣️ Mas a turma não aceita e agora até o governo tá querendo colocar a profissão do sexo, para se aposentar. **SEI LÁ!** 🤔.

7. CARALHO!: fórmula unilexical do português empregada para expressar surpresa ou espanto ante um fato ou afirmação. **1.** O scort a aplica com ênfase como surpresa desagradável ante a foto da mulher musculosa, por quebrar o paradigma de gênero. *Ex.* (J): [**Vixe!!** 😡] **PORRA!! nada a ver!!**, **CARAALHO!** 😡] um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [*é mulher* 😡 😊].

8. ;CÓNCHALE!: fórmula monolexical do espanhol de algumas variedades americanas para denotar surpresa, tristeza ou raiva. Variante mais fina da expressão *¡coño!* para o mesmo sentido. **1.** Acionada para demonstrar a estranheza causada no participante, ao reparar que o rapaz da foto possui seis dedos. *Ex.* (P): Un

chico... 🖐️ [*¡ay, cónchale!* 🤔]
[¿**CUÁNTOS DEDOS TIENE?** ¿**SEIS?** 😊] 😊 y *él nada y él está contento.*

9. ;COITADO/A!: fórmula monolexical em língua portuguesa para exprimir compaixão por alguém alvo de pena por ter sofrido algo terrível na sua vida. **1.** A garota de programa a emprega para exteriorizar a compaixão produzida pelo bebê deforme, identificando-o com os dissabores vivenciados pelas suas filhas, por conta do racismo sofrido na Espanha. *Ex.* Mis niñas eran muy bonitas. En Galicia hay racismo, las **miran mal**. Ella vino con 18 años aquí. La gente es muy racista aquí. Ella estudia, hace curso, y a veces es discriminada, imagínate esa bebé de mayor [*¡Coitada!* 😊].

10. DAR UMA BAIXA: fraseologismo do idioleto da colaboradora com o sentido de dar um desânimo e sob a base da locução *estar para baixo*. **1.** Manifestados por meio desta criação idiomática o desalento, desesperança ou tristeza da participante, a causa da pouca movimentação na cidade de Salvador com relação a São Paulo, afetando isso ao lucro na profissão. *Ex.* (C): Bom, o que tem de bom na cidade é essa possibilidade de ter clientes que

não deixam de te acessar quando você está numa plataforma de um anúncio. Agora, o que há de ruim? [De ruim, quando você sai, por exemplo, de um centrão como São Paulo, Rio, BH e você pensa que vai ser cá o mesmo ritmo e não é 😞]. [E não é, isso dá uma baixa 😞].

11. DE BOA: locução adverbial que pode significar tranquilo, sem problemas, sem pressas ou manifestar indiferença ou, pelo contrário, feliz da vida. **1.** Com o sentido aparente de sem problemas, o garoto de programa revela com certa resignação que não se preocupa muito com a realização pessoal na profissão sexual, aceitando e levando o trabalho como pode. *Ex. (J): [Poxa!, eu me sinto bem, porque a gente não fica muito pensando. Eu aceito de boa, ta entendeno? 😊].* É complicada a situação. [Tem pessoas sujas, tem pessoas limpas 🍷]. [Tem de tudo o que você imaginar 📞]. **2.** Ciente de que os boys são uma raça desgraçada e que acontecem muitas sacanagens nesse universo, o prostituto se serve desta para expor que ele constitui uma exceção, isto é, se apresenta como uma pessoa de boa índole, mostrando-se indiferente com a possibilidade de criar

vínculos de amizade com outros da sua categoria. *Ex.*

(J): OXE! 🗨️ Tem boy muito safado 🖐️ PILANTRA 🗨️. [Vai iludindo o cara e se fode. Eu sou de boa. Sou tranquilo. Se fizer amizade, faço, se não fizer, também tou de boa 🤔].

12. DE JEITO NENHUM: fórmula categórica do português brasileiro que exprime contrariedade ou discordância com um fato ou alguma coisa. **1.** A colaboradora a usa taxativamente como rejeição ante a possibilidade de um homem heterossexual ter sexo com uma mulher musculosa. *Ex. (C): NÃO,* se fosse hétero, acho que não. [De jeito nenhum 🗨️]. **2.** Acionada com raiva e certa vergonha pelo informante perante a hipótese de ele pagar imposto / legalizar a atividade profissional. *Ex. (E): Tu faria isso de pagar INSS?; (J): [DE JEITO NENHUM, EU? 🗨️ 😞]* minha família não sabe, vou fazer um negócio desse 😞.

13. É DESSE JEITO!: fórmula da língua portuguesa usada para expressar categoricamente uma posição ou opinião, não dando a mínima oportunidade para ser de outra forma. **1.** A entrevistada a emprega de forma contundente para revelar o fim de

muitos casamentos, pois na opinião dela quando os casais não mantêm mais relações sexuais levam o relacionamento ao óbito. *Ex. (C): [Muitas pessoas casadas elas trocam um bom dia, depois falam um boa noite, elas estão no celular, elas estão nas redes sociais, elas não trocam e se trocam, elas não sentem mais tesão uma pela outra. Não adianta dar um play no que foi um off, já🔊]. [Muito dos casamentos, já morreram, só que eles resistem, mas sabem que isso morreu🔊]. É desse jeito!🔊. 2.* A inquirida a utiliza taxativamente para transparecer a raiva causada pelas justificativas / hipocrisias de alguns clientes casados que dissimulam ter um casamento feliz quando, na verdade, estão amargurados e a desgosto. *Ex. (C):* E então por que tanto homem casado vem para cá? Não estão casados? 😞 Essa é a pergunta que eu faria. E é a pergunta que eu faço para isso, [você é casado, se você tem uma relação estável, você tem alguém, por que você procura? 😞] Bom, [a resposta que eu ouço é que eles vivem um **TEATRO, é desse jeito!**]

14. É ENGRAÇADO!: fórmula que expressa que algo ou alguém é divertido, jocosos, que estimula o riso ou tem graça. **1.** A garota de programa

aciona esta expressão para mostrar um suposto paradoxo ou ironia, ao afirmar que clientes com deformidades em vez de produzirem nela nojo, causam, pelo contrário, meiguice, compaixão e afeto, o que a leva a se dedicar mais nesses serviços do que com outros tipos de clientes. *Ex. (C):* Já, já chegaram vários. Uns surdos 🙋 algum cego já atendi. Tive que conduzir, ele chegou no meu lugar por pessoa acompanhando desde o início até o termo que teria que levá-lo. Para mim, isso não é problema. **É engraçado!** No momento que esses clientes chegam até mim, existe uma parte 🙋 caridosa, sabe? [É quando, de repente, sinto me doando mais, até mais do que o **ato sexual**🔊🙋].

15. ERA TUDO ISSO QUE EU QUERIA NA MINHA VIDA: clichê em língua portuguesa que revela a insatisfação com a trajetória vital com esperança de mudar e desejar uma coisa melhor na existência do sujeito. **1.** A informante exterioriza com pesar a sua representação de felicidade construída socialmente na base da família tradicional, vida oposta à da profissão sexual que nem realiza, nem proporciona amor. *Ex. (C):* Amor e realização, é isso é o que significa para mim. Eu vendo essa imagem de um

homem com bebê que me parece o filho, faz que eu sinta que [*era tudo isso que eu queria na minha vida* 😊].

16. ES MI VIDA: fórmula em língua espanhola usada para marcar a independência e responsabilidade das escolhas de vida por parte do indivíduo, que, ao serem entendidas como decisões particulares, só competem a ele próprio.

1. O scort aplica essa máxima com o fim de disfarçar a vergonha / medo que lhe poderia ocasionar a hipótese de desvelar a profissão sexual para a família e amigos. *Ex. (O):* [*Sí, de hecho, he pensado* 😊]. Pero es que... 😊 mis amigos de hace mucho tiempo no me van a estar preguntando que estás haciendo o qué eres tú, [*simplemente hablamos de cosas generales y ya*▶]. Cuando se presente la oportunidad, a lo mejor lo haga, pero [*me da igual. Es mi vida, yo soy el que está trabajando y yo soy el que está haciendo dinero* 🗨].

17. ES OTRA COSA: criação idiomática em língua espanhola, baseada na fórmula do português *é outra coisa*, que serve para marcar a diferença de dois aspectos comparados.

1. Podendo parecer a mesma coisa, segundo a inquirida um relacionamento entre dois homens não é o mesmo que

um entre homem e mulher, é outra coisa. Na sua matriz ideológica o relacionamento heterossexual pode se manifestar abertamente, enquanto o homossexual deve ser silenciado e oculto. *Ex. (E):* ¿Y si fuera un hombre y una mujer?; **(V):** Ah! claro, hombre. [*Es otra cosa* 🗨]; **(E):** Entonces eso de dos hombres es más extraño; **(V):** [*Hombre, ¡exacto!* 🗨]. **2.** Na sua versão em língua portuguesa, a participante justifica o exercício da profissão sexual, no fato de não ter o apoio financeiro do marido para ter criado suas filhas. *Ex. (V):* De camarera, no podía dar una buena vida. 😊 SOLA. Si tuviera un compañero ¿né? Que tuviera su apoyo financieramente, [*é outra coisa* 😊].

18. ESTAR DISPUESTO/A A TODO: locução em língua espanhola que informa a disponibilidade absoluta do sujeito, isto é, é pau para toda obra.

1. Válida para denotar que o indivíduo é capaz de realizar qualquer coisa para atingir seus objetivos, até mesmo acabar com a própria vida do outro. Por isso, o colaborador considera que em situações de risco se não há a oportunidade de fugir, não há outra escolha que atacar e se defender. *Ex. (O):* Es que, fue muy raro. Sabes que te apuntan, pero cuando tú estás en esa posición [*tú tienes que*

tomar dos caminos: o pelear o dejarte que te apuñalen, porque ese tipo de personas no va a ver si te apuñala, ese tipo de personas está dispuesta a todo y tú tienes que estarlo 🗨️].

19. ¡GUAU!: fórmula espanhola unilexical, considerada interjeção, que indica admiração ante uma coisa ou situação muito boa, grande ou espectacular. **1.** Empregada com certa incompreensão e inveja, o prostituto se admira por ter presenciado recorrentemente uma colega de trabalho gorda e velha realizar inúmeros serviços e ter um fluxo inacreditável de clientes. *Ex. (P):* Sí. Sí hay. Conocí una señora de SESENTA Y CUATRO años, una gorda así, una abuelita 🖐️ que era prostituta. Y trabajaba, eso era, o sea.. sacaba uno y entraba el otro, sacaba uno y entraba el otro. Y todos en la casa nos quedamos así como que: *¡guauuu!* 😊. **2.** Usado de forma irônica pelo entrevistado com o intuito de disfarçar o nojo causado pelo vídeo do beijo dos moradores de rua. *Ex. (P):* [!!Buahh!! *¡Guauu!* 😊 😊]. **APASIONADO** 🗨️. [Eso es un beso apasionado 😊😊]. [No mola, no mola nada 🍷].

20. ¡HOSTIA!: fórmula unilexical, predominante do espanhol europeu, que

expressa admiração ante uma coisa, medo, alegria, surpresa agradável ou desagradável. **1.** A garota de programa materializa certa admiração por meio desta com a infinidade de serviços realizados ao longo da sua vida profissional com clientes muito diferentes. Usa esse fraseologismo como reação à pergunta de qual era a idade do mais idoso que atendeu. *Ex. (E):* [¡Y vienen muchos jóvenes, entonces! 😊]; **(V):** SÍ 🗨️, veinticinco, treinta, guapísimos 😊; **(E):** ¿Y el más VIEJO 🖐️ con el que has estado? No sé; **(V):** 😊😊 *¡HOSTIA!* 🖐️ sesenta años, creo 😊]

21. JOGAR QUADRADO: locução verbal própria do idioleto da informante que aponta para uma forma de dançar já estabelecida. **1.** Expressada com certa inveja e reprovação ante o vídeo da dança da bunda no chão, considerada sem graça, pouco original pela participante. *Ex. (C):* Olha, quando vejo uma imagem dessas, descendo o bumbum, [esse cara mexendo, *jogando quadrado e aquela coisa, para mim, sabe como é que é, é uma imagem bem formatada* 🗨️😊]. Eu não me sinto com esse bumbum, com essa jogada.

22. LA VIDA NO VALE NADA:

clichê estendido em lugares onde não um respeito pelos direitos humanos ou vivem situações de violência contantes e generalizadas. **1.** Este fraseologismo é a triste conclusão na qual o scort chega, depois de ter relatado um episódio de violência com arma branca que o obrigou a reagir em prol de poder salvar a sua própria vida. *Ex. (O):* Sí, porque sino yo hubiese terminado muerto y robado; *(E):* ¿Tú crees?; *(O):* [Sí, en Venezuela, no tienen miedo de las leyes. *La vida no vale nada* ☹️].

23. LOS BEBÉS SON PARA LA MUJERES:

clichê que reforça os papéis de gênero, considerando que os bebês são responsabilidade das mães, pois são elas as que engravidam e trazem as criaturas ao mundo. **1.** Indignada ou resignada, a entrevistada afirma que os bebês são das mães, eximindo de qualquer responsabilidade aos homens. Pelas experiências de vida narradas, a informante revela que não teve outra escolha que criar suas filhas a maior parte só, em auxílio de ninguém. *Ex.* Bueno, aquí vemos su padre con su bebíto. No sé, [**LOS BEBÉS SON PARA LA MUJERES** ☹️]. Las madres son las teimosas con sus hijos.

24. METERSE EN LÍOS:

locução verbal da língua espanhola que significa procurar ou arranjar problemas ou dificuldades. Pode ser usada de forma preventiva, crítica ou punitiva, dependendo do contexto. **1.** O boy evade comentar muito acerca dos preconceitos e estigmas dxs transexuais, pois sabe que é uma questão muito complexa e oculta, pelo que prefere nem opinar, nem saber para não arranjar futuros e possíveis problemas. *Ex. (E):* ¿Y sufrirán más discriminación por ser transexual? Ellas que te comentan. ¿Has hablado con alguna?; *(P):* Yo *no me meto en líos*, porque hay mujeres, o sea, hay trans que no les gusta hablar de eso y porque ya son muy, muy discriminadas, ¿sabes? Mientras ellas se sientan bien, lo demás no importa. Debe *dar igual*. ¡FELICIDAD! 😊

25. MISERICÓRDIA!:

fórmula monoverbal em língua portuguesa, redução da pluriverbal *Deus tenha misericórdia!*, usada para exteriorizar admiração ou surpresa intensa ante uma coisa, por medo, tristeza ou incompreensão. Usada também com tom irônico. **1.** A prostituta se vale desta em língua espanhola como reação pela incompreensão gerada nela por conta da imagem do idoso tatuado. *Ex. (V):*

MISERICÓOORDIA!!! 😊 ¡qué está tatuado el cuerpo!! [¡Madre múia! 😊👤] [Un viejito tatuado ◀▶].

26. NÃO SER DO MUNDO (DE ALGUÉM): clichê em língua portuguesa que revela as sutis fronteiras entre grupos sociais diversos, cabendo a cada um deles umas características próprias e esperadas. **1.** Imersa numa matriz ideológica de certa forma estereotipada, a profissional do sexo considera que é incompatível ter um relacionamento estável ou família com o exercício da prostituição, pois esse aconchego familiar não pertence nem a ela, nem ao seu universo profissional. *Ex. (C): [DE TER UMA RELAÇÃO FIXA, DE TER CASADO, DE TER UM FILHO ◀].* Mas também quando vejo essa expressão de amor, para mim, **NOSSA!** [eu acho que não é do meu mundo. ISSO NÃO FOI PARA MIM 🙄 😊].

27. NO QUEDAR OTRA OPCIÓN: fórmula da língua espanhola, variante da estrutura *no hay otra opción* que aponta para não ter a possibilidade de conseguir algo. **1.** O scort se serve desta para exprimir a sua resignação ante a hipótese de ter que atender uma mulher musculosa, se não há outra escolha. *Ex. (E): ¿Y sí una clienta llega así?; (P):*

😊; (E): ¿La atiendes?; (P): (¡Ah! - suspira) *no me queda otra opción.* [La atiendo 😊 ▶].

28. ¡OBVIO!: apresentação da fórmula monoverbal espanhola abreviada da estrutura *¡es obvio!* que expressa asentimento ou confirmação de forma taxativa. **1.** Além disso, pode manifestar a vergonha disfarçada de orgulho contundente e aparente, quando esta é acionada pelo prostituto para afirmar que casará com mulher sem sombra de dúvidas, condicionado pelo discurso hegemônico da heteronormatividade. *Ex. (E): ¿Y crees que vas a ser padre?; (P): [Está en mis planes 😊]; (E): Pero, ¿con una mujer te casarías?; (P): ¡Obvio! ▶😊.* **2.** Imerso no nojo que lhe causa o sexo feminino, o scort a utiliza para se posicionar como homossexual e mostrar orgulho da sua condição sexual. *Ex. (O): Es el tipo de hombre que no me gusta exactamente, no me gustan los hombres musculosos ▶, [¡qué asco! 🙄👤]; (E): ¿Y una mujer menos?; (O): ¡Obvio! Sería como el DOBLE GUÁCALA 🙄👤. No me besaría con ella [NI DE COÑA 🙄👤].*

29. O HOMEM TEM MAIS FORÇA: clichê em língua portuguesa que provém, por uma parte, do componente

biológico, na maioria dos casos, do homem e; por outra, da construção social dos papéis de gênero. **1.** Imerso na sua matriz ideológica de divisão clara de gêneros, o garoto de programa destaca como fato absurdo e reprovável a violência contra a mulher, uma vez que esta luta se origina em desigualdade de condições de força. *Ex. (J):* Na maioria dessas agressões de homem para com a mulher. [*O homem tem mais força*, pô 🗨]. Aí não acho necessário esse tipo de violência. É DESNECESSÁRIO 😞

30. OXE!: fórmula monolexical nordestina, considerada interjeição, proveniente do fraseologismo plurilexical *ó gente*, utilizada para expressar surpresa, incompreensão, exagero, aborrecimento, raiva, dentre outras. **1.** Imerso na sua concepção de gênero, o entrevistado aciona tal expressão a fim de exteriorizar estranheza ou surpresa não muito agradável ante o corpo transgressor da mulher musculosa. *Ex. (J): RAPAZ!*, jeito de homem, todo musculoso, [*oxee!!! É estranho!!* 😊]. Para uma mulher dessa, [*eu não comeria nunca um periquito na minha vida* 🗨]. Tá parecendo um U-RU-GU-TAN-GO 😊 😊. **2.** O informante a emprega para

mostrar a sua suposta raiva, incompreensão e aborrecimento contra os colegas de profissão que tentam se aproveitar dos clientes para ele se mostrar como um prostituto honesto, direito ou correto. *Ex. (J): OXE!* 🗨 Tem boy muito safado 🖐 PILANTRA 🗨. [*Vai iludindo o cara e se fode. Eu sou de boa. Sou tranquilão. Se fizer amizade, faço, se não fizer, também tou de boa* 🤔].

31. PEDIR / CONSEGUIR

PAPELES: colocação verbal em língua espanhol que se refere ao requerimento para a obtenção da documentação necessária para poder viver num país de forma regular e legal. **1.** O colaborador emprega este fraseologismo para assinalar uma via de esperança para muitxs transexuais que preferem viver na Espanha do que na Venezuela porque consideram que há mais liberdade e menos preconceito do que no país de origem. *Ex. (P):* De hecho, yo cuando fui a, a.... 🖐 *pedir papeles* acá, habían muchas personas planteado ese problema, que se venían de otros países acá, porque aquí la, la 🖐 eso de la sexualidad era como más abierto, no se ve como un tabú. [*Había personas pidiendo papeles simplemente por eso, como por... porque en su país no*

podían estar, o porque eran discriminados, infinidades de cosas 🙄]. **2.** O participante revela a dificuldade que está encontrando para regularizar a sua situação na Espanha e poder supostamente abandonar a prostituição quando consiga ser um migrante regular no país. *Ex. (P):* Qué dificultades... 🤔 🖐️ *Ahorita [lo que más me cuesta ¿sabes? que 🖐️ es el trámite de conseguir los papeles 😞], la cosa. Sí, es como un poco tedioso eso. Pero ya estoy en proceso. De resto, sí, no he tenido queja. Todo superbién.*

32. PODE SER: fórmula do português brasileiro que significa tudo ok, sem problemas, isto é, o sujeito aceita a proposta dada sem se comprometer muito. **1.** A colaboradora se serve desta para aprovar o sentimento feminino dx travesti mostradx no vídeo, concordando com a afirmação dx mesmx. *Ex. (E):* Ela diz que é mulher; **(C):** [*Pode ser*, se ela se sente mulher, ela é mulher 😊].

33. POR DESGRACIA: locução adverbial que se emprega para afirmar que o dito representa para o sujeito uma contrariedade, um sofrimento ou uma grande dor. **1.** O inquirido por meio desta mostra a aflição derivada das

dificuldades econômicas e restrições constantes de bens nas suas vivências na Venezuela. *Ex. (O):* 😊 *La mitad de lo que quería no creo, en esos lugares compras lo que hay, ¿me entiendes? Si tú vas a por leche, puede que no haya. [Entonces, la mayoría de las cosas no hay. Entonces, la mitad de lo que quiere, no creo 😞]; (E):* ¿Tú eso lo has vivido?; **(O):** Sí. *Por desgracia* 🙄.

34. POXA!: fórmula unilexical do português brasileiro, usada para decepção, tristeza, lamentação, raiva, considerada interjeição. **1.** O boy a usa como reação à questão de se sente realizado na profissão, exprimindo certa lamentação e frustração. *Ex. (J):* [*Poxa!*, eu me sinto bem, porque a gente não fica muito pensando. Eu aceito *de boa*, ta entendeno? 😊]. **2.** A garota de programa a aciona para exteriorizar essas dificuldades cotidianas de alguma forma decepcionantes e/ou frustrantes na profissão sexual. *Ex. (C):* [*Você ter um corpo bom, ser acessível, ter essa cara de se jogar na avenida. Poxa!* 😊].

35. ¿POR FAVOR!: fórmula em espanhol que é usada para expressar contrariedade ou rejeição ante um fato ou afirmação. **1.** Utilizada ironicamente

como forma de rechaço/objeção quando questionado se achava as tatuagens do senhor bonitas. *Ex. (O): [¡POR FAVOR!! 😊 Fue bonito cuando tenía 20]; (E): No lo sabemos si en realidad se los ha hecho después, claro.*

36. POR NADA: criação idiomática com base na expressão brasileira *que nada!* ou redução da fórmula espanhola *por nada del mundo*, cujo sentido aponta para a negação absoluta ou rejeição taxativa. **1.** A prostituta por meio desta materializa que não aceita de forma alguma agressão de nenhum homem contra ela. *Ex. (V): [¿a mí, GOLPERME A MÍ?: NO 🗨️ 🗨️] [que a mí no me gusta ▶▶] [NO 🗨️ 🗨️], (chuchuchuchu - nega com a cabeça).* **POR NADA. 2.** A través desta estrutura, a informante nega rotundamente a possibilidade de aceitar que um cliente defeque na sua boca. *Ex. (E): ¿No lo harías?; (V): POR NADA; (E): ¿Y si te dan mil euros?; (V): Si me dan mil euros, [yo digo: NO 🗨️ 🗨️].*

37. ¡QUÉ COSAS!: fórmula da língua espanhola que se usa quando algo é digno de admiração ou curiosidade, às vezes, com certa reprovação ou estranheza. **1.** Empregada para expor a surpresa, resignação ou admiração do

participante por causa da não aceitação da profissão exercida na família, o que para eles ocasionaria estranheza / vergonha saber a sua dedicação ao trabalho sexual. *Ex. (E): Entonces para ellos sería lo peor; (P): [Sí, ¡qué cosas! ¿no? 😊 🗨️]; (E): Y entonces, ellos piensan que... ¿a qué te dedicas?; (P): Cualquier trabajo, cualquier otra cosa, [en una tienda, en un restaurante. Eso es lo que tú les dices, ahora estoy en una tienda, en un restaurante, entonces, te vas inventando trabajos 🤔 (mexe a cabeça) 😊].*

38. ¡QUÉ DIVERTIDO!: fórmula da língua espanhola para expressar que alguma coisa é engraçada, que convida o outro para passar um tempo agradável, alegre e animado. **1.** Acionada ironicamente pelo profissional do sexo com tom de zombaria ou escárnio ante a imagem do rapaz de seis dedos. *Ex. (O): [¡Qué divertido! 😊] Sería divertido hacerle una paja 😊. Te imaginas con seis dedos, no sé 🤔 [sería divertido que me hiciera una paja 🗨️], no sé. Con seis manos, con seis dedos. [Sería divertido 😊].*

39. ¡QUÉ FOFO/A!: criação em língua espanhola com base na fórmula do português para expressar que alguém ou alguma coisa é meiga, linda e/ou amorosa. **1.** A informante brasileira aciona esta fórmula do seu repertório linguístico para expressar a ternura ou doçura causada pela imagem do bebê com deformidade. *Ex. (V): ¡Qué fofo!*
 « Es un bebé. Recuerda a mis hijas cuando pequeñas. Para mí es muy tierno 🤚 ternura. Acaba de nacer y está ahí, tiene muchas cosas por delante.

40. ¡QUÉ LOCO!: fórmula da língua espanhola utilizada para exprimir uma situação pouco sensata, disparatada, imprudente, irresponsável ou temerária que não mede ou leva em conta as consequências. **1.** Usada como reação horripilante do entrevistado ante o disparate e a insensatez do espancamento da travesti Dandara. *Ex. (P): [!!!Ufff!!! ¡qué horror! 😱 ¡qué loco! 😞 😓].*

41. SE JOGAR NA AVENIDA: locução metafórica que se refere ao universo do Carnaval, concretamente, à avenida do sambódromo para denotar que a pessoa deve lutar e encarar as dificuldades da vida com ânimo. **1.** Ao contrário da representação tradicional

de mulher discreta e doce, a prostituta lhe confere esse sentido de se mostrar, de se exhibir, de ser agressiva, brigar. Ela acredita ter esse aspecto de pessoa desenrolada e que luta. *Ex. (C):* Muitos preconceitos. Não adianta dizer que isso não existe. [*Existe, sim. Às vezes, é um gestual. Os olhares, então, ela faz algum programa, ela é prostituta 😞*]. As pessoas tentam se civilizar na medida do possível, mas a repulsa você sente. Demais, demais, principalmente aqui no Brasil. [*Você ter um corpo bom, ser acessível, ter essa cara de se jogar na avenida. Poxa! 😞*]

42. SENTIR SAUDADE: colocação verbal em português que materializa a lembrança nostálgica pela ausência de alguém ou alguma coisa extinta ou distante, expressada pela dor profunda daquilo que se ama e que se pretende ver ou sentir de novo. **1.** A colaboradora a emprega para desvelar o sentimento de amor por uma amiga dela, pela qual está começando a sentir uma atração homossexual. *Ex. (C): [você começa a observar melhor o sorriso. Observar o corpo, sentir até saudade e pra mim é meio confuso até pela minha profissão. Eu vivo num açougue e então, ela para mim é dolly, uma ovelhinha linda, que*

cada dia está tomando mais meu pensamento 😊].

43. SER UMA VIAGEM: locução no português brasileiro para exprimir que uma situação sai fora da realidade e/ou normalidade. Usado para pessoas que estão sob efeitos das drogas, alucinando. **1.** A profissional aciona esta estrutura como reação irônica à performance da dança da bunda no chão, a qual não lhe desperta interesse nenhum, pois é um homossexual que a executa, não sentindo atração nem pelo rapaz nem pelo evento. *Ex. (C): [Ele tem um corpo bonito, ele joga, mas se ele jogasse mais de frente do que de trás, para mim é o que interessa, entendeu? 😊] É uma viagem dele.*

44. SER UNA PASADA: locução em língua espanhola que revela que algo ou alguém é maravilhoso, grande ou muito bom. **1.** Aplicada pela entrevistada para exprimir que a sua cidade de origem possui muitos habitantes, o que a maravilha em comparação com as cidades menores da Espanha. *Ex. (V): [No, solo una vez. Bate na madeira. En toda mi vida solo una vez 😊😊]. En mi ciudad, Goiania, hay muchos ladrones, muchos, muchos, muchos. Un millón y doscientos mil habitantes, una pasada.*

45. SER UNA PERSONA NORMAL: clichê em língua espanhola para significar que um sujeito está dentro dos padrões da normalidade, do esperado socialmente, que não destoa, nem transgrede. **1.** A informante se serve desta para se mostrar como uma pessoa discreta e pacata que procura não chamar a atenção, daí que mascare a sua profissão e não se mostre de acordo a representação tradicional de prostituta. *Ex. (V): Sí, no tanto por mi profesión, solo por ser extranjera. Por el aspecto... Pero, [no me gusta llamar la atención, no hablo alto, voy por la calle y soy una persona normal👉], todo normale.*

46. SOFRER PRECONCEITO: colocação verbal em língua portuguesa que revela o estigma que recebe um sujeito por conceitos formados antecipadamente sem fundamento sério, ponderação ou conhecimento prévio. **1.** A participante manifesta por meio deste fraseologismo do seu repertório em português certa tristeza ante a discriminação que sofrem xs transexuais apenas pela sua condição de transgênero. *Ex. (V): [j!!Ahh, síii! 😊]. ¡Ufff!!, tengo amigas transexuales y sufren mucho preconceito, sim. Ajá 🙄😊]. Porque si es gay, sofre, pero sofre menos, sofre menos, parece un*

hombre, pero los trans no parecen. Es una mujer en su cabeza, pero es un hombre. **2.** Utilizada na forma da colocação *ter preconceito*, a garota de programa lamenta a situação de estigma que enfrentam xs trans. *Ex. (V): [Sí, porque seu psicológico es así. Es mujer 🗨️🧐].* Hay unos que son bonitos que tienen muchos clientes y hay hombres que les gusta, pero [*sufren mucho, son depresivos 🖐️ son muy depresivos, con preconceito porque la gente tiene preconceito 🧐🧐*]

47. TADINHO/A!: fórmula monoverbal em língua portuguesa, variante reduzida e em diminutivo da expressão *coitado/a!*, usada para exprimir compaixão por alguém alvo de pena por ter sofrido algo terrível na sua vida. **1.** Na sua concepção de mãe, a prostituta lamenta e expressa pena e dó pela deformidade do bebê na imagem exposta. *Ex. (C): TADINHO!!* Isso, para mim, é uma coisa que sai de tudo, do profissional, do ideológico.

48. TENER COMPETENCIA: colocação verbal em espanhol que aponta para a disputa entre sujeitos que aspiram a um mesmo fim ou objetivo. **1.** Por meio desta, o scort exterioriza certa impotência, raiva e se lamenta pela

concorrência dentro da profissão sexual, especialmente, nas grandes cidades. *Ex. (O):* pero si te vas a una gran ciudad, pues no vas a *hacer* mucho *dinero*, bueno, sí puedas *hacer dinero*, pero vas a *tener competencia*. ¿me entiendes? Por ejemplo, en Madrid, *tiene* mucha *competencia*, porque hay mucha gente 🧐, entonces, eso es uno de los trucos, por eso, me vine a Granada, [*en Madrid hay demasiado scort 🧐*].

49. TER (ALGUÉM) PARA O RESTO DA VIDA: clichê em português, proveniente do amor romântico e a visão tradicional de casamento, concebido para sempre, até a morte. **1.** Nesse embate ideológico, a trabalhadora sexual está imersa numa concepção romântica tradicional, incompatível com o desempenho da profissão, se orgulhando e se lamentando do tipo de vínculo emocional que construiu com um cliente, pai da sua única filha. *Ex. (C):* Não, continua tendo, e [*eu quero ter ele para o resto da vida. Tenho um que não consigo me desvincular 🧐*]. Acho que ele é o protótipo que eu queria, sabe? Ele vem, ele vai, ele chega, às vezes ele me respeita, [*mas em quanto eu estou com ele, eu me sinto TOTALMENTE feliz 🧐🗨️*].

50. TER PIQUE: colocação verbal em língua portuguesa que significa possuir força de vontade, animação; sujeito que aguenta. **1.** Empregado pelo boy para relatar que há idosos que aguentam na cama, que conseguem ter um aspecto jovem e animado. *Ex. (J):* Cara, tem muito idoso que tem um corpo massa, sarado e que se cuida, mas tem que **ter pique**, né?

51. TIRAR ONDA: locução do português brasileiro com o sentido de fazer uma brincadeira, gozar, zombar ou gracejar de alguém. **1.** O inquirido revela, através desta, a chacota ou zombaria que padeceu dos baianos por conta do seu sotaque e as expressões pernambucanas próprias da sua variedade linguística. *Ex. (J):* Mano, a primeira vez que eu vim aqui o pessoal só tava **tirando onda**. [A gente fala muito **visse, visse** 😊]. Falam muito, entendeu? Já aí é **visse**. Tem mais expressões, mas eu não sou muito de falar 😊. Aqui tem **disgraça**, nome bravo para a gente. Falam muito, entendeu? Já aí é **visse**.

52. TROCAR UMA IDEIA: locução do português do Brasil que significa conversar, bater um papo com alguém. **1.** O profissional do sexo revela por

meio deste fraseologismo o fato de ter clientes casados que precisam de conversar, pois se sentem só ou sem confiança nos seus casamentos e famílias. *Ex. (J):* [*Mano, nem vai acreditar* 🤔 🗣️]. [*HOMENS CASADOS* 🗣️, *homens héteros, casados* 🗣️, *que tem aquela relação estável e que chegam alguns com muito papo, querendo trocar uma ideia, tá ligado?* 🗣️] [*A solidão é foda, véi* 🗣️🤔].

53. TUDO NA VIDA PASSA: clichê do português que convida ao sujeito a ter paciência com as decepções, dores, amores frustrados, pois o tempo termina resolvendo ou amenizando a tristeza. **1.** A colaboradora usa esta estrutura se lamentando, com sentido de pesar, de pena inevitável, pois é ciente de que o passar do tempo acabará com a sua beleza e juventude. *Ex. (C):* *E pensa: tô bem na foto. Eu acho ótimo* 😊]. Isso dá uma sensação assim, de você tar se cuidando. **TÁ LEGAL!** [*E que você é desejada, mas ao mesmo tempo, como tudo na vida e tudo no tempo, passa. Eu não tou mais com vinte* 🗣️].

54. ;TÚ TAMBIÉN!: fórmula do espanhol europeu que se usa para reprovar ou contrariar uma afirmação ou fato por disparatado, incomum ou

incompreensível. **1.** Usado com certa rejeição / surpresa insensata pela inquirida ante a hipótese proposta pelo entrevistador de ter um serviço com um idoso tatuado como o da imagem exposta. *Ex. (E):* ¿Y si te viene un cliente así?; *(V):* Con tanto pelo y tatuaje así: [*¡madre mía! ¡Tú también!* 😊] ¿no? 😊.

55. ¡VAYA!: criação idiomática da informante em língua espanhola com base na fórmula brasileira *valha!*, redução da pluriverbal *valha-me Deus!*, que denota espanto, susto, surpresa, admiração ante algo inusitado / estranho. **1.** A profissional do sexo a utiliza, exteriorizando o espanto / surpresa ante a foto da mulher obesa por incomum, rechaçando a possibilidade desse corpo realizar a sua profissão por ser considerado doente e fora da normalidade. *Ex. (V):* ¡Vaya! una señora que está con problema de salud; *(E):* ¿Crees que podría hacer tu trabajo?; *(V):* [NO, esta no ☹️]. Hay gorditas, porque esa aquí, esa aquí tiene una obesidad mórbida. **2.** Empregada para manifestar pena e incompreensão ante a cena de violência presenciada com o vídeo do policial atirando no assaltante. *Ex. (V):* Sí, dispara a los

bandidos. Mira ahí, eso, [*¡ayyy, no! ¡Vaya!* 😊 😊].

56. VIDA DE PROSTITUTA: colocação nominal em língua espanhola que estereotipa e/ou generaliza a vida dos profissionais do sexo, ao serem representados com um estilo de vida dissoluto, depravado, libidinoso e de libertinagem. **1.** Empregado pela informante com certo estigma para marcar que esta realiza o trabalho apenas por dinheiro, não por prazer, pois ela não é uma mulher depravada e/ou lasciva. *Ex. (V):* Solo habrá a alguien que le gusta eso, porque yo mismo no. [*Yo vi de mujeres que le gusta eso, QUE LE GUSTA, porque tienen vida de prostituta* ☹️].

57. VIVER NUM AÇOUGUE: locução do idioleto fraseológico da participante que apresenta metaforicamente como a entrevistada se sente exercendo a profissão sexual, onde a carne/corpo é a mercadoria à venda. **1.** Com tristeza e resignação, a prostituta se vale desta expressão metafórica para descrever a sua cotidianidade emocional, considerada simplesmente um produto de carne sem emoção. *Ex. (C):* que [*você começa a observar melhor o sorriso. Observar o*

corpo, sentir até saudade e pra mim é meio confuso até pela minha profissão. Eu vivo num açougue e então, ela para mim é dolly, uma ovelhinha linda, que cada dia está tomando mais meu pensamento 😊].

58. ¡YO FLIPO!: fórmula do espanhol europeu que aponta para alucinar, se emocionar ou se surpreender de forma intensa, exagerada, ultrapassando a normalidade. 1. A colaboradora se serve desta para expressar a sua surpresa intensa ou alucinação ante as

afirmações de alguns trans que afirmam ter ciclos menstruais “biológicos” ou psicológicos. Ex. (V): [*Son muy depresivos. TODOS. SON DEPRESIVOS* 🗣️]. Sí, porque... porque hay un trastorno psicológico muy grande en su cabeza, en su cabeza. [*A veces dicen así: estoy en mi período, quieren tener la regla como nosotras, ¡yo flipo! Y yo les digo: ¡pero tú!* 😊].

5.3 TERCEIRA PERSPECTIVA: FRASEOLOGIA E IDENTIDADE¹⁸⁴

Nesta terceira e última seção elaboramos uma análise interpretativa fundamentada nos dados proporcionados principalmente pelas narrativas orais orientadas com alguma incursão no roteiro audiovisual aplicado aos cinco sujeitos colaboradores, com o intuito de compreender como estes indivíduos perceberam suas identidades profissional e de origem / étnica por meio das histórias de vida relatadas.

Além disso, não podemos deixar de esquecer como os fraseologismos emergentes nas narrativas dos colaboradores delinearão também as emoções e reações destes, elencadas nessas percepções de suas identidades profissional e de origem / étnica, observando como essas definiram o seu pertencimento ao grupo.

Para esta fase da análise, nos auxiliamos do deslocamento proposto no constructo teórico (*vide* seção 3.4), ao tomar como ponto de partida a contribuição da sociologia das emoções de viés construtivista de Hochschild (1979) para o campo da fraseologia, com foco nas três dimensões¹⁸⁵ proporcionadas pela autora, adaptadas e/ou ressignificadas para os estudos fraseológicos, com foco na dimensão expressiva e política/ideológica das unidades fraseológicas nos discursos.

Os dados apresentados são resultantes da transcrição das narrativas orais orientadas aplicadas a cada profissional do sexo por vez. Numa primeira etapa, abordamos inicialmente os temas que identificam as histórias de vida de cada um, ou seja, os elementos dessas narrativas que possam vir a contribuir para a constituição subjetiva dos participantes entrevistados. Numa segunda, vislumbramos uma dimensão identitária como grupo estigmatizado que abranja as representações sociais, os pontos em comum das identidades profissionais e de origem em jogo, construídas em conjunto pelos profissionais migrantes do sexo.

Assim, é mister esclarecer que alguns depoimentos possam até parecer pouco convincentes. Contudo, cada um mostrou da sua identidade o que considerou mais conveniente com maior ou menor sinceridade. Não cabe a nós desmentir ou julgar essas falas e quais delas são incertas ou falsas.

No final das contas, as identidades se exibem e se constroem nas incertezas, nas contradições, na fragmentação, na indefinição, isto é, na performatividade.

¹⁸⁴ Sob a nossa concepção, entendemos o conceito de identidade próximo às teorias de Stuart Hall (2003). O autor aceita que as identidades não são unificadas e defende que, nos tempos modernos, elas são cada vez mais fragmentadas e fraturadas; nunca são singulares, mas construídas de várias maneiras por meio de discursos, práticas e posicionamentos diferentes, frequentemente cruzados e antagônicos.

¹⁸⁵ Dimensão expressiva, normativa e política para a teoria das emoções.

5.3.1 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE PECHO

Pecho é um homem, declarado bissexual, de 27 anos de origem venezuelana com estudos superiores que afirmou ter tido diversos trabalhos, tais como: garçom, atendente numa loja de roupas, dentre outros. Na Venezuela estudou ciências audiovisuais e fotografia e exerceu atividades e profissões como as de jornalista e fotógrafo no seu país de origem. Não esclareceu o porquê abandonou a sua nação para vir exercer a prostituição na Espanha, porém, supõe-se essa partida pela questão sócio-política atual desse.

Segundo relatou, nunca imaginara na sua vida ter que alugar o seu corpo. Valendo-se de um fraseologismo, característico da sua identidade linguística como venezuelano, *(ni) con la verga*, retrucou taxativamente: –“(E): ¿Y tú te imaginabas que te ibas a *dedicar a eso*?; (P): Pues no 😞. *Con la verga* ☹”–. Para ele, o único positivo da profissão sexual é claramente o dinheiro – “[*ES DINERO* ☹] ¿sabes? más que todo es dinero; (E): ¿Es lo único positivo el dinero?; (P): [*El dinero* ☹]”–. Assim, usou a colocação em espanhol *cuestión de suerte* para declarar que tudo depende, pois é uma profissão muito imprevisível. De acordo com o seu depoimento, na época normalmente chegava a ganhar uns dois mil euros por mês.

Imerso no discurso hegemônico da representação da prostituição como a “vida fácil”, o scort se serviu da locução *hacerse más fácil* e da colocação *dinero fácil*, a fim de minimizar o sentimento de culpa e vergonha, produzida por conta da difícil vida supostamente fácil de trabalhador sexual –“(P): [*Porque esto se me hace más fácil* 🤔]. Y aparte de que todavía *estoy sin papeles* [...] [*Conocí amigos que se dedican y me dijeron que era dinero fácil* 🤔].

A culpa de ele estar praticando a profissão é do sistema. Pecho se apresentou como uma vítima que não teve outra escolha, se eximindo de qualquer outra responsabilidade, pois foi estimulado pelos amigos, além da sua situação irregular no país –“(P): *estoy sin papeles*”–. Para ele parece nítido. O trabalho é apenas e exclusivamente dinheiro, o lucro é a sua maior justificativa, visto que não sente realização nenhuma nele, pretendendo se sair tão cedo quanto lhe seja possível –“(P): Temporal. Hasta que yo pueda estabilizarme como tal ¿sabes?; (E): Y cuando te estabilices, te sales; (P): *¡Exacto!*

Com a unidade fraseológica: *agarrar a la movida* quis mostrar que ganha menos do que outros colegas, porque no momento era pouco experiente na profissão –“(P):

[NO, ¡QUÉ VA! 🗨️]. Llevo poco tiempo 😊 😞 [...] [*Depende, todo depende, porque estoy empezando ¿sabes? 🤔*] y estoy **agarrándole a la movida**, pero todo varía”-. No fundo da questão, o garoto de programa pretendeu lavar a sua culpa na frente do entrevistador.

A vergonha invadiu geralmente as falas do informante que tentou em inúmeras ocasiões disfarçar com risos e silêncios as questões relacionadas com a atividade profissional. É um trabalho que oculta para a sua família, a qual nunca deve saber.

(E): Y nadie sabe o sí sabe que tú te dedicas a...

(P): ¿Mi familia?

(E): Sí.

(P): [NO, JAMÁS 🗨️ 😊 😞].

(E): O amigos o algo ¿Quién sabe?

(P): De mi familia nada, [*unos amigos que tengo acá, solo 😊 🗨️*].

(E): De tu familia nada ¿por qué?

(P): NO 😞.

Tanto o entrevistador quanto ele percebem que está desempenhando uma profissão considerada por muitos como inominável por abjeta e vil; daí que seja mais conveniente ocultar a sua identidade profissional. O pesquisador evitou falar o termo prostituição, tabu referido na maioria dos casos com o pronome neutro –“(E): Y una cosa 🗨️ tú antes de **hacer esto**, ¿te dedicabas a otra cosa, me imagino?; (E): ¿Y tú te imaginabas que te ibas a **dedicar a eso**?; (E): ¿Cómo decides **hacer eso**? ¿Por qué?”-.

Diante disso, acreditamos que essas estruturas linguísticas tabu adquirem uma perspectiva social de discriminação e não reconhecimento da profissão sexual. Para Goffman (2004 [1963]), o estigma alcança uma dimensão política que exclui e desumaniza o sujeito. Na nossa proposta de deslocamento da teoria construtivista da sociologia das emoções (HOCHSCHILD, 1979) para os estudos fraseológicos, tanto as emoções quanto os fraseologismos estão ligados a punições sociais, bem como ao tecido da estrutura social, determinada esta pela matriz ideológica imperante.

Infelizmente as expressões **hacerse más fácil, dinero fácil, trabajar de esto** pronunciadas pelo scort nas suas falas revelam essa dimensão política da fraseologia defendida na nossa tese por estigmatizar, menosprezar, inferiorizar, menoscar e desvalorizar a prostituição, atribuindo-lhe o adjetivo *fácil* e o pronome neutro *esto/eso*, dando a entender que é **aquilo fácil**.

Por isso, parece razoável pensar que a família do prostituto não entenda de forma alguma que o filho / neto ou o irmão esteja se dedicando na Espanha a isso fácil

para ganhar dinheiro fácil, daí que o sujeito seja obrigado a inventar outros trabalhos: –
 “(P): [...] Pero sí me pregunta a qué me dedico cualquier persona que sabe, o sea, que anda en mismo nivel que yo, le digo que soy scort 😊. Si no, le digo que soy otra cosa, que trabajo en una tienda, que soy... 🤔.

(P): NO, NO, NO 🙅. O sea, mi familia es muy cerrada en ese tema. [Y pensarían que eso es lo peor. Ellos dicen que eso es lo último que una persona puede hacer 😞😞].

(E): ¿En serio?

(P): Sí 😊.

(E): ¿Tú crees? Pero, tampoco tú lo has hablado con ellos o sí.

(P): No, no lo he conversado, pero... [siempre han tenido esa ideología 🖐️ ¿sabes? son así muy 🖐️ muy estrictos en esa parte 😞😞].

(E): Entonces para ellos sería lo peor.

(P): [Sí, ¡qué cosas! ¿no? 😊 🗣️].

A fórmula *¡qué cosas!*, utilizada com o sentido de resignação ou admiração do participante por causa da mais que provável reprovação da profissão exercida por parte da família, demonstrou o estigma e a vergonha que carrega o trabalho sexual. Pecho na época vivia numa redoma de vidro isolada marcada por uma ocupação que não o satisfazia e que o obrigava a ter sexo com pessoas mais velhas do que ele, o que lhe ocasionava certa resignação e raiva, pois teria gostado de se relacionar com pessoas da sua idade ou mais jovens –“(P): Más que todo, mira, [si te soy sincero, me vienen personas como de 35 a 50, así es lo que más, más me llega. De 20 a 25 no me llega 😞].

O garoto de programa manifestou nojo pela atividade sexual, provocado em grande parte pelas práticas sexuais corriqueiras da profissão, sendo algumas aberrantes como o scat que consiste em que o cliente engole as fezes: o que afirmou não aceitar.

(P): [Que tú haces caca 🖐️ pupu y la persona se lo come 🍌].

(E): ¡No jodas! 😞

(P): [Sí. Yo no podía aceptar eso 😞, o sea, me da *asco*, ¡guácala! 🍌]. Es lo más loco que me han pedido, y lo aprendí acá, no sabía lo que era eso. O sea, eso estaba llegando y me llamó: [¿haces scat?, yo no sé qué es scat, y yo dije que sí, dije que sí, pero simplemente por 🖐️ por agradar 😊]. [En lo que comienzo a averiguar scat, ¡Dios mío! 🍌 😊]

Imerso na representação ideológica de prostituto como sujeito que compraze e delicia, o garoto de programa usou a locução *por agradar* para transparecer que é um bom profissional do sexo, procurando em todo o momento satisfazer os pedidos dos clientes. No entanto, ante a prática sexual do scat não há o que fazer. Ele se viu

obrigado a recusar esse serviço, pois a repugnância não lhe permitiu consumir tal fetiche sexual. No final das contas, a aversão imprimiu suas falas e o certo nojo experimentado, materializados nos fraseologismos *¡guácala!* e *¡Dios mío!*, compensados com o dinheiro, o que cabe pensar que não é o corpo apenas uma mercadoria, mas que a repulsão e a náusea também se comercializam –“(P): *Para que te hagas una idea, [lo que hago es concentrarme, concentrarme en que 🖐 me están pagando y ya 🗑]*.

Assim, os clientes são apresentados pelo entrevistado como aqueles que exercem um certo tipo de violência simbólica no corpo de um sujeito sexualmente violentado. No fundo da questão e implicitamente o que podemos dilucidar na cabeça do scort é um padrão de beleza socialmente construído de homem masculino forte menor de trinta anos como indivíduo ideal para manter relacionamentos sexuais satisfatórios. Nesse viés, estão explicadas as lamentações do boy com relação aos fregueses, salvando exceções anômalas ou extravagantes de certas práticas e indivíduos.

Dois depoimentos corroboraram esse rechaço do colaborador, no tocante aos “velhos” e/ou afeminados por estes fugirem do modelo de beleza ansiado. Por uma parte, Pecho relatou com aversão a sua primeira experiência como profissional com um homem travesti, muito feminino, marcando claramente a feminilidade do cliente, fato que não lhe contentou. Porém, o lucro, esse bom dinheiro, minimizou aquela experiência desagradável.

(P): [...] La primera vez acá fue con un man colocado en Madrid y nada solamente se vestía de mujer y que yo lo tratara como una mujer. [Eso fue mi primera vez. Y estuve con él como que y nada eran tres horas y me cayeron como que 300 EUROS 🤑 el primer día y ya en seguida ahí le **agarré la manía** 😊]. La primera experiencia era rara para mí, porque yo [nunca había estado con un hombre que se travistiera de mujer, que se comportaba como una mujer, así MUY, MUY FEMENINO 😊]

O fraseologismo *agarré la manía* valida uma prova superada. Em outras palavras, se o inquirido conseguiu realizar o serviço nessas circunstâncias difíceis de homem travestido muito afeminado, ele já está pronto na sua concepção para desenvolver com sucesso a profissão sexual, após esse estágio executado.

Por outra, condicionado pela beleza objetiva imperante – jovem, masculino e forte –, o garoto de programa exteriorizou a incompreensão vivenciada pela quebra do paradigma ou paralelismo: profissional bonita / clientes bonitos; prostituta feia / clientes

nojentos e feios. Dessa forma, o entrevistado narrou como os jovens fortes e bonitos preferem *agarrar experiencia* com uma prostituta idosa e gorda. Tal fato despertou certa inveja nele pelo inusitado e incompreensível da situação, querendo se colocar no lugar dessa senhora.

(P): Sí. Sí hay. Conocí una señora de SESENTA Y CUATRO años, una gorda así, una abuelita 🖐 que era prostituta. Y trabajaba, eso era, o sea.. sacaba uno y entraba el otro, sacaba uno y entraba el otro. Y todos en la casa nos quedamos así como que: ¡guauuu! 😊

(E): ¿En serio?

(P): Y unos tíos, TÍOS que le calculo yo veinticinco años, treinta años. Tíos así cachas, grandoootes. [Los jóvenes quieren estar con una de su edad para *agarrar experiencia* 😊].

De qualquer maneira, depois que desenhado por meio das narrativas certos aspectos da identidade profissional de Pecho, abordemos brevemente algumas questões relacionadas com a sua identidade como venezuelano que morou no Equador e nos Estados Unidos. Nos primeiros contatos surpreendeu-nos o ocultamento da sua verdadeira origem. Talvez possa ser explicado por conta do atual estigma, devido à situação política e social da Venezuela, preferindo se apresentar como colombiano. Esse mesmo estigma ele perpetua exibindo o país latino-americano como uma nação, na qual a violência / delinquência é generalizada, apresentada por duas colocações *lleno de sangre* e *salir corriendo*, revelando dois relatos: os assaltos com violência que padece a população e os tiroteios entre bandas nas periferias.

Assim, o prostituto sofreu assalto com violência por parte de três indivíduos que o espancaram com um pau para lhe roubar o celular e o dinheiro, se desmaiando e, posteriormente, acordando cheio de sangue.

(P): Sí, de hecho, me partieron 😊, [no sé si ves que tengo aquí una cicatriz (mostra a cicatriz que tem na cabeça, área sem cabelo) 😊] [...] [EN PLENA CALLE 😊 😊 🗣] Sí, no tenía nada, ni teléfono, ni dinero, ni 🖐 nada. [...] [De repente, ESTABA LLENO DE SANGRE 😊 😊].

Do mesmo modo, a vítima mencionou a situação das periferias de Caracas, nas quais os tiroteios e as agressões eram comuns, conforme exposto –“(P): [...] estaban full de malandros [...] [nos íbamos de locos a meternos en esas zonas y después terminábamos corriendo 😊 😊] [...] *salíamos corriendo*. Siempre que yo presenciaba eso, lo que hacía era correr y correr 😊).

Nesse cenário vivenciado, não é de se estranhar que o scort queira legalizar a sua situação de estrangeiro irregular –*conseguir los papeles*– mesmo com as dificuldades burocráticas encontradas e se estabelecer de vez na Espanha, com o intuito de poder algum dia abandonar a profissão sexual. Condicionado provavelmente pela nacionalidade do entrevistador, o colaborador expressou que, antes da sua vinda, possuía ideias negativas e preconcebidas do caráter dos espanhóis, a saber: egocêntricos, racistas, xenófobos e fechados. Porém, agora os considera muito abertos e amáveis –“(P): Ya una vez que llego acá, ya veo que no 🖐 el trato, la gente es muy, muy amable. Muy amable. Y me ha gustado todo, o sea, [*España es bellissimo 🖐 BELLÍSIMO, BELLÍSIMO 😊*].

Para recapitular, é apresentado, a seguir, um quadro-síntese temático das narrativas que nosso participante Pecho quis amavelmente compartilhar, destacando de cada tópico a sua dimensão expressiva, política e/ou ideológica, conforme os contributos teóricos da sociologia das emoções para os futuros estudos fraseológicos e/ou linguísticos/discursivos:

Quadro 13 – Dimensão narrativa de Pecho

Tópico da narrativa	Ideias subjacentes	Dimensão expressiva	Dimensão fraseológica / discursiva	Dimensão política / ideológica
O único positivo da profissão é o dinheiro / lucro	<p>Lucro imprevisível, depende do dia</p> <p>Pode fechar 2000 euros por mês</p> <p>Ganha menos, porque ainda é pouco experiente na profissão</p>	<p>Tristeza / Resignação</p> <p>Orgulho – ganhar dinheiro</p> <p>Minimizar a culpa</p>	<p><i>Cuestión de suerte</i></p> <p><i>Dinero fácil</i></p> <p><i>Agarrar a la movida</i></p>	<p>Justificativa continua do lucro</p> <p>Profissão é dinheiro</p> <p>Ser menos prostituto que os experientes. Evitar a identificação profissional</p>
A vergonha de alugar o corpo	<p>A família nunca deve saber. Inventa que desempenha outras profissões</p> <p>Desvia o tema - aborda as profissões que teve na Venezuela</p> <p>Manifesta que nunca pensou em se dedicar à prostituição</p>	<p>Vergonha da profissão</p> <p>Joga a culpa na condição de migrante irregular</p>	<p><i>¡Qué cosas!</i></p> <p><i>Trabajar de esto</i></p> <p><i>Hacerse (algo) más fácil</i></p> <p><i>Estar sin papeles</i></p>	<p>A prostituição - profissão inominável por abjeta e vil</p> <p>Ocultação da identidade profissional</p> <p>A condição da identidade de origem e situação ilegal no país empurram-no à profissão sexual</p>
A restrição dos vínculos na	<p>Solidão – Amizade com os colegas de profissão, mas sem grude</p>	<p>Vergonha da profissão</p>	<p><i>¡Exacto!</i></p>	<p>Grupo social estigmatizado – Redoma de vidro</p>

profissão sexual	Dificuldade de criar vínculos fora da prostituição	Tristeza pelo isolamento		Formação de gueto – invisibilidade
O perfil e relacionamento com os clientes	<p>Clientes mais velhos do que ele – mediana idade</p> <p>Clientes doidos com práticas sexuais aberrantes – scat</p> <p>Primeira experiência como profissional com homem travesti, muito feminino</p>	<p>Raiva por não ter clientes mais jovens</p> <p>Nojo dos clientes</p> <p>Orgulho por ter tido um bom início e ganho 300 reais</p>	<p><i>¡Guácala!</i></p> <p><i>¡Dios mío!</i></p> <p><i>¡Qué locura!</i></p> <p><i>Agarrar la manía</i></p>	<p>O corpo como mercadoria e o scort como facilitador de serviços</p> <p>Cliente é isento de qualquer responsabilidade social/moral - ele está certo, pois paga</p>
A profissão não realiza o sujeito	<p>Trabalho por obrigação que não o satisfaz</p> <p>Ter sexo com pessoas mais velhas</p> <p>Relata que colega de trabalho velha e gorda tinha clientes jovens e fortes</p> <p>Trabalho temporário</p>	<p>Resignação</p> <p>Nojo por não gostar de sexo com eles</p> <p>Frustração</p> <p>Admiração e inveja da colega</p>	<p><i>Agarrar experiencia</i></p> <p><i>¡Exacto!</i></p>	<p>Realização pessoal não há na profissão sexual</p> <p>Incompreensão pela quebra do paralelismo: profissional bonito / clientes bonitos; prostituta feia / clientes nojentos e feios</p> <p>Profissão temporal</p>
Uns amigos o incentivaram à profissão sexual, porque é dinheiro fácil e é imigrante ilegal	<p>Relata a situação de vulnerabilidade por ser estrangeiro irregular e a dificuldade de regularizar a sua situação na Espanha</p> <p>Pessoas trans pedem residência na Espanha por conta de nesse país ter mais abertura</p>	<p>Resignação e incompreensão nos trâmites de regularização</p> <p>Alegria pelas oportunidades de liberdade que o país oferece</p>	<p><i>Conseguir los papeles</i></p> <p><i>¡Qué absurdo!</i></p> <p><i>Pedir papeles</i></p>	<p>A culpa da prática profissional é do sistema</p>
Vítima de violência física na rua / da delinquência	<p>Assalto com violência - três sujeitos, bateram com um pau - para roubar celular e dinheiro</p> <p>Não reagiu – Desmaiou pela pancada e acordou cheio de sangue</p> <p>Frequentava as periferias para farrear e começavam tiroteios entre malandros</p>	<p>A marca na cabeça até hoje evoca a raiva e a tristeza do assalto</p> <p>Medo pelos tiroteios</p>	<p><i>Lleno de sangre</i></p> <p><i>Salir corriendo</i></p>	<p>Generalização da violência / delinquência no seu país de origem</p>
A imagem da Espanha que ele tinha mudou favoravelmente	Ideias preconcebidas dos espanhóis: egocêntricos, racistas, xenofobia, fechados. Porém agora considera muito abertos e amáveis	Surpresa positiva		Aponta aspectos positivos da Espanha, condicionado também pela nacionalidade do entrevistador

5.3.2 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE VIRILHA

Virilha é uma mulher heterossexual de 43 anos, mãe de duas filhas, com estudos médios, de nacionalidade brasileira, goiana, falante de português e espanhol, que trabalhou como cobradora de ônibus no Brasil e como garçomete na Espanha. Na época dos encontros era prostituta, ganhando entre três e quatro mil euros por mês, dependendo da demanda. Para ela, o melhor da profissão sexual é o lucro e o trato com as pessoas.

O dinheiro é muito importante na vida dela, pois é motivo de grande orgulho ser independente financeiramente e ter criado suas filhas sem apenas a ajuda de um homem –“(V): [*Consigno pagar mis cuentas y no debo nada a nadie* 😊]”–. **Pagar as contas** é a palavra –fraseologismo– de ordem, sendo a sua maior preocupação. Ao igual que o seu colega de profissão, Pecho, a garota de programa não se sente satisfeita como pessoa neste trabalho. Isso não quer dizer que não tente desempenhar a atividade profissional da melhor forma possível, contentando e satisfazendo aos seus clientes –“(V): [...] [*Hay profesiones que sí, que si te gustan las haces con amor* 😊]. [*YO NO. YO ESTOY HACIENDO POR DINERO* 🙄] ¿entiendes? [*Por dinero, pero busco hacerlo bien* 😊]”.

O lucro, portanto, é a principal justificativa –**hacer por dinero**– para efetuar o trabalho sexual. O ganho ameniza a sua tristeza e resignação por estar atuando nesse universo profissional, desagradável na maioria das vezes, não a realizando como sujeito, ao ser uma profissão abjeta e estigmatizada.

(E): Tú con tu profesión ¿te sientes realizada? 🙄 como persona.

(V): NO 🙄.

(E): ¿No?

(V): [*No, no me siento realizada, NO* 🙄]. **¡Qué va!** 🙄].

A fórmula espanhola **¡qué va!** expressa uma reação firme em forma de negação que revelou essa tristeza e certa vergonha por Virilha ter que efetuar uma atividade sexual não disfrutada como trabalho.

(V): Solo habrá a alguien que le gusta eso, porque yo mismo no. [*Yo vi de mujeres que le gusta eso, QUE LE GUSTA, porque tienen vida de prostituta* 🙄]. Yo hago mi trabajo, lo paso bien. Generalmente, no, con algunos lo paso bien, disfruto, con otros hago mi trabajo. [*Pero*

decir: disfruto eso, que quiero, que me gusta, como que no 🙄 😊].
Por un tiempo, no más 🙄.

Condicionada através das estruturas *vida de prostituta, como que no*, a colaboradora nos revelou a cara mais oculta da profissão: os clientes. Homens sujos com mau cheiro costumam frequentar seus serviços –“(V): [TÚ coges un cliente ESTÚPIDO 🙄 es un hombre que no se ducha, que tiene peste 🤢, pero te está pagando, tú te tienes que sujetar ¿sabes? a eso 😊]”–.

¡Ay, no! e *¡Qué asco!* são dois fraseologismos que a entrevistada usou para exteriorizar o nojo que o exercício da prostituição produz nela, concebida pela garota como um trabalho temporal –“(V): *¡Claro!* 🙄. Sí hay que dar un tiempo, porque [llega un momento que tú no quieres saber de esto *para nada* 🤢] [*¡Ay, no! ¡qué asco!* 🤢] [...] No, ahí, es difícil y yo quiero es *salir de eso* y acabar 😊”.

Assim, a sensação que a inquirida transmitiu em todo momento é a pretensão de escapar, fugir de uma ocupação que para nada é satisfatória e da qual gostaria sair correndo quanto antes –“(V): [*Meu Deus! Demais! ASCO!! Pero asco* 🤢, *tengo ganas de salir corriendo* 🤢, ¿sabes?]”–.

Nessa fuga constante, a prostituta narrou duas tentativas de sair da prostituição por meio de dois clientes, conforme contou, encantados com ela, pelo que terminaram namorando e morando juntos.

(V): Tuve dos parejas. Yo vivo en Galicia desde que vine a España. A ver, pero vengo aquí cerca a trabajar. Mi primera pareja, estaba trabajando en un club, y ele me vio y *ficou encantado* conmigo. Se enamoró de mí y después vino otra vez, y me dijo que me fuera a vivir con él.

(E): Y tú dejaste este trabajo.

(V): Sí. Estuvimos tres años y entonces fuimos vivir con su madre y la madre era [*¡UF!* 🙄, me humillaba, *¡qué pesada!* 🙄]. Y el otro, yo trabajaba de camarera en un club y él venía y hablábamos y después nos enrollamos y un año así.

Porém, os relacionamentos relatados findaram e acabou voltando à profissão do sexo –“(V): [*decidí volver a esto, hasta hoy* 🙄 😊]”– declarou a informante com nuances de tristeza e culpa.

Como profissional comprometida com seu trabalho, os clientes ocupam uma boa parte do seu discurso. O corpo é a mercadoria que os homens alugam / compram.

Imersa na matriz ideológica de mulher tradicional, cuja função prioritária é satisfazer o sexo masculino, a garota de programa utilizou a fórmula *¡claro!* orgulhosamente por ter contentado a um idoso de oitenta e um anos, limpo, cheiroso e que deu conta do recado –“(V): [*Sí, bien limpio, sí y se empalmaba, hombre, ¡claro!* 😊].

Contudo, a maior parte do seu público são adolescentes e/ou rapazes muito jovens que pretendem ganhar experiência, atraídos por uma quarentona bonita como Virilha.

(V): [*Yo como soy madurita, mis anuncios acercan a la mayoría son más jóvenes. Muy bien. Son educados, son muy 🖐️ agradables 😊]. Algunos, regular, me encuentro con 🖐️ un guarro, un podrido 🤢, digamos así, y se porta mal, pero bueno conmigo.*

A colaboradora desvelou que a maioria dos clientes são até aceitáveis. No entanto, existem algumas exceções como algum homem porco ou doido com práticas sexuais anômalas como o scat –“(V): Yo no, eso yo no lo hago. amm, 🤢 Defecar, amm / ammm, 🤢 yo quiero que defeques en mi boca. [ESAS COSAS NO LO HAGO, PORQUE NO SOY CAPAZ 🤢]”– retrucou a entrevistada com raiva pela proposta e com resignação por não ter podido atender o pedido.

Uma prática íntima menos escatológica é a de beijar, porém não isenta de repugnância quando alguém não te atrai nem o mais mínimo –“(V): [*¡Ay, no! No me gusta besar 🤢]*”. Virilha destacou que prefere, via de regra, não beijar os clientes. Tal fato não quer dizer que a inquirida não possa abrir uma exceção com um homem bonito –“(V): [...] [*solo cuando es un cliente muy atractivo para mí, sí. Si no, NO 🤢 🤢]*”.

Se servindo das unidades fraseológicas *pasar de maravilla*, *estar bueno* e *dar cariño*, a prostituta exteriorizou a sua satisfação e alegria com a profissão sexual quando surge um cliente sexy.

(V): [*Yo también paso bien, 😊]. Hay con clientes que lo **paso de maravilla**. [*¡Claro, sí!* 🤝] Yo el otro día quedé con un chaval guapísimo. [*¡Ufff! estaba muy bueno y nos enrollamos así y lo pasamos 🖐️ unas dos horas muy bien, muy bien 🗣️ 😊]* [...] [*há clientes que **dou carinho**. Hago masaje, acaricio suavemente así para que te sientas bien, hago cositas 🗣️🗣️]. PORQUE QUIERO HACER, no porque está me pagando, porque quiero, porque siento essa necessidade de dar mais. [Sale de mí, porque me siento bien y **doy cariño** 😊🤝].**

É claro que para a participante todo o dia é uma aventura. Há clientes que te agradam mais, outros menos e alguns poucos são simplesmente repugnantes: impossível para desenvolver qualquer ato sexual. De acordo com o narrado, ela já teve que recusar algum freguês por força maior como ela já foi rejeitada também. Não podemos agradar a todo o mundo: deve aceitar isso, embora se sinta mal e fira o seu orgulho.

(V): Bueno, 😊 cuando uno no le gustas, tú aceptas ¿sabes?. **Hay gustos para todos**. Si no le gustas a uno, hay otro que viene: **¡qué guapa!** y te trata bien, otros fican asustados, espantados 😊 NO, NO, NO, NO 😊 😊. Yo me siento fatal, ya me ha pasado dos veces 😊, [yo pienso: ¿soy un bicho o que? 😊 😊].

Como todos os profissionais, Virilha oculta a ocupação que desenvolve para parte da família, principalmente para seu pai. Este nem sabe, nem pode saber nunca o que ela é. A fórmula **de eso nada** demonstrou o medo/vergonha a ser descoberta pelo seu progenitor –“(V): [mi padre no ha sabido, mi padre no ha sabido: **de eso nada**, **NUNCA**, **JAMÁS** 😊].

No entanto, a mãe dela sabe que trabalha como prostituta, porém manifestou que na época não aprovou –“(V): [no le ha gustado, claro, con mi madre, no 😊]. [Pero, bueno, dijo: **Pelo amor de Deus**, hija, busca otra cosa, otro trabajo 😊]. No más, no 🙄. A progenitora se valeu do fraseologismo **pelo amor de Deus** com o intuito de persuadi-la a não exercer a profissão sexual e tentar convencê-la em nome de Deus a realizar outra ocupação que não implique um vexame ou desonra familiar e/ou social. A vergonha invade a sua constituição subjetiva. Das suas duas filhas, uma sabe e a outra não –“(V): [A ver, la de aquí sí 🙄] [La de Brasil, no 😊 😊].

O sentimento de culpa está muito presente na sua fala. A informante justificou a sua escolha como prostituta num marido que não se responsabilizou pelas suas filhas, dando pouco dinheiro para o seu sustento e nos salários de baixa renda. Dessa forma, reforçou a representação do papel tradicional de mãe que faz tudo por seus pequenos, até mesmo prostituir-se, se servindo de dois fraseologismos que desprezam a própria profissão **trabajar en eso** e **la vida loca**.

(V): [Estaba separada, con mis hijas muy pequeñas, llegaba muy tarde por la noche, y el sueldo **no daba para tanto** 😊 🙄]. Una amiga acabó de llegar aquí y me dijo: ¿quieres venir? Y yo [¡claro que sí! Yo sabía a lo que venía 🙄]. Al principio: pero yo como voy a **trabajar en eso**, si yo no sé 🙄. Ahí dijo ella: es solo hacer **la vida loca**] 😊 😊.

Numa concepção tradicional de gênero, a inquirida utilizou o clichê *los bebés son para la mujeres*, assumindo bem pelas circunstâncias, bem pela própria ideologia que a responsabilidade dos filhos cabe maiormente à mulher.

(V): [...] No sé, [**LOS BEBÉS SON PARA LA MUJERES** 🗨️]. Las madres son las teimosas con sus hijos. Los hombres, bueno, pues 🖐️ están cambiando, claro, pero ese cariño, ese tiempo, estar con sus hijos, cosas. Ellos los hacen y nosotras los críamos. [*Yo tengo que hacer esto por mis hijas* 🗣️ 🗣️].

De acordo com ela, a culpa de estar exercendo o meretrício é do pai das filhas e das criaturas no sentido de ter a próprias filhas para criar. Ainda assim, é curioso como as meninas podem ser umas filhas de puta, porém não ser prostitutas –“(V): [*¡madre mía! Yo no quiero que mis hijas hagan lo que yo hago* 🗨️ 😞 😞 😞]”–. Mesmo assim, para ela é *o que tem para hoje*, empregando uma criação idiomática em espanhol com base nesta unidade fraseológica *es lo que hay para hoy*, carregada de resignação por ter que sustentar uma família sozinha sem praticamente ajuda de ninguém –“(V): *Y la responsabilidad era casi toda minha, de las hijas ¿sabes?* 🗣️ 😞]. *Es lo que hay para hoy*.

Além de ser a culpa do pai, das filhas e/ou da situação pessoal, a incentivadora de tudo isso foi uma amiga, a qual a iniciou no mundo da profissão sexual –“(V): Una amiga acabó de llegar aquí y me dijo: ¿quieres venir? Y yo [*¡claro que sí!*]”– declarou ter afirmado a colaboradora de forma contundente.

Por meio das unidades fraseológicas *fuera de ese mundillo, pasar por encima (de alguien) e poner mal (a alguien)*¹⁸⁶ a participante da pesquisa nos revelou o mundo da prostituição como um universo de víboras, hipócritas e invejosas, no qual é difícil se relacionar e nem sempre é possível confiar¹⁸⁷.

(V): [*las compañeras, ¿sabes? se portan mal* 😞]. Sí, a ver... 🖐️ *envidiosas, muy mentirosas, sí, no dá para confiar. Pasar por encima de ti, cambian totalmente. Te detonan, sí* 😞].

(E): Entonces no se suele hacer amistad

¹⁸⁶ Criação idiomática da colaboradora com base nas locuções verbais em língua espanhola *poner verde / tratar mal* que significa criticar ou falar mal de alguém no primeiro caso; e não respeitar a uma pessoa, no segundo.

¹⁸⁷ Sem ânimo de estigmatizar, as características que a profissional do sexo atribuiu para as colegas de trabalho poderiam ser estabelecidas para outros universos profissionais.

(V): Amistad, sí, 😏 pero no te puedes confiar 🙄. Sí, [son muy hipócritas, las propias compañeras te ponen // te buscan problemas ¿sabes? Te **ponen mal** 😏 🙄].

Contudo, ela faz parte desse âmbito, invisível para a maior parte da sociedade, no qual o estigma funciona fora e dentro da própria categoria, conferindo às identidades profissionais “[...] um conjunto de características indesejáveis” (LINK & PHELAN, 2001, p. 369) que isola estes grupos e indivíduos a uma redoma de vidro, dificultando criar vínculos de amizade fora da profissão, o que leva aos sujeitos ao isolamento e a uma profunda tristeza pela limitação de relacionamentos possíveis ao ter uma identidade deteriorada (GOFFMAN, 2004 [1963]). Acionando a expressão *fuera de ese mundillo*, para a garota de programa não há nada.

(V): [No muchos. Solo, las que se **dedican a esto**. No sé, es difícil tener amistades aquí **fuera de ese mundillo** 🙄 😏]. [Algunas se sienten superiores porque **ganan** mais **dinheiro** 😏 🙄]. Y no solo las compañeras de trabajo, las de fuera también 🙄 las compañeras que se decían también amigas, sí, las personas. Sí ¿sabes? [Ese mundo es muy hipócrita 🙄 muy egoísta 🙄 😏].

Conforme relatado, Virilha não só tinha que lidar com a profissão e as colegas de trabalho, mas também com a discriminação que informou ter por estrangeira –“(V): Te atienden mal por ser extranjera, te **miran mal**. [Hasta mi hija que es una chavalita 🙄 que nunca **ha trabajado en eso**, la **miran mal** 😏]”– se lamentando do racismo que ela e suas filhas sofrem na Galiza –“(V): En Galicia hay racismo, las **miran mal**. Ella vino con 18 años aquí. La gente es muy racista aquí. Ella estudia, hace curso, y a veces es discriminada”–. A locução verbal *mirar mal* apontou para esse olhar com desprezo e nojo.

Na concepção da entrevistada, as mulheres são piores do que os homens, mais daninhas. Os clientes não a discriminam pela sua origem. A sua identidade como brasileira é um esplêndido cartão-postal, condicionado pelo estereótipo sexual desta nacionalidade espalhado em algumas partes do mundo. Imersa nesse retrato de mulher latina gostosa, a garota de programa se vale de duas unidades fraseológicas *¡qué nada!* e *follar bien*, como representativas do não rechaço das brasileiras por parte dos homens espanhóis por estas saberem transar bem.

(E): ¿Y te han discriminado los clientes por ser brasileña?

(V): No, [¡**qué nada!** a los clientes les gusta las brasileñas 😏], a los de aquí a todos.

(E): Pero, ¿por qué?

(V): No sé 🖐 [le gustan brasileñas, peitudas, un buen culo, todo durito ¿sabes?, las tetas, el cuerpo en generale, conversa agradable y que **follen bien**. Le gustan las mujeres calientes ¿sabes? 😊]

Por fim, a colaboradora se apresentou como vítima da delinquência e o abuso na profissão. Nos encontros, relatou assalto com arma de fogo, calibre vinte dois, quando trabalhava de cobradora de ônibus no Brasil, usando o clichê *lo más importante es la vida* –“(V): [Lembrei da minha mãe que dizia: se pasa eso entrega todo, entrega todo, *lo más importante es la vida* vuestra 😊🖐 y así pasó 😊], além de narrar o medo que experimentou a situação constrangedora de um cliente alto e forte ter pego o dinheiro depois do serviço ter sido realizado, o que ela interpretou como uma humilhação.

(V): [...] [de repente, pasó la mano en el dinero y falou assim: lo siento. Y yo falei: ¿COMO? ¿Cómo? Dame el dinero, devuéveme, porque es mío. Lo siento, pero no te voy a dar. ¿Sabes? **pasé miedo**, porque el tipo tenía un metro y ochenta y pico y fuerte 😊▶]. Y ahí fue bajando, comencé a gritar con ele y la chica: ¿qué ha pasado? ¿qué ha pasado?, sale de la habitación. Que se lleva el dinero 🖐 y él fue bajando las escaleras. Serían como las tres de la mañana. [Además yo quedé ¿sabes? me sentí tan mal con aquilo, el no quedó contento 😊].

Diante do exposto, a profissão sexual, segundo ela, possui certos riscos que o sujeito deve afrontar. Por meio do emprego do fraseologismo *Hay de todo* a participante acabou afirmando triste e constrangida da sua categoria profissional: –“(V): [Hay mujeres también, hay mujeres que cogen el dinero de la cartera del cliente. *Hay de todo* 😊😊]” –.

Com isso, antes de apresentar um quadro-síntese temático das narrativas que nossa colaboradora Virilha gentilmente nos proporcionou, apresentamos três breves reflexões acerca da dimensão política dos fraseologismos gerados nesta narrativa. Baseados nas teorias para sociologia das emoções de Hochschild (1979), defendemos que as emoções materializadas fraseologicamente estão interligadas com o tecido da estrutura social. Assim, vislumbramos certas ideologias hegemônicas socialmente determinadas e construídas nas falas da entrevistada.

- 1) As estruturas *hacer por dinero* ou *pagar mis cuentas* se inserem no discurso sexo por lucro, corpo como mercadoria, justificando e categorizando vilmente a profissão apenas na sua dimensão mercantilista / econômica.

- 2) As fórmulas *de eso nada* e *pelo amor de Deus* –com relação ao ocultamento por medo / vergonha do trabalho para sua família– apontam para o estigma da profissão sexual. A ideologia fixada é a prostituição como imoral e abjeta.
- 3) Os fraseologismos *hacer esto*, *salir de eso*, *fuera de ese mundillo*, *vida de prostituta*, *la vida loca* carregam o estigma linguístico / fraseológico em forma de estrutura tabu com pronome neutro, diminutivo depreciativo ou categorização pejorativa: reflexo fiel da invisibilidade, apagamento e discriminação dos prostitutas/as, se constituindo como identidades deterioradas.

Quadro 14 – Dimensão narrativa de Virilha

Tópico da narrativa	Ideias subjacentes	Dimensão expressiva /	Dimensão fraseológica / linguística	Dimensão política / ideológica
O positivo da profissão é o dinheiro / lucro e o trato com pessoas	A importância de pagar as contas, tentando fazer o trabalho o melhor possível Há clientes agradáveis Há homens sujos / com mau cheiro	Orgulho – ganhar dinheiro / ser independente Nojo – homens porcos	<i>Pagar mis cuentas</i> <i>¿Hacer con amor?</i> <i>Hacer por dinero</i>	Justificativa contínua do lucro Profissão é dinheiro
A vergonha de alugar o corpo	Seu pai não sabe / nem pode saber o que faz; a mãe conhece, porém não gosta Exerce a profissão por conta das filhas / Marido dava pouco dinheiro – não se responsabilizou	Vergonha da profissão Joga a culpa no sustento das filhas Resignação / Tristeza	<i>De eso nada</i> <i>Pelo amor de Deus</i> <i>Hacer esto</i> <i>Los bebés son para las mujeres</i> <i>Es lo que hay para hoy</i>	Ocultação da identidade profissional. Medo a ser descoberta pelo pai A prostituição - profissão inominável por abjeta e vil. (Re) forçar o papel social aceito de mãe Atribuição de gênero tradicional
A restrição dos vínculos na profissão sexual	Amizade apenas com as colegas de profissão Mundo das prostitutas / universo de víboras	Tristeza pelo isolamento / restrição ao grupo Raiva e decepção com a hipocrisia das colegas egoístas, mentirosas	<i>Fuera de ese mundillo</i> <i>Pasar por encima (de alguien)</i> <i>Poner mal (a alguien)</i>	Grupo social estigmatizado – Redoma de vidro Formação de gueto – invisibilidade O estigma / preconceito dentro da própria categoria
O perfil e relacionamento	Clientes mais jovens do que ela – em torno dos vinte anos, atraídos por uma quarentona Arranjou dois namorados que eram clientes e morou com eles.	Orgulho de exercer o seu trabalho Alegria pelos	<i>Ficar encantado</i> <i>¡Qué pesada!</i>	O corpo como mercadoria Cliente é isento de qualquer responsabilidade

com os clientes	<p>A mãe de um deles era chata</p> <p>A maioria dos clientes são aceitáveis, com exceções de algum porco ou doido com práticas sexuais aberrantes – scat</p> <p>Atendeu cliente de 81 anos limpo e que dava conta</p> <p>Prefere não beijar os clientes, porém relata exceção com homem bonito</p>	<p>relacionamentos</p> <p>Raiva com a mãe chata de um deles</p> <p>Nojo do scat e homem sujo</p> <p>Orgulho por satisfazer o idoso</p> <p>Felicidade por sentir-se atraída por alguns clientes</p>	<p><i>¡Qué asco!</i></p> <p><i>¡Claro!</i></p> <p><i>Estar bueno</i></p> <p><i>Pasar de maravilla</i></p> <p><i>Dar cariño</i></p>	<p>social/moral - ele está certo, pois paga</p> <p>Perspectiva romântica do sexo</p> <p>A (não) assexualidade dos idosos</p>
A profissão não realiza o sujeito	<p>Trabalho temporário</p> <p>Pode haver mulheres que gostem da profissão</p> <p>Ela faz exclusivamente por dinheiro</p>	<p>Tristeza / Resignação</p> <p>Nojo pelo que envolve a profissão</p>	<p><i>¡Qué va!</i></p> <p><i>Vida de prostituta</i></p> <p><i>Salir de eso</i></p> <p><i>Para nada</i></p> <p><i>¡Ay, no!</i></p> <p><i>¡Qué asco!</i></p>	<p>A não realização pessoal na profissão sexual</p> <p>Discurso cristalizado da profissão temporal</p> <p>Justificativa contínua do lucro</p>
Uma amiga a incentivou à profissão sexual, por conta da responsabilidade das filhas	<p>Manifesta que o salário era pouco para criar as filhas. Daí que iniciasse “a vida louca”</p>	<p>A culpa de ela exercer a profissão é ter um salário de baixa renda, ter que sustentar duas filhas, um ex-marido que não colabora e de uma amiga que a estimulou</p>	<p><i>No dar para tanto</i></p> <p><i>¡Claro que sí!</i></p> <p><i>La vida loca</i></p> <p><i>Trabajar en eso</i></p>	<p>Vítima da sociedade</p> <p>A culpa da prática profissional é do sistema</p> <p>Ocultação e vergonha da identidade profissional</p>
Vítima de violência física na rua e violência/abuso na profissão	<p>Relata assalto com arma, um vinte dois, quando trabalhava de Cobradora de ônibus no Brasil, levando todo o dinheiro do dia, uns 100 reais.</p> <p>Situação constrangedora Cliente alto e forte pegou o dinheiro depois do serviço desempenhado e foi embora. Esqueceu as chaves, mas não as quis, não pagou</p>	<p>Medo a reação dos assaltantes e a situação vivenciada</p> <p>Medo e indignação pelo comportamento de alguns clientes e prostitutas</p>	<p><i>Aquí ó</i></p> <p><i>Lo más importante es la vida</i></p> <p><i>Pasar miedo</i></p> <p><i>Hay de todo</i></p>	<p>Generalização da violência / delinquência no seu país de origem</p> <p>Princípio de sobrevivência na profissão sexual. Trabalho arriscado</p>
Preconceito sofrido por estrangeira, não por prostituta	<p>Narra ser discreta e afirma sofrer discriminação ela e suas filhas</p> <p>As mulheres são piores que os homens. Os clientes gostam muito de brasileiras</p>		<p><i>Mirar mal</i></p> <p><i>No trabajar en eso</i></p> <p><i>¡Qué nada!</i></p> <p><i>Follar bien</i></p>	<p>Xenofobia por ser latina</p> <p>Representação da mulher como víbora, mais ruim do que o homem</p>

5.3.3 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE OMBLIGO

Ombligo se mostrou como um híbrido não-binário, com a ideia de realizar no futuro uma transição de gênero. Com 24 anos, de origem venezuelana e ensino superior, o inquirido declarou ter trabalhado como jornalista e pedreiro. Obrigado a migrar pela situação político-social do seu país de origem, morou no Equador, nos Estados Unidos, e agora recentemente, na Espanha como estrangeiro em situação irregular.

No momento dos encontros, conforme relatado, ganhava mínimo oitenta euros diários, o que totaliza entre uns três e quatro mil euros mensais. Analogamente aos seus colegas de profissão, o melhor para ele¹⁸⁸ é o lucro, posto que simplesmente é um dinheiro rápido e fácil. Empregando as colocações *sacar dinero* e *dinero fácil*, pode ser observado na fala do garote de programa uma justificativa reiterada do ganho, a fim de compensar a tristeza e o sofrimento ocasionado pelo exercício da prostituição, um trabalho, em que todos os profissionais (até heteros) sofrem –“(O): [*Como que no* 🙄]. He conocido escort heteros y yo creo que [*yo sufro igual que ellos. Yo creo que es lo mismo. Como yo lo veo como trabajo y ellos también, no hay forma de disfrutarlo, es imposible* 😞😞]” –.

O discurso do Ombligo desvelou umas consideráveis doses de tristeza em diversas ocasiões, por meio da locução *ser muy fuerte*, sofrimentos que ele na sua conceituação como sujeito não-binário padece ao comercializar com um corpo com o qual não se sente completamente identificado.

(O): [*trabajas con tu cuerpo. Es muy fuerte* 😞] [*No estás trabajando con una machota, no estás trabajando con algo que se te pueda romper, no 🖐 es tu cuerpo y bueno, imagínate, que tu cuerpo está siendo manipulado por alguien o algo que no te gusta, que no te atrae, que no sientes nada* 🙄, que no... 😞 *QUE NO HAY NADA* ⬅️ 😞].

Imerso numa perspectiva de sexo prazeroso, a única satisfação da profissão sexual para o inquirido é a grana, sendo um trabalho executado *por obligación*, isto é, não o exerce para alcançar uma realização pessoal, mas sim principalmente por dinheiro e necessidade.

¹⁸⁸ Para nos referir a Ombligo, utilizamos geralmente pronome masculino pela razão do seu sexo biológico e, de certa forma, seu gênero atual. No entanto, marcamos com pronome neutro/indefinido, em certas ocasiões, quando necessário, a fim de não invisibilizar a sua identidade de gênero fluida e indeterminada, fora do padrão binário. Para tal fim, nos valemos dos pronomes *elo/esto* e dos termos *garote de programa* e *prostitute*. Em nenhum caso, usamos formas linguísticas em feminino por considerar a não atribuição destas ao sujeito pesquisado por questões nem de sexo, nem de gênero.

(O): *Es que yo te voy a decir algo, [cuando tú trabajas de esto, te consume mucho 😞]. Yo por ejemplo tengo, desde que llegué, que no he dormido bien aquí en Granada. [Al final, tú dices, por fin, acabó y estás tranquilo porque tienes dinero 🤑😄]. No es una tortura, no porque no es que te gusta, pero tampoco te gusta, ¿entiendes? Se hace por obligación 😊].*

Ombliigo manifestou certa apatia calculada. Nos encontros, tentou se mostrar às vezes como quem não se importa com os outros, porém no fundo se sente condicionado pelas matrizes ideológicas imperantes. O discurso é claramente construído em função da situação, o contexto e os sujeitos que intervêm: entrevistador e entrevistado.

Podemos observar que elo se serviu de diversas fórmulas discursivas que funcionaram como gestores da emoção numa “atuação superficial *versus* modificação profunda” (cf. HOCHSCHILD, 1979), tendo usado estruturas ou elementos linguísticos como meio de modificar, repensar ou ressignificar seus sentimentos reais, com fórmulas padrão do tipo: *para que te hagas una idea* ou *es que yo te voy a decir algo*.

Por meio destas, apresentou aspectos, a princípio, profundos nas suas narrativas: **(O):** *Para que te hagas una idea, [mi primera vez con un hombre fue con un señor que me pagó y yo me sentí genial 😊]. [Me sentí como que valía algo 😊]; (O):* *Es que yo te voy a decir algo, [cuando tú trabajas de esto, te consume mucho 😞], talvez com o intuito de envolver emocionalmente o pesquisador.*

O prostituto se manejou muito bem entre a exibição de uma certa apatia e, ao mesmo tempo, uma certa profundidade emocional adequada ao contexto gerado, a fim de não ocorrer uma clara dissonância emocional, numa gestão e domínio emocional, ao nosso modo de ver, impecável.

Dessa forma, nos apresentou a emoção vergonha pelo aluguel do seu corpo. Não quer que ninguém saiba o que elo faz, porém, ao mesmo tempo, se exibiu e se vangloriou de ser como acredita ser.

No tocante a *hacer / dedicarse a eso*, ou seja, à profissão tabu:

Por uma parte, Ombliigo utilizou as fórmulas *¿qué vergüenza!* ou *¿estás loco?*, numa tentativa de ocultar o exercício da profissão, quando inquirido se a sua família ou amigos sabiam da sua identidade profissional.

Por outra, o scort empregou as locuções *(no) dar la gana* e *hacerse los locos*, a fim de minimizar uma vergonha “difusa e indeterminada” causada pelo trabalho sexual –“ **(O):** *[Yo creo que es porque yo no quiero decirlo, no me da la gana ¿me entiendes?, no, porque no es problema de nadie 😞😞]*” – informou com pouca convicção o

colaborador. Pouco depois, o inquirido modulou a sua fala que “mascarava” a vergonha e o medo causados pela sua condição profissional.

(O): [*yo creo que todo el mundo sabe lo mío* 😬😬]. Sí, porque yo me tomo fotos y yo las subo y yo lo veo normal, entonces estoy viajando mucho 📱 y *saco dinero* y es súper raro. [*Yo creo que todo el mundo sabe* 📱], pero *se hacen los locos*, igual nadie me pregunta 🙄. [*No tengo necesidad de decirlo. No es una cuestión de miedo* 😬].

Dessa forma, vislumbramos que as suas emoções se revelam como a sua identidade fluida, me importo com que saibam da minha condição como garoto de programa, mas não ligo. Sou um homem, mas posso chegar a ser uma mulher trans e nem ser nem de um, nem de outro gênero.

Ademais, a solidão e a tristeza estão presentes constantemente nas narrativas. O isolamento está condicionado principalmente pela profissão sexual e, em menor medida, pela indeterminação de gênero, fato que não termina de esclarecer. De qualquer maneira, o sujeito evidenciou que apenas conhece pessoas fora desse universo, pois o mundo da prostituição não se aceita, nem se entende na sua dimensão social, emocional e política. Nesse sentido, os profissionais do sexo estão simplesmente condenados a criar vínculos de amizade estritamente com os/as colegas de ocupação.

(O): [*No conozco mucho de fuera de este ambiente, porque normalmente las personas que no trabajan en esto, no entienden y no comprenden* 🙄 *que esto es un trabajo* 😬] y entonces piensan: [*¡qué asco!*, ya no te voy a hablar y, de hecho, mucha gente me *ha dejado de hablar* por eso 😬😬]. Entonces, [*las únicas personas que te entienden, que te apoyan, que pueden estar ahí para ti tienen que trabajar en lo mismo* 📱. Sino vas a estar muy solo 🙄😬].

Tomando como nossas as palavras de Ombligo, fora do meretrício só há nojo e incompreensão, ambos materializados por ele pelos fraseologismos *¡qué asco!* e *dejar de hablar*, respectivamente: fiel reflexo de como é conceituada a profissão sexual por grande parte dos que não pertencem ou não criaram vínculo nenhum, manifestado ou oculto, com este âmbito profissional. Parece claro que *fuera de este ambiente* os trabalhadores sexuais só encontram solidão e estigma. Cabe lembrar que, de acordo com as teorias de Link & Phelan (2001), esse apagamento pode desencadear formas injustas de desigualdade, por estes profissionais terem um status desvalorizado na sociedade.

Nesse nítido cenário de discriminação, não é de se estranhar que nenhum dos inquiridos exteriorize nenhuma possibilidade de realização individual na sua identidade

profissional e quase unanimemente apareçam nos discursos a contínua justificativa do lucro e a temporalidade do trabalho. Em outras palavras, é um trabalho para ganhar um bom dinheiro e se sair rápido.

As combinações que representam a perversamente denominada “difícil vida fácil” são: *ser fácil / dinero fácil*, determinadas pelo discurso hegemônico de profissão fácil de exercer, que não requer nenhum esforço.

(O): No, esto no es para mucho tiempo, [se hace por una cuestión económica y la verdad hay mucha gente que lo hace porque es fácil 🤔]. Pero no es fácil, para mí creo que esto es lo más difícil del mundo [...] [Al final, tú dices por fin acabó y estás tranquilo porque tienes dinero fácil 🤔 😊].

Sendo assim, é relevante observar como opera a dimensão política nas falas carregadas de emoção. O participante se revelou como vítima do seu próprio discurso. Para os outros é *fácil*, mas a prostituição para ele não o é. Contudo, é uma forma *fácil* de ganhar dinheiro. Esse paradoxo e essa aparente contradição estão condicionados pela preservação das estruturas sociais e as ideologias hegemônicas, impondo um controle emocional como camisa de força, obrigando ao sujeito como deve pensar e falar para evitar o desvio emocional. É mister destacar que já Hochschild (1979, p. 551) sublinhou que as normas emocionais são vistas como o lado da ideologia que lida com a emoção.

Outra dimensão ideológica imperante manifestada pelo colaborador é a impertinência de envolver e/ou amalgamar vida profissional com vida pessoal, por meio do clichê *trabajo y vida privada no se mezclan*.

(E): ¿Has creado vínculos emocionales con algún cliente?

(O): [El cliente conmigo sí, yo con él nunca, ¡qué va! 🤔👉]

(E): ¿Tú no te enamorarías *ni de coña* de un cliente?

(O): NO 🤔.

(E): ¿Por qué?

(O): Porque son clientes.

(E): ¿Y si fuera muy guapo?

(O): Pero me está pagando. No, no, yo no mantengo contactos así con ninguno.

(E): ¿Porque tú estás en esa barrera emocional?

(O): [Porque *trabajo y vida privada no se mezclan* 🤔].

O que para as prostitutas como Virilha e Coxa é plausível, para Ombligo e seus congêneres masculinos é vetado. A fórmula *¡qué va!* impede ideologicamente se apaixonar por um cliente, o qual produz certo orgulho no prostitute, pois na profissão tudo é pago: o amor, a companhia ou a ilusão de fazer acreditar ao cliente que o garoto

de programa está apaixonado por ele. Sem sombra de dúvidas, a emoção na prostituição pode sair cara –“(O): [Yo voy, estoy el tiempo que el cliente quiera, *aquí se paga todo*, sería como una compañía 😊]”–. A barreira emocional se impõe:

(O): Es que es distinto. Si tú quedas con alguien y vas a follar porque te gusta, es distinto y te puedes enamorar 😊, [pero si tú recibes una llamada de alguien que no sabes quién es y que te dice: *llego en diez minutos, ábreme y ponte unos suspensorios y ponte esto y aquello y espérame así y ábreme la puerta, es como es que, no tienes esa conexión instantánea 🤔*].

Essa conexão emocional profissional/cliente não se produz, conforme relatado, contrariando a afirmação da socióloga Hochschild (1983) de que no capitalismo há toda uma estrutura mercantil para vender emoção. De acordo com a perspectiva de Ombligo, ele vende sexo, mas não emoção, nem sentimento. Assim, o entrevistado, como os outros, se puder, evita beijar os clientes. Porém, às vezes tem que fazê-lo entre a apatia e o nojo, materializados na locução *dar igual* e no vocábulo *asqueroso*, respectivamente.

(O): [No, porque yo también he tenido que besar así 😊🙄]. Entonces, no me da *asco*. *Me da igual*.

(E): ¿Y cómo es ese sentimiento de besar a una persona que no te gusta?

(O): [Asqueroso, pero bueno, lo tienes que hacer. Siempre y cuando él no tenga un herpes, ni nada 🤔 😊🙄].

A culpa da prática profissional é do sistema. O garoto de programa narrou que em Equador ministrava aulas de inglês e foi demitido. Nesse contexto de necessidade econômica, foi estimulado por um rapaz que era prostituto. Sob a locução espanhola *dar fuerte*, o inquirido quis justificar a sua entrada na prostituição pelo fato de ter estado perdidamente apaixonado pelo namorado scort na época.

(O): [Entonces ahí *me dio muy fuerte*, conocí a una persona que se hizo mi pareja, que se *dedicaba a esto* y me fue incitando 🤔 y diciendo, pues tenemos que *hacer dinero* rápido 😊, aunque no es fácil de hacerlo, es esta y creo que lo podemos lograr juntos y hacemos tríos y cobramos y todo eso 🤔] [...] Él no podía salir de Ecuador, volví con él porque me gustaba mucho equis 🤔] y lo volví a hacer, estaba haciéndolo en Ecuador, hasta que me vine para acá y [ese es mi único trabajo, no estoy haciendo nada más 😊].

Na Espanha, a culpa também é do sistema. Justificou a sua condição de imigrante irregular como detonante para escolher a profissão sexual –“(O): [Lo más complicado es la cuestión de los papeles 🤔]. [Tienes que *estar de ilegal*, pero estoy

en el proceso de organizar la situación 😊👤]”– Desesperado, tentou que um suposto amigo regularizasse a sua situação legal. Porém, este poderia auxiliá-lo em troca de sexo, o qual não gostou. O entrevistado asseverou que não houve relacionamento sexual nenhum entre ambos e que o facilitador da regularização se zangou com ele, se valendo da fórmula *¡Maldito!*

(O): Acá en España 🖐 me pasó algo muy curioso con una persona que quería ayudarme para el asilo político supuestamente, pero como yo [no follé con esa persona, me denunció, bueno, no me denunció, me quiso decir que me había denunciado 😊👤], me escribía y me insultaba, tengo los mensajes aquí y solamente fue por eso, me decía: [¡Maldito!, tú tienes que irte a tu país, tus padres se tienen que morir 😊], pero luego me escribió que perdona, que no sé qué más, pero yo estaba listo, no tenía nada más que decirle 🙄.

Destarte, não só foi alvo de agressão verbal, mas também o prostitute quis se apresentar como sofredor de violência doméstica e agressão física na rua. A fórmula *¡qué horrible!* exteriorizou a humilhação, a culpa, a raiva, a tristeza, dentre outras emoções, por ter aceito ser vítima doméstica entre casais homossexuais –“(O): Porque he estado ahí. [He sido ella ¡qué horrible! 😊👤] [...] no deberíamos de aguantarle nada a nadie. Simplemente, si tienes, necesitas o deseas estar solo, pues ya hazlo. [No te aferres a alguien solamente por dinero, por casa o por comodidad 😊👤]”–.

Já na tentativa de assalto com violência por um drogado com faca de madrugada num parque, o colaborador demonstrou o orgulho e a satisfação, não isentos de medo, de ter reagido contra o assaltante, pois não quis entregar os seus pertences.

(O): [Había mucho colocado y un colocado me vio, quería mi teléfono y quería mi cadena, pues nada, tuvimos un forcejeo horrible y nada, salí de eso 😊] [...] [tú tienes que tomar dos caminos: o pelear o dejarte que te apuñalen, porque ese tipo de personas no va a ver si te apuñala, ese tipo de personas **está dispuesta a todo** y tú tienes que estarlo 🙄]. [...] [yo cuando lo agarro, le agarro el brazo y se queda atrapado 🙄 y ahí entre forcejeo y forcejeo nos caímos y el cuchillo fue a dar para allá como en las películas 😊😊] [...] y entonces **no me pude cagar** en ningún momento, porque soy fuerte 🙄🙄].

Podemos observar uma naturalização da violência na constituição subjetiva do inquirido, de forma que parece ter norteado a sua existência vital recente o princípio de sobrevivência, baseado na luta do dia a dia.

Talvez o fato de ter migrado muito novo e ter morado em vários países em circunstâncias complicadas, ajudem-no claramente a ter essa cosmovisão. Nesse

sentido, não só se identificou como uma vítima da profissão sexual, mas também como um mártir da sua própria e infeliz origem.

No que diz respeito à sua condição como venezuelano, o scort apontou para a difícil situação social e política na Venezuela, na qual faltam as coisas mais elementares e cuja conjuntura nacional condenou aos cinco irmãos a migrarem.

(O): 😊 La mitad de lo que quería no creo, en esos lugares compras lo que hay, ¿me entiendes? Si tú vas a por leche, puede que no haya. [Entonces, la mayoría de las cosas no hay. Entonces, la mitad de lo que quiere, no creo 😊].

(E): ¿Tú eso lo has vivido?

(O): Sí. **Por desgracia** 🙄.

(E): ¿Y tu familia sigue en Venezuela? ¿no tiene pensado irse?

(O): [Sí, pero con ayuda de nosotros. Somos cinco hermanos, y estamos fuera, en Estados Unidos, Argentina, acá y en Colombia 😊🙄].

Por meio da fórmula **por desgracia**, o garoto de programa migrante expressou a tristeza e lamentação pelo cenário social do seu país de origem. A seguir, comparou as suas impressões nos países que já morara, estabelecendo uma confrontação entre Estados Unidos e Espanha. Neste primeiro país a violência e o medo se sentem mais do que no país europeu, além de ter homens fedorentos nos ônibus.

(O): [había una persona de la calle, oliendo mal en el bus y entonces era como 🤢 (cara de **nojo**), aquí no he visto eso 😊] [...] [porque esa gente te puede pegar, te puede hacer cualquier cosa, ¿me entiendes? 😊] Y aquí esa seguridad que tú puedes andar por la calle, que no te importe nada. [En Estados Unidos es un poco... 🤚 se **siente el peligro** 😊]

Segundo elo, na Espanha há mais limpeza e segurança. Quiçá, numa tentativa de agradar o pesquisador, manifestou que os espanhóis são mais sinceros e honestos, enquanto os latinos foram apresentados como hipócritas, conforme relatado. Hipocrisia materializada nos fraseologismos **de la boca para fuera** e **quemarse el rabo** –“(O): lo auténtica que es la gente, que [no son tan falsos, como por ejemplo un colombiano, que son muy falsos, te pueden amar **de la boca para fuera**, pero te odian por dentro 🤢 🙄]. Yo creo que aquí la gente es mucho [MÁS HONESTA, MÁS TRANQUILA 🙄]– garantiu taxativamente o inquirido para terminar afirmando: –“(O): De hecho, [todos los latinoamericanos pensamos que entre latinos **nos quemamos el rabo** 🤢 🙄].

A continuação, é apresentado um quadro-síntese temático das narrativas que nosso participante Ombliquis quis amavelmente compartilhar:

Quadro 15 – Dimensão narrativa de Ombliquis

Tópico da narrativa	Ideias subjacentes	Dimensão expressiva /	Dimensão fraseológica / linguística	Dimensão política / ideológica
O positivo da profissão é o lucro /dinheiro; o negativo é obrigação / sofrimento	Dinheiro rápido e fácil É simplesmente um trabalho, em que todos os profissionais (até heteros) sofrem	Orgulho / Alegria -ganhar dinheiro Tristeza / sofrimento – nenhum profissional desfruta o que faz	<i>Sacar dinero</i> <i>Dinero fácil</i> <i>Aquí se paga todo</i> <i>Por obligación</i> <i>Como que no</i>	Justificativa continua do lucro Profissão é dinheiro e obrigação / sofrimento
A vergonha de alugar o corpo	Os mais próximos suspeitam da sua profissão pelo estilo de vida – viaja muito Não quer que se saiba o que faz Ninguém, nem ele abre o jogo – fala abertamente	Vergonha da profissão	<i>Hacer / Dedicarse a eso</i> <i>¡Qué vergüenza!</i> <i>¿Estás loco?</i> <i>(No) dar la gana</i> <i>Hacerse los locos</i>	A prostituição - profissão inominável por abjeta e vil Ocultação da identidade profissional
A restrição dos vínculos na profissão sexual	Amizade apenas com as colegas de profissão Apenas conhece pessoas fora desse mundo Mundo da prostituição não se aceita / entende	Tristeza pelo isolamento / restrição ao grupo Vergonha da profissão. Incompreensão dos que não fazem parte da profissão	<i>Fuera de este ambiente</i> <i>¡Qué asco!</i> <i>Dejar de hablar</i>	Grupo social estigmatizado – Redoma de vidro Formação de gueto – invisibilidade
O perfil e relacionamento com os clientes	Relata não se apaixonar por clientes Evita beijar os clientes, mas às vezes tem que fazê-lo	Tristeza pelo vazio do relacionamento sexual Nojo pelo fato de ter que beijar profissão	<i>Trabajo y vida privada no se mezclan</i> <i>¡Qué va!</i> <i>Dar igual</i>	Perspectiva romântica do sexo O beijo é para a pessoa que te agrada
A profissão não realiza o sujeito	Trabalho temporário Pode haver quem gostem da profissão Ele faz exclusivamente por dinheiro A representação da vida fácil	Tristeza / Resignação O orgulho de ganhar dinheiro compensa o nojo que envolve a profissão	<i>Hacerse fácil</i> <i>Ser (muy) fuerte</i>	Realização pessoal não há na profissão sexual Profissão temporal Justificativa contínua do lucro

<p>Um namorado que era garoto de programa o incentivou à profissão sexual</p>	<p>Em Equador ministrava aulas de inglês e foi demitido. Primeira experiência como prostituto foi quando conheceu o seu namorado</p> <p>Viajou um tempo com um cliente para Estados Unidos</p>	<p>A culpa de ele exercer a profissão é ter sido demitido da escola e do namorado que o incentivou, estando ele muito apaixonado</p>	<p><i>Dar fuerte</i></p> <p><i>Hacer dinero</i></p> <p><i>Dedicarse a esto / Hacer esto</i></p>	<p>Vítima da sociedade</p> <p>A culpa da prática profissional é do sistema / dos outros</p> <p>Ocultação e vergonha da identidade profissional</p>
<p>Vítima de violência doméstica e de violência física na rua</p>	<p>Relato de agressões por conta do seu ex-namorado, do qual tinha uma dependência econômica</p> <p>Tentativa de assalto com violência por um drogado com faca de madrugada num parque</p> <p>Reagiu, pois não quis entregar o celular e cordão</p>	<p>Humilhação, culpa, raiva e tristeza de ter aceito ser vítima por um tempo</p> <p>Orgulho pela sobrevivência e ter saído da situação</p> <p>Orgulho e medo por ter se agarrado ao bandido e evitado o assalto</p>	<p><i>¡Qué horrible!</i></p> <p><i>(No) cagarse (de miedo)</i></p> <p><i>Estar dispuesto a todo</i></p>	<p>Naturalização num princípio da violência doméstica que atualmente manifesta rejeitar</p> <p>Princípio de sobrevivência. Lutar ou fugir</p>
<p>Condição de imigrante ilegal na Espanha</p>	<p>Justifica a sua condição de imigrante irregular como escolha da profissão</p> <p>Um amigo pretendeu regularizar a sua situação legal em troca de sexo. Relata que não houve e que este se chateou</p>	<p>Preocupação e tristeza pela situação irregular no país</p> <p>Raiva do amigo contra ele por meio de insultos</p>	<p><i>Estar de ilegal</i></p> <p><i>¡Maldito!</i></p>	<p>Cidadão de segunda categoria por conta da condição de ilegal</p> <p>Ninguém dá nada (de graça) sem esperar algo</p>
<p>Comparação do seu lugar de origem, Venezuela e Estados Unidos com relação à Espanha</p>	<p>Situação social e política difícil na Venezuela. Faltam coisas elementares. Os cinco irmãos migraram</p> <p>Na Espanha há mais limpeza e segurança. Os espanhóis são mais sinceros e honestos; os latinos, hipócritas</p> <p>Nos Estados Unidos sente mais perigo e havia homens fedorentos nos ônibus</p>	<p>Tristeza e vergonha da situação do seu país de origem</p> <p>Alegria e satisfação, por enquanto, de poder viver na Espanha pelas condições de vida e seu povo</p> <p>Certo medo nos Estados Unidos</p>	<p><i>Por desgracia</i></p> <p><i>De la boca para fuera</i></p> <p><i>Quemarse el rabo</i></p>	<p>Oposição ao regime político da Venezuela</p> <p>Aponta aspectos positivos da Espanha, condicionado também pela nacionalidade do entrevistador</p>

Fonte: elaboração própria do autor

5.3.4 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE COXA

Coxa é uma mulher de 31 anos, paraibana, supostamente bissexual, mãe de uma filha, com estudos superiores que exerceu como padeira. Conforme relatado, podia estar ganhando entre dois e três mil reais por mês, dependendo do movimento. Fala português e desenrola um pouco o inglês. Já morou em São Paulo.

Segundo narrou, a prostituta vive na clandestinidade pelo fato de ter que alugar o seu corpo. Se valendo de alguns fraseologismos tais como: *tem como não, por poupar, (não) ter peito* e *de forma alguma*, a colaboradora oculta com vergonha e tristeza a sua identidade profissional, inventado que trabalha em telemarketing.

(C): [NÃO, *tem como não* 🙄🙄]. [*Minha família não sabe o que eu faço. Alguns pensam que eu trabalho no serviço de telemarketing. Já pensou?* 😊😊].

(E): Mas, por que você não fala o que realmente é?

(C): Não falo, não é por não *ter peito*, sabe? 🙄 [De chegar e dizer, olha, eu faço esse tipo de serviço 🙄]. Mas simplesmente é *por poupar* porque várias pessoas da minha família [JAMAIS ACEITARIAM ISSO, JAMAIS 🙄😞😞]. Elas não aceitariam essa minha conduta. Certeza forte, pelo menos até onde eu conheço e pelo discurso que elas falam, [*eu acho que não, não aceitariam de forma alguma* isso 🙄]. Eu vivo camufladamente, no silêncio 🙄😞😞].

Além de ser obrigada socialmente a viver no silêncio e envergonhada por alugar seu corpo, a colaboradora destacou que a profissão nem proporciona felicidade, nem a realiza como sujeito, exercendo a mesma apenas por dinheiro e para poder pagar as contas. Pagar as contas e não dever nada a ninguém é o orgulho da sua sobrevivência.

(C): 😊 [Tá bom, dá um dinheiro, *eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém* 😊]. Tenho segurança nesse aspecto. Eu posso vir, ir, pagar minhas contas, comprar um batom, comprar um salto, mas isso não me faz feliz. [*Eu preferira mil vezes, mil vezes ter uma vida com uma pessoa. É sério!* 🙄]

Da mesma forma, ela destacou outro aspecto positivo, fora a satisfação que produz o lucro, a saber: se sentir jovem e na ativa. Se dedicar à prostituição é se achar sempre bonita e atraente: –“ (C): De bom, a gente rejuvenesce, eu acho. [*A pesar de toda a labuta, toda a dificuldade, eu acho que você fazer uso do seu corpo e tratar dele e se mostrar como a vitrine, sabe? 🙄 Como se tá numa foto 🙄. E pensa: tô bem na foto. Eu acho ótimo* 😊]” – ressaltou a colaboradora com certa “alegria”, melhor dizendo, resignação e autoconvencimento através da colocação *achar ótimo*.

A representação ideológica do amor romântico, da família tradicional e do casamento ideal e eterno esteve muito presente nas falas da profissional.

- a) Com a fórmula **nossa!**, a entrevistada exteriorizou o medo de se apaixonar de algum cliente ou vice-versa –“(C): **Nossa!**, estar susceptível a se apaixonar por alguém que só quer um momento”–.
- b) Com o clichê **ter alguém para o resto da vida**, a prostituta evidenciou o vínculo sentimental que manteve com um cliente muito especial –“(C): [eu quero **ter ele para o resto da vida**. Tenho um que não consigo me desvincular 😊] [...] às vezes ele me respeita, [mas enquanto eu estou com ele, eu me sinto **TOTALMENTE feliz**. 😊 🗣️]”–.
- c) Com a expressão **é desse jeito**, a inquirida reprovou e se lamentou dos casamentos sem sexo, narrados pelos próprios clientes –“(C): *elas não sentem mais tesão uma pela outra. Não adianta dar um play no que foi um off, já* 🗣️]. [Muito dos casamentos, já morreram, só que eles resistem, mas sabem que isso morreu 🗣️]. **É desse jeito!** 🗣️”–. O mesmo fraseologismo, acionado categoricamente, é encontrado noutra fala relacionada ao assunto –“(C): [você é casado, se você tem uma relação estável, você tem alguém, por que você procura? 😊] Bom, [a resposta que eu ouço é que eles vivem um **TEATRO, é desse jeito!**]”–.
- d) Com a locução **não estar nem aí**, a garota de programa revelou a hipocrisia social, sustentada em casamentos que operam como um contrato social, em vez de se basear no amor. Por isso, ela faz os clientes esquecerem da sua miséria moral, sustentando com a profissão sexual a felicidade dos homens e os casamentos das outras mulheres –“(C): [Muitas pessoas não se separam por filhos, por sociedade, sabe? Por dependência econômica, sabe? 😊] [Mas eles **não estão nem aí**, eles gozam loucamente na minha cama 😊]”–.

Imersa nessa perspectiva ideológica de amor para sempre, não é de se estranhar que Coxa nos proporcionasse a fórmula em forma de pergunta **o que é que você está fazendo da sua vida?**, num embate dialético de aparente contradição entre o que acha que ela é e o que a prostituta queria verdadeiramente ser –“(C): olhar diante de tudo e depois de tudo para você mesmo e [perguntar para você: **o que é que você está fazendo da sua vida?** 😊 😊] e [você em algumas poucas vezes sentir vontade de morrer 😊 😊]”–.

Defende-se que a estrutura social –*social structure-ideology* (HOCHSCHILD, 1979) – é determinante na experiência emocional e na manutenção das ideologias. Sob a nossa perspectiva, as falas de Coxa estão condicionadas por essa textura ideológica dominante que estabelece como as vivências emocionais devem ser. Tal fato é claro na colaboradora quando usa surpreendentemente o clichê atribuído tradicionalmente aos homens *ele queria só sexo* ao contar seus inícios na prostituição –“ (C): E foi [numa dessas em que eu tive a minha primeira experiência como prostituta que eu pensei que estava totalmente apaixonada e ele por mim 🧐], [*ele queria só sexo* 🗨️👉👈]. [Eu jamais pensei em cobrar nada de ninguém naquela época 🤔]”–.

Essas estruturas de pensamento dominantes propiciam desculpas esfarrapadas como estas nos diversos discursos. Outra ideologia hegemônica é a de (re) forçar o papel social aceito de mãe. A culpa de exercer como trabalhadora sexual é o sustento da filha e não ter um marido que a auxilie nisso. Com resignação e tristeza, a participante empregou a fórmula *não há outra escolha*, numa tentativa de lavar a culpa, apontando para certa aceitação / resignação pela impossibilidade de seleção, opção ou preferência. Apresentou-se como a maravilhosa mãe que faz e dá tudo por seus filhos –“ (C): [Eu vou continuar na minha profissão enquanto puder para poder ajudá-la 🤔]. Ela representa tudo o que eu quis da minha vida, mas que jamais atingi até hoje 😞. [Então, é por ela que eu deito na posição que você quiser. *Não há outra escolha* 🤔😞]”–.

Ademais, aparece como em todos a justificativa da amiga que a estimulou à prostituição. Esta é exercida pela situação financeira, pela filha e por ter sido corrompida por uma colega. Se servindo da estrutura tabu *meus inícios nisso aqui* e as colocações verbais *dar umas dicas* e *arrumar um cara*, Coxa afirmou que uma amiga apresentara o seu primeiro cliente, porque, assim, ganharia mais dinheiro nisso aqui que como padeira.

(C): [...] Tempo depois [contei essa história para uma amiga e ela me estimulou, me *deu umas dicas*. Pensei que tava certa e que ia ganhar mais grana do que padeira 🤔]. Assim, ela *arrumou um cara* 🤔 de uns quarenta e poucos anos, ela falou com ele de mim e o cara topou. [Esses foram meus inícios *nisso aqui* 🗨️👉👈].

Além disso, analogamente aos outros colegas de profissão, a garota de programa mostrou seu nojo por ter que beijar os clientes, realizando-o de forma superficial –“(C): [Tenho *nojo* 🤢, às vezes muito *nojo*, sabe? 🤢] Meu beijo é arsênico, [é aquele beijo

que encosta só os lábios e que desliza, ele evita e tudo mais, mas **dou uma chave de perna** e eles enlouquecem 😏 😊😊” – se valendo dos fraseologismos *ter nojo* e *dar uma chave de perna*, estabelecendo uma curiosa relação de causa-efeito: a solução para minimizar a repulsão do beijo é uma chave de perna.

A informante parece ter nojo, via de regra, do sexo com os clientes, com a única exceção de um deles que gostaria de *ter para o resto da vida*. Além desse freguês especial, Coxa relatou um princípio de namoro ou atração lésbica por uma amiga extraordinária, o que nos pode levar a pensar na sua bissexualidade.

Para tal desejo homossexual, a prostituta dedicou os fraseologismos mais agradáveis e os menos na sua ausência para esta narrativa, sob uma nebulosa dimensão de amor romântico construída social e mentalmente na colaboradora.

- a) Por meio das locuções *estar pra tudo* e *pra caramba*, Coxa manifestou a sua confusão emocional pelo acontecido entre elas, incompatível com a prostituição que requer principalmente, na sua concepção, do primeiro fraseologismo proposto –“ (C): Ela me nortifica 🖐️. Às vezes, eu [*chego do meu trabalho, das noitadas que eu faço, eu chego meio confusa, porque você sabe, né?* 😊😞] [*Às vezes tem bebida, tem outras coisas e a gente está lá pra tudo* 😏]” – para, posteriormente, acrescentar: –“ (C): A gente conversa *pra caramba*. Ela conhece a minha família, conhece a minha mãe e para minha surpresa ela se declarou para mim” –.
- b) Com as unidades fraseológicas *por cima de tudo* e *estar do meu lado*, a garota de programa evidenciou que o amor da amiga é verdadeiro e consistente –“ (C): [*Foi para uma pizzeria, eu já tinha percebido uma coisa estranha, quando chego lá e disse que me aceitava por cima de tudo, e que ela queria estar do meu lado* 😊].
- c) Através dos fraseologismos *sentir saudade* e *viver num açougue*, a prostituta revelou uma constituição emocional fragmentada pelo fato da amiga tomar mais espaço no seu pensamento, enquanto ela está exercendo uma profissão, na qual a carne/corpo é a mercadoria à venda –“ (C): de repente, ela começa a roubar teus pensamentos, que [*você começa a observar melhor o sorriso. Observar o corpo, sentir até saudade e pra mim é meio confuso até pela minha profissão. Eu vivo num açougue e então, ela para mim é dolly, uma ovelhinha linda* 😊]” –.

- d) Ciente da dificuldade que supõe começar um relacionamento homossexual com uma filha para criar, na sua perspectiva, parece mais interessante postergar esse romance, pois a sua grande preocupação é a colocação: **pagar as contas**.

(C): Você acredita que, acho que semana passada, eu atendi um cliente, [ele dá conta 😊] e no momento que ele [estava dentro de mim 🗣️] 😊. Eu pensei nela. Como se ela fosse um bode, entendeu? Não fosse dolly, aquela ovelhinha, fosse um bode e tal. Noutro dia, eu já estava vesga olhando para ela, meu olhar tinha mudado. Tou vivendo esse período, porque ela é linda, encantadora, ela me 🖐️ desconstruiu, mas eu [TENHO MINHAS CONTAS QUE PAGAR 🗣️].

Infelizmente nem sempre se dão as circunstâncias favoráveis para desenvolver o que o indivíduo pretende. Coxa vivencia um clima de violência e opressão constante, ou pelo menos, isso é o que deixa transparecer. Sem muito detalhe apontou para agressões e humilhações na profissão sexual –“(C): [Já apanhei várias vezes 🗣️] 😊 Várias vezes. Eu já não recebi pagamento. Já tive hematomas. [...] Já aconteceu comigo, mas [levanta a cabeça e noutro dia a gente está pronta para a guerra e a luta do dia a dia 😊]”–.

Do mesmo modo, a inquirida relatou com raiva um episódio de fala preconceituosa num restaurante quando acompanhava um cliente –“(C): Eu estava tomando uma cuba-libre, ou outra bebida? 🤔 Mas [essa senhora veio carregada em tom de preconceito, é como se fosse: VOCÊ, PUTA, QUE ESTÁ NO LUGAR DA SENHORA 🗣️]”–. Também ela narrou uma situação de rechaço por parte de um homem que estava paquerando com ela no avião quando soube da sua condição de prostituta –“(C): No momento de ele entrar, tentou me beijar. Ele perguntou se eu estava casada, solteira. [Aí, eu falei: eu sou prostituta, aí saiu correndo 😊]”– o que vem clarificar que Coxa faz parte de uma identidade profissional estigmatizada. Com a locução **na brincadeira** a informante apresentou, orgulhosa de ser paraibana, uma pequena brincadeira –“(C): Aí eu falei **na brincadeira**, pode dividir por vinte dois. Ele falou: vinte dois, ô, Paraíba! Mas não foi um preconceito, achei engraçado”–.

Por fim, se servindo dos fraseologismos **mentira!**, **dar uma baixa** e **estar no beco escuro**, a prostituta representou a cidade e o povo de Salvador como lúgubre, sem movimento, deprimente e com poucos clientes –“(C): O baiano tem o estereótipo de [ser uma pessoa muito dada, muito alegre, muito gentil, muito comunitária, mas **MENTIRA!, MENTIRA!, Bahia é SOLITÁRIA 🗣️]**”–. Além do povo baiano, Coxa concluiu a sua narrativa com uma visão negativa da cidade de Salvador: –“(C): [E não

é, isso dá uma baixa 😊]. Aqui você vem com o glamour de estar na Bahia. [E estar na Bahia é simplesmente muitos dias e muitas noites estar no beco escuro. BECO ESCURO 😊]”–

A seguir, é apresentado um quadro-síntese temático das narrativas da paraibana:

Quadro 16 – Dimensão narrativa de Coxa

Tópico da narrativa	Ideias subjacentes	Dimensão expressiva /	Dimensão fraseológica / linguística	Dimensão política / ideológica
Profissão é lucro / dinheiro, porém é absurdo /abjeto estar exercendo a prostituição	Além do dinheiro, é bom se se sentir jovem e na ativa Possibilidade de se apaixonar por alguém	Orgulho / Alegria -ganhar dinheiro – estar atraente Medo de se envolver com cliente	<i>Eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém</i> <i>Eu acho ótimo</i> <i>Nossa!</i> <i>O que você está fazendo da sua vida?</i>	Justificativa contínua do lucro Perspectiva romântica do sexo Identidade profissional estigmatizada
A vergonha de alugar o corpo	Vive na clandestinidade A família não aceitaria saber a sua verdadeira profissão. Acham que trabalha como marketing Exerce a profissão por conta da filha com leucemia	Vergonha da profissão Joga a culpa no sustento da filha Resignação / Tristeza	<i>Tem como não</i> <i>Por poupar</i> <i>(Não) ter peito</i> <i>De forma alguma</i> <i>Não há outra escolha</i>	A prostituição - profissão inominável por abjeta e vil Ocultação da identidade profissional (Re) forçar o papel social aceito de mãe
O perfil e relacionamento com os clientes	O perfil maioritário são homens casados e algum veado Há um cliente que está apaixonado por ela Beija os clientes de forma superficial	Resignação / reprovação pelos casamentos mortos Alegria pelo respeito e consideração que mostra Nojo de ter que beijar	<i>É desse jeito</i> <i>Não estar nem aí</i> <i>Ter para o resto da vida</i> <i>Ter nojo</i> <i>Dar uma chave de perna</i>	O casamento sem sexo é um teatro Perspectiva romântica do sexo O beijo é para a pessoa que te agrada
A profissão não realiza como sujeito à prostituta	Ela faz por dinheiro / para poder pagar as contas	Tristeza / Resignação O orgulho de poder sobreviver	<i>Eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém</i>	Realização pessoal não há na profissão sexual Justificativa contínua do lucro

<p>Uma amiga dela a estimulou à profissão sexual</p>	<p>Primeira experiência como prostituta, foi um homem que pagou sexo por ela sem esperá-lo</p> <p>A amiga apresentou o seu primeiro cliente, porque ganharia mais dinheiro que como padeira</p>	<p>A culpa de ele exercer a profissão é ter um emprego de baixa renda, a amiga que a incentivou, o sustento da sua filha</p>	<p><i>Ele queria só sexo</i> <i>Meu Deus!</i> <i>Dar umas dicas</i></p> <p><i>Arrumar um cara</i></p> <p><i>Meus inícios nisso aqui</i></p>	<p>Vítima da sociedade</p> <p>A culpa da prática profissional é do sistema</p> <p>Ocultação e vergonha da identidade profissional</p>
<p>Vítima de violência física e de preconceitos diversos</p>	<p>Relato de agressões como profissional do sexo</p> <p>Episódio de fala preconceituosa num restaurante quando estava de acompanhante de cliente</p> <p>Rejeição de homem que estava paquerando com ela no avião quando soube da sua condição de prostituta</p> <p>Brincadeira de um garçom pelo sotaque de paraibana</p>	<p>Humilhação pelas marcas dos hematomas</p> <p>Orgulho pela sobrevivência</p> <p>Nojo social e raiva contra esse garçom</p> <p>Humilhação / tristeza por se sentir rejeitada como mulher</p>	<p><i>Levantar a cabeça</i></p> <p><i>Passar a maquiagem</i></p> <p><i>Que nojo!</i></p> <p><i>Sair correndo</i></p> <p><i>Na brincadeira</i></p>	<p>Naturalização da violência sistêmica contra a mulher</p> <p>Identidade profissional estigmatizada</p> <p>A sensualidade / beleza da mulher não deve ser recusada pelo homem</p> <p>Orgulho do lugar de origem</p>
<p>Princípio de namoro / atração lésbica com uma amiga</p>	<p>Solidão na profissão</p> <p>A amiga quer um relacionamento amoroso com ela e aceita a sua condição de garota de programa</p> <p>Manifesta estar apaixonada até o ponto de estar com cliente e pensar na menina</p>	<p>Alegria por ter conhecido essa pessoa</p> <p>Frustração de não poder ter relacionamento mais sério com a menina por pagar as contas</p> <p>Tristeza por se sentir como um pedaço de carne na profissão</p>	<p><i>Pra caramba</i></p> <p><i>Por cima de tudo / estar pra tudo</i></p> <p><i>Estar do lado (de alguém)</i></p> <p><i>Sentir saudade</i></p> <p><i>Viver num açougue</i></p> <p><i>Dar conta</i></p> <p><i>Pagar as contas</i></p>	<p>Amor romântico baseado na pessoa, nem tanto no sexo</p> <p>O corpo como mercadoria sexual, como carne</p> <p>Infelizmente, o amor não paga as contas, só a profissão sexual</p>
<p>Comparação de São Paulo com a cidade de Salvador</p>	<p>São Paulo é um lugar de oportunidades de trabalho</p> <p>Salvador é uma cidade sem movimento, morta, deprimente, com poucos clientes</p>	<p>Tristeza e frustração pelas vivências ruins de Salvador que não retrata o estereótipo de cidade alegre, charmosa</p>	<p><i>Mentira!</i></p> <p><i>Dar uma baixa</i></p> <p><i>Estar no beco escuro</i></p>	<p>Representação de Salvador como cidade parada e dos soteropolitanos como pessoas tristes e pouco educadas</p>

5.3.5 ASPECTOS DA IDENTIDADE DE JOELHO

Joelho é um homem, apresentado como heterossexual, de 34 anos com estudos primários que trabalhou como segurança. Naquele momento era boy. Costumava ganhar uns cem diários, no dia que havia serviço. Pernambucano, falante apenas de português, manifestou ter morado em São Paulo e Fortaleza e seu desejo de casar e ter filhos.

Ciente do estigma que recebe sua atividade profissional, o garoto de programa preferiu se manter oculto e discreto, pois sua família não aceitaria saber a sua verdadeira profissão –“(J): [**DE JEITO NENHUM**, EU? 🗨️ 🤔] minha família não sabe, vou fazer um negócio desse 😊”–. Com certa vergonha e culpa e sob a fórmula imperante *de jeito nenhum*, o scort expressou seu alívio / livramento por seu círculo mais próximo não saber da identidade profissional com o fraseologismo *graças a Deus*, ao ter sido questionado se a sua família tinha ciência –“(J): [**Graças a Deus**, NÃO, (fica muito sério) 🤔]”–. Posteriormente, o colaborador asseverou que dois amigos sabem, com o fim de lavar a sua culpa e vergonha –“(J): [Eu tenho amigos que sabe, um amigo e uma amiga, mas ele me apoia 🙌]”–. Em vista disso, *graças a Deus* e *de jeito nenhum* representam a dimensão política que adquire a prática profissional na psique do sujeito para *fazer essas coisas / essas paradas* –“(J): *Foi no período quando comecei essas paradas* 🤔]. Foi no rolê da noite para amanhecer. [*Foi no início quando comecei a fazer essas coisas* 🤔]”– referindo-se, assim, a um trabalho inominável por abjeto e vil: a prostituição.

Como para Virilha, o melhor da profissão sexual é o lucro e o trato com as pessoas, materializados com o fraseologismo *ser show*. Essa possibilidade de ganhar dinheiro e fazer amizades é apresentada pelo informante como um benefício –“(J): *Deixa pensar* 🤔 acho que conhecer amizades e grana. Isso *é show*”–. Já o pior, segundo ele, é a dificuldade de tratar com o ser humano, sob o clichê *a gente não sabe quem é quem*, visto que há homens esquisitos e sujos.

(J): [*Tem que ficar com todo tipo de gente, tem que tá se prevenindo direto, a gente não sabe quem é quem, só vê por fora, E POR DENTRO?* 🗨️ 🤔]. Embora que a gente se previne, [pelo menos, eu me previno 🤔], mas [*aquela história* 🖐️ *dente careado* 🤔. *Tem cara que só deixa chupar o pau dele se for com preservativo* 🤔].

O perfil maioritário do garoto de programa, conforme narrado, são homens casados, alguns “heterossexuais”, imersos na incomunicação de uns casamentos com

pouco diálogo e muita responsabilidade. O fraseologismo *ser foda* revelou a solidão dos clientes, amenizada com a locução *trocar uma ideia* –“(J): [*Mano, nem vai acreditar* 🤔 🗣️]. [*HOMENS CASADOS* 🗣️, *homens heteros, casados* 🗣️], *que tem aquela relação estável e que chegam alguns com muito papo, querendo trocar uma ideia, tá ligado?* 🗣️] [*A solidão é foda, véi* 🗣️🤔]”–.

Com as fórmulas discursivas *deixa pensar, nem vai acreditar e para falar a verdade* como modificadores ou gestores emocionais (cf. HOCHSCHILD, 1979), assim como ressignificadores das suas emoções, o scort quis apresentar três aspectos relevantes da sua profissão: a grana, os homens casados e o ficante fixo.

Condicionado pelo discurso hegemônico da heteronormatividade, o prostituto nos ofereceu três depoimentos:

- a) Com a colocação *ficar fixo*, o entrevistado transpareceu certa vergonha, abrangendo a escassa naturalização dos relacionamentos homossexuais na constituição subjetiva deste garoto de programa. Essa denominação de ficante fixo desvelou o único padrão possível de vínculo afetivo intenso com homens –“(J): Cara, *para falar a verdade*, [*já teve cliente que me ajudou, a gente ficou fixo, mais de anos* 🤔🤔]. [*Me deu moto, me dava as coisas, roupa, me ajudava, me dava uma grana por mês* 🗣️🤔]”–.
- b) Por meio das locuções *na moral e pra caralho*, com o sentido de verdade intensificada, o inquirido apontou com o orgulho para a sua masculinidade, não perdendo a oportunidade de se posicionar como macho heterossexual atraído por mulheres e obrigado a ter sexo com o gênero masculino por necessidade –“(J): Já, pô. Eu fico 🗣️. [*Curto uma buceta* 🤔] [*PRA CARALHO, NA MORAL* 🗣️ 🗣️🤔]”–.
- c) Através das estruturas tabus *essas paradas, essas coisas*, o boy ostentou a sua masculinidade na representação mais tradicional e primitiva, como máquina sexual ou perfeito garanhão, mesmo sendo com homens. Assim, o colaborador narrou ter realizado uma orgia com 50 clientes e 7 prostitutas, na qual ressaltou ter gozado doze vezes numa noite.

Se a pessoa paga mais, gozo. [*Já gozei doze vezes. Foi no período quando comecei essas paradas* 🤔]. Foi no rolê da noite para amanhecer. [*Foi no início quando comecei a fazer essas coisas* 🤔]. Foi numa suruba que eu fiz. Tinha cinquenta caras. Tudo misturado,

todo mundo junto. Ae eu gozei doze vezes. Um pacote fez eu e outros boy. 7 boys e cinquenta caras.

Diante do exposto, não deve ser nada fácil se considerar heterossexual e praticar a prostituição quase exclusivamente com clientes masculinos. Sendo assim, não é de se estranhar que, para Joelho, os vínculos estejam restringidos ao âmbito da profissão sexual, nessa concepção de gueto, favorecendo a invisibilidade e estigmatizando ao grupo social –“(J): Eu me dou bem com cliente, com boy. [*É assim, a gente que trabalha na sauna. É muito boy lá, pega amizade* 😊😊]”– manifestou com certo orgulho os laços de amizade com os colegas de profissão nas saunas para homossexuais.

No entanto, esses relacionamentos foram apresentados como fracos, pouco consistentes, dentro de um universo, o dos prostitutas, retratado como um mundo de safados e ladrões. Com certa raiva aparente dos colegas de profissão pelas atitudes imorais e deploráveis, o scort estigmatizou, de certa forma, a própria categoria, se valendo de dois fraseologismos, a saber: *ser uma raça desgraçada* e *deixar na havaiana (alguém)*. No viés mostrado pelo informante, ambas estruturas linguísticas norteiam o âmbito do meretrício masculino: a sacanagem e a ambição de dinheiro, materializadas pela primeira e segunda unidade fraseológica, respectivamente.

(J): [*Mas, pra se apaixonar é muito difícil, nem se iluda* 🙄]. Pa se apegar, nam! 😊 [*Boy é muito esperto, é uma raça desgraçada* 😊]. Tem boy muito pilantra. Tem boy ladrão, tem boy que faz pensar que tá apaixonado por você. [*Se avexa, ele deixa você na havaiana, come tudo o que você tem* 🙄😞].

Além de ser condenado socialmente a viver no silêncio por causa da prostituição e pelas práticas homossexuais, isto é, por alugar seu corpo ao sexo masculino, o colaborador destacou que a profissão nem proporciona felicidade, mas bem tudo o contrário –aversão, nem o realiza e satisfaz como indivíduo. Com as expressões *poxa!* e *de boa*, Joelho exteriorizou certa resignação, mascarada de apatia calculada –“(J): [*Poxa!, eu me sinto bem, porque a gente não fica muito pensando. Eu aceito de boa, ta entendendo?* 😊]. É complicada a situação” –. Assim, por meio das fórmulas *é foda!* e *é muita história*, o garoto de programa com raiva e certo nojo nos desvelou a cara mais oculta da profissão: os clientes –“(J): [*Tem pessoas sujas, tem pessoas limpas* 🤢]. [*Tem de tudo o que você imaginar* 🙄]. Cada um tem seus tesão, suas coisa. [Uns querem que

eu mijei na boca, outros querem bosta na boca. *É foda!*, mano 🤢 🤔]. [*É muita história!* 🤔]”–.

Ademais, aparece como em todos a justificativa do amigo que o incentivou ao meretrício, sendo praticado principalmente pela situação financeira e por ter sido corrompido por aquele colega. A culpa é do sistema, nunca dele.

(J): Tô com cinco anos *na parada*. [Antes trabalhava em loja de calçado. Era até bom, mas me *botaram pra fora* 🤢 🤔]. Ganhava quase 2000, que tinha comissão e essas coisas aí. [Um amigo meu que é também me estimulou. *Porra, véi!* Eu não queria não, mas aí até hoje 🤢].

Sabe-se que a expressão *na parada* substitui à profissão inominável e os fraseologismos *botar pra fora* e *porra!* revelaram a lamentação e a desculpa do entrevistado por estar exercendo a prostituição. A culpa é de ter ficado no desemprego, *botar pra fora*, e do amigo que o estimulou, *porra, véi!*”–.

Definitivamente, os parceiros carregam a culpa da sua situação:

(J): Olha, até eu vim fazer um concurso aqui, em Salvador, fez quatro anos disso agora na Copa e passei, só que não vim assumir e aí 🤔 me arrependi. [Concurso de agente penitenciário 🤔]. Eu vim fazer, fiz a prova, passei, e aí *o que acontece*, [meus amigos foram *botando coisa na minha cabeça para mim não vir* 🤢]. Foi o tempo que aqui estava muito perigoso e não vim 😊.

Conforme relatado pelo inquirido, o medo que o invadiu, motivado pela influência dos amigos, é o grande responsável pela sua triste e lamentável condição profissional, a qual pretende abandonar quanto antes, pois a considera temporária –“(J): [Eu já fazia antes, mesmo trabalhano, aí sai do trabalho, me empolguei e fiquei, mas nesses dias já tô parano também 🤔]. Eu pretendo montar um negócio pra mim e *sair dessa vida*” –. Por meio desta última estrutura, a fraseologia aponta para o estigma linguístico / fraseológico do vocábulo *vida*, categorizado como depreciativo ou pejorativo, como ocorre com outros como *mundo*, *vidilla* ou *mundillo*, dos quais é preciso sair o mais rápido possível. *Sair dessa vida* constitui o apagamento desses profissionais do sexo nesse embate dialético de constituições identitárias deterioradas.

Por fim, Joelho nos ofereceu uma comparação do seu lugar de origem, Recife, com a cidade de Salvador. Por uma parte, Recife foi representado como um lugar violento, se servindo das fórmulas *tu é doido!* e *tá demais* –“(J): *Esse final de semana, eu tava vendo hoje de manhã foi registrado 24 homicídios, pô! No Estado, tu é doido!*,

muito roubo, muita morte, tá demais 😞. Recife tá um arraso 😞😞]”-. Por outra, Salvador –para ele, ao igual que para Coxa– é uma cidade sem movimento, com poucas oportunidades de trabalho e poucos clientes –“(J): Para mim, [*a coisa tá feia, pô. Pouco cliente* 😞😞]. Já ouviu falar que baiano é preguiçoso?”-.

No final das contas, deu a impressão que Joelho não estava muito satisfeito na cidade, mostrando certa tristeza e frustração pelas vivências ruins experimentadas na capital baiana, contrariando com a fórmula *nada a ver* o estereótipo baiano, representado pela locução *ter axé*.

(J): Macho, a minha expectativa antes [de chegar em Salvador é que eu iria transar mais do que a quantidade de igrejas que existem. E que o baiano *tem axé*. Mas, *NADA A VER* 😞]. [Só vejo violência, enrolação, 😞 tá difícil combinar motel, 😞 você vai pega uber, aí não é, só que, *graças a Deus*, comigo não aconteceu assalto não, mas tem que *tar ligado* 🤔😞].

A continuação, é apresentado um quadro-síntese temático das narrativas de Joelho que amavelmente nos proporcionou:

Quadro 17 – Dimensão narrativa de Joelho

Tópico da narrativa	Ideias subjacentes	Dimensão expressiva /	Dimensão fraseológica / linguística	Dimensão política / ideológica
O positivo da profissão é o dinheiro / lucro e o trato com pessoas	Possibilidade de ganhar dinheiro e fazer amizades Há homens esquisitos e sujos	Alegria -ganhar dinheiro – e amigos. Nojo / desconfiança de alguns clientes	<i>Ser show</i> <i>A gente não sabe quem é quem</i>	Justificativa continua do lucro Dificuldade de tratar com o ser humano
A vergonha de alugar o corpo	Vive na clandestinidade A família não aceitaria saber a sua verdadeira profissão. Apenas dois amigos sabem	Vergonha da profissão	<i>Fazer essas coisas / essas paradas</i> <i>Graças a Deus</i> <i>De jeito nenhum</i>	A prostituição - profissão inominável por abjeta e vil Ocultação da identidade profissional
A restrição dos vínculos na	Amizade com os colegas de profissão na sauna	Resignação pela restrição ao grupo Vergonha da	<i>Pegar amizade</i> <i>Deixar na havaiana (alguém)</i>	Grupo social estigmatizado – Redoma de vidro Formação de gueto –

profissão sexual	Mundo dos prostitutas / universo de safados e ladrões	profissão Raiva dos colegas com atitudes imorais e deploráveis	<i>Ser uma raça desgraçada</i>	invisibilidade O estigma / preconceito dentro da própria categoria
O perfil e relacionamento com os clientes	O perfil maioritário são homens casados e alguns “heterossexuais” Criou vínculo com cliente que virou ficante. Marca que tem sexo com mulheres. Relata suruba com 50 clientes e 7 boys	Surpresa Vergonha por não naturalizar relacionamento homossexual Orgulho da masculinidade Orgulho por ter gozado doze vezes	<i>Trocar uma ideia</i> <i>Ser foda</i> <i>Ficar fixo</i> <i>Na moral / pra caralho</i> <i>Começar nessas paradas</i>	Na profissão tudo é pago. Não há sentimento Heteronormatividade Representação da masculinidade como máquina sexual
A profissão não realiza o sujeito	Ele faz por dinheiro / para poder pagas as contas Relata muito cliente sujo com práticas sexuais como o scat	Tristeza / Resignação Nojo da profissão	<i>De boa</i> <i>É muita história</i> <i>É foda!</i>	Realização pessoal não há na profissão sexual Dificuldade de tratar com o ser humano
Um amigo dele o estimulou à profissão sexual	Foi vendedor, mas o demitiram Prestou concurso na Bahia, passou e perdeu por medo de vir Trabalho temporário	A culpa de ele exercer a profissão é de não ter emprego, do amigo que o incentivou, dos amigos que meteram medo, dentre outros	<i>Botar pra fora</i> <i>Porra!</i> <i>Botar coisa na cabeça dele</i> <i>Sair dessa vida</i>	Vítima da sociedade A culpa da prática profissional é do sistema Profissão temporária
Comparação do seu lugar de origem com a cidade de Salvador	Recife é um lugar violento Salvador é uma cidade sem movimento, pouca oportunidade de trabalho, poucos clientes.	Indignação / raiva pela violência de Recife Tristeza e frustração pela vivência ruim de Salvador	<i>Tu é doido!</i> <i>Tá demais</i> <i>Estar ligado</i> <i>A coisa tá feia</i> <i>Ter axé</i> <i>Nada a ver</i>	Representação de Recife como cidade violenta Representação de Salvador como cidade parada

5.3.6 DIMENSÃO IDENTITÁRIA COMO GRUPO SOCIAL ESTIGMATIZADO

Partimos do pressuposto que o sujeito como profissional do sexo está condicionado por certa dimensão política e ideológica que obriga a apresentar a sua identidade como prostituto de uma forma determinada, em virtude de ideias, em grande parte, pré-construídas, cristalizadas, convencionais e estruturadas –que circulam nas narrativas– de acordo com os lugares de fala que ocupam tais sujeitos.

O corpus fraseológico emergente nas histórias de vida dos colaboradores aponta para diversos efeitos de sentidos que pretendem contornar a matriz ideológica imperante e se articular de forma adequada e necessária ao contexto social e histórico. De fato, vislumbramos nos fraseologismos como não há um único discurso responsável, encontrando certa variedade discursiva e, portanto, fraseológica.

Tal fato deve-se à metodologia da própria tese, ao ter sido priorizado certa diversidade proposital, dentro de um mesmo grupo: os profissionais migrantes do sexo, no que tange à idade, sexo, gênero, origem e língua, dentre outras características. Entretanto, não é irracional sustentar –sem podermos esquecer que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia– que tal diversidade linguística/discursiva é coincidente com ou se encaixa, em grande parte, nas ideologias hegemônicas e/ou representações sociais aceitas que formam parte, inevitavelmente, da constituição subjetiva e discursiva destes profissionais do sexo.

Haja vista, os sujeitos colaboradores se apresentam como *futuros pais* ou *mães* que devem sustentar com a prostituição seus filhos; ao mesmo tempo que são *irmãos / filhos* de uma família que mal consegue entender que precisam se estabelecer financeiramente. Assim, alguns destes são *migrantes* sem papéis, que vivem clandestinamente em situação irregular no país de acolhida e que pretendem aos poucos normalizar a sua documentação. Comumente, são pessoas *desempregadas* que buscam na venda do sexo uma forma temporária de ganhar dinheiro até poderem encontrar outra ocupação.

Em síntese, comparecem como vítimas do sistema, como *amigos ingênuos* que se deixaram levar pelas recomendações de outros amigos/as; vítimas de um destino que infelizmente os arrastou a trilhar os caminhos do meretrício. São tudo isso e muito mais do que simplesmente garotos/as de programa.

Vejamos, pois, os tópicos que conformam o arcabouço ideológico / identitário comum destas identidades estigmatizadas –através da análise fraseo-discursiva.

5.3.6.1 A justificativa recorrente do lucro

Expressões, tais como, *dinero fácil, hacer por dinero, pagar mis cuentas, sacar dinero* ou estruturas do tipo, *eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém / aqui se paga todo* desvelam como o dinheiro é central na prostituição.

Como em qualquer trabalho, o lucro é a retribuição pela atividade desempenhada. Porém, no caso dos profissionais do sexo, parece que o ganho é o ponto primordial, pois a profissão não os realiza como pessoas. Mesmo não se sentindo representados, nem realizados profissionalmente, optam por alugar o corpo. Segundo os relatos, dessa forma obtem-se mais, existindo muitas contas a serem pagas e muitas responsabilidades a serem cobertas. Simplesmente, é uma questão de lucro; no fundo, trata-se de um negócio rentável. A grana é uma das explicações mais recorrentes para se isentar de qualquer culpa e justificar o exercício de uma profissão vil e abjeta, não só para os outros, mas também para eles mesmos.

As constantes justificativas e a “perseguição” de *sair dessa vida* em que vivem são os pontos de equilíbrio para poder lidar com a “vida difícil”, vivendo numa contradição permanente de ora ser e pertencer, ora não ser e não pertencer aos papéis socialmente aceitos.

Depoimentos como os apresentados corroboram como o lucro opera ideologicamente em todos os entrevistados como justificativa contínua, questão central e minimizadora de qualquer culpa:

(P): [Y estuve con él como que y nada eran tres horas y me cayeron como que 300 EUROS 😊];

(V): [Hay profesiones que sí, que si te gustan las **haces con amor** 😊]. [YO NO. YO ESTOY HACIENDO POR DINERO 😊];

(V): [Consigo **pagar mis cuentas** y no debo nada a nadie 😊];

(O): [Al final, tú dices por fin acabó y estás tranquilo porque tienes **dinero fácil** 😊 😊]; (O): [Mi primera vez con un hombre fue con un señor que me pagó y yo me sentí genial 😊]. [Me sentí como que valía algo 😊];

(O): [Yo voy, estoy el tiempo que el cliente quiera, **aquí se paga todo**, sería como una compañía 😊].

(O): Entonces mi pareja de entonces me incitó: vamos a intentarlo, pensé 😊 puedo **sacar dinero** en poco tiempo 😊, [aunque no nos guste, se puede hacer 🙏];

(C): 😊 [Tá bom, dá um dinheiro, **eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém** 😊];

(J): *Deixa pensar* 😊 acho que conhecer amigadas e grana. Isso é *show*.

5.3.6.2 A vergonha de alugar o corpo e o medo a serem descobertos

As estruturas tabus com pronome neutro ou palavra-ônibus como *hacer esto*, *trabajar de esto*, *fazer essas coisas / essas paradas* e as inúmeras unidades fraseológicas como *¡qué cosas!*, *de eso nada*, *¡qué vergüenza!*, *¿estás loco?*, *pelo amor de Deus*, *tem como não*, *por poupar*, *(não) ter peito*, *de forma alguma*, *graças a Deus* ou *de jeito nenhum* apontam para duas das emoções mais experienciadas na profissão sexual por conta do estigma, a saber: a vergonha e o medo de falar abertamente acerca da sua identidade profissional.

O silêncio é indício de uma totalidade significativa. Este está determinado pela matriz cultural e ideológica predominante que impõe o apagamento destas identidades por serem consideradas infames, desprezíveis, ignominiosas, execráveis e repugnantes. Sendo assim, impera o medo a poder falar com orgulho e satisfação da profissão e das práticas sexuais. Origina-se o apagamento da ocupação que executam perante seu círculo mais próximo de amigos e familiares.

Esse silêncio é mais do que a ausência do som; é o mascaramento, o não dito por receio às consequências. É a vergonha, é o medo. A profissão e tudo o que envolve a mesma fica às escuras; na clandestinidade, calada e omitida.

A seguir, alguns trechos que podem constatar o medo a serem descobertos:

(P): NO, NO, NO ☹️. O sea, mi familia es muy cerrada en ese tema. [Y pensarían que eso es lo peor. Ellos dicen que eso es lo último que una persona puede hacer 😞].

(E): Y nadie sabe o sí sabe que tú te dedicas a...; (P): ¿Mi familia?;

(E): Sí; (P): [NO, JAMÁS ☹️].

(V): [mi padre no ha sabido, mi padre no ha sabido: *de eso nada*, NUNCA, JAMÁS 😞].

(O): Nadie ☹️ ¿estás loco? 😞].

(C): [eu acho que não, não aceitariam *de forma alguma* isso ☹️]. Eu vivo camufladamente, no silêncio 🙊].

Analogamente, observa-se que a ideologia dominante é que o aluguel do corpo ou venda de sexo não é correta, daí que emergja o sentimento de vergonha e até culpa pelo que estão realizando, dado que é uma prática considerada errada. Com efeito, não é de se estranhar que diversos fraseologismos como *¡qué vergüenza!*, *¡qué cosas!*, *tem como não*, *pelo amor de deus* ou *de jeito nenhum*, dentre outros, exteriorizem um rubor causado por uma profissão conceituada como vil e abjeta.

Assim, apresentamos algumas falas que sustentam o afirmado:

(P): [Sí, ¡qué cosas! ¿no? 😞 🗣️].

(V): [no le ha gustado, claro, con mi madre, no 😞]. [Pero, bueno, dijo: **Pelo amor de Deus**, hija, busca otra cosa, otro trabajo 😊]. No más, no 🗣️.

(O): [Nadie 🗣️. ¡Qué vergüenza! 😞].

(C): Mas simplesmente é **por poupar** porque várias pessoas da minha família [JAMAIS ACEITARIAM ISSO, JAMAIS 🗣️😞😞].

(C): [NÃO, **tem como não** 🗣️🗣️]. [Minha família não sabe o que eu faço].

(C): Não falo, não é por não **ter peito**, sabe? 🗣️ [De chegar e dizer, olha, eu faço esse tipo de serviço 🗣️].

(J): [**Graças a Deus**, NÃO, (fica muito sério) 🗣️]. [Eu tenho amigos que sabe, um amigo e uma amiga, mas ele me apoia 🗣️].

(J): [**DE JEITO NENHUM**, EU? 🗣️ 🗣️] minha família não sabe, vou fazer um negócio desse 😊.

5.3.6.3 A vergonha de um trabalho “temporário” e a simulação de outras profissões

A matriz cultural e ideológica predominante impõe o apagamento destas identidades. Dessa forma, não é incomum vislumbrar certa vergonha ao se referirem à prostituição. O discurso recomenda, sem uma clara consciência dos inquiridos, em ocasiões, que o exercício da profissão se apresente como circunstancial e momentâneo.

Em vista disso, costuma-se afirmar a conveniência ou desejo de sair dessa vida. Os fraseologismos *para nada, como que no, salir de eso, dejar esta vida e sair dessa vida* materializam essa concepção temporária da prostituição e essa aspiração de abandonar iminentemente a profissão sexual.

(P): Temporal. Hasta que yo pueda estabilizarme como tal ¿sabes?

(P): Sí, [con una mujer, tener hijos y **dejar esta vida** 🗣️].

(V): ¡Claro! 🗣️. Sí hay que dar un tiempo, porque [llega un momento que tú no quieres saber de esto **para nada** 🗣️] [¡Ay, no! ¡qué **asco!** 🗣️].

(V): No, ahí, es difícil y yo quiero es **salir de eso** y acabar 😊.

(V): [Pero decir: disfruto eso, que quiero, que me gusta, **como que no** 🗣️ 😊]. Por un tiempo, no más 🗣️.

(C): Já tentei, já sai, já voltei. [Olha, às vezes tem que parar mesmo porque é muito **nojo**, para ser sincera 🗣️🗣️].

(J): [Eu já fazia antes, mesmo trabalhano, aí sai do trabalho, me empolguei e fiquei, mas nesses dias já tô parano também 🗣️]. Eu pretendo montar um negócio pra mim e **sair dessa vida**.

Essa situação de estigmatização social do meretrício produz nos sujeitos não apenas essa conceituação de situação ocupacional transitória ou passageira, bem como a invenção de outras identidades profissionais com o propósito de camuflar a verdadeira e

atual identidade como trabalhador sexual. Com fórmulas em português como *pele amor de Deus* ou *já pensou?*, os colaboradores, imersos na vergonha e no medo, criam narrativas de outras profissões socialmente aceitas. Exemplos disso se anunciam nas falas na sequência:

(P): le digo que soy otra cosa, que trabajo en una tienda, que soy... 🤔
[Yo en Venezuela trabajaba, yo era fotógrafo 📷].

(V): Invento 🖐️, soy camarera, porque ya lo he hecho varias veces, [no puedo decir que soy prostituta ▶️], [*pele amor de Deus* 🔊] 😊.

(P): Cualquier trabajo, cualquier otra cosa, [en una tienda, en un restaurante. Eso es lo que tú les dices, ahora estoy en una tienda, en un restaurante, entonces, te vas inventando trabajos 🤔 (mexe a cabeça) 😊].

(C): [Alguns pensam que eu trabalho no serviço de telemarketing. Já pensou? 😊😊].

Haja vista, o que podemos observar no fundo é uma insatisfação com uma profissão que não os realiza pessoalmente como sujeitos no mundo.

5.3.6.4 O nojo perante o sexo e a isenção de culpa dos clientes

Geralmente, se paramos para pensar nos condicionamentos sociais que os inquiridos trazem consigo, não é raro considerar que os entrevistados não disponham de uma clara liberdade para manifestar explicitamente que fazem o que fazem porque querem ou sentem prazer, ou seja, afirmar simplesmente que gostam da atividade sexual.

Em virtude disso, o discurso cristalizado e institucionalizado é certa proibição sutil de gostar de sexo e expressá-lo. Esse sexo só é válido para o outro, isto é, para o cliente. Por isso, emergem ao longo das falas diversas unidades fraseológicas que refletem a emoção nojo dentro do padrão emocional esperado, tais como: *¡guácala!*, *¡Dios mío!*, *¡qué locura!*, *¡qué asco!*, *ter nojo, é muita história* e *é foda!*

(P): [Es difícil, en principio no me gusta 😊]. Puede ser que llegue uno que tenga feeling. Pero más que [todo son puras personas mayores 🤔].

(P): Me baño, todo lo que sea posible, [porque SÍ ME DA ASCO 🤔], [mas cuando no te gusta una persona ¿sabes? 🤔😊]

(P): [Que tú haces caca 🖐️ pupu y la persona se lo come 🤔] [Sí. Yo no podía aceptar eso 🤔, o sea, me da *asco*, *¡guácala!* 🤔].

(P): [En lo que comienzo a averiguar scat, *¡Dios mío!* 🤔 😊] ellos les gusta que tú los veas, [mientras ellos se están comiendo la 🤔 MIER-DA 🔊 *¡qué locura!* 🤔].

(V): [TÚ coges un cliente ESTÚPIDO 🖐 es un hombre que no se ducha, que tiene peste 🤢, pero te está pagando, tú te tienes que sujetar ¿sabes? a eso 😊] [...] [Meu Deus! Demais! ASCO!! Pero asco 🤢, tengo ganas de salir corriendo 🏃, ¿sabes?]

(V): ¡Claro! 🙄. Sí hay que dar un tiempo, porque [llega un momento que tú no quieres saber de esto para nada 🤢] [¡Ay, no! ¡qué asco! 🤢].

(C): [Tenho nojo 🤢, às vezes muito nojo, sabe? 🤢] Meu beijo é arsênico.

(J): [Tem pessoas sujas, tem pessoas limpas 🤢]. [Tem de tudo o que você imaginar 🗣]. Cada um tem seus tesão, suas coisa. [Uns querem que eu mije na boca, outros querem bosta na boca. É foda!, mano 🤢 🤢]. [É muita história! 🤢].

A título de curiosidade, três dos cinco colaboradores relataram –se opondo com repugnância a– esse fetiche sexual de engolir fezes –scat– solicitado por alguns clientes. Cabe lembrar que essa emoção, de acordo com Miller (1998), deve funcionar como uma resistência forte que amenize contaminar nosso corpo ou nossa identidade com um fator considerado impuro, amoral ou perigoso.

Em contrapartida, as duas prostitutas, Virilha e Coxa, sob a perspectiva tradicional de mulher complacente, narraram também situações de prazer com algum cliente, fato proibido para os garotos de programa, imersos no discurso da heteronormatividade, geralmente.

(V): [Yo también paso bien, 😊]. Hay con clientes que lo *paso de maravilla*. [¡Claro, sí! 🙄] Yo el otro día quedé con un chaval guapísimo. [¡Ufff! *estaba muy bueno* y nos enrollamos así y lo pasamos 🖐 *unas dos horas muy bien, muy bien* 🗣 😊].

(C): *Tenho um que não consigo me desvincular* 🤢]. Acho que ele é o protótipo que eu queria, sabe? Ele vem, ele vai, ele chega, às vezes ele me respeita, [mas enquanto eu estou com ele, eu me sinto TOTALMENTE feliz 🤗 🗣].

Em suma, o nojo é materializado com naturalidade e sem nenhum tipo de desvio emocional ocasionado pelos informantes, pois a prostituição é abjeta, repugnante e asquerosa na construção ideológica hegemônica, categorizando como errados/culpados aos profissionais do sexo e eximindo de culpa aos clientes. Estes são os que vendem sexo e não os clientes que o compram. Os consumidores sexuais não necessitam se justificar, nem dar satisfação do que estão fazendo ali ou porque motivo traem seus pares. Não é preciso dar desculpas para uma prática considerada “natural” do ponto de

vista de quem paga, já que os instintos sexuais masculinos dos fregueses são aceitos e estimulados.

Entretanto, os consumidos sexualmente precisam de se justificar, sim. Um fardo de culpas interiorizado cai como um balde de água fria nos trabalhadores sexuais. Nessa concepção de dispensa de culpa dos usuários, é de praxe comum silenciar o cliente, não ser exposto. Ao contrário do que se poderia pensar, esse apagamento não é ingênuo, é proposital.

5.3.6.5 A culpa da prática profissional é do sistema

O discurso subjacente em todos eles é que a profissão sexual não é uma simples e livre escolha, mas é “falta de oportunidade” de um trabalho ou situação socioeconômica mais favorável. Como pode ser observado na análise das falas, os entrevistados tecem várias justificativas com o intuito de amenizar a própria prática profissional, pretendendo lavar a sua própria “culpa” por se prostituírem. É interessante lembrar que essa emoção é concebida como uma experiência mais particular, resultante de dores geradas pela autoconsciência (Tangney et al., 2007).

Nesse sentido, surgem os culpados pela venda de sexo/aluguel do corpo. A necessidade de sustentar os filhos, o abandono do marido, a situação irregular/ilegal no país, a influência de amigos/as para exercer o trabalho, o desemprego e as carências financeiras, até o próprio destino tem a culpa do que eles são e o que os prostitutas fazem com seus corpos. Qualquer desculpa se torna aceitável.

Recorrentemente, em todos aparece essa ideologia de que se viram obrigados a desempenhar a prostituição, pois nunca foi uma escolha livre e espontânea. Não assumem abertamente que também estão ali porque querem, silenciando suas escolhas. Porém, gritam que a culpa é do mundo. Nem os filhos, nem as condições financeiras, nem a influência dos amigos e nem mesmo o destino poderiam obrigá-los a vender sexo.

Em síntese, a culpa não pode ser apenas atribuída aos profissionais sexuais, pois eles são considerados e apresentados como vítimas: não escolheram estar ali e fazer aquilo, pelo que não podem, nem devem ser julgados por isso.

Os amigos são, via de regra, um dos principais culpados por levá-los e induzi-los ao “mau caminho”, como pode ser observado nas seguintes falas, por meio de fraseologismos que impregnam as narrativas, tais como: *dinero fácil, dar fuerte, dar dicas*, dentre outros.

(P): [Conocí amigos que se dedican y me dijeron que era **dinero fácil** 🤔].

(V): Una amiga acabó de llegar aquí y me dijo: ¿quieres venir? Y yo [**¡claro que sí!** Yo sabía a lo que venía 🤔].

(O): [Entonces ahí **me dio muy fuerte**, conocí a una persona que se hizo mi pareja, que **se dedicaba a esto** y me fue incitando 🤔].

(C): Tempo depois [contei essa história para uma amiga e ela me estimulou, me **deu umas dicas**. Pensei que tava certa e que ia ganhar mais grana do que padeira 🤔].

(J): [Um amigo meu que é também me estimulou. **Porra, véi!** Eu não queria não, mas aí até hoje 🤔].

A unidade fraseológica de ordem seria: **diz-me com quem andas que te direi quem és**. Além da influência dos amigos, encontramos outras justificativas:

a) no caso das brasileiras, o sustento das filhas as obrigaram a escolher a prostituição:

(V): [Estaba separada, con mis hijas muy pequeñas, llegaba muy tarde por la noche, y el sueldo **no daba para tanto** 😞 🤔].

(V): Ellos los hacen y nosotras los críamos. [Yo tengo que **hacer esto** por mis hijas 🤔 🗣️].

(C): [Eu vou continuar na minha profissão enquanto puder para poder ajudá-la 🤔].

b) para os venezuelanos, as locuções **sin papeles / de ilegal** que apontam para a situação de irregularidade no país de acolhida, Espanha, os empurrou para a profissão sexual, ou seja, a **trabajar en esto**.

(P): [Porque esto se **me hace más fácil** 🤔]. Y aparte de que todavía **estoy sin papeles**. Legalmente no puedo trabajar 😞.

(O): [Tienes que **estar de ilegal**, pero estoy en el proceso de organizar la situación 🤔 🤔].

(O): Ahorita no tengo documentos acá y entonces eso también me incita a **trabajar en esto** y nada [cuando yo tenga mis papeles, creo que me voy a asentar en algo tranquilo y hacer un proyecto grande 🤔].

c) já Joelho se viu induzido por conta da situação de desemprego e o cruel destino:

(J): Tô com cinco anos **na parada**. [Antes trabalhava em loja de calçado. Era até bom, mas me **botaram pra fora** 🤔 😞].

(J): não vim assumir e aí 🤔 me arrependi. [Concurso de agente penitenciário 🗣️]. Eu vim fazer, fiz a prova, passei, e aí **o que acontece**, [meus amigos foram **botando coisa na minha cabeça** para mim não vir 🤔]. Foi o tempo que aqui estava muito perigoso e não vim 😞.

Em suma, a culpa é sempre do outro, não é deles: é do sistema, é de um amigo, é das filhas, é da pobreza, é da falta de oportunidades...

5.3.6.6 A invisibilidade e o estigma da profissão sexual

Detectamos um padrão dominante que norteia os discursos corretos acerca do sexo, o que é admissível e o que não o é. A prática da prostituição desvia-se desse modelo normativo. Condenados a viver na clandestinidade por não encarar a sua legalização, as diversas opções políticas não contribuem para regularizar, e assim legitimar, a prática profissional. Diversos argumentos se entrelaçam para condenar esta profissão na eterna invisibilidade, desde os mais conservadores baseados na moral ou na religião até os mais progressistas na generalização do rechaço por exploração sexual.

Defende-se que o estigma e a invisibilidade operam na desigualdade do outro, pois esse outro não é considerado como um igual, mas como limitado ou inferior. Nesse viés, o meretrício se apresenta como algo inominável, não pronunciado, substituído por diversas estruturas tabu com pronome neutro ou palavras-ônibus, que operam como eufemismos, a fim de não proferir uma profissão repugnante e/ou ruim.

Na sequência oferecem-se vários depoimentos que evadem ou invisibilizam o termo prostituição:

(V): Ellos los hacen y nosotras los críamos. [*Yo tengo que **hacer esto** por mis hijas* 🙈🔊].

(O): [*Se me complicó todo* 😞]. *Estuve seis meses allá **haciendo eso** y luego volví a Ecuador con él*].

(V): *Al principio: pero yo como voy a **trabajar en eso**, si yo no sé* 🙈. *Ahí dijo ella: es solo hacer **la vida loca*** 😊😊.

(O): No, fue en Marbella. Yo vivía en Marbella y [*estuve como una semana **trabajando de esto** y **trabajando también de albañil*** 🙈].

(P): He conocido demasiados venezolanos que también **trabajan de esto**.

(V): Sí, trabajé de restaurante, cuando estaba con el novio, pero un tiempo y [*decidí **volver a esto**, hasta hoy* 🙈😞].

(C): [*Esses foram meus inícios **nisso aqui*** 🙈😞].

(J): [*Já gozei doze vezes. Foi no período quando comecei **essas paradas*** 😞]. Foi no rolê da noite para amanhecer. [*Foi no início quando comecei a **fazer essas coisas*** 🙈].

Outrossim, esse apagamento profissional está representado também por outros vocábulos como *mundillo*, *ambiente*, *vida*, *vida de prostituta* ou *vida loca*.

(V): [No muchos. Solo, las que se **dedican a esto**. No sé, es difícil tener amistades aquí **fuera de ese mundillo** 🤔😞].

(O): [No conozco mucho de **fuera de este ambiente**, porque normalmente las personas que no **trabajan en esto**, no entienden y no comprenden 🤔 que esto es un trabajo 😞]

(J): Eu pretendo montar um negócio pra mim e **sair dessa vida**.

(V): Solo habrá a alguien que le gusta eso, porque yo mismo no. [Yo vi de mujeres que le gusta eso, **QUE LE GUSTA**, porque tienen **vida de prostituta** 🤔].

(V): Al principio: pero yo como voy a **trabajar en eso**, si yo no sé 🤔. Ahí dijo ella: es solo hacer **la vida loca**] 😊😊.

Em vista das estruturas apresentadas, é claro e notório o estigma consciente e inconsciente que há sobre o aluguel do corpo, daí as inúmeras justificativas dos profissionais do sexo. As desculpas e os silêncios constituem um meio eficaz para a veiculação de ideologias, assim como na formação e (não) reafirmação de identidades.

No nosso caso, a prostituição está envolvida por uma matriz ideológica de efeitos de sentidos negativos que reproduz, reforça e perpetua a profissão como uma prática estigmatizada, posto que o comércio com o sexo é contrário à função procriadora para a matriz ocidental judaico-cristã. As narrativas se conformam afetadas por uma perspectiva estigmatizante do aluguel do corpo que abala e/ou mexe com o modelo tradicional e ideal de família.

Sendo assim, não é de se estranhar que o grupo social se configure como uma redoma de vidro e se isole na formação de guetos que propiciem certa invisibilidade social. Acreditamos que possivelmente a emoção vergonha opere por trás disso. Cabe lembrar as palavras de Carvalho (2010, p. 35): “o antídoto para a vergonha induzida pela alienação ao olhar do outro é a separação.” De fato, conforme a grande parte dos relatos, os colaboradores da pesquisa são condenados a restringir seus vínculos apenas ao âmbito profissional, estimulando esse distanciamento do olhar da sociedade. Fora dele não há nada, não há chance, só incompreensão e nojo por parte dos outros.

(P): **¡Exacto!** 🤔. No todas 😊. **Como te digo**, [no todas, porque no todas son scort. Pero sí la gran mayoría 😊].

(V): [No muchos. Solo, las que se **dedican a esto**. No sé, es difícil tener amistades aquí **fuera de ese mundillo** 🤔😞].

(O): [No conozco mucho de **fuera de este ambiente**, porque normalmente las personas que no **trabajan en esto**, no entienden y no comprenden 🤔 que esto es un trabajo 😞]

(O): [las únicas personas que te entienden, que te apoyan, que pueden estar ahí para ti tienen que trabajar en lo mismo 🤔. Sino vas a estar muy solo 😞😞].

5.3.6.7 O estigma dentro da própria categoria

Como comentado anteriormente, as falas tão naturalizadas –cristalizadas e convencionais– sobre a prostituição buscam sair-se e esquivar-se de tal prática, daí o discurso hegemônico da profissão como circunstancial e efêmera.

Os colaboradores não se posicionam, via de regra, como prostitutas.

Eles são pessoas direitas que se desviaram momentaneamente do caminho certo. Assim, os scorts não são homossexuais, apenas bissexuais ou heterossexuais que querem formar uma família, ser bons maridos, mas não “putos”; a exceção de Ombligo. Do mesmo modo, elas gostariam de ser mães, moças de família, boas esposas, mas não “putas”. Veado e puto, são os outros, ele não; putas safadas, são as outras; ela, não.

Nessa matriz ideológica, é lógico encontrar depoimentos paradoxais e contraditórios, devido a uma situação de transgressão com os princípios e valores que abraçam ou defendem ter. Daí que as vidas desses sujeitos sofram o apagamento e a invisibilidade; desenvolvam falas estigmatizantes dentro do próprio grupo.

(O): No, bueno sí, sí, obviamente, [*hay gente que le ama esto, y que le gusta y que lo hace porque le gusta y hay dinero* ▶▶].

(V): Solo habrá a alguien que le gusta eso, porque yo mismo no. [*Yo vi de mujeres que le gusta eso, QUE LE GUSTA, porque tienen vida de prostituta* ☹️].

Comumente, os profissionais entrevistados fazem parte de uma identidade profissional ou classe estigmatizada que não os representa, ou seja, eles não são aquilo, nem pertencem a isso. Conforme os relatos, a prostituição masculina e feminina se revela como um universo de víboras, um submundo de indivíduos sem moral e sem escrúpulos.

Por meio de fraseologismos como *pasar por encima, poner mal, quemarse el rabo, de la boca para fuera, ser una raza desgraciada* ou *deixar na havaina*, a categoria é retratada pelos próprios colaboradores –condicionados pelas crenças da cultura dominante– através de “um conjunto de características indesejáveis” (LINK & PHELAN, 2001), rotulando e estereotipando ao resto de colegas de profissão. Para eles, os prostitutas são invejosos, hipócritas, mentirosos, safados e sacanas, dentre outras atribuições negativas como observado nas seguintes falas:

(V): [*las compañeras, ¿sabes? se portan mal* 😞. *Sí, a ver...* 🖐️ *envidiosas, muy mentirosas, sí, no dá para confiar. Pasar por encima de ti, cambian totalmente. Te detonan, sí* 😞].

(V): Amistad, sí, 😏 pero no te puedes confiar 🙄. Sí, [son muy hipócritas, las propias compañeras te ponen // te buscan problemas ¿sabes? Te **ponen mal** 😏 🙄].

(O): [no son tan falsos, como por ejemplo un colombiano, que son muy falsos, te pueden amar **de la boca para fuera**, pero te odian por dentro 🤢 😏].

(O): De hecho, [todos los latinoamericanos pensamos que entre latinos **nos quemamos el rabo** 🤢 😏].

(J): 😏 [Boy é muito esperto, é **uma raça desgraçada** 😏]. Tem boy muito pilantra. Tem boy ladrão, tem boy que faz pensar que tá apaixonado por você. [Se avexa, ele **deixa** você **na havaiana**, come tudo o que você tem 🙄 😏].

(J): **OXE!** 🙄 Tem boy muito safado 🤚 **PILANTRA** 🙄. [Vai iludindo o cara e se fode. Eu sou **de boa**. Sou tranquilo. Se fizer amizade, faço, se não fizer, também tou **de boa** 😏].

É isso aí. Eles são de boa, nada a ver com os outros. Esta representação negativa da profissão sexual produz certo autoestigma, uma vez interiorizados certos aspectos ruins, o que leva à raiva para consigo mesmos e, assim, a se constituírem como uma “identidade deteriorada” (GOFFMAN (2004 [1963])).

O trabalhador do sexo não quer a sua profissão para os outros. Esta é desprezível, repudiada e vergonhosa. Não se aplica o famoso ditado: **filho de peixe, peixinho é**. Uma advogada pode sentir orgulho de ver o seu filho cursando Direito; uma professora não se importará se a sua filha estuda Pedagogia. Agora, a prostituta não desejará o mesmo para as filhas ou filhos –“(V): [**¡madre mía!** Yo no quiero que mis hijas hagan lo que yo hago 🙄 😏 😏 😏]”–.

Concretamente, denominar aos filhos de uma trabalhadora sexual com o fraseologismo **filho de puta** é apontar para diversas implicações, pois a mãe não apenas se vende por dinheiro, bem como também é uma promíscua que se relaciona sexualmente com “qualquer um”.

Daí que Virilha não queira essa “vida de puta” para os seus seres queridos –“(V): [yo no quiero esta vida para mi hija, para ninguna de las dos, no quiero 😏 😏]”–. Ela se posiciona no início como prostituta e não como puta. O fraseologismo deste paradoxo seria: **faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço**; reflexo da dupla moral e da raiva contida que os colaboradores sentem com relação ao que eles mesmos são e realizam: a prostituição.

5.3.6.8 (Re) Forçar o papel social aceito de mãe e a heteronormatividade

Duas correntes ideológicas podem-se dilucidar das análises das narrativas principalmente: a maternidade e a heteronormatividade, sob o padrão tradicional e ideal de família.

Por um lado, as trabalhadoras do sexo optam por mostrar ou ressaltar o papel como mães, pois é uma forma de justificar a profissão que desempenham, nessa ideia do sustento dos filhos. Dessa maneira, Roberts (1998, p. 384) afirma que um dos principais motivos para estas mulheres exercerem a prostituição é: “ganhar dinheiro suficiente para criar os filhos independentemente dos homens [...] tema que surge continuamente nas motivações das prostitutas.”

Virilha e Coxa não pensam só nelas próprias quando trabalham na indústria do sexo, uma vez que elas têm filhas. São essas filhas quem as empurram para a venda do prazer. O discurso materno passa a ser uma das desculpas utilizadas para isentá-las da culpa do aluguel do corpo, uma vez que esta prática profissional é executada como um “sacrifício” pelo outro.

De certo modo, como boas mães doam a vida pelo outro, o que as aproxima de Deus, que aceitou a crucificação do seu próprio filho pelo próximo. Elas estão se crucificando pelas suas filhas; não há coisa mais digna e louvável que isso. Sob estruturas do tipo *não dá para tanto, es lo que hay para hoy e não há outra escolha*, as garotas de programa expressam a sua resignação e firmeza no honroso e meritório sacrifício pelas filhas. Prova disso são as falas na sequência:

(V): [*Estaba separada, con mis hijas muy pequeñas, llegaba muy tarde por la noche, y el sueldo **no daba para tanto** 😊👉*] [...] el papá de mis hijas nunca se ocupó de ellas 🖐️ (V): [*No es que él no quería a sus hijas, él fue padre y eso, pero no me daba dinero, muy poquito, muy poco*

(V): [*Yo tengo que **hacer esto** por mis hijas 🤔🔊*].

(V): [*Porque trabajaba toda la noche y el día y **no daba**. Y la responsabilidad era casi toda minha, de las hijas ¿sabes? 🤔😞*]. *Es lo que hay para hoy.*

(C): [*Eu vou continuar na minha profissão enquanto puder para poder ajudá-la 🤔*].

(C): Ela representa tudo o que eu quis da minha vida, mas que jamais atingi até hoje 😊. [Então, é por ela que eu deito na posição que você quiser. *Não há outra escolha* 🤔😞].

Por outro, o caso dos trabalhadores do sexo é diferente. A exceção de Ombligo que se mostra abertamente homossexual e como sujeito não-binário, Pecho e Joelho

ressaltam o papel de homens, de machos, pois é uma maneira de amenizar a profissão de garotos de programa, sob a perspectiva de homens bissexuais / heterossexuais que fazem essa prática profissional apenas por dinheiro e nunca por prazer, já que, em ocasiões, nem se sentem atraídos por outro homem.

Quando os prostitutos trabalham nesse âmbito, normalmente tomam o papel de ativo. Tal fato traz à tona a ideia generalizada no tocante à homossexualidade do que o gay ativo não perde a sua masculinidade –associada a heteronormatividade– tanto quanto o passivo que recebe o pênis. A seguir, alguns discursos que (re) forçam essa perspectiva de formar uma família com mulher e filhos, como é o esperado como homens de família.

(P): *¡Obvio!* 🗣️ 😊 Soy bisexual, bisexual porque también hago con 🖐️ con los hombres.

(P): Sí, [con una mujer, tener hijos y *dejar esta vida* 🗣️].

(J): Já, pô. Eu fico 🗣️. [Curto uma buceta 🗣️] [PRA CARALHO, NA MORAL 🗣️ 🖐️ 🗣️].

5.3.6.9 A violência como pano de fundo

Diversos fraseologismos, tais como: *salir corriendo, lo más importante es la vida, pasar miedo, (no) cagarse (de miedo), estar dispuesto a todo, ¡qué horrible!, levantar a cabeza, tu é doido!* e *tá demais* apontam para situações de agressões variadas padecidas por cada um dos nossos colaboradores.

Pecho nos relatou um assalto com violência, levado a cabo por três sujeitos, no qual os assaltantes bateram nele com um pau, com o propósito de roubar um celular e dinheiro. O scort comentou que não reagiu e que desmaiou por causa da pancada. Posteriormente acordou cheio de sangue. Assim, o informante tratou das periferias de Caracas e os tiroteios ocorridos entre os malandros nesses lugares –“(J): Como peleas entre ellos mismos. Y las demás personas alrededores, *salíamos corriendo*”–.

Virilha narrou assalto com arma de fogo, calibre vinte dois, quando trabalhava de cobradora de ônibus no Brasil, usando o clichê *lo más importante es la vida* –“(V): [Lembrei da minha mãe que dizia: *se pasa eso entrega todo, entrega todo, lo más importante es la vida vuestra* 😊 🖐️ y así pasó 😊]”–, além de experimentar uma situação constrangedora com um cliente alto e forte que recusou pagar depois do serviço ter sido realizado.

Ombliigo nos apresentou uma tentativa de assalto com violência por um drogado com faca num parque de madrugada. O inquirido demonstrou o orgulho e a satisfação de ter reagido contra o assaltante, já que considerava injusto entregar os seus pertences –“(O): [*ese tipo de personas está dispuesta a todo y tú tienes que estarlo* 🙄] [...] [y entonces **no me pude cagar** en ningun momento, porque soy fuerte 🤪 🤪]”–. Assim, por meio da fórmula *¡qué horrible!*, se mostrou como vítima de violência doméstica por um casal homossexual.

Coxa também foi alvo de agressões na profissão sexual. Nos desvelou ter apanhado várias vezes sem entrar em muitos detalhes. Com a locução *levantar a cabeça*, a profissional ressaltou –“(O): Já aconteceu comigo, mas [*levanta a cabeza e noutro dia a gente está pronta para a guerra e a luta do dia a dia* 🤪]”–.

Finalmente, Joelho ofereceu um panorama de violência generalizada no Brasil. Em Salvador, o scort relatou ter perdido um concurso na época por medo aos eventos violentos nessa cidade; e de Recife, asseverou que o cenário estava muito complicado–“(J): *hoje de manhã foi registrado 24 homicídios, pô! No Estado, tu é doido!, muito roubo, muita morte, tá demais* 🤪. Recife tá um arraso 🤪🤪]”–.

5.3.6.10 A representação social da vida fácil

Na verdade, o que é conhecido com certo preconceito linguístico com a colocação “*vida fácil*”, pode se tornar tudo menos fácil. A difícil suposta vida fácil destes sujeitos deve lidar com diversas emoções encontradas e contraditórias ao mesmo tempo que vão desde a culpa e a vergonha até a raiva ou o medo.

Dinheiro fácil é outro dos fraseologismos mais recorrentes sobre a prostituição, que os próprios profissionais assumem e repetem de forma injusta. Parece que os prostitutas levam uma vida fácil em que ganham dinheiro fácil, pois eles são pessoas fáceis.

Depoimentos como os apresentados mostram o discurso hegemônico da vida fácil introjetado nos próprios trabalhadores sexuais:

(P): [*Porque esto se me hace más fácil* 🤪].

(P): [*Conocí amigos que se dedican y me dijeron que era dinero fácil* 🤪].

(O): *Tenemos que hacer dinero rápido* 🤪, aunque no es fácil de hacerlo,

(O): No, esto no es para mucho tiempo, [*se hace por una cuestión económica y la verdad hay mucha gente que lo hace porque es fácil* 🤔].

(O): [*Al final, tú dices por fin acabó y estás tranquilo porque tienes dinero fácil* 🤔 😊].

Essa visão reducionista deslegitima a profissão, já que qualquer trabalho necessita de esforço físico e/ou psíquico. No fundo da questão, é uma maneira de subestimar e desprezar a função que estes profissionais desempenham na sociedade. A ideologia dominante é que a prostituição não é um trabalho “de verdade” (reconhecido e aceito); em consequência, é fácil e não custa esforço.

Sem sombra de dúvidas, alugar o próprio corpo e vender sexo não deve ser mesmo uma empresa tão *fácil*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pretensão com esta tese foi elaborar um tipo de fraseologia principalmente para e com os sujeitos, na qual pudessem emergir diversos sentidos e emoções condicionados pelo lugar de fala e as diversas identidades em jogo, e para a qual foram propostas estratégias de análise e compreensão específicas da área da Linguística Aplicada para o fenômeno fraseológico, por definição de caráter estruturalista e extremamente formalista.

Do mesmo modo, avaliamos positivamente as técnicas e instrumentos do campo de pesquisa supracitado, tais como: o roteiro audiovisual e fotográfico para as questões de representação social, em forma de entrevista semidirigida; e a narrativa oral orientada que possibilitou a reflexão acerca da identidade profissional e de origem dos participantes.

Essas narrativas geradas, impregnadas logicamente dos mais variados discursos, funcionaram como um complemento acertado e adequado ao instrumento experimental dos materiais audiovisuais, uma vez que, além de nos proporcionar uma rica e ampla diversidade de fraseologismos, viabilizaram uma geração de dados que apontou para as relações entre fraseologia e identidade por meio das vozes dos colaboradores sustentadas nos posicionamentos de cada um deles.

No estado da arte dos estudos fraseológicos em ambos os países, pudemos certificar que as pesquisas neste campo de conhecimento, via de regra, trabalham com corpora escritos. Cabe suspeitar que a grande maioria destas investigações trata corpus artificializados, ao não focar em sujeitos do mundo real. Sendo assim, esta tese contribuiu para modificar esse cenário que desconsidera os sujeitos empíricos, ao possibilitar a compreensão de uma fraseologia das emoções veiculadas por grupos estigmatizados socialmente, levando em conta aspectos que envolvessem emoções e fraseologia, ausentes nas teses precedentes.

Além disso, apresentamos diversas questões que nos permitissem revisitar criticamente a fraseologia, tais como: a hierarquia dos fraseologismos; as visões reducionistas deste campo linguístico; as concepções acerca das unidades fraseológicas estigmatizadas ou relegadas a um segundo plano ou à periferia dos estudos; o conceito preconceituoso de gíria, exclusivamente social, mas não linguístico, como o patinho feio da área; a noção de polilexicalidade como dogma teórico, dentre outras reflexões.

Constatamos neste universo linguístico fraseologismos esquecidos ou, de certa forma, estigmatizados. Dentre eles, sublinhamos os *clichês* pela sua relação com o discurso repetido e a revelação de ideias que ao serem usadas em excesso perdem a novidade. Defendemos que estas estruturas se materializam nos discursos hegemônicos, cristalizados e convencionalizados em todas as sociedades, apontando, em ocasiões, para uma falta contra a verdade e/ou crenças simplistas. No nosso caso, observamos como os profissionais do sexo acionaram alguns, tais como: *los bebés son para la mujeres, não ser do mundo de (alguém), hay mucho loco, a gente não sabe com quem deita, a gente não sabe quem é quem, tem muita gente doida no mundo, o homem tem mais força, cada un tiene su vida, cada um faz o que quer, hay de todo, la vida no vale nada, hay gustos para todos* ou *quien es pobre es porque quiere*, dentre muitos outros. Sabe-se que as ideologias discursivas que estão por trás deles espalham ideias ou opiniões banalizadas, produto da pouca reflexão, conhecimento e/ou observação dos fatos sociais.

Outras unidades silenciadas por não cumprirem com os requisitos formais e/ou estruturais da área da fraseologia foram os *monolexicais*. Na tese argumentamos e demonstramos que algumas destas formas linguísticas se apresentam apenas com um item lexical, uma vez que elidiram uma ou várias das suas partes na sincronia ou diacronia da língua. Sem pretensão de estabelecer um paradigma, chegamos à conclusão de que existem pelo menos quatro tipos diferentes com relação à sua configuração estrutural, no que diz respeito à noção de polilexicalidade¹⁸⁹, especialmente nas fórmulas. A seguir apresentamos um quadro desta tipologia aparecida nas falas dos sujeitos da nossa tese:

Quadro 18 – A “polilexicalidade” das fórmulas

PLURIVERBAL	MONOVERBAL	MONOLEXICAL	UNILEXICAL
Duas ou mais palavras separadas graficamente	Redução grafemática na sincronia da língua	Redução grafemática na diacronia da língua	Apenas um item lexical com status de fórmula
<i>Graças a Deus</i> <i>De jeito nenhum</i> <i>É desse jeito!</i> <i>Meu Deus!</i>	<i>Covardia!</i> <i>Misericórdia!</i> <i>Dios!</i> <i>Foda!</i>	<i>Oxe!</i> <i>Vixe!</i> <i>Nossa!</i> <i>Valha!</i>	<i>Eita!</i> <i>Rapaz!</i> <i>Porra!</i> <i>Poxa!</i>

Fonte: elaboração própria do autor

¹⁸⁹ Como esclarecimento, pode consultar o ponto 5.2, quarto parágrafo.

Sabemos que englobar cada um destes como exibido neste quadro é problemático, pois alguns deles podem transitar em várias categorias, dependendo da consciência e/ou conhecimento linguístico que cada sujeito tenha dos mesmos, o que corrobora o nosso posicionamento de que visões estruturalistas como a proposta, às vezes, não se sustentam.

De qualquer maneira, assumimos esse risco e reiteramos que o fato de estas unidades não terem sido apresentadas necessariamente como *pluriverbais*, não nos dá o direito de excluí-las do âmbito de conhecimento da fraseologia, uma vez que estas adquiriram um significado especializado, metafórico, idiomático ou opaco, constituindo atos de fala com dependência contextual, pelo que entendemos que podem se encaixar perfeitamente na denominação *fórmula*, categoria comumente aceita no âmbito dos estudos fraseológicos.

Com relação à outra ovelha negra, as denominadas “*gírias*”, mais nada podemos acrescentar, pois já tudo foi exposto sobre essa questão estigmatizante e incômoda da área. Só lembrar que detestamos esse binarismo expressões / *gírias*, como proposto por alguns fraseólogos brasileiros, por ser conceitualmente perverso, dividindo as identidades linguísticas entre sujeitos que usam formas linguísticas legitimadas – expressões, confrontados com àqueles que empregam outros fraseologismos que aparecem como ilegítimos – *gírias*, e, por extensão, invisibilizados.

De qualquer forma, a fim de poder transitar de uma fraseologia de perspectivas limitantes para uma outra diferente à luz do teorizado pela sociologia das emoções, propusemos **estabelecer um novo paradigma de fraseologia com e para os sujeitos** – e, de quebra, não menos relevante, dar voz e vez aos que vivem silenciados.

No nosso entendimento, a emoção se configura como um estado complexo que combina processos afetivos e cognitivos que dão sentido subjetivo à experiência do ser humano, que é histórica, ideológica e cultural, porém, ao mesmo tempo, biológica, instintiva e visceral e que se apresenta como (in) adaptativa aos padrões e regulamentos da cultura emocional.

Depois de revisitada a sociologia das emoções como auxílio para a compreensão dos fraseologismos gerados, propusemos um deslocamento da teoria construtivista de Hochschild (1979) para os estudos fraseológicos, aplicando as três dimensões que essa autora proporciona para as análises das emoções, a saber: *expressiva, normativa e política*. Dessa forma, pudemos comprovar por meio das interpretações das unidades

fraseológicas nos discursos proferidos por sujeitos estigmatizados que é possível vislumbrar cada uma delas em diversas ocasiões.

A dimensão expressiva se relacionou com os recursos expressivos que esses colaboradores acionaram através de estruturas linguísticas gerenciadas, a fim de não incorrer num desvio emocional e se atentar para a dimensão normativa, isto é, para a seleção de fraseologismos baseados nos princípios de convencionalidade e solidariedade emocional.

A título de exemplo, eu mesmo como entrevistador gerei diversas fórmulas como reações emocionalmente adequadas às histórias de vida relatadas pelos profissionais do sexo, a fim de estimular essa solidariedade emocional mencionada, tais como: *¡hostia!*, *¡qué va!*, *¡já pensou?*, *¡ostra!*, *¡no jodas!*, *¡qué bueno!*, *que massa!*, *no me digas, como assim?*, *porra!*, *vixe!*, *sei lá!*, *eita!*, dentre outros.

Outra questão interessante que daria para outra tese foi o uso de um tipo de fórmulas que permitiu aos participantes gerenciar as suas próprias emoções e como estas iam ser apresentadas, conforme às dimensões expressiva e normativa, baseados na noção de gestão emocional de Hochschild (1979). Citamos algumas destas estruturas como modificadores ou gestores emocionais acionados pelos entrevistados: *para falar a verdade*, *deixa pensar*, *nem vai acreditar*, *por incrível que pareça*, *es lo que te digo*, *como te digo*, *como te dije*, *para ser sincero*, *para que te hagas una idea*, dentre outras.

Por fim, dilucidamos também como essas reações ou aspectos emocionais materializados em estruturas linguísticas estão determinados pela dimensão política, imersos nessa estrutura social e ideológica para a sociologia das emoções proposta pela socióloga supracitada.

De todos modos, com relação à ampla gama de fraseologismos apresentados, cabe detectar dois aspectos relevantes.

Por uma parte, no que tange à autenticidade dos sentimentos envolvidos, alguns deles como *que horror!* *covardia!* *meu Deus!* ou *marica!* apontaram para emoções intensas e verdadeiras, enquanto outros como *¡por favor!* ou *¡qué bien!*, nem tanto. Contudo, não coube a nós desmentir ou julgar essas unidades e quais delas exibem assuntos emocionais incertos ou falsos.

Por outra, no tocante aos aspectos formais, alguns deles se apresentaram como criações idiomáticas próprias do sujeito. Exemplos desses idioletos são: *dar uma baixa*, *passar a maquiagem*, *viver num açougue* ou *jogar quadrado* da Coxa; a locução *deixar na havaiana* de Joelho ou os fraseologismos *¡marica*, *qué estás haciendo con tu*

vida! ou *quemarse el rabo* de Ombligo. Já outros nas falas se manifestaram híbridos, cavalgando entre as línguas espanhola e portuguesa, tais como: *¡qué situación!, por nada, ¡qué nada!, ¡qué fofo!, es lo que hay para hoy, (el dinero) no dá, tener preconceito* ou *mira só!*, apontando para essa identidade translinguística que Virilha deixou transparecer nos encontros.

Seja qual for o sentido e a forma de apresentação, é claro que por trás de cada um deles há uma história e uma identidade própria.

Sem ser o foco do nosso trabalho, outra observação pertinente que podemos mencionar diz respeito à tipologia dos fraseologismos gerados pelos sujeitos entrevistados. No nosso estudo, a “rainha” dos estudos fraseológicos –a locução / expressão idiomática– foi destronada pelas fórmulas. Concretamente, encontramos mais de duzentas fórmulas e mais de sessenta colocações frente a um pouco mais de setenta locuções e uns trinta clichês. Tal fato dá-nos uma ideia de como a hierarquia das unidades fraseológicas discutida e questionada no capítulo três pode ser sustentada, de certa forma.

Atendendo para os três objetivos da nossa tese, elaboramos umas apreciações:

a) O *nosso primeiro objetivo* (vide 5.1) foi compreender de que maneira os profissionais do sexo nas diferentes práticas culturais lidavam com as emoções e o papel dessas na conceituação e na representação da tríade violência–corpo–sexualidade.

No que diz à violência pudemos observar de que forma fraseologismos como *dar igual, levantar a cabeça* ou *passar a maquiagem* naturalizaram os eventos violentos, enquanto outros como *lo más importante es la vida, la vida no vale nada* ou *¡qué horrible!* apontaram para os vestígios ou rastos que os diversos eventos deixam nos sujeitos. Com a expressão *bem feito!*, Joelho legitimou a violência das forças públicas do Estado. Já Coxa com as fórmulas *eita!* e *sei não!* expressiu sua tristeza perante a morte do ladrão. Com *foda mesmo!, covardia!* e *levar vantagem*, Joelho lamentou as agressões direcionadas contra a mulher ou homem desarmado, fundamentado na desigualdade de condições para se defender. *Que absurdo!* é a fórmula que encontrou Coxa para manifestar o seu rechaço à morte injusta por espancamento da Dandara. Outros muitos fraseologismos surgiram como reações emocionais contra a violência, tais como: *¡por Dios!, ¡Dios mío!, ¡Dios!, salir corriendo, rapaz!, que horror!, mira só!, ¡madre mía!, ¡vaya!, pasar miedo, hay mucho loco* ou *tem muita gente doida no mundo*. Como pano de fundo nos profissionais do sexo –todos sofreram a delinquência, alguns violência doméstica,

outros humilhações e agressões simbólicas—, entendemos como manifestou a Virilha violência é violência e nela *hay de todo*.

Com respeito à conceituação do corpo, aquele que produziu um maior grau de rejeição entre os prostitutos foi o da mulher obesa com expressões do tipo: *porra!, sem condição! não dá, ¡qué horror!* ou *¡vaya!* A mulher musculosa representou para todos um corpo transgressor que abalou os padrões de gênero estabelecidos. O corpo do velho tatuado também não foi muito bem aceito entre os colaboradores, dos quais escutamos fórmulas, tais como: *¡qué situación!, ¡por favor!, fodeu!* ou *não dá*. Foi notório nas falas que a emoção culpa no sentido de responsabilidade determinou o evitável do inevitável. No caso da obesa e da musculosa, a autoria da infração é do sujeito. Cabe lembrar como Ombligo utilizou o fraseologismo *es así* para afirmar taxativamente a culpa delas por ter esse tipo de corpo. Já a velhice e as deformidades da criança e do rapaz de seis dedos são irremediáveis. Os diversos corpos apresentados causaram tristeza no caso da velhice, compaixão para as deformidades do bebê, nojo para a obesa, incompreensão para a musculosa e assim por diante: representações condicionadas pelo jugo de uma ditadura da beleza objetiva e do corpo perfeito, eternamente voluptuoso e jovem que se representam na prostituição como um fiel espelho da sociedade em si.

No que concerne à sexualidade, a condição de gênero masculino ou feminino é determinante na construção das conceituações. Virilha e Coxa utilizaram clichês estendidos através de discursos cristalizados, tais como, *los bebés son para la mujeres, era tudo isso que eu queria na minha vida, não é do meu mundo*. As identidades transgêneras apresentadas contaram com a incompreensão generalizada. Expostos ao vídeo da transexual que afirmava que não era homossexual, mas sim travesti, os colaboradores se serviram das fórmulas *¡yo flipo!, tem como não* ou *nada a ver*. Quanto à homossexualidade, unidades fraseológicas como *¡qué lindo!, que lindo!* e *tá tudo ótimo!* materializaram uma aceitação e “demonstração entusiasta”. Já os clichês, *cada quien con lo suyo, cada un tiene su vida* ou a locução *me da igual* apontaram para certas reservas, em forma de cautela e/ou restrição. Tanto a obscena demonstração quanto essa indiferença calculada nos levou a pensar que nos colaboradores não há uma clara e nítida naturalização dos comportamentos homossexuais. Ademais, observamos como o orgulho funcionou como um potencializador das diversas sexualidades, enquanto a vergonha pôde chegar a representar uma castração da expressividade na diversidade sexual, com fraseologismos como *ridículo!, ¡uy, no!, ¡horrible!* ou *¡madre mía!*

b) O *nosso segundo objetivo* (vide 5.2) consistiu em identificar como esses fraseologismos emergentes se associavam a certas reações emocionais, transparecendo nos sujeitos diversas emoções, tais como: vergonha, orgulho, culpa, medo, raiva, nojo, dentre outras.

Pudemos constatar que o medo e a raiva são emoções que claramente dividem a construção social de que homens e mulheres são diferentes. A primeira é tradicionalmente um constituinte da própria feminilidade. Ao contrário, a segunda representa ao homem como masculino e corajoso. Fraseologismos como *¡por Dios!*, *¡madre mía!*, *¡qué horror!*, *¡vaya!*, *pasar miedo* ou *hay mucho loco* proferidos por Virilha apontaram para esse medo. Já os expressados por Joelho como *sacanagem!*, *fela da putagem*, *foda!*, *porra!*, *que porra é essa!* e *isso aí é covardia!* manifestaram a raiva.

De qualquer forma, tivemos uma grande variedade de unidades fraseológicas permeadas pelas mais diversas emoções. A vergonha se materializou em estruturas como: *calla*, *calla*, *de forma alguma*, *de jeito nenhum*, *madre mía*, *ni de joda*, *¡qué situación!* *¡qué vergüenza!* ou *ridículo!* O orgulho em: *estar pronto*, *follar bien*, *hacer dinero*, *dar uma chave de perna*, *dar carinho*, *dar conta...* A culpa em: *la vida es así*, *não há outra escolha*, *por obligación*, *sair dessa vida*, dentre outras. O medo se dilucidou em fraseologismos do tipo: *¡por Dios!*, *¡madre mía!*, *a gente não sabe com quem deita*, *hay mucho loco*, *¡qué horror!*, *lanzar tiros*, *sair correndo*, *sentir el peligro*, *¡qué miedo!* e assim por diante. Essa forma de classificá-los por emoções não pretendeu limitar os múltiplos sentidos desses fraseologismos apenas e exclusivamente a um sentimento, pois em cada unidade fraseológica elucidamos ou especulamos uma complexa teia de sentidos emocionais.

Na tese foi apresentado um glossário de unidades, proporcionando, primeiramente, uma definição de maneira mais geral, mais próxima dessa concepção de significado como pedra para construir os outros sentidos (Vigostky, 2000 [1934]), a fim de destrinchar nas acepções essa multiplicidade de sentidos sobre esse significado base que nos auxiliasse para a construção do edifício de sentido concreto e discursivo, considerados o lugar de fala, o contexto de geração e as especificidades de cada entrevistado, por meio das vozes desses sujeitos que ecoaram e reverberaram em todo momento ao longo do nosso trabalho.

Pudemos verificar duas questões:

A primeira observação – quanto mais exposto o colaborador a situações incompreensíveis ou inaceitáveis para seu código de valores, mais intensidade emocional surgia, o que se traduziu na aparição de um maior número de fórmulas. Diante do afirmado, pensemos na reação medrosa da Virilha perante o vídeo do assaltante e a polícia – (V): [*¡Ahhhh!! ¡Mira!! AHHH!! ¡MIRA SÓ!! ¡madre mía!! ¡qué horror!!* 😬 😬] [*¡ASALTO!* 📢] – ou na clara rejeição da mulher musculosa por parte de Joelho – (J): [*Vixe!!* 😬] [*PORRA!! nada a ver!!, CARAALHO!* 😬]” um homem todinho 😊” –.

A segunda – sabemos que os fraseologismos isoladamente, desconsiderando toda a complexidade contextual e do sujeito, podem possuir apenas um significado. Porém, no nosso caso os sentidos –essa potencialidade executada na fala viva– indicaram questões diversas convergentes e até divergentes. Por citar alguns exemplos: *¡madre mía!* – além de materializar surpresa, nalguns casos; noutros, apontou para medo, nojo, vergonha, tristeza, frustração ou raiva; ou *¡qué horror!* – para além do significado medo, vislumbramos outras emoções como nojo, surpresa ou raiva. Tal constatação corroborou como esses fraseologismos se materializaram em sentidos emocionais diversos construídos no embate dialógico (*vide* 3.4.3), ultrapassando essa noção estruturalista de significado, já que se revelaram envolvidos por fenômenos emocionais sob uma perspectiva social das práticas discursivas. Assim, acreditamos que a fraseologia contribuiu para a construção social / cultural das emoções e vice-versa.

c) O *nosso terceiro objetivo* (*vide* 5.3) revelou como esses sujeitos estigmatizados perceberam suas identidades profissional e de origem / étnica e como essas percepções definem o seu pertencimento ou filiação identitária ao grupo.

Na nossa concepção, esses profissionais do sexo estão em contexto de estigmatização social, contexto esse em que eles se inserem e que afeta claramente as condições de produção da sua fala. É mister salientar que como qualquer grupo social, a prostituição é bem heterogênea: cada um representou e percebeu os fatos e as vivências de forma diferente.

Pecho mostrou principalmente a sua preocupação pela condição de imigrante irregular com fraseologismos, tais como: *estar sin papeles, pedir papeles, conseguir los papeles* e um nítido nojo por uma grande parte dos clientes com fórmulas como: *¡guácala!, ¡Dios mío!, ¡qué locura!* Virilha na representação de mulher tradicional se

apresentou como mais complacente com os clientes, admitindo ter tido serviços com um idoso de oitenta e um anos e alguns homens atraentes, por meio de fraseologismos como *estar bueno, pasar de maravilla* ou *dar cariño*, constatando ter arranjado até dois namorados no universo da prostituição. Ombligo focou parte do seu discurso no lucro e na impossibilidade de se apaixonar por um cliente. A profissão é *sacar dinero, dinero fácil, aquí se paga todo* e *por obligación*. Coxa nos revelou uma perspectiva romântica do sexo por meio de estruturas como *ele queria só sexo, ter para o resto da vida, estar do lado (de alguém), estar pra tudo* ou *sentir saudade*. Por fim, Joelho se apresentou como heterossexual e garanhão com as locuções *na moral* e *pra caralho* e que aquilo do meretrício não era com ele, pois os boys estão claramente definidos por duas unidades fraseológicas: *ser uma raça desgraçada* e *deixar na havaiana (alguém)*.

Sendo assim, pudemos verificar como há processos ideológicos que estigmatizam esses sujeitos e que os estimulam a produzir diversos discursos como identidade coletiva, da qual todos, em maior ou menor medida, fazem parte. Diante disso, observamos a justificativa recorrente do lucro com expressões como *dinero fácil, hacer por dinero, pagar mis cuentas* ou *sacar dinero*; a vergonha de alugar o corpo e o medo a serem descobertos, materializados pelos fraseologismos *pelo amor de Deus, tem como não, por poupar, (não) ter peito, de forma alguma*, dentre outros; a ideia de trabalho “temporário” e a simulação de outras profissões por meio de *salir de eso, dejar esta vida* e *sair dessa vida*; o nojo que produz o sexo com fórmulas, tais como: *¡guácala!, ¡Dios mío!, ¡qué locura!, ¡qué asco!, ter nojo, é muita história* e *é foda!*; a isenção de toda culpa da prática profissional, que é do sistema, dos filhos, da condição socioeconômica, dos amigos que os estimularam, dentre outros; o estigma dentro da própria categoria ou o re (forçamento) do papel social aceito de mãe sacrificada para as prostitutas e/ou da heteronormatividade que impõe como deve ser um macho para os scorts, com a exceção de Ombligo.

Quanto ao surgimento de fraseologismos relacionados com processos identitários, notamos três questões:

A primeira concerne à identidade profissional e de origem. Logicamente, apareceram unidades fraseológicas que apontaram para tais: *follar bien, sair das ruas, saber lo mío* ou *estar de ilegal, conseguir los papeles*, dentre outras.

A segunda tem a ver com as identidades linguísticas por conta da língua usada. Assim encontramos em Pecho e Ombligo na sua condição de venezuelanos, fraseologismos, tais como: *ni con la verga, ni de joda, ¡guácala!, ¡cónchale!* ou os

híbridos de Virilha: *¡qué situación!, ¡qué fofo!, es lo que hay para hoy, tener preconceito* ou *mira só!*

A terceira mostra as identidades particulares e específicas dos sujeitos e a sua identificação por questões de gênero, idade, condição sociocultural, dentre outras muitas para com os repertórios linguísticos utilizados. Há inúmeros exemplos acerca desta questão. Por citar alguns: *sacar plata* ou *sacar dinero* identificam a Ombligo, ao igual que *¡marica, qué estás haciendo con tu vida!* ou *quien es pobre es porque quiere. ¡Madre mía!* distingue o espanhol adquirido por Virilha como *Meu Deus!* faz parte da sua identidade linguística em português. *Sacanagem!, fela da putagem, porra!* ou *covardia!* imprimem o caráter de Joelho como sujeito masculino. Já *Nossa!* foi muito recorrente em Coxa, fora as próprias do seu idioleto fraseológico: *viver num açougue, passar a maquiagem, dar uma baixa, jogar quadrado* ou *mundo escuro*, nessa linguagem criativa e metafórica da colaboradora, da qual Ombligo participou com *quemarse el rabo* e Joelho com *deixar (alguém) na havaiana*.

Fora essa riqueza de identidades heterogêneas, a identidade profissional se materializou de forma homogênea no estigma, marcado pelo apagamento com estruturas como: *hacer esto, trabajar de esto, volver a esto, essas paradas, essas coisas* ou *nisso aqui*; e/ou pelo menosprezo de termos do tipo: *mundillo, ambiente, vida de prostituta* ou *vida loca*.

Para concluir, apresentamos três reflexões:

1. Como observado no percurso analítico de dados, cabe destacar que os profissionais do sexo em ambas as línguas não apresentaram uma fraseologia própria ou um jeito de falar característico que os diferisse do resto da população. Em outras palavras, as formas linguísticas que surgiram são as comuns a outros grupos sociais, de forma que os seus usos linguísticos ou falas, a priori, não deveriam ser estigmatizados por causa disso. Considera-se que são invisibilizados por conta de sua identidade profissional, maiormente, carregada de estigmas, mas não pela sua identidade linguística. Não há um linguajar próprio, cheio de “gírias” –apenas expressões. Numa visão classista eles falariam só gírias, categoria sociológica atribuída pelo lugar de fala, mas sem sustentação linguística nesta tese.

2. Na nossa concepção, os sentidos de um fraseologismo são inesgotáveis. Defendemos que não há um sentido único, nem um primeiro, nem um último. Como

comprovado, uma unidade fraseológica é, portanto, um elo mais na cadeia de sentidos que são produzidos no discurso.

3. Acreditamos que ter tratado as emoções materializadas linguisticamente em sujeitos estigmatizados como objeto de estudo por meio de fraseologismos possa abrir novos rumos ou caminhos a futuros estudos na área da fraseologia, no campo da sociologia das emoções, assim como na linguística aplicada e na sociolinguística.

Por fim, esperamos que trabalhos vindouros venham desenvolver as inter-relações entre fraseologia e ideologia, deslocando aqueles discursos hegemônicos; estudos que abordem assuntos de identidade linguística dentro da área; ou pesquisas que complementem esse viés emocional apresentado. Neste campo linguístico, há muita estrada ainda a ser percorrida, porém consideramos que uma humilde trilha já foi traçada: tudo dependerá dos futuros pesquisadores.

Em conclusão, tomando um fraseologismo conhecido que aparece na primeira linha da letra da música funk “bonde de cabo frio” de Mc Marcinho, esta tese pretendeu ser:

nem melhor, nem pior, apenas diferente.

REFERÊNCIAS

- ACHDACHAY, Asma. **La enseñanza de la fraseología en el aula de ELE en marruecos:** locuciones y refranes. 2017. Tese (Doutorado em Arte y Humanidades) – Universidad de La Laguna, La Laguna, 2017.
- AGAMBEN, Giorgio. **Quel che resta di Auschwitz.** L'archivio e il testimone. Homo Sacer. Roma: Bollati Boringhieri, 1998.
- AIJMER, Karin. **Conversational routines in English.** London, New York: Longman, 1996.
- AINLAY, Stephen. C.; BECKER, Gaylene; COLEMAN, Lerita M. A. Stigma reconsidered. In AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLEMAN, L. M. A. (Orgs.), **The Dilemma of Difference.** New York: Plenum, 1986. p. 1-13.
- ALVARADO Ortega, María Belén. Las fórmulas rutinarias como unidades fraseológicas. **ELUA. Estudios de Lingüística**, n. 21, p. 9-20, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14198/ELUA2007.21.01>>. Acesso em: 06 mar. 2020.
- ALVARADO Ortega, María Belén. **Las fórmulas rutinarias en el español actual.** Tese (Doutorado em Lengua) – Universidad de Alicante, Alicante, 2008.
- ALVES, José Felipe de Lima. **Segura na mão de Deus e vai...:** etnografias dos rituais de despedida na cultura fúnebre do Crato-CE/Brasil. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- ARNAIZ, Marta Saracho. **La fraseología del español:** una propuesta de didactización para la clase de ELE basada en los somatismos. 2015. Tese (Doutorado em Lingüística) – Facultad de Filología, Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2015.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words.** Oxford: Oxford University Press, 1962.
- AZEVEDO, Diego J. Oliveira; SILVA, Fernando Moreno Colocações, estereótipos e clichês: definições e diferenças. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, p. 37-52, 2017. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/b4f9129fed69407b4ec7c6e747aa1c5f.pdf>> Acesso em: 06 mar. 2020.
- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française.** Genève-Paris: Librairie Georg/Paris: Klincksieck, 1951 [1909].
- BAPTISTA, Iuri Yudi Furukita. A imaginação na sociologia de Charles Cooley. **Revista Ciências Humanas- Educação e Desenvolvimento Humano.** v. 9, n. 2, p. 116-125, 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/313-Texto%20do%20artigo-1059-1-10-20161229%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/313-Texto%20do%20artigo-1059-1-10-20161229%20(1).pdf)>. Acesso em: 11 maio 2019.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Tratándose de expresiones idiomáticas, ¡no te rompas la cabeza ni busques cinco pies al gato! **RedELE: revista electrónica de didáctica / Español Lengua Extranjera**. n. 6, 2006. Disponível em: <<http://www.mepsyd.es/redele/revista6/LiviaMarcia.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Fraseologia, interculturalidade e ensino de línguas: uma ponte entre dois mundos. In: ORTIZ, M. L. A. (Org.). **Tendências atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia**. 1ed. Campinas: Pontes, 2012, v. 02, p. 31-48.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Fraseologia: discurso, interculturalidade e tradução. In: SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. 2 ed. Londrina: UEL, 2014. p. 61-78.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Um dia de fúria ou era da fúria: revisitando construtos como língua espanhola, identidade e cultura e suas implicações para a educação linguística em tempos difíceis. In: BAPTISTA, L.M.T.R.; NOGUEIRA, A.M. (Orgs.). **Espanhol no Nordeste: espaços de resistência, criação e transformação**. 1ed. Curitiba: CRV, 2018, v. 1, p. 115-131.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis *et al.* Vamos al grano y salgamos de apuros: las expresiones idiomáticas no son un lío. In: SEMINARIO DE DIFICULTADES ESPECÍFICAS DE LA ENSEÑANZA DEL ESPAÑOL A LUSOHABLANTES, 10, 2002, São Paulo. **Anais...** Brasília: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte de España, 2003, p. 208-212.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis *et al.* La fraseología: entre el lenguaje real y la clase de e/le. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, v. 44, n. 1, p. 37-58, jun./dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132005000100004>. Acesso em: 05 abr. 2020.

BARBOSA, Raoni Borges. **Emoções, Lugares e Memórias: um estudo sobre as apropriações morais da Chacina do Rangel**. 2019. 418 f. Tese. (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, Gaylene & ARNOLD, Regina. Stigma as a social and culture construct. In AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLEMAN, L. M. A. (Orgs.), **The Dilemma of Difference**. New York: Plenum, 1986. p. 39-76.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada**. São Paulo: Perspectiva, 2011 [1946].

BERICAT Alastuey, Eduardo. La sociología de la emoción y la emoción en la sociología. **Papers**. Universidad Autónoma de Barcelona. n. 62, p. 145-176, 2000.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Orgs.). **Estudos em homenagem ao professor**

Doutor Mário Vilela. 1. ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. II, 2005, p. 747-757.

BIZARRI, Hugo O. Los Refranes que dicen las viejas tras el fuego y sus continuadores anónimos. In: XVI CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 16, 2007, París, **Anais...** Madrid / Frankfurt am Main: Iberoamericana / Vervuert, 2010. p. 4-11.

BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power.** Trad. G. Raymond & M. Adamson. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

BRAGANCA, Álvaro Alfredo J. **A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade.** 1999. 207 f. Tese (Doutorado em Letras - Clássicas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BRAZ, Stanley. **Prostituição feminina: história e territorialidades no espaço urbano de Teresina.** 2011. Disponível em: <https://geografiaspaçotempoecultura.wordpress.com>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

BUDNY, Rosana. **Unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues (português-inglês) e em livros didáticos do PNLD.** 2015. 247 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CABALLERO, Ramón. **Diccionario de modismos (frases y metáforas).** Primero y único en su género en España. Madrid: Adm. Lib. Antonio Romero, 1899.

CALLEFI, Fernanda. **Energias renováveis: dicionário terminológico da energia hidráulica em português brasileiro e seus aspectos fraseotermológicos.** 2018. 371 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

CARAMORI, Alessandra Paola. **Expressões idiomáticas em rodari: subsídios para a elaboração de um dicionário bilíngue (italiano - português).** 2006. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARNELÓS, Rosilea Pizarro. **Estudo contrastivo da fraseologia presente em documentos redigidos em português, francês e italiano: implicações na tradução juramentada e proposta de vocabulário fraseológico jurídico trilingue.** 2006. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARRETER, Fernando Lázaro. **Estudios de Lingüística.** Barcelona: Crítica, 1980.

CARVALHO Assadi, Tatiana. **Vergonha** - Coleção: Emoções. Brasília: Duetto, 2010.

CARVALHO, Gislene Lima. **Expressões idiomáticas em dicionários escolares de língua portuguesa.** 2016. 254 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CARVALHO, Luciane B. C. de; CARVALHO, João Eduardo C. de. **Raiva** - Coleção: Emoções. Brasília: Duetto, 2010.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía española**. 3 ed. Madrid: CSIC, 1992 [1950].

CECCARELLI, Paulo R. Prostituição-corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro-Sexo**, v. 4 (ed. esp.), dez. 2008.

Disponível em: http://www.cpaqv.org/socioantrop/corpo_prostituicao.pdf. Acesso em: 06 jan. 2020.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v.8, p. 432-443, 2002.

COLLINS, Randall. **Conflict Sociology: Toward an Explanatory Science**. Nueva York: Academic Press, 1975.

COLLINS, Randall. On the Microfoundations of Macrosociology. **American Journal of Sociology**, n. 86, p. 984-1014, 1981.

CORPAS Pastor, Gloria. **Un estudio paralelo de los sistemas fraseológicos del inglés y del español**. 1994. Tese (Doutorado em Filología) – Universidad Complutense de Madrid. Málaga: Servicio de Publicaciones de la Universidad. (Edición en microfichas). 1995.

CORPAS Pastor, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

CORPAS Pastor, Gloria. Criterios generales de clasificación del universo fraseológico de las lenguas con ejemplos tomados del español y del inglés. In ALVAR Ezquerra, M.; CORPAS Pastor, G. (Orgs.). **Diccionarios, frases, palabras**. Málaga: Servicio de publicaciones de la Universidad, 1998. p. 157-187.

CORPAS Pastor, Gloria. Corrientes actuales de la investigación fraseológica en Europa. **Euskera**: Euskaltzaindiaren lan eta agiriak, Liburukia v. 46, n. 1, p. 21-49, 2001.

CORPAS Pastor, Gloria; ORTIZ Álvarez, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othero. p. 261-270. 2017.

Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/d7783947a79a23cc9fa41a62b852a992.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

COULMAS, Florian. On the sociolinguistic relevance of routine formulae. **Journal of Pragmatics**, 3 (3/4), p. 239-266, 1999.

CUADRADO, Luis Alberto Hernando. Sobre las unidades fraseológicas en español. In **Actas del Congreso de la Sociedad Española de Lingüística**, I, 1990. p. 536- 547.

DARWIN, Charles. **La expresión de las emociones en los animales y en el hombre**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

DOLLARD, John. *et al.* **Frustration and Aggression**. New Haven: Yale, 1939.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Editorial Estampa, Tradução: Maria Helena Costa Dias, 1982.

ECKERT, Penélope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penélope; MC-CONNELL-GINET. S. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. **Annual Review of Anthropology**. s/l: s/ed., v. 27, p. 461-90, 1992.

EKMAN, Paul. Cross-Cultural Studies of Facial Expression. In EKMAN, P. (Org.), **Darwin and Facial Expression: A Century of Research in Review**. New York: Academic Press, 1973. p. 169-222.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ESCOBAR Montero, Manuela. **La fraseología contrastiva. estrategias de traducción de unidades multilexicales (inglés-español)**. 2008. Tese (Doutorado em Filología Inglesa: Lengua y Lingüística) - Universidad de Sevilla, Sevilla, 2008.

ETTINGER, Stefan. Formación de palabras y fraseología en la lexicografía. In Haensch *et al.* **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982. p. 233-258.

ETXEARRIA Bilbao, Itzia. Las emociones autoconscientes positivas: el orgullo. In ABASCAL, E. G. Fernández (Org.). **Emociones positivas**. Madrid: Pirámide, 2009. p. 167-180.

FERNANDES, Sebastiana Sousa R. **Mínimo paremiológico brasileiro: fundamentos teóricometodológicos**. 2014. 154 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FONSECA, Heloisa da Cunha. **Ensino e aprendizagem de fraseologismos zoônimos: proposta de interface web e dicionário bilíngue português e francês**. 2017. 479 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Totem e Tabu**. Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1913].

FROMM, Erich. **O medo à Liberdade**. Tradução de: Octávio Alves Velho. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983 [1941].

GALEANO, Eduardo. **El libro de los abrazos**. Uruguay: Ediciones la Cueva, 2003.

GAN, Tian. **Los zoónimos en la fraseología española y en los Chengyu en chino: una aproximación experimental y contrastiva**. 2018. Tese (Doutorado em Lengua Española y sus Literaturas) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2018.

GARCÍA-PAGE Sánchez, Mario. **Introducción a la fraseología española**. Estudio de las locuciones. Barcelona: Anthropos, 2008.

GARCÍA-PAGE Sánchez, Mario. La fraseología en España: de Casares (1950) a la nueva gramática de la Real Academia (2011) In: ORTIZ, M. L. A; UNTERNBAUMEN, E. H. (Orgs). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 207-230.

GARCÍA-PAGE Sánchez, Mario. Locuciones verbales con clítico en español tipo dársele. **Verba Hispanica**, v. 18, n.1, p. 135-145, 2010.

GARCÍA-ROSADO, Esther; PÉREZ-NIETO, Miguel Ángel. La ira y la ansiedad en la abstinencia de alcohólicos rehabilitados. **Edupsykhé**, v. 4, n. 2, p. 219-232, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Mathias Lambert (Trad.). Rio de Janeiro: Sabotagem, 2004 [1963].

GORDON, Steven L. The Sociology of Sentiments and Emotion. In Morris ROSENBERG, Morris; TURNER, Ralph H. (Orgs.), **Social Psychology: Sociological Perspectives**. New York: Basic Books, 1981, p. 562-592.

GREEN, André. Énigmes de la culpabilité, mystère de la honte. **Revue Française de Psychanalyse**, 67, p. 1639-1653, 2003.

GREENBERG, Leslie S.; PAIVIO, Sandra C. **Trabajar con las emociones en psicoterapia**. Barcelona: Paidós, 2007.

GREENSPAN, Patricia. **Emotions and Reasons**. Londres: Routledge, 1988.

GROSS, Maurice. Les limites de la phrase figée. **Langages**, v. 23, n. 90, p. 7-22, 1988.

GURILLO, Leonor Ruiz. **El español coloquial y su fraseología**: los sintagmas prepositivos fraseológicos y su incidencia funcional. 1995. Tese (Doutorado em Língua Espanhola: sincronía / diacronía) – Facultad de Filología, Universitat de València, Valencia, 1995.

GURILLO, Leonor Ruiz. **Aspectos de fraseología teórica española**. Valencia: Universitat de València, 1997.

GURILLO, Leonor Ruiz. **Las locuciones en el español actual**. Madrid: Arco Libros, 2001.

HALL, Stuart. ¿Quién necesita “identidad”? In HALL, S; DU GAY (Orgs.). **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003, p. 13-39.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. The Sociology of Feeling and Emotion: Selected Possibilities. **Sociological Inquiry**, n. 45, p. 280-307, 1975.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Emotion work, feeling rules, and social structure. **American Journal of Sociology**, v. 3, n. 85, p. 551-575, 1979.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. **The Managed Heart: The Commercialization of Human Feeling**. Berkeley, CA: University of California Press, 1983.

HOCHSCHILD, Arlie Russel; MACHUNG, Anne. **The second shift: Working parents and the revolution at home**. New York, N.Y: Viking. Chicago, 1989.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KEMPER, Theodore. D. **A Social Interactional Theory of Emotions**. Nueva York: Wiley, 1978.

KEMPER, Theodore. D. Social Constructionist and Positivist Approached to the Sociology of Emotions. **American Journal of Sociology**, n. 87, p. 336-362, 1981.

KEMPER, Theodore. D. Power, status, and emotions: A sociological contribution to a psychophysiological domain. **Approaches to emotion**, p. 369-384, 1984.

KEMPER, Theodore. D. Power and status and the power-status theory of emotions. In J. E. STETS & J. H. TURNER, Jonathan. H. (Orgs.) **Handbook of the sociology of emotions**. Nueva York, NY: Springer, 2006. p. 87- 113.

KOIKE, Kazumi. **Colocaciones léxicas en el español actual: Estudio formal y léxico-semántico**. Madrid: Universidad de Alcalá, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Amor e dor: ensaios em antropologia simbólica**. Recife: Edições Bagaço, 2005

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura**. Curitiba: Ed. CRV, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, p. 841-866, set./dez. 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/se/v29n3/a09v29n3.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. (Conduct and Communication, 4.) Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LARA, Meire de Souza. **Variação das unidades fraseotermológicas da culinária entre português brasileiro e português europeu**. 2014. 377 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014.

- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- LIAO, Jiahui. **La fraseología religiosa en la enseñanza de ele a estudiantes chinos**. 2018. Tese (Doutorado em Lengua Española y sus Literaturas) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2018.
- LINK, Bruce G. & PHELAN, Jo C. Conceptualizing stigma. **Annual Review of Sociology**, New York, n. 27, p. 363-385. 2001.
- LOPES, Julianne L. **Colocações do português brasileiro: tipologia, categorização e construção de uma base de dados**. 2016. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- LÓPEZ, Félix & FUERTES, António. **Para compreender a sexualidade**. Lisboa: Associação para o Planeamento Familiar, 1999.
- LOURO, Inês da Conceição dos Anjos. **Enxergando as colocações: para ajudar a vencer o medo de um texto autêntico**. 2001. 151 f. Tese (Doutorado em Letras – língua inglesa literatura inglesa e norte-americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUNA Zamora, Rogelio. **Sociología del miedo: un estudio sobre aminas, diablos y elementos naturales**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2005.
- MARINA, José Antonio; LÓPEZ, Marisa. **Diccionario de los sentimientos**. Barcelona: Anagrama, 2005.
- MARTINS, Vicente de Paula da Silva. A expressão de violência no idiomatismo brasileiro. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro: CIFEFIL, n. 47, p. 21-44, maio/ago. 2010.
- MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro**. 2013. 412 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- MATIAS, Gislaine Rodrigues. **Tratamento didático de expressões idiomáticas de língua portuguesa no ensino fundamental II: fundamentos e propostas**. 2015. 196 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015.
- MELLADO Blanco, Carmen; ORTIZ Álvarez, M. L. Fraseología y Paremiología: una entrevista con Carmen Mellado Blanco. **ReVEL**, vol. 15, n. 29. p. 249-260. 2017. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/87c84f480f22d06267b2f148ea3fd55c.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

- MILLER, William Iam. **Anatomía del asco**. Madrid: Taurus, 1998.
- MOLINA García, Daniel. **La lexicografía pedagógica aplicada al campo de la fraseología bilingüe (español-inglés)**. 2006. Tese (Doutorado em Filología inglesa) - Universidad de Málaga, Málaga, 2006.
- MOLINER, María. **Diccionario de uso del español**. 3 ed. Madrid: Gredos, 2007 [1967].
- MONEDERO Gil, Carmelo. **Antropología y Psicología**. Madrid: Pirámide, 1995.
- MONJE, Gonzalo Guillén. **Fraseología contrastiva ruso española**. Análisis de un corpus bilingüe de somatismos. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística General) - Estudios Superiores de Filología Eslava y Lingüística Indoeuropea, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Granada, Granada, 2004.
- MONTEIRO, N.; SILVA, D. Sobre o conceito de raiva e o STAXI-2. **Revista de Psicologia Militar**, v. 21, p. 31–40, 2012.
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
- MONTERROSO, Augusto. **La oveja negra y demás fábulas**. México D.F: Ediciones Era, 1969.
- MONTORO Del Arco, Esteban Tomás. **Aproximación a la historia del pensamiento fraseológico español: las locuciones con valor gramatical en la norma culta**. 2005. 658 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Granada, Granada, 2005.
- MORÉ, Zoila Victoria Carneado. Algunas consideraciones sobre el caudal fraseológico del español hablado en Cuba. In MORÉ, Zoila V. C.; TRISTÁ Pérez, A. (Orgs.). **Estudios de fraseología**. La Habana: Academia de Ciencias de Cuba, 1983. p. 7-38.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NASCENTES, Antenor. **Tesouro de Fraseologia Brasileira**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.
- NASCENTES, Antenor. **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes organizado por Raimundo Barbadinho Neto; apresentação de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
- NASCIMENTO Oliveira, Luanna de Sousa. **Expressões fixas do português formadas a partir de nomes gerais: Aspectos lexicais e variacionistas**. 2017. 80 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

NOGUEIRA, Luis Carlos Ramos. **A presença das expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros.** 2008. 249 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

NOGUEIRA, Luis Carlos Ramos. **La traducción de la fraseología en la obra de Carlos Ruiz Zafón en el par lingüístico español-portugués.** 2017. Tese (Doutorado em Linguas, Textos e Contextos) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Granada, Granada, 2017.

NUSSBAUM, Martha. **El ocultamiento de lo humano.** Repugnancia, vergüenza y ley. Buenos Aires: Katz, 2006.

OLÍMPIO de Oliveira Silva, Maria Eugênia. **Fraseografía teórica y práctica. Bases para la elaboración de un diccionario de locuciones verbales español-portugués.** 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, 2004.

ORENHA, Adriane. **Unidades fraseológicas especializadas: colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não-juramentado.** 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Defining sexual health.** Report of a technical consultation on sexual health 28-31 January 2002. Geneva: World Health Organization, 2006.

ORTIGOZA, Arelis Felipe. **Unidades fraseológicas da variante cubana do castelhano: registros e análises.** 2016. 422 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ORTIZ, Maria Luísa A. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira.** 2000. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ORTIZ Maria Luísa A. Dicionário de expressões idiomáticas ou dicionário fraseológico? **Revista Línguas e Letras.** Cascavel, v. 2, n. 2, p. 83-96, 2001.

PAMIES Bertrán, Antonio. A metáfora gramatical e as fronteiras (externas e internas) da fraseologia. **Revista de Letras.** n. 33, v. 1, p. 51-77, jan./jun 2014.

PASSOS, Alexandre. **A gíria baiana.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.

PEDRO, Verónica da Silveira. **Connected discourse and the phraseology of spoken english: a corpus study of affirmative responses.** 2006. 164 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

PENADÉS Martínez, Inmaculada. **La enseñanza de las unidades fraseológicas.** Madrid: Edinumen, 1999.

PENADÉS Martínez, Inmaculada. **Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español.** Madrid: Arco/Libros, 2002.

PENADÉS Martínez, Inmaculada. **Diccionario de locuciones adverbiales para la enseñanza del español.** Madrid: Arco/Libros, 2005.

PENADÉS Martínez, Inmaculada. **Diccionario de locuciones nominales, adjetivas y pronominales para la enseñanza del español.** Madrid: Arco/Libros, 2008.

PINHEIRO, Marilene Barbosa. **Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização.** 2015. 156 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

PINTO, Graziela Costa Pinto; DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Medo** – Coleção: Emoções. Brasília: Duetto, 2010.

PORCEL Bueno, David. **Variación y fijeza en la fraseología castellana medieval.** Locuciones prepositivas complejas en la literatura sapiencial castellana (siglos XIII-XV). 2015. 410 f. Tese (Doctorado en Estudios Hispánicos Avanzados) – Facultad de Filología, Universitat de València, Valencia, 2015.

PRETI, Dino F. **A gíria e outros temas.** São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1984.

PRETI, Dino F. Dicionários de Gíria. **Revista ALFA**, nº 44. São Paulo: UNESP, p. 57-73. 2000.

QUIROGA Munguía, Paula. **Fraseología contrastiva y aplicada ítalo-española.** 2004. Tese (Doutorado em Lengua Española) – Universidad de Valladolid, Valladolid, 2004.

RAYYAN, Mohammad Sameer. **Fraseología y lingüística informatizada:** elaboración de una base de datos electrónica contrastiva árabe-español/español-árabe de fraseologismos basados en partes del cuerpo. 2014. Tese (Doutorado em Línguas, Textos e Contextos) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Granada, Granada, 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: **Diccionario de la lengua española**, 23.^a ed., 2019. [versión 23.3 en línea]. Disponível em: <<https://dle.rae.es>> Acesso em: 06 fev. 2020.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

RIBEIRO dos Santos, Djamilá Taís. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos. São Paulo: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Milice dos Santos. Família e sexualidade – Narrativas e quotidianos. **Sexualidade e Planejamento Familiar**, 35, p.16-19, 2002.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho. **Idiomatismos com nomes de partes do corpo humano**. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.

RIOS, Tatiana Helena C.; XATARA, Cláudia M. O estudo contrastivo português-espanhol dos idiomatismos e os falsos cognatos idiomáticos. **Tradterm**, v. 14, p. 221-242, 2008.

RISMAN, Arnaldo. Sexualidade e terceira idade: uma visão histórico-cultural. **Textos Envelhecimento**. Rio de Janeiro – RJ, v.8, n.1, p. 89-115, 2005.

RIVA, Huélington Cassiano. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa no Brasil**. 2009. 314 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magna Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ROCHA, Camila M. Correa. **A elaboração de um repertório semibílingue de somatismos fraseológicos do português brasileiro para aprendizes argentinos**. 2014. 223 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014.

RODRÍGUEZ, Joseph García. **Las unidades fraseológicas del español y el catalán con elementos de la naturaleza: estudio cognitivo-contrastivo y propuesta de un diccionario electrónico de fraseología bilingüe**. 2019. Tese (Doutorado em Filologia espanhola) – Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2019.

ROIG, Cecilia López. **Aspectos de fraseología contrastiva (alemán-español) en el sistema y en el texto**. 2001. Tese (Doutorado em Lengua Española: sincronía / diacronía) – Facultad de Filología, Universitat de València, Valencia, 2001.

RONCOLATTO, Eliane. **Estudo comparativo das expressões idiomáticas do português e do espanhol**. 1996. Dissertação (Mestrado em Filologia e Linguística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1996.

RONCOLATTO, Eliane. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia: análise, classificação e equivalências**. 2001. 150 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.

ROSA, Carlos Mendes. **Envelhecer em tempos de juventude: corpo, imagem e temporalidade**. 2015. 153 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SALCEDO, Javier Martín. **Fraseología española en uso. ¡Si tú lo dices! ¡Venga! Ya verás como sí.** 1. ed. Brasília: Secretaría General Técnica. Subdirección General de Documentación y Publicaciones, 2017.

SALCEDO, Javier Martín. O Reflexo no português brasileiro da violência no Brasil: algumas considerações para o ensino do PLE. In: ALMEIDA, P.V.; DE PAULA VIEIRA, M.S. (Org.). **Por palavras e gestos: a arte da linguagem.** 1ed. Curitiba, PR: Artemis, 2020, v.2, p. 63-75.

SALICE Alessandro; MONTES Sánchez Alba. Pride, shame, and group identification. **Frontiers in Psychology.** v. 7, p. 557, 2016. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2016.00557/full>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

SALVADOR, Carlene Ferreira N. **Estudo da fraseologia do futebol brasileiro das séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico.** 2017. 515 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SANTIAGO, Márcio Sales. **Unidades fraseológicas especializadas em tutoriais de ambientes virtuais de aprendizagem: proposta de um sistema classificatório com base na valência verbal.** 2013. 225 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SANTOS, Isandréia Giroto dos. **Os estereótipos culturais no ensino do FLE: teoria e prática.** 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2012.

SANTOS, Sheila Cavalcante dos. **Curtir ou não curtir.** Experimentações a partir do Tinder. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1995.

SCANDOLA Cenci, Viviana. Hacia una “historia de la fraseología española”. **Res Diachronicae**, n. 2. p. 359-370. 2003.

SCANDOLA Cenci, Viviana. **El tratamiento de la fraseología en los diccionarios de la real academia española (1726-2001): análisis fraseológica y fraseográfica, contribución a la historia de la lengua española.** 2006. Tese (Doutorado em Lengua española: sincronía / diacronía) – Facultad de Filología, Universitat de València, Valencia, 2006.

SCHEFF, Thomas. Shame and conformity: the deference-emotion system. **American Sociological Review**, v. 53 n. 3, p. 395-406, 1988.

SCHEFF, Thomas. Shame and the Social Bond. **Sociological Theory.** v. 18, p. 84-98, 2000.

SCHEFF, Thomas. Toward defining basic emotions. **Qualitative Inquiry**. v.21, n. 2, p. 111-121, 2014.

SECO, Manuel. **Gramática esencial del español**. Introducción al estudio de la lengua. Madrid: Aguilar, 1973.

SECO, Manuel; DE ANDRÉS; Olimpia; RAMOS, Gabino. **Diccionario fraseológico documentado del español actual**: locuciones y modismos españoles. 2. ed. Madrid: Aguilar, 2004.

SERRA E GURGEL, João Bosco. **Dicionário de gíria** – modismo lingüístico – o equipamento falado do brasileiro. 4. ed. Brasília: [s.n.], 1996.

SEVILLA Muñoz, Julia; ARROYO, Álvaro. La noción de «expresión idiomática» en francés y en español. **Revista de Filología Francesa**, v. 4, p. 247-261, 1993.

SILVA, Euclides Carneiro da. **Dicionário da gíria brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.

SOARES, Catarina Braga da Mota R. D. **A raiva**: relações com a vinculação e com os estilos parentais percebidos. 2015. 87 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

STROHSCHEN, Carola. **El tratamiento de la fraseología en los manuales de DAF de los niveles de B1 y B2**: análisis y propuesta didáctica. 2016. Tese (Doutorado em Artes y Humanidades) – Universidad de Murcia, Murcia, 2016.

TACLA, Ariel. **Dicionário dos marginais**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

TAGNIN, Stella Ortweiler. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

TAGNIN, Stella Ortweiler. **O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português**. Barueri: Disal, 2013.

TANGNEY, June Prince *et al.* Are shame, guilt, and embarrassment distinct emotions? **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 70, n. 6, p. 1256-1269, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.6.1256>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

TANGNEY, June Prince. Self-conscious emotions: the self as a moral guide. In TESSER *et al.* (Orgs.). **Self and Motivation: Emerging Psychological Perspectives**. Washington, DC: Am. Psychol. Assoc., 2002. p. 97-117.

TANGNEY, June Prince *et al.* Moral emotions and moral behaviour. **Annual Review of Psychology**, v. 58, p. 345-372, 2007.

TERMIGNONI, Susana. **Bases teórico-metodológicas para um hiperdicionário semibilingue de expressões idiomáticas italiano-português em meio a um AVA**.

2015. 434 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

TORRES, Marieze Rosa. **Hóspedes Incômodas? Emoções na sociologia norteamericana.** 2009. 203 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador de Bahia, 2009.

TRISTÁ Pérez, Antonia María. **Fraseología y contexto.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

VARGAS, Rejane Maria Arce. **Designação e dessignificação: a filiação de sentidos na fraseologia contemporânea.** 2011. 199 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

VASCO, António Branco. Sinto e penso, logo existo: abordagem integrativa das emoções. **PsiLogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca**, v. 11, p. 37-44, 2013.

VELASCO Menéndez, Josefina. **Unidades fraseológicas deanimalísticas antropocéntricas en la fraseología rusa** (una aproximación al análisis sistémico). 2005. Tese (Doutorado em filologia moderna) – Universidad de Salamanca, Salamanca, 2005.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo:** história da obesidade no Ocidente da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGOTSKY, Liev. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1934].

VIGOTSKY, Liev. S. **Teoría de las emociones:** estudio histórico-psicológico. Madrid: Akal, 2004.

VIOTTI, Manuel. **Novo dicionário da gíria brasileira,** São Paulo: Bentivegna, 1956.

VIVES, Vicente Álvarez. **Estudio fraseológico contrastivo de las locuciones adverbiales en los diccionarios de Vicente Salvá y de Esteban Pichardo.** Hacia una fraseología histórica del español en la lexicografía del siglo XIX. 2011. Tese (Doutorado em Lengua española: sincronía / diacronía) – Facultad de Filología, Universitat de València, Valencia, 2011.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

WU, Fan. **La fraseología en chino y en español:** caracterización y clasificación de las unidades fraseológicas y simbología de los zoónimos. Un estudio contrastivo. 2014. Tese (Doutorado em Filosofía y Lingüística) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid. 2014.

WURMSER, Leon. **The mask of shame.** Mariland: The Johns Hopkins University Press, 1981.

XATARA, Cláudia. M. O resgate das expressões idiomáticas. **Revista ALFA**, n. 39, p. 195-210. 1995.

XATARA, Cláudia Maria. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. 1998. 347 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

XATARA, Cláudia. M. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas. n. 37, p. 49-59, jan./jun. 2001.

XATARA, Cláudia; PARREIRA Maria Cristina. A elaboração de um dicionário fraseológico. In: ORTIZ, M. L. A; UNTERNBAUMEN, E. H. (Orgs). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 69-76.

XIAO, Yanhong. **Estudio semántico contrastivo de la metáfora conceptual en la fraseología del chino y del español**. 2016. Tese (Doutorado em Filosofía y Lingüística) - Universidad Autónoma de Madrid, Madrid. 2016.

YOSHINO, Yuki. **La enseñanza de las fórmulas rutinarias en el aula de ELE**. 2008. 223 f. Dissertação (Máster en Enseñanza de Español como Lengua Extranjera) – Universidad de Alcalá de Henares, Alcalá de Henares, 2008. Disponível em: <<https://www.educacionyfp.gob.es/dam/jcr:4d2d6800-f66c-4ce6-8ef7-e8e0647f0a1b/2010-bv-11-19yoshino-pdf.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

ZEMBYLAS, Michalinos. **Teaching with Emotion: A Postmodern Enactment**. Greenwich, Information Age Publishing, 2005.

ZORRILLA, Cruzate Marc Ruiz. **Aspectos formales y semánticos de fraseología rusa y castellana (en ruso)**. 2005. Tese (Doutorado em Lingüística General) – Universidad de Barcelona, Barcelona, 2005.

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt am Main: Peter D. Lang, 1980.

ZYGOURIS, Radmila. *A vergonha* de si. In ZYGOURIS, R. (Org.). **Ah! As belas lições!** São Paulo: Escuta, 1995. p. 42-67.

ÍNDICE REMISSIVO – FRASEOLOGISMOS

A

- A coisa tá feia**
a coisa tá feia, 232, 421
- A gente não sabe com quem deita**
a gente não sabe com quem deita, 197, 246, 329, 334, 337, 472
- A gente não sabe quem é quem**
a gente não sabe quem é quem, 218, 420
- Achar ótimo**
achar ótimo, 218
- Agarrar a la movida**
agarrar a la movida, 216, 388
- Agarrar experiencia**
agarrar experiencia, 205
- Agarrar la manía**
agarrar la manía, 219, 389
- Aquí ó!**
aquí ó!, 202
- Aquí se paga todo**
aquí se paga todo, 227, 406
- Arrumar (alguém)**
arrumar (alguém), 220
- Ato sexual**
ato sexual, 195, 205
- Ay, no!**
ay, no!, 192, 196, 208, 209, 210, 211, 222, 242, 249, 330, 331, 355, 359, 360, 364, 391, 392, 398, 425, 427, 472, 488, 489, 503

B

- Bater na madeira**
bater na madeira, 202
- Beleza!**
beleza!, 204, 214
- Bem feito!**
bem feito!, 209, 242, 304, 489
- Botar coisa na cabeça**
botar coisa na cabeça, 221, 421
- Botar para fora**
botar para fora, 221

C

- Cada historia es distinta**
cada historia es distinta, 197
- Cada quien con lo suyo**
cada quien con lo suyo, 200, 279, 365, 476
- Cada um faz o que quer**
cada um faz o que quer, 214, 282, 304, 494
- Cada un tiene su vida**
cada un tiene su vida, 200
- Cada uno tiene sus cosas**
cada uno tiene sus cosas, 192, 253, 347, 365, 466
- Cair a ficha**
cair a ficha, 226
- Calla, calla**

calla, calla, 183, 217, 292, 498

- Caralho!**
caralho!, 199
- Claro que sí**
claro que sí, 197, 198, 232, 233, 239, 319, 398, 472, 517
- Claro!**
claro!, 193, 196, 205, 207, 209, 222, 226, 242, 249, 257, 272, 292, 355, 359, 360, 391, 392, 398, 425, 427, 468, 472, 483, 488, 503
- Claro, sí!**
claro, sí!, 210, 311, 393, 427, 490
- Coitado**
coitado!, 192
- Começar esse papo**
começar esse papo, 227
- Como así!**
como así!, 212
- Como assim!**
como assim!, 212, 250, 330, 358, 491
- Cómo me divierto!**
cómo me divierto!, 209, 242, 330, 331, 488
- Como que no**
como que no, 217, 222, 339, 400, 406, 498
- Con amor**
con amor, 222, 321, 390, 397, 423, 503
- Cónchale!**
cónchale!, 194
- Conseguir los papeles**
conseguir los papeles, 231, 389
- Covardia!**
covardia!, 197, 204, 212, 244, 245, 250, 340, 344, 346, 365, 473, 481
- Cuestión de suerte**
cuestión de suerte, 216, 388
- ### D
- Dar asco**
dar asco, 209
- Dar carinho**
dar carinho, 210
- Dar cariño**
dar cariño, 210, 398
- Dar conta**
dar conta, 225, 415
- Dar dicas**
dar dicas, 220
- Dar fuerte**
dar fuerte, 219, 407
- Dar igual**
dar igual, 196, 200, 211, 212, 213, 224, 407
- Dar la gana (a alguien)**
dar la gana (a alguien), 224
- Dar uma baixa**
dar uma baixa, 232, 415
- Dar uma chave de perna**
dar uma chave de perna, 227, 414

Dar vergüenza

dar vergüenza, 215

De boa

de boa, 223, 421

De eso nada

de eso nada, 221, 397

De forma alguma

de forma alguma, 223, 414

De jeito nenhum

de jeito nenhum, 199, 226, 269, 293, 367, 420, 475

De la boca para fuera

de la boca para fuera, 232, 408

De maravilla

de maravilla, 210, 311, 392, 393, 398, 427, 490

De qualquer jeito

de qualquer jeito, 199

Dedicarse a eso

dedicarse a eso, 217, 406

Dedicarse a esto

dedicarse a esto, 234, 407

Deixar na havaiana (alguém)

deixar na havaiana (alguém), 228, 420

Dejar de hablar

dejar de hablar, 234, 407

Dejar esta vida

dejar esta vida, 193

Demais!

demais!, 217, 337, 352, 358, 391, 427, 497

Dinero fácil

dinero fácil, 219, 222, 388, 406

Dios mío!

Dios mío!, 203, 226, 247, 248, 311, 331, 355, 385, 386, 389, 427, 480, 508

Dios!

Dios!, 209, 246, 247, 248, 334

Doble guácala

doble guácala, 198

E**É desse jeito!**

é desse jeito!, 225, 227, 368, 410, 506

É engraçado!

é engraçado!, 195, 254, 303, 368, 470

É foda!

é foda!, 223, 228, 342, 343, 356, 418, 421, 427, 504

É muita história!

é muita história!, 223, 342, 343, 418, 427, 504

Eita!

eita!, 195, 209, 254, 262, 268, 356, 470

Es así

es así, 205, 213, 264, 266, 276, 343, 483, 493

Es lo que hay para hoy

es lo que hay para hoy, 219, 320, 394, 397, 434, 500

Es mi vida

es mi vida, 224, 225, 309, 341, 369, 506

Es otra cosa

es otra cosa, 200, 284, 294, 369, 476

Estar com fogo

estar com fogo, 211

Estar de ilegal

estar de ilegal, 231, 408

Estar dispuesto/a a todo

estar dispuesto/a a todo, 203

Estar do lado (de alguém)

estar do lado (de alguém), 225, 415

Estar ligado

estar ligado, 233, 421

Estar muito ligado

estar muito ligado, 231

Estar na cara

estar na cara, 214, 230

Estar no beco escuro

estar no beco escuro, 232, 415

Estar pra tudo

estar pra tudo, 225

Estar pronto/a

estar pronto/a, 218

Estar sin papeles

estar sin papeles, 219, 388

Estás loco!

estás loco!, 214

Estás loco?

estás loco?, 224, 406

Eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém

eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém, 223, 414

Exacto!

exacto!, 183, 200, 204, 219, 234, 262, 293, 383, 388, 389, 431, 482, 499, 521

F**Faltar (en nada) a alguien**

faltar (en nada) a alguien, 232

Fazer da vida

fazer da vida, 218

Fazer minha vida

fazer minha vida, 232

Fela da putagem

fela da putagem, 211

Ficar encantado/a

ficar encantado/a, 226

Ficar fixo

ficar fixo, 228, 421

Foda (mesmo)!

foda (mesmo)!, 204

Foda!

foda!, 201, 284, 294, 301, 477

Fodeu!, 207, 260, 344, 487

fodeu!, 207

Follar bien

follar bien, 204, 213, 229, 399

Fuera de ese mundillo

fuera de ese mundillo, 234, 398

Fuera de este ambiente

fuera de este ambiente, 234, 407

G

Ganhar dinheiro

ganhar dinheiro, 234

Graças a Deus

graças a Deus, 223, 233, 288, 345, 416, 420, 425, 505

Gracias a Dios

gracias a Dios, 203, 208, 241, 308, 481, 488

Guácala!

guácala!, 209, 211, 221, 389

Guau!

guau!, 204, 208, 209

H

Hacer dinero

hacer dinero, 220, 225, 227, 407

Hacer eso

hacer eso, 220

Hacerse (algo) más fácil

hacerse (algo) más fácil, 219, 388

Hacerse los locos

hacerse los locos, 224, 406

Hay de todo

hay de todo, 202, 251, 295, 396, 399, 480

Hay gustos para todos

hay gustos para todos, 205, 313, 345, 393, 483

Hay mucho loco

hay mucho loco, 196

Horrible!

horrible!, 215, 283, 357, 362, 495

J

Já pensou?

já pensou?, 223, 295, 409, 426, 487, 504

Jogar quadrado

jogar quadrado, 215

L

La vida es así

la vida es así, 215

La vida loca

la vida loca, 233, 319, 322, 324, 394, 397, 430, 431, 519

La vida no vale nada

la vida no vale nada, 203, 240, 371, 480

Lanzar tiros

lanzar tiros, 208

Levantar a cabeça

levantar a cabeça, 197, 415

Levar vantagem

levar vantagem, 204

Lo más importante es la vida

lo más importante es la vida, 202, 399

Los bebés son para las mujeres

los bebés son para las mujeres, 193

M

Madre mía!

madre mía, 193, 194, 198, 206, 208, 215, 269, 272, 335, 347, 357, 468, 474

Maldito!

maldito!, 229, 332, 404, 408, 513

Marica!

marica!, 212, 251, 330, 333, 336, 362, 491

Marica, qué estás haciendo con tu vida!

marica, qué estás haciendo con tu vida!, 210, 224, 287, 346, 490

Mentira!

mentira!, 193, 231, 415

Meter papo

meter papo, 226

Meterse en líos

meterse en líos, 213

Meu Deus!

meu Deus!, 64, 190, 194, 198, 212, 217, 220, 250, 253, 268, 269, 330, 337, 352, 358, 391, 414, 427, 465, 469, 475, 491, 497, 501

Mira só!

mira só!, 208

Mirar mal

mirar mal, 192, 229, 399

Misericórdia!

misericórdia!, 206

Mundo escuro

mundo escuro, 195

N

Na brincadeira

na brincadeira, 230, 415

Na moral

na moral, 228, 421

Na parada

na parada, 221

Nada a ver

nada a ver, 199, 214, 233, 275, 348, 421, 494

Nada de eso

nada de eso, 201, 208, 211, 229, 247, 333, 488

Nada!

nada!, 207, 259, 314, 486

Não dá

não dá, 192, 205, 207, 226, 253, 254, 260, 296, 467, 487

Não estar nem aí

não estar nem aí, 227, 414

Não há (outra) escolha

não há (outra) escolha, 234

Não ser do mundo de (alguém)

não ser do mundo de (alguém), 194

Ni con la verga

ni con la verga, 198, 264, 358, 475

Ni de coña

ni de coña, 198

Ni de joda

ni de joda, 194, 215, 219, 226, 267, 283, 296, 469, 495

Ninguém sabe!

ninguém saber!, 203, 246, 334, 481

No dar

no dar, 219, 233, 398

No quedar otra opción

no quedar otra opción, 198

Nossa!

nossa!, 64, 124, 194, 195, 218, 220, 228, 297, 409, 414, 498, 501, 511

O**O homem tem mais força**

o homem tem mais força, 197, 240, 340, 373, 473

Obvio!

obvio!, 193, 198, 264, 273, 274, 356, 359, 372, 435, 468, 475

Oxe!

oxe!, 124, 199, 228, 288

P**Pagar as contas**

pagar as contas, 206, 225, 390, 409, 415

Pagar mis cuentas

pagar mis cuentas, 217, 397

Para nada

para nada, 192, 215, 222, 398

Pasar miedo

pasar miedo, 202, 399

Pasar por encima (de alguien)

pasar por encima (de alguien), 231, 398

Passar a maquiagem

passar a maquiagem, 203

Pedir papeles

pedir papeles, 211, 389

Pegar amizade

pegar amizade, 226, 420

Pelo amor de Deus

pelo amor de Deus, 221, 297, 393, 397, 425, 503

Pode ser

pode ser, 187, 205, 214, 282, 371, 374, 494

Pode ser o que for

pode ser o que for, 205

Poner mal (a alguien)

poner mal (a alguien), 231, 398

Por agradar

por agradar, 226

Por cima de tudo

por cima de tudo, 225, 415

Por desgracia

por desgracia, 231, 374, 405, 408, 515

Por Dios!

por Dios!, 196, 246, 331, 334, 471

Por favor!

por favor!, 207

Por nada

por nada, 196

Por obligación

por obligación, 217, 406

Por poupar

por poupar, 223, 414

Porra!

porra!, 199, 206, 212, 221, 254, 421

Poxa!

poxa!, 223, 229, 230, 367, 374, 376, 418, 504, 513

Pra caralho

pra caralho, 228

Pra caramba

pra caramba, 225, 415

Q**Que absurdo!**

que absurdo!, 212, 245, 349, 492

Qué absurdo!

qué absurdo!, 229, 389

Qué asco!

qué asco!, 198, 209, 210, 214, 222, 229, 234, 287, 360, 391, 398, 407, 490

Qué bien!

qué bien!, 193, 195

Qué bueno!

qué bueno!, 213, 312, 492

Qué cool!

qué cool!, 207, 215, 229, 313, 486

Qué cosas!

qué cosas!, 224, 388

Qué cuchi!

qué cuchi!, 193

Qué divertido!

qué divertido!, 195, 268, 375, 469

Qué fofo!

qué fofo!, 192, 376, 466

Qué fuerte!

qué fuerte!, 208, 241, 350, 488

Qué guapo/a!

qué guapo/a!, 205

Qué horrible!

qué horrible!, 196, 407

Que horror!

que horror!, 64, 197, 212, 232, 248, 330, 335, 336, 358, 491

Qué horror!

qué horror!, 198, 205, 208, 211, 269, 335, 357, 474, 483

Que lindo!

que lindo!, 201, 280, 313, 477

Qué lindo!

qué lindo!, 200

Qué loco!

qué loco!, 211, 250, 491

Qué locura!

qué locura!, 219, 389

Qué miedo!

qué miedo!, 206

Qué nada!

qué nada!, 229, 399

Que nojo!

que nojo!, 230, 415

Qué pesado/a!

qué pesado/a!, 227

Qué pesar!

qué pesar!, 212

Qué situación!

qué situación!, 207

Qué va!

qué va!, 221, 227, 298, 390, 398, 407, 503

Qué vergüenza!

qué vergüenza!, 207, 223, 299, 406, 425, 504

Quedar travado/a

quedar travado/a, 196

Quemarse el rabo

quemarse el rabo, 232, 408

Querer só sexo

querer só sexo, 220

Quien es pobre es porque quiere

quien es pobre es porque quiere, 211

R**Rapaz!**

rapaz!, 199, 212, 228, 248, 289, 330, 335, 336, 358, 491

Ridículo!

ridículo!, 216, 283, 299, 350, 496

S**Saber lo (de alguien)**

saber lo (de alguien), 200, 229

Saber lo de (alguien)

saber lo de (alguien), 224

Sacanagem

sacanagem, 204

Sacar dinero

sacar dinero, 217, 224, 406

Sacar plata

sacar plata, 224

Sair correndo

sair correndo, 230, 415

Sair das ruas

sair das ruas, 192

Sair dessa vida

sair dessa vida, 221, 419, 421

Salir corriendo

salir corriendo, 202, 208, 217, 389

Salir de eso

salir de eso, 216, 398

Salir mal

salir mal, 233

Se jogar na avenida

se jogar na avenida, 229

Sei não!

sei não!, 209, 242, 351, 489

Sem condição!

sem condição!, 206, 254, 255, 361, 484

Sem condições!

sem condições!, 205, 255, 263, 359, 361, 483

Sentir el peligro

sentir el peligro, 232

Sentir saudade

sentir saudade, 225, 415

Ser (muy) fuerte

ser (muy) fuerte, 222, 407

Ser show

ser show, 218, 420

Ser uma esculhambação

ser uma esculhambação, 216

Ser uma raça desgraçada

ser uma raça desgraçada, 228, 420

Ser uma viagem

ser uma viagem, 215

Ser una pasada

ser una pasada, 202

Ser una persona normal

ser una persona normal, 229

Sin duda

sin duda, 215

Sofrer preconceito

sofrer preconceito, 212

T**Tá (tudo) ótimo!**

tá (tudo) ótimo!, 201

Tá demais

tá demais, 233, 421

Tá legal!

tá legal!, 218

Tá ligado?

tá ligado?, 214, 218, 232

Tá ótimo!

tá ótimo!, 231

Tadinho!

tadinho!, 192

Tanto faz

tanto faz, 226

Tapar los ojos

tapar los ojos, 209

Tem como não

tem como não, 214, 223, 277, 353, 414, 494

Tem muita gente doida no mundo

tem muita gente doida no mundo, 197, 246, 329, 335, 337, 472

Tener competencia

tener competencia, 227

Tener preconceito

tener preconceito, 213

Ter axé

ter axé, 233, 421

Ter certeza

ter certeza, 216

Ter nojo

ter nojo, 227, 414

Ter para o resto da vida

ter para o resto da vida, 227, 414

Ter peito

ter peito, 223

Ter pique

ter pique, 207

Tiene que aceptar

tiene que aceptar, 215, 301, 496

Tirar onda

tirar onda, 230

Trabajar de esto

trabajar de esto, 220, 224, 388

Trabajar en eso

trabajar en eso, 229, 233, 398

Trabajar en esto

trabajar en esto, 234

Trabajo y vida privada no se mezclan

trabajo y vida privada no se mezclan, 227, 407

Trocar uma ideia

trocar uma ideia, 228, 421

Tu é doido!

tu é doido!, 197, 233, 421

Tú también!

tú también!, 206, 265, 295, 380, 486

Tudo na vida passa

tudo na vida passa, 218

Tudo o que eu queria na (minha) vida

tudo o que eu queria na (minha) vida, 194

U

Uy, no!

uy, no!, 210, 212

V

Vaya!

vaya!, 205, 208, 248, 257, 265, 355, 380, 472, 482, 488, 490

Ver vantagem

ver vantagem, 195

Vida de prostituta

vida de prostituta, 222, 398

Viver num açougue

viver num açougue, 225, 415

Vixe!

vixe!, 124, 199, 201, 256, 284, 294, 301, 348, 349, 366, 475, 477, 511

Volver a esto

volver a esto, 219

Y

Yo flipo!

yo flipo!, 214

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO DE DADOS PESSOAIS

GÊNERO		INSTRUÇÃO		IDADE	
masculino	<input type="checkbox"/>	básica	<input type="checkbox"/>	18-25	<input type="checkbox"/>
feminino	<input type="checkbox"/>	média	<input type="checkbox"/>	25-40	<input type="checkbox"/>
outro	<input type="checkbox"/>	superior	<input type="checkbox"/>	>40	<input type="checkbox"/>
NOME DA PROFISSÃO		RENDA MENSAL R\$/ €		SEXUALIDADE	
prof. do sexo	<input type="checkbox"/>	até 1000	<input type="checkbox"/>	Heterossexual	<input type="checkbox"/>
garoto/garota	<input type="checkbox"/>	1000-3000	<input type="checkbox"/>	Homossexual	<input type="checkbox"/>
prostituto/a	<input type="checkbox"/>	3000-5000	<input type="checkbox"/>	Bissexual	<input type="checkbox"/>
outro	<input type="checkbox"/>	>5000	<input type="checkbox"/>	Outra	<input type="checkbox"/>
Línguas faladas:			Lugar de origem:		
Morou noutra lugar: SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/>			Quais?		

APÊNDICE II – ROTEIRO IMAGÉTICO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Material fotográfico



Material audiovisual

- Vídeo 1: Policial atira em ladrão que roubou sua moto e filma tudo
- Vídeo 2: Casal de mendigos se beijando na Praia da Barra
- Vídeo 3: Sou travesti, não sou viadinho
- Vídeo 4: Travesti Dandara é assassinada brutalmente no Ceará
- Vídeo 5: Gay dançando com a bunda no chão

APÊNDICE III – A NARRATIVA ORAL ORIENTADA

- 1) *Avalie os aspectos positivos e negativos da sua profissão.*
- 2) *Analise como era sua vida anterior a este trabalho e como e por que decidiu exercer esta profissão.*
- 3) *Refleta se sua atividade profissional realiza você como sujeito e se assume perante a sociedade.*
- 4) *Comente como seu círculo de relações sociais e a sociedade, em geral, enxerga a prostituição.*
- 5) *Comente qual é o perfil dos clientes e quais tipos de vínculos emocionais estabelece com eles.*
- 6) *Narre situações de preconceito/discriminação ou violência por conta da sua atividade profissional ou pelo seu lugar de origem.*
- 7) *Comente quanto tempo mora na cidade/país e quais foram as maiores dificuldades que teve na sua chegada.*
- 8) *Avalie os aspectos positivos e negativos da cidade/país com relação ao seu lugar de origem.*
- 9) *Pense na imagem que você tinha da cidade/país antes de vir morar e se ela mudou ao longo da sua experiência/vivência.*
- 10) *Comente quais tipos de relações sociais tem na cidade/país e qual é a origem/procedência delas.*

APÊNDICE IV – SÍMBOLOS DAS TRANSCRIÇÕES

OBJETIVOS

	pausa
	silêncio
	risos
MAYÚS.	ênfase do inquirido¹⁹⁰
	fala em voz alta¹⁹¹
	fala em voz baixa
	voz acelerada
	voz lenta

SUBJETIVOS


	orgulho
	surpresa
	tristeza
	raiva
	ironia
	dúvida

¹⁹⁰ Serão usadas letras em caixa alta para fraseologismos ou trechos expressados com ênfase por parte do participante.

¹⁹¹ Marcaremos os trechos afetados entre colchetes e em itálico. Quando seja apenas um item lexical ou uma unidade fraseológica não precisará de ser grafada entre colchetes.

	firmeza
	ingenuidade
	nojo
	vergonha
	medo
	culpa

GRAFEMÁTICOS

[]	trechos afetados
()	elementos proxêmicos
-	maior vocalização
	emoção compartilhada
<i>nojo</i>	emoção explícita
<i>Como te digo</i>	fórmula discursiva gestor emocional
<i>Meu Deus!</i>	unidade fraseológica

APÊNDICE V – TRANSCRIÇÃO DO ROTEIRO IMAGÉTICO: MATERIAL FOTOGRAFICO



PECHO¹⁹²

(P): 😊

(E)¹⁹³: Esto, el bebé tiene una deformidad y la madre lo ha abandonado y esa señora lo ha adoptado.

(P): Que muestra el bebé 🖐 muestra cara de felicidad, bueno no de felicidad, [*¡uy, no sé!* 😊].

(E): ¿Tú crees que está bien eso de abandonar un bebé así?

(P): No, no está bien [*para nada* 😊 *para nada* 🗣️ 🗣️].

VIRILHA

(V): *¡Qué fofo!* 🗣️ Es un bebé. Recuerda a mis hijas cuando pequeñas. Para mí es muy tierno 🖐 ternura. Acaba de nacer y está ahí, tiene muchas cosas por delante.

(E): ¿Pero te has dado cuenta que tiene una deformidad?

(V): [*Cada uno tiene sus cosas* 🗣️]. Mis niñas eran muy bonitas. En Galicia hay racismo, las *miran mal*. Ella vino con 18 años aquí. La gente es muy racista aquí. Ella estudia, hace curso, y a veces es discriminada, imagínate esa bebé de mayor [*¡Coitada!* 😊].

OMBLIGO

(O): Tiene alguna enfermedad. Yo lo que puedo rescatar de esta foto es [*IN-CLUSIÓN* 🗣️].

(E): ¿Te da pena?

(O): No me da *pena*, la verdad, no. Es una bebé, no le veo ningún problema. No me da *asco*, ni *vergüenza de ella*, ni nada. De hecho, mi cara fue confusión, pero fue porque no sé si es para una campaña o la señora es su bebé y se toma una foto.

¹⁹² *Pecho* é um pseudônimo aplicado a homem venezuelano de 27 anos; *Virilha* para mulher brasileira de 43 anos que mora na Espanha; *Ombigo* é o nome falso de um híbrido venezuelano de 24 anos; *Coxa* é um nome atribuído para uma mulher paraibana de 31 anos e, por fim, *Joelho* é um homem pernambucano de 34 anos. Os cinco são nomes de partes do corpo que funcionam como pseudônimos.

¹⁹³ (E): Entrevistador; (P): Pecho; (V): Virilha; (O): Ombigo; (C): Coxa; (J): Joelho. Aplicamos a iniciais para os turnos de fala, isto é, para cada intervenção.

(E): A esta bebé sus padres la abandonaron por su deformidad.

(O): [¡Ay, nooo! 😞] 🖐 Entiendo.

COXA

(C): **TADINHO!!** Isso, para mim, é uma coisa que sai de tudo, do profissional, do ideológico. Muitas vezes, *eu saí das ruas* 🙄 para poder estar um pouco mais perto do meu irmão. Ele é totalmente dependente desse aspecto. Para mim, [não sei 😞].

(E): E então?

(C): Se com a vida que eu levo, eu tivesse um filho assim, [minha vida se transformaria 🗣️]. Eu acho isso uma prova de vida, uma mudança, um chamamento 🖐. Imagine você isso na vida que eu tenho. Me deparar com isso, não dá para seguir. [Não dá... 😞]. Essa imagem é muito forte. Essa mulher... [ela admira, ela cuida e tem um ser tão indefeso 😞]. 🙄

JOELHO

(J): DEFICIENTE 🙄.

(E): Gostaria de ter um filho assim?

(J): QUAL É O PROBLEMA, CARA? O amor é o mesmo. [É um ser vivo, pô 🙄▶▶]. Inclusive uma criança deficiente tem que ter mais cuidados, mais carinho, mais amor, mais atenção.



PECHO

(P): Esa foto me da amor, cariño. Muestra... / este es el papá, me imagino.

(E): Sí.

(P): UN PAPÁ ADORANDO A SU HIJO, ¡qué bien! 🙄

(E): ¿A ti te gustaría ser padre?

(P): Sí, me encantaría.

(E): ¿Y crees que vas a ser padre?

(P): [Está en mis planes 🙄]

(E): ¿Sí?

(P): Sí 🙄.

(E): Pero, ¿con una mujer te casarías?

(P): *¡Obvio!* 🗨️ 😊 Soy bisexual, bisexual porque también hago con 🗨️ con los hombres.

(E): ¿Tú te quieres casar en un futuro?

(P): Sí, [*con una mujer, tener hijos y dejar esta vida* 🗨️].

VIRILHA

(V): *¡Madre mía!* [*¡¡MENTIRA!!* 🗨️] el papá de mis hijas nunca se ocupó de ellas 🗨️ de esa manera. [*Bueno, es una suerte tener un hombre así. Creo que son pocos* 😊].

(E): Pero, ¿hay hombres que cuidan de sus hijos?

(V): [*¡Claro!, sí* 🗨️]. Creo que pocos. Bueno, aquí vemos su padre con su bebito. No sé, [*LOS BEBÉS SON PARA LA MUJERES* 🗨️]. Las madres son las teimosas con sus hijos. Los hombres, bueno, pues 🗨️ están cambiando, claro, pero ese cariño, ese tiempo, estar con sus hijos, cosas. Ellos los hacen y nosotras los críamos. [*Yo tengo que hacer esto por mis hijas* 🗨️ 🗨️].

OMBLIGO

(O): Eso es interracial, *¡qué cuchi!* El papá morenito y el niño es blanquito. [*Me parece* 🗨️ *normal* 🗨️], algo que debería ser normal y que todos deberíamos aceptar.

COXA

(C): Amor e realização, é isso é o que significa para mim. Eu vendo essa imagem de um homem com bebê que me parece o filho, faz que eu sinta que [*era tudo isso que eu queria na minha vida* 😊].

(E): Como é que você quer isso?

(C): [*DE TER UMA RELAÇÃO FIXA, DE TER CASADO, DE TER UM FILHO* 🗨️]. Mas também quando vejo essa expressão de amor, para mim, *NOSSA!* [*eu acho que não é do meu mundo. ISSO NÃO FOI PARA MIM* 🗨️ 😊].

(E): Isso na sua profissão não tem como?

(C): No que eu faço, isso pode exprimir também uma realização, mas acho difícil.

(E): Já casou?

(C): Já casei, já tive alguns namorados e acho que o que eu quero 😊 [*é casar de novo* 🗨️].

JOELHO

(J): Cuidado, proteção.

(E): Acha bonito?

(J): [*Acho, é um homem cuidado do seu filho. É NORMAL* 🗨️].



PECHO

(P): Un chico... 🖐️ [¡ay, cónchale! 🤔] [¿CUÁNTOS DEDOS TIENE? ¿SEIS? 😊] 😊
y él nada y él está contento.

(E): ¿Qué piensas de esos seis dedos?

(P): 😊

(E): ¿Y si te viene un cliente así?

(P): 😊. [No sé, tío 😊] ... nunca me ha llegado un cliente así.

(E): ¿Nunca te ha llegado un cliente con deformidad o algo?

(P): No 😊.

(E): ¿Conoces alguna persona que tenga seis dedos?

(P): No, pero en los pies sí que he conocido. Sí en los pies si lo he visto, que tienen como uno como por acá de más.

(E): Sí, pero así, ¿tú no lo has visto nunca?

(P): [NO, NUNCA 🙄].

(E): Crees que sería bueno, así como... ¿te gustaría tener seis dedos?

(P): No, no me gustaría. *Ni de joda* 😊 😊.

VIRILHA

(V): [¿SEIS? 😊] É o tamanho ¿sabes?. [¿SEIS DEEDOS? 😊 🗣️] 😊. ¿es eso? ¿seis dedos? 😊

(E): Sí.

(V): [¡Oh! *Meu Deus!* 🤔 🤔]

(E): ¿A ti, te gustaría tener seis dedos?

(V): [¡MADRE MÍA! *Un dedo a más* 😊], [¡qué bien! 😊]

(E): ¿Y te ha llegado un cliente así?

(V): Así no. JÁ, CON UNA PERNA 🖐️ CORTADA.

OMBLIGO

(O): [¡AH, NO ENTIENDO! 🤔], ¿CUÁNTOS? 😊 🗣️] [Cinco, seis, seis ¿cierto? 🤔]

(E): Eso.

(O): [¡Qué divertido! 😊] Sería divertido hacerle una paja 😊. Te imaginas con seis dedos, no sé 🖐️ [sería divertido que me hiciera una paja 🗣️], no sé. Con seis manos, con seis dedos. [Sería divertido 😊].

COXA

(C): Ele é casado, percebo isso.

(E): [Não. Tem seis dedos 🙄].

(C): [NOSSA! É VERDADE. 😏] [ELE TEM SEIS DEDOS 😏]. Não *vejo vantagem* nenhuma. Para mim, o que me chamou a atenção é ter um anel do lado esquerdo da mão dele. Isso me chamou a atenção, mas por ter cinco ou seis dedos, não. Se vê bonito.

(E): Chegou cliente com alguma deformidade?

(C): Já, já chegaram vários. Uns surdos 🙅 algum cego já atendi. Tive que conduzir, ele chegou no meu lugar por pessoa acompanhando desde o início até o termo que teria que levá-lo. Para mim, isso não é problema. *É engraçado!* No momento que esses clientes chegam até mim, existe uma parte 🙅 caridosa, sabe? [É quando, de repente, sinto me doando mais, até mais do que o *ato sexual* 🙄🙄].

(E): Acha que tá fazendo uma caridade?

(C): Acho, porque é como se juntasse [meu *mundo escuro* ao mundo solitário deles 😏]. [Eles não tem nenhuma opção de namorar 😏].

JOELHO

(J): Olha, eu acho normal. Diferente.

(E): Mas você ficaria com cara assim?

(J): [Eita! 😏 🙄] comigo, particularmente, acho que não rolaria, mas 🙄 não acho nojento.



PECHO

(P): ¡Ufffff! 😞 Sí, un hombre golpeando a una mujer 🖐️ sí, maltrato 🗣️.

(E): ¿Te ha pasado algo así?

(P): (mmm - *nega com a cabeça*).

(E): ¿No te han maltratado nunca?

(P): NUNCA 🙅.

(E): Pero sí que debes de conocer casos, igual en Venezuela, con la violencia que hay ¿no?

(P): Sí, sí he conocido muchas personas. De hecho, tenía una amiga que la pareja [*la golpeaba y siempre la dejaba así* 😊 😞].

(E): [¡*Hostia!* 😞]. ¿Y tú la veías, claro?

(P): Sí 🙅.

(E): ¿Y tú que le decías?

(P): Nada, yo hablaba con ella, pero... 😞 [*sabes que las mujeres cuando están en un punto, enamoradas, no sé si decir enamoradas, ellas no ven otra cosa, si no lo que les conviene y yo hablaba con ella y a ella le da igual* 😞].

(E): Entonces, ¿tú crees que ella es culpable? En esa situación, tiene la **culpa**

(P): En el caso de mi amiga, sí, porque [*ella era la que seguía con el hombre, ella era la que permitía que le pasara eso* ▶▶].

(E): Ya, entiendo. Es increíble lo de la violencia.

(P): Sí, yo considero que, o sea, que cada persona debe de tener decisión propia, marchar uno mismo antes de llegar a ese extremo.

VIRILHA

(V): [¡*Por Dios!* 🗣️] Tengo **miedo**, por ejemplo, en atender por la noche más tarde ¿sabes? [*En las madrugadas. Ven alguien que está colocado, hay mucho loco, que son violentos* 😞]. [*Me piden cosas que me da asco y miedo* 😞 🗣️].

(E): ¿Como que?

(V): Me han pedido cosas como el beso negro, ¿sabes lo que es?

(E): Sí.

(V): Yo no, eso yo no lo hago. amm, 😞 Defecar, amm / ammm, 😞 yo quiero que defeques en mi boca. [ESAS COSAS NO LO HAGO, PORQUE NO SOY CAPAZ 🖐️] *Eso es lo de menos*, pero no soy capaz, me **quedo** 🖐️ **travada** y no sale 😊. Otra vez, um outro, ele quería defecar en mi boca, mear en mí, en mi cuerpo, 😊 y yo:

[¡QUEEEEE! 🗣️], [que le diera beso negro y yo falei: NO, NO, NO, NO, NO 🗣️]. Esta llamada no es conmigo, no 😊.

(E): ¿No lo harías?

(V): **POR NADA.**

(E): ¿Y si te dan mil euros?

(V): Si me dan mil euros, [yo digo: NO 🗣️ 🗣️].

(E): ¿Y has hecho orgías?

(V): [SÍ 🗣️ 🗣️]. *Eso es lo de menos*, lo pasas bien, se divierte, unos risos, un cachondeo. Eso 🗣️ no hay problema.

(E): ¿Si te plantea un cliente golpearte?

(V): [¿a mí, GOLPERME A MÍ?: NO 🗣️ 🗣️] [que a mí no me gusta 🗣️] [NO 🗣️ 🗣️], (chuchuchuchu - nega com a cabeça). **POR NADA.**

OMBLIGO

(O): [¡Ay, no! 😞 🗣️]. Esa sí que *me da mucha pena* 😞.

(E): ¿Por qué?

(O): Porque he estado ahí. [He sido ella ¡qué horrible! 😞 🗣️].

(E): Digamos, ¿qué te han maltratado?

(O): [¡Claro! 😞 🗣️], con este tipo de cosas que tú estás haciendo conmigo, cuando afecta a lo emocional, cuando la foto quiere transmitir un mensaje emotivo, uno lo capta de una. [Y CLARO COMO A MÍ NO ME HA PASADO NADA DE LO ANTERIOR, NO TENGO NINGUNA EMOCIÓN🗣️], pero cuando ya veo algo que tiene que ver, yo ya siento como que: [¡ayyy! ¿qué pasó? ¿por qué le pegó? ¿Y ella no le hizo nada? 😞 😊].

(E): ¡Vaya! 😞

(O): Me da como *rabia*, porque nadie debería permitir que eso pase y me da *rabia* porque yo estuve ahí, porque yo quise estar ahí y creo que cada quien y *cada historia es distinta*, pero siempre tenemos la *culpa*. [Ella tiene la *culpa* de estar ahí 🗣️🗣️].

(E): ¿Y tú te sientes culpable por haber estado en esa situación?

(O): [Claro que sí 😞🗣️ 🗣️]. Y me da *rabia*, me da impotencia, porque no deberíamos de aguantarle nada a nadie. Simplemente, si tienes, necesitas o deseas estar solo, pues ya hazlo. [No te aferres a alguien solamente por dinero, por casa o por comodidad 😞 🗣️]. Esto se ve solamente cuando el hombre es como el soporte y la mujer necesita ese tipo de apoyo, pasa este tipo de cosas. [Es una relación de poder que tiene él y ella no 😞 😊].

COXA

(C): [QUE HORROR! 😞] [ESSA IMAGEM PARA MIM MEXE, VIU? 🗣️] 🗣️ A gente não sabe com quem deita. A gente faz tudo muito bem, pelo menos, acha isso, e que a segurança é o pagamento [Tem muita gente doida no mundo 😞].

(E): Já teve algum confronto? Tentaram bater em você?

(C): [Já apanhei várias vezes 🗣️] 🗣️ Várias vezes. Eu já não recebi pagamento. Já tive hematomas. É muito *triste* ver essa imagem, mas nesse mundo é como se fosse uma vida de um jornalista diante de uma manchete, é um cotidiano 🗣️. Já aconteceu comigo, mas [levanta a cabeça e noutro dia a gente está pronta para a guerra e a

luta do dia a dia 😞]. ASSIM TEM QUE SER, se não fosse por nós quem vai ser?

(E): Verdade.

(C): [*Olha!, isso acontece em muitas madrugadas que você está dormindo* 😞].

JOELHO

(J): [*Covardia! Covardia, cara* 😞].

(E): Por quê?

(J): Na maioria dessas agressões de homem para com a mulher. [*O homem tem mais força, pô* 🙄]. Aí não acho necessário esse tipo de violência. É DESNECESSÁRIO 😞.

(E): Se a sua irmã estivesse nessa situação?

(J): [*TU É DOIDO!* 😞] Claro que eu iria defender a mulher, dentro das limitações.



PECHO

- (P): 😊 *UNA MUJER CACHAS COMO DICEN ACÁ* 😊.
- (E): ¿Qué opinas?
- (P): [*No me gusta como se ve* 🗨️].
- (E): ¿No? ¿por qué?
- (P): No me gustan las mujeres así.
- (E): ¿Tú te liarías con una mujer así?
- (P): [*No me gustan las mujeres así* 🗨️].
- (E): ¿No te besarías con ella?
- (P): mmm (nega). No me provoca en nada.
- (E): Pero bueno ¿hay mujeres que están así?
- (P): Yo conozco. He visto imágenes, no conozco, pero si he visto imágenes de mujeres así.
- (E): ¿Y sí una clienta llega así?
- (P): 😊
- (E): ¿La atiendes?
- (P): (*¡Ah!* - suspira) **no me queda otra opción.** [*La atiendo* 😞 🗨️].
- (E): Pero tampoco es tan asqueroso, ¿no?
- (P): [*No es asqueroso, o sea que, de mis gustos,* 🤔] 🗨️ mi gusto no es que yo vaya a decidir estar con una persona así. [**PERO SI ES DE ATENDERLA, LA TENGO QUE ATENDER** 🤔].
- (E): Ya, vale.

VIRILHA

- (V): [*¡Ufff!! ¡Qué horror!* 😞 *¡Madre mía!* 😞] no me gusta las mujeres musculosas. [*No, eso no me mola* 🗨️].
- (E): Pero, ¿tú nunca te podrías así con ese cuerpo?
- (V): [NUNCA, JAMÁS 🗨️].
- (E): ¿Irías al gimnasio para tener ese cuerpo?
- (V): No, no. No es bonito para mí. [*Así ficar yo como un macho, NO* 🗨️] 😊. Y un hombre así parece UN MONSTRUO, NO ES UN HOMBRE.

OMBLIGO

- (O): [*¡Ay! me confunde* 🤔]. Porque es un hombre.
- (E): No, no es un hombre, es una mujer.

(O): [PERO ES UN HOMBRE 🗨️].

(E): ¿Por qué?

(O): No sé, por la imagen que tenemos del hombre y la mujer.

(E): Y entonces, ¿qué pasa? ¿que una mujer no puede estar musculoso, digamos, musculosa?

(O): **CLARO QUE SÍ**, sí puede, tiene todo el derecho, pero..., 🗨️ bueno, en los estándares de belleza mundiales [esto no está aceptable 🤔 😊]. Está demasiado, es mucho, pero bueno.

(E): ¿Tú te besarías con una mujer así?

(O): PUES, NO 🗨️, [yo no soy hetero, ni es mi prototipo 🤔].

(E): Bueno, como tiene un aspecto de hombre, quizás.

(O): Es el tipo de hombre que no me gusta exactamente, no me gustan los hombres musculosos 🗨️, [¡qué asco! 🤢 🤔].

(E): ¿Y una mujer menos?

(O): ¡Obvio! Sería como el **DOBLE GUÁCALA** 🤔 🤢. No me besaría con ella [NI DE COÑA 🗨️ 🤢].

(E): ¿Eso lo has cogido de España?

(O): Te lo acabo de escuchar.

(E): ¿Y como sería en Venezuela?

(O): **Ni con la verga.**

(E): ¿Tú te besarías con ella?

(O): [Ni con la verga, NO 🗨️ 🤢].

COXA

(C): [Meu Deus! 🤔] Isso aí é um desencontro, um desencontro porque... 🗨️ Eu vejo uma mulher que está [TOTALMENTE TURBINADA. Ela está um HULK 🗨️] 😊 😊

(E): Por exemplo, se chegar um cara desse jeito?

(C): Tranquilo, para mim, **de qualquer jeito** 🤔. Não importa 🗨️ se eu me confrontasse com uma figura assim, eu não teria dúvidas que iria desempenhar meu papel.

(E): Acha que um cliente ia gostar de uma mulher desse jeito?

(C): NÃO, se fosse hétero, acho que não. [De jeito nenhum 🗨️].

JOELHO

(J): [Vixe!! 🤔 **PORRA!! nada a ver!!**, **CARAALHO!** 🤔] um homem todinho 😊. Mais homem do que esse, né? É claro e [é mulher 🤔 😊].

(E): Tu ficaria com uma mulher dessa?

(J): [**RAPAZ!!** 🤔 «É complicado»]. Parece que tá ficando com homem, **RAPAZ!**, jeito de homem, todo musculoso, [oxee!!! É estranho!! 😊]. Para uma mulher dessa, [eu não comeria nunca um periquito na minha vida 🗨️]. Tá parecendo um U-RU-GU-TAN-GO 😊 😊.



PECHO

(P): Y acá 😊, AMOR 😊.

(E): Son dos hombres con una cierta edad besándose en público. ¿Cómo ves esa situación?

(P): No lo critico. No lo critico. **Cada quien con lo suyo.** Me parece muy bien 😊 que a esa edad tengan valentía, porque me imagino que en los años de ellos, eso era mucho tabú ¿sabes? Y ahorita, ves, la sociedad está más revelada. [Me imagino que se sienten 😊 liberados 😊].

(E): Pero se ve bonito ¿te da *asco*? ¿te da *vergüenza*?

(P): No sé 🙄.

(E): ¿Y si fuera tu padre?

(P): 😊 SI FUERA MI PADRE, 😊 es normal 😊. Pero no me da *asco* y no me da *vergüenza*. Solamente. YA, me parece bien.

(E): ¿Pero si fuera tu padre no te daría *vergüenza*?

(P): No, [yo lo apoyo 🙏].

(E): Pero tu padre no sabe que tú 🙋 tienes relaciones con tíos? NO 🙄. En tu casa no saben ¿ni tu mamá tampoco?

(P): [Mi mamá si sabe (lo mío) que tengo (sexo) con tíos y con tías 😊].

VIRILHA

(V): No tengo nada contra, no. Lo veo feo, que dos hombres se besen en locales públicos ¿sabes? Desde mi punto de vista, no sé 🙄 no cabe, pero **cada un tiene su vida.** Yo tengo 🙋 amistad con trans, con gays, ¿né?, maricones, tal. **Me da igual,** para mí son personas que tienen su cabeza así.

(E): ¿Y besarse en público?

(V): En público, no. [Lo veo muito feo. No me gusta, no▶▶].

(E): Pero, ¿si hay mucho gay?

(V): Sí, eso está general. Pero no me gustan los gays. [Nunca me ha gustado 🙄]. No, lo veo muy feo que estén en público y se besando porque 🙋 son dos hombres, como dos mujeres es igual. ¿EN PÚBLICO? [Debían ser más discretos 🙏].

(E): ¿Y si fuera un hombre y una mujer?

(V): Ah! claro, hombre. [Es otra cosa 🙏].

(E): Entonces eso de dos hombres es más extraño.

(V): [*Hombre, ¡exacto!* 🗨️].

OMBLIGO

(O): ¡Ay, *qué lindo!* 😊 Me parece algo normal. Para mí, para mi mundo. Para lo mío es normal y lo de los demás no sé. Esto es normal.

(E): ¿Qué te produce?

(O): Cualquier cosa. *Me da igual*. No me produce ni *asco*, ni *alegría*.

(E): ¿Si tú ves dos señores así en la calle besándose?

(O): Pues, que se besen, yo no les voy a grabar, ni *nada de eso*, es su vida privada. ¿me entiendes? 🖐️ Es como sí tú que eres hetero te das un beso con tu novia, ¿te van a grabar?

(E): ¿Pongamos la situación que es tu padre que se está besando con otro?

(O): [*¿Y POR QUÉ VA A SER MI PADRE BESÁNDOSE CON OTRO?* 🤔]. No lo sé... 🖐️ Pues, bueno, ya, que se besen, nada, es que yo soy así, no me importa, que se besen y ya cuando llegue a la casa que me hable y me explique.

COXA

(C): *Que lindo!* 😊 Olha, pela minha condição, pelo que eu faço, eu teria que achar mais do que normal, então.

(E): Acha lindo?

(C): Eu acho bonito exteriorizar o sentimento. [*A gente vive numa sociedade, fechada, cheia de paradigmas* ◀️]. [*Pelo menos aqui no Brasil ser prostituta não é uma profissão* 🤔].

(E): Entendo.

(C): É uma expressão de amor, devem ser respeitadas as pessoas que gostam do mesmo sexo. Gostam de sexos diferentes, casam, não querem filhos. [*Tá tudo ótimo!*, para mim 😊].

JOELHO

(J): [*Vixe!! Foda!!* 😞 🤔]

(E): E então?

(J): Parece dois namorados, como é que é? É um filho e um pai? 🤔. O beijo tá muito caliente 😊. [*ESSA EXPOSIÇÃO EM PÚBLICO NÃO ACHO LEGAL, NÃO* 🗨️].

(E): Acha nojento?

(J): NÃO, acho desnecessário 🤔 não precisa disso.



PECHO

(P): Un malandro ¿cómo le dicen a los malandros acá?

(E): Un chori, un chorizo es como ladrón, un chorizo o algo así, un jincho también. Allí que le dicen ¿malandro, no?

(P): MALANDRO. ◀◀

(E): ¿Te has visto en alguna situación así?

(P): Síii 😊 (abaixa a cabeça).

(E): ¡Hostia! 😡 ¿En Venezuela?

(P): [En Venezuela 🇻🇪].

(E): ¿Qué pasó? ¿Qué te intentaron asaltar o algo?

(P): Para robarme un teléfono.

(E): ¡No jodas! 😡

(P): Sí, de hecho, me partieron 😊, [no sé si ves que tengo aquí una cicatriz (mostra a cicatriz que tem na cabeça, área sem cabelo) 😊].

(E): ¿Y eso como fue, esa cicatriz?

(P): 😡 [Fue con un copete, con un palo 😡], lo que tiene la cama 🖐️ esta no tiene, ¿sabes? Lo que tiene una cama acá, que son como unos... 🖐️ no sé como le dicen.

(E): El cabecero, ¿no?

(P): El cabecero, sabes que tienen como en esquina tienen como un palo, una madera

(E): Sí.

(P): Ajá, con eso me dieron para robarme el teléfono 🖐️ [EN PLENA CALLE 😡 😡 🗣️]

(E): ¿En serio?

(P): Sí 😡 😊.

(E): Pero con arma nunca te han atracado, ni con cuchillo tampoco.

(P): NO 🗣️ 🗣️).

(E): Entonces, con un palo de esos te robaron el teléfono. ¿Y tu no reaccionaste, no te defendiste?

(P): NOO, YO ME DESMAYÉ. Y ya cuando me levanto, me tienen un poco de gente. Sí, no tenía nada, ni teléfono, ni dinero, ni 🖐️ nada. [De repente, ESTABA LLENO DE SANGRE 😊 😊]. Porque eran tres tíos y bueno, [uno me abraza y el otro me da ¡PUM!, cuando me abraza, caígo. Fue lo más así que me he acercado a eso 😡 😡 😡].

VIRILHA

(V): [Esa violencia, no. 😞. No me gusta 😞. La violencia, no. 😞 🗣️] 😞.

(E): ¿Has sufrido alguna situación así?

(V): En Brasilia tuve un trabajo. Estaba en un onibus, una van, es un medio de transporte. Como una van, aquele microbus y yo trabajaba, yo cobraba, recibía dinero ¿sabes? y entrábamos en varias áreas de la ciudad, porque es una capital, muy grande. [Y por la noche había cacos 🖐️ paraban los vehículos para asaltar 😞]. Sí y un 🗣️ pasajero pediu que quería parar. El conductor paró y era oscuro, era una carretera que cortaba el bairro, era oscuro y entonces entró esa gente. E vai 🖐️ bajó y el chico entró. Entró y yo estaba sentada así, mmm, atrás do conductor, [ai chegou con un ventidois, era um vintidois, nao tenho como errar 😞, um veintidois é assim desse tamanho (mede com a mão) 😞] [aí fez assim, **aqui ó!**, fez assim: dame el dinero, dame el dinero que es un asalto 😞]. [Lembrei da minha mãe que dizia: se pasa eso entrega todo, entrega todo, **lo más importante es la vida** vuestra 😞 🖐️ y así pasó 😞]. Es una coisa assim tan rápida que después, que tú empiezas a pensar lo que ha pasado, pero en el momento no te da tiempo a reaccionar.

(E): Entonces, ¿no te dio **miedo**?

(V): En el momento no, pero después sí me ha dado. [Sí, porque sabes **salen corriendo** el conductor gritando com ele, gritando ¿sabes? Mis cosas no llevó, solo el dinero 😞 😞].

(E): Entonces, tú eras cobradora del autobus y se llevó el dinero del autobús.

(V): Había poco porque nós ya estábamos preparados, porque con tanto asaltos que estaba habiendo ¿sabes?. entonces, por la noche, poquito dinero y mesmo assim, llevaron 100 reais. Habíamos acabado de abastecer y entonces había poco dinero, como 80 reales, como 20 euros de aquí.

(E): ¿Y ya te atracaron más veces?

(V): [No, solo una vez. **Bate na madeira**. En toda mi vida solo una vez 😞 😞]. En mi ciudad, Goiania, hay muchos ladrones, muchos, muchos, muchos. Un millón y doscientos mil habitantes, **una pasada**. Mis sobrinos vienen de la universidad, voltam a casa. Porque mi familia viven en un barrio 🖐️ DE PASTA ¿sabes?. De mucha pasta. Entonces, esta gente sabe que la gente de dinero es que vive allí. Pero eso no importa para ellos. Eles quedan en las esquinas esperando que pasen, caminando, van con una arma, un cuchillo. Mi sobrino ya fue asaltado dos veces, tuvo que dar el bolso, el teléfono, sus cosañas.

(E): ¿Y aquí en España, te han atracado?

(V): Una vez llegó un cliente e hicimos todo ¿sabes?, dejó el dinero aquí encima y su teléfono encima do dinheiro, acabó todo y él estaba bebiendo porque había traído unas botellas de cerveza, aí yo falei: mira, te acompaño 🖐️ hasta la puerta e ele vale, vale, ¿y el dinero? 🖐️ Está aquí 🖐️ Venga que te acompaño, vamos 🖐️ [de repente, pasó la mano en el dinero y falou assim: lo siento. Y yo falei: ¿COMO? ¿Cómo? Dame el dinheiro, devuéveme, porque es mío. Lo siento, pero no te voy a dar. ¿Sabes? **pasé miedo**, porque el tipo tenía un metro y ochenta y pico y fuerte 😞 🗣️]. Y ahí fue bajando, comencé a gritar con ele y la chica: ¿qué ha pasado? ¿qué ha pasado?, sale de la habitación. Que se lleva el dinero 🖐️ y él fue bajando las escaleras. Serían como las tres de la mañana. [Además yo quedé ¿sabes? me sentí tan mal con aquilo, el no quedó contento 😞]. Y sabes lo que se ha olvidado suas llaves. Olvidó suas llaves. Ahí timbra, atiando. Mis llaves. [NO, no te doy las llaves. Si me das el

dinero, sí ☹️]. Ahí se fue. [Hay tipos que roban, dicen: dame un vaso de agua, ya ha pasado con las compañeras, doscientos, trescientos, y con un vaso de agua, ella va, por ejemplo, saben que el dinero está aquí (abre a gaveta da mesinha) y después la chica se ha dado cuenta de que le robó el dinero 😞😞]. Ahí clientes que te pagan y quedan observando donde tu pones el dinero. Un despiste. Y se lo lleva.

(E): ¿Hay que tener cuidado con los clientes?

(V): Mucho cuidado. [Hay mujeres también, hay mujeres que cogen el dinero de la cartera del cliente. **Hay de todo** 😞😞]. Otro día, un chico se olvidó su tarjeta. Mira, está aquí. Si viene a buscar, que venga, si no, cuando pueda. Aquí está (mostra).

OMBLIGO

(O): ¡Ahhhhh!! (Grita)

(E): ¿qué pasó?

(O): ¿Es un cuchillo? 😞

(E): Sí. Es un cuchillo, tío.

(O): ¡Ay, **Dios mío!** 😞 [Yo he estado ahí. He sido él 😞 😞]. 😞

(E): ¿Digamos que tú has sido la víctima?

(O): Sí, en Venezuela. Me sacó un cuchillo. De hecho, yo le quité el cuchillo y me quería pegar con una piedra.

(E): ¿Y porque te estaba persiguiendo con un cuchillo?

(O): Bueno, eran como las cinco de la madrugada y yo estaba saliendo de la discoteca. Yo vivía cerca de la discoteca y para llegar a mi casa, tengo que atravesar un parque y en ese parque siempre estaba oscuro y [había mucho colocado y un colocado me vio, quería mi teléfono y quería mi cadena, pues nada, tuvimos un forcejeo horrible y nada, salí de eso 😞]. Iba pasando un policía y yo me fui atrás del policía corriendo a decirle que me estaban pegando, que me iban a atracar y [el policía paró y se llevó al muchacho, y yo llegué a mi casa, tranquilo 😞].

(E): ¿Tranquilo?

(O): No, histérico 😞. [Llorando horrible, mi mamá me preguntaba que pasaba. Le dije: me iban a atracar y ya, pero no di detalles 😞😞].

(E): ¿Y tú tuviste el valor de cogerle el cuchillo?

(O): Es que, fue muy raro. Sabes que te apuntan, pero cuando tú estás en esa posición [tú tienes que tomar dos caminos: o pelear o dejarte que te apuñalen, porque ese tipo de personas no va a ver si te apuñala, ese tipo de personas **está dispuesta a todo** y tú tienes que estarlo ☹️]. Lo que pasa es que yo [siempre he sido una persona muy segura de mí. De esos, que si voy a hacer algo, lo voy a hacer bien ☹️]. Pues, nos agarramos, el me agarró y, pues, yo no sé como, no tenía el coso aquí, sino que lo tenía así, como que listo para... estaba así, y [yo cuando lo agarro, le agarro el brazo y se queda atrapado ☹️ y ahí entre forcejeo y forcejeo nos caímos y el cuchillo fue a dar para allá como en las películas 😞 😞]. Y obviamente yo ya le di con el pie para alejarlo y agarró una piedra y me quería pegar en la cabeza con la piedra para dejarme inconsciente, pero [es que yo también soy fuerte y entonces **no me pude cagar** en ningún momento, porque soy fuerte ☹️ ☹️].

(E): Menos mal, ¿no?

(O): Sí, porque sino yo hubiese terminado muerto y robado.

(E): ¿Tú crees?

(O): [Sí, en Venezuela, no tienen **miedo** de las leyes. **La vida no vale nada** ☹️].

(E): ¿Te pueden matar por cualquier cosa?

(O): [Sí, y no sale en las noticias, nadie habla de eso. Simplemente, te entierran y ya ☹️▶️]. Porque hay muchos que no salen en las noticias. Todos los días matan miles de personas.

(E): ¿Y de tu círculo cercano, de amigos, familia?

(O): Que alguien ha muerto, nadie, que hayan matado, no, **gracias a Dios**. Atracos sí, muchos, pero ya mis amigos son grandes, veinticinco y veintiseis años y ya saben como manejar la situación. Por ejemplo, [si alguien te va a robar, dales todo lo que tengas y ya. Si tú ves la oportunidad de pelear, pues pelea y ya ☹️]. Pero, [no han matado a ninguno. **Gracias a Dios**, están todos vivos 😊].

(E): Menos mal.

(O): Sí, **gracias a Dios** y eso.

COXA

(C): Deixa eu entender!! **Pera aí!** ☹️. [Não, gosto não ☹️▶️]. Essa imagem é violência. Tou vendo ai violência na rua, eu não sei com quem é ☹️ se bem que eu entro no carro de quem não conheço, eu [estou susceptível a passar uma ótima noite ou a voltar com hematoma, ou quem sabe, voltar com vida. **Ninguém sabe!** ☹️☹️].

(E): E então, o que você acha disso?

(C): Aqui não, eu não aceito ☹️. [É um maluco que tá agredindo. Eu aceito não ☹️].

(E): No Brasil, tem muita gente que tem arma?

(C): TEM, muita gente com faca, arma, muita gente que não respeita 🗣️, mas [minha resposta para isso: é verdade, acontece, mas eu não aceito ☹️]. Agora, a outra que você mostrou antes, que [eu poderia me machucar, essa eu já **passo a minha maquiagem** sabendo que pode acontecer ☹️☹️].

JOELHO

(J): **Covardia!! Foda mesmo!** ☹️. [Covardia por parte do cara que está com arma branca, sacou? ▶️☹️] [Sendo dois homens e nenhum estar armado, **beleza!** Se entendam☹️]. [Leva vantagem por conta de uma arma ☹️]. [É a mesma coisa de um marginal lhe assaltar, **SACANAGEM, IRMÃO!!** ☹️ 🗣️☹️] Porque ele não assalta sem arma para o outro poder se defender?

(E): Pois é. Já sofreu assalto?

(J): Já. Quem não? [Melhor coisa é não reagir, pô. Se reagir, está fodido ☹️].



PECHO

(P): ¡!!Ahhh!!!

(E): ¿Podría hacer tu trabajo?

(P): 😲 (cara de sorpresa) 😊

(E): ¿Qué cara es esa?

(P): No sé 😊.

(E): ¿Por qué?

(P): [No lo acepto. No, si me viene un cliente así no lo acepto 🙅].

(E): ¿No la aceptas?

(P): [¡Exacto! No voy a poder hacer nada con la clienta 🙅]. Ellas vienen. La mayoría de las personas que vienen acá es para que las **folle bien** y [no me voy a poder empalmar con una persona así 🙅]. No es por criticar, ni por nada, si no que es algo que 🙅.

(E): ¿No te podrías empalmar con una persona así?

(P): No me apetece.

(E): ¿Y un hombre así ya te ha llegado?

(P): No, me han llegado gorditos, pero así no.

(E): ¿Y esta mujer podría ser prostituta?

(P): Sí. Sí hay. Conocí una señora de SESENTA Y CUATRO años, una gorda así, una abuelita 🙅 que era prostituta. Y trabajaba, eso era, o sea.. sacaba uno y entraba el otro, sacaba uno y entraba el otro. Y todos en la casa nos quedamos así como que: **¡guuuuu!** 😲

(E): ¿En serio?

(P): Y unos tíos, TÍOS que le calculo yo veinticinco años, treinta años. Tíos así cachas, grandoootes. [Los jóvenes quieren estar con una de su edad para **agarrar experiencia** 😊].

VIRILHA

(V): ¡Vaya! una señora que está con problema de salud.

(E): ¿Crees que podría hacer tu trabajo?

(V): [NO, esta no 🙅]. Hay gorditas, porque esa aquí, esa aquí tiene una obesidad mórbida.

(E): Pero hay clientes que les puede gustar.

(V): Hay muchos disturbios, **sabe lá!** Pero esta así no. [Tiene unos trescientos quilos 🙅 esta señora 🙅].

(E): ¿Pero habrá quien le guste?

(V): [¿¿SÍIII?? 🤔. *No lo sé. Yo creo que no*]. Solo un enfermo mental para buscar este tipo de belleza ¿sabes? No sé. En este mundo que vivemos, que estamos donde las personas solo buscan belleza física. La mayoría. Una cara bonita, un cuerpo bonito. [¿Tú sabes cuantos hombres vienen y se van? 🗣️].

(E): No sé.

(V): Muchos.

(E): ¿Cómo así?

(V): Mira, no gustan.

(E): ¿Y tú como te sientes? ¿es normal?

(V): Bueno, 😊 cuando uno no le gustas, tú aceptas ¿sabes?. **Hay gustos para todos**. Si no le gustas a uno, hay otro que viene: **¡qué guapa!** y te trata bien, otros fican asustados, espantados 😊 NO, NO, NO, NO 😊 😊. Yo me siento fatal, ya me ha pasado dos veces 😊, [yo pienso: ¿soy un bicho o que? 😊 🤔].

OMBLIGO

(O): ¡¡Qué horror!!

(E): ¿Podría ella hacer tu profesión?

(O): No 🙅.

(E): ¿Por qué?

(O): [Porque se moriría de hambre 😞].

(E): Yo conocí uno que estaba bien gordito y que *hacía esto*.

(O): Eso te iba a decir. Lo puede hacer. Pero ¿tú crees que a esa persona le vaya a llegar diez clientes al día?

(E): No creo, no.

(O): Le llegará uno o dos a la semana, porque a muy pocas personas que le gustan ese tipo de personas.

(E): ¿Crees que está muy gorda?

(O): [¡Claro!, un poco 😊] [yo podría trabajar con ella tranquilamente 😊].

(E): ¿Y si tú llegaras a estar así de gordo, como te sentirías?

(O): [Yo me sentiría **triste** conmigo mismo y culpable, porque si ella está así es por **culpa** de ella 🙅]. **Es así**, yo estoy así por mi **culpa**, tú estás así por tu **culpa**. Si no nos cuidamos, si no comemos bien, si no vamos al gimnasio, pues vamos a estar así, entonces, ¿de quién es la **culpa**? [LA **CULPA** ES DE ELLA 🗣️].

COXA

(C): Solidão! *É muito triste* 😞. Solidão porque a gente vive num mundo assim de valores estéticos. *Eu vou te falar*, só aqui e porque é para você, mesmo na minha profissão, eu não teria condições de desenvolver. Isso coloca em questão até meu talento.

(E): Mas como que não teria....?

(C): [Eu não conseguiria desenvolver um **ato sexual** 🙅].

(E): Com uma pessoa assim? Com um gordão?

(C): Não, não, eu passaria para outra pessoa. [Sem condições! 🙅].

(E): Sério?

(C): Para mim, **não dá**. Já chegaram velhos, até anão, algum discapitado, mas

assim não. *Vou te falar*, eu tenho uma aversão à gordura. [*Baixo, magrinho, pode ser o que for, mas se for GOORDO, não rola* 🤔].

(E): Uma mulher dessa gordura poderia ser prostituta?

(C): Poderia até ser. [*Se ela fosse exatamente o que eu estou vendo, ela teria clientes totalmente doentes* 😊]. Na vida normal, ela iria, talvez, buscar outro meio para **pagar as contas**.

JOELHO

(J): [*Essa aí é cliente fidelidade do ifood!* 😊]. Aí é uma doença, né? Degenerativa que chama? 🤔

(E): Isso.

(J): É uma pessoa doente, porém que não se ama, né? Acho que desde o início a pessoa percebe que tem esse problema de engordar, [*vai se cuidar! Se esforçe! Vai na academia* 🏋️].

(E): Olha, e se chegar um cliente assim?

(J): [**PORRA!**, eu mando para sua casa. **Sem condição!** 🙄].



PECHO

(E): ¿Y si te llega este?

(P): ¡Uffff!, 🤔 un ancianito así 🖐 no sé 🤔. No me ha tocado todavía.

(E): ¿No te ha tocado un ancianito así lleno de tatuajes?

(P): Lleno de tatuajes 😊.

(E): ¿No lo ves?

(P): Sí, sí lo veo. Sería bien que me contara cada historia de su tatuaje, pero de atenderlo 🤔 🤔.

(E): ¿Crees que no lo podrías atender?

(P): 😊 Pero sí llama la atención ese señor así por sus tatuajes. Sí, claro. Sí, me gustan los tatuajes 🤔.

(E): ¿Tienes?

(P): No, pero sí me gustan, me encantan.

(E): ¿Te gustaría hacerte?

(P): Sí, pero no tengo ninguno.

(E): ¿y por que no te haces?

(P): Porque soy 🖐 [me dan **miedo** las agujas 😊]. Entonces, ya es como que... ¿tú sí tienes tatuajes?

(E): No, ¡qué va! ¡qué va!

(P): ¿No te gustan?

(E): No, la verdad es que no me gustan mucho, me da un poco de.. no sé, **miedo** quizás, bueno es que no sé 🤔. Sí, las agujas no me gustan mucho, ¿qué pánico o **miedo** más tienes así a parte de las agujas? ¿a los perros, al avión, a...?

(P): Al avión, no; a los perros, tampoco. A las culebras, sí, [a las culebras les tengo pánico 😊].

(E): Pero, por allí ¿hay muchas?

(P): Por donde yo vivía, sí había ¡qué **miedo**! 😊

(E): Entiendo.

(P): Sí había 😊. [Y veía como caminaban de frente donde yo vivía. Era horrible 😊] 🤔.

VIRILHA

(V): **MISERICÓOOORDIA!!!** 😊 ¡qué está tatuado el cuerpo!! [¡Madre mía! 😊🤔] [Un viejito tatuado ◀ ▶].

(E): ¿Te gustan los tatuajes? ¿tienes alguno?

(V): Los veo bonito, pero no tengo ninguno. Tengo ganas de hacer uno. [*Pero te duele, me da miedo* 😊], mmm 🤔. No me gusta así todo el cuerpo tatuado, NO. Me gusta una tatuaje bien grande, me mola, me mola en una pierna, sí, [*pero todo el cuerpo, NO* 🙅 *NO* 🗣️].

(E): ¿Y si te viene un cliente así?

(V): Con tanto pelo y tatuaje así: [*¡madre mía! ¡Tú también!* 😊] ¿no? 😊.

(E): [*Pero si el cliente te paga* 😊]

(V): Te paga, pero bueno, hombre.

(E): ¿Entonces tú rechazas clientes?

(V): A ver es que 🙅 es que nunca ha llegado cliente así, no he pasado por isso. Bueno un chico bien tatuado, [*pero un VIEEJO!* 🗣️ 🤔], tú dices un viejo.

(E): Sí, un viejo tatuado.

(V): [*No, yo no quiero vivir isso, no* 🗣️].

(E): Pero, ¿si es un viejo guapo?

(V): [*Ufff, ¡qué situación!* 😊 😊]. He estado con viejos pero más simpáticos, más agradables. [*Es lo que te digo. Con uno de 81, pero no tenía nada que ver con ese* 🤔].

(E): ¿Y era bonito?

(V): [*Sí, bien limpio, sí y se empalmaba, hombre, ¡claro!* 😊].

OMBLIGO

(O): *¡Qué cool!* Me encantan los tatuajes. Yo me quiero tatuar todo el cuerpo. Se ve muy cool.

(E): ¿No te has tatuado?

(O): No, nada.

(E): ¿Y por que todavía no?

(O): Pues, no sé, no sé que tatuarme 😊.

(E): ¿Te da *miedo*?

(O): No sé que tatuarme, cuando tenga algo que tatuarme yo... 🤔

(E): ¿No ves que es un poco exagerado y con esa edad, no sé?

(O): No... Pues, claro, si te haces un tatuaje a los 20, lo vas a tener hasta los 100, entonces la edad como que es irrelevante. Para mí, lo es.

(E): ¿Te parece bonito?

(O): [*¡POR FAVOR!!* 😊 *Fue bonito cuando tenía 20*].

(E): No lo sabemos si en realidad se los ha hecho después, claro.

(O): Pues, entonces, bueno, no sé.

(E): ¿Y si te viene un cliente así, qué?

(O): [*¡Nada!, lo atiende y ya* 😊] 😊.

(E): No hay ningún problema, ¿no te daría *asco*?

(O): No. 😊 🤔

(E): ¿Mujer, no atiendes?

(O): No, de hecho, estos días me llamó un chico que tenía como que 18 y hablaba como mujer. Y yo disculpa pero yo no atiende mujeres. Y él me dice, ah, pero es que yo soy un chico y yo: [*ay, perdón, disculpa, es que tenías voz de mujer, ¡qué vergüenza!* 😊].

COXA

(C): [Um vovó cheio de tatuagem ◀◀ ▶◉].

(E): **Já pensou?**

(C): Nunca pensei ter o meu corpo tatuado. [Eu me sinto muito atraída por homens tatuados 😊]. Muito atraída. Homens tatuados exprimem uma liberdade na aparência 😊, [mas no fundo não tem ▶◉].

(E): E você curte mesmo de tatuagem assim?

(C): Olha, na minha vida, eu pensei em ir e não vou. [Eu não marco meu corpo porque eu não sei quem vem depois ▶◉ 😊]. Entao, admiro muito.

JOELHO

(J): Isso aí é reflexo da juventude. [Se tatua mais jovem, a velhice chegou e a tatuagem não sai. **Fodeu!** 😊]

(E): Vêi, tu tem tatuagem? Curte essa parada?

(J): Só uma. Mano, para que ter tantas tatuagens se a velhice chega. Será que você vai tar sempre dentro da academia?

(E): Depende, né?

(J): Cara, tem muito idoso que tem um corpo massa, sarado e que se cuida, mas tem que **ter pique**, né?

(E): Pois é, véi. Tu ficaria com cliente assim?

(J): [Olha, esse cara tem idade de ser meu bisavô, 😊😊. **Não dá.** É até uma questão de respeito 😊].

APÊNDICE VI – TRANSCRIÇÃO DO ROTEIRO IMAGÉTICO: MATERIAL
AUDIOVISUAL

VÍDEO 1: POLICIAL ATIRA EM LADRÃO QUE ROUBOU SUA MOTO E
FILMA TUDO

<https://www.youtube.com/watch?v=RckCdOJsZ0A>

PECHO

(P): [¡Ahhhh! ¡guaauuu! ¿¿COMO?? 🗣️ 😬] ¡Qué fuerte! 😬] Lo mató fue un 🗋️ viejito que estaba ahí parado ¿no?

(E): Era un policía de paisano. ¿Has presenciado situaciones así?

(P): [Nada de eso 😊]. [Tiroteos sí los he presenciado. Varios tiroteos 🗣️]. En Venezuela. Pero era porque yo me 🗋️ yo que era 🗋️ me iba cuando estaba muy pelado, me iba a rumbear a barrios, no sé cómo le dirán acá.

(E): Entiendo, barrios como 🗋️ periferia.

(P): ¡Ajá! Y ahí se presentaban ese tipo de cosas que estaban full de malandros.

(E): ¿Y tú estabas allá con todos los malandros?

(P): Con amigos. Con amigos de mi edad, es que [nos íbamos de locos a meternos en esas zonas y después terminábamos corriendo 😊] 😊.

(E): ¿Habrás visto heridos o algún muerto?

(P): No, no, simplemente, es que [comenzaban a lanzar tiros al aire, o comenzaban 😬 😬]... veían a otro malandro y comenzaban entre ellos mismos, ¿sabes? Como peleas entre ellos mismos. Y las demás personas alrededores, *salíamos corriendo*. Siempre que yo presenciaba eso, lo que hacía era correr y correr 😬 🗋️ esperar a que todo se calmara 😊.

VIRILHA

(V): [¡Ahhhh! ¡¡Mira!! AHHH!! ¡¡MIRA SÓ!! ¡¡madre mía!! ¡¡qué horror!! 😬 😬] [¡ASALTO! 🗣️] Eu creio que, eu vi ese video, sí, sí 🗋️ yo lo vi.

(E): ¿Podría pasar eso aquí?

(V): Bueno, no sé, no sé, mmmm 🤔. Puede pasar, [¿por qué no? 🗣️].

(E): Has visto que el otro parece policía y le dispara.

(V): Sí, dispara a los bandidos. Mira ahí, eso, [¡ayyy, no! ¡Vaya! 😬 😬]

(E): ¿Has visto tú algún tiroteó?

(V): [Gracias a Dios, no, NO 😊]. Y aquí tampoco. Mejor no, que nunca, ¿sabe? [Porque yo soy muy nerviosa y acabaría loca, FATAL 🗣️].

OMBLIGO

(O): [¡Ahhhh!! ¡Uyyfff! ¡DIOS! 😬 😬]

(E): ¿Qué pasó?

(O): ¡Ahhhh, quien lo mató? [¡Ay, no! ¡Cómo me divierto! 😬]

(E): Era un policía y lo mató.

(O): ¡Claro!, es normal, sí. [En Venezuela eso es normal, te atrapan robando y te matan 🗣️].

COXA

(C): **EITA!** 😊 ¿quien foi quem deu noutro?

(E): Um policial que estava à paisana.

(C): [Matou o bandido!! 😊 😊]

(E): Exato.

(C): [Sei não!! 😊 😊]

JOELHO

(J): Esse acho que vi, deixa terminar.

(E): Deve ter visto, e aí irmão?

(J): [Nunca mais ele vai roubar 😊]. [Bem feito! Ninguém tem direito de roubar nada de ninguém 🙏 🙏].

VÍDEO 2: CASAL DE MENDIGOS SE BEIJANDO NA PRAIA DA BARRA

<https://www.youtube.com/watch?v=B4q-D6LsROs>

PECHO

(P): [!!Buahh!! ¡Guauu! 😊 😊]. APASIONADO 🗣️. [Eso es un beso apasionado 😊😊]. [No mola, no mola nada 🙏].

(E): ¿Por qué?

(P): Porque no. Si te digo que yo vi, yo presencié algo así en Ecuador. Dos personas, [dos personas de la calle teniendo sexo delante de todo el mundo 🙏 😊 😊].

(E): ¡Ostra! 😊 ¿y qué sensación te dio?

(P): Nada, [a mí me **dio** fue como **asco** 🙏]. Sinceramente, [¡guácala! Porque cuando yo los veo y ellos no les importaba nada 😊😊]. Simplemente, estaban ahí entre ellos dos y ya. Y las personas caminaban y se les quedaban viéndolos, [les **tapaban los ojos** a los niños y así 😊😊]. Pero nunca llegó la policía ahí al sitio. Nunca llegó la policía. Y fue en todo, o sea, en todo el centro de Ecuador, de Guayaquil, donde yo vivía. [Y es asqueroso 🙏 😊😊].

VIRILHA

(V): Ya vi varios así, BORRACHOS 🗣️. [¡Uffff! ¡qué **asco**! 🙏] Yo vi una mujer vieja, vieja, vieja con un hombre joven el otro día. Así, estaban en una fiesta, yo que sé.

(E): ¿Y te dio **asco**?

(V): [Sí, ¡!!uyyy, **nooo**!! 🙏]. No me gusta. Yo creo que procurar discreción. [Veo mal a la pessoa que está filmando, eso sí, yo vi que estaba induzindo a los dos que hicieran eso 🙏 para grabar 😊😊] ¿entiende?

(E): Pero, ¿a veces tú no tienes esa sensación en tu trabajo cuando besas a los clientes?

(V): [¡Ay, **no**! No me gusta besar 🙏]. Cuando insisten mucho, yo doy besitos así, mua, mua, besitos en la boca, pero de sello ¿sabes? Algunos piden besos de lengua y a mí no me gusta. No me gusta dar, muy raro, [solo cuando es un cliente muy

atractivo para mí, sí. Si no, NO 😊 🗨️].

(E): ¡Vaya! ¡qué curioso!

(V): [Yo también paso bien, 😊]. Hay con clientes que lo *paso de maravilla*. [¡Claro, sí! 🗨️] Yo el otro día quedé con un chaval guapísimo. [¡Ufff! *estaba muy bueno* y nos enrollamos así y lo pasamos 🗨️ *unas dos horas muy bien, muy bien* 🗨️ 😊].

(E): ¿Y tú lo besaba?

(V): Sí, mucho y él a mí. Muy bien. Muy bien. Eso algunos. Hay clientes que saben 🗨️ también hacer las cosas, quieren pasarlo bien, entonces, [*que son envolventes ¿sabes? que tienen aquella coisa que cativa, que vai, como si fuéramos novios* 🗨️], digamos así. [Muy fofo ¿sabes? y yo me sentía bien 😊].

(E): ¿Y te gustaba?

(V): No, me acariciaba, pero sí, yo aceptaba ¿sabes? eu também dou carinho, [*há clientes que dou carinho. Hago masaje, acarició suavemente así para que te sientas bien, hago cositas* 🗨️]. PORQUE QUIERO HACER, no porque está me pagando, porque quiero, porque siento essa necessidade de dar mais. [Sale de mí, porque me siento bien y *doy cariño* 😊 🗨️].

OMBLIGO

(O): [¡Mira la cara! 😊] ¡Yo no sé qué hacer!! ¡Qué *asco!* 🗨️]

Se están besando así, no sé, por el video, no tiene sentido 🗨️. Pero no es como en plan lastima, ni nada, es como: [¡Marica, qué estás haciendo con tu vida! O sea, ve a trabajar 🗨️ 😊].

(E): Son de la calle.

(O): [Yo sé, que se pongan a trabajar, marica 🗨️]. [Porque *quien es pobre es porque quiere. ¡Ayy, no!, ¡guácala!* 🗨️ 😊]

(E): ¿Te da *asco*?

(O): [No, porque yo también he tenido que besar así 🗨️]. Entonces, no me da *asco*. *Me da igual*.

(E): ¿Y cómo es ese sentimiento de besar a una persona que no te gusta?

(O): [Asqueroso, pero bueno, lo tienes que hacer. Siempre y cuando él no tenga un herpes, ni nada 🗨️ 😊].

COXA

(C): Eu não entendi o gênero, são dois homens?

(E): Homem e mulher, sente *nojo*?

(C): [*NOJO?* 🗨️ Não 😊 🗨️]. [Olha, o gesto dele é até atraente 😊 🗨️] [Ele *está com fogo* 😊]. Para mim, comigo não existe normalmente esse fogo aí 😊.

JOELHO

(J): [Acho muita *fela da putagem* 🗨️] a pessoa que se aproveita dos mais oprimidos e uma pessoa bêbada para estimular esse tipo de coisa. É uma falta de respeito para com o outro.

(E): É nojento?

(J): Não, [*nojento é os caras que estimulam a fazer isso para o vídeo* 🗨️].

VÍDEO 3: TRAVESTI DANDARA É ASSASSINADA BRUTALMENTE NO CEARÁ

<https://www.youtube.com/watch?v=tJTOgtAz7cI>

PECHO

(P): [!!!Ufff!!! ¡qué horror! 😱 ¡qué loco! 😞 😞].

(E): ¡¡Qué loco!! ¿no?

(P): Sí. Sabes, así se han visto en muchos casos ¿sabes? [La discriminación es fuerte, fuerte, fuerte 🙄👎😞]. De hecho, yo cuando fui a, a... 🙄 **pedir papeles** acá, habían muchas personas planteado ese problema, que se venían de otros países acá, porque aquí la, la 🙄 eso de la sexualidad era como más abierto, no se ve como un tabú. [Había personas pidiendo papeles simplemente por eso, como por... porque en su país no podían estar, o porque eran discriminados, infinidades de cosas 👎😞]. Eso yo lo escuché en Madrid, se lo escuché a varias personas.

(E): Ya. Entonces, digamos que aquí la transexualidad está mejor vista.

(P): Aquí sí 🙄, o sea, el tema homosexual, la transexualidad, eso está... lo he visto yo aquí como que muy abierto, son muy abiertos a eso, más que en Venezuela. [No le veo ese tabú así que comienzan a discriminarlos, ni **nada de eso**, NO 🙄]. Por ejemplo, [en Venezuela, va una trans caminando y ya está todo el mundo está viéndola, hablando, criticando ¿sabes? 👎😞 😞] Acá no, acá la gente es muy... le **da igual** si está o no está.

VIRILHA

(V): [Meu Deus! Como assim! 😞😞 ¡ESO SON TRAFICANTES! Rapaz! Que horror! 😞 😞].

(E): Es una travesti, Dandara se llamaba y la mataron.

(V): [¡!Ahh, siii! 😞]. ¡Ufff!!, tengo amigas transexuales y **sofren mucho preconceito**, sim. Ajá 🙄😞]. Porque si es gay, sofre, pero sofre menos, sofre menos, parece un hombre, pero los trans no parecen. Es una mujer en su cabeza, pero es un hombre.

(E): ¿Hay algunos que están operados?

(V): [Yo tengo una amiga que no está operada, que no, que tiene, sí, pero no funciona, porque tiene algunos que sí que funciona, porque usan hormonas en el cuerpo, pues, ya no funciona ¿sabes? 😞] Tiene ganas de hacer la operación, ¿sabes? de cambiar. Esta amiga mía quiere. 🙄 Todavía no ha hecho. [Ela me dice que no es un hombre en su cabeza 😞 🙄].

OMBLIGO

(O): [¡¡Marica!! ¡como así! 😞😞 ¿Eso es una mujer? 😞😞]

(E): Es transexual.

(O): ¿Y le están pegando porque es trans? 😞

(E): Sí.

(O): [¡¡juy, no!! ¡qué pesar! 😞😞]

(E): ¿Como lo ves eso, tío?

(O): [Me dejaste loco 🖐️ me dejaste loco, porque tengo muchas amigas que les ha pasado🔊].

(E): ¿De verdad?

(O): Sí.

(E): Eso ahí es en un pueblo de Ceará.

(O): [Es mucha represión 😞. Últimamente se encuentran muchas trans muertas, porque hay mucha gente que las mata y ya 🙄🔊].

(E): Matar no te han matado ninguna amiga de las tuyas, ¿no?

(O): No, pero se escuchan casos lejanos. Ahí la mataron en plan ayer o cualquier cosa. A mis amigas le han pegado, pero no las han matado. Simplemente, como agresiones leves.

COXA

(C): [Que absurdo! 🙄😞. Já soube dessa notícia 🙄 Uma sem-vergonhice, viu? 🙄 fazer isso com uma pessoa].

(E): O que achou?

(C): [Prefiro nem comentar 🙄🙄].

JOELHO

(J): [QUE PORRA É ESSA! PORRA, MEU IRMÃO! 🙄🔊] E esses caras foram presos?

(E): Não sei.

(J): [Isso aí é covardia!!! Covardia, velho! 🙄🙄].

VÍDEO 4: SOU TRAVESTI, NÃO SOU VIADINHO

https://www.youtube.com/watch?v=6DSaa54_qX4

PECHO

(E): Ella dice que es un travesti, que no es un marica, que es una mujer y tal.

(P): ¿Es brasileño?

(E): Sí.

(P): ¡Qué bueno! 😊

(E): ¿Tú crees que es una mujer?

(P): [No es una mujer, es un travesti 🙄].

(E): ¿Entonces un travesti no es una mujer?

(P): Mientras tenga pene, no es una mujer.

(E): Pero, ¿si se opera?

(P): Ya es una mujer. Por ejemplo, yo considero que Ángela Ponce ya es una mujer ¿no?

(E): Bien, es una mujer, lo que pasa es que ha sido criticada.

(P): Súper criticada, a nivel mundial. [Biológicamente no nació mujer. No tiene ovarios, útero 🙄].

(E): ¿Tú conoces amigas transexuales así operadas?

(P): No, [todas las transexuales que conozco todas tienen su, su, su 🖐️ polla 😊, sus huevos 😊]. Sí. Bueno, de hecho, [la mayoría de las transexuales trabajan es con su polla acá 🙄].

(E): ¿Y aquí tienen clientes?

(P): Sí. Conozco infinidades.

(E): Sí ¿y ganan bien?

(P): Ganan mejor que yo 😊, 🖐️ de hecho. Si hay. Infinitudes, infinitudes, infinitudes. Es conocido que a muchos trans que le llegan a cada rato clientes, clientes y clientes, y todos son para ellas **follar bien** a los clientes ¿sabes? [Yo pensaba desde mi punto de vista era que los hombres se follaban a las trans, era como... y **fíjate que no**, 😊 es al revés 🙄 🙄].

(E): ¿Y sufrirán más discriminación por ser transexual? Ellas que te comentan. ¿Has hablado con alguna?

(P): Yo **no me meto en líos**, porque hay mujeres, o sea, hay trans que no les gusta hablar de eso y porque ya son muy, muy discriminadas, ¿sabes? Mientras ellas se sientan bien, lo demás no importa. Debe **dar igual**. ¡FELICIDAD! 🙄

VIRILHA

(V): Un travesti es un transformista, que se transforma con su cuerpo. Este tiene cuerpo de mujer, entonces. Um traveco é que se transforma en mujer.

(E): ¿Pero son mujeres?

(V): [NO, son hombres, bueno, **mejor dicho**, un viado, que se considera mujer 🙄 🙄].

(E): Pero, si se cambia de sexo podrá ser una mujer.

(V): [No. Mira, un hombre nunca será una mujer. Por más que ele se ponga un coño, nunca será, porque a mulher es por naturaleza. **Es así** ¿sabes? 🙄 🙄] [Tenemos pecho, ovarios, útero, trompa y un hombre no, por mais que la cirugía, se transforme 😊 Las hormonas le cambian toda la cara, que habla muy delicado, pero nunca será una mujer 🙄 🙄].

(E): Pero, ¿ella se considera mujer? Quizás otro tipo de mujer.

(V): [Sí, porque seu psicológico es así. Es mujer 🙄 🙄]. Hay unos que son bonitos que tienen muchos clientes y hay hombres que les gusta, pero [sufren mucho, son depresivos 🖐️ son muy depresivos, con preconceito porque la gente **tiene preconceito** 🙄 😊] 🖐️ contra los transexuales, lo mismo que a los gays que hablan normalmente, muchas veces nadie sabe lo que son. A los trans no, se les ve ahí, por la voz, por mais que cambia, cambia físicamente. [Son muy depresivos. **TODOS. SON DEPRESIVOS** 🙄 🙄]. Sí, porque... porque hay un trastorno psicológico muy grande en su cabeza, en su cabeza. [A veces dicen así: **estoy en mi período, quieren tener la regla como nosotras, ¡yo flipo!** Y yo les digo: ¡pero tú!! 🙄 🙄]

OMBLIGO

(O): Esto es un travesti.

(E): ¿Tú crees que pueden tener un cuerpo igual que una mujer?

(O): No, imposible. De hecho, esa gente tiene como mucha... 🙄 No es así. [Las trans no son mujeres. Son mujeres trans, pero nunca van a ser mujeres 🙄].

(E): ¿Por qué? ¿conoces el tema por dentro?

(O): *Sí, sí. Yo conozco muchas trans y se consideran trans y no son mujeres. Sí están de acuerdo con la igualdad y que piensen en que son mujeres. [Para eso, se operan para parecer mujeres, pero cuando tú hablas más con esas personas, ellos te dicen simplemente: no, yo soy trans y ya, nada más 😊 🗨️]. Pero, claro, cuando tú dices que eres trans, hay mucha gente que dice: ¡qué asco! o ¡estás loco! 😞* Entonces, yo creo que *[las trans tienen más miedo a ser trans que a ser mujeres, porque ser mujer está más aceptado, ¿me entiendes? 😊]* Entonces, ellas prefieren como que defenderse diciendo soy mujer a que las acribillen diciendo soy trans.

(E): Entonces, ¿qué son?

(O): Ellas se sienten bien, muchas de ellas en el límite, como mujeres trans, pero hay otras que quieren parecer mujeres.

(E): ¿Hay muchas trans que se dedican a la profesión?

(O): Sí, claro, la mayoría.

(E): ¿Y les va bien?

(O): Sí, *[hay mucho cliente, hay demasiado y cobran mucho, cobran más que nosotros. Yo quiero hacerme trans 😊 🗨️].*

COXA

(C): *[Pois é, né? Cada um faz o que quer, modifica seu corpo, diz o que quer, assume as suas consequências ◀️ 😊].*

(E): Ela diz que é mulher.

(C): *[Pode ser, se ela se sente mulher, ela é mulher 😊].*

(E): Mas é igual de mulher que você?

(C): *[JAMAIS, JAMAIS. Tem como não 🗨️ 😊].*

(E): Por quê?

(C): Eu tava até pensando assim, se ela se sente mulher, eu respeito ela por isso, mas assim 😊 *[Olha, vou te falar uma coisa, talvez você não saiba disso, mas a naturalidade de uma fisiologia, determina tudo 🗨️ 😊].* Então, *é o seguinte*, se eu... que sou uma mulher, sou capaz de receber qualquer homem aqui na cama e dar prazer e enlouquecer ... *[eu acredito que ela possa fazer o mesmo, talvez, MAS, desculpa se eu estou sendo de alguma forma assim preconceituosa, sabe? ou dogmática 🗨️ ela JAMAIISS será igual 🗨️ 🗨️].*

(E): Tem certeza que nunca chegará a ser igual? Como assim? Ela pode se sentir mulher.

(C): Olha, pode modificar as formas, pode ter as suas relações e tudo, mas, no meu modo de ver, não. *[É que 😊 sabe qual é o meu termômetro? É meu clitóris 🗨️].*

(E): Certo 😊 🗨️.

JOELHO

(J): 😊

(E): Tem um corpo bonito?

(J): Tem.

(E): Diz que ela não é viadinho, que é mulher.

(J): *[Nada a ver, ela não é mulher, ela é travesti, né? 🗨️]*

(E): Deve ter operado e tudo?

(J): Será que operou? 😊

(E): Se operou, não é mulher?

(J): [*Se operar, **beleza!** Biologicamente, não é mulher* ☹]. [*Agora se é aquela travesti que bota a piroca dentro..., imprensa os ovos para não aparecer a piroca, **tá ligado?** Quando chegar a idade, vai fazer exame de próstata e daqui a seiscentos anos, se encontrar o osso dele, vai dizer, não, é homem. Então, não é mulher* ☹ ☹].

(E): E se se sente mulher?

(J): Aí é uma particularidade da pessoa. Cara, ela [*pode chegar em qualquer lugar de vestido, de salto alto, de bolsa, acha que é mulher, vai embora, não tem contato, **beleza!** Mas a partir que você tem uma intimidade com ela, que você conversa, **tá na cara, irmão*** ☹].

VÍDEO 5: GAY DANÇANDO COM A BUNDA NO CHÃO

<https://www.youtube.com/watch?v=QZgRaL8IuIg>

PECHO

(P): 😊 [*Yo conocí un amigo brasileño en Almería, en Almería* 😊. *Compartíamos piso y era así igualito, igualito, igualito, igualito* 😊].

(E): ¡No jodas! 😊

(P): Igualito, el mismo baile y todo. [*Por eso, apenas lo vi y dije: brasileño* ☹].

(E): ¿Qué idea tenéis en Venezuela de los brasileños? ¿Cómo vosotros o diferentes?

(P): No. En Venezuela lo que más se escucha de Brasil, o sea, tu nombras [*Brasil es ya como que hablar de las favelas* 😊]. Allá ¿sabes? Uno se va más como más en eso. [*Es como cuando yo le digo a la gente acá: soy venezolano, la gente se va directamente a Maduro* ☹☹☹].

(E): y allí es favela.

(P): ¡Ajá! 😊

(E): ¿Tú bailarías así?

(P): [*Ni de joda. Yo no sé bailar así* 😊 ☹].

(E): ¿Pero tú lo harías?

(P): Me **daría vergüenza** 😊 ☹.

(E): ¿Por qué?

(P): Me **da vergüenza**, no puedo 😊 ☹.

(E): Un poco afeminado, ¿no?

(P): Sí 😊.

VIRILHA

(V): [*¡Uyy, no! ¡¡Horrible!!* ☹ *Es un mariconzinho de mierda* ☹].

(E): ¿Es brasileño?

(V): [Sí, *sin duda* ☹ ☹].

(E): Pero se mueve bien, ¿no?

(V): Sí, se mueve *¡madre mía!* ¡Vaya que sí! 😊

(E): Este se podría dedicar a la prostitución, ¿no?

(V): No sé.
 (E): ¿Y si tuvieras un hijo así?
 (V): Ay, yo no tengo hijo 😞.
 (E): Pero, ¿si lo tuvieras?
 (V): [*¡madre mía! Yo no quiero que mis hijas hagan lo que yo hago* 🙄 😞 😞 😞].
 Ellas saben, pero no me dicen nada. [*Mamá, la vida es así* 🙄].
 (E): No te juzgan.
 (V): [*NO, para nada* 🙄]. No le gusta para ella, no. Ella no se mete, no. Vive con su novio, tiene otra mentalidad, pero [*yo no quiero esta vida para mi hija, para ninguna de las dos, no quiero* 😞 😞].
 (E): ¿Y si tu hija fuera lesbiana, por ejemplo?
 (V): [*¡Uff, no sé!!* 😞 😞 **Tiene que aceptar** ¿no? 🙄 🙄 No, no 🙄 🙄 no me gusta, pero... 😞 no 🙄].

OMBLIGO

(O): [*¡qué cool! Me encanta* 😄 🙄].
 (E): ¿Te gustaría bailar así?
 (O): [*Sería buenísimo* 😄].

COXA

(C): Olha, quando vejo uma imagem dessas, descendo o bumbum, [*esse cara mexendo, jogando quadrado e aquela coisa, para mim, sabe como é que é, é uma imagem bem formatada* 🙄 😄]. Eu não me sinto com esse bumbum, com essa jogada.
 (E): Mas, acha legal?
 (C): [*Ele tem um corpo bonito, ele joga, mas se ele jogasse mais de frente do que de trás, para mim é o que interessa, entendeu?* 😄] **É uma viagem dele.**

JOELHO

(J): **Ridículo!!** 😞 😞.
 (E): Acha que o rapaz do vídeo é viado?
 (J): **Tenho certeza.** [*Tu acha que homem vai estar fazendo um negócio desse?* 😄 🙄]
 (E): Acha criativo?
 (J): [**É uma esculhambação!** 😞] *Essa postura difama a classe LGBT* 😞 😞].

**APÊNDICE VII – TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA ORAL: IDENTIDADE
PROFISSIONAL**

1. AVALIE OS ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA SUA PROFISSÃO

PECHO

(E): Y dime una cosa, digamos, ¿qué tiene de bueno *hacer esto*? ¿qué es lo bueno y qué es lo malo?

(P): Lo más positivo que 🖐️ bueno, 🖐️ [ES DINERO 🏠] ¿sabes? más que todo es dinero

(E): ¿Es lo único positivo el dinero?

(P): [El dinero 🏠].

(E): Pero ¿cuánto puedes sacar al mes?

(P): Dependiendo, todo depende del lugar y la zona donde te ubiques.

(E): Más o menos 🖐️ Al día. O lo máximo que has sacado.

(P): *Para que te hagas una idea*, eso es *cuestión de suerte*, porque si me pregunta hoy, [hoy no he trabajado. Tú eres el primero que viene 😊]. Y de resto, así 🖐️ ponte que te hagas 100, puedes hacerte en un día 100, en un día tal vez 200. Yo he estado en Córdoba y un día me hice qué 🤔, 400. ¿sabes? Todo es como dependiendo de la suerte.

(E): Pero al mes, ¿cuánto puede salir?

(P): ¿Al mes? Te puedes hacer unos 🖐️ 2000.

(E): No es mucho, en realidad.

(P): [Depende, todo depende, porque estoy empezando ¿sabes? 🤔] y estoy *agarrándole a la movida*, pero todo varía.

VIRILHA

(E): ¿Qué es lo malo, por ejemplo, de este trabajo?

(V): Hay muchas cosas 😊. Cuando tú está con un cliente [*agradable, que es amable, buena persona, cariñoso 🖐️ y que te respeta ¿sabes? pues, muy bien*]. Pero cuando [TÚ coges un cliente *ESTÚPIDO 🖐️ es un hombre que no se ducha, que tiene peste 🤢, pero te está pagando, tú te tienes que sujetar ¿sabes? a eso 😊*]. No, ahí, es difícil y yo quiero es *salir de eso* y acabar 😊.

(E): ¿Y te da *asco*?

(V): [Meu Deus! Demais! *ASCO!!* Pero *asco 🤢, tengo ganas de salir corriendo 🤢, ¿sabes?*]

(E): Y, ¿lo bueno?

(V): [Consigo *pagar mis cuentas* y no debo nada a nadie 😊].

OMBLIGO

(E): ¿Qué es lo bueno que te dio esta profesión?

(O): *Para que te hagas una idea*, [mi primera vez con un hombre fue con un señor que me pagó y yo me sentí genial 😊]. [Me sentí como que valía algo 😊]. Y desde

allí, yo siempre pensé que [yo tenía que **dedicarme a eso** 🙏 😊]. Entonces mi pareja de entonces me incitó: vamos a intentarlo, pensé 🤔 puedo **sacar dinero** en poco tiempo 😊, [aunque no nos guste, se puede hacer 🙏].

(E): Y, ¿lo malo?

(O): *Es que yo te voy a decir algo*, [cuando tú trabajas de esto, te consume mucho 😊]. Yo por ejemplo tengo, desde que llegué, que no he dormido bien aquí en Granada. [Al final, tú dices, por fin, acabó y estás tranquilo porque tienes dinero 🙏 😊]. No es una tortura, no porque no es que te gusta, pero tampoco te gusta, ¿entiendes? Se hace **por obligación** 😊]. Ahorita no tengo documentos acá y entonces eso también me incita a **trabajar en esto** y nada [cuando yo tenga mis papeles, creo que me voy a asentar en algo tranquilo y hacer un proyecto grande 😊].

(E): ¿Es una obligación?

(O): [Es un trabajo 🙏].

(E): ¿A tí, te gustan las mujeres también, o los hombres y las mujeres o como?

(O): [Calla, calla 🙏 😊]. [(Los hombres, solo 🙏 - assinala para falar mais baixo) 😊]. [Me gustaría hacer el cambio de sexo 🙏].

(E): Para ti entonces es más fácil esto.

(O): [Como que no 🙏]. He conocido escort heteros y yo creo que [yo sufro igual que ellos. Yo creo que es lo mismo. Como yo lo veo como trabajo y ellos también, no hay forma de disfrutarlo, es imposible 😊 😊]. Pero tengo un amigo de Argentina que él por ejemplo ha disfrutado con los clientes, con algunos, con los jóvenes, porque te puedes saber, tenemos desde 18 hasta 60, 70. De todas las edades.

COXA

(E): Quais são as coisas boas que tem a profissão e quais as ruins?

(C): De bom, a gente rejuvenesce, eu acho. [A pesar de toda a labuta, toda a dificuldade, eu acho que você fazer uso do seu corpo e tratar dele e se mostrar como a vitrine, sabe? 🙏 Como se tá numa foto 🤔. E pensa: tô bem na foto. **Eu acho ótimo** 😊]. Isso dá uma sensação assim, de você tar se cuidando. **TÁ LEGAL!** [E que você é desejada, mas ao mesmo tempo, como **tudo na vida e tudo no tempo, passa**. Eu não tou mais com vinte 🙏].

(E): E as ruins?

(C): **Nossa!**, estar susceptível a se apaixonar por alguém que só quer um momento. [Também poder contrair uma doença, por mais precavida que você seja 😊]. É você... 😊 olhar diante de tudo e depois de tudo para você mesmo e [perguntar para você: **o que é que você está fazendo da sua vida?** 😊 😊] e [você em algumas poucas vezes sentir vontade de morrer 😊 😊].

(E): Por que, é muita gente que passa aqui?

(C): Para mim não importa se é cinco ou vinte, não importa 😊. [Importa sim, eu **estar pronta para receber** 🙏 🙏]. Mas eu falo de outra coisa, [falo da fronha, do travesseiro, do momento de dormir 😊, isso pra mim é às vezes complicado 🙏, porque não sei se esse seria o tipo de vida que realmente eu quis para mim 🙏 😊].

JOELHO

(E): O que acha bom e ruim de fazer programas?

(J): *Deixa pensar* 🤔 acho que conhecer amizades e grana. Isso *é show*. Agora, aqui em [Salvador não gostei, o pessoal vai pa motel, mas aí fica mais caro, eu cobrar 150 conto e fora o motel 🤔], *tá ligado?* Em Feira de Santana é menos boy, *tá ligado?*

(E): Aqui é muito pior?

(J): Mano, esse negócio é arriscado, né? [Tem que ficar com todo tipo de gente, tem que tá se prevenindo direto, *a gente não sabe quem é quem*, só vê por fora, *E POR DENTRO?* 🗣️🗣️]. Embora que a gente se previne, [pelo menos, eu me previno 🤔], mas [aquela história 🖐️ dente careado 🤔. Tem cara que só deixa chupar o pau dele se for com preservativo 🤔].

2. ANALISE COMO ERA SUA VIDA ANTERIOR A ESTE TRABALHO E COMO E POR QUE DECIDIU EXERCER ESTA PROFISSÃO

PECHO

(E): Y una cosa 🖐️ tú antes de *hacer esto*, ¿te dedicabas a otra cosa, me imagino? ¿Allí en Venezuela hacías esto o no?

(P): [NO, *¡QUÉ VA!* 🗣️🗣️]. Llevo poco tiempo 😊 😊.

(E): Si a ti te preguntan a qué te dedicas ¿qué dirías?

(P): O sea, dependiendo de quién me lo pregunte 😊. Pero sí me pregunta a qué me dedico cualquier persona que sabe, o sea, que anda en mismo nivel que yo, le digo que soy scort 😊. Si no, le digo que soy otra cosa, que trabajo en una tienda, que soy... 🤔 [Yo en Venezuela trabajaba, yo era fotógrafo 🤔🤔]. Trabajaba de fotografía para una revista, para un periódico y nada me dedicaba era a fotografía, prensa, radio. Eso fue en lo que me especialicé. Estudié Ciencias Audiovisuales y Fotografía.

(E): *¡qué bueno!*

(P): [Sí, trabajaba con radio, cine, teatro, fotografía 🤔]. Sí, esa era mi especialidad allá, lo que hacía era manejar publicidad, fotografía en la prensa, lo que me mandaban hacer y ya [una vez que me vengo acá es que todo cambia 😊😊]. Acá empecé otra cosa ¿sabes? pero, sí quiero volver a retomar la fotografía.

(E): ¿Y tú te imaginabas que te ibas a *dedicar a eso?*

(P): Pues no 😊. *Con la verga* 🗣️.

(E): ¿Y por qué esto y no otro trabajo?

(P): [Porque esto se me hace más fácil 🤔]. Y aparte de que todavía *estoy sin papeles*. Legalmente no puedo trabajar 🤔.

(E): Entiendo, ¿pero la idea es que tú esto lo hagas provisionalmente?

(P): Temporal. Hasta que yo pueda estabilizarme como tal ¿sabes?

(E): Y cuando te estabilices, te sales.

(P): *¡Exacto!*

(E): ¿Cómo decides *hacer eso?* ¿Por qué?

(P): [Conocí amigos que se dedican y me dijeron que era *dinero fácil* 🤔]. La primera vez acá fue con un man colocado en Madrid y nada solamente se vestía de mujer y que yo lo tratara como una mujer. [Eso fue mi primera vez. Y estuve con él

como que y nada eran tres horas y me cayeron como que 300 EUROS 😊 el primer día y ya en seguida ahí le **agarré la manía** 😊]. La primera experiencia era rara para mí, porque yo [nunca había estado con un hombre que se travistiera de mujer, que se comportaba como una mujer, así MUY, MUY FEMENINO 😊], simplemente eso y eso fue para mí algo, algo nuevo 😊. Ya, desde ahí en adelante, sí fue todo normal. Me han tocado clientes superlocos, por ejemplo, [unos que les gusta chupar pies, unos que les gusta que le orinen en la boca, se tragan el meado 🤩]. [Me ha tocado personas así 🤩]. Lo más loco que sí te digo que me ha tocado es el scat, sí porque siento que no, porque ellos les gusta que tú los veas, [mientras ellos se están comiendo la 🤩 MIER-DA 🤩 ¡qué locura! 🤩].

(E): ¿Es duro, no?

(P): [Lo sé. ¡Dime tú! Eso no lo aceptaría 🤩].

(E): ¿Y follar sin condón?

(P): [NO, NO, tampoco lo aceptaría 🤩]. Yo conozco muchas personas que andan mal ahorita, por no cuidarse.

VIRILHA

(E): ¿Por qué y cómo comenzó en la profesión?

(V): Yo fui a vivir con mi familia, porque vivía en otro 🤩 en otro estado. Mi familia vivía allí. Trabajé de cobradora de onibus. Y yo vivía en otro lugar porque vivía la familia de él. Era un poco distante. [No es que él no quería a sus hijas, él fue padre y eso, pero no me daba dinero, muy poquito, muy poco y por eso me vine aquí, después de cinco años sola. Porque trabajaba toda la noche y el día y **no daba**. Y la responsabilidad era casi toda minha, de las hijas ¿sabes? 🤩🤩]. **Es lo que hay para hoy.**

(E): Y una cosa, y tú antes de hacer este trabajo, ¿a qué te dedicabas?

(V): A ver, aquí trabajé de camarera.

(E): ¿Camarera de bar?

(V): Sí, trabajé de restaurante, cuando estaba con el novio, pero un tiempo y [decidí **volver a esto**, hasta hoy 🤩🤩].

OMBLIGO

(E): ¿Qué hacía antes de esto? Bueno, dime ¿A qué te dedicabas hace un año?

(O): Yo estaba dando clases de inglés. Déjame explicarme toda mi historia. A los 16 años yo ya tenía [la intuición de que me gustaba el hombre, pero ya había estado con mujeres 🤩🤩]. Y bueno, cuando comencé a usar Grinder, a los 16, pues ya todo era más fácil, conseguir sexo, conseguir dinero, porque me proponían, pero nunca fue un trabajo, Pero no lo hacía 😊. En Venezuela estaba estudiando, soy licenciado en Publicidad. Relaciones Públicas. Me tardé un poquito estudiando, pero salí rápido. Y a los 20, tuve la oportunidad de irme a Ecuador. Allí comencé a dar clases de inglés. Luego, me echaron del trabajo, una empresa que estaba estafando al gobierno y nos echaron a todos. [Entonces ahí **me dio muy fuerte**, conocí a una persona que se hizo mi pareja, que se **dedicaba a esto** y me fue incitando 🤩 y diciendo, pues tenemos que **hacer dinero rápido** 😊, aunque no es fácil de hacerlo, es esta y creo

que lo podemos lograr juntos y hacemos tríos y cobramos y todo eso 🤔]. Y comenzamos él y yo a hacerlo, estuvimos como cinco meses haciéndolo y yo me fui a Estados Unidos y lo seguí haciendo.

(E): ¿Qué más?

(O): Me fui con un cliente. Luego se me puso todo difícil en Estados Unidos. [Se me complicó todo 🤔]. Estuve seis meses allá **haciendo eso** y luego volví a Ecuador con él. Él no podía salir de Ecuador, volví con él porque me gustaba mucho equis 🤔] y lo volví a hacer, estaba haciéndolo en Ecuador, hasta que me vine para acá y [ese es mi único trabajo, no estoy haciendo nada más 😊].

(E): ¿En qué ciudades más has estado así?

(O): Marbella, Málaga, Madrid y acá.

(E): ¿En el sitio que más ha estado es, me imagino, que en Madrid?

(O): No, fue en Marbella. Yo vivía en Marbella y [estuve como una semana **trabajando de esto** y **trabajando también de albañil** 🤔]. Entonces me dio un poquito más de dinero como para quedarme allá.

(E): Pero, ¿ganabas más con esto que de albañil?

(O): Claro, sí.

COXA

(E): Como era a sua vida interior? Fazia o quê? Por que entrou nesse mundo?

(C): **Nossa!** [A minha vida anterior era uma vida muito pacata 🤔]. Eu trabalhava em uma padaria, em São Paulo. E eu atendia clientes, eu servia pingado, quando eles chegavam de manhã 🤔]. Era tudo um pouco rápido, viam e iam. E eu acordava muito cedo, chegava no trabalho e eu saía de lá praticamente às três horas da tarde. E foi [numa dessas em que eu tive a minha primeira experiência como prostituta que eu pensei que estava totalmente apaixonada e ele por mim 🤔], [ele queria só sexo 🤔]. [Eu jamais pensei em cobrar nada de ninguém naquela época 🤔].

(E): Sério?

(C): Sério mesmo. E como a gente se encontrou aqui num motel, mesma coisa, eu me encontrei com ele aí num hotel no centro de São Paulo. Ele sem me dizer nada, foi embora [depois do sexo, eu fiquei no hotel até o dia seguinte e me deixou dinheiro 🤔]. **Meu Deus!** 🤔 para mim aquilo foi um choque porque... 🤔 [para mim foi a noite que eu me entreguei, me senti muito humilhada 🤔]. Tempo depois [contei essa história para uma amiga e ela me estimulou, me **deu umas dicas**. Pensei que tava certa e que ia ganhar mais grana do que padeira 🤔]. Assim, ela **arrumou um cara** 🤔 de uns quarenta e poucos anos, ela falou com ele de mim e o cara topou. [Esses foram meus inícios **nisso aqui** 🤔].

JOELHO

(E): Como era sua vida antes de ser boy?

(J): Eu trabalhei de muita coisa, já fui vendedor. Olha, até eu vim fazer um concurso aqui, em Salvador, fez quatro anos disso agora na Copa e passei, só que não vim assumir e aí 🤔 me arrependi. [Concurso de agente penitenciário 🤔]. Eu vim fazer, fiz a prova, passei, e aí **o que acontece**, [meus amigos foram **botando coisa na minha**

cabeça para mim não vir 🙄]. Foi o tempo que aqui estava muito perigoso e não vim 😞.

(E): Como foi que começou nesse mundo?

(J): [Eu já fazia antes, mesmo trabalhano, aí sai do trabalho, me empolguei e fiquei, mas nesses dias já tô parano também 🙄]. Eu pretendo montar um negócio pra mim e sair dessa vida.

(E): Entendi.

(J): Tô com cinco anos **na parada**. [Antes trabalhava em loja de calçado. Era até bom, mas me **botaram pra fora** 🙄 😞]. Ganhava quase 2000, que tinha comissão e essas coisas aí. [Um amigo meu que é também me estimulou. **Porra, véi!** Eu não queria não, mas aí até hoje 🙄].

3. REFLITA SE SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL REALIZA VOCÊ COMO SUJEITO E SE ASSUME PERANTE A SOCIEDADE

PECHO

(E): En este trabajo, ¿te sientes realizado? ¿te realiza como persona? ¿cómo te sientes?

(P): [Es difícil, en principio no me gusta 😞]. Puede ser que llegue uno que tenga feeling. Pero más que [todo son puras personas mayores 🙄]. Sí que es un poco 😞. *Para que te hagas una idea, [lo que hago es concentrarme, concentrarme en que 🙄 me están pagando y ya 🙄].*

(E): ¿Y no te da **asco**?

(P): [Sí, ¡guácala! 🙄] pero, o sea 🙄 por ejemplo, [yo me cuido mucho 😞]. Me cuido en todos los sentidos. Si le voy a dar un beso a un cliente, ya después me voy cepillando, listerine 🙄 Me baño, todo lo que sea posible, [porque **SÍ ME DA ASCO** 🙄], [mas cuando no te gusta una persona ¿sabes? 🙄 😞]

(E): ¿Te han planteado de tres o cuatro? ¿orgías?

(P): Tíos solamente, una pareja.

(E): Y nadie sabe o sí sabe que tú te dedicas a...

(P): ¿Mi familia?

(E): Sí.

(P): [NO, JAMÁS 🙄 😞 😞].

(E): O amigos o algo ¿Quién sabe?

(P): De mi familia nada, [unos amigos que tengo acá, solo 😞 🙄].

(E): De tu familia nada ¿por qué?

(P): NO 😞.

VIRILHA

(E): ¿Y las dos hijas están allí en Brasil?

(V): Ya están crecidas. Ahora son mayores. Sí, una está en Brasil. tiene su niño, la otra está aquí, estudia 🙄 vive con su novio.

(E): ¿Y saben de tu profesión?

(V): [A ver, la de aquí sí 🙄] [La de Brasil, no 😞] 😞.

(E): ¿Y de tu círculo así sabe mucha gente? Digamos, de tu familia, amigos.
(V): De mi familia sabe. Cuando llegué aquí, tuve que contar. Mi madre sabe, mis hermanas, sí, [*mi padre no ha sabido, mi padre no ha sabido: **de eso nada, NUNCA, JAMÁS** 😊*]. Pero mi madre, tuve que decirle a mi madre, por un tema y tal, la época. Bueno, mi madre 🤝 es una madre muy buena, es mi amiga y 🤝 [*no le ha gustado, claro, con mi madre, no* 😊]. [*Pero, bueno, dijo: **Pelo amor de Deus**, hija, busca otra cosa, otro trabajo* 😊]. No más, no 🙏.

(E): Tú con tu profesión ¿te sientes realizada? 🤝 como persona.
(V): NO 🙏.
(E): ¿No?
(V): [*No, no me siento realizada, NO* 🙏]. **¡Qué va!** 🙏].
(E): Y si alguien te pregunta ¿a qué te dedicas? ¿Tú que dices?
(V): Invento 🤝, soy camarera, porque ya lo he hecho varias veces, [*no puedo decir que soy prostituta* ▶], [*pelo amor de Deus* 🙏] 😊.
(E): Tú inventas que eres camarera.
(V): [*CLARO*, 🙏] 🤝 invento cualquier cosa.
(E): ¿Y tú crees que ninguna prostituta se sentirá realizada con este trabajo o habrá quien sí?
(V): Solo habrá a alguien que le gusta eso, porque yo mismo no. [*Yo vi de mujeres que le gusta eso, **QUE LE GUSTA**, porque tienen **vida de prostituta*** 🙏]. Yo hago mi trabajo, lo paso bien. Generalmente, no, con algunos lo paso bien, disfruto, con otros hago mi trabajo. [*Pero decir: disfruto eso, que quiero, que me gusta, **como que no*** 🙏 😊]. Por un tiempo, no más 🙏.
(E): Entonces este trabajo es por un tiempo. Y por eso has estado un tiempo, has tenido marido, otro tiempo, otro marido y ahora otro tiempo.
(V): **¡Claro!** 🙏. Sí hay que dar un tiempo, porque [*llega un momento que tú no quieres saber de esto **para nada*** 🙏] [*¡Ay, no! ¡qué asco!* 🙏].
(E): Pero es porque pasan muchos hombres.
(V): 😊 No es una cosa que haces por placer. [*Hay profesiones que sí, que si te gustan las **haces con amor*** 😊]. [*YO NO. YO ESTOY HACIENDO POR DINERO* 🙏]. ¿entiendes? [*Por dinero, pero busco hacerlo bien* 😊 🙏].

OMBLIGO

(E): ¿Tú crees que esto es para mucho tiempo, te realiza como persona?
(O): No, esto no es para mucho tiempo, [*se hace por una cuestión económica y la verdad hay mucha gente que lo hace porque es fácil* 🙏]. Pero no es fácil, para mí creo que esto es lo más difícil del mundo, porque primero [*trabajas con tu cuerpo. **Es muy fuerte*** 😊]. [*No estás trabajando con una machota, no estás trabajando con algo que se te pueda romper, no* 🤝 *es tu cuerpo y bueno, imagínate, que tu cuerpo está siendo manipulado por alguien o algo que no te gusta, que no te atrae, que no sientes nada* 🙏, que no... 😊] **QUE NO HAY NADA** 🙏 😊]. Solo hay un par de palabras y unos besos y ya.
(E): ¿Y cuáles son los sentimientos que te vienen en esas situaciones?
(O): [*Nada, vacío, soledad, ni me da **culpa** ni **vergüenza** de lo que hago, porque es un servicio* 🙏 🙏]. Es que ese es el problema: tú no sabes que sientes, [*tú no sabes si*

estás *triste* porque no estás *triste*, tú no sabes si lo estás disfrutando, porque no lo estás disfrutando 🤔] y entonces no sabes, estás como vacío, ¿me entiendes? [Al final, tú dices por fin acabó y estás tranquilo porque tienes **dinero fácil** 🤑🤑].

(E): Dices que no sientes placer es ese trabajo, ¿puede haber trabajos que sientas placer?, un médico siente placer en operar, ¿quién sabe?

(O): No, bueno sí, sí, obviamente, [hay gente que le ama esto, y que le gusta y que lo hace porque le gusta y hay dinero ▶]. Es un trabajo, pero le gusta, pero hay muchísimos más que no, que no lo vemos como algo que nos guste, sino más como un trabajo.

(E): ¿De tu círculo de amigos, de familia saben de lo tuyo?

(O): [Nadie 🙊. ¡Qué *vergüenza!* 😞].

COXA

(E): Já pensou deixar essa profissão?

(C): Já 🙊, já pensei, mais de três vezes tentei. Já fiz 🙊.

(E): Foi?

(C): Já tentei, já sai, já voltei. [Olha, às vezes tem que parar mesmo porque é muito *nojo*, para ser *sincera* 🤢🙊].

(E): Você se sente realizada com o que faz? Tá feliz?

(C): 😊 [Tá bom, dá um dinheiro, *eu pago minhas contas, não devo nada a ninguém* 🤑]. Tenho segurança nesse aspecto. Eu posso vir, ir, pagar minhas contas, comprar um batom, comprar um salto, mas isso não me faz feliz. [Eu preferira mil vezes, mil vezes ter uma vida com uma pessoa. *É sério!* 🤔]

(E): Você se assume perante a sociedade? A sua família sabe o que você faz?

(C): [NÃO, *tem como não* 🤔🙊]. [Minha família não sabe o que eu faço. Alguns pensam que eu trabalho no serviço de telemarketing. *Já pensou?* 😞😞].

(E): Mas, por que você não fala o que realmente é?

(C): Não falo, não é por não *ter peito*, sabe? 🤔 [De chegar e dizer, olha, eu faço esse tipo de serviço 🤑]. Mas simplesmente é *por poupar* porque várias pessoas da minha família [JAMAIS ACEITARIAM ISSO, JAMAIS 🙊😞]. Elas não aceitariam essa minha conduta. Certeza forte, pelo menos até onde eu conheço e pelo discurso que elas falam, [eu acho que não, não aceitariam *de forma alguma* isso 🙊]. Eu vivo camufladamente, no silêncio 🙊😞].

(E): Vive na clandestinidade?

(C): *Exato!* 🤑

JOELHO

(E): Você se sente realizado fazendo isso?

(J): [*Poxa!*, eu me sinto bem, porque a gente não fica muito pensando. Eu aceito de *boa*, ta entendeno? 😊]. É complicada a situação. [Tem pessoas sujas, tem pessoas limpas 🤢]. [Tem de tudo o que você imaginar 🙊]. Cada um tem seus tesão, suas coisa. [Uns querem que eu mije na boca, outros querem bosta na boca. *É foda!*, mano 🤑 🤑]. [*É muita história!* 🤑].

(E): E porque não caga na boca do cara?

(J): [Gosto não, pô 🙄👎👎], pode me pagar um milhão, mas gosto não. [Mijar eu mijo, mas essa parada de cagar, gosto não 🙄👎👎].

(E): Consegue fazer quantos programas por dia?

(J): Depende, tem dia que tá bom, dia que tá ruim.

(E): Digo, o máximo que você consegue gozar, ou você não goza sempre?

Se a pessoa paga mais, gozo. [Já gozei doze vezes. Foi no período quando comecei essas paradas 🙄]. Foi no rolê da noite para amanhecer. [Foi no início quando comecei a fazer essas coisas 🙄]. Foi numa suruba que eu fiz. Tinha cinquenta caras. Tudo misturado, todo mundo junto. Ae eu gozei doze vezes. Um pacote fez eu e outros boy. 7 boys e cinquenta caras.

(E): E a tua família sabe?

(J): (Nega com a cabeça) 🙄

(E): Nunca soube?

(J): [Graças a Deus, NÃO, (fica muito sério) 🙄]. [Eu tenho amigos que sabe, um amigo e uma amiga, mas ele me apoia 🙏].

4. COMENTE COMO SEU CÍRCULO DE RELAÇÕES SOCIAIS E A SOCIEDADE, EM GERAL, ENXERGA A PROSTITUIÇÃO

PECHO

(E): ¿Tú crees que no está muy bien visto en la sociedad?

(P): NO, NO, NO 🙄. O sea, mi familia es muy cerrada en ese tema. [Y pensarían que eso es lo peor. Ellos dicen que eso es lo último que una persona puede hacer 😊😊].

(E): ¿En serio?

(P): Sí 😊.

(E): ¿Tú crees? Pero, tampoco tú lo has hablado con ellos o sí.

(P): No, no lo he conversado, pero... [siempre han tenido esa ideología 🙄 ¿sabes? son así muy 🙄 muy estrictos en esa parte 😊😊].

(E): Entonces para ellos sería lo peor.

(P): [Sí, ¡qué cosas! ¿no? 😊 🙄].

(E): Y entonces, ellos piensan que... ¿a qué te dedicas?

(P): Cualquier trabajo, cualquier otra cosa, [en una tienda, en un restaurante. Eso es lo que tú les dices, ahora estoy en una tienda, en un restaurante, entonces, te vas inventando trabajos 🙄 (mexe a cabeça) 😊].

(E): ¡Hostia! 😊

(P): 😊

(E): La sociedad esto como lo ve. ¿Tú que piensas? En Venezuela igual o aquí peor o allí mejor.

(P): No, aquí la gente es un poco más abierta en ese tema. Sí, [en Venezuela son como así, como más cerraditos 🙄]. Aunque no te creas, yo acá conozco infinidad de venezolanos, he conocido demasiados venezolanos que también **trabajan de esto**, colombianos, más que todo colombianos, brasileños también. Peruanos, ecuatorianos ¿tú no has conocido?

(E): No, peruanos, no, brasileños, sí, venezolanos creo que hay bastantes. Tú dices que hay más colombianos que venezolanos.

(P): O sea, están como a par, no te puedo decir si hay más de uno o de otro, porque

están como a par. O sea, así como he visto colombianos, he visto venezolanos.

VIRILHA

(E): ¿Cómo se ve esta profesión en la sociedad?

(V): FATAL ☹️. Prefiero ni hablar.

OMBLIGO

(E): ¿De tu círculo de amigos, de familia saben lo tuyo?

(O): Nadie ☹️ ¿estás loco? 😞😞].

(E): ¿Y no te has planteado porque no decirle algo? ¿crees que no lo entenderían?

(O): [Yo creo que es porque yo no quiero decirlo, no me **da la gana** ¿me entiendes?, no, porque no es problema de nadie 😞😞]. Mis amigos todos son gays. Yo sé que no hay problema, porque, de hecho, yo con mis amigos hablo muy abiertamente de no sé: [búscate un viejito y le **sacas plata** 😞, ¡**marica, qué estás haciendo con tu vida!**, deja a ese hombre que no tiene dinero y búscate uno rico y cosas así 😞😞]. Pero yo ahora decir, mira es que yo soy scort, no tengo la necesidad, porque, de hecho, nadie me pregunta qué hago, ni cuánto gano, ni nada, porque ellos saben que yo... [yo creo que todo el mundo **sabe lo mío** 😞😞]. Sí, porque yo me tomo fotos y yo las subo y yo lo veo normal, entonces estoy viajando mucho 🖐️ y **saco dinero** y es súper raro. [Yo creo que todo el mundo **sabe** ☹️], pero **se hacen los locos**, igual nadie me pregunta 🖐️. [No tengo necesidad de decirlo. No es una cuestión de **miedo** 😞].

(E): ¿Pero si no te da **vergüenza**, ni **miedo**, entonces por qué no lo dices? ¿si tú me preguntas cual mi profesión, te digo, soy profesor? Pues, tú eres scort, ¿cuál es el problema?

(O): [Sí, de hecho, he pensado 😞]. Pero es que... 😞 mis amigos de hace mucho tiempo no me van a estar preguntando que estás haciendo o qué eres tú, [simplemente hablamos de cosas generales y ya▶▶]. Cuando se presente la oportunidad, a lo mejor lo haga, pero [**me da igual. Es mi vida, yo soy el que está trabajando y yo soy el que está haciendo dinero** ☹️].

COXA

(E): Como é que a sociedade enxerga essa profissão?

(C): No geral, nem vou pensar muito para te responder essa pergunta, porque se eu fizesse uma fórmula matemática, teria só uma, [SO-LI-DÃO 🗨️. As pessoas que me procuram da sociedade, elas tem um perfil muito sozinhas 😞]. Tem muito casado, mas o que isso assegura. [Muitas pessoas casadas elas trocam um bom dia, depois falam um boa noite, elas estão no celular, elas estão nas redes sociais, elas não trocam e se trocam, elas não sentem mais tesão uma pela outra. Não adianta dar um play no que foi um off, já◀◀]. [Muito dos casamentos, já morreram, só que eles resistem, mas sabem que isso morreu ☹️]. **É desse jeito!** ☹️

(E): Quais são os tipos de relações sociais que você tem? Tem amigas?

(C): Tenho poucos amigos. Poucos, entendeu? Mas, tipo assim, eu tenho uma amiga que ela é muito minha irmã, muito minha irmã. Ela é assim... 🖐️ ela é uma pessoa que me clareia. Ela me nortifica 🖐️. Às vezes, eu [chego do meu trabalho, das noitadas

que eu faço, eu chego meio confusa, porque você sabe, né? 😊😊] [Às vezes tem bebida, tem outras coisas e a gente **está lá pra tudo** 😊]. A gente conversa **pra caramba**. Ela conhece a minha família, conhece a minha mãe e para minha surpresa ela se declarou para mim.

(E): Sério? 😊

(C): Sério, jamais pensava que pudesse fazer isso e aí a gente saiu. Foi muito engraçado. [Foi para uma pizzaria, eu já tinha percebido uma coisa estranha, quando chego lá e disse que me aceitava **por cima de tudo**, e que ela queria **estar do meu lado** 😊].

(E): Ela também faz?

(C): Faz, não 🙄.

(E): Mas sabe?

(C): SABE 🙄, ela só sabe porque em mim nasceu um desejo enorme de ficar com ela, eu não entendi isso 😊. Sabe quando uma pessoa amiga que você não faz assim a mínima noção do que ela pode representar e, de repente, ela começa a roubar teus pensamentos, que [você começa a observar melhor o sorriso. Observar o corpo, sentir até saudade e pra mim é meio confuso até pela minha profissão. Eu vivo num açougue e então, ela para mim é dolly, uma ovelhinha linda, que cada dia está tomando mais meu pensamento 😊].

(E): **Que massa!**

(C): Você acredita que, acho que semana passada, eu atendi um cliente, [ele dá conta 😊]e no momento que ele [estava dentro de mim 🙄] 😊. Eu pensei nela. Como se ela fosse um bode, entendeu? Não fosse dolly, aquela ovelhinha, fosse um bode e tal. Noutro dia, eu já estava vesga olhando para ela, meu olhar tinha mudado. Tou vivendo esse período, porque ela é linda, encantadora, ela me 🙄 desconstruiu, mas eu [TENHO MINHAS CONTAS QUE PAGAR 🙄].

JOELHO

(E): Como acha que a sociedade enxerga isso?

(J): Hoje TÁ **CAINDO MAIS A FICHA**, né? 🙄 Mas a turma não aceita e agora até o governo tá querendo colocar a profissão do sexo, para se aposentar. **SEI LÁ!** 😊, acho que **não dá**, essa turma só tá **metendo papo** 🙄 por mim, **tanto faz**.

(E): O que tu acha do governo querer normalizar?

(J): Por mim, **tanto faz**.

(E): Tu faria isso de pagar INSS?

(J): [DE JEITO NENHUM, EU? 🙄 😊] minha família não sabe, vou fazer um negócio desse 😊.

(E): Tem muitos amigos dentro disso?

(J): Eu me dou bem com cliente, com boy. [É assim, a gente que trabalha na sauna. É muito boy lá, **pega amizade** 😊😊].

5. COMENTE QUAL É O PERFIL DOS CLIENTES E QUAIS TIPOS DE VÍNCULOS EMOCIONAIS ESTABELECE COM ELES.

PECHO

(E): ¿Y qué tipo de clientes entonces tienes?

(P): De todo tipo, el más viejo uno de como de 60 años, 70 años, y el más joven fue como uno de 18 😊.

(E): ¿Y te vienen bastantes jóvenes?

(P): Más que todo, mira, [*si te soy sincero, me vienen personas como de 35 a 50, así es lo que más, más me llega. De 20 a 25 no me llega* 😊].

(E): ¿Qué es lo más extraño que te han pedido?

(P): Oye, fíjate, me han pedido muchas cosas. Había cosas que yo no sabía, o sea, que no sabía que esas cosas existían. Lo más loco que me pidieron una vez y [no lo hice, no porque no podía, el scat 🤢].

(E): No sé lo que es.

(P): [Que tú haces caca 🖐️ pupu y la persona se lo come 🤢].

(E): ¡No jodas! 😊

(P): [Sí. Yo no podía aceptar eso 🤢, o sea, me da *asco*, ¡guácala! 🤢]. Es lo más loco que me han pedido, y lo aprendí acá, no sabía lo que era eso. O sea, eso estaba llegando y me llamó: [¿haces scat?, yo no sé qué es scat, y yo dije que sí, dije que sí, pero simplemente por 🖐️ *por agradar* 😊]. [En lo que comienzo a averiguar scat, ¡Dios mío! 🤢 😊]

VIRILHA

(E): Pero, ¿qué tipo de clientes tienes, por ejemplo? ¿Son hombres o también mujeres?

(V): Solo hombres, a mí me gustan los hombres 🙌.

(E): Muy mayores, muy jóvenes.

(V): No, [*yo como soy madurita, mis anuncios acercan a la mayoría son más jóvenes. Muy bien. Son educados, son muy 🖐️ *graciosos* 😊*]. Algunos, regular, me encuentro con 🖐️ un guarro, un podrido 🤢, *digamos así*, y se porta mal, pero bueno conmigo.

(E): Entiendo. ¿Y cuál es el cliente más joven te ha venido?

(V): No, menores, no. Veinte, veinte y pico, veintiuno, veintidós.

(E): [¿Y vienen muchos jóvenes, entonces! 😊]

(V): SÍ 🙌, veinticinco, treinta, guapísimos 🤩.

(E): ¿Y el más VIEJO 🖐️ con el que has estado? No sé.

(V): 😊😊 ¡HOSTIA! 🖐️ sesenta años, creo 😊]

(E): Pues, tampoco es tan mayor.

(V): [NO 🙌, *pera aí, a ver, a ver, a ver* 😊]. Ah, sí, me acordé. [*Creo que ochenta años, no aparentaba, muy agradable, muy simpático, muy entregado 🖐️ muy bien, muy bien* 😊]. [*Ele me dizia: ¿sabes cuantos años tengo? No, Ochenta y dos, estaba muy bien, sí, sí* 😊]. Muy, muy, muy, muy agradable 😊 🖐️ muy, muy educado.

(E): ¿Y, por ejemplo, con los clientes haces así, creas vínculos, amistad? ¿te has enamorado de algún cliente?

(V): [SÍ, ¡CLARO! 😊]

(E): ¡No me digas! 😏

(V): Tuve dos parejas. Yo vivo en Galicia desde que vine a España. A ver, pero vengo aquí cerca a trabajar. Mi primera pareja, estaba trabajando en un club, y ele me vio y **ficou encantado** conmigo. Se enamoró de mí y después vino otra vez, y me dijo que me fuera a vivir con él.

(E): Y tú dejaste este trabajo.

(V): Sí. Estuvimos tres años y entonces fuimos vivir con su madre y la madre era [¡UF! 😞, me humillaba, **¡qué pesada!** 😞]. Y el otro, yo trabajaba de camarera en un club y él venía y hablábamos y después nos enrollamos y un año así.

OMBLIGO

(E): ¿Y con los clientes?

(O): Yo me fui a Estados Unidos y lo seguí haciendo. [Me fui con un cliente 😊]. Luego se me puso todo difícil en Estados Unidos.

(E): ¿Has creado vínculos emocionales con algún cliente?

(O): [El cliente conmigo sí, yo con él nunca, **¡qué va!** 😞👉]

(E): ¿Tú no te enamorarías **ni de coña** de un cliente?

(O): NO 🙅.

(E): ¿Por qué?

(O): Porque son clientes.

(E): ¿Y si fuera muy guapo?

(O): Pero me está pagando. No, no, yo no mantengo contactos así con ninguno.

(E): ¿Porque tú estás en esa barrera emocional?

(O): [Porque **trabajo y vida privada no se mezclan** 🙅].

(E): ¿Algún cliente se ha encantado contigo?

(O): De que yo lo haga no, pero sí me han buscado. Claro, me han dicho y me escriben hasta la fecha, pero yo no 🙅 no 😞. Depende, [si es un cliente de afuera, le digo que me lleve, que me pague el boleto 😊]. Hay muchos turistas, de Francia, de Canadá que se atienden y después se van y me dicen que te quiero ver y yo les digo: llévame.

(E): ¿Si te pagan el boleto, tú vas?

(O): [Yo voy, estoy el tiempo que el cliente quiera, **aquí se paga todo**, sería como una compañía 😊]. Bueno es que nosotros tenemos muchos trucos. Uno de los trucos es irte a los pueblos ¿Por qué? [Porque hay mucha gente vieja, sola que te puede contratar 😊 🙅], pero si te vas a una gran ciudad, pues no vas a **hacer** mucho **dinero**, bueno, sí puedas **hacer dinero**, pero vas a **tener competencia**. ¿me entiendes? Por ejemplo, en Madrid, **tienes** mucha **competencia**, porque hay mucha gente 😞, entonces, eso es uno de los trucos, por eso, me vine a Granada, [en Madrid hay demasiado scort 😞].

(E): ¿Hay scort que podrían enamorarse de un cliente?

(O): Hay mucha gente que sí lo hace, claro, porque lo disfrutan.

(E): ¿Y tú no?

(O): NO 🙅.

(E): ¿No te ha gustado ninguno?

(O): Es que es distinto. Si tú quedas con alguien y vas a follar porque te gusta, es distinto y te puedes enamorar 😊, [pero si tú recibes una llamada de alguien que no sabes quién es y que te dice: **llego en diez minutos, ábreme y ponte unos suspensorios**

y ponte esto y aquello y espérame así y ábreme la puerta, es como es que, no tienes esa conexión instantánea 🤔]. Bueno, en mi caso, no. Hay gente que sí y se casan y todo y aceptan su trabajo 🤔. [También lo hacen mucho **por papeles** y así 📄], pero sí consiguen gente que quieran luchar por algo así.

COXA

(E): Qual é o perfil de cliente?

(C): *Por incrível que pareça*, tem muitos viados que me comem 🤔.

(E): *Como assim?* 😏 Como você sabe que são viados? 😏 Não entendi muito bem 🤔.

(C): Porque é o seguinte, são homens que quando estão no momento da cama, eles exprimem uma satisfação, eles exprimem um conflito familiar, um matrimônio ou alguma coisa e alguns deles me revelam que tem relações paralelas com outros homens.

(E): **PORRA!** 😏 isso falam os clientes para você? 😏

(C): [SIM 📄, *sei lá, talvez o meu papel além de prostituta seja psiquiatra ou psicóloga, não é? Então, quando começa esse papo eu já sei onde vai dar, vai ser os desabafos, aquela falta de amigos* 🗨️]. Vai ser a confiança, *tipo assim*, eu não vi aqui para isso, vim aqui contando com outra coisa para você. Para mim, fica muito mais fácil. Mas, eu acho que...

(E): Eu queria saber: qual é o tipo de cliente? Que tipo de pessoa procura esse serviço?

(C): Olha, posso assegurar que quase 70 por cento são homens casados.

(E): Homens casados! 😏

(C): E então por que tanto homem casado vem para cá? Não estão casados? 😏 Essa é a pergunta que eu faria. E é a pergunta que eu faço para isso, [você é casado, se você tem uma relação estável, você tem alguém, por que você procura? 😏] Bom, [a resposta que eu ouço é que eles vivem um **TEATRO, é desse jeito!**]

(E): Você quer dizer que o casamento é um teatro?

(C): Para muitos, sim, para muitos, sim 😏. [Muitas pessoas não se separam por filhos, por sociedade, sabe? Por dependência econômica, sabe? 😏] [Mas eles **não estão nem aí**, eles gozam loucamente na minha cama 🤔].

(E): 😏 Já teve, não sei, algum se apaixonou? Repetiu várias vezes? Foi atrás de você?

(C): Eu acho que nem deveria te falar isso. Eu acho, mas... 🖐 só tem um 😏.

(E): Um?

(C): Um 😏

(E): Mas já foi?

(C): Não, continua tendo, e [eu quero **ter ele para o resto da vida. Tenho um que não consigo me desvincular** 😏]. Acho que ele é o protótipo que eu queria, sabe? Ele vem, ele vai, ele chega, às vezes ele me respeita, [mas enquanto eu estou com ele, eu me sinto **TOTALMENTE feliz** 🤔 🗨️].

(E): Mas ele te paga?

(C): **PAGA** 🗨️ 📄, me paga, sim.

(E): E você faz algumas coisas com ele que não faz com os outros?

(C): Não, normalmente eu beijo os clientes.

(E): Não tem *nojo*?

(C): [*Tenho nojo* 🤢, às vezes muito *nojo*, sabe? 🤢] Meu beijo é arsênico, [*é aquele beijo que encosta só os lábios e que desliza, ele evita e tudo mais, mas dou uma chave de perna e eles enlouquecem* 🤪🤪🤪]. 🤪 Mas com esse cara é diferente, com esse a gente conversa e é [*UM PERIGO CONVERSAR COM CLIENTE, Nossa! A gente fala de tanta coisa, ouvimos abafos* 🗣️🤪🤪].

JOELHO

(E): Me diga uma coisa, você já criou vínculo com algum cliente?

(J): Cara, *para falar a verdade*, [*já teve cliente que me ajudou, a gente ficou fixo, mais de anos* 🤪🤪]. [*Me deu moto, me dava as coisas, roupa, me ajudava, me dava uma grana por mês* 🗣️🤪].

(E): E com mulher ficou?

(J): Já, pô. Eu fico 🗣️. [*Curto uma buceta* 🤪] [*PRA CARALHO, NA MORAL* 🗣️🤪🤪].

(E): E mulher quer?

(J): Mulher rola também, casal 🗣️. Mulher só, de vez em quando, é muito difícil, mas de vez em quando aparece.

(E): Agora, você não ter se apaixonado por cliente? [*Tem certeza?* 🤪]

(J): *RAPAZ!* 🗣️🗣️, é difícil, pô 🗣️. Boy que diz que tá apaixonado por cliente, é MENTIRA 🗣️. *Pode acontecer*, mas é muito difícil. Pode ter um carinho. [*Mas, pra se apaixonar é muito difícil, nem se iluda* 🗣️]. Pa se apegar, nam! 🤪 [*Boy é muito esperto, é uma raça desgraçada* 🤪]. Tem boy muito pilantra. Tem boy ladrão, tem boy que faz pensar que tá apaixonado por você. [*Se avexa, ele deixa você na havaiana, come tudo o que você tem* 🗣️🤪].

(E): *Vixe!* 🤪

(J): *OXE!* 🗣️ Tem boy muito safado 🗣️ PILANTRA 🗣️. [*Vai iludindo o cara e se fode. Eu sou de boa. Sou tranquilo. Se fizer amizade, faço, se não fizer, também tou de boa* 🤪].

(E): Qual é o perfil de cara que vai atrás desse serviço?

(J): [*Mano, nem vai acreditar* 🤪 🗣️]. [*HOMENS CASADOS* 🗣️, *homens heteros, casados* 🗣️, *que tem aquela relação estável e que chegam alguns com muito papo, querendo trocar uma ideia, tá ligado?* 🗣️] [*A solidão é foda, véi* 🗣️🤪].

6. NARRE SITUAÇÕES DE PRECONCEITO/DISCRIMINAÇÃO OU VIOLÊNCIA POR CONTA DA SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL OU PELO SEU LUGAR DE ORIGEM.

PECHO

(E): ¿Tú has sufrido, digamos, prejuicio por ser scort? ¿te ha discriminado algún cliente? ¿has tenido alguna situación de violencia, de discriminación?

(P): [NO, **nada de eso, nada de eso** 🙄]. O sea, de Venezuela, se agarran más que todo por la situación económica. [Cuando digo que soy venezolano, ¡Ay Maduro, que no sé qué! 😞] Ay!! ¿sabes? y uno como venezolano que [viene viviendo todo eso, es como tedioso, seguir hablando, seguir hablando y seguir hablando 😞]. Mas, sí me ha llegado personas que me dicen: ¿y qué haces aquí? ¿Por qué no te vas a tu país? ¿sabes? cosas así como que 🖐 es así lo más que... 🖐 [un cliente me dijo: ¿y qué haces aquí? ¿Por qué no te vas a tu país? 😞 😞] Y yo me quedé así [como que: **¡qué absurdo!** 😞 😞].

VIRILHA

(E): ¿Has sufrido algún tipo de discriminación?

(V): Sí, no tanto por mi profesión, solo por ser extranjera. Por el aspecto... Pero, [no me gusta llamar la atención, no hablo alto, voy por la calle y soy **una persona normal** 🗨], todo normale. Porque en este país son muy racistas, muy racistas / con la gente de afuera, sí. Te atienden mal por ser extranjera, te **miran mal**. [Hasta mi hija que es una chavalita 🖐 que nunca **ha trabajado en eso, la miran mal** 😞].

[Vas a una tienda, te hacen poco caso, o 🖐 te habla duro ¿sabes? 😞 😞]. Muy racistas, muy racista. La gente en Galicia es muy cerrada, la mayoría. [Aquí la gente me parece, es más parecida con mi país, muy amable, muy hablador 😊]. Pregunto y en un local público, se te sienta al lado. Te hablan, te saludan.

(E): ¿Sí la gente aquí es más parecida con Brasil porque no te vienes a vivir aquí?

(V): Bueno, **a ver** 😊. SÍ, me gusta el clima. [En Galicia, creo que las mujeres me tienen celos 😞 😞]. Tengo amigos, muchos brasileños.

(E): ¿Todos brasileños?

(V): No, y españolas. Pero españolas cuando estaba en un bar.

(E): ¿Y te han discriminado los clientes por ser brasileña?

(V): No, [**¡qué nada!** a los clientes les gusta las brasileñas 😊], a los de aquí a todos.

(E): Pero, ¿por qué?

(V): No sé 🖐 [le gustan brasileñas, peitudas, un buen culo, todo durito ¿sabes?, las tetas, el cuerpo en generale, conversa agradable y que **follen bien**. Le gustan las mujeres calientes ¿sabes? 😊]

OMBLIGO

(E): ¿Has sufrido prejuicio por tu profesión?

(O): [No, porque nadie **lo sabe** 🗨 😞 🙄].

(E): ¿Tú has sufrido situaciones de racismo por ser latino?

(O): ¡Ay, amor! 😞, en Estados Unidos y acá también. En Estados Unidos son muchas miradas y a veces te regañan por una cosa que no tiene sentido. Por ejemplo, yo estaba trabajando y [el cliente me decía que era estúpido y yo le preguntaba porque me dices eso y él decía porque eres latino 😞 😞]. No son todos los americanos así, son algunos, porque había muchos que [halagaban mi color, halagaban de donde era, ¡ay, Venezuela ¡qué cool! 😊] [otros me decían Venezuela, ¡qué asco! ¿qué haces aquí? Devuélvete 😞].

(E): ¿Y aquí en España?

(O): Acá en España 🖐 me pasó algo muy curioso con una persona que quería ayudarme para el asilo político supuestamente, pero como yo [no follé con esa persona, me denunció, bueno, no me denunció, me quiso decir que me había denunciado 😞 😞], me escribía y me insultaba, tengo los mensajes aquí y solamente fue por eso, me decía: [¡Maldito!, tú tienes que irte a tu país, tus padres se tienen que morir 😞], pero luego me escribió que perdona, que no sé qué más, pero yo estaba listo, no tenía nada más que decirle 😞.

COXA

(E): Já sofreu preconceito por conta da sua profissão? Teve discriminação?

(C): Muitos preconceitos. Não adianta dizer que isso não existe. [Existe, sim. Às vezes, é um gestual. Os olhares, então, ela faz algum programa, ela é prostituta 😞]. As pessoas tentam se civilizar na medida do possível, mas a repulsa você sente. Demais, demais, principalmente aqui no Brasil. [Você ter um corpo bom, ser acessível, ter essa cara de se jogar na avenida. Poxa! 😞]

(E): Tem como narrar? Alguma situação concreta desse preconceito?

(C): 😞 Uma vez eu estava num restaurante, eu não sei se você conhece, Ki-Moqueca, na Boca do Rio?

(E): Não.

(C): Eu cheguei com cliente, e nós sentamos numa mesa e o garçom percebeu que estava a trabalho, pedimos e o prato demorou um pouco. Logo depois, eu acho, que uns vinte minutos, [o garçom chegou e me perguntou: a senhora deseja a mesma bebida? 😞] Eu estava tomando uma cuba-libre, ou outra bebida? 😞 Mas [essa senhora veio carregada em tom de preconceito, é como se fosse: VOCÊ, PUTA, QUE ESTÁ NO LUGAR DA SENHORA 🗣️😞]. [E eu simplesmente diz pro garçom: eu não quero, que nojo! Sabe? 🤢 😞] Aquilo me tirou aquela energia, aquela viber de estar linda nesse momento 😞. Percebi a fala e a energia com que vem. Isso para mim foi um momento de um preconceito enorme que eu senti 😞.

(E): Entendo.

(C): Outra vez foi para Ilheus, num voo. Eu tava com um cliente do meu lado. Tava com um vestido e por estar no nordeste meio bronzeada e aí, eu não sei quando foi o momento. Eu acho que estava lendo aquela revistinha de avião e cruzei minhas pernas e eu percebi um olhar de um tipo muito estranho. Ai, eu fui no banheiro, eu me levantei e eu escolhi o banheiro de trás do avião, não de frente. Nesse momento, eu percebi que ele também se levantou, tinha até deixado o celular lá. Quando eu fui no banheiro, logicamente, eu fechei a porta. No momento de ele entrar, tentou me beijar. Ele perguntou se eu estava casada, solteira. [Aí, eu falei: eu sou prostituta, aí saiu correndo 😞].

(E): Já sofreu preconceito por ser de fora daqui da Bahia? Pelo seu linguajar, pelas expressões? *Sei lá.*

(C): Acho que já uma vez, já uma vez. Eu estava na ponta da Humaitá. É um lugar de fácil 😊, de final de tarde 😊.

(E): Entendi 😊.

(C): Eu tava lá, sabe? Aí, de repente, eu fui num restaurante perto de uma igreja que tinha. Quando eu pedi a conta, [*aí o garçom disse assim: quer que eu divida? Eu tava com um cliente, aí ele falou: não precisa.*]. Aí eu falei **na brincadeira**, pode dividir por vinte dois. Ele falou: vinte dois, ô, Paraíba! Mas não foi um preconceito, achei engraçado. Mas é assim, preconceito na realidade por falar como eu falo e de ser de onde eu vim, [*se existiu, eu desfiz na cama* 😊 😊 😊].

JOELHO

(E): Sofreu algum tipo de preconceito pelo que faz?

(J): Não, tudo tranquilo. [Ninguém sabe o que eu faço. **Tá na cara**, não 🙄].

(E): E por ser pernambucano, pelo seu linguajar?

(J): Mano, a primeira vez que eu vim aqui o pessoal só tava **tirando onda**. [A gente fala muito **visse, visse** 😊]. Falam muito, entendeu? Já aí é **visse**. Tem mais expressões, mas eu não sou muito de falar 🙄. Aqui tem **disgraça**, nome bravo para a gente. Falam muito, entendeu? Já aí é **visse**.

APÊNDICE VIII – TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA ORAL: IDENTIDADE DE ORIGEM

1. COMENTE QUANTO TEMPO MORA NA CIDADE/PAÍS E QUAIS FORAM AS MAIORES DIFICULDADES QUE TEVE NA SUA CHEGADA

PECHO

(E): Y qué te iba a decir, ¿Cuáles son las dificultades que has tenido cuando viniste a España? Lo más difícil, lo que más te ha costado ¿qué dificultades?

(P): Qué dificultades... 🤔 🖐️ Ahorita [*lo que más me cuesta ¿sabes? que 🖐️ es el trámite de conseguir los papeles 😊*], la cosa. Sí, es como un poco tedioso eso. Pero ya estoy en proceso. De resto, sí, no he tenido queja. Todo superbién.

VIRILHA

(E): ¿Cuáles fueron las mayores dificultades cuando llegaste a España?

(V): El idioma y [*las compañeras, ¿sabes? se portan mal 😞*]. Sí, a ver... 🖐️ *envidiosas, muy mentirosas, sí, no dá para confiar. Pasar por encima de ti, cambian totalmente. Te detonan, sí 😊*].

(E): Entonces no se suele hacer amistad

(V): Amistad, sí, 🤔 pero no te puedes confiar 🙄. Sí, [*son muy hipócritas, las propias compañeras te ponen // te buscan problemas ¿sabes? Te ponen mal 😞 🙄*].

(E): ¿Otras dificultades?

(V): El clima, muy mal, mucho frío 🖐️ mucha humedad, mucha lluvia y soy de una parte de Brasil que el clima es como aquí en Granada, mucho calor.

OMBLIGO

(E): ¿Qué dificultades encontraste cuando llegaste a España?

(O): [*Lo más complicado es la cuestión de los papeles 🙄 😊*]. [*Tienes que estar de ilegal, pero estoy en el proceso de organizar la situación 🤔 🖐️*]. Lo demás aquí 🖐️ esto para quien llega de Venezuela es chévere 😊. Hay abundancia de cosas.

(E): ¿Es verdad que, me comentó un chaval de Venezuela que estaba en Colombia, que hacía una cola en el supermercado de siete horas para comprar la mitad de lo que quería?

(O): 😊 La mitad de lo que quería no creo, en esos lugares compras lo que hay, ¿me entiendes? Si tú vas a por leche, puede que no haya. [*Entonces, la mayoría de las cosas no hay. Entonces, la mitad de lo que quiere, no creo 😊*].

(E): ¿Tú eso lo has vivido?

(O): Sí. *Por desgracia 🙄*.

(E): ¿Y tu familia sigue en Venezuela? ¿no tiene pensado irse?

(O): [*Sí, pero con ayuda de nosotros. Somos cinco hermanos, y estamos fuera, en Estados Unidos, Argentina, acá y en Colombia 😊 😊*].

COXA

(E): Quanto tempo está aqui na cidade? Está com muito tempo?

(C): Aqui em Salvador, eu faço... acho que não mais de cinco meses. Não mais do que cinco meses.

(E): Quais foram as dificuldades que teve aqui?

(C): Chegar aqui em Salvador não foi muito fácil não. Porque chegar em Salvador foi uma coisa para mim, sabe? O baiano tem o estereótipo de [*ser uma pessoa muito dada, muito alegre, muito gentil, muito comunitária, mas MENTIRA!, MENTIRA!, Bahia é SOLITÁRIA* 🗨️🗨️🗨️]. A Bahia quando passa todos os eventos, ela é uma avenida vazia. Poucas pessoas, quem se conhece, se reencontra e você encontra os malucos aí no bar e etcétera. Mas, em geral, para o que interessa para mim, está sendo super rentável. Eu conheci, eu tenho até por internet outras pessoas, [*tenho clientes que me bancam. Isso é o que eu quero, pelo menos, por enquanto. Se tá dando isso, para mim, tá ótimo!* 😊👍].

JOELHO

(E): Tá com muito tempo aqui?

(J): Pouco, duas semanas.

(E): Teve algumas dificuldades na sua chegada?

(J): Cara, a violência. [*Muita enrolação. Tem que tar muito ligado* 🗨️].

(E): Já sofreu assalto?

(J): Já 🗨️. Aqui tem malas como em Recife. Em Recife tu sai na Boa Viagem. [*A polícia pode tar do lado, e roubam mesmo. E se você reagir, ae você se fode* 🗨️🗨️].

(E): Sofreu violência de um cliente?

(J): NÃO 🗨️.

2. AVALIE OS ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA CIDADE/PAÍS COM RELAÇÃO AO SEU LUGAR DE ORIGEM

PECHO

(E): ¿Qué crees que tiene de bueno España con relación a Venezuela? Que hay de bueno en Venezuela. Que echas de menos de Venezuela. ¿qué es lo positivo de Venezuela? ¿qué es lo positivo de España? Así comparando, fuera el tema político, lo social, la cultura.

(P): Oye, fíjate, a mí me encantan las playas de Venezuela. [*Me encantan las playas de Venezuela, LAS AMO* 😊]. No son iguales a las playas de aquí. Las playas de acá son frías, tienen piedras. Extraño eso, las playas, mi familia, ese tipo de cosas. Y de acá de España, oye, sinceramente, no tengo queja, me ha gustado todo, o sea, es como yo me lo imaginaba. 🖐️ Y que 🖐️ [*aquí la gente es como te digo, acá la gente 🖐️ a mí me han tratado con mucho respeto, no me han faltado en nada y ya* 😊], [*como que me he ido adaptando a 🖐️ a los españoles como tal* 🗣️😊].

VIRILHA

(E): ¿Qué crees que tiene de bueno España con relación a Brasil?

(V): *Olha aí*, aquí es mucho más seguro. [*En Brasil, te asaltan a cualquier momento. Es muy peligroso. En mi ciudad, ni tanto, pero en grandes ciudades, que horror!* 😞 😞]. La comida brasileña me gusta mucho, me acostumbré. Que más, que más... 🖐️. España me parece un país muy bonito, muy seguro, pero [*la gente es muy racista. Eso no me gusta. En Brasil no veo tanto racismo como aquí* 😞 😞].

OMBLIGO

(E): A día de hoy, ¿qué cosas positivas le ves a Venezuela y qué cosas negativas, y a España? Comparando los dos países.

(O): Como te decía en Venezuela España no es muy sonada, [*así que yo no tenía ninguna idea clara de lo que iba a encontrar acá* 😞], pero cuando llegué y vi [*la cantidad de limpieza en las calles, la gente es demasiado con los perros, 😞 cuando hacen caca, la recogen* 😊 😊]. Eso tú no lo ves en ninguna otra parte. Los sitios como están supercuidados, [*el transporte público funciona* 😊], no es tanta gente en un solo vagón, ¿me entiendes? Esas cosas no se ven en ninguna parte. En Estados Unidos tú veías los buses full, tenías que esperar tres y cuatro, aquí no. En Estados Unidos tú ibas caminando, ibas en un bus y [*había una persona de la calle, oliendo mal en el bus y entonces era como* 🤢 (cara de *nojo*), *aquí no he visto eso* 😞]. Y entonces eran como personas agresivas y se ponían a gritar en el bus, porque he estado en Huston y en Miami y en todo eso y esas personas convivían con uno como si fuese normal, y no es normal, [*porque esa gente te puede pegar, te puede hacer cualquier cosa, ¿me entiendes?* 😞] Y aquí esa seguridad que tú puedes andar por la calle, que no te importe nada. [*En Estados Unidos es un poco... 🖐️ se siente el peligro* 😞], y bueno cuando llegué acá, me encantó, me encantó de verdad.

(E): Entonces, ¿tú crees que en Estados Unidos hay más violencia que aquí?

(O): ¡Claro que sí! 🗣️. Aquí me siento más seguro.

(E): ¿Qué te gusta más de España y qué menos y de Venezuela?

(O): En España [*me encanta la seguridad, eso ya te lo dije y la libertad en cuanto a*

mente, a mentalidad que tiene la gente 😊] y lo auténtica que es la gente, que [no son tan falsos, como por ejemplo un colombiano, que son muy falsos, te pueden amar **de la boca para fuera**, pero te odian por dentro 😡 😞]. Yo creo que aquí la gente es mucho [MÁS HONESTA, MÁS TRANQUILA ☹️], no son como los latinos ¿me entiendes? Que son como envidiosos 😡 😞].

(E): ¿Tú crees que en Latinoamérica son más envidiosos?

(O): De hecho, [todos los latinoamericanos pensamos que entre latinos **nos quemamos el rabo** 😡 😞].

(E): ¿Por qué?

(O): Tú eres venezolano y hay una venezolana que te quiere ayudar, te alquila una habitación por 200, cuando consigues trabajo, te la quiere alquilar por 300, se aprovecha del otro latino. En cambio, ustedes no, [a mí me parece que ustedes son muy honestos en ese sentido 😊]. Eso es lo que me gusta. Que no me gusta, hasta ahora no me ha pasado nada.

(E): ¿Qué no te gusta de Venezuela?

(O): [De Venezuela no me gusta la cultura ☹️]. Mira, estamos acostumbrados a lo fácil y difícil. Porque tú sabes que, perdón, lo rápido y difícil, esa es la palabra. [Robar que es rápido, pero es difícil, porque estás robando, te pueden matar 😞 😞]. A los venezolanos nos gusta mucho eso, rápido pero difícil. Entonces, por ejemplo. Hay [muchas personas que se aprovechan, como te dije, de nosotros y es entre nosotros mismos 😞] Y esa es la mentalidad, [si tú tienes, yo te voy a joder a ti para yo tener 😞]. [En España la gente creo que no es así 😞 ⬅️].

COXA

(E): Então, o que tem de bom a cidade e o que tem de ruim?

(C): Bom, o que tem de bom na cidade é essa possibilidade de ter clientes que não deixam de te acessar quando você está numa plataforma de um anúncio. Agora, o que há de ruim? [De ruim, quando você sai, por exemplo, de um centrão como São Paulo, Rio, BH e você pensa que vai ser cá o mesmo ritmo e não é 😞]. [E não é, Isso dá uma baixa 😞]. Aqui você vem com o glamour de estar na Bahia. [E estar na Bahia é simplesmente muitos dias e muitas noites **estar no beco escuro. BECO ESCURO** 😞 😞]. Para mim, essa é a maior dificuldade.

JOELHO

(E): O que tem de bom e de ruim Salvador? Gosta daqui?

(J): Para mim, [a coisa tá feia, pô. Pouco cliente 😞 😞]. Já ouviu falar que baiano é preguiçoso?

(E): Já

(J): Que baiano é devagar, né? Aquela coisa. Tem baianos assim, como em todo lugar. [Eu pensei que ia fazer minha vida aqui e que ia ser muito fácil, tá ligado? 😞 😞]

(E): Tá tão difícil assim?

(J): Pra mim, é. Bem complicado ☹️.

3. PENSE NA IMAGEM QUE VOCÊ TINHA DA CIDADE/PAÍS ANTES DE VIR MORAR E SE ELA MUDOU AO LONGO DA SUA EXPERIÊNCIA/VIVÊNCIA

PECHO

(E): Dime una cosa ¿Tú qué idea tenías de España antes de llegar? ¿y ahora? ¿Cambió? ¿Cómo era tu visión de España y cómo crees que es ahora?

(P): Qué idea tenía antes de venir. Sí, yo he tenido mucho contacto desde siempre / y nada, me la imaginaba así, tal cual como 🖐 cuando llegué. Bien, *[la gente es muy amable, superamable. Me imaginé otra cosa. 🖐 Eso sí, tenía otra perspectiva de los españoles. Pensaba que eran más egocéntricos, más ¿sabes? Y cuando llegué acá, no, todo superbién. No he tenido maltrato con ningún español. Todo me ha gustado 😊]*.

(E): ¿Y pensabas eso por qué? Porque allí tienen esa visión

(P): *[No sé, ideologías que 🖐 que uno tiene. Por ejemplo, no sé, he escuchado que acá la gente era racista, he escuchado que / son xenofóbicos, que son muy cerrados ellos ustedes con su propia nación ¿sabes? 😊]* Eso era lo que yo escuchaba, entonces era la perspectiva que yo traía de 🖐 😊. Ya una vez que llego acá, ya veo que no 🖐 el trato, la gente es muy, muy amable. Muy amable. Y me ha gustado todo, o sea, *[España es bellissimo 🖐 BELLÍSIMO, BELLÍSIMO 😊]*. Ya he estado por Almería, Sevilla, estuve en Madrid, bueno vivo en Madrid. Almería, Sevilla, Córdoba y ahorita estoy acá. Sí, me encanta viajar.

VIRILHA

(E): Antes de venir, ¿qué imagen tenías de España?

(V): Ninguna, me vine a España, no sé 🤔 pero yo quería ir a vivir a los Estados Unidos, tengo unas ganas muy grandes de ir para los Estados Unidos, porque tenía familia, amigas, quería ir para allí, pero la oportunidad surgió para venirme para España. *[Estaba separada, con mis hijas muy pequeñas, llegaba muy tarde por la noche, y el sueldo no daba para tanto 😞 🖐]*. Una amiga acabó de llegar aquí y me dijo: ¿quieres venir? Y yo *[¡claro que sí! Yo sabía a lo que venía 🖐]*. Al principio: *pero yo como voy a trabajar en eso, si yo no sé 🖐. Ahí dijo ella: es solo hacer la vida loca] 😊😊*.

OMBLIGO

(E): ¿Qué imagen tenías de España cuando estabas en Venezuela? ¿qué imagen realmente ahora tienes?

(O): *[Te explico, en Venezuela Europa no es muy sonada. Europa es como una buena opción, pero no es la primera 🗳].* La primera para nosotros es Estados Unidos, es como la meta, el sueño americano. Y por eso, *[fui primero a Estados Unidos, yo me fui sin esperar nada y me fue bien hasta que todo salió mal 😞]*.

(E): ¿Estados Unidos como es respecto a España?

(O): Es súper diferente, la cultura. El tema latino y americanos, [*el racismo puede ser, está muy presente* 🙄].

COXA

Sem resposta

JOELHO

(E): Qual era a imagem que você tinha da cidade antes de vir? Qual era a expectativa? O que você encontrou?

(J): Macho, a minha expectativa antes [de chegar em Salvador é que eu iria transar mais do que a quantidade de igrejas que existem. E que o baiano *tem axé*. Mas, **NADA A VER** 🙄]. [Só vejo violência, enrolação, 🙄 tá difícil combinar motel, 🙄 você vai pega uber, aí não é, só que, *graças a Deus*, comigo não aconteceu assalto não, mas tem que **tar ligado** 🙄].

(E): Como é que tá a violência em Recife? Tá mais do que aqui?

(J): Tá, pô. [*Nem se compara* 🙄. *Esse final de semana, eu tava vendo hoje de manhã foi registrado 24 homicídios, pô! No Estado, tu é doido!, muito roubo, muita morte, tá demais* 🙄. *Recife tá um arraso* 😞😞].

4. COMENTE QUAIS TIPOS DE RELAÇÕES SOCIAIS TEM NA CIDADE/PAÍS E QUAL É A ORIGEM/PROCEDÊNCIA DELAS

PECHO

(E): ¿Y aquí, por ejemplo, qué tipo de amistades tienes? Latinos, españoles o como.

(P): Sí, latinos, venezolanos, colombianos, españoles ya conozco 🖐 bastantes.

(E): Sí, pero por medio de esta profesión o como...

(P): 😊😐

(E): Es que no sé cómo está la cosa.

(P): No, bueno, mira, [*de acá yo tengo muchos conocidos, muchos conocidos, como te dije siempre he tenido contacto con gente de acá* 😊] y una vez que llego me encontré con ellos y superbién. Y a raíz de esto, sí, he conocido, ¡uf!! Infinidad de personas, infinidad de personas, brasileños, colombianos, 🖐 paraguayos, peruanos 🖐 todo tipo de personas.

(E): Pero que se dedican a esta profesión.

(P): ¡Exacto! 🖐

(E): Entonces tu círculo es de gente de este ámbito, de scort, ¿no?

(P): ¡Exacto! 🖐. No todas 😐. *Como te digo, [no todas, porque no todas son scort. Pero sí la gran mayoría* 😐].

(E): ¿Y qué tal el trato con ellos? ¿bien? O tienes algunos problemas.

(P): No, no he tenido problemas con ninguno, pero tampoco es que seamos así muy 🖐 muy amigos.

(E): ¿Y eso?

(P): No, normal. Simplemente nos 🖐 nos llevamos como conocidos y ya. [*No soy de las personas que le gusta estar encompinchada muchas horas con una persona* 😊🖐].

(E): Ya, ya

VIRILHA

(E): ¿Tienes muchos amigos o amigas aquí en España?

(V): [*No muchos. Solo, las que se dedican a esto. No sé, es difícil tener amistades aquí fuera de ese mundillo* 🖐😐]. [*Algunas se sienten superiores porque ganham mais dinheiro* 😐🖐]. Y no solo las compañeras de trabajo, las de fuera también 🖐 las compañeras que se decían también amigas, sí, las personas. Sí ¿sabes? [*Ese mundo es muy hipócrita* 🖐 *muy egoísta* 🖐😐].

OMBLIGO

(E): ¿Qué tipo de amistades tienes aquí?

(O): Scorts 🖐.

(E): ¿Y normalmente son todos latinos, me imagino?

(O): Todos sí 🖐.

(E): ¿Conoces españoles, tienes contacto?

(O): Sí, tengo contacto, tengo mucho contacto. [*Te cuento, en este mundo sí el 80 por ciento es latino, el 80 por ciento somos latinos* 🖐], somos de Venezuela, de

Colombia hay muchos, de Brasil hay muchísimos, la mayoría y Argentina y todos esos países. Mexicanos no conozco a ninguno. Ecuatoriano conozco a uno, bolivianos y peruanos, no. 😊 Yo los conozco por las casas. Bueno, yo fui en Madrid a una casa, nueve muchachos y se conoce obviamente, entonces, uno se rodea de esas personas y las llega a conocer, pero...

(E): ¿Por lo que tú me estás comentando conoce más dentro personas de este ambiente?

(O): [No conozco mucho de **fuera de este ambiente**, porque normalmente las personas que no **trabajan en esto**, no entienden y no comprenden 🙄 que esto es un trabajo 😊] y entonces piensan: [**¡qué asco!**, ya no te voy a hablar y, de hecho, mucha gente me **ha dejado de hablar por eso** 😊😊]. Entonces, [las únicas personas que te entienden, que te apoyan, que pueden estar ahí para ti tienen que trabajar en lo mismo 🙄. Sino vas a estar muy solo 😊😊].

COXA

(E): Quais tipos de relações você tem aqui? Tem amigos baianos ou só de fora?

(C): Tenho, sim. Eu tenho aquela amiga que eu te falei, que ela é como se fosse uma irmã para mim, que sempre está junto. Eu também tenho dois amigos, eles são casados e que eles estão tentando colocar uma pastelaria. [Eles sempre me acessam, sempre me falam e eu, de vez em quando, **dou uma passada lá e a gente conversa** 😊] e [eles sabem da minha situação. Aqui mora o pai da minha filha 🙄].

(E): É? 🙄 😊

(C): 😊

(E): E então? Cadê tua filha? Tá com o pai?

(C): 😊 a minha filha... 😊 ela 🙄 fez o ensino fundamental e agora está com uma doença terrível 🙄 [minha filha tem leucemia 🙄].

(E): **EITA!!** 😊 Lamento 🙄.

(C): E faz com o que eu faça da minha vida um movimento para que eu possa de alguma forma estar presente. É muito complicado, porque se eu dissesse que minha vinda para Bahia foi algo inusitado 🙄 NÃO, ela foi motivada por essa situação. [Eu vou continuar na minha profissão enquanto puder para poder ajudá-la 🙄]. Ela representa tudo o que eu quis da minha vida, mas que jamais atingi até hoje 😊. [Então, é por ela que eu deito na posição que você quiser. **Não há outra escolha** 🙄].

JOELHO

(E): Conhece aqui alguém? Tem amigos baianos?

(J): Tô com pouco tempo aqui. Só aquele amigo. Fico na casa dele, ninguém mais.

APÊNDICE IX – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado (a) como voluntário(a) a participar da pesquisa de doutorado intitulada “Fraseologia emocional: corpos estigmatizados, emoções à flor de pele”, a ser desenvolvida por mim, Javier Martín Salcedo, sob orientação da Prof^a Dr^a Livia Márcia Tiba Rádis Baptista, junto ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, com a colaboração e co-orientação da Prof^a Dr^a Luisa Trías Folch do Programa de Pós-Graduação em Lenguas, Textos y Contextos promovido e organizado pela Universidade de Granada na Espanha.

Nesta pesquisa pretendemos analisar como grupos estigmatizados conceituam e representam a tríade violência – corpo – sexualidade, baseados em suas matrizes de referência cultural e ideológica. Na construção dessas representações sobre o tripé supracitado, qualquer desses sujeitos se valem da expressão de emoções que podem ser evidenciadas ou materializadas linguisticamente na forma de fraseologismos diversos. Assim sendo, torna-se um problema relevante dilucidar como os sujeitos nas diferentes práticas culturais lidam com as emoções e o papel dessas na conceituação e na representação da interseção violência - corpo - sexualidade, partindo do pressuposto de que essas representações são produzidas em eventos construídos social e culturalmente. Ademais, interessa desses eventos particularmente identificar as expressões que emergem e como essas estão associadas a certas reações emocionais que podem contribuir para que esses sujeitos estigmatizados demonstrem mais ou menos certas emoções como, por exemplo: aversão, medo, surpresa, nojo, tristeza, vergonha, culpa, orgulho, entre outras, manifestando aspectos da sua identidade profissional, étnica e linguística.

O motivo de estudar esse objeto, se deve à responsabilidade social de legitimar as vozes estigmatizadas, para dar voz e vez aos indivíduos marcados pela sua identidade profissional, linguística e étnica ou de origem. O estudo das emoções nos sujeitos participantes pode revelar muito sobre um determinado grupo social, linguístico ou cultural e mostrar a dinâmica da vida desses grupos – estigmatizados – em sociedade, no que diz respeito às relações de gênero, profissionais ou de classe, quando confrontados a temáticas tabus da tríade violência-corpo-sexualidade que envolve e identifica a essa categoria social.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: aplicação de uma entrevista semidirigida que envolve, primeiramente, um questionário sobre dados pessoais para identificar os sujeitos participantes. Posteriormente, usaremos diversas técnicas que envolvam a temática violência – corpo – sexualidade para propiciar e tratar das emoções materializadas linguisticamente na forma de unidades fraseológicas de maneira natural e espontânea através da exposição dos sujeitos a material fotográfico e audiovisual selecionado anteriormente.

Interessará, assim, observar como os sujeitos participantes abordam a sua identidade profissional e de origem por meio de narrativas que revelem como os sujeitos proporcionam diversos sentidos, valores, emoções, ideologias, percepções e concepções de mundo, refletindo as identidades dos sujeitos em jogo.

Os benefícios são contribuições para futuros trabalhos que abarquem as áreas de fraseologia, sociologia das emoções, sociolinguística e análise do discurso. Cabe destacar que o Sr. (a) aceita que será gravado para posterior transcrição da entrevista. Como colaborador terá como contribuição visibilizar a sua identidade profissional com o intuito de legitimar a sua profissão e origem.

Não haverá ressarcimento, já que a pesquisa não terá nenhum ônus. Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, o (a) Sr. (a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma

em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

O Comitê de ética em Pesquisa (CEP) é um colégio interdisciplinar e independente que requer das instituições que desenvolvem pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para proteger os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Resolução CNS 196/96, II.4). O Comitê de Ética em Pesquisa de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Da rua Augusto Viana, s/n, Sala 435 – Canela – Salvador/Bahia, telefone (71) 32837615, supervisionará esta pesquisa. O participante receberá uma via do documento, assinada pelo participante (ou seu representante legal) e pelo pesquisador, e rubricada em todas as páginas por ambos.

Caso o (a) Sr. (a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com o pesquisador abaixo a qualquer tempo.

Pesquisador responsável – Javier Martín Salcedo, Avenida sete de Setembro, 4XXX, ap. 5XX. (85) 996897XXX

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (a) Sr. (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a outra será fornecida o (a) Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu,, portador do documento de Identidade fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Em caso de minha desistência em permanecer na pesquisa, autorizo que os meus dados já coletados referentes a resultados de questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados neste termo.

Salvador, de de 2018.

Nome completo do participante:

Nome completo do pesquisador responsável: Javier Martín Salcedo.

ANEXO B – PARECER E APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UFBA - FACULDADE DE
FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FRASEOLOGIA EMOTIVA: CORPOS ESTIGMATIZADOS, EMOÇÕES À FLOR DA

Pesquisador: JAVIER MARTÍN SALCEDO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 96623418.9.0000.8035

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Universidade Federal da Bahia - UFBA

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.299.754

Apresentação do Projeto:

O presente projeto pretende pesquisar a legitimação e viabilização do estudo da fraseologia aplicada as emoções veiculadas por grupos estigmatizados socialmente. O estudo visa a materialização da linguística na relação entre fraseologia, sujeito e emoção. Para tanto, utiliza-se da Linguística Aplicada para o estudo dessas inter relações.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto de pesquisa visa o seguinte objetivo geral:

1. Compreender como sujeitos de grupos estigmatizados, profissionais do corpo, de países de culturas e de línguas distintas, como brasileiros do Nordeste (Bahia, migrados de outras regiões ou estados) e latinos (migrados na Espanha, procedentes de diversos países), ao serem confrontados com representações que envolvem a tríade violência – corpo – sexualidade, veiculadas pela mídia verbalizam emoções materializadas linguisticamente na forma de fraseologismos diversos que integram suas identidades linguísticas, profissionais e de origem/étnica.

Já os objetivos específicos são:

a. Estudar como os sujeitos estigmatizados nas diferentes práticas culturais lidam com as emoções e o papel dessas na conceitualização e na representação da tríade violência – corpo – sexualidade, partindo do pressuposto de que essas representações são produzidas em

Endereço: BARÃO DE JEREMOABO 147
Bairro: ONDINA CEP: 40.170-115
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-6902 Fax: (71)3283-6919 E-mail: cepfar@ufba.br

Continuação do Parecer 3.296/754

eventos construídos socialmente e baseados em matrizes específicas de referência cultural e ideológica.

b. Identificar as expressões emergentes e como essas podem estar associadas a certas reações emocionais, contribuindo para que tais sujeitos demonstrem certas emoções, tais como: empatia, aversão, medo, surpresa, compaixão, tristeza, vergonha, revolta, repúdio, entre outras.

c. Compreender como tais expressões definem as emoções e reações dos participantes e como esses sujeitos estigmatizados percebem suas identidades linguística, profissional e de origem / étnica

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Por se tratar de uma pesquisa que envolve uma entrevista que consta da exposição, através da linguagem, das emoções dos indivíduos, seu maior risco se refere ao constrangimento que pode ser acarretada pela exposição aos materiais gráficos (vídeos e fotos). Além da entrevista ser gravada e a temática ser considerada complexa (violência-corpo-sexualidade), o que também pode gerar constrangimento.

O pesquisador relata que o entrevistado "poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo".

Sendo assim, os riscos referentes ao constrangimento podem ser minimizados ou até sanados.

No que se refere aos benefícios, está evidenciados no trecho "dar voz e vez aos profissionais do sexo a fim de visibilizar as dificuldades e

diversas violências sofridas. Dessa forma, acreditamos que os benefícios desta pesquisa para com seus colaboradores seja apoiar e visibilizar a sua identidade profissional e legitimar a prostituição como qualquer outra profissão, reivindicando seus direitos como sujeitos". Além dos benefícios para o campo da Linguística Aplicada.

Endereço: BARÃO DE JEREMOABO 147
Bairro: ONDINA CEP: 40.170-115
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-6902 Fax: (71)3283-6919 E-mail: ceplar@ufba.br

Continuação do Parecer: 3.299.754

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente estudo tem relevância para o campo de pesquisa da Linguística Aplicada e para os estudos Interculturais, principalmente na temática de violência-corpo-sexualidade. Há clareza nos procedimentos de abordagem, na coleta de dados e no tratamento dispensado durante a entrevista.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em relação aos termos, verifica-se que foram sanadas as pendências da relatoria anterior, ficando evidente a ausência de problemática. O TCLE traz pormenores do projeto, sobre seu pesquisador, sobre conceitos, objetivos, metodologia e os benefícios, tanto para o campo da Linguística quanto para o participante.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto cumpre todas as normas éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1184656.pdf	27/03/2019 21:43:34		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Agência	TCLENOVO.pdf	27/03/2019 21:42:14	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	27/03/2019 21:39:22	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito
Outros	CURRICULUMPESQUISADOR.pdf	14/09/2018 12:38:09	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	14/09/2018 12:35:46	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito
Outros	CURRICULUMORIENTADORA.pdf	14/08/2018 07:41:05	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMOSCOMPROMISSO.pdf	25/07/2018 15:20:04	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	25/07/2018 15:14:36	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INSTITUICAO.pdf	25/07/2018 15:12:24	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito

Endereço: BARAO DE JEREMOABO 147
Bairro: ONDINA CEP: 40.170-115
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-6902 Fax: (71)3283-6919 E-mail: cepf@ufba.br

Página 03 de 04

Continuação do Parecer: 3.299.754

Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	25/07/2018 15:08:10	JAVIER MARTIN SALCEDO	Aceito
------------	----------------	------------------------	-----------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 02 de Maio de 2019

Assinado por:
Ana Leonor Pardo Campos Godoy
(Coordenador(a))